# GUERRA SANTA







COMO AS VIAGENS DE VASCO DA GAMA TRANSFORMARAM O MUNDO






NIGEL CLIFF

GLOBOLIVROS

# Guerra santa

Nigel Cliff

# Guerra santa

Como as viagens de Vasco da Gama
transformaram o mundo

Tradução: Renato Rezende



Copyright © 2012 by Editora Globo S. A. para a presente edição
Copyright © 2011 by Nigel Cliff

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — por qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo no 54, de 1995).

*Título original:* Holy war
*Editor responsável:* Aida Veiga
*Assistente editorial:* Elisa Martins
*Preparação de texto:* Osvaldo Tagliavini Filho
*Revisão:* Daniela Mateus, Maria A. Medeiros e Ana Tereza Clemente
*Indexação:* Luciano Marchiori
*Paginação:* Crayon Editorial
*Design de capa:* Andrea Vilela de Almeida
*Imagem de capa:* Patrick Landmann/Science Photo Library/Latinstock
*Produção para ebook:* S2 Books

1ª edição, 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cliff, Nigel
Guerra santa : como as viagens de Vasco da Gama transformaram o mundo / Nigel Cliff ; tradução Renato Rezende. -- São Paulo : Globo, 2012.

Título original: Holy war
Bibliografia
ISBN 978-85-250-5284-1
5.731kb; ePUB

1. África - Descobertas e explorações - Aspectos religiosos 2. África - Descobertas e explorações - Portugueses 3. Cristianismo e outras religiões - Islã - História - Século 16 4. Gama, Vasco da, 1469-1524 5. Gama, Vasco da, 1469-1524 - Influência 6. Índia - Descobertas e exploração - Aspectos religiosos 7. Índia - Descobertas e explorações - Portugueses 8. Islã - Relações - Cristianismo - História - Século 16 9. Oriente e Ocidente I. Título.

12-05901 CDD-909.4

Índices para catálogo sistemático:
1. Vasco da Gama : Viagens épicas : Século 16 : História 909.4

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela Editora Globo S. A.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – SP
www.globolivros.com.br

*Para Viviana*

# Sumário


Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Nota do autor
Prólogo

I Origens
- 1. Oriente e Ocidente
- 2. A Terra Sagrada
- 3. Uma guerra em família
- 4. O Mar Oceano
- 5. O fim do mundo
- 6. Os rivais

II Exploração
- 7. O comandante
- 8. Conhecendo as cordas
- 9. A costa suaíli
- 10. Cavalgando na monção
- 11. Sequestro
- 12. Perigos e delícias
- 13. Um veneziano em Lisboa

III Cruzada
- 14. O almirante da Índia
- 15. Choque e temor
- 16. Impasse no mar
- 17. Império das ondas
- 18. O representante do rei
- 19. O mar louco

Epílogo
Agradecimentos

Notas
Lista de ilustrações
Bibliografia selecionada
Índice remissivo




PRIMEIRA VIAGEM DE

# VASCO DA GAMA

1497-1499

# Nota do autor

Esta história abrange três continentes e muitos séculos, e a maioria das pessoas e lugares desta história ficou conhecida sob diferentes nomes, em diferentes épocas e em diferentes línguas. Vasco da Gama nunca foi — talvez apropriadamente — renomeado. Eu uso seu sobrenome Gama à maneira portuguesa, embora alguns historiadores prefiram *da* Gama ou *Da* Gama. Na maior parte dos casos — e não menos no caso do grande rival de Gama, nascido Cristoforo Colombo, mas chamado Cristóvão ou Cristóbal Colón em Portugal e na Espanha, países que adotou —, escolhas tinham que ser feitas. Onde existe um nome inglês bem estabelecido, este é dado; onde não há, nomes ocidentais são adotados de acordo com o uso privilegiado na língua em questão, enquanto nomes não ocidentais são transcritos em sua forma mais simples e reconhecida.

Outras decisões foram tomadas para retirar emaranhados de qualificações do caminho dos leitores. Termos genéricos para épocas ou regiões — "a Idade Média", ou "o Oriente" — são, na melhor das hipóteses, alvos móveis; mas, no contexto, são usados como placas de sinalização necessárias. Datas são apresentadas na forma ocidentalizada, com referência à era comum. Citações de fontes não inglesas são mostradas de maneira variada, em traduções antigas, recentes e muito recentes, conforme o sabor ou a clareza do período o exija. Distâncias no mar são especificadas em léguas, usadas pelos exploradores (uma légua portuguesa é aproximadamente o equivalente a três milhas modernas). Finalmente, tendo gastado muitos dias aprendendo quase tudo sobre mastros de bujarrona, espiar a mezena e lançar a âncora, mantive a terminologia de navegação a um mínimo. Espero que os especialistas não se sintam muito ofendidos.

# Prólogo

A luz estava sumindo quando os três navios estranhos apareceram na costa da Índia, mas os pescadores na praia ainda podiam entrever suas formas. Os dois navios maiores eram barrigudos como baleias, com lados salientes que se esforçavam para sustentar pesados mastros de madeira nas proas e popas. Os cascos de madeira tinham se tornado, com o tempo, de uma cor cinza raiada, e grandes canhões de ferro saíam para os lados, como os bigodes de um bagre monstruoso. Imensas velas quadradas cresciam em direção ao céu que escurecia, cada uma maior do que a anterior e cada uma delas encimada por uma gávea em forma de barrete, fazendo todo o velame parecer uma família de gigantes fantasmagóricos. Havia algo a um só tempo excitantemente moderno e pesadamente primitivo nessas visitas estranhas, mas com certeza nada parecido tinha sido visto antes.

O alarme soou na praia, e grupos de homens arrastaram quatro botes compridos e estreitos para a água. À medida que remavam mais para perto, podiam ver que grandes cruzes carmesins estavam estampadas em cada pedaço de lona.

"De qual nação vocês são?", o líder dos indianos gritou quando eles chegaram ao lado do navio mais próximo. "Nós somos de Portugal", respondeu um dos marinheiros.

Ambos falaram em árabe, a língua do comércio internacional. Os visitantes tinham vantagem sobre os seus anfitriões. Os indianos nunca tinham ouvido falar de Portugal, um pequeno país na extremidade ocidental da Europa. Os portugueses certamente conheciam a Índia, e, para alcançá-la, lançaram-se na mais longa e mais perigosa viagem da história.

Era o ano de 1498. Dez meses antes, a pequena frota tinha zarpado de Lisboa, a capital portuguesa, em uma missão que mudaria o mundo. Os 170 homens a bordo tinham instruções para abrir uma rota marítima da Europa à Ásia, desvendar os antigos segredos do comércio de especiarias e localizar um rei cristão, perdido havia muito tempo, que governava um mágico reino oriental. Por trás deste catálogo de improbabilidades, havia uma tarefa verdadeiramente apocalíptica: ligar-se aos cristãos orientais, dar um golpe esmagador no poder do Islã e preparar o caminho para a conquista de Jerusalém, a cidade mais sagrada do mundo. Mesmo isso não era o objetivo final. Mas se eles fossem bem-sucedidos, isso poderia ser o começo do fim, o soar de trombetas para a Segunda Vinda e o Juízo Final, que certamente a seguiria.

O tempo diria se essa busca pela Terra Prometida terminaria em algo mais do que castelos no ar. Por ora, somente — e acima de tudo — a sobrevivência ocupava as mentes da tripulação. Os homens que tinham se alistado para navegar para além do mundo conhecido eram de uma variedade ímpar. Entre eles, havia aventureiros calejados, cavaleiros intrépidos, escravos africanos, escribas literatos e condenados se livrando de suas sentenças. A essa altura,

já haviam se espremido desconfortavelmente durante 317 dias. Quando deram uma grande volta pelo Atlântico, meses a fio, não viram nada além da costa. E quando finalmente alcançaram o extremo sul da África, já tinham sido alvejados e emboscados, tendo até mesmo acostado na calada da noite. Já não havia mais comida e água, e eles foram assolados por doenças estranhas. Lutaram contra fortes correntes e tempestades que desgastaram os navios e esfarraparam suas velas. Eles estavam certos de que faziam a vontade de Deus e que, em troca, seus pecados seriam absolvidos. Ainda assim, mesmo a pele dos marinheiros mais endurecidos se arrepiava com superstições mórbidas e pressentimentos de ruína. A morte, sabiam eles, podia ser uma gengiva inchada ou um recife não percebido, e não era o pior destino possível. Enquanto dormiam sob estrelas desconhecidas e lançavam-se em águas inexploradas que cartógrafos animavam com monstros marítimos cheios de dentes, não eram suas vidas que eles temiam perder, mas suas próprias almas.

Para os indianos, os forasteiros, com seus cabelos longos e sujos e seus rostos bronzeados e sem lavar, pareciam o tipo mais grosseiro de foca. Seus escrúpulos logo foram superados quando descobriram que podiam vender pepinos e cocos para os estrangeiros a preços interessantes, e no dia seguinte os quatro barcos retornaram para levar a frota ao porto.

Era o momento de fazer o marujo mais estoico se surpreender.

Para os cristãos, o Oriente era a nascente do mundo. A Bíblia era o seu livro de história; Jerusalém, sua capital da fé, suspensa entre o céu e a Terra; e o Jardim do Éden — que se acreditava firmemente florir em algum lugar na Ásia —, sua fonte de maravilhas. Seus palácios eram reconhecidamente entelhados em ouro, enquanto salamandras à prova de fogo, fênix autoimoladoras e unicórnios solitários vagueavam por suas florestas. Pedras preciosas corriam por seus rios e especiarias raras que curavam qualquer padecimento caíam de suas árvores. Pessoas com cabeça de cachorro se esgueiravam, enquanto outras pulavam em uma perna só ou sentavam e usavam o seu único pé gigante como um guarda-sol. Diamantes cobriam suas encostas, onde eram guardados por serpentes e podiam ser recuperados somente por abutres. Perigos mortais espreitavam por toda parte, o que colocava os tesouros brilhantes ainda mais atormentadamente fora de alcance.

Pelo menos assim se dizia; ninguém sabia com certeza. Por séculos o Islã havia quase que bloqueado o acesso da Europa ao Oriente; por séculos uma inebriante mistura de rumor e fábula tinha circulado no lugar dos fatos concretos. Muitos morreram para descobrir a verdade, e agora havia chegado o momento. O poderoso porto de Calcutá, um empório internacional explodindo de riquezas orientais, o centro da rede de comércio mais movimentada do mundo, desdobrava-se aos olhos dos marinheiros.

Não havia pressa em ser o primeiro em terra firme. A antecipação — ou a apreensão — era demasiada. No fim, a tarefa foi dada a um dos homens que tinham sido recrutados para fazer o trabalho perigoso.

O primeiro europeu a velejar por todo o caminho até a Índia e pisar em suas praias era

um criminoso condenado.

Os homens nos barcos levaram-no diretamente à casa de dois mercadores muçulmanos da África do Norte, o lugar mais ocidental que eles conheciam. Os mercadores vinham da antiga cidade portuária de Túnis, e para surpresa dos visitantes eram fluentes tanto em espanhol quanto em italiano.

"O diabo te carregue! O que o trouxe até aqui?", exclamou um dos dois em espanhol. O condenado compôs-se. "Nós viemos", respondeu ele em grande estilo, "à procura de cristãos e especiarias."

Na ponte de comando, Vasco da Gama esperava impacientemente pelas novidades. O comandante português era de altura mediana, com uma compleição forte e atarracada e uma face corada e angular como pratos de cobre soldados. Por nascimento, era um cavalheiro da corte, embora a testa saliente, o nariz aquilino, a boca cruelmente sensual e a barba cheia fizessem-no parecer mais com um chefe pirata. Ele tinha apenas 28 anos quando as esperanças e os sonhos da nação lhe foram confiados, e ainda que tenha sido uma escolha surpreendente, seus homens já tinham ouvido falar a respeito de sua coragem e impetuosidade e já haviam aprendido a temer seu temperamento excêntrico.

Enquanto avaliava seu reino flutuante, os grandes e agudos olhos não deixavam nada passar despercebido. Uma viva ambição combinada a uma vontade de ferro o fizeram vencer perigos e distâncias que ninguém tinha conseguido superar antes, mas ele estava bem consciente de que seu grande empreendimento havia apenas começado.

A QUESTÃO QUE motivou este livro me importunou por muitos anos antes que a história começasse a tomar forma. Como a maior parte das pessoas, eu ficava aturdido com o poder das guerras religiosas em nossas vidas cotidianas, e à medida que eu descobria mais sobre elas, percebia que nós estávamos sendo arrastados por um conflito antigo para o qual nós desenvolvemos uma espécie de amnésia coletiva. A razão, acreditávamos, governava o mundo no lugar da religião. A guerra diz respeito a ideologia, economia e ego, e não a fé.

Nós fomos pegos cochilando na história. A marcha do progresso é uma fábula que os vitoriosos contam para eles mesmos; os vencidos têm uma memória maior. Nas palavras dos islâmicos de hoje — que veem a sua luta não como uma luta para chegar a um acordo com o Ocidente, mas para derrotar o Ocidente —, a podridão se estabeleceu há quinhentos anos. Isso aconteceu quando o último emirado muçulmano foi expurgado da Europa ocidental, quando Cristóvão Colombo chegou às Américas — e quando Vasco da Gama chegou ao Oriente. Esses três acontecimentos se desencadearam em uma década dramática, e suas raízes intimamente entrelaçadas mergulham profundamente em nosso passado comum.

Sete séculos antes dessa década crucial, conquistadores muçulmanos tinham avançado profundamente na Europa. Na sua extremidade ocidental, a península Ibérica, eles fundaram um Estado islâmico avançado, e tal Estado havia protagonizado um papel vital em tirar a

Europa da "Idade das Trevas". Tanto cristãos quanto muçulmanos começaram a esquecer que o Deus que adoravam em formas diferentes era a mesma deidade, e os fogos da guerra santa foram acesos na península Ibérica. Eles queimaram violentamente à medida que portugueses e espanhóis buscavam retirar suas nações de dentro das terras do Islã, e eles ainda estavam queimando quando os portugueses embarcaram em uma missão secular para perseguir seus antigos senhores pelo mundo — uma missão que inaugurou a Era do Descobrimento na Europa.

Esse *timing* não foi coincidência. Por centenas de anos a história veio do Oriente para o Ocidente, e às vésperas da Era do Descobrimento as batidas dos tambores ficaram mais rápidas. Em meados do século xv a maior cidade da Europa foi tomada pelo Islã, e soldados muçulmanos estavam uma vez mais se preparando para avançar em direção ao coração do continente. Numa época em que ninguém suspeitava que novos continentes seriam descobertos, as esperanças de salvação da cristandade se voltaram para o Oriente; nas fantasias frustradas dos europeus, a Ásia tinha se tornado um reino mágico onde uma aliança contra o inimigo podia ser forjada e o sonho de uma igreja universal podia finalmente ser realizado.

O pequeno Portugal tinha se proposto a uma tarefa verdadeiramente audaciosa: igualar-se ao Islã, tornando-se o senhor dos oceanos. À medida que o esforço coletivo de gerações levou à primeira viagem de Vasco da Gama, os espanhóis lutaram para se unir à corrida. Uma vez que eles tinham uma negociação de terras para ajustar, decidiram tentar um vagabundo italiano chamado Cristóvão Colombo. Em 1498, enquanto Vasco da Gama navegava para o Oriente em direção ao oceano Índico, Colombo navegava para o Ocidente, alcançando finalmente o continente das Américas.

Ambos os exploradores estavam procurando pelo mesmo prêmio — uma rota marítima para a Ásia —, embora a conquista de Vasco da Gama tenha sido ofuscada pelo erro grandioso de Colombo. Agora que retornamos ao mundo tal como ele era à época desses homens — um mundo onde todos os caminhos levavam ao Oriente —, podemos finalmente restabelecer o equilíbrio. As viagens de Vasco da Gama foram uma importante descoberta em uma campanha cristã de séculos para derrubar o domínio do Islã sobre o mundo. Essas viagens modificaram dramaticamente as relações entre Ocidente e Oriente, e dividiram as eras de ascendência muçulmana e cristã — o que nós, no Ocidente, chamamos de Era Medieval e Idade Moderna. Elas não foram, certamente, toda a história, mas tiveram muito mais importância do que nós gostamos de lembrar.

A Era do Descobrimento costumava ser glorificada como uma busca quixotesca para ampliar os limites do conhecimento humano. Hoje em dia, tende a ser explicada como um movimento para reverter o equilíbrio global do comércio. Ambas as opções são verdadeiras: aquela época transformou a percepção da Europa de seu lugar no mundo e deu início a uma mudança global do poder — que ainda está em desenvolvimento nos dias de hoje. Mesmo

assim, ela não foi apenas uma nova orientação, mas uma tentativa deliberada de acertar uma dívida antiga. Vasco da Gama e seus homens nasceram em um mundo polarizado pela fé, onde lutar contra os infiéis era a mais importante ocupação de um homem de honra. Como as cruzes vermelho-sangue em suas velas apregoavam amplamente, eles estavam embarcados em uma nova guerra santa. Foi-lhes dito que seriam os sucessores diretos de quatrocentos anos de cruzados, peregrinos nobres que tinham desembainhado suas espadas em nome de Cristo. Cobraram-lhes que lançassem uma contraofensiva total de encontro ao Islã e inaugurassem uma nova era — uma era na qual a fé e os valores da Europa seriam exportados por toda a Terra. Essa foi, acima de tudo, a razão de umas poucas dezenas de homens velejarem em algumas banheiras de madeira para além das fronteiras do mundo conhecido em direção à Idade Moderna.

Para entendermos as paixões que levaram os europeus a mares distantes — e que definiram nosso mundo —, precisamos voltar ao princípio. A história começa entre as dunas de areia esculpidas pelo vento e as cordilheiras ressecadas da Arábia, com o nascimento de uma nova religião que invadiu com velocidade espantosa o coração da Europa.

# I

# Origens

# 1. Oriente e Ocidente

Quando Maomé Ibn Abdallah ouviu pela primeira vez a palavra de Deus no ano de 610 — ou por volta desta data —, não tinha a intenção de fundar um império mundial.

Ele não tinha nem mesmo certeza se era são.

"Agasalhe-me!", disse o comerciante de quarenta anos, tremendo miseravelmente enquanto rastejava em direção à sua esposa, que jogou uma capa em volta dele e o abraçou, afagando seu cabelo enquanto ele chorava. Ele estava meditando em sua caverna habitual, fora de Meca — um luxo que lhe foi permitido pelo casamento com uma rica viúva quinze anos mais velha do que ele —, quando o anjo Gabriel apareceu, lançando-o em um transe doloroso, extático, e lhe disse as palavras de Deus. Maomé ficou aterrorizado com a possibilidade de estar enlouquecendo e pensou em jogar-se da montanha. Mas a voz continuou falando, e três anos depois Maomé começou a pregar em público. Gradualmente, a mensagem surgiu: a fé de Abraão e Jesus era a fé verdadeira, mas ela tinha sido corrompida. Havia um Deus, e Ele exigia *islam* — rendição completa.

Essa era uma má notícia para os governantes de Meca, que tinham engordado graças ao turismo religioso à cidade dos 360 santuários. Meca surgira em torno de um oásis cheio de palmeiras na região de Hejaz, uma barreira costurada de montanhas que se estende ao longo da costa do mar Vermelho na península Arábica. Sua autoridade irradiava da Caaba, o santuário quadrado, assentado no seu centro, que abrigava os principais ídolos dos árabes. Todos os anos, hordas de peregrinos vinham do deserto, desciam ao local sagrado e circulavam o cubo de pedra sete vezes, esforçando-se para beijar cada canto antes que a pressão dos corpos empurrasse-os de volta ao redemoinho. Ao longo do tempo, uma tribo, os coraixitas, organizaram a guarda Caaba de forma que a essência do comércio de Meca fosse sufocada, e a princípio as revelações de Maomé estavam focadas especificamente neles. Os coraixitas gananciosos, acusou ele, tinham cortado os fios igualitários da sociedade árabe; eles tinham explorado os fracos, escravizado os pobres e negligenciado o seu dever de cuidar dos necessitados e oprimidos. Deus havia tomado nota disso, e todos eles iriam para o inferno.

O que enfureceu os coraixitas não foi tanto a conversa de Maomé sobre um Deus misericordioso, ou mesmo sua alegação de ser o porta-voz de Deus. No norte, um reino de árabes cristãos tinha existido por séculos, e na própria Caaba as figuras de Jesus e Maria permaneciam, orgulhosas, entre os ídolos. Migrantes judeus que foram para a Arábia tinham sido influentes por mais tempo ainda; os árabes consideravam-se descendentes dos judeus de Abraão através de seu filho primogênito, Ismael, e muitos identificavam seu deus elevado com o deus dos judeus. No tempo de Maomé, poetas-pregadores perambulavam perpetuamente

pelos desertos, exortando suas tribos a renunciarem à idolatria e retornarem ao puro monoteísmo de seus antepassados. Nada poderia ser menos controverso: a única coisa intolerável era que Maomé era uma pessoa de dentro. Seu clã familiar, os hashemitas, era um ramo menor dos coraixitas. Ele era um respeitado homem de negócios e um pequeno, mas sólido, pilar da comunidade, e tinha se voltado contra seu próprio grupo.

Os coraixitas tentaram de tudo — desde subornos até boicotes — para desacreditar o pregador perturbador, e finalmente tentaram um assassinato à meia-noite. Maomé saiu de sua casa a tempo, escapou da lâmina da espada e fugiu para um assentamento em um oásis distante que se tornaria conhecido como Medina, a Cidade do Profeta. Lá, à medida que seus seguidores aumentavam, ele punha em prática a sociedade radicalmente nova com a qual tinha apenas sonhado em Meca: uma *ummah*, ou comunidade de iguais, unidos não por nascimento, mas por fidelidade, limitados por leis que davam direitos inauditos às mulheres e redistribuíam a riqueza entre os mais necessitados. Como as revelações continuaram, ele começou a acreditar que Deus o tinha escolhido não apenas para dar um aviso à sua tribo, mas para ser um mensageiro para a humanidade.

Para que sua mensagem se espalhasse, ele teve primeiro que considerar Meca. Oito anos de guerras ferozes com os coraixitas ensanguentaram a fundação do Islã. Num dos momentos mais obscuros, Maomé, com o rosto esmagado e manchado de sangue, foi retirado do campo de batalha por um de seus guerreiros, e somente o rumor de que estava morto salvou os remanescentes de seu exército. A moral da *ummah* foi pulverizada, e foi nessa hora que Maomé fez aos seus guerreiros uma promessa que ecoaria através da história. Aqueles que foram assassinados na batalha, foi-lhe revelado, seriam levados ao mais alto nível do Paraíso: "Eles serão alojados juntamente, em paz, entre jardins e fontes, vestidos em ricas sedas e finos brocados [...] Nós os casaremos com as *houris* de olhos negros".

Os muçulmanos — "aqueles que se submetem" — uniram-se; e unir-se contra as querelas em si parecia um sinal da benevolência divina. O momento decisivo não foi uma vitória no campo de batalha, mas um espetacular golpe de publicidade. No ano 628, Maomé apareceu inesperadamente perante Meca com mil peregrinos desarmados e afirmou seu direito legítimo como árabe de adorar na Caaba. À medida que ele desempenhava solenemente os rituais — e os coraixitas permaneceram por perto, mal-humorados —, os governantes de Meca ficaram parecendo mais tolos do que invencíveis, e a oposição começou a se desintegrar. Em 630, Maomé retornou com fileiras cerradas de seguidores. Ele novamente circulou o santuário sete vezes, entoando "Allahu akbar!" — "Deus é grande!" —, e então entrou, carregou os ídolos e esmagou-os em pedaços no chão.

Dois anos mais tarde, quando já estava morto, Maomé foi responsável por uma proeza que nenhum líder na história jamais tinha imaginado: ele fundara uma nova fé florescente e um novo Estado em expansão, um inseparável do outro. Em pouco mais de um ano, os exércitos do Islã esmagaram as tribos árabes que estavam contra a nova ordem, e pela primeira

vez na história a península Arábica estava unida sob um governante e uma fé. Impulsionados pelo zelo religioso, por um recém-descoberto propósito comum e pelas alternativas felizes de amplos despojos na vida ou eterna bênção na morte, o mais novo povo escolhido de Deus olhava para fora.

O que eles viam eram dois superpoderes que haviam feito o máximo para suprimir um ao outro da face da Terra.

Por mais de um milênio, Oriente e Ocidente tinham se enfrentado no rio Eufrates, na Mesopotâmia, a terra fértil conhecida havia muito como o berço da civilização, e hoje território do Iraque. No lado oriental estava o ilustre império persa, guardião de uma cultura antiga, refinada, e da primeira religião revelada do mundo, a fé monoteísta do sacerdote visionário Zaratustra — uma fé conhecida a partir do seu nome latinizado, Zoroastro, como zoroastrismo —, que falava sobre criação, ressurreição, salvação, apocalipse, céu e inferno e um salvador nascido de uma jovem virgem séculos antes do nascimento de Cristo. Liderados por seus grandes *shahanshahs* — "reis dos reis" —, os persas tinham sido inveterados inimigos dos gregos, até que Alexandre, o Grande, esmagara seus exércitos. Quando o poder da Pérsia reviveu, eles simplesmente transferiram sua hostilidade para os sucessores dos gregos, os romanos. A antiga luta foi o choque formativo entre o Oriente e o Ocidente, e em 610, quando Maomé estava recebendo suas primeiras revelações, finalmente explodiu uma guerra total.

Enquanto ondas de bárbaros espalhavam a desordem pela Europa ocidental, o imperador Constantino construíra uma nova Roma na parte oriental da Europa. A brilhante Constantinopla olhava por sobre o Bósforo, uma faixa de água estratégica que vai do mar Negro em direção ao Mediterrâneo, rumo à Ásia. Escondidos atrás dos muros inexpugnáveis da cidade, os sucessores de Constantino observavam indefesos os persas que varriam suas ricas províncias orientais e se dirigiam para a sagrada Jerusalém. Muito tempo antes, os romanos tinham demolido completamente a Jerusalém judia, e uma nova cidade cristã se levantara sobre os locais identificados com a paixão de Jesus. Constantino, o primeiro imperador cristão, construiu a igreja do Santo Sepulcro sobre os lugares atribuídos à crucificação, sepultamento e ressurreição de Jesus. Assim, para a angústia quase apocalíptica dos cristãos, os persas carregaram a Cruz Verdadeira na qual Jesus teria morrido, junto com a Esponja Sagrada e a Lança e o patriarca da cidade, deixando o Santo Sepulcro esvaziado e ardendo contra um céu escurecido.

À beira do esquecimento, os romanos resistiram e saíram triunfantes, e a Pérsia implodiu em uma guerra civil. Mas os vitoriosos também estavam exaustos. As cidades romanas tinham sido deixadas em péssimo estado e foram dominadas pelos refugiados; os agricultores haviam sido arruinados e o comércio fora destroçado; todos estavam profundamente cansados das taxas esmagadoras que pagaram pela libertação imperial. Em uma época de disputas cristãs agitadas, o pior de tudo era a tendência impiedosa de Constantinopla de obrigar que se cumprisse em suas terras sua versão ortodoxa do cristianismo. Tendo primeiramente

alimentado leões com cristãos, os romanos passaram a perseguir qualquer um que se recusasse a seguir a linha oficial. Através de uma extensa faixa do Mediterrâneo oriental, da Armênia no norte até o Egito no sul, dissidentes cristãos estavam felizes com a perspectiva de um novo regime.

Com uma bravata de tirar o fôlego, os árabes atacaram ambos os impérios antigos de uma só vez.

Em 636, onze séculos de poderio persa terminaram com uma manada de elefantes berrando próximo ao futuro local de Bagdá. "Amaldiçoado seja este mundo, este tempo, este destino", lastimaria a épica nacional do Irã. "Aqueles árabes não civilizados chegaram para me tornar muçulmano." O caminho do Islã se abriu ao norte para a Armênia; a nordeste, para as estepes asiáticas, fazendo limite com a China; ao sudeste, para o Afeganistão; e mais adiante para a Índia. Nesse mesmo ano, o exército árabe esmagou uma força romana bem maior na batalha de Yarmuk e anexou a Síria, onde Paulo de Tarso havia sido convertido no caminho para Damasco e onde, na Antióquia, tinha fundado a primeira igreja cristã organizada. No ano seguinte, Jerusalém morreria à míngua até se submeter e abriria seus portões para o novo grupo de conquistadores, apenas oito anos após os romanos terem restaurado triunfantemente a Cruz Verdadeira ao seu devido lugar. A cidade despedaçada pela fé era sagrada para o Islã, assim como para o judaísmo e o cristianismo, e séculos de lutas entre romanos e judeus por causa dos lugares sagrados deram lugar a séculos de embates entre muçulmanos e cristãos.

Quatro anos depois, o fértil e belo Egito, a mais rica de todas as províncias romanas, caiu em poder dos árabes. Enquanto Constantinopla assistia impotentemente, os truculentos homens das tribos do deserto, pejorativamente rotulados de sarracenos — "o povo das tendas" —, tomaram todas as terras que eles haviam tão recentemente reconquistado, e a um custo tão grande. Enquanto reinos e impérios foram rebaixados e caíram, até mesmo bispos começaram a imaginar se Maomé tinha sido comandado a partir do alto.

Do Egito, os exércitos do Islã marchavam para o oeste através das margens mediterrâneas da África — e lá, de forma muito inesperada, suas investidas, que pareciam incapazes de ser interrompidas, paralisaram-se.

Parte do problema era interno. Maomé tinha morrido sem denominar um herdeiro, ou mesmo sem deixar instruções claras sobre como um sucessor deveria ser escolhido. Velhas rivalidades logo voltaram à tona, aguçadas pelo butim da conquista que serpenteava em caravanas sem fim pelos desertos e que invariavelmente terminava nos bolsos dos coraixitas, as mesmas tribos cuja ganância monopolista Maomé tinha atacado tão severamente. Após alguns logros nas tribos, os primeiros quatro califas — "sucessores" do Profeta — foram selecionados entre os companheiros mais próximos de Maomé e família, mas mesmo aquele alto status não conseguiu protegê-los. Um soldado persa irado enterrou uma adaga na barriga do segundo califa, estripou-o e esfaqueou-o nas costas enquanto ele rezava. Uma conspiração de soldados muçulmanos atiçados pelo estilo de vida exuberante e pelo nepotismo flagrante do terceiro

califa levou-o a uma morte a pauladas, e a *ummah* entrou em guerra civil. Ali, o quarto califa — primo, genro e mais íntimo confidente do Profeta — foi ferido por uma espada envenenada nos degraus de uma mesquita, por estar muito desejoso de negociar com seus companheiros muçulmanos. Ao final, seus seguidores, que tinham sempre sustentado que Ali era o sucessor divinamente untado de Maomé, juntaram-se como o Shiatu Ali — "o partido de Ali" — ou Shia, abreviadamente, e se separaram irrevogavelmente da maioria pragmatista, que, a partir do termo para o caminho mostrado pelo Profeta, se tornou conhecida como Sunnis.

Fora da confusão, o primeiro califado surgiu na forma dos Omíadas, que tiraram a capital do ninho de serpentes da Arábia e governaram por quase um século a partir da antiga e cosmopolita Damasco. Ainda assim, a oposição continuava a afligir o jovem império, desta vez de fora. Na África do Norte, os exércitos árabes estavam atolados, durante décadas, por hordas de berberes de olhos azuis, os antigos povos nativos da região. Os berberes desciam furiosamente de seus redutos nas montanhas cada vez que ondas anteriores de conquistadores faziam visitas a eles, e não estavam inclinados a adaptar seu comportamento simplesmente porque professavam estarem convertidos à nova fé. À frente da carga berbere estava uma terrível rainha-guerreira judia, conhecida pelos árabes como Kahina, ou "a Profetisa", que galopava com seus fogosos cachos vermelhos para a batalha e empurrava os invasores para longe, em direção ao leste, até que foi finalmente perseguida por um grande exército árabe e morreu lutando, de espada na mão.

Ao raiar do século XVIII, as revoltas dos berberes esgotaram-se, e muitos engrossaram as fileiras de seus conquistadores. Em um pouco mais do que o espaço de uma vida, os exércitos lançados por Maomé tinham varrido um crescente ininterrupto em torno da bacia do Mediterrâneo em direção à costa do oceano Atlântico.

A partir daí eles miraram a Europa.

Com velocidade surpreendente, o mundo tinha dado uma volta completa. Uma religião que surgira nos desertos do Oriente estava prestes a irromper em uma Europa ocidental aturdida. Mas, para os berberes rebeldes, esta poderia bem ter eclodido por todo o continente antes que as tribos guerreiras da Europa tivessem se levantado para responder.

Com o tempo, ela voltaria. Quando a cristandade ocidental finalmente se recuperasse do choque, uma luta de fé se tornaria encarniçada no continente da Europa — uma luta que levaria Vasco da Gama ao coração do Oriente.

DESDE A ERA DAS LENDAS, dois picos de pedra tinham marcado o fim ocidental do mundo conhecido. Os antigos chamavam-nos de os Pilares de Hércules, e as lendas contavam como o poderoso herói os tinha construído em seu décimo trabalho impossível. Hércules foi mandado para as longínquas costas da Europa para roubar o gado do monstro de três cabeças e seis pernas, Gerião; e, para abrir seu caminho, partiu uma montanha em dois. Através da fenda, as

águas do oceano que circundavam o mundo correram para o Mediterrâneo. Para além estava o reino do encurvado Velho Homem do Mar, de aparência imprecisa, e a civilização submersa de Atlântida, fragmentos de antigas lendas perdidas nas brumas do tempo que aterrorizavam os marinheiros havia um milênio.

Por mais de 2 mil anos, uma cidade portuária chamada Ceuta permaneceu à sombra do pilar sul de Hércules. Ceuta ocupa uma curva de terra situada nas praias ao nordeste da África por uma cordilheira denteada de montanhas, conhecida como os Sete Picos. O pequeno istmo se espalha para o Mediterrâneo até que um grande monte chamado Monte Hacho — Monte do Farol — leva-o a um enfático fim. Do seu topo, o punho de calcário da rocha de Gibraltar é facilmente visível na costa espanhola. Gibraltar é o pilar norte de Hércules, e nomina o estreito turbulento que se abre para o oceano Atlântico. Ali a África e a Europa são separadas por meras nove milhas de água, e ali, através dos tempos, a história tem feito sua travessia.

Hoje, imaginamos que a África e a Europa são dois continentes completamente diferentes, separados por um abismo de civilização, mas até bem pouco tempo essa distinção não faria sentido. Por muitos séculos, bens e homens se moveram mais facilmente na água do que por terra, e o comércio e o império reuniram os povos do Mediterrâneo. Os fenícios, que eram um povo desbravador, exploravam minas de prata na Espanha e estanho em diferentes lugares, como a Inglaterra. Onde a Sicília se projeta em direção à África, eles construíram a fabulosa cidade de Cartago, e, cientes do valor estratégico de Ceuta, a elegeram seu posto avançado, a oeste. Colonos gregos vieram, fundando colônias da Espanha à Sicília e empossando os descendentes do guarda-costas de Alexandre, o Grande, tal como os faraós ptolomaicos do Egito. Em seguida vieram os romanos, que nivelaram Cartago e fortificaram Ceuta como o campo militar no fim do mundo. O termo *Mediterrâneo* vem do latim "o centro da Terra", mas a realidade política, assim como o orgulho imperial, induziu ao nome romano mais comum *Mare Nostrum* — "Nosso Mar". Este sentido de direito tornou o fato ainda mais intolerável quando os bárbaros vândalos passaram pela França e Espanha, pelo estreito de Gibraltar, marcharam em direção ao oriente, atravessando as províncias africanas de Roma, e se lançaram no Mediterrâneo, onde ocuparam suas maiores ilhas, especializaram-se em pirataria e terminaram saqueando a própria Roma.

Nenhum tráfico marítimo, entretanto, poderia ter preparado as costas do nordeste do Mediterrâneo para os acontecimentos de 711. Nesse ano, a armada muçulmana reuniu-se em Ceuta, velejou através do estreito e deu início aos 781 anos de domínio islâmico na Europa ocidental. O líder da expedição era um berbere convertido chamado Tariq ibn Ziyad, e a rocha embaixo da qual ele desembarcou foi chamada a Montanha de Tariq — em árabe, *Jebel al-Tariq*, ou, para nós, Gibraltar.

Por aquela época, a Espanha — nome que a Europa utilizava para denominar toda a península Ibérica, incluindo a futura terra de Portugal — era governada pelos bárbaros godos, que a tinham apanhado dos vândalos, que, por sua vez, tomaram-na de Roma. Em pouco mais

de três anos, os godos foram escorraçados para as terras altas do norte, onde tiveram muito tempo para contemplar a ruína de seu Estado como uma punição divina pela maldade pecaminosa de seus governantes. Tendo assegurado a maior parte da península, os comandantes árabes e suas tropas berberes seguiram em direção ao nordeste para além do colar montanhoso dos Pirineus, dirigindo-se para a França.

Estava em jogo nada menos do que a própria cristandade.

Por duas vezes, no primeiro século do Islã, exércitos árabes colossais cercaram Constantinopla, mas não conseguiram penetrar em suas muralhas monumentais. Por duas vezes, a cidade no Bósforo avistou enormes frotas de navios de guerra árabes em meio a mares ensebados com uma nova mistura letal chamada fogo grego. Constantinopla era o bastião oriental de uma cristandade diminuída, frágil, mas que não mostrava sinais de desabamento. Em contraste, a Europa ocidental sitiada era um desastre, esperando para ser conquistada. A invasão da Espanha começara como um audacioso oportunismo, mas logo passou a ser orientada pelo coração do império islâmico. Seus líderes planejaram marchar rumo à Europa, anexar as terras abandonadas por Roma e atacar Constantinopla a partir de sua retaguarda nos Bálcãs. Se eles fossem bem-sucedidos, o quarto crescente que o Islã mapeara em torno do Mediterrâneo se tornaria um círculo completo.

Dezenas de milhares de árabes e berberes irromperam na França, atravessaram a Aquitânia, queimaram Bourdeaux e seguiram pela antiga estrada romana que levava de Poitiers à cidade sagrada de Tours. Um século depois do ano seguinte à morte de Maomé, um exército muçulmano marchava a apenas 150 milhas dos portões de Paris.

Na confusão da guerra que envolveu a Europa da Idade das Trevas, os acontecimentos importantes que tomaram as praias distantes do Mediterrâneo vieram carregados nos ventos incertos do rumor. A ideia de que aqueles distantes ribombares de trovão pressagiavam um relâmpago no seio da cristandade era tão remota que chegava a ser incompreensível. No entanto, estava ali um exército de turbante, direcionado por uma estranha fé, cavalgando sob flâmulas desconhecidas, anunciado pelo soar de trompas esquisitas e pelo estrépito chocante de címbalos, gritando pragas arrepiantes em uma língua estrangeira e ganhando velocidade nos campos outonais da França.

O cabo de guerra entre o Islã e o cristianismo mudou de curso naquele dia de 732. Na estrada fora de Poitiers, os exércitos do Islã bateram em um muro irremovível de francos desgrenhados, mas resolutos — os povos germânicos ocidentais que tinham se instalado muito tempo atrás no território romano —, liderados por Carlos Martel, que era conhecido por seus homens como o Martelo. As linhas de infantaria curvavam-se como redemoinhos de esquadras de cavaleiros árabes esmagados nas fileiras da frente, embora se recusassem a ceder. As famosas táticas árabes que durante um século conseguiram resultados espetaculares — o corte da linha de frente, dispersar enquanto se soltam as flechas, enxamear à volta de amontoados confusos e pegá-los um a um — falharam pela primeira vez, e corpos muçulmanos

empilhavam-se na frente de escudos francos. Lutas esporádicas continuaram durante a noite, mas pela manhã os invasores que sobreviveram se dispersaram e voltaram para a Espanha.

Durante décadas, grandes exércitos islâmicos continuariam a marchar pelos Pirineus; em breve alcançariam os Alpes e mandariam Martelo de volta para o combate. Quando as invasões finalmente se esgotaram, isso aconteceu muito mais graças às lutas rancorosas de poder entre as dezenas de milhares de imigrantes árabes e berberes que tinham começado a se espalhar pela Espanha do que às proezas militares de parte da cristandade ocidental. Mesmo assim, salteadores muçulmanos controlariam as passagens alpinas — o maior saque deles foi a abadia de Cluny, o monastério mais rico da Europa, que deu a eles o resgate de um rei — e piratas muçulmanos assaltariam os mares até que os cristãos "não pudessem nem mesmo colocar uma prancha dentro da água", conforme regozijou-se um chefe do *staff* do califa. Ainda no Ocidente, a batalha de Poitiers seria lembrada como o ponto de virada.

Foi para descrever os homens de Martel que um cronista cunhou pela primeira vez o termo *europenses* — "europeus".

Esse povo não existia até então. As linhas de divisão geográfica entre os continentes foram desenhadas primeiro pelos gregos, que para sua conveniência nomearam as terras a leste como Ásia, as regiões ao sul como África e todo o resto como Europa. À medida que exploraram mais adiante, tentaram resolver qual rio do norte marcava os limites entre a Europa e a Ásia, ou se a África começava nas margens do Egito ou no rio Nilo, questionando o sentido de separar uma única massa de terra em três partes. Para todos os outros povos, a divisão era perfeitamente arbitrária. Quando o norte da Europa ainda era uma província de selvagens de rosto azul e o Mediterrâneo era o lago da civilização ocidental, os povos do continente não sonhavam com uma identidade compartilhada; tampouco as províncias de Roma na Ásia e na África eram menos romanas pelo fato de estarem fora da Europa. Quando os ensinamentos de Jesus de Nazaré viajaram em todas as direções fora da Judeia romana, ninguém previu que a fé dos seus seguidores seria reivindicada como uma religião europeia. A Etiópia foi uma das primeiras nações a adotar o cristianismo, uma vez que santo Agostinho, o pai da Igreja que influenciou profundamente a evolução do pensamento cristão, era um berbere da Argélia. Foram os exércitos do Islã e o império que eles espalharam por três continentes que reduziram o cristianismo, com poucas e dispersas exceções, a uma fé europeia.

Nem mesmo existia um único cristianismo europeu. A princípio, a maioria dos bárbaros adotou o arianismo, um credo popular que ensinava que Jesus era puramente humano. Uma tribo ariana, os barbas longas ou lombardos, decidiu ter por missão matar todo sacerdote católico que cruzasse seu caminho. Os papas, muitos deles filhos de antigas famílias de senadores, abraçavam-se uns aos outros, escondidos em meio às enormes ruínas de Roma até que Clóvis, um rei dos francos do século VI, viu a luz durante uma batalha especialmente dura com os godos. Os francos fizeram um pacto com Roma que deu a seus reis legitimidade e

proteção militar ao papado, e o acordo foi selado no dia de Natal do ano 800, quando o neto de Carlos Martel, Carlos Magno, subiu de joelhos os degraus de São Pedro, prostrou-se perante o santo padre e foi coroado Augusto, imperador dos romanos. O outro imperador em Constantinopla irritou-se impotentemente. O papa, mero bispo de Roma, tinha efetivamente organizado um golpe, e o palco estava montado para a cisma com a Igreja ortodoxa do Leste Europeu.

Enquanto o breve império de Carlos Magno se desintegrava, os vikings lançavam da Escandinávia ondas de ataque devastadoras e no campo estéril brotavam castelos de pedra com sua parca população amontoada atrás dos muros, a Europa se tornava uma península atrasada, precariamente empoleirada entre o oceano e o mar verde do Islã. Nisso, por querer muito mais, ela encontrou sua identidade. O conceito moderno de Europa nasceu não somente da geografia, nem simplesmente de uma religião compartilhada. Ele emergiu lentamente de uma colcha de retalhos de povos rebeldes que encontraram um propósito comum na sua luta contra o Islã.

Havia uma exceção notável nessa identidade emergente: a Ibéria ainda era dominada por um Estado islâmico imponente. À medida que a contraofensiva cristã começava, seria lá que nasceriam as nações mais zelosamente católicas de todas. A razão era espantosamente simples. O cristianismo e o islamismo são religiões irmãs, e na Ibéria elas viveram lado a lado por muito tempo. Se você está prestes a expulsar sua irmã de casa, precisa estar muito mais imbuído de um frenesi farisaico do que se estivesse expulsando um estranho.

Na extremidade ocidental do mundo conhecido, as forças do fundamentalismo estavam prestes a se soltar tanto entre cristãos quanto entre muçulmanos. As repercussões seriam sentidas amplamente pelos séculos seguintes.

Tudo poderia ter sido muito diferente. Em árabe, a Espanha islâmica era chamada al-Andalus — o nome seria transmitido para a região espanhola da Andaluzia —, e por três séculos al-Andalus foi o lar da sociedade mais cosmopolita do mundo ocidental.

Desde os primeiros anos do Islã, os muçulmanos tinham classificado cristãos e judeus que se submetiam à regra islâmica como *dhimmi*, ou "povos protegidos". Pagãos eram objeto de escárnio — foram dadas a eles as duras alternativas de conversão ou morte —, mas o próprio Maomé proibira seus seguidores de interferir na liberdade religiosa de seus companheiros, os Povos do Livro. Os primeiros conquistadores árabes foram ainda mais longe: tornaram tão difícil quanto fosse possível a conversão de judeus e cristãos, não menos porque qualquer um que se juntasse à elite muçulmana estaria absolvido do pagamento da *jizya*, uma taxa destinada aos infiéis e cobrada por indivíduo. No entanto, à medida que as conversões em massa se tornaram a norma, a tolerância provou ter seus limites. Um califa do século ix, com um gosto para pequenas humilhações, ordenou que judeus e cristãos pendurassem imagens de madeira do diabo em suas casas, vestissem amarelo, mantivessem suas sepulturas niveladas

com o chão e montassem apenas em mulas e jumentos "com selas de madeira marcadas por duas bolas em forma de romã na patilha de sela".

Em al-Andalus, não muçulmanos não eram classificados como iguais — e isso vai contra os ensinamentos islâmicos —, embora raramente fossem requeridos para fazer mais do que gestos simbólicos de submissão. Em vez disso, um conceito radical nascia: *convivencia*, ou pessoas de fés diferentes vivendo e trabalhando conjuntamente. Judeus e até mesmo cristãos começaram a ter papéis importantes no governo como escribas, soldados, diplomatas e conselheiros. Um judeu urbano, letrado e devoto tornou-se o ministro do Exterior não oficial, mas muito poderoso, do Estado islâmico, enquanto um bispo era um de seus embaixadores. Poetas judeus reviviam o hebraico como uma língua viva após séculos de dessecação litúrgica, e os judeus sefardis — assim chamados por causa de Sefarad, o termo hebreu para al-Andalus — foram libertados de uma longa era de perseguições bárbaras em direção a uma idade de ouro. Os cristãos aderiram alegremente à cultura árabe; além de vestirem-se, comerem e banharem-se como árabes, chegavam até mesmo a ler as Escrituras e recitavam a liturgia em árabe. Isso rendeu a eles o apelido *moçárabes*, ou "querendo ser árabe", por causa de um punhado de *refuseniks* ("aquele que recusa") que tinham como missão insultar o Islã. Um deles, um monge aristocrata de nome Eulógio, alegou entre seus insultos pitorescos que Maomé vangloriara-se de deflorar a Virgem Maria no Paraíso. A maior parte deles conseguiu a morte do mártir que buscavam, e vários pedaços de seu corpo foram levados secretamente para fora da fronteira para se tornar atrações disputadas em grandes cidades cristãs. Al-Andalus nunca chegou a ser propriamente um amálgama multicultural, e mesmo que diferentes tradições se renovassem e se misturassem umas às outras e que a própria diferença fosse louvada em lugar da conformidade reforçada por sociedades menos confiantes, indivíduos com percepções e desejos próprios surgiam das sombras de um mundo rigidamente hierárquico.

Este era um fenômeno marcante na Europa da Idade das Trevas, que tinha mergulhado em uma depressão comum a todo o continente, convencida de que o mundo estava ficando velho e que fogos apocalípticos chamejavam no horizonte. A Espanha, ao contrário, vibrava com as novas culturas vindas do Oriente, embriagada pelo cheiro de flor de laranjeira que pairava em suas terras. Córdoba, a capital islâmica às margens do rio Guadalquivir, foi transformada na metrópole mais magnífica a oeste de Constantinopla, com mercados apinhados de delicadas sedas e tapetes, e avisos oferecendo serviços de advogados e arquitetos, cirurgiões e astrônomos em suas ruas pavimentadas e brilhantemente iluminadas. As estantes da biblioteca principal — uma das setenta na cidade — gemiam com o peso de 400 mil livros, mil vezes o número alardeado pelos maiores acervos do Ocidente cristão. A Grande Mesquita — em espanhol, a Mezquita — era uma igreja gótica transformada em uma ilusão de ótica, um espaço de sonhos em mutação com colunas de mármore delicado apoiando arcos sobre arcos, em listras como em um doce vermelho e branco. Com uma população de quase meio milhão, Córdoba foi, durante um tempo, a maior cidade na Terra; ela era, escreveu uma freira saxã, "o

ornamento brilhante do mundo".

Al-Andalus alcançou o máximo de seu poder no século x, quando seu governante descobriu que tinha crescido demais para tolerar o status de mero emir — ou governador — e proclamou-se o verdadeiro califa, o herdeiro à linha legítima de sucessão de Maomé e o líder de todos os muçulmanos. Para demonstrar sua magnificência, Abd al-Rahman iii construiu para si uma cidade palaciana que se espalhava para fora de Córdoba. Repleta de tesouros, ela era uma declaração resplandecente da intenção dinástica. Tinha portas esculpidas em marfim e ébano que se abriam para jardins rodeados de fossos com zoológicos exóticos, esculturas espalhafatosas moldadas em âmbar e pérolas, e gigantescos lagos de peixes, que eram alimentados com 12 mil pães recém-assados por dia. A longa fila de embaixadores que davam rasteiras uns nos outros para oferecer presentes ao novo califa era recebida em um salão de mármore translúcido, onde, no centro, embaixo de uma gigante pérola pendente, uma piscina cheia de mercúrio os deslumbrava quando era movimentada no momento operativo.

Depois de três séculos, porém, a potência islâmica no continente europeu desfez-se em nada, em um histórico estalar de dedos. Como toda nação que se deixa levar pelo complexo de superioridade, ela tinha se tornado muito complacente para perceber os sinais de perigo. O conto de fadas que culminou com o orgulhoso califa isolado em seu palácio de maravilhas chegou a um apropriado fim nas mãos de um palaciano maléfico chamado Abu Amir al-Mansur — "o Vitorioso" —, que, de fato, era tão vitorioso que venceu 51 das 52 batalhas em que lutou. A maior parte delas foi combatida com um fanatismo sem precedentes contra os descendentes dos godos, que tentavam se manter nas fortalezas do nordeste da Espanha, e a fama de al-Mansur granjeou-lhe o nome ocidentalizado de Almanzor. Almanzor encarcerou o jovem califa, construiu para si uma cidade palaciana rival no lado oposto de Córdoba, transformou al-Andalus em um Estado político e ofendeu seus cidadãos ao arrebanhar rudes berberes e até mesmo mercenários cristãos em suas campanhas militares. Na ocasião de sua morte, em 1002, a Espanha muçulmana implodiu em uma guerra civil; poucos anos depois, tropas berberes ressentidas despedaçaram o lar exemplar dos califas, apenas setenta anos após seu surgimento que deslumbrou o mundo.

Al-Andalus fragmentou-se em uma colcha de retalhos de cidades-Estados concorrentes, e os reis cristãos do outro lado da fronteira finalmente viram sua chance.

O reavivamento cristão na Espanha é um assunto longo e ruidoso, e a agitação sem fim de seus reinos em miniatura é uma questão tediosa. Pela antiga tradição tribal, os governantes deixavam seus territórios para serem divididos entre seus filhos, e estes tolamente se lançavam em orgias fratricidas. Enquanto as perturbações da guerra redemoinhavam, monarcas rivais faziam alianças de conveniência tanto com assaltantes muçulmanos quanto com seus irmãos de religião. Além disso, gradualmente eles foram se mudando para o sul, para as enfraquecidas cidades-Estados e, de repente, estava ao alcance deles reordenar a história.

Por volta da virada do milênio, a Europa ocidental finalmente começou a se desvencilhar de seu manto de escuridão manchado de sangue. Os vikings passaram a fixar residências e a se converter ao cristianismo. A França emergiu das partes ocidentais do antigo império de Carlos Magno, ao passo que o Santo Império Romano, precursor da Alemanha, permaneceu firme em suas terras orientais. A Igreja romana havia se recuperado de um vergonhoso momento de baixa e acalentava novamente o sonho de aumentar seu rebanho. Ela viu sua chance na Espanha.

Em 1064, o papado avalizou a guerra contra os muçulmanos de al-Andalus — a primeira guerra cristã abertamente deflagrada contra um inimigo que era definido por sua fé. A partir daí, os espanhóis marcharam — protegidos, mas não propriamente unidos — sob a insígnia papal. Eles foram para a batalha armados com a inflexível garantia de que, enquanto representantes de Cristo na Terra, podiam distribuir indulgências em massa para os que morriam, o que os absolvia de pagar penitência por seus pecados e lhes garantia admissão imediata no Paraíso.

A luta logo ganhou um nome — Reconquista — que deixava de lado o fato inconveniente de a maior parte da península ter sido por mais tempo território muçulmano do que cristão. Uma agitação casual de batalhas por glória pessoal e expansão territorial se transformou em uma guerra de libertação religiosa, exibindo seu próprio santo patrono na forma do apóstolo Tiago. São Tiago — *Santiago* em espanhol — foi decapitado em Jerusalém alguns anos depois da morte de Jesus, mas um eremita guiado por uma estrela desenterrou miraculosamente seus ossos em um campo espanhol. Em sua improvável vida após a morte, o companheiro de Jesus foi transformado de *Santiago Matamoros* — "São Tiago, o Mata-Mouros" — em *Moro*, que veio do nome romano para os berberes, sendo este o termo genérico que os cristãos ibéricos davam aos muçulmanos, berberes e árabes. O Mata-Mouros emprestou seu nome para a Ordem de Santiago, uma das muitas irmandades militares que nasceram para fazer a guerra contra o Islã, e a ordem adotou um lema perturbador: "Que a espada seja vermelha de sangue árabe". A partir daí o apóstolo regularmente aparecia no calor das batalhas vestido em armadura brilhante, cavalgando um cavalo branco e estimulando seus seguidores a permanecerem perseguindo o Infiel.

Mesmo nesta época, nem todos os cristãos da Espanha sabiam muito bem a quem eram leais. Esta era a época de El Cid, que mereceu uma reputação brilhante como herói espanhol, a despeito de ser um soldado pago tanto por muçulmanos quanto por cristãos. Em 1085, o eventual chefe de El Cid, o astuto e ambicioso Alfonso, o Bravo, de Leão e Castela, induziu seu caminho em direção ao controle da velha cidade fortaleza de Toledo, e a Toledo cristã assumiu o controle de uma Córdoba arruinada como a capital europeia da cultura. Em uma sinagoga desenhada por arquitetos muçulmanos, cristãos, muçulmanos e judeus celebravam seus ritos uns ao lado dos outros. Na Escola de Tradutores, muçulmanos e judeus colaboravam para traduzir textos médicos, científicos e filosóficos do árabe para o latim.

Viajantes cruzavam os Pirineus, introduziam a cultura e o ensinamento islâmicos para o resto da Europa e transformavam a vida intelectual com seus estilos decorativos, receitas, moda e canções. Com o enfraquecimento dessa convivência, os espanhóis se tornaram os mestres da modernidade.

Toledo era um último arroubo brilhante do que poderia ter sido, uma explosão final e caótica de criatividade. À medida que exércitos cristãos seguiam adiante, em direção ao sul, os governantes muçulmanos que restavam na Ibéria começaram a temer que seus dias estivessem contados. Quando o entusiasmo de Alfonso, o Bravo, o levou longe demais e ele se proclamou prematuramente imperador de toda a Espanha, al-Andalus finalmente resolveu chamar ajuda de fora.

Foi um erro fatídico.

Os almorávidas eram uma seita muçulmana feroz do deserto do Saara, que haviam surgido em torno de um missionário severo que insistia em disciplina rigorosa e em acessos regulares de flagelação. Eles já tinham se expandido para o sul até a África subsaariana e ao norte até o Marrocos, e estavam prontos para atravessar o estreito de Gibraltar em direção à Espanha. Assim que chegaram, os almorávidas decidiram que seus correligionários eram um bando de sensualistas podres, e voltaram para casa a fim de se armarem com uma *fatwa*, ou opinião legal, confirmando seu direito de depô-los. Quando retornaram, os orgulhosos árabes de al-Andalus respiraram fundo e cederam à pressão. O novo califado reuniu devidamente as cidades-estados em disputa e enfrentou os cristãos até que também ficasse instável e fosse tirado do poder pelos almôades, outra dinastia berbere, que a tudo conquistava, vinda de Ceuta.

Os almôades eram fundamentalistas ainda mais fanáticos do que os almorávidas, e partiram para transformar al-Andalus em um Estado jihadista.

Há muito tempo, quando o Islã tinha se expandido para muito além da Arábia, seus estudiosos dividiram o mundo em *dar al-Islam*, a Casa do Islã, e em *dar al-Harb*, a Casa da Guerra. De acordo com essa doutrina, a primeira tinha o dever de pressionar a segunda até que esta desaparecesse. A jihad armada — *jihad*, em si, significa somente "luta", e frequentemente se refere a um esforço interior para alcançar a graça — era o instrumento divinamente sancionado de expansão. Enquanto a Casa do Islã se partia e muçulmanos lutavam contra muçulmanos, o braço forte da guerra santa tinha desaparecido. Embora os almôades não tolerassem tal fragilidade, e ainda impusessem severas restrições a seus companheiros muçulmanos, declararam uma jihad eterna contra os cristãos e judeus espanhóis. Na fé desenraizada e raivosamente podada dos almôades, os cristãos não eram melhores do que os pagãos: como adoradores de uma divina trindade mais do que o Deus uno e verdadeiro, eles não mereciam mais o status de povo protegido. Aos *dhimmi* que ainda viviam em al-Andalus foi dado um ultimato: morrer ou converter-se. Em vez de escolher, muitos fugiram.

A cristandade ocidental sofreu uma transformação semelhante. O cristianismo começou como um movimento humilde de sectários judeus, mas quando foi adotado como a religião oficial do Império Romano, logo fez as pazes com a guerra. As legiões de Roma marcharam para a batalha sob a cruz, e assim também o fizeram sucessivas ondas de bárbaros, muitos dos quais convertidos ao catolicismo na ponta de uma espada. Santo Agostinho, o primeiro pensador cristão a conceber o conceito de uma guerra justa, condenou batalhas por poder ou riqueza como não melhores do que um furto de grandes proporções, embora reconhecesse que a violência tinha de ser paga com violência, de modo a manter a paz. A jornada de Agostinho perpassou bárbaros que faziam pilhagens e vikings, através de grandes sonhos papais e de uma Europa ofuscada por campos militares, até que a luta pelo cristianismo fosse vista como uma luta nobre contra o Anticristo. À medida que os teólogos católicos finalmente começaram a deslindar os mistérios do Islã, qualquer acomodação entre as duas crenças não fazia sentido doutrinal nem prático: ao passo que os muçulmanos ao menos reconheciam os cristãos, conquanto enganados, como seus precursores na fé, para os cristãos a religião mais nova lhes dizia, intoleravelmente, que eles tinham entendido tudo errado.

Apesar de todas as diferenças, foram as semelhanças que mais dividiram as duas crenças. Diferentemente de qualquer outra religião importante, ambas reivindicavam posse exclusiva da revelação final de Deus. Ao contrário da maioria, ambas eram crenças missionárias que se empenhavam em levar sua mensagem aos não crentes, a quem rotulavam como infiéis. Como adeptos de religiões universais e vizinhos geográficos, eles eram rivais naturais. No Ocidente, essas rivalidades tinham sido postas em xeque por um punhado de governantes iluminados, pela extensão de difícil deslocamento do império islâmico e pela introspecção cruel da Europa. Mas o vislumbre final de tolerância diminuía rapidamente, o mundo islâmico tinha começado a se estilhaçar em cacos mais afiados e a Europa estava finalmente em movimento.

O papa chamou os guerreiros da cristandade ocidental às armas. Dezenas de milhares de soldados cristãos marcharam em direção ao sul através da Espanha, a postos e cheios de fervor vingativo para tirar o Islã da Europa.

Na margem ocidental do mundo, a guerra santa foi desencadeada ao mesmo tempo em ambos os lados de uma divisão cada vez mais inviolável. Não era coincidência que os descendentes dos lutadores pela liberdade da Ibéria iriam correr pelos oceanos para conquistar terras extensas em nome de Cristo. Lutar contra o Islã estava no sangue deles: esta era a real missão fundadora de suas nações.

Enquanto a batalha pelo Ocidente se aproximava do clímax, uma Europa energizada voltava os olhos para o Oriente. O contra-ataque ao Islã que tinha começado na Espanha se voltou para a própria Jerusalém, e agora vinha com um nome que assombraria os séculos vindouros: Cruzada.

# 2. A Terra Sagrada

No calor abrasador do verão de 1099, milhares de soldados cristãos crestados pelo sol marcharam pela Europa, cruzaram-na em direção à Ásia e convergiram em Jerusalém. Chorando de alegria, cantando orações e tendo visões no céu, eles atiraram-se sob uma tempestade de mísseis muçulmanos e deslocaram suas armas de cerco de madeira até os altos muros brancos da cidade sagrada. Quando ultrapassaram as ameias, cortaram caminho por ruas gastas pelo tempo até que as próprias pedras parecessem sangrar. Vindos da matança, cambaleantes sob o peso de seus saques, eles se reuniram na igreja do Santo Sepulcro e rezaram na sepultura de Cristo. Jerusalém era cristã novamente, 461 anos depois de ter se tornado muçulmana.

O jorro de fervor europeu que lançou a Primeira Cruzada havia começado quatro anos antes, bem ao longe, nas florestas montanhosas do centro da França. Lá, em um dia frio de novembro, treze arcebispos, noventa abades, 225 bispos e um comboio barulhento de nobres e cavalheiros juntaram-se para escutar um importante anúncio feito pelo papa. A igreja era pequena para abrigar a todos, e a assembleia foi a um campo próximo para ouvir o toque de chamado às armas que estava prestes a disparar séculos de guerra santa no Oriente.

O papa Urbano II, nascido Odo de Châtillon, era o rebento de uma família nobre de Champagne. Seu grande plano era inspirado na Reconquista ibérica, mas ele tinha sido levado à ação por um pedido urgente de Constantinopla.

Seis séculos após a queda de Roma, Constantinopla ainda via a Europa ocidental como uma terra imperial ocupada temporariamente pelos bárbaros, e recusava rudemente reconhecer o papa como líder supremo da cristandade. Apenas quatro décadas antes, os legados do papa tinham espreitado sob as atordoantes cúpulas empilhadas da basílica de Santa Sofia, a grande catedral de Constantinopla, e tinham excomungado o patriarca no local — um ataque de ressentimento que separou definitivamente a Igreja ortodoxa oriental e a Igreja católica romana. Pedir ajuda a Roma era uma perspectiva mortificante, mas Constantinopla não tinha muita escolha.

Com praças e ruas cheias de esculturas da Grécia e Roma antigas, o hipódromo cercado de estátuas equestres adornadas e assentos para centenas de milhares de pessoas, suas igrejas sendo um esplendor dourado de mosaicos e oficinas apinhadas de ícones e sedas requintados, Constantinopla tinha apenas um rival para o título de metrópole mais glamourosa no mundo conhecido. A cidade rival havia sido construída pelos abássidas, um clã árabe que expulsara os califas omíadas do trono em Damasco e dera o golpe final ao convidar oitenta de seus primos depostos para um banquete no qual eles figuravam como o prato principal. No século VIII, os

abássidas tinham desertado da inimiga Damasco para um local no rio Tigre, no seu ponto mais próximo do rio Eufrates e a vinte milhas das altas ruínas da velha capital persa em Ctésifo. A nova capital era otimistamente chamada Madinat al-Salam, ou a "Cidade da Paz", e foi mais tarde renomeada Bagdá.

Como herdeira de séculos de esplendor cultural persa e o ponto de cruzamento das correntes de conhecimento que varriam o vasto império islâmico, Bagdá tinha rapidamente se tornado a potência intelectual do mundo. Estudiosos internacionais se reuniam em sua Casa da Sabedoria a fim de traduzir para o árabe o amplo *corpus* de escritos gregos, persas, siríacos e indianos sobre ciência, filosofia e medicina, e estudiosos islâmicos testavam o Alcorão contra Aristóteles. Os matemáticos importavam e melhoravam o sistema de números decimal posicional da Índia e desvendavam os mistérios da álgebra e dos algoritmos. O segredo da feitura do papel foi extraído dos prisioneiros chineses, e bibliotecas de empréstimos faziam circular o corpo crescente do conhecimento. Engenheiros e agrônomos aperfeiçoavam a roda-d'água, melhoravam a irrigação e criavam novas culturas; geógrafos mapeavam a Terra e astrônomos faziam a carta do céu. A renascença do conhecimento de Bagdá repercutiu pelo mundo — e apesar disso, mesmo nesse momento, ela estava apodrecendo por dentro.

Os califas abássidas construíram Bagdá como uma cidade perfeitamente redonda, e em seu centro estava um monumental complexo palaciano, o Portão Dourado. À medida que seu estilo de vida se tornava firmemente mais monárquico, o Portão Dourado se tornou uma cúpula de prazer com vinhos, mulheres, música e festas espetaculares. No mundo captado nas *Mil e uma noites*, cortesãos beijavam o chão quando se aproximavam do califa, que era seguido por toda a parte por um carrasco e escapava de seus deveres públicos para um vasto harém que ecoava com os passos leves de uma seleção internacional de concubinas e cantoras astutas e graciosas. No ano de 917, uma embaixada de Constantinopla foi recepcionada por tropas montadas em selas de ouro e prata, elefantes revestidos de brocados e cetim, uma centena de leões, 2 mil eunucos brancos e pretos e garçons oferecendo água gelada e suco de fruta. O palácio estava adornado com 38 mil cortinas feitas de brocado de ouro e acarpetado com 22 mil tapetes, enquanto quatro barcos de ouro e prata flutuavam em um lago revestido de estanho. De outra piscina brotava uma árvore artificial onde se viam joias em forma de fruta, com pássaros de ouro e prata empoleirados em seus ramos igualmente de ouro e prata; atendendo a uma ordem, a árvore começaria a balançar, as folhas de metal fariam um ruído e os pássaros de metal chilreariam. Era bem diferente da *ummah* igualitária de Medina, e à proporção que o insulto aumentava, os califas construíam para si uma política de segurança na forma de um exército pessoal de mamelucos, escravos turcos arrancados das tribos selvagens que perambulavam pelas estepes da Ásia Central. A solução provou ter vida curta. Os turcos se converteram ao Islã, adotaram a cultura local e arquitetaram uma série de golpes militares: em nove anos, ao menos quatro de cinco califas foram assassinados. Assim como os cidadãos ofendidos de Bagdá entraram em rebelião, os turcos queimaram quarteirões inteiros da cidade.

O centro de Bagdá não se manteria, e tampouco o centro do extenso império islâmico. A oeste, uma seita xiita tirava o controle da Tunísia e do Egito; sua dinastia governante, que se intitulava fatímidas, após ter alegado descendência da filha de Maomé e da esposa de Ali, Fátima, expandiu seus domínios para a Síria, Palestina e grande parte da própria Arábia, e por dois séculos governou como califado rival a partir de sua nova capital no Cairo. A leste, o poder persa reviveu durante um tempo até que a expansão ocidental da China empurrasse tribos turcas inteiras para o Irã, onde elas construíram reinos independentes e apenas diziam palavras vazias aos califas. Em 1055, os seljuks, uma dinastia turca nomeada a partir de seu primeiro líder, finalmente tomaram Bagdá, instalaram seu líder como sultão, ou "detentor do poder", e relegaram os califas ao status honorário de representantes religiosos.

Ao longo dessas rebeliões, Constantinopla observara satisfeita. Ela tinha retomado algumas de suas terras perdidas havia muito, e seus exércitos tinham quase alcançado os portões de Jerusalém. Apesar disso, o declínio de Bagdá provou ser tudo menos um triunfo para sua cidade rival. Os seljuks logo surgiram através das fronteiras orientais de Constantinopla; nas duas décadas seguintes eles esmagariam seus exércitos e dizimariam seus territórios. Agora eles estavam se juntando na frente da própria capital, e a tesouraria do mundo clássico finalmente parecia à beira da aniquilação.

Rumores escandalosos de que os turcos faziam garotos cristãos urinarem em fontes e sodomizarem clérigos, monges e até mesmo bispos circularam pela Europa por anos, e para quem não os tivesse ouvido, o papa Urbano não deixou nada à imaginação. Os turcos, pontificava ele sinistramente de seu púlpito improvisado,

> têm destruído completamente algumas das igrejas de Deus e convertido outras para os usos de seu próprio culto. Arruínam os altares com imoralidades e corrupções. Circuncidam cristãos e espalham o sangue da circuncisão pelos altares ou despejam-no nas pias batismais. Comprazem-se em matar os outros abrindo suas barrigas, extraindo a extremidade de seus intestinos e amarrando-os a uma estaca. Então, com uma surra, eles carregam suas vítimas pela estaca até que, quando as vísceras se arrebentam, elas caem mortas no chão. Novamente, amarram outros às estacas e atiram flechas neles; agarram ainda outros, esticam seus pescoços e tentam ver se podem cortar suas cabeças com um único golpe de espada. E o que dizer sobre o chocante estupro das mulheres?

Essa litania de horrores era suficiente para fazer o sangue cristão ferver, mas Urbano fez mais. Como era difícil pedir aos cavaleiros que marchassem para ajudar a Constantinopla ortodoxa e seus imperadores famosos por tramarem conspirações, o papa mandou a Cruzada para uma nova direção: Jerusalém.

Em uma época em que homens e mulheres faziam penosas peregrinações para se banharem na graça divina que emanava das relíquias de santos obscuros, a cidade onde Jesus pregou, morreu e ressuscitou era o Santo Graal dos penitentes. Por séculos, os senhores muçulmanos de Jerusalém foram felizes em acusar os cristãos de adorar nos lugares sagrados,

mas os novos poderes do mundo islâmico tinham despedaçado a antiga política. Em 1009, um governante egípcio ficou ofendido com o número de peregrinos cristãos circulando por lá e ordenou que a igreja do Santo Sepulcro fosse completamente demolida. Ela tinha sido reconstruída, em pagamento de um pesado tributo, mas logo depois os turcos chegaram aos portões da cidade santa e começaram a perseguir peregrinos com prazer renovado. Como uma virgem cativa, Urbano tocava os corações dos cavaleiros; Jerusalém estava começando a ser libertada "e não cessa de implorar que você venha ajudá-la".

O problema da cidade sagrada era profano, mas, na realidade, Urbano estava desesperado para conseguir cavaleiros europeus — tanto do Ocidente quanto do Oriente. À medida que a Idade das Trevas finalmente se levantava, uma grande categoria de guerreiros dispendiosamente armados e treinados foi deixada sem nada melhor para fazer do que atacar uns aos outros, aterrorizar a população indefesa ou, para indignação de Roma, assaltar as propriedades da Igreja. "É assim", Urbano queixou-se aos cavaleiros reunidos,

> que vocês matam uns aos outros, que vocês fazem guerra e que frequentemente morrem de feridas mútuas. Deixem, portanto, que o ódio saia de vocês; deixem suas querelas terminarem; deixem as guerras cessarem; deixem toda a discórdia e controvérsias adormecerem. Entrem no caminho para o Santo Sepulcro; lutem por esta terra contra a raça perversa e submetam-na a vocês [...] pela remissão de seus pecados, com a garantia da glória imperecível do Reino dos Céus.

Cristo, ele proclamou, comandava-os a exterminar os torpes turcos de suas terras.

"*Deus lo volt!*" — "É a vontade de Deus!" —, gritavam os cavaleiros.

Apesar de toda a retórica incendiada de Urbano, lutar em nome de Cristo não era novidade. Inédita era a combinação de combate armado com a peregrinação que durava uma vida. A perspectiva era tão sedutora que milhares de homens, mulheres e crianças pobres reuniram-se para condenar pregadores como Pedro, o Eremita, que todos acreditavam ter uma carta do céu na qual Deus incitava seu povo a atacar os turcos. Armada com pouco mais que sua fé de que Cristo dispersaria os infiéis em seu caminho, a Cruzada do Povo rumou para o Oriente antes que os guerreiros europeus tivessem começado a se reunir. Pelo caminho, muitos dos peregrinos cometiam assassinatos nas ricas comunidades judias antes que chegassem a Constantinopla, onde o imperador, horrorizado, rapidamente afastou-os para que tivessem um terrível fim nas mãos dos turcos.

Quando a verdadeira Cruzada partiu, no ano seguinte, as horríveis dificuldades da jornada transformaram guerreiros orgulhosos em bestas famintas que cortavam as nádegas apodrecidas de muçulmanos assassinados e assavam-nas no fogo, avançando na carne enquanto ela ainda não estava cozida. No entanto, foi o ataque a Jerusalém que garantiu a retaliação. As memórias daquele dia de matança no verão de 1099 não morreriam — nem no mundo muçulmano, onde escritores bradavam que centenas de milhares tinham perecido, nem entre cristãos, que com satisfação cruel escreveram para casa sobre os "trabalhos maravilhosos" desempenhados em

nome de Deus. Pilhas de cabeças, mãos e pés eram espalhadas pelas ruas, reportavam testemunhas. As mulheres eram esfaqueadas enquanto fugiam. Cavaleiros eram vistos "arrancando crianças do colo de suas mães pelas solas dos pés ou de seus berços e lançando-as contra as paredes e quebrando seus pescoços", ou abrindo as barrigas dos mortos para pegar de volta as moedas de ouro que eles tinham "engolido por suas gargantas repugnantes enquanto vivos". Na mesquita de al-Aqsa, venerada por muçulmanos como a casa de adoração para a qual Maomé tinha ido durante a noite em um corcel alado antes que subisse aos céus a partir de uma rocha próxima, a matança foi tão grande que testemunhas disputavam sobre até onde os cruzados estavam mergulhados em sangue — se até os tornozelos, joelhos ou rédeas. O fedor perdurou no ar por meses, mesmo após milhares de corpos apodrecidos terem sido empilhados contra os muros "em pilhas tão grandes quanto casas" — pelo trabalho forçado de sobreviventes muçulmanos — e queimado em piras escurecidas, ardentes, de onde mais ouro engolido foi recuperado. A escala do massacre apenas fortaleceu a crença dos cruzados de que uma bênção gloriosa dos céus estava brilhando sobre eles. Um monge extasiado declarou que a conquista de Jerusalém tinha sido o maior evento na história desde a crucificação, o que viria antes da chegada do Anticristo e das batalhas dos Últimos Dias.

Jerusalém se tornou a capital de um reino cristão, e uma grande linhagem de reis franceses, em sua maior parte denominados beduínos, foi coroada na igreja do Santo Sepulcro. Ao norte de Jerusalém, mais três Estados cruzados — Edessa, Antióquia e Trípoli — estendiam-se ao longo da costa oriental do Mediterrâneo. Um cordão de castelos surgia das paisagens secas da Síria e da Palestina, cada um mais monumental do que o outro e cada um a menos do que um dia de viagem do próximo. O maior de todos era cuidado pelas reconhecidamente disciplinadas e fabulosamente ricas ordens militares que surgiram das fraternidades criadas para cuidar dos peregrinos doentes e protegê-los em suas viagens. Os Cavaleiros Hospitalários e os Cavaleiros Templários tinham se tornado um corpo de elite dos guerreiros sagrados que respondiam somente ao papa. Os Templários montavam em cavalos de guerra armados com espigões de ferro na guarda avançada dos cruzados; no campo de batalha, com seus mantos brancos estampados com cruzes vermelhas flutuando atrás deles, seguravam suas lanças e galopavam em silenciosa e cerrada formação em direção às linhas de frente do inimigo.

Os templários e os hospitalários viviam como monges e lutavam como demônios, mas frequentemente eram rivais enraivecidos. A terra que os ocidentais chamavam Outremer — "Além-mar" — era uma anomalia curiosa desde o princípio. Uma Europa em miniatura transplantada para o Oriente e vestida em cores exóticas, ela era atormentada pelos mesmos egos senhoriais que punham os nobres uns nas gargantas dos outros na volta para casa, logo se tornando vítima dos mesmos feudos endêmicos. Os cruzados constantemente brigavam entre si, enquanto outros deixavam o abrigo e se tornavam nativos. Recém-chegados sanguinários se sentiam indignados ao encontrar os seus predecessores vestindo *kaffiyehs*, encharcando-se de

desodorante e sentando de pernas cruzadas em um chão ladrilhado, próximos a uma fonte, enquanto eram entretidos por garotas dançando. Deram um nome depreciativo para eles — *poulins*, ou "crianças" —, e a crescente desavença estava prestes a terminar mal.

Os Estados cruzados sempre confiaram, para sua sobrevivência, na desunião ainda maior dos muçulmanos que os rodeavam por três lados. Ao norte, os turcos seljuks tinham entrado em lutas mortíferas ferozes; a leste estavam as cidades-Estados feudais da Síria; e a sudoeste estava o Egito, cuja dinastia, os fatímidas, no poder havia muito, tinha sido arremessada em um pandemônio terminal. Espreitando silenciosamente entre eles havia uma seita renegada de fanáticos shia, que apunhalou os muçulmanos pelas costas com ainda mais ardor do que eles assassinaram os clandestinos cristãos. A sede deles estava escondida no interior sinuoso da costa síria, numa fortaleza construída em uma proeminência rochosa a partir da qual seu líder, uma figura espectral conhecida dos ocidentais como o Velho Homem das Montanhas, supostamente ordenou que seus discípulos saltassem para a morte a fim de impressionar um cruzado que passava. Para o resto do mundo muçulmano, a seita era conhecida como os *hashshashin*, ou "comedores de haxixe", um termo popular pejorativo a partir do qual os cruzados adaptaram a palavra "assassino". Daí foi um pequeno passo para as fantasias dos fabulistas ocidentais, nas quais os sectários tinham um vislumbre do Paraíso sob a forma de uma orgia regada a haxixe antes de serem enviados a uma missão suicida em que lhes era garantido que assim alcançariam a terra prometida para sempre. Dopados ou não, os assassinos aboliram muitos muçulmanos proeminentes, assim como muitos cruzados.

A Segunda Cruzada fez um trabalho muito melhor de união dos muçulmanos do que os próprios muçulmanos haviam feito. Liderada pessoalmente pelos reis da França e da Alemanha, ela foi estabelecida em 1147 para recuperar Edessa, o primeiro Estado cruzado a ser conquistado e o primeiro a ser perdido, e terminou atacando ridiculamente a rica Damasco, a única cidade muçulmana que era de fato amigável para com os cristãos. Tendo acertado suas diferenças e destruído os cavaleiros peregrinos, os sírios invadiram o opulento e desintegrado Egito, que em desespero chamou os cruzados, que primeiramente defenderam o Egito e depois o atacaram.

Os egípcios foram forçados a chamar seus inimigos para que estes afugentassem seus aliados, e desta vez os sírios chegaram para ficar. O sobrinho e braço direito do comandante deles, um jovem curdo chamado Yusuf ibn Ayyub, tomou posse como governador do Egito e, em 1171, desalojou o último soberano fatímida. Yusuf, que se tornaria conhecido no Ocidente como Saladino, arquitetou então uma tomada inversa da Síria. Quando, em 1176, os seljuks fizeram as pazes por tempo suficiente para infligir outra derrota devastadora sobre Constantinopla, Saladino fez alianças com ambos os lados. Em uma década, ele havia unido os vizinhos dos cruzados, removido ameaças em potencial a seu poder e fechado rapidamente uma armadilha para os Estados cristãos.

Saladino era o oponente que os cruzados mais temiam: um mestre da tática e também um homem de profunda fé. Ele era tão comprometido com o reavivamento das jihads islâmicas vacilantes como o mais fiel cristão o era em relação às cruzadas. Como Urbano II, ele colocou Jerusalém no coração de sua campanha para construir uma nova superpotência islâmica, mas suas ambições eram ainda mais desmedidas do que as do papa. Quando a cidade sagrada for vencida, declarou, ele dividiria seus territórios, faria um testamento e perseguiria os europeus até suas terras longínquas, "de maneira a libertar a terra de qualquer um que não acredite em Deus, ou morrer na tentativa".

Em 1187, Saladino foi bem-sucedido na primeira parte da sua promessa. Nesse verão, ele marchou para o oeste, atravessando o rio Jordão à frente de 30 mil guerreiros, sendo quase metade deles de cavalaria leve, ligeira. Então 20 mil cruzados avançaram para encontrá-lo, incluindo 1,2 mil cavaleiros em armadura pesada.

Os dois lados se prepararam perto de Nazaré.

O nome, por si só, era suficiente para acelerar os corações cristãos com a certeza da vitória. Mas Deus, ou o senso tático, não estava do lado deles. Enquanto os nobres discutiam se iriam caminhar pelo deserto no sol escaldante ou deixar os muçulmanos virem até eles, Saladino levou-os para as planícies ressequidas a oeste do mar da Galileia. Conforme a água dos cristãos acabava e a noite caía, a guarda avançada dos muçulmanos bradava insultos, lançava torrentes de flechas sobre suas cabeças e esvaziava recipientes de água no chão à vista deles, ateando fogo na vegetação à volta de seu acampamento, sufocando-os com a fumaça. Na manhã seguinte, os soldados da infantaria cristã, enfraquecidos, corriam desordenadamente pelas encostas de um extinto vulcão conhecido como os Chifres de Hattin, recusando-se a voltar. Os cavaleiros atacaram repetidamente, mas as tropas muçulmanas, revigoradas, esmagaram-nos em horas.

Três meses depois, Jerusalém capitulou ao conquistador curdo. O papa imediatamente conclamou uma Terceira Cruzada, e o poderoso triunvirato de Ricardo Coração de Leão, da Inglaterra, Felipe II, da França, e o Sagrado Imperador Romano Frederico I, respondeu ao chamado. O mais velho, Frederico, caiu do cavalo quando cruzava um rio e morreu de um ataque do coração na Turquia; como era o costume nestes casos, sua carne foi fervida e enterrada, enquanto seus ossos, amarrados em uma bolsa, acompanharam os remanescentes de seu exército, que permaneceram por lá. Ricardo cercou a cidade costeira de Acre, prometendo poupar seus cidadãos, e então massacrou quase 3 mil prisioneiros quando estes se renderam. Felipe discutiu com o rei inglês acerca dos despojos e voltou para casa, e a Cruzada desapareceu completamente antes que alcançasse o seu objetivo.

Novas levas de peregrinos armados se organizaram na Europa para recuperar a cidade sagrada, com resultados igualmente infelizes. A mais egrégia de todas foi a Quarta Cruzada, que se desviou para Constantinopla por comando de seus empregadores venezianos e nem

sequer se aproximou de Jerusalém. Em 1204, os cruzados abriram uma fenda nas poderosas muralhas de Constantinopla e, pela primeira vez em nove séculos inexpugnáveis, destruíram a maior cidade cristã do mundo. Na majestosa basílica de Santa Sofia, cavaleiros bêbados cavalgaram em direção ao deslumbrante altar e esmagaram ícones valiosos, enquanto uma prostituta exercia seu comércio na cadeira do patriarca. Freiras foram estupradas em seus conventos, e mulheres e crianças mortas em suas casas. Os venezianos mandaram por barco os cavalos dourados do antigo hipódromo para que ficassem em cima da entrada da basílica de São Marcos, comandando assim a vida comercial da cidade. Os ocupantes ungiram um de seus imperadores, e por meio século houve três impérios romanos: os líderes depostos de Constantinopla no exílio, o Sagrado Império Romano na Alemanha e o assim chamado Império Latino dos cruzados. Nenhum, certamente, tinha qualquer poder sobre a cidade de Roma.

O grande movimento do Ocidente em direção ao Oriente que Urbano II iniciara tinha ferido fatalmente a cidade que ele chamara em sua ajuda.

Mais uma vez, tudo poderia ter sido diferente. Em 1229, o Sagrado Imperador Romano Frederico II chegou a Jerusalém e sentou-se com os governantes muçulmanos para negociar uma concessão da cidade sagrada. Frederico era um cético religioso que crescera na cosmopolita Sicília, o único Estado cristão a equiparar-se a al-Andalus ao favorecer um intercâmbio frutífero entre as três religiões abraâmicas, e já tinha sido excomungado pelo papa por não ter ido às Cruzadas. Ele festejou com o sultão, falando o árabe que sabia tão bem, e na semana seguinte os muezins, os homens que chamavam os fiéis para rezar de cima dos minaretes das mesquitas da cidade, mantiveram-se mudos por respeito. Retribuindo a gentileza, Frederico insistiu que só tinha ficado para ouvir os seus cantos maviosos. A concessão foi assinada e Jerusalém retornou ao controle cristão por quinze anos, para a afronta dos conservadores de ambos os lados.

Frederico, que era conhecido por seus pares, nem sempre com admiração, como *Stupor mundi* — "a maravilha do mundo" —, era uma anomalia livre-pensadora. Mais uma vez havia chegado um momento que parecia lançar o esboço sombrio de um futuro muito diferente, e mais uma vez desapareceu rapidamente. No final, a intervenção de Frederico só incomodou mais a Europa, e os cruzados foram esmagados até o seu inevitável fim. Para muitos, a epifania final, chocante, foi a aniquilação da Sétima Cruzada pela fome, pelas doenças e pela derrota militar no Egito, que Luís IX da França tinha confiantemente se proposto a conquistar. Um cavaleiro templário confidenciou em um momento de fraqueza da fé:

> Raiva e tristeza estão assentadas tão firmemente no meu coração que eu mal ouso permanecer vivo [...] Parece que Deus deseja apoiar os turcos contra nós [...] ah, Senhor Deus [...] infelizmente, o reino do Oriente perdeu tanto que ele nunca será capaz de se levantar novamente. Eles vão fazer uma mesquita do convento de Santa Maria, e uma vez que o roubo agrada a seu filho, que deveria chorar com isso, somos forçados a obedecer também [...] qualquer um que deseje lutar contra os turcos é louco, pois Jesus Cristo não luta mais com eles.

> Eles conquistaram, eles conquistarão. A cada dia eles nos levam para baixo, sabendo que Deus, que estava acordado, agora dorme, e Maomé cresce, poderoso.

Apesar de Luís ter sido resgatado por uma soma astronômica e ter sido mais tarde canonizado, alguns guerreiros sagrados perderam toda a esperança e desertaram para o lado muçulmano.

Com os últimos redutos cruzados prestes a serem derrubados e com milhares de cristãos refugiados sitiados nas costas da Palestina, parecia que apenas um milagre poderia impedir o Islã de engolir a Europa.

Foi nesse momento que uma horda de ferozes guerreiros montados bradou em todo o Oriente.

De todos os invasores nômades que surgiram do oeste atravessando a Ásia, as tribos unidas por Genghis Khan foram as menos anunciadas e as mais devastadoras. No século XIII, a máquina de luta mongol varreu toda a China, foi para o oeste e deixou um rastro de fogo através do Irã e do Cáucaso. Os cavaleiros montaram por toda a Rússia até a Polônia e a Hungria, onde exterminaram um numeroso exército europeu que contava entre suas fileiras grandes contingentes de templários e hospitalários. Em 1241, eles marcharam sobre Viena — e de repente desapareceram tão rapidamente como tinham chegado, conclamados a voltar para casa pela morte de seu Grande Khan.

A Europa, que havia sido convencida de que o apocalipse estava próximo, foi remida no último momento possível. O mundo islâmico não teve a mesma sorte. Lá os mongóis permaneceram, e como continuaram inexoravelmente indo adiante, muitas grandes cidades arderam em seu rastro.

Os califas ainda estavam acomodados em seus palácios de Bagdá quando o novo flagelo das estepes chegou às suas portas. Em 1258, os mongóis saquearam a Cidade da Paz e colocaram um ponto final em cinco séculos de governo abássida. Os vitoriosos tinham um tabu sobre derramar sangue real, de modo que o último califa foi enrolado em um tapete e pisoteado até a morte por cavalos. Bagdá foi queimada, seu povo massacrado e seus palácios saqueados e reduzidos a ruínas. O sistema de irrigação que tinha feito da Mesopotâmia uma das regiões mais férteis do mundo foi definitivamente destruído, e as terras que tinham abrigado civilizações havia mais de 5 mil anos estavam devastadas e desoladas.

A civilização do Islã nunca se recuperou completamente dessa perda. Muitos muçulmanos responderam ao choque, voltando-se para eles mesmos. Essa foi a época dos dervixes rodopiantes e místicos que redirecionaram o sentimento de exílio e estranhamento em uma batalha interior, um meio de acabar com o próprio egoísmo para revelar o divino ilimitado. Enquanto alguns olhavam para dentro, outros olhavam para trás. Com a perda de séculos de aprendizado que se seguiu à destruição de incontáveis bibliotecas, o ulemá, corpo de

estudiosos religiosos do Islã, recolheu-se em um conservadorismo que buscava a estabilidade em crenças fundamentais. A acomodação inicial do Islã com o judaísmo e o cristianismo foi finalmente esquecida, uma vez que o ulemá ensinou que todos os estrangeiros eram suspeitos e que os não muçulmanos eram proibidos de visitar Meca e Medina.

Em meados do século XIII, os mongóis construíram, com seus machados de guerra, cimitarras e arcos, o maior império contíguo que o mundo já tinha visto. Os cruzados sitiados que continuavam apegados aos restos de seus antigos Estados começaram a ver os inimigos de seus inimigos como aliados em potencial, e por décadas tiveram esperanças de forjar uma nova aliança mongol-cristã global contra o Islã. Os próprios mongóis se propuseram a um ataque conjunto ao Egito, que agora era governado pelos mamelucos, uma dinastia de soldados escravos que havia deposto os descendentes de Saladino. No entanto, os cruzados insistiram no fato de que os mongóis deveriam ser batizados antes que pudessem se juntar a eles na batalha, e outra oportunidade histórica foi perdida pela intransigência do Ocidente. Em vez disso, muitos mongóis se converteram ao Islã e reconstruíram as cidades que tinham derrubado em uma escala ainda maior. Destruidores de civilizações, os mongóis também se mostraram inesperadamente governantes capazes, e durante um século a *Pax Mongolica*, ou "paz mongol", reinou em toda a Ásia.

Finalmente, os mongóis se tornaram saciados e complacentes, e seu império caiu, presa de rixas internas. À medida que se desintegrava em uma colcha de retalhos de feudos — um, o *khanate* (ou seja, de [Genghis] Khan) da Horda de Ouro, governou a Rússia até o século XV —, outro cataclismo atingiu o mundo islâmico. No meio do século XIV, a peste bubônica chegou à Ásia, levada em parte pelos exércitos mongóis, e matou cerca de um terço da população. As civilizações caíram novamente, e as já enfraquecidas dinastias perderam toda a autoridade. "A situação delas chegou ao ponto da aniquilação e da dissolução", lamentou o historiador muçulmano Ibn Khaldun, que nasceu em uma família de refugiados de al-Andalus e perdeu seus pais para a peste negra. "As cidades e os edifícios foram devastados, estradas e sinais foram apagados, assentamentos e mansões tornaram-se vazios, dinastias e tribos enfraqueceram. Todo o mundo habitado mudou."

O século XIV atirou a Europa violentamente para trás. A peste negra eliminou tantas vidas como fez no Oriente, e cidades e comércios outrora florescentes de repente estagnaram. O banho de sangue dinástico da Guerra dos Cem Anos entre a França e a Inglaterra se arrastou interminavelmente. A superstição reinava novamente. Essa foi uma época em que dezessete igrejas se vangloriavam de abrigar o prepúcio circuncidado de Jesus, e nenhuma delas viu nada de estranho na reivindicação. A persuasão moral da Igreja estava destruída; o papado já claudicava em sua própria autoridade quando, em 1309, mudou-se para a França sob pressão do rei francês. O catolicismo caía em seu próprio Grande Cisma; a legitimidade dos papas era cada vez mais contestada pelos inimigos da coroa francesa que apoiavam adversários em Roma. Um século após a mudança para a França, o Conselho de Pisa declarou que tanto os papas

franceses quanto os romanos eram hereges e elegeu um terceiro papa. A bagunça profana só foi resolvida oito anos depois no Concílio de Constança, uma reunião que durou três anos e que teve a participação de 72 mil partes interessadas, incluindo dois papas, um rei, 32 príncipes, 47 arcebispos, 361 advogados, 1,4 mil comerciantes, 1,5 mil cavaleiros, 5 mil sacerdotes e setecentas prostitutas. Quando o primeiro papa inconteste em gerações retornou a Roma, ele encontrou-a tão degradada que achou difícil reconhecê-la como uma cidade. O andaime subiu, e a Cidade Eterna se transformou em um canteiro de obras sem fim.

Por mais de um século, a guerra santa tinha dado lugar a uma luta pela sobrevivência básica. Logo abaixo da superfície, a arraigada rivalidade entre o islamismo e o cristianismo não havia secado. Se algo aconteceu, é que tal rivalidade foi ainda mais alimentada pelo fato de ser forçada a permanecer oculta.

No momento em que passaram os horrores, os novos governantes muçulmanos olharam fixamente para o Oriente. Com os horizontes alargados pela ambição desenfreada dos mongóis, voltaram a sonhar com um novo mundo nascido do fim do velho mundo. Uma família — os otomanos — consolidou seu poder em toda a Turquia, marchou para a Europa pelos Bálcãs e visou Constantinopla.

O sultão otomano Bayezid I — apelidado de "o Trovão" — convocou uma nova jihad. Três séculos depois dos primeiros cruzados terem se proposto a derrotá-los, os turcos foram se acumulando novamente nas margens do Bósforo.

Como a linha de frente entre o cristianismo e o Islã foi se movendo progressivamente para o oeste até as fronteiras da Hungria, a Europa finalmente começou a responder. Em 1394, o papa em Roma — havia ainda um outro na França — proclamou uma nova Cruzada contra os muçulmanos cada vez mais invasores. Seu ambicioso e conhecido objetivo era expulsar os turcos dos Bálcãs, libertar Constantinopla e correr por toda a Turquia e Síria para libertar Jerusalém.

O resultado também era previsível.

A Guerra dos Cem Anos tinha sido interrompida para um de seus períodos esporádicos de paz, e Felipe, o Audaz, poderoso duque de Borgonha e governante de fato da França, viu na chamada papal às armas uma nova forma de exibir sua riqueza magnífica. A questão sobre como derrotar os turcos tomou pouco de seu tempo, e Felipe decidiu enviar o filho mais velho, João sem Medo, de 24 anos, em seu lugar.

Em abril de 1396, vários milhares de cruzados franceses marcharam para o leste de Budapeste, interrompendo a jornada com uma série de luxuosos banquetes e juntando forças com o aguerrido rei Sigismundo da Hungria. Também no lado ocidental havia um grande contingente de cavaleiros hospitalários, juntamente com os alemães, poloneses, espanhóis e um punhado de entusiastas de toda a Europa. Uma frota veneziana navegou pelo rio Danúbio para encontrar as forças em terra, e o exército combinado realizou um conselho de guerra a fim

de decidir a tática a ser usada para enfrentar os turcos.

Imediatamente, uma amarga discussão irrompeu. O primeiro problema foi que não era possível ver os turcos. Exploradores foram enviados, mas voltaram sem novidades. Os húngaros argumentaram que os cruzados deveriam sentar-se calmamente e deixar o inimigo fazer a marcha, uma lição que deveria ter sido aprendida com os Chifres de Hattin. Os franceses, sedentos de glória, já tinham decidido que os otomanos eram covardes, e rejeitaram seus aliados. O exército estabeleceu-se na Bulgária e no território muçulmano, onde os franceses começaram a pilhar e a massacrar com vontade. Finalmente, em 12 de setembro, os cruzados foram até os muros de Nicópolis, uma cidade fortaleza construída em um penhasco íngreme de calcário que comandava o baixo Danúbio. Não tendo armas de cerco, eles montaram acampamento, festejaram em grande escala e esperaram pela desistência dos defensores. A maioria ainda estava bêbada quando chegou a notícia de que um enorme exército otomano estava a apenas seis horas dali.

A batalha foi tão assustadora que os cronistas medievais alegaram mais tarde que cerca de 400 mil combatentes participaram do embate.

Até esse momento, os franceses brigavam entre si sobre quem deveria ter a honra de liderar o ataque. Como de costume, as vozes mais ásperas prevaleceram. Enquanto os húngaros, os cavaleiros hospitalários e o restante de seus aliados paravam, os cavaleiros franceses galoparam descendo pelo morro em que os turcos estavam avançando. Eles atacaram a fraca vanguarda turca, somente para empalar seus cavalos em fileiras de paus afiados e os exporem a uma chuva de flechas. Metade deles foi derrubada, mas eles lutaram bravamente e conseguiram derrotar o corpo principal da treinada infantaria turca. Novamente ignorando o conselho dos mais velhos, os mais jovens cavaleiros subiram o morro com suas armaduras pesadas, convencidos de que estava tudo acabado. Quando chegaram ao topo, tímpanos vibraram, trombetas soaram estrepitosamente e, aos gritos de "Allahu akbar!", a cavalaria turca trovejou à vista.

Muitos franceses fugiram de volta para baixo das encostas. O restante lutou desesperadamente até que os guarda-costas de João Sem Medo, a ponto de serem pisoteados, prostraram-se para implorar pela vida de seu senhor. Como cavalos sem cavaleiros corressem desgovernados pelas planícies, o restante das fileiras dos cruzados foram cercadas e cortadas. Muitos fugiram para o Danúbio, mas em seu frenesi para subir a bordo dos barcos que os aguardavam, alguns viraram, e os poucos homens que conseguiram se manter à tona afastaram os seus companheiros cruzados. Apenas um pequeno número chegou à costa longínqua, onde a maioria foi roubada, passou fome e morreu.

Entre os poucos sortudos estavam o rei Sigismundo da Hungria e o grão-mestre dos Hospitalários, que fugiram em um barco de pesca. "Perdemos o dia", queixou-se Sigismundo depois a seu companheiro, "por causa do orgulho e da vaidade desses franceses." Os franceses, porém, pagaram um preço alto. Bayezid manteve os soldados mais jovens como escravos para

seu próprio exército, e muitas centenas do restante foram despojadas, amarradas e decapitadas ou desmembradas, enquanto o sultão e os nobres franceses, que foram mantidos como reféns, tudo observavam. Os sinos dobraram durante todo o dia em Paris quando a terrível notícia chegou.

Nicópolis foi o inverso de Poitiers: esta tinha falhado desastrosamente em deter o avanço profundo do Islã na Europa. A escala chocante da derrota marcou o estertor final das Cruzadas medievais. Apenas um reavivamento mongol sob Timur, o Manco — ou Tamerlão —, deu a Constantinopla e à Europa oriental uma última prorrogação. Timur, que alegou descendência direta de Genghis Khan, tinha trocado uma longa série de cartas insultuosas com o sultão Bayezid, o vencedor em Nicópolis, antes de alcançá-lo na batalha e deixá-lo apodrecer na prisão, onde morreu em 1403.

Ninguém na Europa proporia seriamente enviar outro exército para o Oriente. Levaria um século antes que as cruzes carmesins fossem vistas na Ásia novamente — e elas estariam estampadas nas velas de homens que viriam pelo mar.

Inesperadamente, aqueles homens partiram da margem do extremo oeste do mundo conhecido.

As cruzadas haviam começado entre os cavaleiros da Ibéria, mas durante um século e meio eles tinham estado muito ocupados lutando em casa contra o Islã para catapultarem-se em uma luta pela Terra Santa. Em meados do século XIII, a conquista cristã de al-Andalus estava bem avançada, mas por mais um século e meio os cavaleiros estiveram muito ocupados lutando entre si por território para prestar a devida atenção ao que estava acontecendo no restante do mundo. No entanto, o espírito cruzado nunca os abandonou, e eles não levaram nenhum dos fardos do fracasso no Oriente, que curvara o restante da Europa.

Quando, no século XV, os novos governantes da Ibéria começaram a sonhar mais alto, olharam através do estreito de Gibraltar para a África e para as terras de seus antigos mestres. Eles não estavam subitamente tomados por uma mania de exploração, antes insuspeita. Em primeiro lugar, eles foram levados pela mesma malícia contra o Islã e pela mesma sede por sua riqueza, tal como os guerreiros sagrados antes deles. Mesmo assim, passo a passo e vacilantemente, liderados por uma série de personalidades desmedidas, eles lançariam uma nova Cruzada que os levaria para o lado oposto da Terra.

# 3. Uma guerra em família

D. João de Portugal andava refletindo profundamente sobre como tornar cavaleiros seus três filhos mais velhos, de uma maneira condizente com os herdeiros de uma nova dinastia ambiciosa.

Portugal foi o mais ocidental dos cinco então chamados reinos da Espanha, que surgiram no rastro das cruzadas espanholas. Dos outros quatro, três deles eram cristãos: Castela e Leão, Navarra e Aragão; apenas um, Granada, era muçulmano. Por mais de um século, bandos de guerreiros destemidos e zelosos tinham lutado para esculpir a nova nação das velhas terras de al-Andalus — com uma pequena ajuda de cruzados do norte da Europa, parando no caminho para a Terra Santa —, e seu povo era ferozmente orgulhoso da sua independência duramente conquistada. O papa reconheceu Portugal logo de início e deu-lhe sanção divina para conquistar terras dos mouros. Assim, seus governantes continuaram a se ver intimamente ligados a Roma. "Deus", um cronista real proclamou, "ordenou e desejou constituir Portugal como um reino para um grande mistério a seu serviço e para a exaltação da Fé Sagrada."

Divinamente ordenado ou não, o jovem país era, em princípio, o oeste selvagem da Europa. O rei Pedro I, que foi diversamente apelidado de o Justo, o Cruel, o Vingativo e O-Até-ao-Fim-do-Mundo-Apaixonado, estava tão enlouquecido quando capangas de seu pai chegaram ao seu esconderijo de amor e decapitaram sua querida amante, uma bela garota castelhana chamada Inês de Castro, que no momento em que assumiu o trono, em 1357, perseguiu os assassinos e assistiu seus corações serem arrancados, um pela frente, o outro por trás. Alguns anos mais tarde, ele exumou os restos mortais de Inês e os trajou com as vestes reais e a coroa, apoiando-os ao seu lado no trono. Pedro I fez seus cortesãos se alinharem; ao seu grito terrível de "A Rainha de Portugal!", eles se enfileiraram e beijaram a mão ossuda. O herdeiro de Pedro, Fernando, o Formoso, não agiu de forma muito diferente. Tendo quebrado a promessa de casar com a herdeira do trono de Castela, maior vizinho de Portugal e seu inimigo constante, ele tomou como esposa a bela e já casada Leonor Teles. Leonor iniciou sua carreira espetacular no crime convencendo o cunhado a matar sua irmã, insinuando que ela era infiel. E fez isso apenas para falar orgulhosamente, assim que ele executou a ação, que ela própria tinha inventado tudo aquilo. Leonor, então, começou um caso de adultério, e o irmão bastardo de Fernando, João, pegou-a no ato. Ela inventou uma carta que o enquadrava como traidor e mandou prendê-lo. Quando seu marido se recusou a executar o meio-irmão, Leonor forjou a assinatura do rei sobre o mandado, e João só escapou porque os carcereiros suspeitaram do crime e se recusaram a cumprir o comando.

Com a morte de Fernando, o Formoso, Leonor assumiu a regência em nome de sua filha

de onze anos, que estava prometida ao rei de Castela. Não se sabia se os portugueses odiavam mais sua rainha ou os castelhanos. De qualquer maneira, já que ambos estavam trabalhando em conjunto, os portugueses irromperam em rebeliões e se voltaram para o único de sangue real que não estava contaminado com laços estrangeiros. Sendo filho ilegítimo, João tinha apenas uma alegação não substancial para com a coroa. Porém, com sua postura robusta e sua mandíbula proeminente, ele parecia em cada polegada com um rei. Saiu de seu esconderijo, partiu para o palácio da rainha e assassinou seu amante com as próprias mãos. A assembleia do povo ofereceu-lhe o trono, e, após consulta a um santo eremita — ele era tão piedoso quanto patriota —, ele aceitou. Castela tomou sua eleição como uma declaração de guerra e invadiu Portugal. Naquele mesmo verão de 1385, o exército de João, embora em menor número, em uma relação de sete para um, derrotou os agressores e assegurou a Portugal a sobrevivência como nação independente.

Uma nova dinastia precisava de uma rainha, e João olhou para a Inglaterra. Os ingleses e os portugueses tinham sido aliados antes mesmo de Portugal se tornar uma nação — muitos dos cruzados que pilharam em suas guerras eram ingleses — e haviam assinado recentemente um tratado de amizade perpétua e defesa mútua. A noiva escolhida por João foi Filipa, a filha mais velha de João de Gaunt, duque de Lancaster. Gaunt era tio do rei da Inglaterra e o homem mais rico e impopular do lugar, tendo crescido entre as fileiras de fortalezas dos Lancaster com seus batalhões de retentores e homens de armas. Sua filha teve uma educação política muito boa.

Filipa chegou a Portugal com a devida pompa, mas o casamento não teve um começo promissor. João não se apresentou para a noite de núpcias. Em vez disso, um cortesão subiu na cama de Filipa para selar o acordo, com a espada da castidade entre os dois. A corte era hostil. Aos 27 anos, a nova rainha era extraordinariamente velha para uma noiva medieval. Filipa, porém, era feita de matéria firme, e logo conseguiu que os nobres falassem francês e aprendessem modos adequados à mesa. Fosse por amor ou por temor, João relutava em fazer qualquer coisa sem consultá-la, e os cônjuges reais, tão diferentes em aparência — João, barbudo e corpulento; Filipa, de pele clara, cabelos de ouro vermelho e "pequenos olhos azuis de inglesa" —, dificilmente se separavam. Quanto ao seu principal dever — a perpetuação da linha de sucessão —, a rainha aposentada deu à luz oito filhos em rápida sucessão, dos quais cinco meninos e uma menina sobreviveram à infância. Ela assumiu a educação deles, transmitindo-lhes o amor à poesia que aprendera com Geoffrey Chaucer — ela também tinha estudado ciência, filosofia e teologia — e o código de cavalaria sob o qual viveu toda a vida. A mãe da família de príncipes que se tornariam conhecidos como a Geração Ilustre foi uma das mulheres mais notáveis do mundo medieval.

Depois de muito pensar, João decidiu celebrar a entrada de seus filhos na cavalaria com um ano inteiro de festas, repleto de torneios e justas, danças e jogos e presentes de luxo para os convidados de sangue azul da Europa.

A perspectiva de uma *entrée* tão adulada na ordem da cavalaria deixou um gosto ruim na boca dos jovens príncipes. Jogos, murmuravam eles entre si, não eram dignos de sua linhagem orgulhosa. Naquele verão de 1412, em seu palácio no alto de montes frescos fora de Lisboa, os príncipes Eduardo, Pedro e Henrique se sentaram e debateram. Eduardo, o mais velho, tinha vinte anos; Henrique acabava de fazer dezoito anos. Eles decidiram ir ao seu pai e pedir-lhe para que chegasse a algo mais apropriado — algo que envolvesse "grandes façanhas, coragem, perigos mortais e o derramamento de sangue inimigo" —, quando um dos ministros do rei entrou no recinto. Ele ouviu o segredo deles e esboçou um plano.

Seu servo acabava de voltar de Ceuta, onde fora enviado para extorquir um resgate por um bando de prisioneiros muçulmanos que tinham sido presos em mar aberto. Os nobres de Portugal e até mesmo os religiosos, como seus pares no restante da Europa, não estavam acima de exercer uma atividade paralela proveitosa na pirataria, nem eram inimigos desta. Corsários muçulmanos aterrorizaram a Europa durante centenas de anos; sua notoriedade era tão grande que as praias mediterrâneas da África se tornaram conhecidas como a costa da Barbária, exatamente por causa de seus piratas berberes.

Sete séculos após o exército islâmico ter escalado pela primeira vez o pilar sul de Hércules e de ter olhado com cobiça para a Europa, Ceuta ainda era um nome carregado de simbolismo. Para a cristandade, sua recaptura seria uma peça requintada de vingança. Além disso, destacou o ministro, ela era fabulosamente rica. E acrescentou que ele mesmo já havia sugerido a ideia, embora o rei tivesse tratado isso como uma grande piada.

Ceuta tinha se transformado em um importante porto comercial. Seus famosos celeiros eram cheios de trigo cultivado na costa atlântica do Marrocos. Caravanas de camelos do deserto do Saara terminavam no portão de sua terra, transbordando marfim, ébano, escravos e ouro. Comerciantes judeus, italianos e espanhóis velejavam regularmente para lá para fazer comércio. Suas fábricas — os edifícios onde eles viviam, armazenavam seus bens e conduziam seus negócios —, alinhavam a costa. Ocasionalmente, a temperatura religiosa subia e tornava a vida incômoda para os estrangeiros, mas Ceuta não era, seguramente, um reduto de radicais. Os marinidas, dinastia que depusera os almôades de Marrocos, haviam declarado jihads contra os espanhóis que tinham ocupado várias cidades costeiras, incluindo a própria Gibraltar. Mas desde 1358, quando um sultão fora estrangulado até a morte pelo seu próprio vizir, o Marrocos mergulhara em um estado de anarquia sem solução.

Deixando as sutilezas de lado — como geralmente acontece quando glória e espólio estão em vista —, para os príncipes bastava que Ceuta fosse uma cidade infiel. Os três foram diretamente até seu pai, e mais uma vez o rei caiu na risada. Poucos dias depois, eles tentaram novamente, desta vez armados com uma lista de justificativas. Um ataque a Ceuta, mostravam eles, lhes permitiria ganhar suas esporas em uma batalha real. Também possibilitaria que os nobres da nação praticassem suas habilidades de cavaleiros, as quais corriam o risco de se tornarem enferrujadas desde a expulsão dos mouros e a paz com Castela, que os haviam

deixado na difícil posição de não ter inimigos estrangeiros para lutar. A guerra, como o irmão mais velho colocou, era um "exercício excelente de armas para ser praticado, cuja falta era a causa de muitos povos e reinos terem sido perdidos, e que leva nossas mentes para longe de uma vida ociosa, sem virtude". Além disso, com uma população predominantemente rural, com cerca de 1 milhão de pessoas, Portugal era demasiado pequeno e pobre para manter uma classe de cavaleiros em grande estilo, e uma nova Cruzada significava novas oportunidades de pilhagem. Tão importante para os homens que haviam sido criados em um regime de honra temente a Deus, provar-se-ia ao mundo que Portugal era, no mínimo, tão expressivo em seu ódio contra os infiéis quanto qualquer nação cristã.

O próprio João andava preocupado que seus cavaleiros, endurecidos por tantas batalhas, acabassem se voltando uns contra os outros, caso não tivessem nenhum outro escoadouro para suas energias. Ainda assim, ele cautelosamente buscou seus confessores, estudiosos e conselheiros. Desejava saber, disse-lhes, se a conquista de Ceuta seria um serviço prestado a Deus. Desde o auge das Cruzadas, as dúvidas haviam invadido a mente dos teólogos cristãos e dos advogados quanto ao direito do papa, como o autoproclamado soberano do mundo, de exercer autoridade sobre os não cristãos e aprovar guerras de conquista contra eles. Era igualmente duvidoso se os reis cristãos poderiam legitimamente fazer guerra contra os infiéis que não tinham feito a eles nenhuma ameaça direta. As Escrituras, apontou o acampamento antiguerra, sugeriam que eles deveriam ser convertidos pela evangelização, e não pelas armas. O papado, que ainda estava se desembaraçando dos cismas do século XIV, naturalmente tinha uma visão diferente. Ele estava sempre pronto a apoiar os governantes que estivessem dispostos a colocar a prerrogativa papal em ação, e várias vezes havia concedido bulas de Cruzada para os portugueses que os licenciavam a abrir uma nova frente contra o Islã, em qualquer momento que desejassem.

Depois de terem ponderado por alguns dias, os conselheiros reais seguiram a linha papal de que príncipes cristãos tinham uma licença não qualificada — uma obrigação, mesmo — para atacar qualquer infiel ou pagão, e simplesmente por ele ser um infiel ou um pagão. Resolvidos os escrúpulos legais, os príncipes persuadiram o pai a ignorar sua longa lista de objeções práticas — não menos o custo incapacitante do esquema —, e começaram o planejamento.

O conselho de guerra rapidamente percebeu que sua melhor chance de sucesso era manter o elemento surpresa. No entanto, ninguém em Portugal sabia nada sobre as defesas, ancoradouros ou condições de navegação de Ceuta. O rei João organizou um plano. A rainha viúva da Sicília, que era então governada pela coroa de Aragão, estava inclinada a se casar com o príncipe Eduardo, herdeiro do trono português. Uma embaixada foi preparada, mas, em vez de Eduardo, os embaixadores — um prior e um capitão, ambos tendo uma merecida reputação de esperteza — foram instruídos a oferecer a mão do príncipe Pedro, o segundo filho real, que

nada herdaria.

Dois barcos foram forjados com estandartes, dosséis e toldos nas cores reais, com os marinheiros vestindo fardas combinando. Eles dirigiram-se para o estreito de Gibraltar e ancoraram perto de Ceuta. O prior fingiu relaxar no convés e decorou a cena, enquanto o capitão pegou um barco a remo e, sob o manto da noite, fez uma volta ao redor da cidade. Tendo realizado a missão, eles navegaram para a Sicília, onde a rainha estava previsivelmente apática, e regressaram a Lisboa. Quando foram convocados para o palácio, o prior pediu dois sacos de areia, um rolo de fita, meio alqueire de feijão e uma bacia. Ele fechou-se em uma câmara e construiu um castelo de areia gigante que reproduzia em miniatura os montes, os vales, os edifícios e as fortificações de Ceuta.

Mesmo na areia, era uma visão desconcertante. Monte Hacho foi envolto em uma teia de paredes de perímetro, paredes divisórias e torres que saíam das praias para o forte no cume. Mais paredes fechavam a cidade principal, que ocupava a península que se aninhava entre o morro e o continente. Um fosso se estendia por toda a parte mais estreita da península, separando a cidade dos subúrbios na costa, onde um castelo vigiava a aproximação por terra. Os navios podiam ancorar em ambos os lados da península, mas os ventos muitas vezes sopravam e mudavam de direção sem aviso, e os portugueses precisariam estar prontos para mudar ancoradouros e táticas a qualquer momento. Foi uma perspectiva assustadora para um pequeno país que nunca tinha feito guerra por mar.

Havia mais um obstáculo a ser superado: a rainha. Filipa era tão amada por seu povo, explicou João solenemente a seus filhos, que nada poderia ser feito sem o seu consentimento. Os príncipes estavam bem cientes da natureza resoluta de sua mãe e tentaram um pequeno subterfúgio. Mostraram seu plano para ela e inocentemente pediram-lhe que o levasse ao rei em nome deles.

"Senhor", Filipa dirigiu-se ao marido, "vou fazer um pedido que não é comum que uma mãe faça em relação a seus filhos, pois, em geral, a mãe pede ao pai que ele mantenha seus filhos longe de qualquer perigo, temendo sempre o mal que poderá vir para eles."

"Quanto a mim", continuou ela, "peço-lhe para afastá-los de esportes e passatempos e expô-los a perigos e fadigas." Os príncipes, explicou ela, tinham ido vê-la naquele dia. Eles lhe disseram que o rei estava relutante em assumir o seu plano, pedindo a ela que intercedesse.

> "Para mim, senhor", Filipa pressionou, considerando a linha de que eles são descendentes, uma linha de imperadores muito grande e muito boa e de outros reis e príncipes cujo nome e renome são transmitidos por todo o mundo, eu não iria, de forma alguma, deixar faltar oportunidades de realizar, por suas fadigas, seus valores e suas habilidades, os grandes feitos semelhantes aos que foram realizados por seus antepassados. Eu, portanto, aceitei a missão com a qual eles me encarregaram, e o pedido deles me dá grande alegria.

João fingiu ceder, e os preparativos foram adiante. Apenas seu círculo imediato sabia do plano, e todo o tipo de rumores começou a surgir: um ataque à Ibiza aragonesa ou à Sicília, ou

à Granada muçulmana, ou mesmo à Sevilha castelhana. Finalmente, o conselho pleno foi montado, apresentado perante um fato consumado, e jurou-se segredo. Os antigos companheiros de armas de João tinham envelhecido, mas homens de até noventa anos agarraram a chance de uma última incursão ao campo de batalha. "Vamos lá, anciãos!", um conselheiro mais velho gritou, e todos caíram na gargalhada. Embora fosse sem dúvida gratificante a perspectiva de velhos soldados espremendo-se em suas armaduras, como precaução João divulgou discretamente nos círculos cavalheirescos da Europa que uma nobre aventura de cavaleiros estava prestes a acontecer.

Sob as instruções do rei, foi feito um levantamento sobre o número e as condições dos navios da nação. Os relatórios não foram encorajadores, e vieram ordens para derrubar uma parcela considerável das florestas reais e contratar todos os carpinteiros, calafates e tanoeiros disponíveis. Os carpinteiros navais de Portugal eram uma classe privilegiada; os portos do país tinham se tornado uma estação vital entre o Mediterrâneo e o norte da Europa, e muitos comerciantes italianos e marinheiros haviam se estabelecido lá, trazendo seus conhecimentos em desenho náutico e navegação. No entanto, não era nada parecido com o Arsenal de Veneza, uma linha de produção do Estado que fabricava navios enormes com uma frequência que surpreendia os visitantes. Logo ficou claro que a única maneira de montar rapidamente uma grande frota seria pagando por ela, e João mandou enviados à Espanha, Inglaterra e Alemanha para fretarem a maior quantidade possível de grandes navios. Para pagar por eles, João ordenou que os produtores de sal de Portugal lhe vendessem seus estoques a preços abaixo do mercado, revendendo-os em seguida com um grande lucro; e, para custear mais as despesas, exigiu que quem tivesse estoques de cobre e de prata os entregasse. As muitas moedas brilhavam e soavam dia e noite, enquanto o dinheiro era furtivamente desvalorizado. Para muitos dos comerciantes da nação, o empreendimento parecia ser uma parte desastrosa do disparate cavalheiresco.

Uma vez que uma grande frota de guerra dificilmente poderia ficar pronta fora das vistas, os homens do rei vieram com outra manobra. Sob o frágil pretexto de que alguns comerciantes portugueses tiveram seus bens furtados na Holanda, um embaixador foi enviado para declarar guerra aos holandeses. Assim que chegou, ele marcou um encontro clandestino com o conde governante e o colocou a par do que acontecia. O conde ficou lisonjeado de saber do segredo, e concordou em se comportar como se a ameaça fosse real. Quando a cena pré-arranjada foi encenada na corte, ele desempenhou seu papel de forma tão convincente que seus conselheiros tiveram que contê-lo, e a Holanda fingiu se preparar para a batalha.

De volta a Portugal, Henrique, o mais jovem e mais leal dos três príncipes conspiradores, foi despachado para o norte, para a antiga cidade do Porto, a fim de reunir metade da frota. A seu irmão Pedro foi dada a mesma tarefa em Lisboa. O rei se ocupou com a supervisão das armas e da artilharia e deixou seu filho mais velho, Eduardo, a cargo de correr o país — uma responsabilidade que, ao delicado príncipe de 22 anos, custou meses de noites sem dormir e

quase o levou a um colapso nervoso.

Por todo o país, armas eram limpas, alfaiates e tecelões faziam fardas, carpinteiros construíam baús de munição e fabricantes de cordas fiavam e torciam fibras de cânhamo. O biscoito do mar, o duro e seco alimento básico dos marinheiros, era cozido em grandes lotes. Novilhos e vacas foram abatidos em massa e sua carne foi esfolada, salgada e embalada em barris. Ao longo das docas, peixes eviscerados e salgados secavam ao sol, como pétalas de prata. O país ressoava com novas opiniões sobre o verdadeiro propósito da missão misteriosa: um ataque conjunto com a Inglaterra à França; uma Cruzada à Terra Santa para recuperar o Santo Sepulcro; até mesmo a guerra improvável com a Holanda.

Os vizinhos de Portugal estavam mais preocupados do que intrigados. Fernando de Aragão tinha sido informado primeiro de que Portugal iria atacar sua ilha de Ibiza, em seguida, o seu reino da Sicília, e, finalmente, a própria Castela, onde ele foi trancado em uma desconfortável corregência com Catarina, irmã de Filipa. Fernando despachou um agente secreto para Lisboa, desejando saber qual de suas possessões Portugal pretendia assaltar (caso houvesse, de fato, alguma intenção nesse sentido). Os governantes muçulmanos de Granada também decidiram descobrir o que estava acontecendo. Por uma recusa leal para se prostrar diante dos mouros ou por uma sensação de que esse desvio particular não tinha nenhuma desvantagem, João confundiu completamente os enviados dizendo-lhes primeiramente que não tinha intenção de atacar Granada e, depois, recusando-se a dar-lhes quaisquer garantias. Perplexos por sua prevaricação, eles resolveram ver Filipa. A principal mulher do emir de Granada, disseram à rainha, pediu a Filipa que interviesse perante seu marido, uma vez que ela sabia muito bem que os pedidos das mulheres tinham muito poder sobre seus companheiros. Como agradecimento, ela enviaria a Filipa as roupas mais caras para o casamento de sua filha.

"Eu não sei", Filipa respondeu arrogantemente, "quais possam ser os modos de seus reis com suas esposas. Entre os cristãos, não é costume de uma rainha ou princesa intrometer-se nos assuntos do marido." A primeira esposa, acrescentou ela no final de uma longa diatribe, poderia fazer o que quisesse com seus presentes. Os embaixadores finalmente tentaram extrair as garantias que queriam de Eduardo, com a promessa de mais subornos pródigos. "Aqueles de meu país que estão em lugares importantes", respondeu sarcasticamente o herdeiro do trono, "não têm o hábito de vender a sua boa vontade por uma soma de dinheiro, pois se eles assim o fizessem, mereceriam ser chamados de comerciantes e não senhores ou príncipes." Se oferecessem a ele todo o reino de Granada, acrescentou, não iria aceitá-lo — embora, mencionou ainda, o seu rei não tivesse realmente nada a temer.

No início de julho, a frota recém-concluída do jovem Henrique levantou âncora e navegou ao longo da selvagem costa atlântica de Portugal em direção ao sul. Depois de duzentas milhas, eles rodearam um cabo rochoso e se enfileiraram através de um canal estreito no amplo estuário do rio Tejo. À frente havia uma extensão de água calma que servira como um

espetacular porto de águas profundas durante dois milênios, e na margem norte, atrás dos novos estaleiros e armazéns que estavam se espalhando ao longo da beira-mar, a capital portuguesa se situava abaixo de um vale de pequenas colinas. Entre elas, um colar de cumes fortificados subia até a coroa defensiva da cidadela e de sua fortaleza, a antiga Alcáçova dos muçulmanos, que tinha renascido como o castelo de São Jorge.

Quando a notícia se espalhou, multidões desceram da cidade para assistir ao espetáculo marítimo. Numerosos barcos e outros 26 navios de mercadorias abriam o caminho, seguidos por seis navios de duplo mastro e, finalmente, ao soar de trombetas, sete navios de guerra de mastro triplo. A nau capitânia do príncipe era a última de todas. Cada embarcação mostrava um estandarte estampado com a cruz de oito pontas da Cruzada, enquanto bandeiras menores exibiam as cores douradas e a insígnia de Henrique. Dosséis bordados com o novo lema — "Poder para fazer bem" — cobriam os conveses dos sete navios, e cada marinheiro usava um traje de seda em sua vistosa farda, uma guirlanda de azinheira revestida de prata em um fundo branco, preto e azul. O príncipe e seus capitães usavam simples roupas de lã; Henrique era piedoso, mas já era um mestre em relações públicas.

Pedro navegou com oito navios reais e dezenas de embarcações menores, estas carregando as insígnias mais discretas do rei. Barcos de pesca e de rio de todas as formas e tamanhos foram convocados para ajudar no serviço de transportar as tropas e seus cavalos, bem como os suprimentos para os homens e os animais. Com a Inglaterra prestes a marchar em direção à França e Agincourt, apenas alguns cavaleiros estrangeiros tinham aparecido, principalmente os suspeitos habituais de irem a qualquer lugar por uma boa luta. Mesmo assim, o exército montado contava com mais de 19 mil homens: 5,4 mil cavaleiros, 1,9 mil arqueiros montados, 3 mil arqueiros não montados e 9 mil homens de infantaria. Foi uma grande força para um pequeno país que lutou para manter um exército em prontidão de 3 mil homens de armas.

Com mais soar de trombetas, a frota combinada ancorou a algumas milhas da costa atlântica. Para Henrique, esse foi um momento a ser saboreado, mas todos os pensamentos de celebração logo deixaram sua mente. Um dos navios estrangeiros levara a praga para Portugal, e seu escudeiro apressou-se em dizer-lhe que sua mãe estava morrendo. A esposa de João mudou-se para um convento no alto de um morro ao norte de Lisboa, e Henrique galopou até lá para se juntar à família.

Antes que adoecesse, Filipa mandara forjar três belas espadas, com bainhas e guardas douradas e cravejadas de pedras preciosas e pérolas. Ela tinha a intenção de ver os três filhos condecorados com estas espadas no momento da partida. Agora ela sabia que não seria testemunha orgulhosa da cena, e convocou os filhos para seu lado. Sua condição desesperada, foi dito, não poderia impedi-la de apresentar as espadas de seu leito de enferma, junto com instruções lúcidas sobre como cada um de seus angustiados filhos deveria comportar-se após

sua morte.

Em 19 de julho de 1415, aos 55 anos, Filipa faleceu. Em outro presságio sinistro, sua morte coincidiu com um longo eclipse do Sol. Conselheiros verborrágicos de João aconselharam-no a adiar a partida por um mês, até que as cerimônias fúnebres pudessem acontecer e a praga tivesse desaparecido. Em vez disso, a rainha foi enterrada na calada da noite, com uma pressa quase indecente por causa do calor do verão, como foi explicado, e um breve funeral foi realizado no dia seguinte, com uma enorme multidão gritando fora da igreja. O memorial de Filipa seria a Cruzada que ela tinha tão vigorosamente encorajado; o luto ficaria para outra hora.

Henrique, assumindo a liderança, como de costume, convidou seus irmãos para jantarem a bordo de sua nau. Ele içou as bandeiras, levantou os dosséis e ordenou aos trombeteiros que escalassem os mastros e tocassem uma alegre melodia. Era um domingo, e os outros capitães ficaram perplexos. Eles remaram, ouviram que sua partida era iminente e se apressaram em jogar fora as roupas de luto.

Três dias depois, numa sexta-feira, 26 de julho — dia de São Tiago —, a frota levantou âncora e se afastou a partir de uma Lisboa subjugada. Conforme as multidões se reuniam nas colinas e viam as velas recuarem em direção ao horizonte, perguntas eram feitas. Como poderia o rei ter permitido tal regozijo enquanto o corpo de sua mulher ainda estava quente? Seria influência do jovem Henrique, a quem o rei tinha sempre considerado mais homem do que seus irmãos? Caçar javalis na floresta real era uma coisa, mas matar guerreiros armados era outra completamente diferente. Será que os jovens príncipes achavam que a batalha iminente seria mais um torneio em que ninguém ousaria derrubá-los do cavalo? Apesar de tudo, talvez isso poderia chegar a um final ruim.

O medo dos céticos em breve parecia se confirmaria, pois a grande missão rapidamente se transformou em um fiasco desesperado.

A dois dias do porto, o rei João ordenou à frota que ancorasse e finalmente deixasse as tropas em seu destino. O confessor do rei pregou um sermão de agitação e leu a bula papal que reiterava o direito de Portugal à cruzada contra os infiéis e concedia a absolvição a todos aqueles que morressem na batalha. Entre as fileiras, muitos estavam tão confusos que pensaram ser mais um truque.

O exército mal tinha sido exortado à selvageria gloriosa quando os ventos pararam. Durante uma semana a frota flutuou em torno da costa sul de Portugal. Finalmente, em 10 de agosto, ela rumou para o estreito de Gibraltar, para a consternação dos muçulmanos que ainda controlavam o pilar oposto de Ceuta. Os barcos foram em direção ao navio do rei, carregando todos os tipos de presentes caros. Ele os aceitou, e sem rodeios recusou-se a prometer paz.

A vasta armada tinha deixado igualmente atônitos os castelhanos que viviam na ilhota de Tarifa, próxima à costa. De acordo com um depoimento, eles foram dormir acreditando que os navios eram fantasmas; acordaram numa manhã enevoada em que nada podia ser visto no mar

e só foram sacudidos de seus devaneios quando de repente o Sol iluminou a frota, estando ela à deriva diante de suas muralhas. Quando os portugueses ancoraram fora do porto mais próximo, o porto castelhano de Algeciras, o governador apareceu na praia com um rebanho considerável de vacas e ovelhas e enviou seu filho para oferecê-lo ao rei português. João disse estar bem contente, mas explicou que seus navios foram bem aprovisionados. Sentindo necessidade de fazer uma exibição, o filho do governador saltou em um cavalo e galopou ao longo da praia esfaqueando os animais até a morte. João educadamente elogiou o esforço e agradeceu-lhe por seu ato.

Depois desse interlúdio dramático, o rei reuniu seu conselho e resolveu atacar Ceuta na segunda-feira seguinte. Eles partiram assim que um denso nevoeiro avançou do Atlântico. O pior estava por vir. Fortes correntes e ventos intensos sempre fizeram com que o estreito fosse notoriamente difícil de navegar, mas a falta de experiência dos marinheiros portugueses tornou isso impossível. As tropas comandadas por Pedro foram varridas para Málaga, o principal porto da Granada muçulmana, enquanto os navios reais foram levados diretamente para Ceuta, apenas para serem forçados, por uma súbita mudança de vento, a levantar âncora e pegar o caminho de volta para o lado oposto da península. Os estandartes da cidade se alinhavam no alto dos montes da cidadela, com suas duas chaves que simbolizavam o controle de Ceuta da entrada para o Mediterrâneo e da saída para o oceano. Balas de canhão eram arremessadas das muralhas, mas os navios conseguiram manter-se fora de alcance.

Quando o restante da armada não apareceu, o rei mandou que Henrique fosse à sua procura. Ele encontrou metade das tripulações de seu irmão subjugada pela praga e o restante gemendo de enjoo. Com tudo isso, além do nevoeiro e das correntes traiçoeiras, eles pareciam prestes a desistir. Henrique deu as ordens de seu pai, e finalmente a frota rumou para Ceuta.

Imediatamente uma tempestade irrompeu e levou toda a frota de volta para a Espanha. O rei e seus comandantes foram para seus barcos, remaram até uma praia castelhana e realizaram um conselho de guerra na areia. Muitos dos conselheiros de João argumentaram que ele deveria prestar atenção aos sinais de alerta e voltar para casa; outros sugeriram que ele lançasse um ataque que salvasse o seu orgulho nas proximidades de Gibraltar. O rei respondeu corajosamente que preferiria escolher a morte certa a abandonar seu dever cristão. Na realidade, não havia escolha: ele tinha feito um alvoroço tão grande que desistir nos últimos minutos faria dele o motivo de riso da Europa.

Finalmente, a frota conseguiu voltar para o litoral africano.

De seus postos de observação, os defensores, bestificados, viram os primeiros navios portugueses se aproximarem e rapidamente desaparecerem. O velho governador julgou que alguma coisa estava acontecendo e, como precaução, mandou buscar reforços no continente. Peste e fome tinham varrido o Marrocos, e as defesas da cidade contavam com poucos homens. No entanto, uma vez que os cristãos pareciam incapazes de ir na direção certa e aparentemente recuavam pelo estreito, ele acabou enviando muitas das novas tropas para casa.

Para os portugueses, o mau tempo acabou sendo uma bênção disfarçada.

Naquela noite, o povo acendeu uma luz em cada janela de Ceuta para fazer crer que a cidade era defendida por uma grande multidão. No mar, a luz de mais tochas e lanternas brilhava sobre as águas enquanto o exército se preparava para o ataque. Ao nascer do Sol, os portugueses entraram em ação, afiando as espadas, rebitando a pesada armadura, praticando golpes com seus machados, confessando seus pecados aos sacerdotes e quebrando barris ao meio para vorazmente se saciarem das melhores comidas. Havia chegado o dia da primeira guerra colonial da Europa desde o tempo das Cruzadas orientais.

Os tropeços da frota revelaram o quão pouco sabia o rei João sobre navegação; mas ele tinha a experiência de uma vida de luta em terra. Sua jornada não intencional fora de Ceuta havia lhe dado bastante tempo para formar um plano. Seu contorno era simples. O objetivo era tomar a fortaleza. Sem ela, os portugueses estariam expostos ao ataque; com ela, a cidade estaria aos seus pés.

O rei levou o corpo principal de sua armada de guerra para a frente das muralhas da cidade. Era um engodo: o ataque começaria com um assalto ao Monte Hacho. Um grupo menor de navios navegou ao redor da colina e ancorou na praia aos seus pés. Entre eles estava o navio real de Henrique. Muito antes de a armada ter se estabelecido, ele pedira a seu pai para deixá-lo liderar a primeira ação, e o rei tinha cedido, como de costume.

À medida que suavam sob o Sol quente e os inimigos os provocavam, agitando suas armas na praia, vários cavaleiros, nervosos, foram para os barcos sem esperar a ordem de atacar. Para sua grande irritação, Henrique ficou observando de seu navio enquanto eles seguiam para a terra e os combates começavam. Ele pulou em um barco, mandou as trombetas soarem e lançou-se no corpo a corpo.

Os portugueses rapidamente empurraram os defensores contra a muralha que cercava a base da colina e os seguiram como um enxame por um portão. No meio da confusão, Henrique, de repente, viu seu irmão Eduardo lutar à sua frente. Supostamente, e assim que puderam, os dois encontraram tempo para trocar delicadezas. Em meio à sua decepção, Henrique sorriu e agradeceu a Deus por dar-lhe um companheiro tão bom. “E a vós, Senhor”, respondeu Eduardo, fazendo uma referência à chegada tardia de seu irmão, “eu te agradeço mil vezes por sua boa vontade em vir em nosso auxílio.”

Um guerreiro muçulmano, bem mais alto do que qualquer outro, fazia picadinho dos cristãos; estava armado apenas com pedras, mas jogava-as com a força de uma catapulta. Um cronista português observou, pitorescamente, que ele estava nu e era “negro como um corvo, e tinha os dentes muito longos e brancos, e seus lábios, que eram carnudos, estavam esgarçados”. Compunha uma figura assustadora, mas caiu trespassado por uma lança e seus companheiros, encurralados, se apoiaram contra um segundo portão que dava para a cidade.

Quinhentos portugueses acotovelavam-se atrás deles pelos becos estreitos. Logo estavam completamente perdidos, e para poderem se situar, Henrique e seu irmão subiram o que

parecia ser um pequeno morro, mas que descobriram ser o monte de estrume da cidade. Assim que os defensores os cercaram, permaneceram sobre a montanha de esterco, rechaçando os ataques e esperando para serem resgatados. Ninguém chegou. Um grande grupo de homens de Henrique tinha decidido se cobrir de glória, ignorando os portões abertos e atacando um portão firmemente fechado. À medida que eles golpeavam com seus machados e tentavam incendiar as madeiras, os defensores atiravam pedras contra suas cabeças de cima das muralhas e mais deles foram mortos.

Os dois príncipes dividiram suas tropas em grupos e, finalmente, saíram de seu monturo. Eduardo rumou em direção às muralhas da cidade, desafivelando e jogando fora a placa de sua armadura para que pudesse subir mais rápido no calor que aumentava. Mais uma vez Henrique foi deixado para trás; e então ele tirou a cota de malha e correu atrás do irmão.

O rei João ainda estava a bordo de seu navio, no lado oposto da cidade, sem saber que a batalha já ocorria, e impacientemente esperava que algum inimigo aparecesse na costa. Por fim, ele enviou Pedro à segunda frota com a ordem para atacar. Quando o príncipe voltou e explicou que não havia mais ninguém a bordo dos navios, o rei soou o sinal para um ataque total. Foi reportado diplomaticamente que João "de modo algum dissimulou sua alegria", mas seus cavaleiros deixaram seus sentimentos ainda mais claros. Eles correram em direção às paredes, enciumados que seus companheiros tivessem ganhado o dia e apavorados com a perspectiva de que os melhores despojos já pudessem ter sido pegos. Uma vez lá dentro, se espalharam e começaram o saque. Havia muito para retê-los; as ruas de Ceuta eram cheias de belíssimas mansões e palácios. "Nossas casas pobres parecem pocilgas se comparadas a estas", uma testemunha relatou francamente. Mais soldados quebravam as portas baixas e estreitas das casas menores e deparavam-se com dezenas de famílias assustadas. Alguns estavam armados; muitos simplesmente lançaram-se contra seus agressores. Outros correram para jogar fardos de seus pertences em poços ou enterrá-los em um canto, na esperança de recuperá-los quando a cidade fosse retomada. Gradualmente, os atacantes foram oprimindo-os, e muitos foram mortos.

O rei, mesmo se quisesse, não estava em condições de deter o caos. Havia sido ferido na perna assim que chegara à costa, e sentou-se fora do portão da cidade. A fim de preservar sua dignidade, informou-se mais tarde que, em vez de juntar-se à briga, ele havia decidido resguardar sua pessoa real para o ataque à fortaleza, uma vez que a cidade já estava tomada.

Com Eduardo e suas tropas ocupadas lutando para chegar ao topo das muralhas da cidade, Henrique decidiu retomar a iniciativa atacando sozinho o castelo. À medida que descia pela rua principal que levava até a cidadela, encontrou centenas de portugueses fugindo de uma multidão enfurecida de marroquinos. Henrique baixou a viseira e enfiou os braços nas alças de seu escudo. Esperou até que seus compatriotas passassem por ele e atirou-se em seus perseguidores. Quando reconheceram seu príncipe, os portugueses retornaram para segui-lo, e

os muçulmanos fugiram pela rua com os cristãos em franca perseguição a eles.

Quando os defensores chegaram à parte de trás das fábricas dos mercadores ao longo da costa, eles se viraram e atacaram novamente. Mais uma vez os soldados portugueses recuaram. Henrique correu para o inimigo em um acesso de raiva, e eles bateram em retirada por um portão próximo que levava à cidadela.

O portão foi colocado em uma parede grossa com ameias. Atrás dela havia uma torre furada com fendas para flechas protegendo um segundo portão, seguido por uma passagem que terminava em um terceiro e último portão que, por sua vez, levava para dentro do castelo. À proporção que o ataque chovia das ameias, Henrique empurrou o primeiro portão com apenas dezessete homens — assim foi reportado — ao seu lado. Muitos dos outros tinham desaparecido para saquear ou encontrar água, e outros tinham simplesmente ficado esgotados. Vários foram mortos, incluindo o chefe de criadagem de Henrique, que morreu enquanto resgatava seu impetuoso jovem amigo. Henrique tentou arrastar os homens feridos para longe dali e entrou em um horrível cabo de guerra por um cadáver.

Por duas horas e meia, foi dito mais tarde, o jovem príncipe batalhou para seguir adiante em um combate mão a mão. Seus dezessete companheiros foram reduzidos a quatro, mas, de alguma forma — talvez porque os defensores nas muralhas estivessem com medo de atingir seu próprio povo —, eles se esgueiraram para o interior do segundo portão. Atacaram, penetraram pelo terceiro portão e tomaram a fortaleza. Quando o rei João finalmente chegou ao local, encontrou-o já abandonado. Assim alega o relato oficial. Muito mais provável é que os poucos defensores remanescentes tenham analisado a situação e decidido lutar outro dia. A maioria dos civis já havia fugido no momento em que foi dada à guarnição a ordem de bater em retirada; o restante, se pudesse, seguiria o exemplo.

Na manhã seguinte, a cidade ecoava com os gritos dos feridos e o estrépito dos soldados tentando desenterrar novos tesouros. Em sua busca frenética por ouro, destruíram tapeçarias, sedas, óleos e especiarias de imenso valor. "Esta destruição causou muito lamento entre aqueles de origem mais humilde", relatou devidamente um cronista, embora acrescentando de forma não muito convincente que as pessoas "respeitáveis e nobres não se preocupam com tais coisas". Alguns comerciantes genoveses que tinham sido pegos no fogo cruzado tardiamente se ofereceram para ajudar os conquistadores, mas os portugueses, amparados por sua vitória, os acusaram do crime inventado de comerciar com os infiéis, e pelo menos um foi torturado para que revelasse o paradeiro de seus objetos de valor. Outro grupo de soldados invadiu uma enorme cisterna subterrânea. Enquanto olhavam para a escuridão, maravilhados com as paredes cobertas de azulejos pintados e as abóbadas sustentadas por trezentas colunas, perceberam marroquinos encolhidos se escondendo em suas profundezas. Destruíram a cisterna com o povo da cidade dentro.

Naquele domingo, o rei João ordenou que uma missa fosse realizada no local mais alto da principal mesquita de Ceuta. Primeiro ela teve que ser bem limpa. Os mouros, explicaram os

cronistas, tinham o hábito de colocar novos tapetes de oração sobre os velhos e desgastados, que então tiveram de ser escavados com pás e carregados em cestas. Após a lavagem ritual, o rei, os príncipes e alguns nobres se reuniram, enquanto os sacerdotes exorcizavam os fantasmas do Islã com sal e água. Então, com toques de trombeta e o *Te Deum*, eles dedicaram o edifício a Cristo.

Depois da missa, os três príncipes ajustaram as armaduras e penduraram nos cintos as espadas de sua mãe. Marcharam para a nova igreja atrás de uma fileira de trombeteiros e tambores, ajoelharam-se perante o pai e foram sagrados cavaleiros. Logo depois, navegaram de volta para casa, onde tiveram uma recepção de vitoriosos, deixando para trás 3 mil soldados para defender a cidade dos marroquinos, que já atiravam sorrateiramente das muralhas.

A conquista da famosa cidade fortaleza em um único dia deixou toda a Europa atônita — mesmo que, um mês mais tarde, o fato fosse ofuscado pelas notícias de que o rei Henrique v da Inglaterra, que, tal como os príncipes portugueses, era neto de João de Gaunt, tinha embarcado na sua tão esperada invasão da França. Os três jovens príncipes haviam anunciado a entrada de seu país como uma potência cruzada em estilo espetacular, e pelo menos um dos três não tinha intenção de parar por aí. Os portugueses perseguiram seus antigos mestres por todo o braço de mar turbulento pelo qual haviam chegado e, desajeitadamente no começo, mas depois num movimento crescente, continuariam a perseguir o Islã por toda a face da Terra.

Foi apenas muito mais tarde que o assalto a Ceuta seria visto como um retrato de toda a odisseia de Portugal no exterior. Ela tinha sido gerada pela luta amarga entre os cristãos e muçulmanos na Ibéria. Tinha sido idealizada pelo zelo da juventude. Tinha sido alimentada pelo esforço coletivo, querendo ou não, de todo um povo. Tinha quase sofrido um fim dolorosamente prematuro. Graças em parte à forte coragem e em parte à pura sorte, ela tinha causado uma profunda impressão no mundo. E tinha deixado um legado que pesaria sobre a ambiciosa e jovem nação nos séculos vindouros.

# 4. O Mar Oceano

Henrique, príncipe de Portugal, ergue-se fustigado pelos ventos em um promontório rochoso na ponta sudoeste da Europa. Solitária figura vestida em trajes de monge, ele olha para a África, planejando novas missões para explorar os desconhecidos cantos do mundo. Às suas costas está a grande escola que ele fundou, onde os mais competentes cosmólogos, cartógrafos e pilotos da época reuniam-se para fazer avançar a ciência da navegação. À medida que as tripulações retornavam de suas ousadas missões, ele questionava-as e adicionava as informações mais recentes à sua coleção incomparável de mapas, gráficos e contos dos viajantes. Ele não é mais Henrique, o Cruzado: ele é Henrique, o Navegador, descobridor de mundos.

Assim, a lenda cuidadosamente cultivada continua. A verdade é bem diferente. Henrique nunca pôs os pés em um navio oceânico. Sua escola nunca existiu como instituição formal, embora ele tenha se interessado pela astronomia e tenha oferecido trabalho a muitos cartógrafos. Ele usava uma *hair shirt* (espécie de roupa feita de pano grosso ou pelos, para induzir desconforto) — diz-se que tinha sido celibatário por toda a vida — e era um dedicado estudante de teologia, mas gostava igualmente de dar festas muito extravagantes. Ele foi o primeiro homem a planejar uma campanha para explorar o oceano, e mesmo assim suas explorações começaram sendo pouco mais do que um tipo de pirataria.

A carreira de Henrique como corsário começou logo depois de ele ter ganhado suas esporas em Ceuta. Seus navios começaram a se espalhar pela costa do Marrocos e a interceptar a navegação muçulmana no Mediterrâneo, embora em algumas ocasiões eles não estivessem acima de atacar os próprios comerciantes cristãos, e em um caso atraindo queixas amargas do rei de Castela. Sua primeira descoberta de terras desconhecidas veio diretamente de suas atividades de invasão. Em 1419, uma tempestade levou dois de seus capitães para um desabitado arquipélago no meio do Atlântico, e no ano seguinte uma expedição foi enviada para reivindicar as ilhas para a coroa. Madeira, disse um marinheiro, encantado, era "um grande jardim, e todos colhiam recompensas de ouro", apesar de Henrique, como seu senhor por toda uma vida, tenha colhido mais do que a maioria. Madeira foi rapidamente colonizada, e o primeiro menino e a primeira menina nascidos dos pioneiros foram nomeados Adão e Eva.

Henrique rapidamente desenvolveu o gosto pela descoberta, mas os produtos da pirataria somente levariam seus navios até aí. Suas perspectivas mudaram quando, em 1420, o rei João pediu ao papa que anunciasse seu filho favorito como chefe de assembleia/congregação portuguesa de uma ordem infame de monges guerreiros.

No restante da Europa, os Cavaleiros Templários tinham sofrido uma queda tão rápida

quanto sua ascensão espetacular. Quando os Templários foram deslocados da Terra Santa, sua aura de santidade desgastou-se rapidamente. No entanto, eles mantiveram uma vasta rede de fortalezas, quintas e cidades inteiras que atingiu profundamente a sociedade europeia. O Templo em Londres foi o depositário de grande parte da riqueza da Inglaterra, incluindo os valores do rei, dos nobres, dos bispos, de muitos comerciantes e, por um tempo, das joias da coroa. O Templo em Paris era uma fortaleza cerrada, rodeada por um fosso e encerrando um complexo do tamanho de uma aldeia, a partir da qual a ordem administrava o Tesouro da França. O poder deles era prodigioso, e as maiores cabeças coroadas da Europa tinham finalmente começado a se ressentir da presença de tantos magnatas de cota de malha em seu meio, com sua disciplina monástica e seu exército de prontidão, seus tesouros temíveis e sua comunicação direta com o papa. No início do século XIV, o rei francês Felipe, o Belo, que estava, não por coincidência, em grande dívida para com os Templários, mandara prender os cavaleiros com as costumeiras acusações falsas de heresia, blasfêmia e sodomia, e havia coagido o papa a dissolver o edifício Templário por inteiro. Dezenas de pessoas foram queimadas na fogueira em Paris, incluindo o grande mestre, um homem idoso que confessou na cremalheira, retratou-se de sua declaração em seguida e insistiu em sua inocência enquanto era consumido pelas chamas, com as mãos unidas em oração.

Apenas na Ibéria a fé nos monges guerreiros continuava forte. Apesar de sua fama dever-se à sua defesa da Terra Santa, os Templários tinham sido muito ativos na Europa ocidental desde o início. Eles foram a vanguarda na Reconquista, operando em castelos nas fronteiras com o Islã e povoando grandes extensões de terras recém-apreendidas, e, para as jovens nações cristãs, seu zelo e cobiça tinham sido indispensáveis. Em Portugal, eles nunca desapareceram; como uma concessão para a sua recém-conquistada notoriedade, apenas mudaram o nome para Ordem de Cristo. Todo o resto, incluindo a sua riqueza substancial, ficou intacto.

Quando o papa concordou com o pedido do rei, Henrique subitamente teve recursos para realizar suas ambições, enquanto os Templários, em sua nova encarnação, tiveram uma sobrevida inesperada como os patrocinadores da Era dos Descobrimentos. Mesmo assim, a exploração estava longe de ser a primeira preocupação de Henrique. Em vez disso, ele desperdiçou enormes quantidades de dinheiro e mão de obra em uma briga feroz das ilhas Canárias com Castela, que as reivindicava para si, e com os habitantes da Idade da Pedra da ilha, que cobriram Henrique de humilhação militar ao enfrentar seus exércitos três vezes seguidas. Com ardor ainda maior, ele fez campanha para continuar seu heroísmo em Ceuta, em outra Cruzada marroquina.

Ceuta tornara-se o ouro de tolo para Portugal. Mercadores muçulmanos tinham desviado rapidamente o comércio das caravanas para a vizinha Tânger, e os armazéns da orla marítima de Ceuta permaneceram obstinadamente vazios. A colônia estava permanentemente sob cerco. Em pouco tempo, todas as casas fora dos muros de terra tiveram que ser demolidas, uma vez que os moradores do local continuaram utilizando-as para lançar ataques. As tropas estavam

mal alimentadas e eram forçadas a suportar coros de escárnio dos navios espanhóis que passavam, e o destacamento tornou-se tão impopular que a guarnição teve que ser reforçada com condenados que, em troca, escapavam de suas sentenças. A ocupação permanente de um posto de fronteira isolado, que recebia suprimentos do exterior, foi um dreno terrível para os escassos recursos de Portugal, e muitos portugueses reclamavam que continuar com isso era um ato de loucura.

Não para Henrique. Para o príncipe sedento de glória, o desastre era um argumento para fazer mais, não menos. O mundo islâmico não controlava mais os Pilares de Hércules, os guardiões de pedra do portão para o grande desconhecido. Pela primeira vez em sete séculos, a cristandade tinha um ponto de apoio no continente da África. A vitória, insistiam ele e seus partidários, era a prova de que a bênção de Deus brilhava sobre sua nação, e a fé e a honra exigiam que eles avançassem. Afinal, a África do Norte tinha sido território cristão. Recuperá-lo para Cristo não seria certamente apenas avançar com a Reconquista?

Durante anos, Henrique pressionou em vão seu pai para lançar um ataque contra Tânger. Quando João morreu, muito lamentado, em 1433, e foi sucedido pelo letrado Eduardo, Henrique voltou todos os seus poderes de persuasão sobre o irmão mais velho. Eduardo cedeu, e Henrique cuidou pessoalmente da nova Cruzada. Ele seguiu em frente, confiante como sempre, mas sem qualquer tipo de subterfúgio que tinha amealhado tais recompensas em Ceuta. Quando os navios fretados não chegaram a tempo, ele se recusou a se atrasar, mesmo que metade do exército tivesse que ser deixado em Portugal. Assim, 7 mil homens lotaram as embarcações disponíveis e partiram para a África, e Henrique despertou a ira deles com diatribes cada vez mais intolerantes contra o Islã. No entanto, enquanto os portugueses marchavam até os portões de Tânger, acenando uma bandeira que representava Cristo em uma armadura e brandindo uma parte da Verdadeira Cruz enviada pelo papa, até mesmo Henrique começou a perceber que a fé, por si só, não iria ganhar a luta. Tânger era muito maior e muito mais bem defendida que seu porto vizinho. A artilharia portuguesa era muito leve para quebrar as resistentes paredes e suas escadas muito curtas para escalá-las, e os sitiantes se viram cercados em suas paliçadas no acampamento perto da praia. À medida que mais forças muçulmanas entravam na cidade e a visão usual de cruzes entre as nuvens não realizavam sua magia, centenas de cavaleiros de Henrique, incluindo vários membros de sua própria casa, voltaram para os navios, abandonando-o. A única moeda de troca que sobrou era Ceuta, e seus enviados prometeram rendição em troca de passagem segura às tropas restantes. Henrique entregou seu jovem irmão Fernando como refém, retirou-se para Ceuta e deitou-se na cama, recusando-se a responder as repetidas convocações para voltar para casa e explicar a calamidade.

Ele nunca teve a intenção de honrar o acordo. Fernando definhava em uma cela de Marrocos e Ceuta decompunha-se em mãos portuguesas. O rei Eduardo morreu no ano seguinte, aos 46 anos, provavelmente pela praga, e não, como foi amplamente aceito, por causa

de um coração partido. Depois de cinco anos, durante os quais ele foi cada vez mais maltratado e tinha suplicado a seus irmãos em cartas angustiantes para negociarem sua soltura, Fernando sucumbiu misericordiosamente a uma doença fatal. Embora pudesse ter ficado atormentado intimamente, Henrique insistia em público que seu irmão mais jovem — que foi postumamente premiado ao ser apelidado de príncipe Constante — estava mais do que pronto para morrer como um mártir pela causa.

Henrique, o filho mais novo que teria sido rei, pagou um terrível preço por sua ambição desenfreada. Vivendo ainda em uma época de fanatismo religioso, sua implacável sede por glória lutando contra os infiéis, embora o tenha levado a lugares escuros e tortuosos, foi vista por muitos como a marca de um verdadeiro herói cavalheiresco e digno de louvor.

Henrique voltou para o mar. A cada ano suas missões chegavam um pouco mais abaixo na costa atlântica de Marrocos, e, gradualmente, ele formou um novo e ousado plano.

Como muitos europeus educados, ele estava bem ciente dos insistentes rumores de que uma mina de ouro fabulosamente rica tinha sido localizada em algum lugar nas profundezas da África subsaariana, uma vasta região que, a partir de seu nome berbere, os portugueses chamavam de Guiné. Um mapa largamente influente, o Atlas Catalão de 1375, retratou um comerciante muçulmano em um camelo aproximando-se do lendário imperador Mansa Musa em sua capital, Timbuktu. O pesadamente coroado Mansa Musa detém uma enorme pepita de ouro e senta-se em seu trono sobre o coração do continente. "Tão abundante é o ouro que se encontra neste país", diz a legenda no mapa, "que ele é o rei mais rico e mais nobre daquelas terras."

O fascínio era compreensível. A Europa tinha quase esgotado suas minas auríferas e precisava desesperadamente de ouro para manter sua economia. Dois terços das importações de ouro chegavam em sacos pendurados em camelos que tinham viajado pelo deserto do Saara, embora os cristãos tivessem sido quase que inteiramente excluídos do interior africano. Explorar o ouro na fonte, previu Henrique, traria um benefício duplo: enriqueceria a nação e empobreceria os comerciantes muçulmanos que eram os que mais se beneficiavam com o comércio.

A localização das minas, no entanto, permaneceu um segredo bem guardado, e a frustração que inevitavelmente aumentava deu origem a uma onda de especulação selvagem.

A partir do século xiv, os cartógrafos da Europa começaram a desenhar um rio muito longo, que praticamente dividia a África de leste a oeste. O rio foi nomeado Río del Oro, ou o Rio do Ouro, e do outro lado do continente os mapas mostravam-no dividindo uma grande ilha que parecia o umbigo do tronco da África. Foi aí que Henrique estava convencido de que o ouro deveria ser encontrado, e à medida que seus navios iam mais adiante para o sul, ele começou a sonhar em navegar o Rio do Ouro e em alcançar o tesouro.

Havia um obstáculo evidente. Em quase todos os mapas do mundo, o Atlântico era uma pequena poça de água azul à esquerda, e abaixo dela o continente africano corria para fora da borda da página. O último recurso mostrado na costa era geralmente uma protuberância modesta, cerca de quinhentos quilômetros ao sul de Tânger, com o nome de cabo Bojador.

Esse nome amedrontou gerações de marinheiros, e lendas macabras foram criadas em torno dele. Bancos de areia ilimitados tornavam impossível aproximar-se da costa sem ficar ilhado. Violentas correntes marítimas varriam os barcos rumo ao desconhecido. Fluxos de fogo corriam no mar e faziam a água ferver. Serpentes marítimas esperavam para devorar os intrusos. Gigantes se levantavam do oceano e suspendiam um navio em suas mãos. Homens brancos ficavam negros pelo calor escaldante. Ninguém, acreditava-se, poderia passar o cabo e viver para contar a história.

Henrique recusou-se a ser intimidado. Quando, em 1433, seu escudeiro Gil Eanes voltou para casa e admitiu que sua equipe estivera muito amedrontada para se aproximar do temido cabo, o príncipe mandou-o de volta com ordens estritas de não retornar até que o trabalho fosse feito.

O pequeno navio de Eanes rastejou até o temível promontório. As ondas e as correntes eram fortes; os baixios avançavam por um bom caminho adiante da costa; nevoeiros e cerrações obscureciam o caminho; os ventos cortantes tornavam sem dúvida mais complicado ir para casa. No entanto, passadas as dunas de areia vermelha do promontório, a costa se arrastava monotonamente diante deles. Os perigos eram um mito, talvez espalhados pelos muçulmanos para manter os europeus longe de suas rotas de caravanas. Eanes voltou em triunfo e foi sagrado cavaleiro, e Henrique alardeou a superioridade dessa geração de sábios e marinheiros.

Dez anos depois, em 1443, Henrique convenceu seu irmão, Pedro, então regente de Portugal após a morte de Eduardo, a conceder-lhe um monopólio pessoal sobre todo o transporte para o sul do cabo Bojador.

Reivindicar o oceano como sua possessão foi uma jogada ousada mesmo para o príncipe empreendedor, e precisava ser apoiada com ações. Havia muitos marinheiros portugueses com experiência no mar e entusiasmo para viver aventuras fora deste mundo, e Henrique foi forçado a olhar para o exterior em busca de novos recrutas. Convenientemente, suas propriedades particulares no Algarve — o nome veio do árabe *al-Gharb*, ou "o oeste" — estavam perto do ponto de Sagres, um achatado promontório no ponto extremo do sudoeste da Europa. Com o mau tempo, navios vindos do Mediterrâneo para o norte da Europa se abrigavam atrás de seus penhascos, e Henrique enviou seus homens ao encontro de cada navio. Eles exibiam amostras das porcelanas que seus exploradores tinham recolhido, falavam sobre a descoberta de novas terras e as fortunas a serem feitas lá e persuadiam os marinheiros a se alistarem em suas frotas.

Na realidade, os navios de Henrique voltaram para casa com pouco mais do que peles e

óleo do que havia se tornado um abate anual em massa de focas, embora em 1441 um capitão tenha retornado com "dez negros, dos sexos masculino e feminino [...] um pouco de pó de ouro e um escudo de couro de boi, e uma boa quantidade de ovos de avestruz, de modo que um dia havia na mesa do príncipe três pratos destes, tão frescos e bons como se fossem ovos de qualquer outra ave doméstica". "E podemos muito bem presumir", acrescentou nosso informante, "que não havia outro príncipe cristão nessa parte da cristandade que tivesse pratos como estes em cima de sua mesa." Mesmo assim, muitos marinheiros audaciosos acharam os agrados de Henrique impossíveis de resistir. Alvise Cadamosto, um cavalheiro aventureiro de Veneza, estava a caminho de Flandres quando seu navio foi soprado em direção à costa do Algarve. Ele foi imediatamente abordado por recrutadores de Henrique e ficou impressionado com as maravilhas da África. "Eles se identificavam tanto com esse esforço", recordou ele, "que eu, com os outros, muito me admirei. Eles, assim, despertaram em mim um desejo crescente de ir para lá. Eu perguntei se o dito senhor permitiria qualquer um que desejasse velejar e me foi dito que sim." Como muitos outros de lugares distantes como a Germânia e a Escandinávia, Cadamosto pulou do barco e alistou-se na hora.

Dinheiro, tanto quanto pessoal, estava sempre em falta em Portugal, e mesmo com a chave para o tesouro dos Templários, Henrique não poderia financiar o caro negócio de exploração por tempo indeterminado. Ricos financistas italianos se estabeleceram em Lisboa, e Henrique habilitou mercadores genoveses, florentinos e venezianos a equiparem navios e patrocinarem viagens, sempre reservando uma parte dos lucros para si mesmo. A nova política valeu a pena: em 1445, ao todo, 26 navios rumaram para a África flutuando com as cruzes vermelhas dos Templários da Ordem de Cristo de Henrique.

Nesse momento, os carpinteiros navais e as tripulações do príncipe haviam encontrado o navio ideal para explorar as costas e, igualmente importante, voltar para casa. A caravela era uma embarcação estreita e de pequeno calado, que poderia margear a costa e entrar nos rios. Era equipada com velas latinas, ou triangulares — trazidas por árabes do oceano Índico —, que respondiam à mais leve brisa e tornavam possível velejar mais próximo ao vento do que permitiam as tradicionais, quadradas. Com uma cabine solitária na popa, era também terrivelmente desconfortável, e o avanço era dolorosamente lento. À medida que as frotas abriam seu caminho para baixo pela costa do Saara, uma vigilância constante tinha que ser mantida em relação a ondas grandes que apontavam cardumes e bancos de areia à frente. O litoral teve que ser mapeado; ilhas tiveram que ser exploradas. O chumbo e a linha precisavam ser mergulhados para sondar as profundezas, e à noite todo o trabalho tinha de ser suspenso. Mais ao sul, correntes fortes arrastaram as caravelas em direção à costa, e eles foram forçados a navegar vendo a terra. Para voltar para casa, foram mais adiante no Atlântico, alinhavando as embarcações e navegando em zigue-zague contra os ventos do nordeste, até que estivessem longe o suficiente ao norte para pegar os ventos do oeste que os mandavam de volta a Lisboa.

Ainda havia muitas recompensas. O antigo enigma de para onde os pássaros iam estava resolvido: no inverno do Saara os marinheiros encontraram andorinhas, cegonhas, rolas e tordos, enquanto no verão eles viram falcões, garças e pombos que passavam o inverno na Europa. Estranhos peixes-espadas e rêmoras caíam em suas redes, e a carne e os ovos de pelicanos vistosos e de elegantes flamingos trouxeram uma exótica mudança na dieta. Assim que chegavam à terra, ficavam maravilhados com as infinitas vistas de areia e rochas e a variedade de criaturas que viviam nelas. Havia ratos maiores do que coelhos e cobras que poderiam engolir uma cabra; órix do deserto e avestruzes; um grande número de gazelas, cervos, ouriços, cães selvagens, chacais e outros animais completamente desconhecidos. Enxames de gafanhotos vermelhos e amarelos enchiam o ar por milhas ao redor, obscureciam o sol por dias e, onde quer que se estabelecessem, destruíam tudo o que estivesse na superfície. Tornados faziam a terra estéril florescer em um único dia, e tempestades de areia rugiam como incêndios monstruosos que, violentamente, lançavam em torno tartarugas e pássaros como se fossem folhas.

À medida que fincavam cruzes de madeira para anunciar que a terra tinha sido tomada para Cristo e começavam a fazer contato com as pessoas locais, os exploradores intrigavam-se com a colcha de retalhos complexa dos reinos e tribos africanos com sua desconcertante variedade de línguas. Uma vez que se apresentavam subindo com dificuldade as praias por causa das armaduras, marchando até os pastores do deserto para cear leite de camelo ou até pescadores pacíficos para assar peixes e tartarugas em fogueiras, gritando "Portugal e São Jorge!" e capturando um par de prisioneiros para servirem como informantes e tradutores, a incompreensão era mútua.

Quando ficaram mais ousados e atingiram o interior, os europeus passaram por montanhas remotas, onde as melhores tâmaras do mundo cresciam, mas o povo era reconhecidamente canibal, e por cidades do deserto cujas casas e mesquitas eram construídas inteiramente de blocos de sal. Muitas vezes, eles encontravam uma das famosas caravanas de camelos. Os camelos serviam tanto como transporte quanto como sustento: os infelizes animais eram mantidos sedentos por meses e, em seguida, eram obrigados a engolir a água, de modo que eles pudessem ser mortos durante a marcha e perfurados para que fornecessem bebida. Os comerciantes tinham a tez castanha, usavam turbantes que cobriam parcialmente seus rostos e capas brancas com uma borda vermelha, e andavam descalços. Eles eram muçulmanos que trocavam prata e sedas de Granada e Túnis por escravos e ouro, e estavam determinados a manter os intrusos a distância.

Finalmente, o deserto se esgotou, e as frotas velejaram além da boca do rio Senegal em direção aos trópicos mais densamente povoados. De repente, tudo parecia maior e mais vivo. "Parece, para mim, uma coisa muito maravilhosa", escreveu esperançosamente o aventureiro veneziano Cadamosto, enquanto ainda passava pelo Saara, "que além do rio todos os homens são muito negros, altos e grandes, seus corpos bem formados; e que toda a região é verde,

cheia de árvores e fértil; enquanto neste lado os homens são marrons, pequenos, magros, mal nutridos e baixos em estatura; a região é estéril e árida."

Os olhos dos europeus tinham sido abertos para um novo e inimaginável mundo. Aí os homens se marcavam com ferros quentes e as mulheres tatuavam-se com agulhas quentes. Ambos os sexos usavam argolas de ouro em suas orelhas, narizes e lábios furados, e as mulheres carregavam mais anéis de ouro pendurados entre as pernas. Os visitantes maravilhavam-se com as árvores, as vastas florestas do mangue e os brilhantemente coloridos pássaros falantes. Eles compravam macacos e babuínos para levar para casa; estarreciam-se com os hipopótamos; testemunhavam caçadas de elefantes e provavam a carne dos grandes animais, que era dura e insípida. Em seu regresso para casa, apresentaram exóticos presentes ao príncipe Henrique, incluindo a pata, o tronco, a pelagem e a carne salgada de um bebê elefante. Henrique concedeu a presa e a pata de um espécime crescido para sua irmã.

A princípio, os africanos eram igualmente fascinados pelos recém-chegados. Eles esfregavam saliva em suas mãos e pernas para ver se a brancura deles era um corante. Pareciam convencidos de que suas gaitas de fole eram algum tipo de animal musical. Remavam para as caravelas em canoas imaginando — ou assim os portugueses pensavam — que eles eram grandes peixes ou aves, até que viam os marinheiros e fugiam.

Para a consternação dos europeus, descobriu-se que mesmo ali as pessoas eram muçulmanas. Mesmo assim, sua fé estava longe de ser rígida. Eles eram em sua maioria pobres, e pelo menos alguns ficaram felizes em fazer negócios com os cristãos. Em uma viagem para o Senegal, Cadamosto foi convidado a visitar uma capital real nas proximidades, onde, como era típico de seus companheiros pioneiros, esperou encontrar uma monarquia e corte de estilo europeu. Quando se aproximou do trono, viu peticionários atirarem-se de joelhos, abaixarem a cabeça até o chão e jogarem areia sobre seus ombros nus. Comportando-se dessa maneira servil, eles se aproximaram, declararam o seu negócio e foram bruscamente despachados. Desde que soube que suas esposas e seus filhos podiam ser capturados e vendidos como punição por delitos menores, Cadamosto chegou à conclusão de que esse comportamento era apropriado. O rei e seus senhores, observou ele com aprovação, foram obedecidos muito mais rapidamente do que suas contrapartes na Europa, embora, acrescentou, ainda fossem "grandes mentirosas e trapaceiras".

Se muitos costumes africanos pareciam primitivos, outros eram difíceis de julgar. Cadamosto logo se viu debatendo os pontos mais delicados da religião com os sacerdotes muçulmanos do tribunal. Como de costume, os europeus abriram o debate informando ao rei que ele tinha tomado uma falsa fé. Se o Deus cristão era um senhor justo, respondeu o governante, rindo, ele e seus homens tinham uma chance muito maior de alcançar o Paraíso do que os europeus, uma vez que a Europa havia sido muito mais favorecida com riquezas e conhecimentos neste mundo. "Nisso", comentou Cadamosto, "ele mostrou boa capacidade de

raciocínio e compreensão profunda dos homens." O rei mostrou um tipo diferente de compreensão quando presenteou o marinheiro veneziano, como um sinal de boa vontade, com uma "linda jovem negra, de doze anos de idade, dizendo que ele a concedia para o meu serviço de quarto". "Aceitei-a", registrou Cadamosto, "e mandei-a para o navio."

Nem todos os governantes africanos foram tão benevolentes, e os exploradores logo se encontraram sob ataque implacável. Guerreiros emergiram das florestas empunhando escudos circulares cobertos de peles de gazela, azagaias com pontas de ferro farpado com veneno de cobra e seiva, lanças em forma de dardo e cimitarras de estilo árabe. Alguns lançavam-se em danças e cantos bélicos, outros furtivamente remavam para fora em canoas. Todos eram destemidos e muitos preferiam morrer a fugir. As caravelas eram equipadas com canhões de pequeno porte que disparavam bolas de pedra, mas um grande número de cavaleiros, escudeiros, soldados e marinheiros caía sob os ataques, enquanto os cativos que tentavam chegar como tradutores eram invariavelmente espancados até a morte nas praias.

Como mais da metade das caravelas voltou mancando para casa, Henrique começou a ficar alarmado com a crescente hostilidade. Ele ordenou a seus soldados que atirassem somente em legítima defesa, mas então sua reputação de violência já havia se espalhado. Quando o próximo grupo de exploradores chegou à grande foz do rio Gâmbia — a mais de 1,5 mil milhas de Lisboa —, eles descobriram que tinham sido precedidos por rumores de que eram canibais com um gosto por carne negra. Conforme navegavam rio acima, fileiras cerradas de africanos surgiam da cobertura da floresta, atirando lanças e flechas envenenadas. Frotas de canoas de guerra remavam furiosamente em direção aos intrusos. Os guerreiros de compleição forte vestiam-se em camisas de algodão branco e chapéus de pena branca, e, observou Cadamosto, eram "extremamente negros". Na negociação que se seguiu, os europeus procuraram saber por que eles, comerciantes pacíficos que vieram trazendo presentes, haviam sido atacados. Os africanos, informou Cadamosto, responderam que "não queriam a nossa amizade de forma alguma, e sim procuravam abater a todos nós, e fazer um presente de nossos bens para seu senhor". Nem mesmo uma rajada de tiros conseguiu fazê-los recuar por muito tempo, e mais uma vez os visitantes indesejados bateram em retirada.

À medida que a rede de comércio portuguesa se movia ao longo da costa, algumas bolsas de pó de ouro começaram a voltar para Lisboa. Logo, a primeira cunhagem em ouro de Portugal em quase um século, apropriadamente chamada de *cruzado*, seria orgulhosamente produzida na casa da moeda de Lisboa. No entanto, o Rio do Ouro acabou se revelando uma miragem, e até mesmo menos do que isso tinha sido feito com a segunda grande busca de Henrique — a procura por um poderoso aliado contra o Islã.

Em algum lugar distante no exterior, diziam as histórias antigas, havia um império cristão perdido, de riqueza e poder fabulosos. Seu regente era conhecido como Preste João.

A palavra Preste vem do francês antigo *prestre*, ou sacerdote, mas João não era um

eclesiástico comum. Os europeus acreditavam firmemente que ele era um poderoso rei cristão que provavelmente descendia de um dos três Reis Magos que levaram oferendas de ouro, incenso e mirra ao menino Jesus. Séculos de especulação atribuíram ao reino de Preste um sem-número de maravilhas, incluindo uma fonte da juventude que o mantinha vivo através dos séculos, um espelho em que o mundo se refletia e uma mesa de esmeralda, iluminada por bálsamo precioso queimado em lâmpadas incontáveis, na qual ele entretinha 30 mil hóspedes. Numa época em que a longevidade de Noé era um fato aceito, a existência excessivamente longa de Preste João parecia perfeitamente plausível, ou pelo menos validava os sonhos de universalidade do cristianismo ocidental.

A história do Preste João não era apenas uma fábula popular. Ela tinha crescido a partir de uma série de rumores, fraudes e verdades mal-entendidas, mas muitas figuras poderosas, incluindo uma sucessão de papas, acreditavam nela.

Os fatos conhecidos eram estes. Em 1122, um homem se anunciou como João, bispo da Índia, apresentando-se ao papa e descrevendo sua terra como um rico reino cristão. Duas décadas depois, um bispo alemão relatou a notícia de que um rei oriental cristão estava em guerra com o Irã; de acordo com o seu informante, disse ele, o rei se chamava Preste João e carregava um cetro feito de esmeralda sólida. Nada foi feito com essas informações até 1165, quando as cópias de uma carta assinada por Preste começaram a aparecer em toda a Europa. Essa carta foi escrita em um tom arrogante, digno de um homem que alegava reinar sobre 72 reis e que se intitulava "Imperador das Três Índias". À sua mesa, informou aos leitores, ele era servido por "sete reis, cada um e por 62 duques e por 365 condes [...] Em nosso salão jantam, diariamente, à nossa direita, doze arcebispos; à nossa esquerda, vinte bispos". Conte as estrelas do céu e as areias do mar, propôs ele prestativamente, e você poderá ter uma noção da vastidão de seu reino e seus poderes.

Uma vez que os europeus medievais eram sustentados por um fluxo constante de maravilhas e milagres, essas alegações selvagens e admiráveis tornaram a carta mais crível. O Preste explicou ainda que seu reino se vangloriava de seus "homens com chifres, outros com um só olho, homens com olhos atrás e na frente, centauros, faunos, sátiros, pigmeus, gigantes, ciclopes, a Fênix e quase todos os tipos de animais que habitam a Terra". Entre eles estavam leões-pássaros chamados grifos que podiam carregar um boi até seus ninhos, mais pássaros chamados tigres que conseguiam agarrar e matar um cavaleiro e seu cavalo, e um par de pássaros reais, com penas cor de fogo e asas tão afiadas quanto lâminas, que governaram por sessenta anos sobre todas as aves no mundo, até que elas abdicassem ao mergulharem de maneira suicida no mar. Uma raça de pigmeus lutava uma guerra anual e aparentemente em inferioridade contra os pássaros, enquanto uma raça de arqueiros tinha a vantagem de serem cavalos da cintura para baixo. Em outros lugares, 40 mil homens eram mantidos ocupados alimentando os fogos que mantinham vivas as lagartas que fiavam os fios de seda.

Depois de remoer esse comunicado extraordinário por doze anos, o papa decidiu enviar

uma resposta. Ele a confiou a seu médico pessoal, que partiu em busca do rei lendário e nunca se soube dele novamente. Mas a carta já tinha dominado a imaginação da Europa; ela foi traduzida para várias línguas e avidamente lida durante séculos. Sempre que a Europa estava sob ameaça do exterior, era meio que esperado que Preste João cavalgasse para resgatá-los e massacrasse os infiéis. Durante as Cruzadas, houve rumores de que ele estaria planejando um ataque a Jerusalém. Como os mongóis invadiram a Europa, ele foi transferido para a Ásia Central, onde, por um tempo, acreditava-se que fosse o pai adotivo afastado de Genghis Khan. Preste João foi sumariamente morto quando chegaram relatórios de que ele tinha enfurecido Genghis Khan ao lhe recusar a mão da filha em casamento, perdendo assim a guerra que havia irrompido entre eles. Mas como a Europa começava a sonhar em converter os mongóis, o Preste foi ressuscitado como um novo governante mongol.

A população de Preste, dizia-se, era três vezes maior do que a de toda a cristandade ocidental. Seu exército permanente contava com 100 mil homens, e seus guerreiros carregavam armas de ouro maciço. Se necessário, ele poderia colocar 1 milhão de homens em campo, e o rumor de que muitos lutavam nus fez tudo parecer ainda mais temível. Ele era o homem mais poderoso do mundo, com ilimitados suprimentos de pedras e metais preciosos à sua disposição. Aliado aos seus exércitos invencíveis, a Europa poderia seguramente varrer o Islã da face da Terra.

Isso caso ele pudesse ser encontrado.

Por essa época, Henrique enviou suas tripulações em busca de Preste João, o grande rei que tinha sido transferido para a África oriental. Isso não foi um salto tão grande em relação à antiga crença de que ele governava a Índia, uma vez que os europeus passaram a acreditar que a Índia e a África eram unidas. A África oriental também era conhecida como "Médio Índia", e, para complicar ainda mais as coisas, a "Médio Índia" também havia sido identificada com o reino da Etiópia.

A Etiópia era conhecida por ter sido uma antiga terra cristã. Porém, com o Islã bloqueando o caminho, a Europa tinha perdido havia muito tempo todo o contato com o povo da Etiópia. Alguns diziam que ela era separada do Egito por um deserto que se levava cinquenta dias para atravessar e que era cheio de ladrões árabes nus; outros afirmavam que os etíopes eram imunes a doenças e viviam por duzentos anos. Em 1306, após séculos de silêncio, embaixadores etíopes de repente apareceram na corte papal, na França, e Preste João, sem dúvida a partir de uma ânsia de agradar a ambos os lados, saiu do encontro investido como patriarca da Igreja etíope. Sendo isso uma espécie de decepção, ele logo foi elevado de patriarca a autocrata e identificado como o imperador todo-poderoso do vasto e fortíssimo Estado da Etiópia. Por volta de 1400, a suposição estava suficientemente bem estabelecida para que o rei Henrique IV da Inglaterra escrevesse para Preste em sua nova função, por causa de rumores de que o grande governante estava mais uma vez planejando marchar sobre Jerusalém. A

insistência dos europeus em chamar seu monarca de Preste João só aumentou a confusão para os ocasionais enviados etíopes que continuavam a alcançar a Europa no século xv — em 1452 um enviado causou grande celeuma ao aparecer em Lisboa —, embora certamente tivessem ficado lisonjeados por terem sido recebidos por personagens muito mais importantes do que eles haviam suspeitado previamente.

Mais uma vez, aumentaram as esperanças da Europa de que o rei-sacerdote se provasse um aliado decisivo contra o Islã. No entanto, mesmo se ele tivesse se fixado, o problema ainda era como alcançá-lo. O dilema estava aparentemente resolvido quando os mapas começaram a aparecer, mostrando um golfo colossal em forma de crescente dividindo a África a partir de sua costa oeste. Nomeado o *Sinus aethiopicus*, ou golfo da Etiópia, ele parecia levar direto para o coração do reino de Preste.

Durante anos, à medida que os navios de Henrique partiam para o lugar onde a boca aberta do golfo deveria ter estado, ele instruía suas tripulações a perguntarem por notícias das Índias e seu imperador-sacerdote Preste João. Quando, em 1454, o príncipe pediu com sucesso ao papa que confirmasse o seu monopólio atlântico, ele prometeu que as suas missões iriam "tão longe quanto os indianos que, diz-se, adoram o nome de Cristo, de modo que podemos nos comunicar com eles e convencê-los a virem em ajuda dos cristãos contra os sarracenos". A Índia cristã pela qual os portugueses continuariam a procurar por décadas não era a Índia, absolutamente, mas a Etiópia.

Henrique nunca encontrou o *Sinus aethiopicus*, sua rota direta para as terras de Preste. A busca do grande rei seguiria adiante, e a cristandade ocidental continuaria a buscar milagres em sua ânsia de dominar o mundo.

A Guiné acabou por ser muito diferente da terra resplandecente da imaginação europeia. Seus postos de comércio eram espalhados por vastas regiões selvagens e as caravanas sazonais eram quase impossíveis de rastrear. Além de um pouco de ouro, os bens que os exploradores trouxeram para casa — pele de antílope, âmbar, almíscar, gatos almiscarados vivos, goma-arábica, resina doce, gordura de tartaruga, óleo de foca, tâmaras e ovos de avestruz — eram coloridos, mas dificilmente mudariam o mundo. Pior ainda, os africanos desdenhavam tanto os fardos de pano áspero que os portugueses ofereciam para troca que Henrique foi forçado a comprar vestuário fino do Marrocos para revender na Guiné. Quando sua tripulação adotou uma resistência combinada e foi forçada a seguir uma postura mais complacente, ele tinha explicado que o comércio era somente mais uma maneira de fazer avançar a luta contra o Islã. Agora até mesmo essa alegação estava começando a ficar perigosamente frágil.

Em Portugal, os rumores de rebelião tornaram-se impossíveis de ignorar. Os gastos colossais de Henrique — em dinheiro e homens — não pareciam levar a lugar algum.

A dissidência foi acalmada pela chegada de uma mercadoria quase tão valiosa quanto o ouro: os seres humanos.

A primeira missão escravagista plenamente desenvolvida de Henrique zarpou em 1444 e atacou brutalmente as pacíficas vilas de pescadores da ilha de Arguim, que fica exatamente na altura do ponto médio da protuberância ocidental da África. Indo para lá na calada da noite em pequenos barcos, os soldados saltaram sobre os ilhéus de madrugada com vigorosos gritos de "Portugal, São Tiago e São Jorge!". Os cronistas relataram o espetáculo medonho:

> Lá, você poderia ver mães abandonando seus filhos e maridos abandonando suas esposas, cada um pensando apenas em fugir tão rapidamente quanto pudesse. E alguns se afogavam no mar, outros se refugiavam em suas cabanas, outros ainda escondiam seus filhos sob a lama, pensando que assim poderiam escondê-los dos olhos do inimigo, e que eles poderiam buscá-los mais tarde. E finalmente Nosso Senhor Deus, que retribui a tudo o que é benfeito, ordenou que em troca do trabalho deste dia feito pelos nossos homens a Seu serviço, eles poderiam obter a vitória sobre os seus inimigos e a recompensa de suas fadigas e seus desembolsos, na tomada de 165 cativos, homens, mulheres e crianças, sem contar aqueles que morreram ou que se mataram.

Os sequestradores disseram suas orações e se mudaram para uma ilha próxima. Encontrando uma aldeia abandonada, atacaram de surpresa nove homens e mulheres que fugiam na ponta dos pés levando jumentos empilhados com tartarugas. Um dos nove escapou e alertou a aldeia mais próxima, que tinha sido esvaziada antes da chegada dos portugueses. Eles logo viram seus habitantes em um banco de areia, para onde haviam fugido em uma balsa. Visto que a água era muito rasa para alcançá-los por barco, voltaram a vasculhar a aldeia e arrastaram oito mulheres que lá estavam escondidas. Na manhã seguinte, ao alvorecer, eles voltaram para outro ataque surpresa. A vila ainda estava deserta, e eles remaram ao longo da costa, desembarcando homens aqui e ali para explorar por novas vítimas. Finalmente, encontraram uma grande quantidade em fuga e apreenderam dezessete ou dezoito mulheres e crianças, "já que estas não poderiam correr tão rápido". Logo depois, viram muitos outros ilhéus fugindo em diversas jangadas. Sua alegria rapidamente se transformou em tristeza, lamentaram os cronistas, quando perceberam que uma oportunidade tão boa para ganhar honra e lucro seria perdida porque eles todos não caberiam nos barcos. Não obstante, remaram em direção a eles e,

> movidos por piedade, embora essas jangadas estivessem cheias de infiéis, mataram poucos deles. No entanto, deve-se acreditar que muitos mouros que, tomados de medo, abandonaram suas jangadas, pereceram no mar. E então os cristãos, passando por entre as jangadas, escolheram acima de tudo as crianças, a fim de carregar mais delas em seus barcos; e delas foram levadas catorze.

Depois de darem graças a Deus por sua vitória sobre os inimigos da fé, "e mais do que nunca desejosos de trabalhar bem para servir a Deus", os portugueses se prepararam no dia seguinte para renovar o ataque. Quando estavam calmos a respeito de seus negócios, uma multidão correu em direção a eles, que fugiram. Longe de fazer os agressores parecerem tolos, disseram as crônicas, os ilhéus irados tinham sido enviados por Deus para afastar os cristãos antes que trezentos guerreiros armados chegassem ao local. Mesmo assim, antes que tivessem

tempo de saltar em seus botes, "os mouros já estavam sobre eles, e todos estavam lutando em uma grande briga". Os portugueses conseguiram fugir e pegar mais prisioneiros, incluindo uma menina que havia sido deixada para trás em sua aldeia abandonada. Ao todo, transportaram 240 homens, mulheres e crianças para serem amarrados e acondicionados em navios que os esperavam, onde os já repletos porões e deques, cheios de ratos e baratas e fedendo a água suja acumulada e peixe podre, agora cheiravam também a sujeira de escravos tremendo e em pânico.

Quando a carga humana chegou a Portugal, a notícia se espalhou rapidamente. Espectadores animados lotavam as docas, e Henrique cavalgou até lá para supervisionar a distribuição dos despojos. Montado a cavalo e berrando ordens, ele transformou o espetáculo sórdido em uma façanha sensacional para agradar à multidão.

Após a cansativa jornada, os escravos eram uma triste visão, e enquanto desfilavam nus para que mostrassem sua força, mesmo alguns dos portugueses ficaram horrorizados. "Qual coração poderia ser tão duro a ponto de não ficar tocado por sentimentos piedosos ao ver esse grupo?", escreveu Gomes Eanes de Zurara, uma testemunha ocular que confessou ter chegado às lágrimas.

> Pois alguns mantinham a cabeça baixa e os seus rostos banhados em lágrimas, olhando uns para os outros; outros estavam gemendo muito dolorosamente, olhando para os céus, fixando os olhos para cima, chorando bem alto, como se pedissem ajuda ao Pai da Natureza; outros atingiam seus rostos com as palmas das mãos, jogando-se ao chão; ainda outros faziam lamentações à maneira de um canto fúnebre, segundo o costume de sua terra. E embora não pudéssemos compreender as palavras de sua língua, o som delas dava a medida de sua tristeza. Para aumentar ainda mais seus sofrimentos, chegaram aqueles que tinham o encargo da divisão dos cativos, o que os separou uns dos outros [...] e em seguida era necessário separar os pais dos filhos, maridos de esposas, irmãos de irmãos. Nenhum respeito foi mostrado, quer para amigos ou parentes, e cada um caiu onde sua sorte o levou [...] quem poderia terminar essa partição sem uma labuta muito grande? Pois assim que eles os tinham colocado em uma parte, os filhos, vendo seus pais em outra, levantavam-se com grande energia e corriam para eles; as mães apertavam seus outros filhos nos braços e jogavam-se no chão com eles; recebendo impiedosos golpes em sua própria carne, se seus filhos pudessem apenas não ser arrancados delas.

Henrique olhava contente. E respondeu a seus críticos: não tinha encontrado campos de ouro, mas havia conquistado para Portugal um lugar de destaque entre os maiores comerciantes de escravos do mundo. Quando outra leva de escravos chegou a Lisboa no ano seguinte, os céticos finalmente foram silenciados. "Agora", registrou Zurara à medida que multidões de estrangeiros enxameavam a bordo dos navios, quase virando-os no processo,

> não havia ninguém disposto a admitir ter sido um dos críticos. Quando eles assistiram aos prisioneiros amarrados com cordas marchando pelas ruas, o tumulto do povo era tão grande enquanto eles elogiavam em voz alta as grandes virtudes do príncipe que se alguém se atrevesse a dar voz a uma opinião contrária à deles seria rapidamente obrigado a retirar o que disse.

Em sua servidão acorrentada, os escravos salvaram a missão de Portugal de explorar os oceanos.

A escravidão era comum no mundo medieval. Sociedades muçulmanas inteiras tinham sido construídas sobre a escravidão; os números eram tão vastos que, no século IX, meio milhão de escravos havia se rebelado no Iraque. Muitos foram vendidos pelas repúblicas mercantis da Itália; Gênova era particularmente despreocupada sobre a procedência de sua carga humana, e grandes números de cristãos ortodoxos regularmente apareciam em seus blocos. Outros escravos foram transportados pelo Cáucaso e Saara, ou foram apreendidos pelos piratas da costa da Barbária a partir da costa da Europa; de uma só vez, os piratas levaram mais de 1 milhão de homens, mulheres e crianças para venda nos mercados da África do Norte. Poucas nações estavam limpas do tráfico, e poucas viam algo de errado com esse tipo de comércio. A maioria rejeitou as vítimas como uma forma inferior de humanidade; muitos — incluindo chefes guerreiros africanos que vendiam seus inimigos por trigo, roupas, cavalos e vinho — pensavam que qualquer um que capturassem fazia parte de uma competição justa. Cristãos compassivos consolavam-se ao imaginar que os escravos tinham sido resgatados de uma condição de não religião que não era melhor do que aquela dos animais, e ninguém via nada de estranho em tirar a liberdade de um homem para salvar sua alma. O choroso Zurara lembrou-se de que a escravidão foi originada com a maldição de Noé sobre seu filho Cam após o Dilúvio; os negros, explicou ele, eram descendentes de Cam e ficaram submissos a todas as outras raças por todos os tempos. Qualquer inconveniente que eles sofressem, Zurara tranquilizou seus leitores, empalideceria ante as "coisas novas maravilhosas que os esperavam". A salvação eterna, como de costume, era o pagamento pelo sofrimento terreno, e muitos mais receberiam o mesmo conforto. Durante a vida de Henrique, talvez 20 mil africanos tenham sido capturados ou comprados e transportados para Portugal; na virada do século, o número aumentaria para até 150 mil.

A nova identidade do príncipe Henrique como general comerciante de escravos nunca deu motivo a seus admiradores para que questionassem suas convicções cruzadas. Muito pelo contrário: eles viam isso como a mais clara afirmação de que as explorações do Atlântico eram uma expansão de sua Cruzada ao longo da vida. Estando Henrique envolvido em uma guerra permanente contra os infiéis, e uma vez que, pela maioria dos relatos, uma guerra contra os infiéis era por definição uma guerra justa, qualquer indivíduo que ele capturasse seria um legítimo prisioneiro de guerra e, portanto, pelas convenções da época, passível de ser escravizado. Em contraste com o caminho comum dos escravizadores, Henrique ganhou altos elogios por suas incessantes lembranças de que só tinha entrado nesse comércio para levar o Evangelho aos infelizes pagãos. Para seus compatriotas, suas incursões escravizadoras eram grandes atos de cavalaria, não menos dignos de louvor do que conseguir cativos no campo de batalha. O próprio Henrique, sem dúvida, acreditava que seu novo negócio não era apenas lucrativo, mas eminentemente agradável a Deus.

A Igreja não apenas concordou, como também se esforçou para tornar sua aprovação bem clara. Em 1452, o papa emitiu uma bula que autorizava os portugueses a atacar, conquistar e

subjugar "sarracenos, pagãos e quaisquer outros incrédulos" que encontrassem, para se apoderar de seus bens e terras e reduzi-los à escravidão hereditária — mesmo se convertidos ao cristianismo. Roma já havia concedido indulgências completas para qualquer cristão que fosse às Cruzadas sob a cruz da Ordem de Cristo, e em 1454 ela subcontratou a jurisdição espiritual somente sob as ordens de Henrique sobre todas as terras recém-descobertas.

A noção surpreendente de que os africanos que de alguma forma não tinham conseguido encontrar a verdadeira fé estavam "fora da lei de Cristo, e à disposição, no que dizia respeito a seus corpos, de qualquer nação cristã" foi a atitude que os primeiros colonos europeus carregaram consigo ao redor do mundo. Eles não estavam apenas viajando pelos prazeres da descoberta ou pelos lucros do comércio: eles estavam navegando para converter e conquistar em nome de Cristo. A paixão religiosa juntando-se à oportunidade de saquear de forma épica era uma combinação letalmente provocante e levaria inexoravelmente os portugueses para a Índia e além.

Ao pesado custo de inaugurar o comércio atlântico de escravos, Henrique tinha estendido radicalmente o horizonte da Europa. O esforço que ele havia começado ainda tinha um longo caminho a percorrer, mas isso tomou uma urgência especial quando notícias devastadoras chegaram do Oriente.

# 5. O fim do mundo

Em 22 de maio de 1453, o sol se pôs em uma Constantinopla cercada. Uma hora mais tarde, a lua cheia subiu em um céu cristalino, e de repente foi eclipsada em uma lasca doentia. Por toda a noite, multidões em pânico tropeçavam pelas ruas antigas, o caminho iluminado apenas pelo brilho vermelho tremulante dos fogos inimigos fora das muralhas. À medida que os últimos romanos erguiam ícones preciosos e cantavam orações a Deus, à Virgem e aos santos, eles sabiam que uma antiga profecia finalmente havia sido cumprida. Os céus tinham piscado; o fim estava próximo.

Por mais de mil anos, Constantinopla tinha se mantido firme contra as ondas de bárbaros e persas, árabes e turcos. Ela sobreviveu a pragas devastadoras, mutilações dinásticas encharcadas de sangue e saqueadores cruzados. A cidade de ouro dos césares havia sido gradualmente reduzida a uma colmeia oca, e seus habitantes, agora reduzidos a um décimo de seu número, no máximo, espalhavam-se em volta dos campos semeados com as ruínas da grandeza perdida. Ainda assim, ela se manteve. Havia muito tempo que perdera a língua latina e adotara o grego da maioria da população; os europeus ocidentais tinham, muito tempo atrás, chamado seu império de Império dos gregos. Mais tarde, historiadores o rotulariam de Império bizantino, a partir da cidade sobre a qual Constantinopla tinha sido erigida. Para seus cidadãos orgulhosos, ela sempre foi romana, o último sobrevivente, respirando, do mundo clássico.

Para o sultão otomano de 21 anos que tinha armado sua tenda a menos de um quarto de milha a oeste, a perspectiva brilhante que mirava não era tanto o final do Império Romano, mas o renascimento deste sob sua proteção. Mehmet II, estatura mediana, atarracado, com olhos penetrantes, nariz aquilino, boca pequena e uma voz possante, era fluente em seis línguas e um estudioso atento da história. Ele já era senhor de quase todas as antigas terras romanas no Oriente, e a história lhe disse que o conquistador da cidade imperial iria herdar o manto dos grandes imperadores de muito tempo atrás. Ele seria o césar de direito, e sua ambição desmedida restauraria o verdadeiro círculo de autoridade para aquele nome santificado e atormentado.

À medida que os turcos se aproximavam, o imperador por trás dos muros de Constantinopla se voltou para o Ocidente uma última vez. Em desespero, visitou o papa e concordou em reunir as igrejas ortodoxa e católica. Sua missão havia caído, presa de séculos de animosidade entre gregos e italianos, e os cidadãos de Constantinopla, mesmo em seus últimos momentos, montaram uma campanha furiosa contra a reconciliação. Além disso, enquanto o papado estava ansioso — como sempre — para fazer pressão a favor de si mesmo, poucos na Europa aguentariam mais derrotas nas mãos dos turcos. Desta vez não haveria aliança papal,

nenhum exército de cruzados, para defender o bastião oriental da cristandade.

Do lado de fora do acesso por terra para a cidade, os turcos tinham colocado um canhão monstruoso: seu cano media 26 pés de comprimento e era largo o suficiente para um homem rastejar dentro dele, seu peso era tão grande que demandava trinta juntas de touros e quatrocentos homens para colocá-lo no lugar. Por sete semanas, seus mísseis de 1,2 mil libras atiraram em ruínas de antiguidades e sacudiram o chão com a força do impacto de um meteoro. Incontáveis canhões menores pulverizaram as defesas, deixando soldados, monges e mães de família lutando para escorar as lacunas. As muralhas monumentais ficaram gravemente danificadas, mas ainda se mantinham; por uma última vez, os poucos milhares de defensores restantes tiveram ânimo.

Para os ortodoxos, a capital do cristianismo oriental não foi apenas a nova Roma; ela era a Nova Jerusalém, o próprio berço da cristandade. Toda a cidade era uma câmara mortuária de relíquias sagradas portadoras de poderes miraculosos. Entre elas, supostamente estavam grande parte da Cruz Verdadeira e os Pregos Sagrados, as sandálias de Cristo, o manto escarlate, a coroa de espinhos e a mortalha, os restos de peixe e pão da alimentação dos 5 mil, a cabeça de João Batista com cabelo e barba e as vestes perfumadas da Virgem Maria, que era frequentemente vista vagando por entre as muralhas inspirando os defensores. Nos dias de glória de Constantinopla, santo André, o Louco, um ex-escravo que se tornou asceta e cuja insanidade patente foi tomada por seus seguidores como marca de sua extrema santidade, tinha prometido que a metrópole não precisava ter medo do inimigo até o fim dos tempos: "Nenhuma nação nunca deverá prendê-la ou capturá-la", disse ele a seu discípulo Epifânio, "pois ela foi dada à Mãe de Deus e ninguém pode arrebatá-la dela. Muitas nações atacarão suas muralhas e quebrarão seus chifres, retirando-se envergonhadas, embora recebendo dela presentes e muita riqueza". Somente nos Últimos Dias, acrescentou ele, Deus iria cortar a terra sob Constantinopla com uma poderosa foice, e então as águas que tinham suportado o Cálice Sagrado por tanto tempo desceriam como uma cascata sobre ela, que iria girar como uma pedra de moinho na crista de uma onda antes de mergulhar no abismo sem fundo. Para os verdadeiros crentes, o fim do mundo e o fim de Constantinopla seriam a mesma coisa.

Uma semana depois do eclipse portentoso, o fim chegou.

Ao abrigo da escuridão, ao som de buzinas e pífanos, do chocalhar de timbales e ao trovão do canhão, 100 mil soldados turcos lançaram um ataque total. Como cristãos e muçulmanos lutaram corpo a corpo nas colinas de escombros que haviam sido as mais fortes defesas do mundo, o destino jogou um último truque cruel sobre Constantinopla. No furor da batalha os defensores deixaram um portão aberto e os turcos correram por ele. Quando o dia amanheceu, em uma nuvem de enxofre, poeira e fumaça, os últimos romanos desmoronaram na cidade exaurida e caíram de joelhos.

Os turcos cresceram ao longo da Mese, a via pública principal estabelecida por Constantino, o Grande, mais de um milênio antes. Alguns separavam-se do grupo à esquerda e

à direita, invadiam casas, alegavam que estas eram suas e cambaleavam novamente em direção ao grupo. Eles massacravam os homens da cidade e se lançavam sobre suas mulheres, entre elas uma considerável quantidade de freiras. Pelo costume de batalha, três dias de pilhagem eram o direito do conquistador; Mehmet, com um olho na história, colocou um ponto final na rapinagem ao meio-dia e insistiu para que os sobreviventes fossem tomados como escravos. Ninguém protestou; mesmo soldados endurecidos pela batalha pararam para olhar em silencioso deslumbramento. Quase oito séculos depois de um exército islâmico ter sitiado Constantinopla pela primeira vez, a cidade era finalmente deles.

No final de uma tarde dourada de maio, Mehmet cavalgava ao longo da Mese e desmontou do lado de fora de Santa Sofia. Ele se abaixou para colher um punhado de terra, esmagou-o em seu turbante e caminhou adentro das portas pesadas de bronze, muitas das quais penduradas fora de suas dobradiças. À medida que seus olhos se ajustavam ao espaço cavernoso, com suas paredes construídas de mosaicos brilhantes em ruínas, ele passou sua espada a um soldado que estava alavancando uma laje de mármore do chão. A maior igreja da cristandade passaria a ser uma mesquita.

Na Europa, as notícias do fim definitivo da Antiguidade clássica foram recebidas como trágicas, mas inevitáveis. A cidade desgastada pelo tempo parecia, havia muito, pertencer a outro mundo.

"Mas quais são essas notícias terríveis recentemente relatadas sobre Constantinopla?", escreveu o estudioso Enea Silvio Piccolomini — posteriormente papa Pio ii — ao então papa.

> Quem pode duvidar que os turcos irão extravasar sua ira sobre as igrejas de Deus? Lamento que o templo mais famoso do mundo, Santa Sofia, será destruído ou profanado. Lamento que incontáveis basílicas dos santos, maravilhas da arquitetura, cairão em ruínas ou serão submetidas à profanação de Maomé. O que eu posso dizer sobre os inúmeros livros que lá estão e que ainda não são conhecidos na Itália? Ai de mim, quantos nomes de grandes homens agora perecerão? Esta será uma segunda morte para Homero e uma segunda destruição de Platão.

Como se viu, os livros — se não a maioria das igrejas — estavam a salvo. Um fluxo constante de estudiosos havia fugido antes dos turcos, a maioria para a Itália, onde chegaram com os braços cheios de volumes contendo a literatura da Grécia antiga e estimulando o fortalecimento da Renascença. Mehmet, o Conquistador, como seu povo agora o conhecia, preservou o que foi deixado em sua querida biblioteca, e o erudito autocrata logo voltou seus esforços para reconstruir o que havia destruído. Como governante da única superpotência do mundo renascentista, ele tinha muito talento para usar. Uma nova cidade, a ser chamada Istambul, se levantaria das cinzas de Constantinopla, uma capital ilustre o suficiente para corresponder à ambição do conquistador. O Grande Bazar, um World Trade Center do século xv, se arquearia pelas ruas antigas, e as oficinas zumbiriam em um ritmo que não tinha sido

ouvido por séculos. Cristãos e judeus foram convidados a voltar como artesãos e administradores; o patriarca retomou a guarda de seu rebanho ortodoxo; o rabino principal recuperou seu assento no divã, o Conselho de Estado, ao lado dos líderes religiosos dos muçulmanos.

Contudo, Mehmet ainda tinha uma vida pela frente e não parecia disposto a repousar em seu trono de joias. O césar autodeclarado não estava satisfeito com Constantinopla, a nova Roma da Antiguidade. Para concluir suas pretensões, teria de conquistar também a velha Roma.

Uns poucos europeus viram uma oportunidade no desastre iminente. Jorge de Trebizonda, um emigrante grego combativo que se tornou um renomado humanista italiano e secretário papal, estava convencido de que Mehmet cumpriria as velhas profecias, tornando-se o único governante do mundo. De acordo com os ensinamentos recebidos, um longo reinado de terror dominaria então até que o último imperador cristão chegasse para presidir uma era de paz que seria um presságio do Fim dos Tempos na Terra. Vendo uma oportunidade para pular dois séculos de inferno na terra e ir direto para a idade da bem-aventurança, Jorge escreveu uma série de extensas cartas ao sultão otomano. Dirigindo-se a ele como o legítimo césar, sugeria reconciliar o Islã e o cristianismo de modo que Mehmet pudesse ser batizado e ele próprio se tornar o último "rei de toda a terra e dos céus". Embora o esquema escatológico de Jorge fosse especialmente ambicioso, ele não estava sozinho na tentativa de converter o Conquistador: vários outros estudiosos gregos e até mesmo o papa Pio II escreveram a Mehmet, propondo a mesma coisa.

O resto da cristandade ocidental, dilacerado por suas habituais guerras internas e sem saber que a salvação se escondia no ataque turco, só podia olhar horrorizado para o modo como os exércitos de Mehmet marchavam resolutamente em direção à Europa oriental, zarpando para a Itália. O sultão vitorioso estava à beira de cumprir o sonho que havia sido interrompido, sete séculos antes, nos campos da França.

Inevitavelmente, Roma chamou uma nova Cruzada. Dessa vez, o plano papal genocida era reconquistar Constantinopla, invadir a área central otomana e exterminar a nação turca de uma vez por todas.

Em fevereiro de 1454, Felipe, o Bom, poderoso duque de Borgonha — e marido de Isabel, irmã de Henrique, o Navegador —, ofereceu o mais espetacular banquete de todo o século XV para conclamar a guerra santa em questão. Centenas de nobres convergiram em Lille para a Festa do Faisão e foram entretidos em um estilo que se adequava a um homem que era obcecado por romances cavalheirescos. Três mesas foram colocadas no grande salão, e cada uma delas era ornamentada com músicos em miniatura feitos por um fabricante de brinquedos. Só a mesa principal ostentava um castelo, cujo fosso foi preenchido com ponche de laranja, que escorria de suas torres; uma pega empoleirada na vela rotatória de um moinho de vento que se mostrou um alvo elusivo para uma fila de arqueiros; uma luta de um tigre com

uma serpente; um bobo da corte montado em um urso; um árabe montado num camelo; um navio flutuando entre duas cidades; dois amantes comendo os pássaros pegos em um arbusto por um homem com um pau; e um barril para brincadeira, que derramava vinho doce ou avinagrado — "Tome, se tiver coragem!", dizia o rótulo. Como *pièce de résistance*, uma torta colossal foi trazida sobre rodas e sua crosta foi removida para revelar uma orquestra de 28 cordas que tocava ali dentro. Enquanto os convidados mascarados se dedicavam aos 48 pratos, acrobatas faziam suas piruetas, atores realizavam interlúdios, um leão vivo rugia próximo à estátua de uma mulher que derramava vinho aromático de seu seio direito, e dois falcões vivos foram libertados e mataram uma garça, que foi levada ao duque. À medida que o objetivo da noite se aproximava, um gigante vestido de muçulmano guiava um elefante em uma coleira. Uma maquete de castelo foi presa às costas do elefante, onde se encontrava sentado um ator vestido de freira. O ator anunciou-se como a Santa Igreja, e começou a recitar "queixas e lamentações em voz comovente e feminina" sobre as iniquidades dos turcos. De acordo com a longa tradição de cavaleiros, um oficial carregou solenemente um faisão ostentando um colar de ouro, pérolas e joias para a mesa alta. O duque fez seu juramento de cruzado a Deus, à Virgem, às senhoras e ao pássaro, e os cavaleiros reunidos e seus escudeiros seguiram o exemplo. Depois de toda essa exibição, ficaria difícil fazer uma recusa polida.

Por todos os esforços do duque Felipe, os nobres estavam muito mais interessados em festejar do que em lutar contra os turcos, e o apelo papal às armas foi recebido com um grande desdém coletivo. Praticamente a única nação que levou a proposta da Cruzada a sério foi Portugal. O rei Afonso v, filho do rei Eduardo e sobrinho do príncipe Henrique, estava agora com a idade apropriada e ansioso para eclipsar a fama que seus antepassados tinham conquistado como guerreiros sagrados. O jovem rei obstinado se propôs a ser comandante em chefe à frente de um grupo português de 12 mil homens, mas quando enviou um emissário para a Itália a fim de corroborar seu plano, foi rapidamente "batizado" nas águas barrentas da política italiana. Vários Estados italianos haviam prometido se juntar à Cruzada, mas o enviado informou que não havia nenhuma chance de que manteriam sua palavra. Seu ceticismo foi ecoado pelo duque de Milão, que penosamente escreveu a Afonso em setembro de 1456, admirando "a sublimidade do espírito que guiou o rei português, mal saído da adolescência, a querer atacar os infiéis em uma região tão distante da arena tradicional da Cruzada portuguesa na África do Norte, e a despeito do fato de que seus planos poderiam colocar Ceuta em perigo". Em um ataque de irritação, Afonso declarou que assumiria os turcos sozinho. Até mesmo seu tio pensou que ele tinha perdido o juízo, e Henrique rapidamente o convenceu a redirecionar suas energias para uma nova Cruzada marroquina.

Com sua reivindicação de soberania da terra parecendo mais frágil do que nunca, Roma voltava-se cada vez mais para os resolutos cruzados da Ibéria para reforçar suas grandiosas aspirações. Em 1455, o papa recompensou o ardor do jovem Afonso concedendo-lhe o título

inventado de O Senhor da Guiné; enquanto a autoridade papal prevalecia, os portugueses eram agora governantes de vastas áreas da África e dos mares circundantes, descobertos ou ainda desconhecidos. Embora os sonhos do pequeno Portugal parecessem forçados, Roma não tinha nada a perder, e potencialmente tinha um mundo a ganhar com o apoio a eles.

Afonso tinha lido a bula papal na catedral de Lisboa, uma estrutura semelhante a uma fortaleza que havia sido construída no local da antiga Mesquita da Sexta-Feira, diante de uma audiência de dignitários internacionais. Em palavras brilhantes, o papa elogiou o príncipe Henrique, o Navegador, como "nosso amado filho", e suas descobertas e conquistas como o trabalho de um "verdadeiro soldado de Cristo". Ele também afirmou o direito do novo Senhor da Guiné de "invadir, buscar, capturar, derrotar e subjugar todos os sarracenos e pagãos que houvesse, e outros inimigos de Cristo, onde quer que estivessem, e os reinos, ducados, principados, domínios, possessões e todos os bens móveis e imóveis que fossem possuídos por eles, e reduzir estas pessoas à escravidão perpétua". Essa foi a sanção mais clara possível da mais alta autoridade para quaisquer ações com mão de ferro que a Europa poderia desejar permitir em outros países, e que viria a ser conhecida como a carta do imperialismo português. Juntamente com a bula concedida a Henrique em 1452, esta seria utilizada de tempos em tempos para justificar séculos de colonialismo europeu e o comércio atlântico de escravos.

Cinco anos depois, em 1460, Henrique morreu. A essa época, seus navios tinham navegado 2 mil milhas ao sul de Lisboa, e sua obsessão de toda uma vida havia surpreendentemente expandido as ambições de Portugal. Muitos de seus compatriotas reverenciavam-no como herói visionário, o primeiro homem a realizar uma exploração conjunta do Mar Oceano e o pai de um império embrionário. Nem todos concordaram: para alguns ele era um oportunista descuidado, para outros um cavaleiro medieval reacionário obcecado com as Cruzadas e o cavalheirismo. Ele era todas essas coisas, mas sua busca incessante, que ia muito além dos pensamentos de homens de mente mais sóbria, mudaria o curso da história. Sem a singularidade de suas imperfeições, o conhecimento da Europa teria avançado em um ritmo muito mais lento, sem o qual Vasco da Gama nunca poderia ter navegado para a Índia, ou Colombo para a América.

Afonso não tinha o apetite de Henrique para a exploração. As descobertas foram interrompidas por nove anos enquanto ele seguiu a Cruzada de seu tio contra Tânger, que ganhou e perdeu repetidamente, até que finalmente caiu em 1471. Por fim, ele foi persuadido a subcontratar o empreendimento africano a um comerciante rico de Lisboa chamado Fernão Gomes. Sem a distração real das Cruzadas, as viagens dispararam. Os barcos de Gomes rodearam a grande protuberância continental da África ocidental e costearam exatamente em direção ao Oriente. Em Gana — que os portugueses chamaram de a Costa da Mina e os britânicos renomeariam de a Costa do Ouro —, os navios de Gomes finalmente encontraram o abastecimento regular de ouro que tinha escapado de Henrique, e em 1473, indo novamente em direção ao sul, eles cruzaram o equador. Ao todo, eles haviam avançado outras 2 mil

milhas.

Gomes foi tão bem-sucedido que no ano seguinte seu contrato foi rescindido e a coroa tomou as rédeas de volta. Mas o metal precioso não foi o único benefício que a coroa readquiriu. Quando os portugueses de repente se viram no hemisfério sul, uma possibilidade eletrizante começou a acender o imaginário coletivo da nação.

Durante séculos, os europeus sonharam encontrar um caminho seguro para os lugares distantes da Ásia. Durante séculos, a muralha da fé construída pelo Islã tinha tornado a ideia quase impensável. No entanto, se houvesse um fim para a África, poderia haver uma maneira de navegar diretamente da Europa para o Oriente. A nação que realizasse esse feito transformaria tanto a si como o mundo.

Na mitologia clássica, a Europa nasceu de uma abdução do Oriente. As lendas dizem que uma princesa fenícia chamada Europa estava divertindo-se com suas servas quando Zeus, rei dos deuses, disfarçado como um atraente touro branco, seduziu o objeto de seu desejo para que montasse nele e rumou com a princesa para Creta. Heródoto, o pai da história, mais tarde explicou que Europa foi realmente apanhada pelos minoanos de Creta, em vingança por um sequestro anterior, feito por comerciantes fenícios, inaugurando assim a inimizade entre a Europa e a Ásia, que teve seu auge nas guerras greco-persas. De qualquer forma, a mãe de Europa, evidentemente, não tinha nenhuma intenção de abandonar as atrações da Ásia por terras estrangeiras.

Para os europeus medievais, o Oriente ainda era um reino de maravilhas não igualado por nada que se encontrava em casa. A maioria era deduzida a partir da Bíblia, tal como era interpretada pela mente mística medieval.

Exceto pelo conhecimento em primeira mão do que estava além de suas fronteiras, havia muito tempo a Europa recuara para um literalismo bíblico que reformulara o mundo à sua imagem. Em seu mapa-múndi em forma de roda, ou mapas do mundo esquemáticos, os três continentes conhecidos eram distribuídos em torno de uma massa de água em forma de T. A Ásia foi colocada acima na barra superior do T, que correspondia ao Nilo e ao Danúbio; a Europa estava à esquerda da barra vertical, que representava o Mediterrâneo; e a África estava à direita. O Mar Oceano circundava as bordas do círculo, e no centro estava Jerusalém. No esquema europeu das coisas, Jerusalém era literalmente a cidade no centro do mundo. "Assim disse o Senhor Deus: 'Esta é Jerusalém; coloquei-a no meio das nações e dos países que estão ao redor dela'", reporta a Bíblia segundo o profeta Ezequiel, e assim o mundo foi desenhado.

No topo do mapa, ou no Extremo Oriente, estava o Jardim do Éden, a fonte da própria humanidade. Não havia nada de simbólico sobre esse pedaço de geografia patrística. A vasta enciclopédia compilada por santo Isidoro de Sevilha — o livro mais popular da Idade Média e do início da Renascença — listou o paraíso terrestre como uma província oriental, juntamente com a Índia, a Pérsia e a Ásia Menor. O verbete sobre o Paraíso no *Polychronicon*, do século

XIV, ou "História Universal", especificou mais adiante que ele constituía "uma parte considerável da massa da Terra, não sendo menor do que a Índia ou o Egito, porque o lugar tinha sido destinado a toda a raça humana, se o homem não tivesse pecado". O jardim, é claro, havia sido fechado após a Queda: isso foi mostrado nos mapas guardados por um anjo portando uma espada, uma muralha de chamas ou uma selva com serpentes se contorcendo, empoleirados no topo de uma montanha tão alta que tocava na órbita da Lua e assim ficaram secos durante o Dilúvio, ou emparedados em uma ilha onde a única entrada era uma porta proibida onde estava escrito PORTÕES DO PARAÍSO. Dentro havia densas florestas verdes, flores perfumadas e uma brisa suave, juntamente com todas as formas concebíveis de beleza, fortuna e felicidade. O Paraíso poderia estar fora do alcance, mas não havia dúvida de que existia.

Além das autoridades bíblicas, durante séculos a Europa tinha pouco mais do que os fragmentos dos textos clássicos que haviam sobrevivido aos ataques dos bárbaros. Em estilo tipicamente medieval, eles eram embelezados de acordo com o conteúdo de seu coração. O *Romance de Alexandre*, um *best-seller* medieval contando as aventuras de Alexandre, o Grande, que teve inúmeras edições e se tornava mais distante da realidade a cada uma dessas aventuras, falava sobre um encontro real com o Paraíso. Em uma versão da história, Alexandre e seus companheiros estavam navegando rio Ganges abaixo quando se encontraram lado a lado com a muralha imponente de uma cidade. Depois de contornar a sua base por três dias, eles finalmente viram uma pequena janela e chamaram através dela. O velho guardião que respondeu disse que eles tinham encontrado a cidade dos bem-aventurados e que estavam em perigo mortal. Alexandre partiu com uma recordação: uma pedra mais pesada do que o ouro que, quando toca a terra, torna-se mais leve do que uma pena — um símbolo do fim que aguarda o mais poderoso dos homens. O conhecimento clássico adornado pela habilidade medieval foi também responsável pela crença de que Alexandre tinha encontrado numerosas "raças monstruosas" em suas viagens, incluindo pigmeus, canibais, povos com cabeças de cachorro ou faces em seus peitos, e outros com cabeça mas sem boca, que se alimentavam do perfume das maçãs. Cada espécie tinha um nome: estes últimos foram apropriadamente chamados de cheiradores de maçã.

Assim como mostrar Adão e Eva fugindo do jardim, Cristo levantando do túmulo e os mortos partindo para a felicidade ou condenação eternas no Juízo Final, os cartógrafos também tinham de encontrar espaço para colocar a Torre de Babel vazia, as indolentes Ilhas Felizes, a terra da Árvore Seca, as minas de ouro de Ofir, as Dez Tribos Perdidas de Israel, o reino dos Magos e as nações bárbaras de Gog e Magog, cuja fuga desencadearia uma batalha pelo Fim dos Tempos na Terra. Os dois últimos eram situados no extremo norte da Ásia, onde eram contidos por um portão de ferro construído por Alexandre, o Grande, que também retiveram 22 raças do mal. Os mapas mostravam tribos temíveis bebendo sangue e devorando carne humana, incluindo a carne tenra de crianças e fetos abortados. Tais imaginários obscuros não

se limitavam a populistas disseminadores do medo; eles eram tomados como evangelho pelas mentes mais importantes da época. No século XIII, Roger Bacon, o pioneiro medieval da ciência, clamou pelo estudo da geografia, de forma que a cristandade pudesse planejar contra a invasão vinda do Oriente.

Enquanto as especulações se empilhavam em conjecturas e a Europa passava a acreditar que lugares fantásticos existiam, tão pouco era conhecido sobre os lugares reais que eles acabaram se tornando, por sua vez, o conteúdo da fantasia. Crucialmente, os lugares mais longínquos do Oriente eram um mistério tal que até era possível imaginar que, em algum nível profundo, pelo menos, eles fossem cristãos.

De todos os enigmas, a localização da Índia era o mais desconcertante. E isso era uma fonte de frustração incalculável, já que a Índia era conhecida por ser a principal fonte das mercadorias mais procuradas no mundo: as especiarias.

NADA DELICIAVA MAIS o paladar medieval do que uma explosão picante de especiarias. Nas cozinhas de toda a Europa, as especiarias eram muito usadas em molhos, mergulhadas em vinhos e cristalizadas como doces com a adição de açúcar, que era ele próprio classificado como uma especiaria. Canela, gengibre e açafrão eram material básico na despensa de qualquer cozinheiro que se prezasse, e os preciosos cravos, nozes-moscadas e flores de noz-moscada eram igualmente presentes. Mesmo o povo do campo tinha desejo por pimenta preta, enquanto os ricos *gourmets* devoravam uma gama de especiarias que ia do anis à cúrcuma, um parente do gengibre que já foi muito apreciado e de custo surpreendente. A criadagem do século XV do primeiro duque de Buckingham trabalhava com duas libras de especiarias por dia, incluindo quase uma libra de pimenta e meia libra de gengibre, e mesmo essa ingestão prodigiosa era pouca se comparada aos sacos de especiarias que eram esvaziados em panelas nos banquetes de reis, nobres e bispos. Quando o duque George, "o Rico" da Baviera, casou, em 1476, os *chefs* mandaram buscar delícias orientais em uma quantidade impressionante:

Pimenta, 386 libras.
Gengibre, 286 libras.
Açafrão, 207 libras.
Canela, 205 libras.
Cravo, 105 libras.
Noz-moscada, 85 libras.

As especiarias não agradavam apenas ao paladar: por uma feliz coincidência, elas eram boas para a saúde. Estudantes de medicina medievais aprenderam que o corpo era um microcosmo do universo, um conceito que derivava da medicina grega clássica e que foi transmitido para a Europa por médicos muçulmanos. Quatro humores ou fluidos corporais

eram os equivalentes internos do fogo, da terra, do ar e da água, e cada um tinha características próprias. O sangue, por exemplo, tornava o indivíduo sanguinário ou irreprimivelmente otimista, ao passo que a bile negra gerava melancolia; e enquanto ninguém era abençoado com um equilíbrio perfeito, um desequilíbrio excessivo levava à doença. O alimento era particularmente importante para manter o equilíbrio do corpo, e, como os humores, era classificado de acordo com o seu grau de calor e umidade. Alimentos frios e molhados, tais como peixes e muitas carnes, eram considerados menos perigosos com uma saudável pulverização de tempero quente e seco. E mais: acreditava-se que as especiarias eram purgativos altamente eficientes, qualidade valorizada em uma época que gostava que seus remédios fossem tão violentos quanto suas doenças.

Cada especiaria tinha uso farmacêutico específico. Sob o signo do almofariz e do pilão, boticários moíam para transformar seus tesouros secos em xaropes, comprimidos e resinas, comercializando os resultados como drogas milagrosas e suplementos de saúde. A pimenta-do-reino, a especiaria mais amplamente disponível, era utilizada para diversas finalidades: como expectorante; para tratar a asma; para curar feridas; como um antídoto para veneno; e, quando esfregada vigorosamente nos olhos, para melhorar a visão. Em uma variedade de misturas, ela era prescrita, entre muitas outras coisas, para epilepsia, gota, reumatismo, insanidade, dor de ouvido e hemorroidas. A canela tinha quase a mesma quantidade de aplicações, indo desde usos para a febre alta até o mau hálito. A noz-moscada era invariavelmente recomendada para inchaço e flatulência, enquanto o gengibre, quente e úmido, era a droga escolhida para melhorar a libido masculina. O autor de um dos muitos manuais de sexo medieval sugeriu que um homem incomodado por "um membro pequeno",

> que queira torná-lo grande ou fortificá-lo para o coito, deve esfregá-lo antes da cópula com água morna, até que ele fique vermelho e aumente pelo afluxo de sangue em consequência do calor; ele deve ungi-lo com uma mistura de mel e gengibre, esfregando-o laboriosamente. Então, deixe que ele se junte à mulher; ele dará tal prazer que ela não o deixará sair de dentro de seu corpo novamente.

Além das especiarias culinárias normais, atacadistas e comerciantes locais difundiam uma gama exótica de raridades animais, vegetais e minerais vindas dos cantos distantes da Terra. Elas também eram classificadas como especiarias, e muitas deveriam ser inaladas.

Homens e mulheres medievais não eram tão universalmente sujos como sustenta o folclore, mas o ambiente cheirava mal. Os aromas intensos de curtumes e fundições tomavam as áreas residenciais. O esgoto corria ou estagnava nas ruas, onde se misturava com lixo doméstico e esterco de cavalos, porcos fuçando e gado sendo conduzido para o mercado. Os pavimentos eram cobertos com juncos ou palhas polvilhados de ervas-doces, mas substâncias agressivas permaneciam por debaixo deles. Em uma viagem para a Inglaterra, o grande humanista holandês Erasmo observou que os juncos eram renovados "de modo tão imperfeito que a camada inferior era esquecida, às vezes por vinte anos, abrigando expectoração, vômito,

fluidos de cães e homens, restos de cerveja, pedaços de peixe e outras abominações impróprias para a menção. Sempre que o tempo muda, um vapor é exalado, o que eu considero muito ruim para a saúde". A única maneira de combater fortes maus cheiros era com cheiros muito bons, e especiarias picantes eram queimadas como incenso, aplicadas como perfumes e espalhadas pelos quartos para criar um refúgio perfumado. Para aqueles que pudessem pagar, perfumes caros eram os mais reconfortantes de todos; entre os aromáticos mais valorizados estavam resinas raras como incenso, mirra, aroeira e bálsamo, e as ainda mais raras secreções animais perfumadas, como castóreo de castores, algália de gatos selvagens tropicais e almíscar de pequenos cervos do Himalaia.

Todos sabiam que o mau cheiro era uma coisa ruim, mesmo que pouco se fizesse a respeito. O que transformou a mania de aromáticos exóticos em um vício total era a crença de que maus odores eram responsáveis pela disseminação de epidemias, inclusive da própria peste negra. O preventivo supremo contra a praga era o âmbar cinzento, uma secreção gordurosa dos intestinos de cachalotes que eram expelidos ou excretados, endurecidos em contato com a água e lavados nas praias da África oriental como caroços acinzentados e encrostados com cheiro de animais, terra e mar. A faculdade de medicina da renomada Universidade de Paris prescrevia uma mistura de âmbar cinzento e outros compostos aromáticos — como sândalo, pinho, mirra e flor de noz-moscada — transportados em bolas de metal perfuradas conhecidas como *pommes d'ambre*, ou sachês, embora o rei e a rainha da França, que estavam entre os poucos que podiam pagar por eles, inalassem o puro âmbar cinzento.

Em um mundo de mistérios e milagres, as especiarias estavam entre os segredos mais profundos da terra. Atribuía-se ao âmbar cinzento poderes mágicos precisamente porque era muito estranho, e o mesmo acontecia com outras substâncias igualmente estranhas. Também entre as mercadorias vendidas nos balcões dos boticários estavam o *tutty*, ou depósitos endurecidos tirados das chaminés do Oriente, e o *mummy*, que foi incluído em um importante manual sobre drogas como "uma espécie de tempero coletado dos túmulos dos mortos" — uma substância de odor fétido, parecida com piche, raspada das cabeças e espinhas de cadáveres embalsamados. Mercadoria valorizada, a urina solidificada do lince era creditada como sendo uma espécie de âmbar ou pedra preciosa, enquanto gemas verdadeiras e pedras semipreciosas eram armazenadas ao lado de especiarias mais raras e consideradas possuidoras de faculdades curativas particularmente fortes. Lápis-lazúli era receitado para melancolia e malária. Topázio aliviava hemorroidas. O âmbar negro, moído e espalhado pela casa, induzia a menstruação e tinha o benefício adicional de afastar encantamentos do mal. Pérolas esmagadas eram utilizadas para estancar hemorragias, aumentar o leite de uma mãe que estivesse amamentando e, para os verdadeiramente autoindulgentes, tratar diarreia. Misturas pródigas de pedras preciosas e especiarias eram o último recurso, se tudo o mais tivesse falhado: a elite mimada poderia combater a melancolia invernal jogando pó de pérolas misturado com cravo, canela, galanga, babosa, noz-moscada, gengibre, marfim e cânfora, e poderia afastar a velhice com uma

requintada mistura de pérola, safira, rubi e fragmentos de coral misturados com âmbar cinzento e almíscar — uma mistura tão fácil de digerir quanto a alternativa mais barata de carne de víbora, cravo, noz-moscada e flor de noz-moscada.

As gemas, naturalmente, eram para os ricos, e alguns poucos médicos discretamente expressavam dúvidas de que as mercadorias exóticas do Oriente fossem mais eficazes do que as ervas comuns, ou de jardim. Mas para aqueles que podiam comprar o melhor, o próprio fato de que as especiarias vinham de terras e mares distantes e de selvas e desertos desconhecidos — e os preços altíssimos que estes exigiam — dava-lhes um cunho reconfortante de exclusividade. Em uma época que glorificava o consumo conspícuo, aquecer-se em uma nuvem de ambrósia oriental era um ingrediente essencial do alto nível de vida. As especiarias eram os bens luxuosos *par excellence* do mundo medieval.

Os lucros em jogo eram imensos, e comerciantes sem escrúpulos, cujas vendas dependiam massivamente do Oriente exótico, não hesitavam em adulterar seus produtos, mergulhando-os em água para adicionar peso, escondendo as especiarias velhas sob as frescas ou mesmo incluindo raspas de prata, cujo peso valia menos do que o do cravo. A fúria de seus clientes não tinha limites: em 1444, um adulterador de açafrão foi queimado até a morte em Nuremberg, embora com mais frequência acontecesse de se queimar as próprias especiarias. No entanto, o cada vez mais vociferante *lobby* antiespeciarias tinha preocupações maiores do que um pequeno furto local; o que era realmente ultrajante era o desperdício escandaloso de dinheiro. Moralistas diziam que as especiarias — mesmo "aquela maldita pimenta" — apenas inflamavam os sentidos, geravam gula e luxúria e sumiam rapidamente. Esse hábito, diziam eles, estava transformando os valentes europeus em gastadores efeminados. Principalmente, o gosto pelos luxos orientais estava drenando os tesouros da Europa e canalizando o ouro para as mãos dos infiéis.

Não podemos dizer que as especiarias eram vistas como profanas; muito pelo contrário. Os aromas do Oriente, advertiam severamente os opositores, pertenciam adequadamente ao céu e aos santos, e não aos mortais gananciosos. Resinas e especiarias — como, por exemplo, o incenso, os bálsamos e unguentos — tinham sido usadas em rituais religiosos desde pelo menos o tempo do antigo Egito, e embora os primeiros cristãos evitassem perfumes como o cheiro das casas de banho, dos bordéis e dos altares pagãos, a ideia de que as fragrâncias convocavam o sobrenatural se provava difícil de dissipar. A cristandade medieval acreditava que o cheiro agridoce das especiarias era um sopro do céu na terra, uma lufada perfumada do além. O cheiro, dizia-se, agarrava-se aos anjos visitantes e atestavam sua presença, enquanto demônios poderiam ser detectados por seu notório mau cheiro. Também se acreditava que os santos cheirassem milagrosamente a temperos, e aqueles que tinham sofrido uma morte particularmente horrível estavam fadados a desfrutar uma vida após a morte correspondentemente perfumada. No século xv, relatou-se que o cadáver de Santa Lidwina de Schiedam — que, quando adolescente, quebrou uma costela enquanto esquiava no gelo e

passou seus 38 anos de vida em diante com pedaços do corpo caindo e o sangue se derramando de sua boca, orelhas e nariz — exalava um cheiro maravilhoso de canela e gengibre.

Os europeus tinham viajado pelas rotas das especiarias havia muito tempo. Os gregos mostraram o caminho, e os romanos, após a expulsão de Cleópatra do trono, estabeleceram um comércio regular entre a costa leste do Egito e a costa oeste da Índia. Durante cada ano, 120 cargueiros enormes tinham navegado para satisfazer o gosto extravagante dos romanos por sabores picantes e perfumes exóticos, embora mesmo os puristas estivessem reclamando sobre o vasto acervo de ouro e prata que era gasto em frivolidades orientais, um tema que o satirista Pérsio usou no século I da era cristã:

*Os mercadores gananciosos, levados pelo lucro, correm*
*Para a Índia ressequida e para o sol nascente;*
*De lá a pimenta quente e ricas drogas eles trazem,*
*Trocando por especiarias seus utensílios italianos.*

Na altura do século III, os árabes iniciaram as rotas marítimas, e a ascensão posterior do Islã consolidou o seu controle do comércio oriental. À medida que fortunas europeias reviveram, os comerciantes de Veneza e Gênova passaram a comerciar nos movimentados mercados de especiarias de Constantinopla, construídos por decreto imperial ao lado do portão do palácio para que os aromas chegassem ao andar de cima, e, durante as Cruzadas, os portos cristãos da Síria e da Palestina tinham feito um comércio bem-sucedido no ramo de especiarias e pedras preciosas, tapetes orientais e sedas. No entanto, os comerciantes europeus de especiarias eram o último elo em uma grande cadeia de fornecimento, e estavam totalmente no escuro sobre de onde os bens preciosos vinham ou como eram produzidos.

Como de costume, a ignorância criou um turbilhão inebriante de especulações. Uma vez que as especiarias claramente vinham de um lugar abençoado, pensava-se, a localização óbvia era o Paraíso terrestre. A partir de um punhado de autoridades clássicas, estava claro que as especiarias eram mais abundantes na Índia, e então, por dedução, a Índia deveria estar na fronteira com o Paraíso. Mesmo assim, era sabido que alguns temperos vinham de outros lugares distantes, e a resposta para este quebra-cabeça foi encontrada na Bíblia. O livro do Gênesis revelava que o Jardim do Éden regava quatro rios, que passaram a ser identificados como o Tigre, o Eufrates, o Ganges e o Nilo. Acreditou-se por muito tempo que todos os quatro saíam de uma única fonte gigante no centro do jardim, mas até mesmo os europeus desconfiaram dessa deturpação da geografia e decidiram que os rios corriam subterrâneos até surgirem em sua aparente origem. Dos quatro, o Nilo era o mais venerado, e uma vez que ele

não poderia correr através do mar, tornou-se aceite que o interior africano, de onde ele vinha, deveria estar ligado à Índia. Isso explicava perfeitamente por que as especiarias eram muito encontradas no Egito. Um francês que foi para lá com a Sétima Cruzada revelou que, todas as noites, o povo que vivia ao longo das margens do alto Nilo jogava redes na corrente:

> Ao amanhecer, eles encontravam em suas redes coisas como as que são vendidas a peso e importadas para o Egito, como por exemplo gengibre, ruibarbo, aloés e canela. Dizia-se que estas coisas vinham do Paraíso terrestre, pois nesse local paradisíaco o vento derrubava as árvores da mesma maneira que a madeira seca nas florestas da nossa própria terra, e a madeira seca das árvores do Paraíso que, assim, caía no rio, era vendida para nós por comerciantes nesse país.

Quanto aos meios de colher os temperos, os especialistas da Europa tinham muito a dizer. Era sabido que a pimenta crescia em árvores patrulhadas por cobras venenosas. "As florestas de pimenta são guardadas por serpentes, mas os nativos queimam as árvores quando a pimenta está madura e o fogo afugenta as cobras", expôs Isidoro de Sevilha em sua enciclopédia. "É a chama que escurece a pimenta, pois a pimenta é naturalmente branca." Algumas autoridades declaravam que o bosque inteiro tinha que ser replantado após a queimada, o que explicava o alto custo da cultura. A coleta de canela era igualmente um trabalho intensivo:

> Os árabes dizem que os galhos secos [...] são trazidos para a Arábia por aves de grande porte, que os carregam para seus ninhos, feitos de barro, em precipícios da montanha que nenhum homem pode subir. O método inventado para obter os paus de canela é este: as pessoas cortam os corpos de touros mortos em pedaços muito grandes e deixam-nos no chão, perto dos ninhos. Então, eles se espalham, e os pássaros descem e carregam a carne para seus ninhos, que são demasiado fracos para suportar o peso e caem no chão. Os homens vêm e pegam a canela.

Os mais céticos suspeitavam que os mercadores árabes espalhavam mentiras para justificar seus preços, mas essas justificativas eram amplamente aceitas. Assim, diziam os relatos antigos que pedras preciosas só podiam ser encontradas nos traiçoeiros desfiladeiros indianos; e já que nenhum homem poderia descer até lá, a única forma de recuperar as gemas era arremessando no local grandes pedaços de carne crua para que pássaros treinados buscassem os bocados brilhantes. Essa tese em particular também convenceu o mundo islâmico — transformando-se nos contos de Sinbad, o marinheiro de Basra — e viajou até a China. Ao longo dos séculos, serpentes foram adicionadas aos barrancos, algumas das quais podendo matar com um mero olhar. Alexandre, o Grande, é claro, tinha a resposta: desceu espelhos nos quais as cobras viam-se até morrer, embora tenha seguido a estratégia de carne e pássaros para recuperar as pedras.

As primeiras informações reais sobre a origem das especiarias chegaram à Europa durante a longa paz mongol. Os mongóis, que não eram particularmente ligados à fé, garantiam a segurança da viagem para todos os que atravessassem seu império, e para os aventureiros

europeus a perspectiva de penetrar lugares escondidos da Ásia era irresistível. Os missionários abriram o caminho, e os comerciantes logo os seguiram. Os italianos, como sempre, estavam na vanguarda, e entre eles estava um jovem veneziano chamado Marco Polo. Em 1271, aos dezessete anos, Marco foi para Pequim, onde se tornou o enviado de confiança do imperador mongol Kublai Khan. Ele partiu para explorar as terras do Grande Khan, e depois de 24 anos retornou para Veneza carregado de ricas joias e histórias mais ricas ainda. Quase imediatamente foi preso pelos genoveses, que estavam então em guerra com Veneza, e passava o tempo ditando o seu *Viagens* para um companheiro de cela.

A Ásia de Marco Polo era notadamente livre de raças monstruosas: ele jogava água fria sobre a salamandra à prova de fogo e transformava o unicórnio no menos gracioso rinoceronte. Mas ele — ou seu amanuense — não estava imune a todas as velhas histórias; os diamantes, explicava nas *Viagens*, eram comidos pelas águias brancas atraídas por pedaços de carne crua dentro de fendas infestadas de serpentes, e então eram pescados dos excrementos dos pássaros. No entanto, no geral, o seu relato foi o de um prático homem de negócios — e foi isso que tornou a leitura surpreendente. A China que ele descreveu era uma nação pacífica e próspera de imensa riqueza e tamanho, um reino de inúmeras cidades construídas em uma escala colossal, cada uma com milhares de pontes e portos de mármore, cheios de juncos. A 1,5 mil milhas de sua costa — uma superestimação que iria encorajar grandemente um marinheiro genovês chamado Cristóvão Colombo — estava o Japão, cujos palácios eram cobertos de ouro. Polo foi o primeiro europeu a relatar a existência do Japão e da Indochina; foi também o primeiro, até onde se sabe, a atingir a Índia, e o primeiro a passar as informações de que muitas de suas especiarias vinham de ilhas longínquas, a leste, cujo número ele precisou em 7.448.

Os mongóis nunca conquistaram a Índia, e apenas uma parcela muito pequena dos ocidentais chegou até o subcontinente depois de Marco Polo. Em 1291, pouco antes de ele retornar a uma espantada Veneza, dois frades missionários visitaram a Índia em seu caminho para a China, e logo foram seguidos por um terceiro, um intrépido dominicano chamado Jordan de Sévérac, que passou boa parte da vida sozinho, apoiando as pequenas comunidades cristãs estabelecidas por seus antecessores. Tanto Jordan quanto seu equivalente franciscano, Odorico de Pordenone, escreveram relatos cheios de imaginação sobre as maravilhas da Índia para atrair novos recrutas, mas que também continham algumas informações novas. Odorico finalmente explicou que as pimentas cresciam em videiras e eram secas pelo sol; crocodilos espreitavam nas alamedas, acrescentou, mas eram tímidos e corriam com o menor fogo que se acendesse. Outro franciscano, chamado João de Marignola, que partiu em 1338 como enviado papal para a China e vagueou por grande parte da Ásia por quinze anos, descreveu como a pimenta era colhida e desmistificou o povo com "pés de guarda-sol" ao introduzir o guarda-chuva no Ocidente.

De todas as novas revelações, a mais provocativa foi o relato de frei Odorico de que a pimenta era tão abundante na Índia quanto os grãos o eram na Europa; a colheita, ele

conjecturou, crescia apenas na costa do Malabar, o litoral do sudoeste da Índia encharcado pela monção, mas um homem levava dezoito dias para atravessar de um extremo da plantação a outro. Essa notícia alimentou a crescente raiva da Europa do custo enorme de seus condimentos. Quanto mais a Índia tornava-se um lugar real para o Ocidente, mais a antiga admiração em relação à raridade excessiva das especiarias era deixada de lado em favor de novas histórias sobre sua absurda abundância. As especiarias, começaram a reclamar os polemistas, cresciam em todo o Oriente e não custavam nada; foram os inimigos da cristandade que espalharam histórias selvagens e manipularam o fornecimento e o preço.

Tudo isso era demais para muitas pessoas. Vastas extensões de terras que Marco Polo descreveu eram completamente desconhecidas para os antigos e também para os geógrafos cristãos, e suas reivindicações não eram muito creditadas. Sua voz era apenas mais uma entre muitas, e outros relatos de viajantes continuavam a vender e embelezar as velhas histórias — em alguns casos, sem nunca sair de casa. O altamente imaginativo *Viagens de sir John Mandeville*, provavelmente escrito em meados do século XIV por um médico francês de Liège, veio completo, com homens-cachorros, cheiradores de maçãs e gigantes de um olho só, e era muito mais popular entre os leitores do que o sóbrio relato de Polo. *Mandeville* abrangia um apanhado de todo o Oriente Médio, China e Índia, com um desvio para a montanha do Paraíso, com sua nascente jorrante e sua parede de espadas flamejantes. O plausível guia insistia que as plantações de pimenta eram, afinal, infestadas de serpentes, embora estas pudessem ser facilmente afastadas com suco de limão e caracóis. Preste João, acrescentou ele, era fabulosamente rico por suas grandes florestas de pimenta e pelas esmeraldas e safiras que brilhavam em seus rios. Sua terra era regada por uma fonte de sabores maravilhosos que curava qualquer doença e preservava a todos em seus 32 anos, a idade exata em que Jesus foi crucificado.

Com a queda dos mongóis, as rotas terrestres tornaram-se inseguras e por fim intransitáveis, e praticamente todas as viagens entre os dois continentes cessaram. A amostra tentadora do Leste para a Europa se tornou logo uma memória esmaecida, ficando mais difícil do que nunca separar os fatos das fantasias apoiadas por séculos de tradição. Porém, ficou dolorosamente claro que, estando os turcos entrincheirados em Constantinopla, qualquer esperança que a Europa tivesse de se infiltrar no comércio de especiarias tinha retrocedido mais do que nunca. Esse não era um lamento epicurista; a situação representava uma ameaça terrível para a economia europeia, para suas estruturas políticas e até mesmo para sua fé. Como os preços subiram muito e a demanda oscilava, a obsessão em manter as aparências deixou as classes privilegiadas — incluindo diversas cortes reais — diante da possibilidade real de um severo constrangimento financeiro. Pior ainda, a perspectiva de um mundo islâmico cada vez mais rico forçando as portas de uma Europa empobrecida parecia significar a ruína da cristandade.

As potências europeias que mais tinham a perder com a nova ordem das coisas eram

Veneza e Gênova. Durante séculos, as duas repúblicas marítimas haviam disputado o controle do comércio com o Oriente. Um visitante de Veneza do final do século xv ficou surpreso ao descobrir que o mundo inteiro parecia fazer negócios lá: "Quem poderia contar as muitas lojas", admirou-se, "tão bem mobiliadas que quase parecem armazéns, com tantos panos de diferentes tipos — tapeçarias, brocados e decorações de parede de todos os formatos, tapetes de toda espécie, chamalotes de todas as cores e texturas, sedas de todo tipo; e tantos armazéns cheios de especiarias, mantimentos e medicamentos e ceras tão bonitas! Tudo isso atordoa o espectador". A riqueza de ambas as cidades dependia de um fornecimento regular de luxos asiáticos, e o suprimento tinha acabado.

No entanto, quando os conselheiros de Veneza entraram no recém-terminado palácio Ducal, com sua arquitetura inspirada pelas mesquitas, bazares e palácios do Oriente, farejaram uma oportunidade, não um desastre. Os comerciantes da cidade ainda tinham profundos contatos no mundo islâmico, e uma vez que o controle muçulmano das rotas comerciais estava quase completo, o restante da Europa tinha ainda menos possibilidade de competir com eles do que antes. Meio flutuante em sua lagoa, Veneza sempre tinha estado ancorada de forma tênue à Europa; para seus vizinhos, seu poder tinha um brilho frio e duro e seus escrúpulos religiosos vinham em um distante segundo lugar em relação ao comércio. "*Siamo Veneziani, poi Cristiani*", seu povo gostava de dizer: "Somos primeiro venezianos e depois cristãos". Poucos meses depois da conquista de Constantinopla, as repúblicas voltaram, comprando seus luxos dos otomanos e repassando as tarifas infladas a seus clientes. O tratado não durou — o olhar conquistador de Mehmet logo se voltou para as colônias ultramarinas de Veneza e, embora não quisesse, a república foi mergulhada em sua própria Cruzada —, mas apesar de todos os triunfos otomanos, eles não eram os únicos a praticar atividades ilegais na cidade. Mehmet estava marchando para uma guerra com os sultões mamelucos do Egito, e os egípcios enviaram uma série de embaixadas deslumbrantes para a Itália em uma tentativa deliberada de tirar do mercado os seus companheiros muçulmanos. Uma delegação chegou a Florença trazendo bálsamo, almíscar, benjoim, madeira de aloés, gengibre, musselina, porcelana chinesa, cavalos árabes puros-sangues e uma girafa. Outra embaixada alcançou Veneza, e logo a república mudou grande parte do seu comércio para o antigo porto egípcio de Alexandria.

Para o restante da Europa, a situação era um escândalo. Comerciantes da Itália eram coniventes com os muçulmanos para monopolizar o comércio de especiarias, e seus irmãos cristãos estavam pagando o preço. Como acontece frequentemente, a necessidade é a mãe da invenção; com os Estados islâmicos mais uma vez enfileirados ao longo das fronteiras terrestres da Europa, a ideia de chegar ao Oriente por via marítima já não parecia tão ridícula.

Embora não fosse inteiramente nova, era uma ideia tão radical que poucos a levaram em consideração. De volta a 1291, quando a última fortaleza da Cruzada na Terra Santa havia caído sob o domínio dos egípcios, dois irmãos genoveses colocaram em ação um plano

heroicamente suicida. Ugolino e Vadino Vivaldi equiparam duas galés com remos para uma viagem de dez anos e partiram com a intenção de chegar à Índia navegando ao redor da África. Eles remaram pelo Mediterrâneo e para fora dele, passando pelas Colunas de Hércules, e nunca mais se ouviu falar deles, embora persistentes lendas sustentem que eles navegaram em torno da África antes de terem sido feitos prisioneiros por um Preste João inesperadamente hostil. Ninguém tentaria o mesmo feito até que Vasco da Gama zarpasse dois séculos mais tarde. Porém, a noção de que o comércio marítimo do Oriente era a chave para minar gradualmente o Islã tornou-se uma questão de fé, e esta ideia continuou sendo divulgada nos papéis de propaganda que saíam das penas dos revivalistas das Cruzadas.

Em 1317, um missionário dominicano chamado William Adam escreveu um longo memorando para um cardeal, sobrinho do papa, intitulado *De modo sarracenos extirpandi* — "Como erradicar os muçulmanos". Adam tinha passado nove meses explorando o oceano Índico e recomendava contar com a ajuda dos mongóis do Irã para montar um bloqueio naval do Egito usando galés genovesas. "Tudo o que é vendido no Egito", explicou ele, "como pimenta, gengibre e outras especiarias, ouro e pedras preciosas, sedas e aqueles ricos tecidos tingidos com cores indianas e todos os outros objetos de valor, para comprar o que os mercadores destes países cedem para Alexandria e se expõem à armadilha da excomunhão, todas estas coisas são trazidas para o Egito a partir da Índia." De acordo com Adam, duas galés genovesas já haviam sido construídas em território mongol e remaram pelo Eufrates em direção ao oceano Índico, mas facções rivais de marinheiros tinham brigado entre si e antes de terem ido muito longe estavam todos mortos. Sete anos depois de Jordan Sévérac, o frade dominicano que havia tomado para si a tarefa de estabelecer a Igreja católica na Índia escreveu para sua ordem, secundando a exigência de Adam para navios a serem enviados ao oceano Índico para lançar uma nova Cruzada contra o Egito. "Se nosso senhor, o papa, apenas nos mandasse duas galés neste mar", insistiu ele, "que grande ganho isto seria! E que danos e destruição para o sultão de Alexandria!" Ele viajou rapidamente de volta à Europa para pressionar a respeito de seu caso, e em 1329 o papa mandou-o de volta à Índia como bispo, mas logo após seu retorno ocorreram rumores de que ele tinha sido apedrejado até a morte.

Na mesma época, um estadista veneziano chamado Marino Sanudo Torsello escreveu um elaborado manual para reavivar as Cruzadas. Esse manual era pleno de mapas detalhados, porém inexatos, e também foi responsável por um bloqueio naval. O papado respondeu à perda do último porto cristão na Palestina proibindo todo o comércio com o mundo islâmico, mas Roma logo começou a abrir concessões para mercadores europeus em troca de robustas quantias. Sanudo forçadamente argumentou que os comerciantes cristãos estavam financiando as guerras do Islã contra os exércitos cristãos ao entregar a riqueza da Europa em troca de especiarias. Já estava muito claro, apontou ele, que só expedições armadas não iriam desalojar os muçulmanos da Terra Santa. Se fazia necessário um embargo comercial total apoiado pela ameaça de excomunhão e reforçado por galés de patrulhamento; o bloqueio fatalmente

enfraqueceria o sultão egípcio, uma vez que sua riqueza vinha do controle sobre o comércio de especiarias. Uma marinha cruzada poderia, então, navegar rio Nilo acima e terminar o trabalho. De sua nova base no Egito, os cavaleiros poderiam criar uma aliança com os mongóis, atacar a Palestina e retomar Jerusalém. Finalmente, uma frota seria estabelecida no oceano Índico para policiar seus povos e comércio. Sanudo forçou seu plano sobre dois papas sucessivos e o rei da França, porém, tendo em vista que isso exigia uma ação coordenada dos governantes turbulentos da Europa, não deu em nada.

Enquanto os grandes poderes, exauridos, ignoravam cada proposta sucessiva como se fosse outro voo de fantasia tola, o pequeno Portugal tinha estado ocupado preparando o caminho.

O VELHO MAPA-MÚNDI não tinha lugar para o hemisfério sul. Ao contrário da crença popular, os cartógrafos não pensavam que a Terra fosse plana, embora realmente deduzissem que ninguém vivia nas Antípodas, as terras abaixo do equador. Acreditava-se piamente que o equador fosse um anel de fogo ardente, e uma vez que a Arca de Noé tinha descansado no monte Ararat, no norte, era difícil ver como o povo poderia ter caminhado para o sul. Além disso, eles não teriam sido alcançados pelo Evangelho, que a Bíblia declarou ter se espalhado por toda a Terra.

Como a imagem do mundo vacilou e caiu, a cartografia sofreu uma revolução. Durante décadas, os mapas do novo mundo eram uma curiosa mistura do medieval e do moderno: metade baseava-se nos notadamente acurados mapas portulanos (ou mapas costeiros) de marinheiros, e a outra metade era cheia de gigantes negros que comiam homens brancos estrangeiros, ou com mulheres-peixes chamadas sereias. Quando cartógrafos de vanguarda começaram a buscar informações mais confiáveis sobre as regiões distantes do globo, como muita coisa que era nova na Renascença, eles se voltaram para a idade clássica.

Em 1406, a *Geografia* de Ptolomeu reapareceu no Ocidente na bagagem de um estudioso que fugia de uma Constantinopla moribunda. Ptolomeu, cidadão romano que viveu no Egito durante o século II da era cristã, foi o primeiro geógrafo a dar instruções detalhadas sobre como representar o mundo em um plano liso e o primeiro a fornecer um abrangente dicionário geográfico de cada local conhecido da Terra. *Geografia* foi rapidamente traduzido para o latim, e logo se tornou item indispensável na biblioteca de qualquer príncipe, clérigo ou comerciante que se prezasse. Era uma marca do longo isolamento da Europa que voltar no tempo mais mil anos significava dar um salto adiante em conhecimento. Geógrafos cristãos tinham acreditado que seis sétimos do globo eram terra, e haviam imaginado um único supercontinente cercado por um único oceano. Ptolomeu espalhou os continentes através de um fundo azul claro, e seus mapas deram uma imagem surpreendentemente aquosa de um mundo onde os oceanos levavam a todos os lugares.

A todos os lugares, com exceção da extremidade sul da África. A África de Ptolomeu não tinha fim: suas costas leste e oeste viravam abruptamente em ângulos retos e esticavam-se até

o final da página, como a cauda de uma jubarte. A extensão leste se enrolava de modo a juntar-se a um longo dedo da Ásia, deixando o oceano Índico como um enorme lago.

A redescoberta de Ptolomeu alterou radicalmente a concepção europeia do globo, mas um cartógrafo ousado pegou o espírito do tempo e decidiu ir mais longe. Em 1459, d. Afonso de Portugal encomendou um novo mapa-múndi do famoso Fra Mauro, de Veneza. Mauro, um monge que dirigia uma oficina de cartografia de um mosteiro na ilha de Murano, sintetizou os mapas de Ptolomeu e Marco Polo e adicionou a inteligência de um ainda mais intrépido viajante veneziano, um aventureiro inveterado chamado Nicolau de Conti, que partiu em 1419, aprendeu árabe e persa, disfarçou-se como um comerciante muçulmano e excursionou no Oriente por 25 anos. No mapa de Fra Mauro, a África parava um pouco antes de terminar a parte inferior da página, e um canal estreito ligava o Atlântico ao oceano Índico. Foi o monge audacioso que levantou a perspectiva tentadora de velejar ao redor da África, e mesmo assim seu pioneirismo explorador era quase que certamente baseado em um mal-entendido.

Na Índia, Nicolau de Conti tomara conhecimento sobre os grandes juncos chineses que às vezes visitavam seus portos. Os gigantes navios de muitos andares tinham cinco mastros e um leme colossal, suspenso de uma ponte projetada na popa. Os cascos eram feitos com três pranchas para resistir às tempestades e dividiam-se em compartimentos, de modo que se um deles fosse furado o navio ainda estaria em condições de navegar. Dentro havia fileiras de cabines com portas com tranca e latrinas; ervas e especiarias eram cultivadas em jardins nos deques. Os juncos eram muito maiores do que qualquer navio europeu, e estavam longe de ser os maiores navios chineses.

O Reino Central, como a China orgulhosamente chamava a si mesma, havia negociado com a Índia e a África oriental durante séculos, mas entre 1405 e 1433 os imperadores Ming encenaram uma peça espetacular de teatro marítimo. Sete embaixadas flutuantes chegaram ao oceano Índico sob o comando do almirante Zheng He, um corpulento eunuco muçulmano que era bisneto de um guerreiro mongol. Só a primeira frota era composta por 317 navios tripulados por 27.870 marinheiros, soldados, comerciantes, médicos, astrólogos e artesãos. Em sua frente havia 62 navios do tesouro de nove mastros, e ainda, em uma mostra de generosidade que teria absolutamente confundido os europeus, os navios não foram projetados para receber o tesouro, mas para dispensá-lo. Enquanto navegavam para os portos do Sudeste Asiático, Índia, Arábia e África oriental, eles distribuíam enormes quantidades de seda, louças de porcelana, de ouro e de prata e outras maravilhas da produção chinesa. Essa generosidade aterrorizante tinha invariavelmente o efeito desejado: no espaço de poucos anos, os enviados de 37 nações correram para prestar homenagem ao imperador em Pequim. No entanto, nem mesmo a China poderia dar-se ao luxo de dispensar tais benesses indefinidamente, e, em 1435, o Reino Central voluntariamente abandonou sua presença dominante no oceano Índico. Em algumas décadas, suas esquadras e frotas mercantes acabaram por desaparecer — um

desenvolvimento sem o qual a rota de Portugal para o Oriente poderia ter sido muito bem e verdadeiramente bloqueada.

No mapa de Fra Mauro uma legenda trazia a notícia espantosa de que, por volta do ano 1420, um junco tinha rodeado a África e continuado na direção sudoeste por 2 mil milhas, um curso que o teria levado diretamente para o gelado Atlântico Sul. Mauro creditou a informação a uma "fonte confiável", que provavelmente era seu colega veneziano Nicolau de Conti. Ainda que Conti tivesse começado suas viagens apenas um ano antes do junco ter supostamente feito sua jornada, deve ter tomado conhecimento dessa história por meio de boatos. Fra Mauro disse mais: seu informante, ele mesmo, tinha viajado 2 mil milhas para o oeste-sudoeste da África por uma grande tempestade — embora o relato de Conti sobre suas viagens mencione apenas que ele foi tirado do seu curso enquanto rumava em direção à África em um navio indiano ou árabe. Uma vez que a descrição de Fra Mauro da ponta sul da África trazia fortes semelhanças com as características da costa leste africana muito mais ao norte, a explicação mais provável é que o cartógrafo viu nas novas informações que tinha em mãos os fatos que serviriam para apoiar sua própria hipótese — e, talvez, agradassem seu financiador português.

Em tais tópicos delicados residia a crescente crença de que o oceano Índico era, afinal, ligado ao Atlântico. Não era uma ideia nova, mas a sua hora tinha chegado.

# 6. Os rivais

Em 1475, o rei Afonso de Portugal casou-se, aos 43 anos, com sua sobrinha Joana de Castela, de treze anos. Não foi um consórcio gerado por um amor verdadeiro.

A mãe de Joana — irmã de Afonso — era casada com o rei Henrique iv de Castela. Henrique também era conhecido como o Impotente, e o pai verdadeiro de Joana era considerado por todos como sendo um nobre chamado Beltrán de la Cueva, um escândalo que a rotulou para o resto da vida com o apelido de La Beltraneja. Uma grande parte da nobreza castelhana revoltou-se com a ideia de a Beltraneja se tornar sua rainha, dando apoio à meia-irmã de Henrique, Isabel. Isabel tinha fugido aos dezessete anos com seu primo Fernando, herdeiro da coroa de Aragão, mas pelo menos seu sangue era genuinamente azul. Quando Henrique morreu, em 1474, facções rivais proclamaram rainha tanto Joana quanto Isabel. Apoiadores de Joana organizaram às pressas seu casamento com o tio, e Afonso proclamou-se rei legítimo de Castela.

A guerra irrompeu entre as nações vizinhas e rapidamente se espalhou pelo Atlântico. Os castelhanos enviaram suas frotas para pilhagem no litoral africano, uma atividade na qual eles se engajaram secretamente por alguns anos. Os navios de guerra portugueses deram pouca atenção a eles, mas as manobras militares de Afonso em terra se esgotaram em meio a um inverno espanhol excepcionalmente rigoroso, enquanto a coalizão de Joana se desfez quando o papa, que tinha inicialmente apoiado sua reivindicação, trocou de lado e anulou o casamento. Joana foi para um convento; Afonso entrou em depressão profunda, escreveu a seu filho João, abdicando do trono para que ele entrasse em seu lugar, e começou a planejar uma peregrinação à Terra Santa. João tinha sido rei por menos de uma semana quando seu pai, que havia mudado de ideia, voltou para casa, e sua ascensão oficial ao trono foi adiada, até que Afonso morresse, em 1481.

Se Afonso tinha incorporado um lado das características de seu tio Henrique — seu entusiasmo pelas Cruzadas e seu amor pelas tradições cavalheirescas —, o rei João ii era a apoteose do outro lado de Henrique. Ele era a própria imagem de um governante maquiavélico moderno: deixava-se levar por grandes ambições além daquelas de um homem comum, e não era excessivamente exigente sobre como as realizaria. Tão inteligente quanto cruel, se tornaria conhecido como o Príncipe Perfeito, apesar de suas vítimas denominarem-no o Tirano. Muitas dessas vítimas eram aristocratas proeminentes que tinham acumulado amplos poderes às custas da coroa. Quando o rei de 26 anos encontrou seus cofres praticamente vazios, não perdeu tempo em cortar seus privilégios. Os nobres, indignados, planejaram derrubá-lo, e suas cabeças rolaram, uma por uma.

Um ano antes das hostilidades com Castela irromperem, a coroa tinha tomado de volta o controle das descobertas após breve flerte com a livre-iniciativa. O comércio africano agora prometia lucros reais, e o novo rei agiu rapidamente para reforçar seu império das águas. Em Lisboa ecoavam os golpes de martelo dos escravos africanos trabalhando nas forjas para fazer âncoras, armas e munições. João ordenou aos engenheiros que melhorassem a pontaria e o poder de fogo dos canhões rudimentares que eram carregados para os navios, e modelos maiores, mais modernos, foram importados a um custo elevado de Flandres e da Alemanha. O rei também começou a resolver um problema que atormentava as frotas desde que elas se aproximaram do equador: o desaparecimento da estrela Polar, o ponto de referência pelo qual navegadores de Portugal haviam aprendido a determinar a latitude, quando no mar. João mergulhou na ciência da cosmografia e reuniu um comitê de especialistas. À frente estavam José Vizinho e Abraão Zacuto, dois matemáticos-astrônomos judeus que começaram a redesenhar os instrumentos simples de navegação e a preparar tabelas que permitiriam aos marinheiros ler a sua latitude a partir do Sol.

Frotas regulares partiram de Lisboa para a África, levando os materiais e os trabalhadores para construir fortalezas ao longo da costa — os primeiros elos no suporte principal de um império. Outros navios pressionavam no sul. Em 1483, um marinheiro chamado Diogo Cão alcançou o delta do rio Congo e estabeleceu o primeiro dos *padrões* — pilares de pedra encimados por uma cruz trazendo as armas de Portugal, a data e os nomes do rei e do capitão — que a partir desse momento marcariam os limites das descobertas portuguesas. "No ano 6681 da Criação do mundo, e 1482 do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo", dizia a inscrição no segundo pilar que ele ergueu, "o mais alto, excelso e poderoso príncipe d. João segundo de Portugal ordenou que esta terra fosse descoberta e estes pilares fossem colocados por Diogo Cão, escudeiro de sua casa." Cão foi feito nobre em seu retorno e partiu novamente. Em 1486, ele alcançou o rochoso cabo Cruz na Namíbia, despovoado exceto por sua vasta colônia de reprodução de focas do cabo Fur, e talvez a baía das Baleias, um porto profundo protegido por uma croa de areia que se revelaria um importante estágio na jornada para o sul. A baía das Baleias ficava apenas a quinhentas milhas da ponta sul da África, mas o nome de Cão não era o que a história lembraria: ele morreu em seu caminho para casa enquanto tentava explorar o Congo.

João II era tão dedicado quanto seus antepassados em levar o cristianismo para a Guiné, até porque o batismo tornava-os aliados mais confiáveis. Aos poucos, alguns africanos foram se voluntariando para a conversão — ou foram trazidos como reféns, instruídos na fé, e enviados para casa como embaixadores — e foram tratados como celebridades tanto para consumo doméstico quanto para consumo internacional. Um príncipe senegalês deposto chamado Bemoi provocou uma grande agitação ao chegar a Lisboa para remir a promessa do rei de que iria ajudá-lo a voltar à sua posição legítima, caso se convertesse. Bemoi tinha quarenta anos; era alto, forte e bonito, com uma barba patriarcal e uma maneira majestosa de falar, e o rei e a

corte receberam-no com todas as honras. Ele e 24 de seus companheiros foram batizados entre grandes festividades que incluíam, pelo lado português, torneios, touradas, farsas e festas à noite, e pelo lado dos visitantes, espetaculares demonstrações de equitação. Vinte navios de guerra e um grande contingente de soldados, construtores e sacerdotes os escoltaram para casa, mas, para a fúria de João, o comandante da esquadra ficou paranoico pensando que os africanos estavam planejando traição, e esfaqueou-o até a morte na viagem.

Mesmo sem tais atos extremos, o ritmo do proselitismo foi dolorosamente lento. Então, à medida que os agentes portugueses pressionavam cada vez mais para o interior da Guiné, uma eletrizante informação secreta surgiu de repente das profundezas da África.

Chegaram notícias de Preste João.

Em 1486, um emissário regressou a Lisboa acompanhado por um embaixador do rei de Benin. A uma marcha de vinte luas da costa, declarou ele, vivia um monarca chamado Ogané, que era tão reverenciado por seus súditos quanto o papa o era pelos católicos. Muitos reis africanos visitaram-no para serem coroados com um elmo de bronze, um bastão e uma cruz, mas tudo o que viram dele foi o pé, que ele graciosamente ofereceu para ser beijado por trás de uma cortina de seda.

Os especialistas reais se debruçaram sobre seus mapas e decidiram que levava exatamente vinte luas para marchar de Benim até a Etiópia. A lenda atraía, e as descobertas aumentavam.

João II decidiu por uma abordagem em duas frentes para localizar Preste João e unir forças com ele para chegar à Índia. O rei avançaria com as viagens marítimas, e ao mesmo tempo melhoraria sua busca por informações confiáveis por terra.

A única maneira de distinguir o fato do boato era enviando seus próprios agentes secretos para o coração do Oriente.

A PRIMEIRA TENTATIVA do rei João de enviar espiões em busca de Preste João não foi encorajadora. Os dois homens chegaram até Jerusalém, onde foram avisados de que, sem falar árabe, não durariam muito, e então voltaram para casa.

O rei procurou o conselho e convocou uma dupla mais promissora. Pêro da Covilhã, que tinha cerca de quarenta anos e era o mais velho dos dois, havia crescido entre os penhascos e ravinas da serra da Estrela, no centro de Portugal. Como uma esperta criança das ruas, ele enganara para ficar a serviço de um nobre castelhano — pelo menos ao nomear-se, à maneira patrícia, com o nome de sua terra natal — e provara ser um útil espadachim nas infindáveis lutas de capa e espada entre os cavaleiros espanhóis. Em seu retorno de Castela, Pêro tinha se insinuado para servir ao rei Afonso, primeiro como valete e mais tarde como escudeiro. O rei João levara-o após a morte de seu pai e o enviara para espionar os nobres portugueses que haviam fugido de seus executores para Castela; sua informação custou o pescoço de pelo menos dois nobres rebeldes. Em seguida, João recolocou Pêro no Marrocos e na Argélia para

negociar tratados de paz com os reis berberes de Fez e Tlemcen, e o enviado confiável logo aprendeu árabe e familiarizou-se com os costumes muçulmanos. Perspicaz e corajoso, dotado de uma memória fenomenal e perito em aparentar o que não era, ele foi uma escolha inspirada para a missão traiçoeira. O companheiro escolhido para ele foi Afonso de Paiva, filho de uma família respeitável, do mesmo tipo destemido das montanhas, como Pêro. Afonso era um escudeiro da casa real que tinha provado sua lealdade nas guerras espanholas e também falava um pouco de árabe.

Em meio ao maior segredo, os dois se encontraram na casa do secretário de João, em Lisboa. Também estavam presentes três dos conselheiros mais próximos do rei: seu capelão pessoal, que também era bispo de Tânger e cosmógrafo habilidoso; Rodrigo, seu médico, que era também astrônomo; e o matemático judeu José Vizinho. Os três homens começaram analisando mapas e traçando as rotas dos espiões.

Com a conclusão dos preparativos, em 7 de maio de 1487, os dois homens cavalgaram para o palácio em Santarém, a 45 milhas da capital e a uma distância segura dos olhos curiosos dos espiões que infestavam qualquer corte europeia.

Como a maioria dos grandes projetos elaborados na ignorância dos aspectos práticos, as ordens de João eram simples de comandar e diabolicamente difíceis de realizar. Os dois homens deveriam chegar à Índia e aprender sobre o comércio de especiarias. Deveriam encontrar Preste João e fazer uma aliança com ele. Deveriam descobrir se era realmente possível velejar em torno da África em direção ao oceano Índico, e como navegar uma vez que se estivesse lá. Só então eles deveriam voltar para casa e fazer um relatório completo.

A audácia da tarefa rapidamente sobrecarregou o irreprimível homem de Covilhã, que lamentou que "a sua capacidade não fosse maior, tão grande era o seu desejo de servir à Sua Alteza". Ele devia ser mais confiante, disse-lhe o rei; a sorte tinha brilhado sobre ele, e ele tinha provado ser um servo bom e fiel.

O futuro herdeiro de João também estava presente no encontro. Manuel tinha uma cara em forma de lua e era um jovem de aparência delicada, com cabelos castanhos, olhos esverdeados e grandes braços, "que eram tão longos que os dedos das mãos iam até abaixo dos joelhos". O jovem duque, a poucas semanas de seu aniversário de dezoito anos, entregou aos dois espiões o mapa final elaborado pelos três sábios. O rei deu-lhes uma bolsa com quatrocentos cruzados de ouro, desviada de um baú destinado às despesas das propriedades da coroa, e uma carta de credenciais "para todos os países e províncias do mundo". Antes que partissem, ajoelharam-se e receberam a bênção real.

Transportar tanto dinheiro era um convite para ser roubado, ou pior. Os dois homens separaram um punhado de moedas para as despesas e rapidamente voltaram para Lisboa, onde trocaram o saco de ouro por uma carta de crédito emitida por um poderoso banqueiro florentino.

Feito isso, os dois agentes secretos montaram em seus cavalos e cavalgaram por Portugal.

Cruzaram a fronteira com a Espanha e seguiram rumo a Valência, onde transformaram a carta de crédito em dinheiro numa filial do banco florentino, venderam seus cavalos e tomaram um barco pela costa até Barcelona. O movimentado porto tinha saídas regulares para a África do Norte, França, Itália e para o leste do Mediterrâneo; depois de trocar o ouro por outra nota de crédito, o par reservou uma passagem para Nápoles. Após uma viagem fácil de dez dias, eles chegaram à extensa baía aos pés do monte Vesúvio. Para onde estavam indo, não havia bancos que recepcionassem seus negócios, e então trocaram seu cheque pela última vez. Mantendo seus pesados malotes bem escondidos, desceram pela costa Amalfitana pelo estreito de Messina e, atravessando o mar Egeu, foram até a ilha de Rhodes, na costa da Turquia.

Rhodes era o lar dos Cavaleiros Hospitalários e o último reduto da longamente devastada Outremer. Um agrupamento sinistro de paredes com ameias e torres salientes pairava sobre o porto. Depois que foram expulsos da Terra Santa, os Hospitalários encontraram um novo objetivo na pilhagem das embarcações muçulmanas; sete anos antes, Mehmet, o Conquistador, tentou e não conseguiu desalojar esses últimos cruzados obstinados de sua ilha fortaleza.

Os espiões encontraram alojamento em um mosteiro e partiram em busca do conselho de dois Hospitalários portugueses. Os cavaleiros sugeriram que eles usassem o ouro para comprar cem barris de mel e um novo conjunto de roupas. Eles estavam indo para terras islâmicas, e de agora em diante teriam que aparentar serem humildes comerciantes — embora o disfarce não fosse tanto para os muçulmanos, que não eram capazes de distingui-los dos outros europeus, e sim para os comerciantes italianos, que guardavam zelosamente os seus interesses contra intrusos.

A partir de Rhodes, os dois espiões navegaram para o sul, em direção ao Egito e ao antigo porto de Alexandria, onde sua verdadeira missão começou. Daí em diante, suas descobertas seriam de extrema importância para Vasco da Gama e seus companheiros pioneiros marítimos.

Alexandria tinha sido a maior metrópole do mundo clássico, o centro de comércio entre Europa, Arábia e Índia, e o modelo para a Roma imperial. Seus conquistadores árabes haviam ficado boquiabertos com as ruas de mármore brilhante repletas de 4 mil palácios e balneários e quatrocentos teatros, e, repelidos por tal esplendor pagão, levaram sua capital para o Cairo. Rapidamente Alexandria se reduzira a uma pequena cidade construída sobre as bases ocas do império. A Grande Biblioteca tinha sido perdida havia muito tempo, juntamente com o vasto palácio dos Ptolomeus. Terremotos haviam nivelado o lendário Faros, o imponente farol, cujo feixe brilhava 35 milhas Mediterrâneo adentro, e apenas sete anos antes o último de seus gigantescos blocos de pedra tinha sido reciclado para construir um forte no porto. “Por esta época [Alexandria] parecia muito gloriosa por fora”, relatou Martin Baumgarten, um rico cavaleiro alemão que foi arrasado pela tristeza com a morte prematura de sua esposa e de seus três filhos, embarcando em 1507, aos 32 anos, em uma peregrinação para Jerusalém; “as muralhas, como são de um tamanho grande, são bem construídas, firmes e altas, e as torres

sobre elas são numerosas, mas por dentro, em vez de uma cidade, não há nada para ser visto, além de um prodigioso monte de pedras".

O navio avançou entre as rochas submersas do porto, suas velas baixas, no sinal usual de deferência para com o sultão, e, uma vez atracado, agentes vieram a bordo para indagar os passageiros e a tripulação. Comerciantes regularmente tentavam fugir aos impostos, escondendo seus bens nos lugares mais estranhos; "economizamos uma grande parte do que tínhamos trazido escondendo-a num porco, que eles abominam acima de todas as coisas", vangloriou-se um viajante que fazia parte de um grupo de cristãos.

Mesmo enquanto desmoronava, Alexandria continuava com seu comércio de especiarias, sedas e escravos; com a queda de Constantinopla, ela começou a reconquistar sua posição de empório de classe mundial. Era uma cidade portuária desordenada e multilíngue. De um lado do gigantesco marco de pedra que uma vez levou a Faros, armazéns italianos eram empilhados com produtos orientais aguardando embarque para a Europa; do outro lado havia um porto em separado, reservado para os muçulmanos. Os dois grupos às vezes entravam em violento confronto, mas a busca mútua por lucros geralmente levava a um impasse desconfortável.

Os espiões se chocavam nas ruas barulhentas e encontraram alojamentos convenientemente obscuros. Seus disfarces se mantinham, mas eles descobriram que assim como as mercadorias, também doenças eram trocadas no clima fétido de Alexandria. Enquanto se debatiam e suavam com a febre do Nilo, o auxiliar do sultão julgou-os mortos e requisitou seu mel, que tinha grande demanda no norte da África. Quando se recuperaram, o tal auxiliar já tinha vendido o mel, e então eles pegaram o dinheiro que conseguiram e rapidamente deixaram a cidade.

O campo ficava quase ao nível do mar e era praticamente descampado, não fossem eventuais agrupamentos de tamareiras. Pescadores vinham dos pântanos para extorquir proteção por dinheiro, e à noite os dois homens dormiam irregularmente no chão, abraçando os restos de seus pertences. Antes do amanhecer, reiniciaram a viagem, os ventos movendo os montes de areia e obscurecendo a estrada à frente. Finalmente, os minaretes de Rosetta surgiram diante deles na cabeça do Nilo, e alugaram um falucho, um veleiro estreito, com velas latinas, para levá-los rio acima. Passavam o tempo vendo os crocodilos que espreitavam entre as canas e os misteriosos monumentos que cobriam as margens do rio, ou assistindo a como homens e mulheres egípcios tiravam suas longas camisas azuis, amarravam-nas em suas cabeças e cruzavam o rio em uma velocidade surpreendente. Ao anoitecer, a tripulação iluminava pirâmides de lanternas, amarrava sinos tilintantes às velas e divertia-se atirando flechas de fogo no céu noturno.

À medida que se aproximavam do Cairo, pirâmides surgiam do deserto como montanhas esculpidas por gigantes. Mesmo naquela época, nenhum viajante poderia sair sem visitá-las. No século XVI, um inglês chamado John Sanderson foi caçar múmias no Egito; ele levou para

casa, juntamente com vários cadáveres completos, seiscentas libras de múmias quebradas para vendê-las aos boticários de Londres e "uma pequena mão" para seu irmão, o arcediago de Rochester. Acompanhado por dois amigos alemães, ele se arrastou até a câmara do rei na pirâmide de Quéops, entrou no sarcófago destampado e deitou-se "por gracejo". Logo depois um viajante italiano chamado Pietro della Valle subiu ao topo da pirâmide e esculpiu seu nome e o nome de sua amante na pedra. Como todo estrangeiro, ele estava nas mãos dos guias que se diziam capazes de decifrar os hieróglifos, uma tradição que remontava aos tempos clássicos.

Cairo — em árabe, *al-Qahira*, "o Vitorioso" — espantou os europeus ainda mais do que seus antigos precursores. A cidade era grande. "Eles positivamente confirmam", registrou Martin Baumgarten, "se é verdade ou não eu não sei, que há por volta de 24 mil mesquitas na cidade." Muitas das mesquitas ostentavam bibliotecas, escolas e hospitais onde o tratamento era gratuito e músicos tocavam para aliviar o sofrimento dos doentes; todos eram feitos de pedra branca, algumas delas saqueadas das pirâmides, que deslumbravam os olhos à luz intensa e quase embranqueciam os entalhes vegetais intrincados e as inscrições caligráficas que cobriam cada superfície. Ao anoitecer, relatou Baumgarten, os minaretes de onde os muezins, "dia e noite, em certas horas, faziam um barulho estranho, alto e bárbaro", eram iluminados com tochas ardentes e lâmpadas. O informante do alemão também explicou que a cidade ostentava 10 mil cozinheiros, a maioria dos quais oferecia seus serviços nos labirintos de vielas repletas de assaltos, carregando suas panelas na cabeça e preparando seus pratos enquanto isso. Ele acrescentou outra estatística exagerada, embora menos impressionante: havia mais pessoas sem lar nas ruas do Cairo do que habitantes em Veneza.

O Cairo tinha se tornado a cidade mais movimentada e mais avançada do mundo islâmico. Turcos, árabes, africanos e indianos se juntavam ali. Comerciantes italianos tinham sua própria colônia, assim como os gregos, os etíopes e os núbios. Coptas, os cristãos nativos do Egito, adoravam em igrejas antigas, e milhares de judeus se reuniam nas sinagogas. Potentados muçulmanos compraziam-se em banquetes oferecidos sobre ricos tapetes, enquanto suas numerosas esposas os esperavam em salas adornadas com sedas, unguentos perfumados e perfumes, espreitando através das telas de treliça a vida nas ruas lá embaixo. O historiador Ibn Khaldun infundia elogios sobre sua amada cidade: o Cairo, escreveu ele, era a "metrópole do mundo, o jardim do universo, o ponto de encontro das nações, o formigueiro dos povos, o lugar principal do Islã, a sede do poder". O que vemos em sonhos, poetizava ele, "ultrapassa a realidade, mas tudo o que poderia ser sonhado sobre o Cairo não chegaria perto da verdade".

Os espiões se aproximaram em jumentos — somente altos oficiais poderiam entrar a cavalo — e passaram sob as torres cobertas de minaretes de Bab Zuweila, o portão altaneiro e principal. Visitantes importantes eram anunciados com um tamborilar executado por percussionistas que se sentavam na galeria acima, mas ao par português foi dado o acolhimento mais comum: uma rajada de sujeira, pedradas e limões mofados dos meninos do

Cairo.

Os dois homens seguiram a multidão que se acotovelava pela rua Muizz, a congestionada artéria central da cidade. Na metade do caminho, em meio a mesquitas-túmulos enfeitadas, construídas por ricos perseguidores da eternidade, estavam as fontes de grande parte da riqueza do Cairo: os mercados cheios de temperos e perfumes. Os empórios de perfume eram forrados com frascos nos quais pedaços de resina e pedra eram destilados em colônias e bálsamos de um marrom amarelado profundo. As casas de tempero eram apinhadas de sacos e barris que se espalhavam para trás em lugares escuros, onde os mercadores pesavam as substâncias preciosas em balanças milimetricamente calibradas; o cheiro das folhas aromáticas, sementes e raízes era quase sufocante.

Os visitantes foram golpeados nas empoeiradas vielas secundárias, esquivando-se das manadas de jumentos que pastavam ou eram conduzidas para os *souqs*. Eles encontraram hospedagens modestas — sem dúvida com a ajuda dos onipresentes *touts* — e começaram a planejar a próxima etapa da jornada. Em pouco tempo foram parar junto de um grupo de comerciantes de Fez e Tlemcen, as mesmas cidades do norte africano para onde Covilhã havia sido mandado. Os comerciantes se encaminhavam para a Arábia e para a Índia, e o astuto espião convenceu-os, em seu próprio dialeto, a levarem a ele e seu companheiro na viagem.

Era a primavera de 1488, e quase um ano havia se passado desde que os dois tinham saído de Portugal. Os camelos foram selados e carregados e a longa caravana partiu para o porto de Tor, no mar Vermelho, após uma chuva de pedra dos meninos no portão da cidade. Jogados e sacudidos por suas montarias barulhentas e malcheirosas, os portugueses cruzaram o plano e pedregoso deserto do Sinai, e em seguida uma cadeia de montanhas de granito estéreis, que brilhavam ao sol como se estivessem untadas, e próxima a uma trilha no litoral tão estreita que, em alguns lugares, tinham que cavalgar pelo mar. Como alimento eles tinham um pão duro assado duas vezes, queijo seco e língua de boi salgada, e eram forçados a pagar generosamente pela água repleta de minhocas vermelhas. Ladrões os emboscaram em plantações de tâmaras, roubaram suas provisões e tiveram de ser pagos com prata. A mula e os condutores de camelos continuaram aumentando seus preços, e se alguém reclamasse, eles levavam seus animais com as bagagens ainda em suas costas. Os dois homens quase não dormiam; no final da caminhada eles já estavam caindo de exaustão de suas montarias e tendo alucinações de que mãos agarravam suas últimas migalhas de alimento.

Tornava-se claro por que as especiarias custavam tanto na Europa, e a viagem estava apenas começando.

Quando a caravana finalmente chegou ao mar Vermelho, os guias contaram outra de suas histórias favoritas. Foi aqui, explicaram eles, que as águas se separaram para Moisés e os filhos de Israel e caíram sobre as tropas do faraó que os perseguiam. Martin Baumgarten conscienciosamente relatou que as marcas das carruagens do faraó e as impressões dos cascos de seus cavalos eram claramente visíveis, "e embora as apagássemos em um momento, elas

apareceriam claramente a seguir".

O mar Vermelho, com 1,4 mil quilômetros de extensão — que os viajantes europeus ficavam surpresos em descobrir que, absolutamente, não era vermelho —, tem a forma de uma lesma alongada, rastejando para o norte em direção ao Mediterrâneo. Duas antenas se projetam da cabeça da lesma: à esquerda está o golfo de Suez, que separa o Egito da península do Sinai, e à direita está o golfo de Aqaba, que divide o Sinai da península Arábica. Em seu extremo sul, a cauda da lesma vai em direção ao golfo de Áden e ao mar Arábico, a parte do oceano Índico que se situa entre a África e a Índia. Lá, onde as duas massas de água se encontram, a costa da África se curva para o leste em um gancho afiado, segurando o canto sudoeste da Arábia.

O canal apertado entre os dois continentes é conhecido como estreito de Bab-el-Mandeb; o nome significa "Portão das Lágrimas". Correntes fortes e ilhas espalhadas tornam a passagem precária, e por uma grande parte de sua extensão o próprio mar Vermelho é repleto de traiçoeiras ilhotas e recifes submersos. Rajadas de vento e ondas agitadas levavam com frequência veleiros fortemente carregados em direção às pedras, e enquanto alguns poucos barcos oceânicos enfrentavam o estreito e continuavam a meio caminho da costa leste do mar em direção a Jedá, o porto de Meca, pequenos barcos comandados em sua maioria por navegadores experientes tinham o trânsito livre para si. Os dois dhows — navios árabes tradicionais à vela — em que os espiões portugueses embarcaram no pequeno porto de Tor eram exemplos típicos de embarcações que haviam feito a rota por séculos. Os cascos eram feitos de tábuas costuradas com fibra de coco e as velas eram esteiras de folhas de coco tecidas. Construções leves que favoreciam a maneabilidade — e porque não havia muita quantidade de madeira —, elas também eram gotejantes e instáveis, mesmo em ondas leves. Os pilotos só podiam navegar durante o dia, e uma vez que os piratas infestavam as costas, eles tinham que aproveitar para fluir à noite. Do momento em que o grupo de comerciantes velejou pelo Portão das Lágrimas e foi para o litoral sul da Arábia, dois meses excruciantes se passaram desde que haviam deixado o Cairo.

Os espiões estavam prestes a descobrir o triângulo fabulosamente rico que ficava bem no centro do comércio das especiarias. A primeira de suas três pontas era o porto ao qual eles tinham acabado de chegar, e era uma visão sombria.

O famoso porto de Áden ficava na cratera de um extinto vulcão que se erguia orgulhosamente no continente do Iêmen. A cidade se aninhava aos pés da cratera, e irregulares penhascos pretos encimados por um cordão de castelos quase a cercavam por inteiro, indo em direção ao mar. Atrás da costa, grandes fortificações completavam o bojo defensivo, que o geógrafo árabe al-Muqaddasi pensava parecer estranhamente com um gigantesco curral de ovelhas. Com seu ótimo ancoradouro e com suas defesas naturais e posição excelentes, comandando a entrada para o mar Vermelho, Áden tinha sido um centro comercial de primeira

linha desde os tempos antigos, e como a principal estação final para navios oceânicos carregados de especiarias e sedas orientais, pedras preciosas e porcelana, ela estava entre as mais ricas cidades de comércio do mundo medieval.

Quando o grupo do Cairo chegou, os ventos de monções que empurravam os navios árabes em direção sudeste para a Índia sopravam ferozmente. Cruzar o mar Arábico no alto verão significava uma das duas coisas: morte ou uma viagem rápida de apenas dezoito dias. Atrasar muito tempo significaria esperar mais um ano, e os dois homens decidiram se dividir. Afonso deveria navegar a uma curta distância de Áden até a Etiópia, onde procuraria Preste João, enquanto Pêro continuaria até a Índia. Eles marcaram de se encontrar novamente no Cairo ao final de suas aventuras.

O dhow em que Covilhã embarcou para a Índia era muito maior do que os barcos do mar Vermelho, mas tinha o mesmo mastro único, inclinado para a frente e atravessado por uma grande área na qual estava curvada a cabeça de uma vela latina, sendo feito das mesmas tábuas costuradas. Não havia convés; a carga era coberta com grossas esteiras de junco e os passageiros tinham que se espremer em qualquer lugar que pudessem. Era quase impossível se proteger do sol ardente; as únicas barreiras contra as ondas que subiam pelos lados eram tiras de esteira ou panos manchados de piche, e como alimento não havia nada além de arroz seco meio cozido e polvilhado com açúcar e tâmaras picadas. Os dhows eram rápidos e seus capitães árabes eram navegadores habilidosos, mas as poucas semanas que se levava para atingir a Índia passaram lentamente.

À medida que o ano se aproximava do fim, Covilhã se dirigiu pela costa indiana para uma cidade cujas maravilhas ele tinha ouvido falar bastante em sua jornada. Calcutá era a segunda ponta do triângulo do comércio, o local de encontro das especiarias e das joias do Oriente, e os espiões demoraram muitos meses investigando as fontes e os preços dos misteriosos bens que eram vendidos na Europa por somas surpreendentes. Seu relatório teria consequências de longo alcance para suas tropas: em poucos anos, Vasco da Gama velejaria para a Índia com ordens de ir diretamente para Calcutá.

Em fevereiro, Covilhã fez o caminho de volta pela costa, parando para registrar a localidade e o comércio de mais portos ao longo do trajeto. Por esta ocasião, as frotas árabes estavam voltando para casa, e ele garantiu passagem em um navio com destino a Ormuz, a terceira ponta do fabuloso triângulo.

O navio velejou para o golfo Pérsico, a entrada gêmea do mar Vermelho no lado leste da Arábia, e rumou para uma pequena ilha que comandava um estreito bem pequeno. Conforme se aproximava, Covilhã percebeu uma cidade considerável através do emaranhado de mastros que enchiam o porto. Quando desembarcou, ele a encontrou repleta de mercadores vindos de todos os cantos da Ásia. Situada no ponto onde a península Arábica se projeta acentuadamente para fora e parece fazer uma mossa na costa do Irã, Ormuz não tinha vegetação nem água potável, que tinha de ser trazida em garrafões do continente, mas permaneceu na junção das

rotas marítimas da Índia e do Extremo Oriente com as rotas terrestres que, pelo Iraque, levavam à Síria, à Turquia e a Istambul. Seus mercados estavam abarrotados de pérolas, sedas, joias, tapeçarias, especiarias, perfumes e medicamentos, e havia poucos rivais para tanto luxo. Tapetes cobriam as ruas para o conforto dos clientes e toldos de linho se penduravam por entre os telhados para proteger do sol escaldante. As mesas dos comerciantes ostentavam vinhos finos e porcelana cara, e músicos talentosos tocavam enquanto se comia. Mais tarde, um visitante português relatou que a comida era melhor do que na França, e um aventureiro inglês se maravilhou com a beleza das mulheres, apesar de tê-las achado "muito estranhamente enfeitadas, adornando seus narizes, orelhas, pescoços, braços e pernas com muitos anéis com joias, e brincos de prata e ouro em suas orelhas, e uma longa barra de ouro ao lado de seus narizes". "Suas orelhas, com o peso das joias, tinham ficado tão largas", acrescentou, "que um homem poderia colocar três de seus dedos nelas." Deixando de lado os abismos culturais, não havia como negar a importância da cidade-ilha. Se o mundo fosse um anel de ouro, dizia um ditado árabe, Ormuz seria a joia nele.

Covilhã agora tinha uma imagem vívida do comércio deslumbrantemente rico do mar Arábico — e dos perigos e das exorbitantes dívidas que perseguiam seus comerciantes a cada passo. O caminho marítimo da Europa poderia demorar mais, mas os oceanos eram gloriosamente não perturbados por ladrões e funcionários aduaneiros, e havia uma matança a ser feita. Mas ainda faltava uma coisa: descobrir se os navios realmente poderiam navegar sem desvios da Europa em direção ao oceano Índico.

O espião português deixou Ormuz em um navio com destino à África e desembarcou em Zeila, um movimentado porto muçulmano que exportava ouro, marfim e escravos da Etiópia. O grande viajante marroquino Ibn Battuta julgou Zeila "a cidade mais suja, mais desagradável e mais fedorenta do mundo", e embora o mar estivesse agitado, o cheiro de peixe e de camelos abatidos nas ruas era tão revoltante que ele passou a noite a bordo de seu navio. Covilhã não ficou muito mais tempo. Ele pretendia ver o quão longe, pela costa, poderia navegar, e logo obteve a resposta. Os árabes tinham se estabelecido nas praias do leste da África durante séculos, mas as suas dhows não poderiam aguentar o mar agitado ao sul. Além disso, mesmo se tivessem a tecnologia, eles não viam necessidade para tal viagem e provavelmente nunca tentariam. Havia muito tempo, suas caravanas tinham canalizado os bens do interior norte e leste africano para o Mediterrâneo e o oceano Índico, e não fazia nenhum sentido mudar aquele comércio para o aparentemente vazio Atlântico a oeste. Eles certamente não tentaram navegar por todo o caminho em torno da África para chegar à selvagem Europa ocidental: por que se preocupar, uma vez que já controlavam metade do Mediterrâneo, incluindo muitos de seus portos principais, e uma vez que as mercadorias da Europa, juntamente com uma grande parte do seu ouro, vinham para eles?

O enigma da África demoraria um pouco mais para se resolver. Covilhã retornou para o norte, e pelo início de 1491 chegou ao Cairo. Tinha sido uma viagem desgastante e

emocionante, e ele estivera afastado de casa durante quase quatro anos. Estava ansioso para encontrar seu colega espião e voltar para sua esposa, família e sua merecida recompensa.

Covilhã nunca encontrou seu companheiro. Enquanto o esperava no Cairo, Afonso adoeceu e morreu.

O infatigável Pêro preparou-se para fazer a viagem de volta sozinho e estava prestes a sair quando dois judeus portugueses apareceram na sua porta. O rei João os tinha enviado, explicaram, e eles o haviam localizado, com alguma dificuldade, na cosmopolita confusão do Cairo.

Um dos dois era um sapateiro do norte de Portugal chamado José; o outro era um rabino chamado Abraão, do sul. Alguns anos antes, José tinha viajado por terra até Bagdá, talvez para investigar o mercado de sapatos, e lá ouvira falar coisas fabulosas sobre Ormuz. Em seu retorno, ele procurou o rei, que estava sempre acessível para mensageiros de terras distantes. O rabino também tinha estado no Oriente, talvez no Cairo. Quando os dois espiões não reapareceram, João decidiu mandar os dois judeus para procurá-los.

Os recém-chegados tinham consigo uma carta do rei, que Pêro não perdeu tempo em ler.

O conteúdo da carta não era bem-vindo. Se a missão deles se realizasse, escreveu João, os dois homens deveriam voltar para Portugal, onde receberiam grandes honras. Se não, eles deveriam enviar um relatório de suas ações por meio do sapateiro José, não devendo descansar até que tivessem cumprido sua missão. Em especial, eles não deveriam voltar para casa até que tivessem estabelecido pessoalmente o paradeiro do Preste João. Antes que fizessem qualquer coisa, porém, eles deveriam conduzir o rabino até Ormuz. O rei, sem dúvida, pensou que um rabino fosse um informante mais confiável do que um sapateiro, e Abraão tinha jurado que não voltaria sem ver Ormuz com seus próprios olhos.

O rei João não tinha como saber que seu espião já estivera em Ormuz e estava pronto para dar um relatório completo de suas operações. Pêro tinha suas ordens reais e, como de costume, estava determinado a realizá-las completamente. Ele escreveu uma longa missiva ao rei, entregou-a a José e partiu com seu novo companheiro. O sapateiro voltou para casa portando notícias que seriam de vital importância para a missão iminente de Vasco da Gama.

Mais uma vez Covilhã atravessou o deserto em direção a Tor; mais uma vez ele fez a viagem lenta e perigosa ao mar Vermelho. Até agora o espião tinha sido um *habitué* dos portos da Arábia, e em Áden o par facilmente encontrou passagem para Ormuz. Quando Abraão estava convencido de que tinha visto tudo que precisava, os dois homens seguiram caminhos separados: o rabino de volta a Portugal, provavelmente em uma caravana para a Síria, e Pêro de volta ao mar Vermelho.

De lá, Covilhã foi para Jedá, o porto de Meca. Ele estava prestes a desviar-se totalmente de suas instruções. Até o momento ele tinha desenvolvido um gosto pelo difícil glamour da aventura — e a fome inveterada dos exploradores para temperar a vida com uma dose de perigo.

Jedá era rica, ocupada e completamente proibida aos cristãos e judeus. Pêro, todavia, estava bronzeado de longas viagens em navios descobertos e barbado pela falta de vontade de se barbear comum aos marinheiros. Além disso, passara os últimos quatro anos vivendo e viajando com muçulmanos. Ele havia adotado suas vestimentas, tinha ficado fluente em sua língua e estava completamente familiarizado com seus costumes. Passou despercebido em Jedá e decidiu ir mais longe — para a própria Meca. Ao menor sinal de que fosse um cristão, ele sabia que seria executado na mesma hora.

Talvez, com a sua cabeça raspada e descoberta e seu corpo envolto em dois panos brancos de peregrino, o espião português entrasse no recinto sagrado da Caaba e circulasse o cubo de pedra sete vezes, traçando o caminho gasto nas lajes de granito pelos milhões de pés dos adoradores. Talvez, tendo chegado ao tempo do hadji, ele tenha seguido a turba de peregrinos até o monte Arafat, onde se dizia que Maomé havia pregado seu último sermão, e tenha jogado pedras em seguida contra o diabo em Mina e assistido ao massacre em massa de animais em comemoração ao sacrifício de Abraão de um carneiro em lugar de seu filho. Tendo realizado suas ocupações, ele viajou para Medina e visitou a grande mesquita que estava sendo levantada, depois que um raio caiu e destruiu grande parte do edifício anterior, sobre o lugar de sepultamento de Maomé.

Completada sua iniciação, Covilhã deixou Medina em direção ao deserto do Sinai e chegou ao antigo mosteiro de Santa Catarina. Os esqueléticos monges gregos enviaram-no, como faziam com todos os peregrinos, para atender a um serviço e se maravilhar com a sarça ardente que o próprio Moisés tinha visto, ou ao menos que a mãe do imperador Constantino, Helena, tinha miraculosamente desenterrado em uma viagem para buscar relíquias na Terra Santa. Tendo acertado tudo com a sua fé, Covilhã continuou a caminho de Tor e foi, pela quinta vez, ao mar Vermelho. Era o ano de 1493. Mais de um ano havia se passado desde que ele deixara o Cairo com o rabino, e Preste João ainda precisava ser encontrado.

O espião desembarcou no leste da África, perto das montanhas das Terras Altas da Etiópia, um baluarte formidável que durante séculos havia protegido o interior de ataques. Depois de uma jornada perigosa por desertos, planaltos e planícies, ele chegou à corte de Alexandre, o Leão da Tribo de Judá e Rei dos Reis, os descendentes, como ele e sua dinastia alegavam, do rei Salomão e da rainha de Sabá. A Etiópia tinha sido um grande poderio, e em sua remota estabilidade ela havia preservado suas antigas tradições. O rei, que presidia sob uma vasta e intrincada hierarquia de nobres, tinha inúmeras mulheres e dezenas de filhas, e algumas delas praticamente dirigiam o país. No entanto, ele era cristão, e assim também o era seu povo.

Alexandre calorosamente recebeu o visitante, e Covilhã presenteou-o com um endereço escrito em árabe e com uma medalha de bronze gravada em diversas línguas que ele tinha guardado para esse momento desde que deixara Portugal. Ambos os presentes eram dirigidos a

Preste João, mas os etíopes já estavam acostumados ao hábito desconcertante, mas inofensivo, dos europeus de chamar a todos os seus reis de João.

O monarca recebeu a comunicação, relatou mais tarde Covilhã, "com muito prazer e alegria, e disse que iria enviá-lo ao seu país com muita honra". Ele nunca o fez. Poucos meses mais tarde, Alexandre tentou acabar com uma rebelião, e não tendo sido reconhecido à noite, foi ferido por uma seta de fogo. Seu filho recém-nascido sucedeu-o, até que sucumbisse a uma doença de infância; depois de muita confusão, o irmão de Alexandre, Naod, substituiu-o no trono. Covilhã solicitou imediatamente ao novo rei que cumprisse a promessa do irmão, o que lhe foi educadamente recusado. Covilhã sobreviveu também a Naod, mas o filho e sucessor de Naod, Davi, não estava disposto a deixar o viajante partir. Uma vez que seus antepassados não tinham dado a ele permissão para sair, explicou, "ele não estava em condições de garantir isso, e assim ficou o assunto".

Depois de anos longe de Portugal, muito lamentado por sua família, Covilhã tornou-se um expatriado convicto. Com sua vasta experiência de mundo e sua fluência em vários idiomas, ele era um conselheiro valioso para a corte. Foi recompensado com títulos e quintas, e afinal se tornou chefe de um distrito. Depois de recusar o quanto pôde, ele cedeu aos desejos do rei e tomou uma esposa. Covilhã foi claramente capaz de fazer uma boa escolha, pois ali, no meio da Etiópia, 33 anos após este ex-espião ter deixado o lar, uma embaixada portuguesa chegou e o encontrou gordo, rico, feliz e rodeado por seus filhos.

Enquanto rei João esperava que seus espiões voltassem, seguiu em frente com a segunda vertente do seu plano mestre. Para comandar a próxima expedição por mar ele escolheu Bartolomeu Dias, cavaleiro da família real e capitão experiente. Sua missão era responder de uma vez por todas a questão que não queria calar: se os navios poderiam navegar ao redor da África e, se possível, colocar pressão sobre as terras de Preste João.

Dias deixou Lisboa discretamente em agosto de 1487, três meses depois de Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva terem partido. A frota consistia de duas caravelas, junto com um navio de abastecimento capitaneado por Pêro — irmão de Dias —, uma inovação que foi projetada para evitar que as viagens, cada vez mais longas, fossem interrompidas de forma prematura por falta de alimento, água e reservas. Embora os navios fossem irritantemente pequenos para tal empreendimento, os preparativos foram extraordinariamente bem cuidados e as tripulações eram muito experientes. Também a bordo estavam dois homens e quatro mulheres africanos que haviam sido apreendidos em viagens anteriores e que seriam deixados em terra para perguntar pela Índia e por Preste João. Os planejadores reais pensavam que a inclusão das mulheres seria um golpe de mestre, alegando que elas eram menos propensas a serem atacadas que os homens, embora, como se viu, uma das mulheres tenha morrido a caminho da África, enquanto os outros cinco enviados desapareceram no interior e nunca mais se ouviu falar deles.

A frota navegou pela grande boca do rio Congo, parou na baía das Baleias e enfrentou pesadas correntes ao sul. A fim de fazer mais avanços, Dias foi para o mar, apenas para ser varrido por uma tempestade. Durante treze dias as caravelas foram levadas a oeste e a sul pelas rajadas de vento, com suas velas a meio mastro para impedir as proas de imergirem no mar agitado. A temperatura caiu acentuadamente quando Dias estava pronto para dirigir-se para o leste, e uma vez que a costa não aparecia depois de vários dias, eles se voltaram para o norte.

Montanhas logo apareceram no horizonte, e à medida que os navios se aproximaram, os homens perceberam uma praia arenosa que se curvava do leste para o oeste, tendo campos verdes ao fundo onde pastores cuidavam de seu gado. Os pastores olharam os navios deslumbrantes e levaram os seus rebanhos para o interior. Sem ninguém à vista, muitos marinheiros começaram a buscar água fresca e se viram alvo de uma chuva de pedras vinda das montanhas. Dias atirou em um dos assaltantes com uma besta e a frota rapidamente retornou de sua jornada.

Nesse momento, as equipes assustadas e exaustas já tinham tido problemas suficientes. Não havia quase nenhuma comida, protestaram eles em coro. O navio de provisões fora deixado para trás, e se eles fossem para mais longe, morreriam de fome. Eles haviam descoberto 1,4 mil milhas de costa que nunca tinham sido vistas pelos europeus. Isso não seria o bastante?

Dias acabou cedendo, embora não antes de desembarcar com seus oficiais e extrair uma declaração assinada de que eles estavam determinados a voltar. Foi só quando se dirigiam para casa que Dias finalmente avistou o ponto rochoso inconfundível de um grande cabo, que tinha ao fundo uma série dramática de altos picos que emoldurava uma montanha com um topo tão plano quanto uma mesa. Lugubremente, nomeou-o cabo das Tormentas, embora em seu retorno o rei tenha decidido por um nome mais otimista: cabo da Boa Esperança.

A viagem durou mais de dezesseis meses. Os navios estavam em frangalhos e a saúde dos sobreviventes ia mal. Eles resistiram a uma tempestade, viram o extremo sul da África e voltaram para casa com mapas precisos que provavam que o grande Ptolomeu estava errado. Um antigo mistério foi resolvido e a notícia vazou; os mapas da Europa foram apressadamente redesenhados. Mesmo estando às vésperas de viajar para o Oriente, Dias teve que admitir a derrota. Quando fez seu relatório ao rei, pediu desculpas por não encontrar Preste João ou as Índias. Essas eram suas ordens, e naquele aspecto ele havia falhado. Ele não receberia nenhuma recompensa, e seu nome não entraria para a história.

Até agora os portugueses tinham mapeado toda a costa ocidental da África. Foi uma prova notável para a determinação valente de todo um povo, e muitos pagaram um preço alto por isso. No entanto, à beira do triunfo, de repente surgiu a possibilidade de que tudo poderia ter sido em vão.

Entre as figuras que se reuniram em dezembro daquele ano de 1488 para ouvir o relatório de Dias estava um marinheiro genovês chamado Cristóvão Colombo.

Em 4 de março de 1493, uma caravela solitária chegou precariamente ao porto de Lisboa e ancorou ao lado do navio de guerra mais poderoso de Portugal. A *Niña* tinha sido atingida por violentas tempestades que arrancaram suas velas, e seu capitão foi forçado a procurar o único abrigo ao seu alcance.

Não foi o regresso que Cristóvão Colombo teria escolhido. Durante anos ele tentou persuadir o rei português a patrocinar seu empreendimento audacioso para chegar ao Oriente navegando a oeste. No entanto, João decidiu que o italiano estava cheio de grandes ostentações e palavras vazias, e então o conselho formado por especialistas desdenhou suas propostas e as rejeitou completamente.

Colombo, filho de um tecelão genovês, tinha sido atraído para o mar desde menino. Ele chegou a Portugal pela primeira vez em 1476, ainda como um simples marinheiro de um navio mercante transportando uma carga de aroeira para a Inglaterra. O comboio estava sob ataque pesado ao largo da costa do Algarve, perto do antigo centro de operações de Henrique, o Navegador; quando o navio começou a naufragar, o jovem marinheiro mergulhou no mar, pegou um remo e foi meio nadando, meio flutuando por seis milhas até a praia. Após essa entrada dramática, encontrou seu caminho para Lisboa, casou-se com a filha de um nobre e lançou-se nos assuntos navais de Portugal.

Colombo não foi o primeiro homem a propor que se navegasse em direção ao oeste para chegar ao Oriente. A noção remonta pelo menos à época romana, e tinha sido revivida recentemente. Em 1474, um proeminente intelectual florentino chamado Paolo dal Pozzo Toscanelli escrevera a um de seus muitos correspondentes, um cônego na catedral de Lisboa chamado Fernão Martins, propondo um esquema para navegar a oeste em direção às Índias como "um caminho mais curto para os lugares das especiarias do que aquele que você faz pela Guiné". O padre havia apresentado a carta na corte, onde o plano recebeu pouca atenção, mas chegou aos ouvidos do recém-chegado genovês. Colombo foi atingido por uma grande visão de aventura e riquezas, e escreveu a Toscanelli pedindo uma cópia de sua carta. Esta chegou devidamente, junto com um mapa mostrando a rota que o florentino recomendava, e Colombo lançou-se em uma intensa pesquisa.

A partir de sua leitura, ele tirou várias conclusões que pareciam mostrar uma passagem ocidental tentadoramente ao alcance dele.

A primeira conclusão foi que a circunferência da Terra era muito menor do que realmente se imaginava. Aqui, Colombo teve uma autoridade poderosa ao seu lado: o grande Ptolomeu tinha cortado diversos milhares de milhas dos cálculos notadamente precisos de seu antecessor grego Eratóstenes. A própria estimativa de Ptolomeu tinha sido substituída por um número maior, dado pelo astrônomo persa do século ix, Alfraganus, em seu *Elementos da astronomia*, um resumo revisto de Ptolomeu, que ainda era o livro mais popular sobre astronomia tanto no

Oriente quanto no Ocidente. Colombo, no entanto, entendeu que as milhas italianas eram idênticas às milhas árabes de Alfraganus, considerando que elas eram, de fato, substancialmente mais curtas, e assim decidiu que o globo era ainda mais compacto do que Ptolomeu havia imaginado.

Tendo diminuído o globo, Colombo aumentou a Ásia. Estimativas da distância para o leste, de Portugal até a costa chinesa, variavam tão pouco quanto 116 graus de longitude, uma medida que deixava, a qualquer um que contemplasse ir para a outra direção, um intervalo de 244 graus de mar aberto para navegar. Ptolomeu foi mais útil — ele havia calculado a distância a 177 graus —, mas ainda restava a impossível tarefa de velejar mais do que a metade do globo. Em vez disso, Colombo voltou-se para o contemporâneo de Ptolomeu, Marinus de Tiro, que tinha surgido com uma medida de 225 graus, deixando apenas 135 graus para se atravessar.

Mesmo tendo a menor estimativa da circunferência da Terra e a maior da amplitude da Ásia, nenhuma tripulação poderia ter sobrevivido a tal viagem sem paradas regulares por alimentos frescos e água. O que Colombo precisava era de evidências de terra na rota, e para isso ele se voltou a Marco Polo. Polo relatou que o Japão estava a completas 1,5 mil milhas da costa da China, e na mente de Colombo a Ásia ficava ainda mais perto. Ele estava convicto de que o Japão estava a pouco mais de 2 mil milhas a oeste das ilhas Canárias, com a China, as ilhas Spice e a própria Índia somente um pouco além. Com um bom vento, ele estaria lá em duas semanas. Melhor ainda, havia um degrau em potencial para o Japão: a ilha de Antilia, na qual se dizia que os cristãos, fugindo das invasões árabes da Espanha, haviam se estabelecido no século VIII e que a lenda colocava bem longe no Mar Oceano.

Colombo estava indo descaradamente contra o consenso de sua época. Tendo sido rejeitado em Portugal, ele não teve mais sorte apresentando seu caso em Gênova e Veneza. Seu irmão Bartolomeu partiu para sondar os reis da Inglaterra e da França, enquanto Cristóvão abandonou Portugal por sua antiga inimiga, a Espanha. Lá obteve uma audiência com Fernando e Isabel, que agora estavam governando Castela e Aragão a partir de Córdoba, e apresentou seu plano. Os dois monarcas sutilmente mantiveram o futuro explorador sob controle enquanto seus conselheiros deliberavam, mas a questão se arrastou por tanto tempo que Colombo fugiu para Portugal para tentar a sorte novamente.

Foi nesse momento que Bartolomeu Dias aportou em Lisboa em seu retorno do cabo da Boa Esperança. A descoberta de Dias foi um desastre para Colombo: ela acabou com qualquer interesse português em rotas ocidentais despropositadas para a Ásia. Colombo escapuliu de volta para Castela, somente para ouvir que os especialistas de Fernando e Isabel tinham julgado suas "promessas e ofertas como impossíveis e vãs e dignas de rejeição".

Dois anos depois, tudo mudou.

Em 2 de janeiro de 1492, após uma amarga campanha de dez anos, Fernando e Isabel conquistaram o reino islâmico de Granada. Dizia-se que o último sultão, ao deixar a cidade, voltou-se uma última vez para as torres avermelhadas pelo pôr do sol do palácio de Alhambra

brilhando suavemente acima dos telhados e caiu em lágrimas. “Choras como uma mulher por aquilo que você não pôde defender como homem”, sua mãe o repreendeu; e continuaram seu caminho. Os novos proprietários do Alhambra foram até a colina, até o portão adornado por sedas primorosamente coloridas: um lembrete final da gloriosa herança de al-Andalus.

O último vestígio do domínio muçulmano na Europa ocidental tinha sido dizimado, e o casal real imediatamente enviou uma mensagem ao papa. “Aprouve a Nosso Senhor”, vangloriaram-se eles piedosamente, “nos te dar uma completa vitória sobre o rei e os mouros de Granada, inimigos da nossa santa fé católica [...] Depois de tanto trabalho, despesas, mortes e derramamento de sangue, este reino de Granada, que foi ocupado por mais de 780 anos pelos infiéis [...] [foi conquistado].” Não mencionado na carta foi o estranho fato de que, por boa parte do último quarto de milênio, Granada havia sido súdita de Castela e a tinha fornecido não somente com os ambicionados bens muçulmanos, mas com tropas.

A Reconquista foi completa, as fundações haviam sido feitas para a unificação da Espanha e os Reis Católicos — o título que o papa, mostrando sua apreciação, concedeu a Fernando e Isabel — começaram a purificação de seu reino. Eles estavam confiantes de que os muçulmanos e os judeus que permaneceram na Espanha logo se converteriam, mas o humor do público rapidamente se tornou vingativo. Histórias de horror de judeus crucificando crianças cristãs e comendo seus corações ainda quentes arrepiavam as espinhas dos espanhóis, e embora ninguém pudesse apontar qualquer criança que estivesse faltando, diversos bodes expiatórios foram presos e queimados vivos. A data de 2 de agosto de 1492 foi fixada como prazo final para que todos os judeus abraçassem a fé cristã ou encarassem a execução, e apenas sete meses depois da queda de Granada, o porto atlântico de Cadiz estava cheio de dezenas de milhares de judeus fugindo da Espanha. A pressa em sair era tão grande que os capitães extorquiam somas enormes para conseguir um lugar em seus porões, e então jogavam seus passageiros no mar ou os vendiam aos piratas. Outros escaparam para o norte da África, apenas para ser banidos de suas cidades e deixados à morte nos campos. Sefarad tinha sido por muito tempo um conto de fadas, não um lugar real. Agora era um pesadelo.

Os muçulmanos não se saíram melhor. Um tratado que prometia a liberdade de culto em Granada, incluindo a proteção das mesquitas, dos minaretes e dos muezins, foi rapidamente rasgado. Os muçulmanos da Espanha foram logo convertidos à força, e em seguida marcharam para a câmara de tortura para descobrir o quão genuinamente eles sustentavam a fé que havia sido imposta a eles. A Inquisição foi a prova da pureza ideológica da Espanha, a alegação de ser essa a nação cristã mais correta, e, ainda, outra consequência da longa batalha entre o islamismo e o cristianismo na Ibéria. Ela foi também economicamente desastrosa. Naquele mesmo ano, o sultão otomano Bayezid II, filho e sucessor de Mehmet, o Conquistador, enviou sua armada para a Espanha a fim de resgatar tanto seus muçulmanos quanto os judeus. Ele saudou os refugiados de Istambul como cidadãos de pleno direito, ameaçando de morte qualquer turco que maltratasse um judeu, e ridicularizou a miopia de Fernando e Isabel em

expulsar tantas pessoas valiosas. "Vocês chamam Fernando de um sábio governante", zombou ele de seus cortesãos, "mesmo ele empobrecendo seu próprio país para enriquecer o meu!" Os fogos da guerra religiosa que tinham sido atiçados na Ibéria sopraram de volta para casa e denegririam a Espanha nos séculos vindouros.

Tendo livrado seu reino dos estrangeiros, o casal real voltou sua atenção para o exterior.

Poucas semanas depois da conquista de Granada, Isabel convocou Cristóvão Colombo e rejeitou sua apelação contra o veredicto de seus especialistas. O futuro explorador estava trotando desconsoladamente sobre uma mula quando, de volta à corte, o ministro de finanças de Fernando falou com ele. O ministro ressaltou que Colombo já havia garantido metade de seu capital com investidores italianos. O empreendimento não custaria mais do que uma das festas de uma semana dadas para embaixadores estrangeiros. O tesouro real não poderia deslocar alguns fundos e encontrar o dinheiro necessário? Mesmo assim, talvez o rico salvador de Colombo tenha suspeitado de que ele próprio seria obrigado a colocar a maior parte do dinheiro; talvez, como um judeu batizado, ele tivesse suas razões para insistir em que a recompensa de converter a Ásia para a Santa Fé valesse o risco.

Isabel enviou um mensageiro rapidamente à procura de Colombo, que foi encontrado preparando-se para embarcar em um navio rumo à França. Os termos de Colombo eram ultrajantes: ele receberia 10%, perpetuamente, de todas as receitas de qualquer terra que descobrisse, seria o governador e vice-rei de tais terras e controlaria cada nomeação colonial. Não menos importante, assim que alcançasse a terra, ele seria nomeado Almirante do Mar Oceano. A maioria de suas condições foi aceita, mas, na ocasião, ninguém realmente esperava que ele tivesse sucesso.

No dia 3 de agosto de 1492, meia hora antes do nascer do sol, à medida que os navios cheios de judeus se aproximavam da costa leste de Cadiz, Colombo rumou a oeste para a Ásia. Assim que sua pequena frota estava seguramente a caminho, ele sentou-se na apertada cabine de sua nau capitânia, a *Santa Maria*, e escreveu as primeiras linhas de seu diário.

"Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo", ele começou.

Quando retornasse, Colombo pretendia presentear Fernando e Isabel com seu livro, e este foi dedicado a eles. Comemorou a grande vitória dos Reis Católicos sobre os mouros de Granada e a justa expulsão dos judeus, e lembrou-lhes que ele estava embarcado em uma missão igualmente santa:

> Suas Altezas, como cristãos católicos e príncipes devotos à Santa Fé cristã e propagadores da mesma, e inimigos da seita de Maomé e de todas as idolatrias e heresias, resolveram enviar-me, Cristóvão Colombo, para a dita região da Índia, para ver os ditos príncipes e povos e terras e [para observar] a disposição deles e de todos, e a maneira pela qual pode ser realizada sua conversão para a nossa Santa Fé, e ordenaram que eu não deveria ir por terra (a maneira usual) para o Oriente, mas pela rota do Ocidente, pela qual ninguém até hoje sabe com certeza de que alguém tenha ido.

Ele acrescentou que logo voltaria com tal riqueza, "que dentro de três anos os soberanos se prepariam e realizariam a conquista da Terra Santa. Eu já peticionei às Vossas Altezas para conseguir que todos os lucros desta minha empreitada sejam gastos na conquista de Jerusalém".

Os instintos marítimos inatos de Colombo tinham sido bem aperfeiçoados durante seus anos em Portugal, e cinco semanas depois de ter deixado as ilhas Canárias, ele avistou terra. Colombo não era naturalmente um líder; mesmo nesse curto período, sua tripulação ameaçou motim por mais de uma vez. A terra revelou-se uma pequena ilha, mas os nativos amigáveis sinalizaram que havia uma ilha muito maior nas proximidades. Colombo partiu, convencido de que estava indo para o Japão, embora os habitantes locais chamassem o lugar de Colba, e explorou uma parte da costa. Quando a *Santa Maria* encalhou na manhã de Natal, ele havia visitado uma terceira ilha, e então rumou para a Espanha.

As três ilhas, descobrir-se-ia mais tarde, seriam Bahamas, Cuba e Hispaniola; mas Colombo estava convencido de que tinha atingido a Ásia. Na verdade, o Oriente não era tudo o que ele esperava. Ele encontrou um arbusto que cheirava um pouco como canela e nozes, e frutos que, com um pouco de imaginação, pareciam cocos, embora pequenos e não comestíveis. As árvores de aroeira evidentemente não estavam produzindo naquele ano, e o ouro que ele levou descobriu-se ser pirita — ouro de tolo. Os ilhéus em suas cabanas de palha estavam claramente entre os súditos mais pobres do Grande Khan, mas, sem dúvida, disse ele em seu diário, o palácio do imperador estava nas proximidades.

Quando a maltratada *Niña* foi soprada para fora de seu curso e teve que se aproximar de Lisboa, o novo Almirante do Mar Oceano enviou uma nota ao rei João. Nela, Colombo pedia permissão para entrar no porto real, onde ele estaria seguro e fora do alcance de caçadores de tesouros; e ressaltou ainda que havia chegado das Índias, não da Guiné portuguesa. Quando Bartolomeu Dias remou de seu navio de guerra, ao lado do qual Colombo tinha ancorado, o almirante não resistiu em mostrar os "índios" cativos que trouxera como prova de sua incrível descoberta.

Quatro dias depois de sua chegada involuntária, Colombo foi ao encontro do rei português. Ele levou consigo o mais forte de seus cativos e algumas quinquilharias que pegara nas ilhas. Especiarias, pedras preciosas e ouro estavam visivelmente ausentes.

O rei não estava no melhor dos humores. Dois anos antes, seu único filho, Afonso, caíra do cavalo enquanto montava ao longo das margens do rio Tejo e morrera em agonia na choupana de um pescador. Afonso, de dezessete anos, tinha sido casado com Isabel de Aragão, a filha mais velha de Fernando e Isabel. O filho único dos Reis Católicos estava gravemente doente, e tendo em vista que Afonso parecia cada vez mais propenso a se tornar o herdeiro tanto da Espanha quanto de Portugal, muitos suspeitaram tratar-se de desonestidade. Fernando e Isabel tentaram todas as manobras diplomáticas para declarar a anulação do casamento, mas o jovem casal, que se unira por razões puramente políticas, tinha

inconvenientemente se apaixonado. E, mais ainda, Afonso era um montador excelente, e seu criado castelhano desapareceu após o acidente e nunca mais foi encontrado. A possibilidade de que Fernando e Isabel tivessem roubado a ideia de João ao descobrir o caminho marítimo para as Índias era algo difícil de aceitar.

Colombo piorou as coisas ao insistir que o rei se dirigisse a ele por sua série de novos títulos e ao lembrar-lhe, de forma mordaz, que tinha recusado a oportunidade deslumbrante que ele, o Almirante do Mar Oceano, havia lhe dado. Alguns dos assessores de João se ofereceram para matar o marinheiro atrevido, mas o rei ouviu-o até o fim. Não estava claro o que Colombo tinha descoberto, mas ele seguramente descobrira alguma coisa. Quando o almirante terminou, João ressaltou que ele não havia encontrado especiarias. Colombo explicou que só tinha ido até as ilhas periféricas do Japão. Então, o rei tentou outra tática e disse, sem sinceridade, que tinha ficado satisfeito com o fato de a viagem ter corrido tão bem, e que, sob os termos das bulas papais e dos tratados entre Castela e Portugal, as descobertas estavam dentro da órbita de Portugal. Colombo respondeu que tinha obedecido às ordens de seus monarcas e não chegara nem perto da África; além disso, nenhum tratado tinha nada a dizer sobre novas terras a oeste, já que ninguém suspeitava que elas existissem.

João sorriu sem se comprometer, retirou-se em um acesso de raiva por ter deixado tal chance escapar e escreveu rapidamente uma carta para a Espanha, na qual ameaçava enviar navios de guerra para apurar a verdade e, se necessário, reivindicar as novas terras para Portugal. Não era um blefe: o rei tinha uma frota preparada para seguir Colombo, caso ele partisse de novo, e um Fernando alarmado enviou um embaixador para pedir a João que atrasasse sua partida até que o assunto fosse discutido.

Em 4 de maio de 1493, pouco depois de Colombo finalmente ter alcançado a Espanha, o papa entrou na briga ao dividir o mundo em dois.

O papa Alexandre VI não era um árbitro neutro. Ele tinha nascido na Espanha, e seu nome de família — Borgia — se tornaria sinônimo de nepotismo flagrante. Tendo quatro filhos com sua amante favorita, distribuiu para eles grandes pedaços de terra papal. Assassinos, prostitutas, caçadores de fortuna e espiões espanhóis estavam fazendo grande confusão em Roma, e os palácios papais, dizia-se, tinham grandes pilhas de corpos se contorcendo. Dizia-se ainda que Rodrigo Borgia teria usado de suborno para sentar-se na cadeira de São Pedro, mas sua candidatura foi certamente ajudada pela intervenção de seu amigo Fernando, da Espanha. Os Reis Católicos tinham amplos motivos para acreditar que Roma estava do seu lado.

Sob ordens do papa, uma linha foi traçada do topo ao fim do mapa, cem léguas a oeste dos Açores e das ilhas do Cabo Verde, dois arquipélagos descobertos na época de Henrique, o Navegador, que eram ainda as possessões mais a oeste de Portugal. Daí em diante, tudo a oeste da linha pertenceria à Espanha. A longa bula que estabeleceu a nova ordem mundial deixou notoriamente de mencionar Portugal em tudo, e logo a situação de Lisboa sofreu uma virada

ainda mais dramática — para pior. Em setembro daquele ano, outra bula revogou toda licença prévia dada aos portugueses para colonizar novas terras. O papa explicou que, podendo acontecer de os espanhóis, navegando a oeste ou a sul, "descobrirem ilhas e continentes que pertencem ou pertenceram à Índia", deveriam ser concedidas a eles quaisquer terras "já encontradas ou que ainda serão encontradas, já descobertas ou que ainda serão descobertas, que são ou possam ser ou que pareçam estar na rota de navegação ou de viagem para o oeste ou para o sul, estejam estas nas partes do oeste ou nas regiões do sul e do leste da Índia". Dada a confusão sobre a extensão da Índia, isso era suficientemente ambíguo para cobrir quase todos os lugares, incluindo grande parte da África.

As longas décadas de descobertas portuguesas estavam subitamente em risco de não levar a lugar nenhum.

Em uma época que exalava conspiração papal, os espanhóis enviaram Colombo de volta ao oeste, dois dias antes da segunda bula ser formalmente emitida. Dessa vez o Almirante do Mar Oceano comandou uma frota de dezessete navios e uma armada de 1,2 mil homens. Ele explorou as Bahamas e as Antilhas, descobriu novas ilhas, desembarcou em Porto Rico e voltou para Cuba. As expectativas eram elevadas, e Colombo precisava urgentemente de provas tangíveis de que ele poderia trazer para casa as riquezas do Oriente. Seus homens saíam cheirando árvores e convencendo-se de que elas estavam carregadas de especiarias, embora não estivessem frutificando mais do que antes. Colombo ordenou a seus novos súditos que entregassem um tributo trimestral em ouro; caso se recusassem, ameaçou, teriam as mãos cortadas. Não tendo meios de alcançar tal cota, muitos foram mutilados e deixados sangrando até a morte, enquanto milhares se envenenaram para acabar com a provação. Centenas deles foram agrupados — as mães deixando seus bebês caírem no chão enquanto fugiam — para embarcarem em um navio de volta à Espanha para serem vendidos; muitos morreram na viagem. Os espanhóis resolveram pilhar e abater com uma naturalidade selvagem, e as rígidas estruturas de incontáveis forcas se levantaram em todo o Novo Mundo.

Com Colombo ainda longe, o rei João enviou seus embaixadores para negociarem diretamente com a Espanha. Ele tinha a marinha mais forte e sabia muito bem que Fernando e Isabel estavam profundamente endividados e ocupados em construir sua nova nação. Além disso, seus informantes no conselho real espanhol haviam dito a ele que os Reis Católicos estavam dispostos a tratar o ultrajante edital do papa como uma posição negociadora.

Os dois lados se encontraram na pequena cidade espanhola de Tordesilhas, logo depois da fronteira de Portugal. Com um enviado papal agindo como mediador, os negociadores fecharam um compromisso. Os espanhóis concordaram em mover a linha de fronteira para 270 léguas mais a oeste, aproximadamente no ponto médio das ilhas do Cabo Verde e das Índias Ocidentais de Colombo. Os portugueses reconheceram a soberania da Espanha sobre quaisquer terras que seus marinheiros encontrassem a oeste, e os espanhóis concederam a Portugal os direitos para todas as terras a leste, indianas ou não. O novo tratado foi assinado

em 7 de junho de 1494, e em Portugal ele foi aclamado como um triunfo. Mais precisamente, ele foi o acordo mais escandaloso de todos os tempos, e no final ele levantou tantos problemas quantos os que resolveu. Foi deixado para uma futura viagem conjunta estabelecer onde exatamente começava, entre as ilhas isoladas, a medição de 370 léguas; mas a viagem nunca aconteceu. De qualquer forma, não havia possibilidade de que homens no mar determinassem sua longitude com precisão, e assim eles não poderiam saber se tinham cruzado a linha. Tampouco alguém pensou em ponderar se a linha apenas cortava ao meio o hemisfério ocidental ou se se estendia por todo o caminho ao redor do globo.

Espanha e Portugal estavam presos em uma corrida furiosa para espalhar a sua fé e o seu domínio do outro lado da Terra. Logo as nações cujos nomes eram pouco conhecidos para a Europa iriam descobrir que elas haviam sido divididas entre duas potências europeias das quais nunca tinham sequer ouvido falar.

# II

# Exploração

# 7. O comandante

Não havia nada de notável nos dois navios que estavam sendo construídos sob um andaime de madeira à beira-mar nas docas de Lisboa. À medida que os carpinteiros concluíam a robusta estrutura das vigas e pregavam o forro de madeira no lugar, os cascos começavam a tomar a mesma forma atarracada, as mesmas proas ásperas e a mesma popa alta e quadrada das dezenas de navios de carga que se encontravam ancorados no movimentado porto. Era evidente que estavam sendo feitos para serem resistentes — a madeira tinha sido especialmente retirada da floresta real —, mas sem dúvida eram pequenos no comprimento, talvez com oitenta ou noventa pés no total. Apenas uns poucos sabiam que se destinavam a uma viagem surpreendentemente longa por mares desconhecidos.

Os carpinteiros navais terminaram seus trabalhos nos cascos; os grandes mastros foram levantados em direção ao céu e presos às quilhas. Os conveses foram dispostos em torno deles. Um alto castelo de proa e um castelo de popa ainda mais alto, robusto o suficiente para servir como um último reduto caso os navios fossem abordados, tomavam forma acima do convés principal. Lemes eram montados em compridos postes e adaptados às popas, e as pesadas canas do leme feitas de madeira uniam-se aos topos dos postes. Gurupés foram fixados às proas, onde se projetavam alegremente para cima como os chifres dos unicórnios para servirem como mastros extras. As figuras esculpidas dos santos patronos dos navios eram instaladas em lugar de destaque na proa; e então o arranjo começou.

Grupos de tripulantes empurravam carregamentos de pedras até as íngremes pranchas de desembarque e os inclinavam para o porão a fim de servirem como lastro. Fabricantes de corda enrolavam grandes tambores de madeira com amarras e cordames feitos de linho retorcido, enquanto fabricantes de velas carregavam grandes velas de lona. Âncoras de ferro foram instaladas nas proas e peças de reposição foram arrumadas nos porões. As bordas dos cascos eram pintadas com uma mistura de piche preto para proteger a madeira contra a deterioração. Abaixo da linha da água, a estopa — fibras de cânhamo retiradas de velhas cordas cobertas de alcatrão — era colocada nas emendas entre as tábuas, e breu quente era derramado em cima destas para fazer uma vedação resistente à água. Em seguida, pintava-se o fundo com uma mistura de cheiro desagradável de breu e de sebo para afastar os crustáceos que se agarravam aos cascos dos navios tornando-os mais pesados, assim como os vermes tropicais que os transformavam em peneiras. Enquanto isso, equipes de trabalhadores transportavam carrinhos carregados de grandes armas, os seus cilindros feitos de barras de ferro forjado, martelados juntos no forno e reforçados com aros de ferro. Vinte delas eram instaladas em cada navio, algumas pesadas bombardas amarradas em apoios de madeira, outros falconetes mais leves

montados sobre bases simples bifurcadas ou suportes giratórios de ferro, embora até mesmo os menores pesassem centenas de libras. Os canhões tinham sido carregados nas caravelas de Portugal para a África desde a metade do século, e navios reforçados haviam sido especialmente desenhados para suportar grandes bombardas, mas um observador atento poderia parar para pensar que esses dois navios eram mais fortemente armados do que a maioria.

Uma figura envolta em negro assistiu a cada passo do progresso. Bartolomeu Dias tinha sido ordenado pelo rei João para começar a construção dos dois navios. Ele tinha abandonado as caravelas, pois já sabia, por amarga experiência, que eram pequenas demais para serem confortáveis em viagens que, a partir desse momento, seriam medidas mais em anos do que em meses, além de serem perigosamente leves e baixas na água para enfrentar as ferozes tempestades do Atlântico Sul. Ao contrário disso, ele baseara seus projetos nos versáteis navios mercantes que combinavam as tradições de construção naval do norte europeu e do Mediterrâneo. Os novos navios tinham velas quadradas no mastro principal e no mastro de proa, com uma única vela latina no mastro da mezena. Eles eram mais pesados, mais lentos e menos capazes de aderência ao vento do que as caravelas, mas também eram mais espaçosos, mais estáveis e mais seguros. Dias deliberadamente manteve-os compactos — cem ou 120 toneladas de peso, cerca de duas vezes o tamanho das caravelas — para permitir que navegassem em águas costeiras rasas e entrassem em rios profundos. Mesmo assim, não havia como disfarçar o fato de que uma viagem extremamente perigosa estava prestes a ser realizada em navios que eram feitos para carregar mercadorias a granel pelas costas europeias.

Desde o início João tinha a intenção de que os dois navios navegassem para a Índia, mas ele nem sequer os veria sair de Lisboa.

Em 25 de outubro de 1495, o rei finalmente sucumbiu a uma doença prolongada que alguns atribuíram à tristeza pela morte de seu filho Afonso, e outros, a doses regulares de veneno. Beijando a figura de Cristo na cruz, arrependido por seu temperamento feroz, e recusando-se a ser abordado por seus títulos reais, "porque sou apenas um saco de terra e vermes", ele morreu, com a idade de quarenta anos, em meio a uma grande dor. Seu primo e cunhado Manuel assumiu o trono.

O rei Manuel I chegara à maioridade em uma corte cujo ar era de conspiração. João havia assassinado o irmão mais velho e o cunhado de Manuel em suas guerras contra a aristocracia. Ele tinha bruscamente dispensado o próprio Manuel por ser um incompetente covarde, só nomeando-o como seu herdeiro depois de não ter conseguido legitimar Jorge, seu filho bastardo. O novo rei era um homem vaidoso e cheio de caprichos — gostava tanto de roupas novas que metade da corte vestia-se com as roupas que ele não queria mais —, sendo tão temeroso de rivais a ponto de a assembleia nacional ter se reunido apenas três vezes durante o seu longo reinado. Como a maior parte dos homens vaidosos, ele era também um puritano piedoso, que bebia somente água e se mantinha longe de alimentos cozidos ou embebidos em

óleo. Foi rapidamente apelidado de Bem-Aventurado, tanto por causa de seu caminho improvável para o trono quanto por ter chegado ao poder no momento crítico de um grande empreendimento promovido por seus antepassados. Embora todos aqueles reis e príncipes tenham dado, cada um à sua maneira, um novo impulso às descobertas, o intensamente religioso Manuel deixaria uma profunda marca na história. A breve explosão de modernidade de João tinha recaído em uma visão de mundo da realeza que ainda era substancialmente medieval, e a fé, não os cálculos racionais, levaria os navios portugueses diretamente ao coração do mundo islâmico.

O rei de 26 anos não tinha rainha e, logo após sua ascensão, Fernando e Isabel ofereceram a filha para o posto. A noiva era a mesma Isabel de Aragão que havia se casado com Afonso, filho de João II — e sobrinho de Manuel. Isabel, abatida com a morte de Afonso, tinha voltado para Castela e para a viuvez autoimposta. Como ser jogada para os braços de seu amado tio era uma perspectiva macabra, ela estabeleceu condições para o seu cumprimento. O casamento, foi dito a Manuel, só poderia ocorrer se ele seguisse o exemplo de seus pais e expulsasse de seu reino todos os judeus que se recusassem a se converter ao cristianismo. O rei Manuel abrigava concepções dinásticas sobre as terras de seus vizinhos, e seus sentimentos por sua noiva esquentaram a olhos vistos quando o único filho dos Reis Católicos morreu, aos dezenove anos, a caminho do casamento da irmã. Manuel subitamente viu-se como o herdeiro de Castela e, portanto, potencialmente, o senhor de toda a península Ibérica.

Dezenas de milhares de judeus fugiram da Espanha para Portugal em 1492. Agora eles estavam fugindo mais uma vez.

Oficialmente, a população judaica de Portugal tinha sido confinada por muito tempo a bairros conhecidos como *judiarias*. Eles estavam entre os melhores guetos da Europa. O mais velho deles, em Lisboa, ocupava um importante espaço imobiliário entre a área empresarial e a área do porto, para irritação dos cristãos que eram autorizados a usar esse espaço somente durante o dia, não podendo perambular por lá à noite. Na prática, porém, os judeus proeminentes sempre foram capazes de viver onde quisessem. Eles eram uma parte vital da economia de Portugal e tinham desempenhado um papel igualmente importante nas descobertas. Henrique, o Navegador, empregou especialistas judeus em navegação, cartografia e matemática; os judeus tinham atuado como conselheiros reais confiáveis e também como enviados e exploradores, tal como o sapateiro José e o rabino Abraão. No entanto, em 4 de dezembro de 1496, todos os judeus de Portugal foram obrigados a deixar o país dentro de dez meses, sob pena de morte. Na Páscoa seguinte, as sinagogas foram fechadas com tábuas, livros hebraicos foram confiscados e as crianças foram arrancadas de suas famílias para serem educadas em famílias cristãs.

No âmbito privado, Manuel era menos apaixonado pela nova política do que professava publicamente. Ele estava bem ciente da fuga de cérebros que acompanharia o êxodo em massa, e não tinha intenção de deixar a maioria dos seus súditos judeus partir. Aqueles que

escolheram o exílio só podiam reservar passagens em navios especificados pelo rei; quando chegavam ao porto, clérigos e soldados se encontravam com eles e coagiam ou seduziam o maior número possível para serem batizados. Em setembro de 1497, a maior parte do que sobrou deles foi reunida, trazida até Lisboa e batizada à força; talvez apenas quarenta deles tenham resistido. Manuel anunciou que todos os judeus convertidos e seus descendentes passariam a ser chamados de "cristãos-novos", decretando um longo período de tolerância durante o qual nenhum inquérito sobre sua fé seria permitido. Ele cumpriu à risca os desejos de seus sogros, ao mesmo tempo que ignorou completamente seu espírito; mas isso foi um subterfúgio nascido do pragmatismo, não da tolerância religiosa. Para aqueles que protestaram dizendo que a conversão forçada era muito pior do que o exílio — ainda pior do que a morte —, Manuel respondeu que era uma questão de exaltação, uma vez que ela salvara milhares de almas da condenação eterna e as trouxera para a verdadeira fé. O rei tinha acendido um longo pavio, e os fogos da purificação religiosa queimariam também em Portugal.

Sem nenhuma interferência dos Reis Católicos, Manuel expulsou também todos os muçulmanos de suas terras. Lembranças do passado islâmico de Portugal ainda estavam por toda parte, inclusive logo abaixo das muralhas do castelo real de São Jorge, em Lisboa. Um labirinto de ruas cortava morro abaixo, ligado por escadas de paralelepípedo que se entrecruzavam em pequenas praças decoradas com fontes tilintantes, com uma fenda de vez em quando nas paredes caiadas de branco, dando um vislumbre de pátios plantados com laranjeiras perfumadas. Mesmo assim, apenas alguns muçulmanos permaneceram, tendo ficado confinados a uns poucos becos, onde eram tributados, banidos do comércio e obrigados a usar um símbolo de meia-lua em seus turbantes. Economicamente eles não eram nenhuma perda, e, ao contrário dos judeus, estavam autorizados a deixar o país. Vários anos antes de os espanhóis terem concluído seus ritos de purificação, Manuel desemaranhou os últimos fios da convivência e declarou Portugal uma nação puramente cristã.

Os conselheiros do rei tiveram alguns problemas com a nova política doméstica; eles estavam alarmados com a conversa cada vez mais grandiosa sobre mudar o mundo. Muitos tiraram vantagem da morte de João, o Tirano, para dar voz a medos de longa data sobre a tolice de tentar chegar à Índia. A esperança era duvidosa, diziam eles, enquanto os riscos eram grandes e certos. Mesmo que um milagre os ajudasse a atravessar os perigosos mares até aquele lugar enorme e misterioso, quem sabia que perigos esperar? Como poderiam eles esperar conquistar a Índia, quando tinham achado difícil apenas manter Ceuta? Pior ainda, um ataque ao Oriente não faria certamente inimigos muito poderosos — no mínimo, Egito e Veneza — e ameaçaria a pátria?

O conselho não foi ouvido. Manuel tinha herdado uma obrigação sagrada e estava determinado a colher suas glórias. Deus, respondeu ele a seus críticos depois de não conseguir persuadi-los com argumentos racionais, iria cuidar de seu reino, e ele colocou o assunto em

Suas mãos.

A crença do jovem rei de que uma mão divina impelia as explorações portuguesas era compartilhada por muitos de seu povo. Ela vinha da convicção de que Portugal, como uma nação nascida das Cruzadas, era obrigada a levar a luta contra o Islã até os confins da Terra. Mas Manuel foi muito mais longe. O ano de 1500 se aproximava rapidamente, e na esteira da queda de Constantinopla todos os tipos de figuras apocalípticas pairavam no horizonte. Incentivado por sua piedosa esposa, Manuel desenvolveu uma surpreendente veia messiânica. Chegou a acreditar que o Espírito Santo o tinha inspirado diretamente a inaugurar uma nova era global do cristianismo. A armada que ele estava prestes a enviar ao Oriente prepararia o caminho para o objetivo primordial da nova política estrangeira: uma Última Cruzada para reconquistar Jerusalém, o grande evento a partir do qual, como predisseram as Escrituras, os Últimos Dias do mundo seguiriam, assim como a luz segue a escuridão.

À MEDIDA QUE OS NAVIOS ficavam prontos, Manuel ordenou a seu administrador que os equipasse com toda a pressa. Estivadores instalaram dois barcos a remo (um escaler e outro mais leve) em cada convés e arrumaram longos remos para conduzir os navios em caso de emergência. Os porões estavam cheios de baús de ferro e balas de canhões de pedra, velas destruídas sobressalentes e equipamentos, bússolas e sondarezas, ampulhetas venezianas e diversas mercadorias para troca. Um arsenal de bestas e machados, lanças, lancetas e espadas foi escondido com segurança em um lugar reservado. Carregadores levavam nos ombros caixas de vinho, azeite, vinagre e barris de biscoitos do mar, carne salgada, peixe e frutas secas. A princípio, os planos eram de que as equipes ficassem fora de casa por três anos, mas ninguém realmente sabia quanto tempo a viagem poderia demorar.

Duas outras embarcações completavam a frota. *Berrio*, uma caravela rápida de cinquenta toneladas, foi comprada de um piloto chamado Berrios. Finalmente, por ordem do rei, um navio cargueiro de duzentas toneladas foi adquirido de um armador de Lisboa.

Com a armada quase pronta, seu comandante assumiu a tarefa de determinar as posições finais em sua equipe.

O responsável não era Bartolomeu Dias — e não só porque havia cedido aos seus homens amotinados às vésperas de velejar para o Oriente. Dias era um marinheiro profissional e sua tarefa tinha sido explorar e mapear. O líder da nova missão precisava saber os caminhos do mar, mas também tinha que ser diplomata e, se necessário, líder de guerra. Sua tarefa não era apenas a de chegar até a Índia; uma vez lá, ele deveria negociar alianças que derrubassem o Islã e que colocassem Portugal como um poder oriental — e tudo isso antes da chegada dos espanhóis. Ele precisaria inspirar, convencer e ameaçar; caso o argumento falhasse, ele teria que persuadir por meio das armas. Em suma, era necessário um capitão que pudesse comandar marinheiros, um enviado que pudesse conversar com reis e um cruzado adequado para transportar o estandarte de Cristo.

Foi uma tarefa difícil, e não havia tantas pessoas que pudessem realizá-la. Portugal ainda era um lugar rude dominado pela Igreja e pela nobreza militar. Seu clero era fortemente procriador, e os padrões da nova universidade de Lisboa eram tão baixos que os sucessivos papas proibiram-na de ensinar teologia. Um visitante polonês que chegou em 1484 ficou profundamente impressionado com o que encontrou. Homens portugueses de todas as classes, relatou ele, eram "grosseiros, pobres, carentes de boas maneiras e ignorantes, a despeito de sua pretensa sabedoria. Eles lembram os ingleses, que não admitem qualquer sociedade que se lhes equipare [...] eles são feios, de cabelos pretos e de pele escura, quase como os negros. Quanto a suas mulheres, poucas são bonitas; quase todas parecem um homem, embora em geral elas tenham lindos olhos negros". Pelo menos, acrescentou, eles eram menos cruéis e insensatos, mais leais e mais sóbrios do que os ingleses.

Finalmente, o olhar de Manuel se fixou em um jovem cortesão, um fidalgo — um cavalheiro da família real — que estava ansioso para fazer sua fortuna e que parecia reunir o equilíbrio certo de habilidades.

Vasco da Gama foi uma escolha tão inesperada que nem mesmo os cronistas portugueses chegaram a um acordo sobre o motivo de sua nomeação. Um explicava que a seu pai tinha sido dado o comando da missão, e que Vasco teria herdado o comando com a morte dele. Outros afirmavam que o comando de seu pai havia sido oferecido ao irmão mais velho de Vasco, Paulo, que não o aceitou por causa de má saúde, apesar de estar aparentemente apto a servir como capitão de um dos navios. Um terceiro declarou simplesmente que o rei avistou Vasco andando pelo palácio e imediatamente gostou dele. A explicação mais provável é que não havia muitos homens de qualidade para comandar uma viagem que demandaria viver durante três anos em meio a condições desumanas e que, muito provavelmente, terminaria em morte. Vasco da Gama foi o melhor homem que Manuel poderia encontrar.

A linhagem de Gama não o habilitava a alcançar mais do que uma modesta posição, e até mesmo o local e a data de seu nascimento são incertos. Ele provavelmente nasceu em 1469 em Sines, um pequeno porto do Atlântico, cem milhas ao sul de Lisboa. A tradição sustenta que ele nasceu em uma simples casa de pedra sob as ameias cinzentas do pequeno castelo onde seu pai, Estêvão, era o alcaide-mor local, o principal magistrado e governador militar. Era uma situação respeitável para uma família respeitável. Gama tinha lutado contra os mouros no Algarve e havia carregado o estandarte real na batalha contra Castela. Sua mãe, Isabel, era neta de um cavaleiro inglês chamado Frederick Sudley, que chegou a Portugal para lutar contra os castelhanos e nunca mais voltou para sua terra.

Vasco da Gama foi provavelmente o terceiro de cinco filhos legítimos; ele ainda tinha pelo menos uma irmã e um meio-irmão bastardo que também se chamava Vasco da Gama. No momento em que nasceu, seu pai lhe havia assegurado uma sinecura como cavaleiro a serviço do excepcionalmente bem relacionado Fernando, duque de Viseu. Fernando era o sobrinho, filho adotivo e herdeiro de Henrique, o Navegador, irmão de Afonso v, pai de Manuel i e

mestre da Ordem de Cristo e da Ordem de Santiago. Valia a pena ter um patrono como ele, e Estêvão alcançou uma posição mediana na ordem dos matadores de mouros. Em 1481, o jovem Vasco foi convidado para um dos encontros do conselho e foi presenteado com o hábito de monge, uma túnica branca bordada com uma cruz vermelha, cujo antebraço tinha a forma de uma espada. Desde cedo, o cruzado novato foi instruído na antiga malícia dos monges guerreiros em relação aos muçulmanos.

A pequena cidade se espalhava a partir do castelo pelas encostas do morro, em direção a um minúsculo ancoradouro formado por um pequeno cabo e um espeto rochoso, onde os pescadores deixavam sua pesca e remendavam suas redes. Sem dúvida, Vasco e seus irmãos aprenderam os caminhos do mar primeiramente com eles. Como filho de um nobre menos importante, ele provavelmente foi mandado para a escola na venerável e acadêmica cidade de Évora, e em sua adolescência tardia pode ter lutado junto de seus pares no Marrocos. Certamente, desde a mais tenra idade, foi teimoso e orgulhoso. Numa noite em 1492, quando passeava com um escudeiro da casa real, um magistrado desafiou os dois notívagos. Gama recusou identificar-se, e o magistrado tentou arrancar sua capa. Os dois jovens homens rechaçaram-no, e ele teve que ser resgatado da briga por vários de seus companheiros de ofício.

Apesar de sua natureza irascível, Gama ascendeu por volta de 1492, das províncias à corte real. Naquele ano, um corsário francês — um barco de propriedade privada licenciado pelo Estado para atacar e afundar tropas inimigas — capturou um navio português que estava voltando da África com uma grande carga de ouro. Em retaliação, o rei João aprisionou todos os navios franceses em águas portuguesas e mandou Vasco, então com 23 anos, para exercer suas ordens nos portos ao sul de Lisboa. De acordo com as crônicas, o jovem já havia servido em "armadas e assuntos navais" portugueses e conquistara a confiança do rei. Três anos mais tarde, Gama já era um fidalgo da casa do rei Manuel, um cavaleiro professo da Ordem de Santiago e o destinatário dos rendimentos de duas propriedades. Ele era rude e um tanto brusco em suas maneiras, mas era inteligente, ambicioso e disposto a arriscar a vida para fazer fortuna. Talvez houvesse receio sobre o seu temperamento irritadiço; mas se esta não era uma característica desejável para um diplomata, ao menos parecia manter sua equipe sob controle. De qualquer maneira, o rei via claramente nele a autoconfiança e o pulso forte que marcavam um líder nato. Isso, de certa forma, é tudo que sabemos sobre o discreto homem que carregava o futuro de Portugal — segundo alguns, da própria cristandade — sobre seus jovens ombros.

A primeira escolha de Vasco da Gama para a tripulação foi seu irmão Paulo. Os dois eram profundamente ligados, e embora Paulo não tivesse experiência perceptível de navegação, a lealdade era a qualidade mais valorizada de todas quando uma frota estava no mar.

Os dois novos navios foram nomeados a partir de dois santos esculpidos em suas figuras de proa. Vasco da Gama ficou com o levemente maior *São Gabriel* para nau capitânia,

nomeando Paulo capitão de sua nau irmã, o *São Rafael*. Ele colocou Nicolau Coelho, amigo próximo da família, no comando do navio *Berrio*, e Gonçalo Nunes, um de seus próprios partidários, como responsável pelo navio de provisões. Com sua autoridade firmemente estabelecida, Vasco da Gama selecionou o restante de seus oficiais entre os marinheiros mais experientes de Portugal.

No *São Gabriel*:

Pêro de Alenquer, piloto-chefe. Responsável pela navegação de toda a frota, navegou com Bartolomeu Dias ao cabo da Boa Esperança e daí retornou ao Congo.

Gonçalo Álvares, mestre de navegação. Arrais da nau capitânia, serviu na segunda viagem de Diogo Cão.

Diogo Dias, escriturário. Irmão de Bartolomeu Dias. Os funcionários, também conhecidos como escribas ou escrivães, estavam entre os poucos homens verdadeiramente letrados a bordo e eram responsáveis por manter todos os registros.

No *São Rafael*:

João de Coimbra, piloto.

João de Sá, escriturário.

No *Berrio*:

Pêro Escobar, piloto. Ele havia servido nas frotas de Fernão Gomes e também tinha navegado com Diogo Cão para o Congo.

Álvaro de Braga, escriturário.

No navio de provisões:

Afonso Gonçalves, piloto.

Pequenos oficiais — incluindo contramestres, que supervisionavam o convés de tripulação, e administradores, que eram responsáveis pelos estoques e provisões — completavam a lista.

Tão importante quanto os oficiais para o sucesso da missão era o pequeno grupo de intérpretes. Entre eles estava Martim Affonso, que vivera no Congo e aprendera vários dialetos africanos, e Fernão Martins, que tinha dominado o árabe durante uma temporada em uma prisão marroquina.

Menos bem-vistos, mas não menos valiosos, eram os dez ou doze homens conhecidos como *degredados* — "exilados" —, recrutados nas prisões de Lisboa. Eram condenados cujas sentenças tinham sido comutadas pelo rei para o serviço nos navios. À vontade de Gama, eles deveriam desembarcar em lugares perigosos para atuar como batedores ou mensageiros, ou então para coletar informações até que uma frota posterior os apanhasse.

Os marinheiros habilitados e comuns eram selecionados entre os veteranos de viagens anteriores à África e, quando possível, entre aqueles que haviam navegado com Dias. Alguns eram hábeis nos diversos ofícios que se faziam vitais no mar; entre eles estavam carpinteiros, calafates, tanoeiros e cordoeiros. Artilheiros, soldados, trompetistas, pajens, criados e escravos

completavam a equipe, que, ao todo, perfazia um número entre 148 e 170 homens. Em nítido contraste com muitas das viagens anteriores, nessa importante missão não havia lugar para estrangeiros. Naturalmente, as mulheres não eram permitidas a bordo.

A um dos marinheiros era dada, ou ele mesmo tomava para si, a responsabilidade crucial de manter um diário da viagem. O seu relato de testemunha ocular seria o único que sobreviveria, e apesar das repetidas tentativas de identificá-lo entre a tripulação, não sabemos seu nome. Em nossa história, vamos respeitar seu anonimato e chamá-lo Cronista.

O rei Manuel tinha supervisionado as preparações do velho castelo mouro com vista para Lisboa, mas com a volta do tempo quente e os montes de lixo nas ruas começando a levantar seu fedor usual, ele fugiu para um lugar mais salubre. Para sua audiência de despedida, Vasco da Gama e seus capitães foram em direção ao leste, para fora da cidade, passando por verdejantes pomares e vinhas e por ondulantes campos de trigo e cevada, seguindo depois pelas planícies do Alentejo em direção a Montemor-o-Novo.

Lá eles passaram pela aldeia em direção a outra ameaçadora fortaleza moura. Por trás de suas longas muralhas com ameias, a corte estava reunida em traje cerimonial. O rei se lançou em um longo discurso que descrevia os feitos gloriosos dos seus antepassados e sua determinação em levá-los a uma conclusão ainda mais gloriosa.

"Louvado seja Deus, pelo poder da espada temos afastado os mouros destas partes da Europa e da África", recordou Manuel, antes de lembrar à sua audiência por que a próxima viagem seria uma continuação natural desta longa campanha.

> Eu decidi que nada é mais adequado para o meu reino — como tenho debatido frequentemente com vocês — do que a procura pela Índia e pelas terras do Oriente. Nesses lugares, embora eles estejam longe da Igreja de Roma, espero, com a misericórdia de Deus, que não somente possa a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, Seu filho, ser proclamada e adotada através de nossos esforços, e que possamos conquistar fama e elogios entre os homens como nossa recompensa, mas também que conquistemos das mãos dos infiéis novos reinos, Estados e grandes riquezas pela força das armas.

Tendo Portugal ganhado títulos e riquezas explorando a África, acrescentou o rei, o que mais se poderia esperar prosseguindo a busca para a Ásia e adquirindo "essas riquezas do Oriente tão celebradas pelos antigos autores, alguns dos quais, por meio de seus negócios, engrandeciam tais Estados poderosos como Veneza, Gênova, Florença e as outras grandes potências da Itália!". Ele não estava prestes a rejeitar uma oportunidade oferecida por Deus, declarou formalmente, e tampouco insultaria seus antepassados abandonando esta longa Cruzada e as grandes expectativas das quais mantinha esperança.

Quando terminou de dar lições aos numerosos céticos da corte, que estavam pouco entusiasmados com a obsessão real de buscas fantásticas, Manuel apresentou o homem que havia escolhido para liderar a missão. Vasco da Gama, disse ele à assembleia, havia dado um bom testemunho de si mesmo em tudo o que tinha sido convidado a fazer, e ele o escolhera

“como um cavaleiro leal, digno de tal empresa honrosa”. O rei conferiu ao jovem comandante um título que reunia suas responsabilidades tanto como navegador quanto como líder militar. A partir de agora, ele viria a ser conhecido como o capitão-mor de sua frota.

Manuel ordenou aos outros capitães que obedecessem a seu líder, exortando-os a unirem-se para superar os perigos que seriam obrigados a enfrentar. Então, todos os homens desfilaram diante do rei, ajoelharam-se e beijaram sua mão. Quando chegou a vez de Vasco da Gama, Manuel presenteou-o com um estandarte de seda branco bordado com a cruz da Ordem de Cristo, e o capitão-mor se ajoelhou para prestar seu juramento de fidelidade:

> Eu, Vasco da Gama, tendo sido ordenado pelo mais nobre e poderoso rei, meu senhor soberano, para descobrir os mares e as terras da Índia e do Oriente, juro sob o sinal desta cruz em que eu coloco minhas mãos que irei ostentá-lo bem alto a seu serviço e a serviço de Deus, e não o entregarei a qualquer mouro, pagão ou outra raça de povo que eu possa encontrar, e em face de todos os perigos, seja água, fogo ou espada, sempre o defenderei e o protegerei, até a morte.

O rei dispensou os visitantes e Gama regressou a Lisboa. Ele levava consigo suas ordens de navegação e um maço de cartas endereçadas a algumas das grandes figuras que esperava encontrar em suas viagens — entre eles, claro, Preste João das Índias.

Na véspera da grande viagem, com a emoção e a ansiedade fervilhando nas mentes de seus líderes, ninguém talvez tenha parado para pesar com exatidão as palavras do rei. Se o tivessem feito, a estreita ligação entre religião, política e economia dificilmente tê-los-ia feito duvidar de sua causa. Até mesmo homens que não se preocupavam com tais assuntos sabiam que uma nação saudável e rica era um indício das benesses de Deus e um sinal para levar a Sua obra. Procurar riquezas monopolizando o comércio das especiarias era fortalecer os Estados que defendiam a cristandade e, consequentemente, enfraquecer o Islã. Se as repúblicas mercantis italianas sofressem no processo, que assim fosse; elas sempre pareceram mais próximas do Oriente do que do Ocidente.

Cada um tinha seus próprios motivos para se inscrever; cada homem sabia que fazia parte de um ideal maior. Talvez eles não soubessem, no entanto, o quão grande era esse ideal. A missão de Vasco da Gama não era simplesmente chegar à Índia, e sim conquistar aliados e riquezas lá que permitissem aos portugueses invadir o coração das terras árabes e avançar até Jerusalém. Decerto, foi uma coisa surpreendente os europeus terem velejado por metade do mundo conhecido para terminar perto das costas orientais do Mediterrâneo — tal era o tamanho da crença em Preste João, no Oriente maravilhoso e no valor das especiarias. Era igualmente extraordinário que mais de setecentos anos de história tenham sido colocados nas mãos de no máximo 170 homens, embora os verdadeiros crentes tivessem uma resposta para isso também. Se os meios pareciam irremediavelmente inadequados ao fim, Deus com certeza interviria para compensar o que faltava.

A busca de Portugal em explorar os oceanos começou com Henrique, o Navegador, mas avançou por meio do esforço coletivo da nação. Antes que partisse, foi confiado a Vasco da Gama o conhecimento reunido por quatro gerações de príncipes, capitães e marinheiros portugueses. O bispo de Tânger — o mesmo cosmógrafo empolgado que havia preparado Pêro da Covilhã para sua missão — deu-lhe muitos mapas, gráficos e relatórios, possivelmente incluindo as cartas mandadas de volta pelo intrépido espião.

As últimas provisões — água doce, frutas e pão, galinhas vivas, cabras e ovelhas — foram estocadas. Os navios deixaram o cais e ancoraram quatro milhas rio abaixo para além da cidade. Perto dali, atrás de uma praia de areia fina, estava a pequena vila de Belém. A partir desse mesmo lugar, uma grande armada partira certa vez rumo a Ceuta, e Henrique, o Navegador, construiu uma pequena capela para marcar o local. Para as tripulações que partiam, tornara-se um ritual ir até lá e orar pelo sucesso e por um retorno seguro, e na noite de 7 de julho de 1497 Gama cavalgou até Belém com seu irmão e seus oficiais e manteve vigília até o amanhecer.

À medida que o sol se levantava sobre as águas prateadas do Tejo, marinheiros e soldados remavam para se juntarem a eles. Os oficiais vestiam armadura de aço e seus homens jaquetas de couro e couraças. Os marinheiros usavam camisas soltas, calças no joelho, longas capas com capuz e barretes escuros. Com suas famílias, amantes e amigos se aglomerando na entrada, eles se espremiam em direção à capela sombria e celebravam uma missa final. Em seguida, os sinos tocaram e os monges encapuzados e os sacerdotes com seus mantos levaram os fiéis até a costa, cada homem carregando uma vela acesa e entoando uma ladainha. Nesse momento, a multidão se reuniu e subiu em direção à praia, murmurando réplicas, "chorando e lamentando o destino daqueles que agora embarcavam, designados à morte certa na tentativa de tão perigosa viagem". Todos se ajoelharam no momento em que um sacerdote recebeu a confissão geral e absolveu os cruzados que partiam da penitência por seus pecados, e toda a companhia remou para os navios.

As trombetas soaram, os tambores bateram continuamente e o estandarte real foi hasteado até o alto do mastro principal do capitão-mor. O estandarte da Ordem de Cristo tremulava a partir do "ninho do corvo", e a mesma cruz dos cruzados flutuava dos mastros principais dos outros três navios. As âncoras foram erguidas ao canto rítmico de uma cantiga militar do mar, as tripulações do convés transportaram as adriças e as velas lentamente se abriram para revelar suas grandes cruzes — as mesmas cruzes sob as quais os Cavaleiros Templários tinham marchado para a batalha pela Terra Santa.

Uma brisa rápida batia nas velas e a frota movia-se vagarosamente adiante, imperceptível no início, depois ganhando ritmo. Mesmo o mais jovem a bordo poderia sentir uma sensação eletrizante. Naquele momento uma nova vida parecia começar — uma vida que seria compartilhada com companheiros estranhos e que se desdobraria por lugares desconhecidos. À medida que a terra natal ficava para trás, um vasto horizonte se abria à frente: brilhante pela

antecipação da aventura, mas tingido pelo medo do perigo e da morte. Nos próximos anos, a imagem seria preenchida pelos fatos vindouros; por agora, era suficiente assistir e esperar.

A bordo do navio de Paulo da Gama, o Cronista fez seu primeiro registro. Ele anotou a data — sábado, 8 de julho de 1497 — e o lugar de partida. E então acrescentou uma oração breve e sincera: "Possa Deus, Nosso Senhor, nos permitir realizar esta viagem a Seu serviço. Amém!".

# 8. Conhecendo as cordas

A princípio, tudo correu bem. No sábado, 15 de julho, uma semana depois de sair de Lisboa, os quatro navios avistaram as Canárias. Eles pararam na madrugada do dia seguinte para duas horas de pesca, e ao anoitecer chegaram à ampla enseada que exploradores anteriores, que agora pareciam muito distantes, haviam nomeado de Rio do Ouro.

Naquela noite veio a primeira prova dos perigos à frente. Conforme a escuridão chegava, um denso nevoeiro baixou, e Paulo da Gama perdeu de vista as lanternas penduradas no navio de seu irmão. No dia seguinte, o nevoeiro se dissipou, mas manteve-se um silêncio assustador; não havia sinal do *São Gabriel* ou do restante da frota.

Os portugueses tinham uma longa experiência de tais acidentes, e o *São Rafael* seguiu para as ilhas de Cabo Verde, local do primeiro encontro marcado. No amanhecer do sábado seguinte, depois de quase uma semana de horizontes vazios, os vigias avistaram a primeira das ilhas. Uma hora mais tarde, o navio de provisões e o *Berrio* apareceram, indo em direção ao mesmo ponto. O *São Gabriel*, no entanto, ainda estava longe de ser visto, e enquanto os navios se reagrupavam, os marinheiros gritavam ansiosamente uns para os outros. Eles continuaram na rota planejada, mas quase que imediatamente o vento sumiu e as velas cederam. Ficaram à deriva por quatro dias em uma calmaria, até que, finalmente, na manhã de 26 de julho, o vigia avistou o *São Gabriel* cinco léguas adiante. À noite, eles se encontraram, e os irmãos aproximaram seus navios o suficiente para que pudessem conversar. Havia sido um mau presságio, e, para alegria geral, as trombetas soaram e os artilheiros dispararam rodada após rodada de suas bombardas.

No dia seguinte, a frota reunida chegou a Santiago, a maior das ilhas de Cabo Verde, e ancorou na abrigada praia de Santa Maria. As longarinas e os cordames já necessitavam de reparos, e os navios ficaram lá por uma semana, trazendo a bordo suprimentos de carne, água doce e madeira. Em 3 de agosto, eles voltaram ao mar, primeiro velejando para leste em direção à costa africana e em seguida alterando o curso para o sul. Eles estavam agora na região próxima ao equador, onde temidas e mortais calmarias prendiam navios e ameaçavam tripulações com a morte lenta pela sede e pela fome, para então dar lugar a rajadas de vento inconstantes e tempestades repentinas. Conforme as embarcações eram jogadas para lá e para cá, até mesmo os marinheiros veteranos eram torturados pelo enjoo, e os novatos seguravam seus estômagos e vomitavam no mar por dias a fio. Durante uma tempestade, o convés principal do *São Gabriel* se partiu em dois e a grande vela principal quadrada ficou pendurada batendo como uma asa quebrada; por dois dias a frota parou, enquanto um novo mastro era fixado no lugar.

Quando eles voltaram, os navios se dirigiram a sudoeste — uma direção que os levou para o próprio ponto central do Atlântico.

Nas viagens anteriores, cada capitão — até mesmo Bartolomeu Dias — tinha mantido seus navios perto da terra enquanto trabalhavam ao longo da costa africana. Mas não dessa vez. Talvez os portugueses tivessem estabelecido missões secretas — tão secretas que nenhum vestígio delas sobreviveu — para desvendar os padrões de vento do Atlântico Sul. Talvez tenham percebido que os barcos de velas quadradas eram muito menos bem equipados do que as caravelas para navegar contra os ventos alísios do sudeste e contra as correntes que iam em direção ao norte. Ou talvez fosse uma mistura de acaso e intuição que levou Vasco da Gama a se direcionar para o oceano aberto em busca da grande roda de vento que o colocaria em um arco no sentido anti-horário, em direção à ponta mais ao sul da África. Se foi isso, foi uma jogada espantosamente arriscada. Se mudasse de direção no momento certo, ele pegaria os ventos do oeste que o acelerariam em direção a seu destino. Caso contrário, seria fustigado de volta até a costa da África — ou, pior ainda, poderia ser soprado para fora da face conhecida da Terra.

Os homens de Gama não tiveram escolha, a não ser confiar em seu comandante. Seus únicos companheiros eram os grandes bandos de garças que acompanhavam a frota até que voassem à noite em direção à costa longínqua. Certo dia, uma baleia causou grande alvoroço ao subir à tona nas proximidades; talvez, como em outra viagem, os marinheiros tenham feito um grande barulho com tambores, panelas e chaleiras no caso de a baleia decidir retornar brincalhona e virar os navios. Fora isso, eles faziam suas atividades e, gradualmente, se ajustavam à rotina diária da vida no mar.

De meia em meia hora, dia e noite, a areia corria nas ampulhetas. A cada vez que o encarregado virava a ampulheta, o sino do navio tocava; depois de oito badaladas, a guarda mudava. O marinheiro que estivesse largando a vigilância passava a vez para a nova equipe, entoando uma velha cantiga: "A guarda é mudada, a ampulheta está correndo! Nós teremos uma boa viagem, se Deus quiser".

Cada dia a bordo começava com orações e hinos. Todas as manhãs, por ordem do contramestre, tripulantes bombeavam para fora a água que tinha vazado nos porões, limpavam os deques cheios de sal e raspavam o madeiramento. Marinheiros ajustavam o cordame, reparavam rasgos nas velas e faziam novas linhas de cordas desgastadas, enquanto artilheiros limpavam os canhões e os testavam, praticando a mira. Ao se prepararem para atirar, eles primeiro carregavam uma bola de pedra no longo cano e em seguida socavam uma carga de pólvora em uma câmara cilíndrica de metal; prendiam a extremidade aberta da câmara na culatra do cano e colocavam um pedaço de corda ardente no buraco de ventilação. Era melhor que mantivessem uma distância segura quando atirassem, como o rei Jaime II da Escócia descobriu, em 1460:

> E enquanto esse príncipe, que era mais curioso do que devia, ou do que era próprio à majestade de um rei, ficou próximo dos atiradores quando a artilharia foi descarregada, o seu osso da coxa foi escavado em dois com um pedaço de uma arma malfeita que quebrou ao atirar, no que ele foi atingido, caiu no chão e morreu rapidamente.

Sem percalços e com suficientes canos pré-carregados, prontos para serem fixados em seu lugar, um ritmo lento — mas constante — de fogo poderia ser mantido.

Enquanto as armas disparavam, servos e grumetes poliam as armaduras de aço dos oficiais e lavavam e remendavam suas roupas. Nos conveses inferiores, o estoquista mantinha uma verificação diária do equipamento e das provisões. O encarregado da cozinha preparava a única refeição quente do dia sobre um braseiro cheio de areia no convés, e os homens comiam o alimento em trinchos de madeira com seus próprios dedos ou usando canivetes. Todos os membros da tripulação, dos capitães aos mais simples, recebiam a mesma ração básica diária: uma libra e meia de biscoito, dois quartilhos e meio de água e pequenas medidas de vinagre e azeite, juntamente com uma libra de carne salgada ou meia libra de carne de porco, ou arroz e bacalhau ou queijo em vez da carne em dias de jejum. Iguarias como frutos secos eram reservadas para o alto escalão e se provariam vitais na preservação de sua saúde.

Os oficiais passavam ordens do tombadilho, a parte principal do convés atrás do mastro, ou subiam a escada para o deque da popa, que formava o teto do castelo, para obter uma visão melhor. Enquanto isso, pilotos calculavam sua posição, corrigindo o curso. Com instrumentos simples à sua disposição, esta era uma empreitada trabalhosa. À medida que os navios navegavam para o sul, o ângulo da estrela Polar acima do horizonte caía, e com um cálculo bastante simples sua latitude podia ser estabelecida. Para calcular o ângulo, os pilotos utilizavam uma versão menor, simplificada, de um instrumento que tinha evoluído ao longo dos séculos pela observação do céu. O astrolábio dos marinheiros consistia de um círculo de bronze suspenso de um anel na parte superior para garantir que ele ficasse tão vertical quanto possível no convés oscilante. A alidada, uma barra de visão que girava a partir do centro do círculo, era alinhada com a estrela — admitindo que não estivesse obscurecida por nuvens —, e a altitude era lida em uma escala de graus marcada ao redor da circunferência. Essa era uma invenção recente, e sendo feita de folhas finas de bronze, tendia a oscilar em ventos fortes, o que tornava uma leitura precisa algo irritantemente difícil de conseguir.

No céu, a cada noite, a estrela Polar ficava mais baixa, até que, finalmente, cerca de nove graus acima do equador, tocou o mar e desapareceu no horizonte. Para os novatos que estavam vivendo suas primeiras noites sob o céu do sul, parecia que o mundo tinha repentinamente virado de cabeça para baixo. Até mesmo os veteranos pararam para pensar antes de se reajustarem à nova forma inquietante dos céus. Os portugueses foram os primeiros europeus a enfrentar o problema da navegação ao sul do equador; sem a estrela Polar como guia, eles aprenderam a calcular a latitude medindo a altura do Sol ao meio-dia. Olhar diretamente para o Sol — de novo, supondo que as nuvens não estivessem no caminho — não era tarefa

agradável, e uma vez que nenhum tipo de relógio que fosse acurado para o uso no mar havia sido desenvolvido, numerosas leituras tinham que ser feitas para atingir o meridiano, ou seja, o ponto em que ele estava no topo de seu arco. Além disso, o Sol era um parceiro muito menos confiável do que a estrela Polar. Tendo em vista que sua elipse não seguia o equador celestial — em outras palavras, já que o seu caminho pelo céu não se alinha com o equador da Terra projetado no espaço —, seu ângulo meridiano do equador varia em cada dia do ano. Um navegador que quisesse saber sua latitude com referência ao Sol, portanto, precisaria compensar aquela variável. Mais uma vez, os portugueses tiveram vantagem. Os navios de Gama levavam com eles a Regra do Sol, uma série de longas tabelas e instruções detalhadas que o comitê de matemáticos do rei João II tinha elaborado em 1484. As tabelas davam um número para a declinação do Sol — o seu ângulo a partir do equador ao meio-dia — em qualquer dia examinado, e as instruções diziam ao navegador como aplicar o valor para sua leitura. Diante de uma série de tarefas tão trabalhosas, muitos preferiam esquecer a navegação celestial e confiar em seus instintos, mas Vasco da Gama era um defensor das regras.

Isso era quanto à latitude; mas nenhuma solução havia sido encontrada ainda para determinar a longitude. Os navegadores confiavam na navegação estimada, que se resumia a um palpite informado sobre a velocidade das viagens constantemente ajustadas pela direção mostrada na bússola. Este instrumento muito importante ficava situado em um recanto sob o castelo de popa, perto do local onde a cana do leme atravessava a popa. A agulha magnetizada era ligada a um cartão marcado com a rosa dos ventos e colocada em um suporte dentro de uma cavidade arredondada; o aparelho era iluminado por uma pequena lâmpada a óleo e ficava envolto em uma caixa de madeira com tampa. Agulhas de reposição, cartões e pedaços de diamante para remagnetizar as agulhas eram guardados cuidadosa e separadamente. Enquanto o responsável pela vigia gritava instruções para mudar de curso e o timoneiro movia a pesada cana do leme para virá-lo, ele mantinha um olhar atento sobre a bússola ao seu lado. Com sua visão obstruída pelas velas e pelo castelo de proa, bem como pelos marinheiros e pelos equipamentos de convés, essa era frequentemente a única maneira pela qual ele podia saber para onde estava indo.

Durante o desempenho de suas funções, poucos homens liam livros; a maior parte jogava dados e cartas. Alguns pescavam com anzóis, redes e arpões, limpando, cortando e salgando qualquer coisa que sobrasse dessa pesca. Outros tocavam ou cantavam canções do mar; alguns mantinham cães ou gatos, que caçavam a população de ratos e camundongos que roíam tudo em busca das provisões do navio. Muitos simplesmente comiam e bebiam, descansavam, conversavam, discutiam e, ocasionalmente, brigavam, encharcados pela ração de vinho, que era de dois litros por homem ao dia. Todos rezavam. Lançados em um abismo desconhecido, com a morte sempre espreitando no horizonte, a necessidade de um deus benéfico para orientar o caminho sempre estava em suas mentes. Eles oravam sozinhos ou em grupos, enquanto trabalhavam, ou muitas vezes liderados pelo capitão. Adoravam perante os santuários

a bordo, liam livros de oração e esfregavam amuletos, guardando os dias santos com longas festividades e devoção.

Todos os dias terminavam com um serviço religioso. Quando o dia acabava, a vigilância da noite era definida e as lanternas eram levadas até os mastros. O capitão se dirigia a seu camarote no castelo de popa, enquanto os oficiais iam para seus beliches na cabine abaixo e no castelo de proa. O restante dos homens dormia onde podia — abaixo das pranchas levantadas que ligavam os castelos, no recesso sob o castelo de popa ou, durante as abafadas noites tropicais, quando os compartimentos cheiravam mal, ao ar livre; o topo da escotilha, o único local plano, era sempre procurado. Na caravela muito menor, onde havia apenas uma cabine e muito menos privacidade, os homens ficavam ainda mais próximos uns dos outros.

O mês de agosto foi passando e a tripulação adoecia com o calor escaldante. A comida apodrecia rapidamente. A água começou a cheirar mal, a ponto de os homens taparem seus narizes enquanto a bebiam. Fortes odores estavam por toda parte. Homens carregando velas e âncoras sob o sol ardente trabalhavam e dormiam com a mesma roupa durante meses a fio. Em alto-mar, nunca cortavam e raramente lavavam os cabelos — a água do mar era muito salgada, e a água doce, muito preciosa —, ficando seus couros cabeludos repletos de piolhos. Eles se agachavam entre os cabos e equipamentos na proa e usavam uma caixa aberta como banheiro. Porém, como estavam à mercê das ondas, as tempestades tornavam impossível manter até mesmo um mínimo de decoro, e os dejetos invariavelmente terminavam sendo levados para os conveses inferiores. Um passageiro em uma viagem portuguesa posterior para o Oriente fez uma dolorosa imagem dos piores momentos:

> Entre nós estava a maior desordem e confusão que se possa imaginar, por causa das pessoas que vomitavam por todos os lados e defecavam uns nos outros; não havia nada a se ouvir além de lamentações e gemidos daqueles que sofriam com a sede, a fome e as doenças, além de outros incômodos, e dos que praguejavam o momento do seu embarque, seus pais e mães e eles mesmos, que eram a causa disso tudo, de modo que se poderia pensar que eles estavam fora de seus juízos, e agiam como loucos.

Quando o calor escaldante e as tempestades e calmarias perto do equador já tinham passado, um novo flagelo atingiu o infeliz marinheiro. A chuva quente caía em pancadas ao longo da costa africana e, queixou-se ele,

> depois surgiam vermes, se aquilo que estava molhado não fosse perfeitamente enxugado. Foi um problema extraordinário para mim ver minha colcha molhada e os vermes rastejando por ela toda. Essas chuvas são tão malcheirosas que apodrecem e estragam não só o corpo, mas também todas as roupas, baús, utensílios e outras coisas. E não tendo mais nenhuma roupa para me trocar, além de tudo, fui forçado a deixar secar no corpo aquela que eu vestia, com minha colcha, deitando-me imediatamente; mas eu estava preparado para isso; pois a febre, com uma grande dor nos rins, me tomou de tal maneira que fiquei doente durante quase toda a viagem.

O mês de setembro passou — e depois outubro — com poucas distrações, exceto por um bando de baleias e enormes grupos de focas que flutuavam como cascalhos sobre as ondas. Até

esse momento, porém, a frota tinha alcançado o ponto mais a sudoeste em sua grande volta pelo Atlântico, e os ventos ocidentais a levavam a uma grande velocidade de volta para a África. Finalmente, em 1o de novembro, uma quarta-feira, aglomerados de algas começaram a aparecer: um sinal revelador de que a terra estava próxima.

Naquele sábado, duas horas antes do amanhecer, a vigilância noturna baixou o chumbo e a linha e sondou as profundezas. Mediram 110 braças, ou meras centenas de pés de água. Para a latitude, contaram meras trinta léguas ao norte do cabo da Boa Esperança.

Às nove horas da manhã, os vigias avistaram terra. Os navios se aproximaram e cada homem vestiu suas melhores roupas. A tripulação, grandemente aliviada, levantou as bandeiras e os estandartes, e os artilheiros lançaram as bombardas.

Aquela tinha sido uma viagem cansativa. Os homens não viam terra há 93 incansáveis dias, e havia se passado um período desesperadamente longo desde que tinham tido água doce ou comida. No entanto, a exploração sem precedentes do oceano valeu a pena: ao evitar os ventos e as correntes costeiros contrários, eles pouparam semanas preciosas de viagem. No início de seu comando, Vasco da Gama tinha descoberto a rota de navegação mais rápida e mais segura da Europa para o cabo da Boa Esperança.

Esse foi o primeiro movimento ousado de um homem que estava determinado a levar sua tripulação e a si mesmo ao limite para atingir seu objetivo transcendental.

Os navios se aproximaram da costa, mas o litoral não tinha nenhuma semelhança com os mapas e as instruções de navegação elaborados por Bartolomeu Dias. Eles voltaram para o alto-mar novamente para pegar o vento, e três dias depois rumaram de volta à terra.

Dessa vez, depararam com uma baía larga, em frente a planícies baixas. Os veteranos de Dias não a avistaram antes, e os exploradores chamaram-na de baía de Santa Helena.

Sob as ordens de Vasco da Gama, o piloto-chefe dirigiu-se em um barco para fazer sondagens e encontrar ancoragem segura. A baía se revelou abrigada e cristalina, e no dia seguinte, 8 de novembro, a frota ancorou a uma curta distância da costa.

Quatro meses no mar já tinham causado estragos nos navios. Um a um, eles foram levados para águas rasas, e o árduo processo chamado carenagem começou. As provisões foram empilhadas de um lado do porão, e com alguns puxões combinados nos cabos os navios foram inclinados. Os marinheiros subiam por escadas colocadas no casco exposto e raspavam-no até limpar as cracas incrustadas na madeira, que eram como milhares de minúsculos vulcões. Limpavam os vermes, os caracóis e as ervas daninhas, colocando estopa nova nas juntas com um ferro de calafetação. Um fogo foi aceso na praia e piche fervente foi derramado ao longo das emendas. A mesma operação foi realizada do outro lado, e então o navio voltava a uma posição nivelada e era rebocado para o mar. Até aquele momento, o lastro vinha sendo encharcado com água suja oriunda do lixo e dos excrementos que tinham sido levados até os conveses inferiores, que estavam cheios de ratos, baratas, pulgas e piolhos. Essa mistura

nauseante era jogada fora e um novo lastro era colocado. Os conveses eram limpos e raspados, as velas eram reparadas e os mastros danificados e as cordas usadas eram substituídos por outros.

À medida que o trabalho acontecia, um grupo em terra começou a fazer o reconhecimento da costa para encontrar água doce e recolher madeira. A poucos quilômetros a sudeste, depararam-se com um rio que serpenteava por uma planície gramada, e nas proximidades eles toparam com um grupo de moradores.

"Os habitantes desta terra têm uma cor bronzeada", observou o Cronista. "Sua comida se restringe a carne de focas, baleias e gazelas e a raízes de ervas. Eles vestem-se com peles e usam um revestimento sobre seus membros viris." Esses locais carregavam lanças de oliveira com uma ponta de chifre endurecido no fogo, e grupos de cães os acompanhavam onde quer que fossem. Os portugueses ficaram surpresos ao descobrir que os cachorros latiam como os cães de sua terra de origem, e as aves — cormorões, gaivotas, rolas, cotovias de crista e muitos outros — eram igualmente familiares.

No dia seguinte à chegada da frota, Vasco da Gama desembarcou na praia com vários de seus tripulantes. Enquanto ele ajustava um grande astrolábio de madeira para obter uma leitura mais acurada da latitude do que era possível conseguir no mar, seus homens viram um grupo de africanos colhendo mel. As abelhas haviam feito suas colmeias nos acúmulos de areia que ficavam em torno de arbustos perto da costa, e os nativos estavam ocupados em jogar fumaça neles. Os marinheiros aproximaram-se rastejando até eles, pegaram um homem que era convenientemente pequeno em estatura e o arrastaram para o *São Gabriel*. Estando o homem claramente apavorado, o capitão-mor sentou-o em sua mesa e ordenou a dois tripulantes — um deles um escravo negro — que ficassem ao lado dele e o empanturrassem com uma boa refeição. Aos poucos, o visitante começou a comer, e quando Gama retornou, ele estava quase sociável. Ficou a bordo durante a noite, e no dia seguinte Gama vestiu-o com roupas bonitas, deu-lhe algumas bugigangas — alguns sinos, contas de cristal e um barrete — e então o libertou.

Logo ele reapareceu na praia, como Gama esperava, com mais de uma dezena de companheiros. O capitão-mor fez seus homens remarem com ele até a praia, e, uma vez lá, colocou diante dos africanos pequenas amostras de canela, cravo, pérolas e ouro. Por meio de gestos, perguntou se tinham algo semelhante para vender. Quando ficou claro que aqueles homens nunca tinham visto nada do tipo, Gama distribuiu mais alguns sinos e anéis de lata e voltou para o seu navio.

No dia seguinte, outro grupo apareceu, e no outro dia ainda, um domingo, quarenta ou cinquenta nativos se reuniram na praia. Depois do jantar, os portugueses desembarcaram e trocaram algumas pequenas moedas por conchas que os africanos usavam como brincos e abanadores feitos de rabo de raposa. O Cronista, em busca de um *souvenir*, trocou uma moeda de cobre por "um dos revestimentos que eles usavam sobre os membros, e isso parecia mostrar

que eles valorizavam muito o cobre".

Quando a troca terminou, um marinheiro falastrão chamado Fernão Velloso perguntou a Gama se ele poderia acompanhar os nativos até seu povoado, para ver como eles viviam. O antropólogo amador não desistiria e, ouvindo os pedidos de seu irmão, Gama cedeu. Enquanto a maioria do grupo voltou para os navios, Velloso saiu com os africanos para se banquetear com uma foca e raízes recém-assadas. Paulo da Gama e Nicolau Coelho tinham ficado para trás com alguns homens para coletar madeiras trazidas pela maré e lagostas na praia. Quando olharam para cima, viram um bando de jovens baleias deslizando entre os navios em busca de cardumes de peixes pequenos nos baixios. Paulo e sua tripulação saltaram para o barco e partiram em uma perseguição acelerada, brandindo arpões que estavam amarrados por cordas na proa. Os marinheiros miraram e uma cabeça farpada perfurou as costas de uma baleia. Quando a dor se fez sentir, ela se debateu e mergulhou, puxando a linha esticada em segundos. O pequeno barco virou para cima e deu uma guinada na espuma sangrenta; porém, a rasa água costeira, que fez a baleia ir contra o fundo baixo e se acalmar, impediu os homens de serem arrastados ao mar.

Um pouco mais tarde, enquanto os desportistas e forrageiros voltavam para os navios, Fernão Velloso surgiu correndo por um morro com seus companheiros de jantar em uma perseguição acirrada. Quando ele terminou de comer a sua parte, os africanos fizeram gestos inequívocos de que era hora de ele voltar para o seu pessoal. Ele então fugiu em pânico e começou a gritar para sua frota.

Gama estava esperando o retorno dele. Sinalizou aos barcos para que voltassem e resgatassem o etnógrafo amador, e ordenou a seus homens que, havendo mais problemas, remassem com ele até a praia.

Assim que Velloso pisou na areia em direção aos barcos, os africanos ficaram para trás, cobertos pelos arbustos. Os marinheiros, porém, não estavam com pressa de resgatar seu companheiro arrogante. Depois de quatro meses, já estavam saturados de sua vanglória, e decidiram fazê-lo suar. Eles ainda estavam apreciando a brincadeira quando dois africanos armados correram propositalmente para a praia. O humor abruptamente mudou, mas antes que a equipe de resgate pudesse subir em terra, o resto dos africanos surgiu e soltou uma rajada forte de pedras, flechas e lanças sobre os barcos. Vários homens foram feridos — incluindo o próprio Vasco da Gama, que ainda não tinha aparecido em cena, até que foi ferido na perna com uma flecha — e o grupo de desembarque recuou desordenadamente para a frota. Gama cuidou de sua ferida com uma pasta de urina, azeite e teriaga, e salvou seu orgulho ordenando que seus besteiros disparassem à vontade em direção à costa.

O capitão-mor decidiu que a ele tinha sido ensinada uma lição salutar, e que isso ficaria com ele para o resto de seu tempo no mar.

"Tudo isso aconteceu", registrou o Cronista, "porque nós olhamos para essas pessoas

como homens de pouco espírito, incapazes de violência, e, portanto, desembarcamos sem nos armarmos primeiro."

Nada mais se viu dos nativos, e os portugueses ficaram por mais quatro dias para concluírem os reparos. Em 16 de novembro, à primeira luz do dia, deixaram a baía e foram para a direção sul-sudoeste. Dois dias depois, tiveram seu primeiro vislumbre inconfundível do cabo da Boa Esperança. Sua cena de cordilheiras brilhando ao sol poente era um marco tão monumental quanto a jornada de décadas que havia se assinalado.

Uma vez visto, o cabo provou ser difícil de atravessar. Os ventos do sul uivavam ao longo da costa, e durante quatro dias os navios lutaram com o mar e foram levados de volta à terra. Finalmente, ao meio-dia de 22 de novembro, agora com o vento pela popa, eles dobraram o cabo. Apenas uma frota havia navegado antes por essas águas, e Bartolomeu Dias só tinha visto a referência lendária a caminho de casa.

Os trombeteiros irromperam em uma fanfarra e a tripulação agradeceu a Deus por tê-la guiado em segurança.

Durante três dias os navios costearam, passando por bosques verdejantes e por inúmeros rios e riachos, até chegarem a uma baía enorme, de seis léguas de profundidade e seis léguas de largura em sua foz. Esse era o lugar onde Dias tinha tido um infeliz encontro com alguns pastores, e Gama foi avisado.

Os exploradores navegaram em direção à baía, após passarem por uma pequena ilha cujas margens estavam cheias de focas, e ancoraram ao largo da praia. Seria uma longa estada. Os suprimentos nos três navios principais já estavam acabando e o conteúdo do navio de provisões precisou ser transferido para eles.

Uma semana se passou sem nenhum sinal de habitantes; apenas um número misteriosamente grande de gado gordo percorria as margens. Então, em 1o de dezembro, noventa ou mais homens saíram das montanhas e alguns desceram para uma caminhada pela praia. Nesse momento, a maior parte dos homens estava no *São Gabriel*, e logo que os africanos apareceram, eles se armaram e desceram os barcos do navio. Enquanto se aproximavam da costa, Gama jogou punhados de pequenos sinos na areia e os nativos curiosos os apanharam. Pouco depois, se aproximaram dos barcos e pegaram mais alguns sinos da mão do capitão. Os marinheiros veteranos da viagem de Dias estavam perplexos, suspeitando talvez que, antes de sua recente escaramuça, tivesse se espalhado por ali a notícia de que os visitantes não faziam mal nenhum e distribuíam presentes.

Gama, que ainda se recuperava da lesão, foi menos otimista. Disse a seus homens que remassem para longe daquele local tão cheio, onde os africanos estavam reunidos, e que se dirigissem para a praia aberta, onde havia menos chance de um ataque surpresa. Os nativos o seguiram.

O capitão-mor desembarcou com seus capitães, soldados e besteiros, sinalizando aos

africanos para que se aproximassem, um ou dois de cada vez. Em troca dos sinos e de alguns gorros de dormir vermelhos, ele foi presenteado com algumas belas pulseiras de marfim. Claramente os elefantes eram muitos; grandes pilhas de seus excrementos estavam por toda parte.

No dia seguinte, duzentos nativos apareceram na praia levando uma dúzia de bois e vacas gordos e quatro ou cinco ovelhas. O boi mais gordo era montado por um homem sentado em uma liteira de galhos apoiada por uma albarda de junco; os outros animais tinham pedaços de pau atravessados em suas narinas, um sinal de que estavam à venda. Depois de meses mastigando carne seca e salgada, um boi assado era uma perspectiva de dar água na boca. Os portugueses seguiram diretamente para a praia, enquanto seus anfitriões tiraram instrumentos parecidos com flautas, tocaram uma música e começaram a dançar. Gama estava agora de bom humor, e ordenou aos trombeteiros que tocassem. Os portugueses levantaram-se nos barcos e dançaram também, e o capitão-mor juntou-se a eles.

Os exploradores compraram um boi preto pelo ótimo preço de três pulseiras e se banquetearam com ele no dia seguinte, no almoço de domingo. "Nós constatamos que ele era muito gordo, e que sua carne era tão saborosa quanto a carne bovina de Portugal", observou o Cronista.

Ambos os lados começaram a relaxar na atmosfera festiva. Mais nativos curiosos apareceram, desta vez trazendo suas mulheres e seus filhos pequenos, assim como rebanhos de bois e vacas. As mulheres ficaram afastadas em uma colina baixa logo atrás da praia, enquanto à beira-mar os homens se reuniam em grupos, dançando e tocando mais músicas. Assim que os portugueses chegaram, os homens mais velhos se aproximaram deles, abanando-se com mais rabos de raposa, e os dois lados conseguiram se comunicar por meio de sinais. Tudo parecia bem alegre, até que os marinheiros notaram os homens jovens da tribo agachados no mato e com armas na mão.

Gama chamou seu tradutor de língua africana, Martim Affonso, e disse-lhe para tentar comprar outro boi com mais algumas pulseiras. Os africanos pegaram as pulseiras, levaram seu gado para o mato e puxaram Affonso para um pequeno espelho d'água nas proximidades, onde os portugueses tinham enchido os seus barris. Por que os estrangeiros, perguntaram os nativos raivosamente, levavam sua preciosa água?

O capitão-mor estava começando a ter um mau pressentimento sobre a situação toda. Ele reuniu seus homens e gritou para Affonso que viesse se juntar a eles. Os portugueses recuaram para os barcos e remaram ao longo da costa em direção ao espaço aberto onde tinham desembarcado pela primeira vez. Os nativos os seguiram, e Gama ordenou aos soldados que amarrassem suas couraças, colocassem as cordas nas bestas, segurassem suas lanças e arpões e se alinhassem na praia. A demonstração de força pareceu funcionar, e os africanos recuaram.

Gama mandou que os soldados voltassem para os barcos, e eles então remaram uma

pequena distância. O capitão-mor estava preocupado em não matar alguém por engano, registrou o Cronista, "mas para provar que nós éramos capazes de ferir, mesmo não querendo isso, ele ordenou que duas bombardas fossem disparadas da popa do escaler". Os africanos estavam agora sentados em silêncio, ao largo da praia em frente à mata. Quando as armas foram disparadas e as bolas passaram assobiando sobre suas cabeças, eles se levantaram e fugiram em pânico, deixando cair suas peles de animais e armas.

Dois homens apareceram um minuto depois para recolher os pertences espalhados, e todos eles desapareceram sobre o cume da colina, levando seu gado na frente. Mais nenhum deles foi visto por dias e dias.

Assim que a canibalização de madeira e de partes extras do navio de provisões chegou ao fim, Gama mandou fazer uma fogueira com os despojos do casco. Durante vários dias o casco queimado ardia e soltava fumaça, como um sombrio sinal de alerta. Os marinheiros, porém, tinham rapidamente esquecido os problemas em terra — isso era problema do capitão-mor — e estavam mais interessados em um pouco de recreação. Um grupo remou até a ilha no meio da baía para ver mais de perto a colônia de focas. Os animais estavam agrupados de forma tão próxima que, de certa distância, a ilha parecia uma massa de pedras lisas em constante mudança. Algumas focas eram tão grandes quanto ursos, rugiam como leões e atacavam os homens sem medo; arpões arremessados pelos marinheiros mais fortes resvalaram em suas peles. Outras eram muito menores e choravam como cabras. O Cronista e seu grupo de curiosos contaram 3 mil animais antes de desistirem, e para se divertir dispararam suas bombardas em direção às focas. Havia pássaros estranhos, também, que zurravam como jumentos e eram "grandes como patos, mas não podiam voar, porque não tinham penas nas asas". Eram os pinguins do cabo da Boa Esperança, e os exploradores os massacraram também, até que se cansaram.

Na altura de seu décimo segundo dia na baía, os três navios restantes estavam quase prontos para partir, e os marinheiros se puseram mais uma vez a encher os tonéis de água. Em uma saída, eles levaram um dos padrões — os pilares de pedra com o brasão real — que haviam trazido de Portugal. Gama tinha mandado fazer com o mastro da mezena do navio de provisões uma grande cruz; depois que o pilar foi colocado, ela foi montada no topo.

No dia seguinte, enquanto a pequena frota começava a navegar, os africanos finalmente emergiram da mata. Eles haviam mantido vigilância sobre os rústicos estrangeiros o tempo todo e aproveitaram a sua chance de se vingar. Uma dúzia de homens correu e esmagou a cruz e o pilar em pedaços, à vista dos navios que partiam.

Era 7 de dezembro e havia muita tensão a bordo. Bartolomeu Dias tinha voltado para casa um pouco antes, e os homens de Vasco da Gama estavam prestes a ultrapassar os lugares secretos da natureza. Muitos estavam convencidos de que navegavam em direção a um limite intransponível, e seu pior medo parecia prestes a se confirmar.

Mal a frota deixou a baía e o vento diminuiu; as velas baixaram e os navios ficaram ancorados o dia todo. Na manhã seguinte — o dia da Imaculada Conceição, recordou piedosamente o Cronista — eles partiram, apenas para navegar em direção a uma tempestade terrível.

As ondas empinavam-se em falésias de água. Os navios se moviam pesadamente em direção às nuvens de tinta e caíam no abismo. Um vento frio penetrante batia na popa, e tudo ficou escuro como breu. Estando os navios com suas velas totalmente abertas, as proas mergulhavam sob as ondas e os capitães rapidamente ordenavam que baixassem a vela do traquete.

A água gelada do mar caía nos conveses e molhava os capotes de lã dos marinheiros. Nos deques inferiores todos os braços estavam nas bombas, mas a água penetrava e jorrava mais rápido do que eles podiam retirar, enquanto os porões inundavam. Os céus uivantes abafavam os comandos dos pilotos, e mesmo com vários homens grudados na cana do leme, era quase impossível controlar os navios. Quando a tempestade atingiu seu pior ponto, a caravela de Nicolau Coelho desapareceu de vista, e os marinheiros mais experientes pensaram que tinham visto o seu último dia. Eles choraram e confessaram-se uns aos outros e, lutando para formar uma fila atrás de uma cruz, oraram a Deus para mostrar misericórdia e para que os preservasse do desastre.

Finalmente o céu se iluminou, e ao pôr do sol os vigias avistaram o *Berrio* no horizonte, a completas cinco léguas de distância. Os dois navios penduraram seus sinais luminosos e acalmaram-se. Por volta da meia-noite, no final da primeira vigia, Coelho foi finalmente resgatado, mas apenas por acaso. Ele não tinha visto os outros navios até estar quase em cima deles; tinha navegado naquela direção porque o vento não lhe dera outra escolha.

A frota tinha sido soprada para longe no mar, e mais uma vez rumou para a terra. Três dias depois os vigias avistaram uma cadeia de ilhas baixas. Pêro de Alenquer reconheceu-as imediatamente: cinco léguas ao longe, sobre um promontório que se projetava da costa, estava o último pilar erguido por Bartolomeu Dias.

Um dia depois, 16 de dezembro, os três navios passaram pela foz do rio onde a tripulação amotinada de Dias o tinha forçado a voltar. Eles estavam agora velejando por onde nenhum europeu — e quase certamente nenhum homem — havia jamais navegado antes. Naquela noite eles se deitaram, e os espectros dos perigos à frente enchiam cada mente semiadormecida.

No dia seguinte, eles navegaram rapidamente com um vento oeste que os carregava, mas à noite o vento mudou de forma brusca para o leste. Os navios foram forçados a manobrar mais uma vez para o mar, e durante dois dias eles se mantiveram a favor do vento o melhor que puderam. Quando o vento finalmente mudou para a direção oeste, eles rumaram novamente para a terra, a fim de descobrir onde estavam. Logo tiveram uma visão familiar: uma ilha na qual Dias havia erguido uma cruz, a sessenta léguas do lugar de onde reconheceram que

deveriam estar. Uma forte corrente marítima os arrastara por metade do caminho em direção à baía que eles tinham deixado havia aproximadamente duas semanas.

Muitos dos marinheiros estavam certos de que tinham alcançado uma parede invisível que dividia o Oriente do Ocidente. Vasco da Gama, cuja determinação férrea estava se tornando cada dia mais evidente para seus homens, não aceitava nada disso. A frota retomou seu curso.

Dessa vez, um vento forte soprou da popa por três ou quatro dias, e os navios avançaram polegada a polegada para a frente, contra a corrente.

"De agora em diante", observou o Cronista, que estava tão aliviado quanto o resto, "aprouve a Deus em Sua misericórdia nos permitir avançar! Nós não fomos dirigidos para trás novamente. Permita Ele que assim seja, sempre!"

Eles navegavam agora por uma floresta exuberante, e quanto mais avançavam, mais alto as árvores subiam em direção ao céu. Parecia um sinal, e nesse momento a costa estava claramente se dirigindo para o nordeste.

Depois de décadas de busca e séculos de sonho, os primeiros europeus navegaram no oceano Índico.

# 9. A costa suaíli

O dia de Natal do ano de 1497 foi de orações diante de santuários a bordo. Em homenagem à data, os exploradores chamaram de Natal a terra pela qual estavam passando, mas não havia tempo para descansar. Não havia mais mapas; de agora em diante, folhas em branco teriam que ser preenchidas. Tudo precisava ser observado e registrado, e havia as provações de sempre — um mastro quebrado, um cabo de âncora agarrado, um vento adverso — para retardar as coisas ainda mais. Pior de tudo, a água potável estava quase acabando e os cozinheiros só podiam fazer carne salgada fervendo-a com água do mar, com resultados nauseantes. A necessidade de chegar à terra tornava-se urgente.

O novo ano tinha apenas onze dias quando os vigias avistaram a foz de um pequeno rio. O capitão-mor deu a ordem para ancorar próximo à costa e no dia seguinte um grupo de desembarque partiu nos barcos. Quando se aproximaram, eles viram uma grande multidão de homens e mulheres que os observavam. Todos eram muito altos — muito mais altos do que os portugueses.

Gama, que liderava a partir da frente, como de costume, mandou Martim Affonso desembarcar com um companheiro. Os africanos deram-lhes uma recepção silenciosamente cortês. Entre eles estava um que parecia ser o chefe, e, até onde Affonso podia compreender, dava a impressão de estar dizendo que os viajantes poderiam levar qualquer coisa que precisassem de seu país.

Em troca, Gama enviou ao chefe uma jaqueta vermelha, um par de calças vermelhas, um barrete mouro vermelho e uma pulseira de cobre. Quando a noite caiu e os barcos voltaram para os navios, Affonso e seu companheiro foram com os africanos até seu povoado. Pelo caminho, o chefe encolheu os ombros em suas roupas novas. "Olhe só o que me foi dado!", anunciava, com surpresa ou prazer, para qualquer um que aparecesse. Eles chegaram à aldeia sob aplausos gerais, e o chefe desfilou em volta das casas de sapê. Quando ele se recolheu à noite, os visitantes foram levados a uma casa de hóspedes e alimentados com mingau de milho e galinha. Dormiram levemente, até porque, quando abriam os olhos, encontravam grupos de aldeões olhando para eles.

Na manhã seguinte, o chefe apareceu com dois homens que estavam ali para levar os marinheiros de volta aos navios. Ele deu algumas galinhas para o comandante e acrescentou que iria mostrar os seus presentes para um grande chefe, a quem os portugueses supuseram ser o rei da terra. Quando Affonso, seu companheiro e os dois guias se dirigiram ao local de desembarque, eles tinham atraído cerca de duzentos seguidores.

Os portugueses deram ao país o nome de Terra da Boa Gente. Esta parecia ser

densamente povoada, com muitos chefes, mas com duas vezes mais mulheres do que homens. Os guerreiros, cujas constantes batalhas com tribos vizinhas tinham certamente muito a ver com esse desequilíbrio, estavam armados com arcos longos e flechas, lanças com pontas de ferro e adagas com punho de estanho e bainhas de marfim. Tanto os homens quanto as mulheres usavam enfeites de cobre em seus braços e pernas e em suas tranças. Próximo às aldeias havia piscinas em que a água do mar era transportada em cabaças (que eram esvaziadas e secas para isso), sendo a água evaporada para obter sal. Os viajantes precipitadamente deduziram estar próximos de terras mais desenvolvidas. Mesmo assim, permaneceram por cinco dias, com seus navios ancorados nas ondas, trocando camisas de linho por grandes quantidades de cobre e reabastecendo seus suprimentos de água. Dessa vez, os africanos ajudaram a transportar os barris para os navios, mas antes que terminassem, um vento favorável soprou ao longo da costa e animou os exploradores a seguirem adiante.

Depois de navegar por nove dias, a floresta espessa se abriu para revelar a foz de um rio muito maior, guardado por ilhotas de areia cobertas com moitas de mangue. Gama decidiu arriscar uma manobra de reconhecimento, e sob suas ordens o *Berrio* entrou no canal. Um dia depois os dois navios maiores o seguiram.

Em ambos os lados havia planícies pantanosas pontilhadas de aglomerados de árvores altas que produziam frutos estranhos, mas comestíveis. O povo era escuro, forte e andava nu, exceto por suas tangas curtas de algodão. Logo os portugueses perceberam que as jovens eram notadamente bem-apessoadas, mesmo que seus lábios perfurados estivessem pendurados com uma série assustadora de enfeites de estanho torcido. Os africanos, observou o Cronista, ficaram igualmente deleitados com os estranhos recém-chegados. Grupos remaram em canoas para oferecer os produtos locais e subiram a bordo, sem hesitação, como se os europeus fossem velhos amigos. Eles partiram com sinos e outras bugigangas e levaram os marinheiros para sua aldeia, oferecendo-lhes prontamente tanta água doce quanto pudessem tomar.

Poucos dias depois, dois homens, usando barretes de cetim verde e seda bordada, remaram até a frota. Eles eram claramente a nobreza local, e olharam para os navios com a visão de conhecedores. Um de seus jovens, explicaram eles, tinha viajado de um país distante e tinha visto navios que eram tão grandes como estes.

"Esses sinais", escreveu o Cronista, "alegraram nossos corações, pois parecia que estávamos realmente nos aproximando da fronteira dos nossos desejos." Os portugueses ficaram menos felizes quando os dois homens desdenharam dos presentes que lhes foram oferecidos — uma censura alarmante, já que eles ainda estavam longe da Índia. Ainda assim, os arrogantes cavalheiros mandaram fazer cabanas para os visitantes na margem do rio, e durante sete dias enviaram servos para trocarem panos avermelhados tingidos pelas bugigangas dos estrangeiros, até que se cansaram e remaram de volta, rio acima.

Os portugueses permaneceram no rio por 32 dias. Gama tinha decidido que seus homens mereciam um descanso depois de tantas provações, e eles, evidentemente, apreciavam a

companhia das atraentes e gentis mulheres. Ao mesmo tempo, consertaram o mastro do *São Rafael* e mais uma vez carenaram os três navios.

Até então, a África oriental tinha se revelado uma espécie de paraíso; mas o perigo espreitava no ar, quente e úmido. Muitos dos tripulantes caíram doentes. Seus pés e mãos incharam; em suas pernas abriram-se diversas e pequenas feridas. Suas gengivas inflaram tanto sobre os dentes que eles ficaram incapazes de comer, e sua respiração fedia insuportavelmente. Seus olhos sangravam e seus globos começaram a sobressair de seus rostos encolhidos. Sete meses longe de casa e o temido escorbuto tinha atacado.

Paulo da Gama, um homem gentil e solícito, visitava os doentes dia e noite, consolando-os e ministrando remédios de suas próprias provisões. Não havia nenhum médico na tripulação, e ainda que os cirurgiões do navio — que também atuavam como barbeiros — tendessem a ser uma espécie do tipo encontrado pelo viajante italiano Pietro della Valle — "um homem de aparência tão pouco atraente que, mesmo em perfeita saúde, eu teria adoecido se ele tivesse tomado o meu pulso" —, a eficácia deles era limitada. A pior parte era a evolução das feridas supuradas que os deixavam paralisados e seus dentes que caíam. Talvez trinta homens tenham morrido enquanto os sobreviventes permaneciam perplexos e impotentes para agir.

Vasco da Gama deu a ordem para seguir em frente. Antes de partir, ergueu o segundo de seus pilares e anotou o nome que seus homens haviam dado ao seu embarcadouro: rio dos Bons Presságios. Os sinais, no entanto, eram decididamente ambíguos. A frota passava com dificuldade pela barra do rio quando a nau capitânia encalhou em um banco de areia. Estavam prestes a dá-lo como perdido quando, na hora certa, a maré alta o fez flutuar novamente.

A PEQUENA ARMADA voltou a mar aberto no sábado, dia 24 de fevereiro. À noite, os pilotos definiram um rumo a nordeste para manterem-se afastados da costa; na semana seguinte, traçaram o mesmo curso, parando à noite para evitar que escapasse qualquer detalhe, mas vendo poucas coisas dignas de nota, com exceção de algumas ilhas dispersas.

Em 1o de março, um grupo maior de ilhas surgiu à vista, dessa vez perto da costa. Estava ficando tarde, e os navios se destacaram mais uma vez e descansaram, esperando até a manhã para inspecionar o local.

A luz do amanhecer revelou um grande e plano losango de coral, com franjas de areia branca, cravado de vegetação verde e abraçado por uma ampla região do continente. Duas ilhas menores guardavam a aproximação por mar. Gama decidiu enviar primeiro a caravela, e Nicolau Coelho armou suas velas e costeou para dentro da baía. Logo ficou claro que ele tinha calculado mal sua abordagem, e o *Berrio* colidiu com um banco de areia. Quando tentava sair dali, viu uma pequena flotilha de barcos saindo da ilha principal.

A essa altura, os outros dois navios tinham vindo por trás e os ilhéus animadamente tentavam sinalizar para que parassem. Os irmãos Gama navegaram descuidados da enseada

abrigada entre o continente e a ilha, e com o comitê de boas-vindas seguindo-os avidamente, lançaram âncora. Sete ou oito dos barcos foram até os navios, e uma pequena orquestra começou a tocar. Os portugueses reconheceram as trombetas longas e retas como os mesmos instrumentos tocados pelos mouros do norte da África.

O restante dos homens nos barcos acenou calorosamente aos recém-chegados para que os seguissem até o porto da ilha. Gama chamou alguns deles a bordo, e então eles comeram e beberam com a tripulação.

Os portugueses logo perceberam que os ilhéus falavam árabe. Isso era tão promissor quanto intrigante. Eles eram muçulmanos, mas muito mais amigáveis do que qualquer muçulmano que os exploradores tinham encontrado antes.

Vasco da Gama decidiu que precisava saber mais sobre onde estava e que tipo de pessoas havia por lá. Mais uma vez ordenou a Nicolau Coelho que adentrasse o porto e fizesse uma sondagem para ver se os navios de maior porte poderiam segui-lo. Coelho tentou se mover em torno da ilha e atingiu um ponto rochoso que quebrou seu leme. Ele conseguiu desvencilhar-se, e a caravela se moveu com dificuldade em direção às águas profundas e desimpedidas do porto.

O *Berrio* mal tinha parado quando o sultão local se aproximou e subiu a bordo com um enorme séquito. Ele fazia uma figura distinta em uma longa camisa de linho, uma veste de veludo comprida, um barrete de seda multicolorido com ornamentos dourados e um par de sapatos de seda. Seus homens estavam vestidos com linho e algodão finos, elaboradamente trabalhados e tingidos em faixas vibrantes. Sobre as cabeças, usavam barretes com tiras de seda bordadas com fios de ouro; espadas e adagas árabes estavam enfiadas em seus cintos.

Coelho recebeu os dignitários com a deferência devida, ainda que só pudesse presentear o sultão com um capuz vermelho. Em troca, o sultão deu ao capitão o rosário negro que manipulava enquanto rezava, sinalizando que ele devia recebê-lo como penhor de boa vontade, e convidou alguns dos marinheiros para descerem à terra consigo.

Eles desembarcaram em uma correia rochosa da costa onde os pequenos navios poderiam aportar na maré alta. Armazéns alinhavam-se à beira-mar. Vários barcos grandes estavam sendo construídos nas proximidades, os cascos de madeira presos com fibra de coco e as velas tecidas com o mesmo material versátil. Atrás havia uma cidade bastante grande, com pequenas mesquitas, cemitérios ornamentados e casas de estuque construídas com blocos e pedaços de coral. Em todos os lugares, cocos, melões e pepinos eram empilhados para a venda, enquanto pelas ruas mulheres vendiam pequenos peixes fritos e bolos assados na brasa.

O sultão levou os homens para sua casa. Alimentou-os e os enviou de volta com "uma jarra de tâmaras amassadas com cravo e cominho sob forma de geleia, como um presente para Nicolau Coelho".

Agora os dois navios tinham seguido o *Berrio* até o porto. O sultão enviou as iguarias mais

finas para eles, e Gama, às pressas, preparou-se para uma visita. Após a árdua viagem, seus homens estavam muito pouco apresentáveis: os melhores estavam rasgados e despenteados, enquanto os piores estavam quase morrendo. O capitão-mor ordenou que os enfermos fossem para o deque inferior e chamou os homens mais fortes dos outros navios. Eles se encolheram em coletes de couro sobre suas camisas soltas, calçaram suas botas e esconderam armas sob as roupas. As bandeiras foram hasteadas, os velames foram colocados e a exibição ficou pronta em cima da hora.

Isso foi muito bom. O sultão chegou em esplendor cerimonial completo, com atendentes vestidos em ricas sedas e músicos que tocavam sem parar em trombetas de marfim. Gama o acolheu a bordo, sentou-o sob um toldo e ofereceu-lhe suas melhores carnes e vinhos, presenteando-o com mais chapéus e algumas túnicas, contas de coral e outras bugigangas de seus baús. O sultão observou os presentes oferecidos, dispensou-os com desprezo e perguntou se os estrangeiros tinham algum pano escarlate. Gama, através de seu tradutor árabe Fernão Martins, foi forçado a responder que não. Os visitantes logo deixaram o navio, embora o sultão tenha ficado intrigado o suficiente para voltar várias vezes, e os portugueses continuaram dando-lhe o que tinham.

Os exploradores descobriram que estavam em um país chamado Moçambique. Os homens bem vestidos eram ricos comerciantes que negociavam com árabes do norte — ou mouros brancos, como os portugueses insistiam em chamá-los. Quatro navios árabes estavam no porto, pesadamente carregados de "ouro, prata, cravo, pimenta, gengibre e anéis de prata, e também de grandes quantidades de pérolas, joias e rubis, todos estes sendo artigos usados pelo povo deste país". Tudo isso, tirando o ouro, explicaram os novos amigos dos europeus, vinha de cidades onde pedras preciosas, pérolas e especiarias eram tão comuns "que não havia nenhuma necessidade de comprá-las, já que elas poderiam ser colhidas em cestos".

O pulso dos visitantes acelerou. Essa era a primeira evidência das fabulosas riquezas do Oriente, atrás das quais eles tinham ido tão longe para buscar. Foi perturbador, naturalmente, descobrir que os muçulmanos controlavam toda a costa — a costa suaíli, do árabe, para os moradores da costa, como eles aprenderiam a chamá-la —, mas havia também uma boa notícia por lá. Perto dali, disseram-lhes os mercadores, havia uma ilha muito rica, cuja população metade cristã, metade muçulmana estava constantemente em guerra. Semi-incentivados, os portugueses perguntaram sobre o paradeiro de Preste João. Souberam que ele também vivia por perto e governava sobre numerosas cidades costeiras, cujos habitantes eram "grandes comerciantes e possuíam enormes navios". A corte de Preste, verificou-se, estava longe, no interior, e só poderia ser alcançada de camelo. Essa grande decepção, porém, foi amenizada pela revelação de que os árabes tinham dois cristãos da própria Índia a bordo de seus navios. Outra dose de realidade foi lançada pela notícia de que os cristãos eram prisioneiros dos árabes, mas os dois logo foram trazidos para o *São Gabriel*. No instante em que viram a figura de proa do santo no barco, eles caíram de joelhos, em oração. Prisioneiros ou não, essa era

certamente a prova aguardada, havia muito tempo, de que existiam, afinal, cristãos em todo o Oriente.

"Essa informação", alegrou-se o Cronista, "e muitas outras coisas que ouvimos, tornou-nos tão felizes que choramos de alegria, e oramos a Deus que nos desse saúde, para que pudéssemos contemplar o que nós tanto desejávamos." As esperanças e os sonhos de séculos estavam quase ao alcance deles: um rei cristão do Oriente e seus súditos fabulosamente ricos; cidades transbordando de joias e especiarias que podiam ser simplesmente pegas.

Ao mesmo tempo que os viajantes eram tomados pela excitação, as coisas começaram a dar muito errado.

Em uma de suas visitas, o sultão perguntou de onde vinham os estrangeiros. Ele queria saber se eles eram turcos ou de outro povo muçulmano distante que ele não conhecia. Os turcos, sabia ele, eram um povo justo como eles. Se fossem turcos, acrescentou, estaria muito interessado em ver os famosos arcos de seu país e em olhar suas cópias do Alcorão.

Não eram da Turquia — respondeu Gama, com uma face desprovida de emoções —, mas de um reino daquelas cercanias. Mostraria suas armas de bom grado, mas não trazia consigo os livros religiosos. Os soldados trouxeram suas bestas, levantaram-nas e atiraram, e o sultão pareceu surpreso e maravilhado. Gama aventurou-se a explicar, enquanto comiam figos, frutas açucaradas e especiarias, que tinha sido enviado por um rei grande e poderoso para descobrir um caminho para as Índias. Perguntou se poderia contratar dois pilotos que conhecessem o oceano Índico, e o sultão imediatamente concordou. Dois homens se prontificaram para a função, e Gama deu a cada um deles uma bolsa de ouro e uma túnica. Sua única condição, disse-lhes por intermédio de Fernão Martins, era que de agora em diante um deles deveria sempre estar a bordo.

Não demorou muito para que a presença dos pilotos causasse problemas. O comportamento dos pálidos visitantes, com sua língua estranha e seus navios mais estranhos ainda, já havia levantado suspeita. Eles pareciam não saber nada sobre a costa ou o que havia nela; faziam muitas perguntas e se recusavam a dar respostas claras. Finalmente os dois homens perceberam que haviam sido recrutados não por alguma raça exótica de muçulmanos, mas por cristãos, e um dos dois pediu desculpas e foi embora. Como não voltou, os portugueses partiram para uma das pequenas ilhas periféricas, uma légua do outro lado da baía, e então descobriram onde o homem vivia. Os navios ancoraram por perto; Gama e Coelho foram até a praia em dois botes armados, levando consigo o outro piloto. Imediatamente, meia dúzia de pequenos dhows partiu da ilha para interceptá-los. Estavam acompanhados de guerreiros muçulmanos armados com arcos, longas flechas e escudos redondos, e gesticulavam aos portugueses para que retornassem à cidade.

Gama já tinha o piloto seguro, e ordenou a seus artilheiros que lançassem suas bombardas sobre os barcos.

Bolas de canhão rugiam dos canos e retumbavam pelos ares.

No momento em que cristãos e muçulmanos chegaram conscientemente a um confronto no oceano Índico, as relações se deterioraram entre eles, passando de alegres a hostis. A velha e amarga rivalidade tinha sido exportada para novas águas. Os primeiros tiros foram disparados, e o relato desses fatos ecoaria através dos séculos.

Paulo da Gama tinha ficado com a frota caso precisasse enviar ajuda, e ao som dos tiros partiu para a ação. Quando o *Berrio* se aproximou ameaçadoramente dos barcos árabes, eles fugiram para a ilha principal, onde desapareceram na cidade antes que Paulo pudesse alcançá-los.

Os portugueses voltaram para seu ancoradouro. As relações com o sultão estavam claramente deterioradas. Enquanto os tinha tomado por turcos, observou o Cronista, havia sido notavelmente amigável. "Mas quando souberam que éramos cristãos, eles planejaram nos alcançar e matar por traição. O piloto que levamos conosco revelou-nos depois tudo o que eles pretendiam fazer, caso pudessem." Com otimismo, os portugueses decidiram que o piloto tinha sido enviado pelo Todo-Poderoso para revelar a trama.

O dia seguinte era um domingo, e as equipes partiram para a pequena ilha para celebrar a missa. Encontraram um local isolado e, sob a sombra de uma árvore alta, erigiram um altar e tomaram a comunhão. Logo em seguida, partiram em busca de águas mais hospitaleiras.

Mas a natureza tinham outros planos. Dois dias depois, quando os navios passaram por um cabo com altas montanhas atrás, o vento cessou e o barco parou. Na noite seguinte, uma brisa levou-os para o mar, mas os homens acordaram na manhã posterior e descobriram que uma poderosa corrente marítima os tinha arrastado de volta para além da ilha de Moçambique. À noite eles chegaram à ilha em que tinham celebrado a missa, mas naquele momento o vento estava contra eles novamente. Ancoraram e esperaram. Esse era o último lugar em que desejavam estar.

Quando chegaram relatos ao sultão de que os cristãos haviam retornado, ele enviou um de seus homens para a frota com uma mensagem de amizade. O enviado era um árabe do norte que jurava ser um xerife, um descendente do Profeta. Ele também estava incrivelmente bêbado. Seu mestre, disse aos portugueses, queria fazer a paz após o lamentável mal-entendido que houvera entre eles. Gama respondeu que também queria, mas primeiro exigiu o retorno do piloto que ele havia contratado. O xerife partiu e nunca mais voltou.

Logo chegou outro árabe com seu filho pequeno e pediu permissão para subir a bordo. Ele era piloto de um navio de um porto próximo a Meca, explicou, e estava procurando uma passagem para o norte. Isso parecia estranho quando havia tantos navios árabes operando na costa, mas Gama concordou em levá-lo como passageiro, não tanto por hospitalidade, mas para obter informações. O recém-chegado espontaneamente deu um conselho: o sultão, declarou ele, odiava cristãos, e era melhor que permanecessem em alerta.

Depois de resistirem por quase uma semana, Gama ordenou à frota que voltasse para o porto. Ele não tinha muita escolha: o tempo não mostrava sinais de melhora, e a água potável

estava quase acabando.

Não havia nenhuma fonte de água doce na ilha: ao cavá-la, só se encontrava poças de água salobra e salgada, que dava uma forte disenteria a qualquer um que a bebesse. Toda a água vinha do continente, e lá, disseram aos exploradores, tribos guerreiras de homens nus e tatuados com dentes afiados jantavam a carne dos elefantes que caçavam e dos seres humanos que tomavam como prisioneiros.

Apesar das alarmantes notícias, ao cair da noite os marinheiros baixaram os barcos silenciosamente e os encheram com barris vazios. Por volta da meia-noite, Vasco da Gama e Nicolau Coelho reuniram alguns homens e remaram suavemente para o continente. O piloto que Gama havia contratado com o sultão ofereceu-se para mostrar-lhes o lugar onde havia água. Logo estavam irremediavelmente perdidos no meio dos pântanos dos manguezais, e começaram a suspeitar que o piloto estava apenas procurando uma chance de escapar. Depois de remarem a noite toda, voltaram cansados e irritados para os navios.

Na noite seguinte, sem esperar o anoitecer, eles tentaram de novo. Dessa vez o piloto apontou o lugar rapidamente, mas quando os barcos se aproximaram, os portugueses viram vinte homens na praia, brandindo lanças e apontando-lhes para ir embora.

Gama estava chegando ao limite de suas forças e ordenou que seus homens abrissem fogo. Quando os tiros saíram dos canos, os africanos fugiram para o mato. Os marinheiros desembarcaram e tomaram toda a água que quiseram, mas sua satisfação terminou quando perceberam que um escravo africano que pertencia a João de Coimbra, o piloto do *São Rafael*, havia escapado despercebidamente. Os portugueses logo souberam, para sua indignação, que ele tinha ido para o Islã, apesar de ter sido batizado como cristão.

Na manhã seguinte, outro árabe se aproximou da frota e entregou uma mensagem ameaçadora. Se os estrangeiros quisessem água, disse ele com um sorriso de escárnio, poderiam procurar por ela, mas também poderiam encontrar algo que os faria recuar.

O capitão-mor finalmente perdeu a calma. Riram de seus presentes, um de seus pilotos havia escapado e agora os visitantes, um atrás do outro, brincavam com ele. Ele estava sendo feito de tolo, e estava determinado a ensinar aos muçulmanos uma lição antes que perdesse totalmente a dignidade. Enviou uma mensagem para o sultão exigindo o retorno do escravo e do piloto, e a resposta veio logo a seguir. O sultão ficou indignado. Os homens no local em que havia água estavam apenas sendo bem-humorados, e os cristãos os mataram. Quanto aos pilotos, eram estrangeiros e o sultão não sabia nada sobre eles. Os visitantes tinham aparentado ser pessoas de confiança; agora parecia que não eram nada além de vagabundos da ralé que seguiam pilhando portos.

Gama realizou uma conferência rápida com seus capitães. Todos os barcos estavam armados com bombardas e eles se lançaram sobre a cidade.

Os ilhéus estavam preparados para a luta. Centenas de homens estavam na praia,

armados com lanças, adagas, arcos e fundas com que arremessavam pedras contra os barcos que se aproximavam. O canhão disparou em resposta, e os habitantes da ilha se retiraram para trás de uma paliçada que tinham construído juntando fileiras de pranchas de madeira. Eles estavam escondidos, mas não podiam mais atacar facilmente, e por três horas os portugueses bombardearam a costa.

"Quando ficamos cansados desse trabalho", registrou o Cronista com a indiferença fingida de quem foi provocado, "retiramo-nos para nossos navios para jantar."

Os ilhéus começaram a fugir, levando seus pertences consigo e remando em canoas para o continente.

Depois do jantar, os portugueses partiram para terminar o trabalho. O plano do capitão-mor era fazer prisioneiros para trocá-los pelo escravo e pelos dois "cristãos indianos" mantidos pelos árabes. Seu irmão interceptou uma canoa remada por quatro africanos e os levou para os navios. Outro grupo de marinheiros perseguiu um barco que pertencia ao autoproclamado xerife. Esse barco estava apinhado com seus pertences pessoais, mas os remadores o abandonaram logo que chegaram ao continente. Os portugueses encontraram outra canoa abandonada e confiscaram "finos tecidos de algodão, cestos feitos de folhas de palmeiras, um frasco de vidro contendo um pouco de manteiga, frascos com água perfumada, livros da Lei, uma caixa contendo meadas de algodão, uma rede de algodão e muitos pequenos cestos cheios de milho" — os haveres de um comerciante bem-sucedido. Gama entregou tudo aos marinheiros, exceto o Alcorão, que separou para mostrar ao seu rei.

No dia seguinte, um domingo, a costa estava deserta. Os portugueses encheram seus barris de água, dessa vez sem oposição. Na segunda-feira rearmaram os barcos e partiram novamente para a cidade. Os ilhéus que restavam ficaram em suas casas. Alguns gritavam impropérios para os estranhos brutais. Gama não quis arriscar um desembarque, e uma vez que parecia não haver esperança de recuperar os homens que faltavam, ele satisfez sua honra ao ordenar que os artilheiros descarregassem as bombardas.

Tendo mostrado a que vieram, os portugueses deixaram o ancoradouro e retornaram para a pequena ilha. Eles tiveram de esperar mais três dias até que o vento finalmente chegasse.

Lendas alarmantes de que os exploradores estavam prestes a seguir circulavam sobre a costa. Num lugar, um viajante registrou: "Os negros pescam procurando pela *pisce mulier*, o que quer dizer mulher-peixe".

> Esse peixe se assemelha a uma mulher, tendo as partes privadas da mesma maneira, e carrega seus filhotes sob as nadadeiras, que estão cada uma de um lado, servindo como braços, e vão frequentemente à terra, e lá deixam seus filhotes: os negros que pescam juram não ter nada a ver com essas mulheres-peixes: Seus dentes são muito bons (como eu experimentei) contra hemorroidas, fluxo sanguíneo e febres fortes, ao esfregá-los contra um mármore e ao agitá-los em água, e assim ser bebido.

Proibidos ou não, acrescentou o viajante, os africanos "gostam muito desses Peixes e reanimam-se ao se Comunicarem com eles", e embora estejam longe de ser sereias arrebatadoras, as mulheres-peixes tinham "um rosto hediondo, como o Focinho de um Porco". Os habitantes puramente humanos da costa eram ainda mais horríveis. Mais ao interior, foi relatado, governava um grande rei cujos súditos, "quando matavam qualquer um de seus inimigos, cortavam-lhe as Partes Íntimas, e tendo-as secado, davam-nas às suas Esposas para que elas as usassem sobre seus Pescoços, o que era motivo de muito Orgulho: Pois aquelas que têm mais desses presentes são as mais estimadas, por causa da Evidência de que seu Marido é o mais resistente e valente". A posse de um "Colar de membros de homem", explicou prestativamente outro viajante, era equivalente a ser nomeado cavaleiro na Europa; para os guerreiros da África oriental, era uma honra tão grande "como é para nós vestir o Velocino de ouro, ou a Jarreteira da Inglaterra".

Os portugueses perseveraram corajosamente, e em 29 de março, por fim, um leve vento levou-os para o norte. Eles foram avançando lentamente contra a corrente, e o trabalho pesado de jogar e levantar âncora deixou inúmeras bolhas nas mãos dos marinheiros.

Em 1o de abril eles navegaram para um grande arquipélago de ilhas tropicais cercado de florestas de manguezal e de vibrantes recifes de coral. Muitos barcos circulavam entre as ilhas e o continente, havendo postos de troca consideravelmente grandes perto da praia. Na noite anterior, enquanto os portugueses ainda estavam muito longe para reconhecer o terreno, o piloto árabe tinha insistido que as ilhas eram parte do continente. A essa altura, Gama estava convencido de que todos conspiravam contra ele, e então mandou açoitar fortemente o piloto. Para comemorar o evento, os portugueses nomearam a primeira das ilhas de "ilha do Açoitado".

Gama decidiu seguir em frente, e três dias depois eles depararam com outro arquipélago. Dessa vez, ambos os pilotos muçulmanos reconheceram-no. Três léguas atrás, declararam eles, a frota tinha passado por uma ilha habitada por cristãos.

O capitão-mor estava convencido de que os pilotos o tinham feito ultrapassar um porto amigo de propósito. Durante o dia, todos os navios tentaram alcançá-lo, mas um vento forte estava contra eles. Isso acabou sendo uma bênção disfarçada, ou, como foi mais tarde interpretado, um milagre de Deus, porque a ilha de Kilwa era o lar do governante mais poderoso da costa, e ele não era cristão. Longe de tentar afastar os portugueses dali, os pilotos decepcionados tinham tentado levá-los para uma armadilha.

Quando ficou claro que não havia volta, os pilotos tentaram um novo rumo. Uma grande cidade chamada Mombaça estava a quatro dias de viagem, disseram eles, e poderosos cristãos também viviam lá. Já era tarde, mas o vento estava muito forte e a frota foi levada para o norte. Ao cair da noite, os vigias avistaram uma grande ilha à frente — outro lugar, afirmou o piloto de Moçambique, com cidades tanto cristãs quanto muçulmanas. Independentemente disso, Gama continuou, e com o vento favorável os navios fizeram um bom progresso até que o *São*

*Rafael*, de repente, bateu em um banco de areia e encalhou.

Faltavam duas horas para o amanhecer e a frota estava a muitas milhas da terra. A tripulação gritou ao máximo para os outros navios, que o seguiam e que poderiam facilmente tê-lo abalroado no escuro. O *São Gabriel* e o *Berrio* pararam no momento certo e desceram seus barcos.

Ao amanhecer, a maré tinha baixado e o *São Rafael* revelou estar irremediavelmente encalhado no banco de areia. Atrás, na costa, havia uma magnífica cadeia de montanhas elevadas com um assentamento aos seus pés. Vendo uma oportunidade de negócio, os nativos remaram até o navio encalhado e fizeram um vivo comércio de laranjas, que os marinheiros acharam muito melhor do que as frutas de casa. Gama recompensou-os com as bugigangas de costume, e dois permaneceram a bordo.

Nesse momento, o *São Rafael* tinha baixado todas as suas âncoras. Os homens nos barcos levantaram laboriosamente cada âncora à frente da proa e para longe do banco de areia antes de gritarem a seus companheiros a bordo para que afrouxassem o cabo. Quando a maré subiu, no final do dia, as cordas retesaram-se e o navio flutuou em meio a muito alívio e muitos gritos de entusiasmo.

Finalmente, a frota chegou a Mombaça.

Era 7 de abril, um sábado. À frente havia uma ilha luxuriosamente arborizada, envolta pelos braços protetores do continente. Uma grande cidade com muralhas surgia em uma elevação rochosa de frente para o oceano. Um farol mostrava os bancos de areia adiante, e um forte quase nivelado com a água guardava a barra. O porto estava à vista, próximo do lado norte da ilha, e os portugueses podiam ver um grande número de navios atracados por lá, cheios de bandeiras, como se fosse para uma celebração. Obviamente estavam em um porto rico e importante, e, não querendo ficar por baixo, levantaram as suas próprias bandeiras. Fizeram um bom espetáculo, mas na realidade a frota estava em má forma. Com vários marinheiros mortos pelo escorbuto e muitos ainda extremamente doentes, os navios ficaram com a tripulação reduzida por semanas. Uma coisa que animava os sobreviventes era a perspectiva de desembarcar no dia seguinte para assistir à missa no domingo. Os pilotos lhes haviam dito que os cristãos detinham uma parte da cidade, governada por seus próprios juízes e senhores; eles iriam receber os recém-chegados com grande honra, asseguravam, e os convidariam para suas belas casas.

A vigia noturna assumiu e o restante dos homens se recolheu em seus cantos usuais, ansiosos pela chegada da manhã.

Lá pela meia-noite o vigia gritou. Um dhow se aproximava da cidade carregando talvez uma centena de homens, todos armados com espadas e escudos. Ele se abateu sobre a nau capitânia e os homens armados tentaram subir a bordo. Gama gritava ordens e seus soldados se alinharam ao redor do convés, bloqueando o caminho. Finalmente permitiu que quatro dos

líderes subissem a bordo, mas somente depois que baixassem suas armas.

Gama passou de soldado a diplomata. Implorou aos visitantes que desculpassem suas precauções e não ficassem ofendidos; ele era um estrangeiro, acrescentava enquanto oferecia-lhes comida, e não sabia como as coisas funcionavam na cidade deles. Seus convidados, cheios de sorrisos, explicaram que tinham apenas ido olhar a frota porque era uma visão muito marcante; portar armas, acrescentaram, era costume deles, na paz ou na guerra. O sultão tinha esperado ansiosamente a chegada dos estrangeiros; ele mesmo teria ido se não fosse tão tarde.

A conversa cortês continuou durante duas horas. Quando os quatro homens saíram, os portugueses ainda estavam convencidos de que eles tinham ido ver se poderiam capturar um dos navios. Afinal, eram muçulmanos, embora também tivessem confirmado que havia de fato muitos cristãos na ilha.

A manhã de domingo chegou, e com ela um presente do sultão de Mombaça: uma ovelha, junto com caixas de laranjas, limões e cana-de-açúcar. Claramente os europeus já haviam se tornado celebridades menores pela costa, pois receberam inúmeros visitantes durante todo o dia. Entre eles estavam dois emissários, que presentearam Gama com o anel do sultão como penhor de sua segurança e prometeram que eles seriam supridos de tudo o que precisassem caso entrassem no porto. Os enviados tinham a pele clara e disseram que eram cristãos; eles eram muito plausíveis, e os portugueses acreditaram neles. Gama mandou-os de volta com um colar de contas de coral para o sultão — um presente banal em uma costa cheia de recifes de coral — e a mensagem de que pretendia entrar no porto no dia seguinte. Ao mesmo tempo, enviou dois dos degredados para que repetissem as suas saudações amigáveis ao sultão em pessoa e para que reconhecessem o local.

Assim que os dois homens desembarcaram, uma multidão se reuniu ao seu redor e seguiu-os pelas ruas estreitas até o palácio. Uma série de quatro portões, cada um guardado por um porteiro segurando um cutelo desembainhado, levava à sala de audiências. O sultão recebeu os estrangeiros hospitaleiramente e ordenou aos seus homens que mostrassem a eles a cidade.

O grupo caminhou por belas ruas ornadas de prédios de três andares. Elegantes tetos de gesso podiam ser vistos através das janelas. As mulheres eram cobertas por sedas e brilhavam com ouro e pedras preciosas, enquanto escravos acorrentados em linha andavam a ferros por ali.

O passeio terminou na casa de dois comerciantes que foram apresentados como cristãos. Eles mostraram aos visitantes uma imagem que adoravam e que parecia ser o Espírito Santo pintado como uma pomba branca. Havia muitos outros cristãos na cidade, explicaram os guias, e quando seus navios entrassem no porto eles conheceriam a todos. O passeio terminou no palácio, onde o sultão reapareceu e entregou aos dois homens amostras de cravo, pimenta e sorgo. Essas especiarias estavam à venda em grandes quantidades, disse, e ele permitiria que os visitantes carregassem seus navios com elas. Ele também tinha armazéns repletos de prata,

ouro, âmbar, cera, marfim e outras riquezas, e prometeu preços mais atraentes que os da concorrência.

Gama recebeu as mensagens e os relatos da cidade com muita satisfação. Os três capitães conferenciaram. Como política de segurança, caso algo desse errado na Índia, eles decidiram entrar no porto e estocar especiarias.

A frota levantou âncora, mas o *São Gabriel* se recusou a girar e parou em um banco de areia. O navio seguinte foi diretamente para cima dele, e todos os três ancoraram de novo para então se separarem.

O banco de areia acabou sendo outra instância da providência divina em ação. Havia ainda vários africanos e árabes nos navios, e agora eles decidiram que os cristãos nunca iriam se aproximar da praia. Eles sinalizaram um para o outro, correram até a popa e pularam em um dhow que estava amarrado ao lado. Segundos depois, os dois pilotos saltaram ao mar e nadaram até o barco.

Vasco da Gama começou a suspeitar de uma conspiração. Naquela noite, ele interrogou dois homens de Moçambique que não tinham conseguido escapar. Acreditando-se que respostas confiáveis só eram dadas sob tortura, ele manteve um pouco de óleo aquecido a um ponto de ebulição e o espirrava em suas peles.

Entre gritos de dor, eles revelaram os detalhes da trama. Notícias da chegada dos cristãos e de seus ataques a Moçambique os precederam até a costa, e planos haviam sido feitos para capturá-los assim que entrassem no porto.

Gama ordenou que se aplicasse mais óleo fervente às peles das quais já saía fumaça. Um dos interrogados se esquivou do alcance de seus algozes e se jogou no mar, com as mãos ainda amarradas. Os outros, de maneira suicida, seguiram o exemplo algumas horas mais tarde. Os portugueses agradeceram a Deus por tê-los salvado mais uma vez das garras maléficas dos infiéis.

Por volta da meia-noite, duas canoas remaram silenciosamente em direção à frota e pararam fora de sua vista. Dezenas de homens mergulharam sem ruído e nadaram até os navios. Vários vieram à tona ao lado do *Berrio*, pegaram suas facas e cortaram os cabos de ancoragem. Suas peles e armas brilhavam ao luar, mas os vigias noturnos os tomaram por um cardume de atuns. À medida que a caravela começou a se movimentar, os marinheiros finalmente perceberam e deram o alarme. Mais nadadores já tinham subido a bordo do *São Rafael* e pululavam em torno do cordame da mezena, prestes a cortar as cordas. Quando foram vistos, eles deslizaram silenciosamente na água e nadaram para longe.

"Esses e outros truques nos foram aplicados por esses cães", registrou o Cronista, "mas Nosso Senhor não permitiu que tivessem sucesso, porque eram infiéis."

Os portugueses ainda estavam convencidos de que metade da população de Mombaça era cristã, mas preocupavam-se com o fato de que não havia sinal de que viriam em seu auxílio. Concluíram finalmente que havia uma guerra acontecendo entre cristãos e muçulmanos; os

escravos que tinham visto eram claramente soldados cristãos capturados. De qualquer forma, convenceram-se de que os comerciantes cristãos eram apenas residentes temporários e, portanto, eram incapazes de fazer qualquer coisa sem a permissão do sultão.

Agora a tripulação tinha finalmente recuperado suas forças. Talvez a ampla oferta de frutas cítricas tivesse ajudado; mas, mais provavelmente, acreditavam os portugueses, esse era outro milagre. O capitão-mor esperou mais dois dias pela chegada dos cristãos, que poderiam fornecer-lhe um piloto substituto. Então, em 13 de abril, ele ordenou à frota que partisse, ainda sem saber como atravessariam o oceano Índico.

Ao amanhecer do dia seguinte, os vigias noturnos avistaram dois barcos no mar aberto, e os navios imediatamente partiram em perseguição acirrada. Se não houvesse pilotos para contratar, decidiu Gama, algum teria que ser capturado.

Um dos barcos fugiu para o continente, mas no final da tarde a frota encontrou o outro. Dentro dele havia dezessete muçulmanos, um pouco de ouro e prata e uma grande quantidade de milho. Havia um homem idoso de aparência distinta e, agarrada a ele, sua jovem esposa. Quando os navios se aproximaram, os marinheiros e passageiros jogaram-se ao mar, mas os portugueses pularam em seus barcos e os recolheram.

Para irritação de Gama, nenhum dos novos cativos era piloto, e a frota foi forçada a continuar costa acima.

Estando trinta léguas ao norte de Mombaça, os portugueses encontraram-se próximos de outra cidade de tamanho considerável. Ao pôr do sol, eles ancoraram e ali ficaram durante a noite, mantendo estreita vigilância a qualquer sinal de atividade nefasta ao longo da costa.

O dia seguinte, 15 de abril, era domingo de Páscoa, mas somente as preces habituais da manhã foram ditas. Os exploradores olharam cautelosamente ao seu redor, esperando para ver quem faria o primeiro movimento.

À frente da costa, entre dois pontos rochosos distantes, curvava-se majestosamente uma ampla e ondulante baía. Na maré baixa, a arrebentação batia nos recifes de coral que se estendiam bem para fora da praia arenosa, expondo piscinas brilhantes e rochas baixas cobertas de verdes algas nos baixios. A cidade se espalhava ao longo da costa em meio a grandes palmeirais, ladeados por fazendas e pomares. Quintas bem cuidadas com telhados de palha de palmeira se recortavam, altas e brancas, contra o límpido céu azul; ao contrário da maioria das casas de paredes em branco dos árabes, estas tinham muitas janelas e terraços com vista para o mar. Para os portugueses, a cena lembrava Alcochete, o refúgio favorito da realeza de Portugal — e o local de nascimento de Manuel I — no estuário do Tejo, acima de Lisboa.

Os homens que haviam sido apreendidos no barco disseram aos seus captores que estavam na frente da cidade de Melinde. Eles acabavam de vir de lá, acrescentaram, e tinham visto quatro navios pertencentes a cristãos da Índia no porto. Se os estrangeiros os deixassem

ir, eles lhes dariam os pilotos cristãos, juntamente com água, madeira e quaisquer outras provisões que quisessem.

Gama estava muito necessitado de ajuda e acatou seus conselhos. Ele levou a frota em direção à cidade e ancorou a uma milha dali. Os habitantes mantiveram distância: talvez eles já tivessem sido advertidos de que os estrangeiros andavam capturando navios e sequestrando seus passageiros e sua tripulação.

Na manhã seguinte, Gama fez seus homens remarem com o muçulmano idoso até um banco de areia na frente da cidade. Eles o deixaram lá, onde ficou silenciosamente até que uma canoa se aproximou da costa e o pegou. Os estrangeiros ainda mantinham sua jovem esposa como refém, e ele foi direto para o palácio e passou a mensagem do capitão-mor. Os recém-chegados, relatou o idoso, eram os súditos de um grande e poderoso rei a quem o sultão se alegraria de ter como aliado; eles estavam indo para a Índia e ficariam felizes de ter pilotos. Pela primeira vez a tagarelice diplomática encontrou um ouvido receptivo; o sultão estava em guerra com a vizinha Mombaça e ansiava por novos aliados, especialmente beligerantes com navios de aparência temível.

Depois do jantar o velho reapareceu com um dos guerreiros do sultão, um xerife e três ovelhas. Os visitantes transmitiram a ânsia do governante em entrar em relações amistosas com os estrangeiros e sua prontidão em dar-lhes os pilotos ou qualquer outra coisa que estivesse em seu poder. Gama mandou-os de volta com um sobretudo, dois cordões de coral, três bacias de mão, um chapéu, alguns pequenos sinos, dois lenços de algodão listrado e a garantia de que ele entraria no porto no dia seguinte.

A frota se aproximou mais da costa e um barco do sultão chegou com mais seis ovelhas, além de cravo, cominho, gengibre, noz-moscada e pimenta. Mais uma vez, o caro odor de especiarias acelerou os pulsos dos marinheiros.

Com os presentes veio uma nova mensagem: se o líder dos estrangeiros desejasse falar com o sultão, ele sairia em seu dhow e o encontraria no meio do caminho. Gama concordou, e no dia seguinte, depois do jantar, o dhow real saiu das proximidades da costa. Ao lado do sultão estava um bando de corneteiros, dois dos quais tocando trompas enormes feitas de presas de marfim esculpidas, tão grandes quanto um homem e sopradas por um buraco na lateral. Juntos, os sopros profundos e os doces repiques formavam um som harmonioso e hipnótico.

O sultão usava um manto de damasco carmesim enfeitado com cetim verde e um turbante luxuoso. Ele estava sentado em uma cadeira dupla feita de bronze e com almofadas de seda empilhadas. Sobre sua cabeça havia um guarda-sol de cetim carmesim, e a seu lado estava um velho servo segurando uma espada em uma bainha de prata. Seus homens estavam nus da cintura para acima, mas na parte de baixo eles estavam envolvidos em seda ou algodão fino. Em suas cabeças usavam panos bordados com seda e ouro, e carregavam belos punhais e espadas decoradas com franjas de seda em um arco-íris. Os europeus estavam muito impressionados com a pompa e o comportamento digno do grupo real.

Gama estava com sua melhor vestimenta de cavalaria e era acompanhado por doze de seus principais oficiais. Seu barco tinha sido adornado com bandeiras e flâmulas, e à medida que o sultão se aproximava, seus marinheiros se enfileiravam diante dele. Os dois barcos pararam lado a lado. Por meio de sinais e dos tradutores, os dois homens trocaram saudações cordiais, e Gama ficou lisonjeado por se ver tratado com a deferência devida a um rei.

O sultão convidou o capitão-mor para visitar a cidade e ficar em seu palácio, onde ele poderia descansar após as fadigas de sua longa viagem. Depois disso, sugeriu, ele faria uma visita aos seus navios. A despeito dos confortos oferecidos, Gama objetou. Ele chegara à conclusão inabalável de que era muito perigoso colocar os pés no que eram claramente cidades muçulmanas fortemente armadas, apesar de o povo parecer tão amigável. Ele respondeu que, por ordens de seu rei, estava proibido de consentir; e caso as desobedecesse, um relatório negativo seria feito contra ele.

O que o seu povo diria *dele*, questionou o sultão, se ele fosse visitar os navios sem um sinal de boa vontade dos estrangeiros? No mínimo, ele gostaria de saber o nome do seu rei.

O tradutor português escreveu o nome Manuel.

O sultão declarou que se os estrangeiros quisessem, quando de sua volta da Índia, ele poderia mandar cartas para esse tal Manuel, ou até mesmo um embaixador em pessoa.

Gama agradeceu-lhe por sua polidez, prometeu voltar e respondeu a uma série de perguntas em relação à missão. O sultão expôs longamente sobre as especiarias, o mar Vermelho e outros assuntos de vital interesse para os exploradores, prometendo dar-lhes um piloto.

A reunião correu tão bem que Gama mandou buscar seus prisioneiros e os distribuiu. O sultão garantiu que ele não poderia ter ficado mais feliz, mesmo se tivesse sido presenteado com uma cidade. Em ótimo humor, ele fez uma volta de honra ao redor da frota, admirando um navio de cada vez, e sem dúvida estimando os danos que ela poderia causar aos seus vizinhos. O capitão-mor, que tinha seguido em seu próprio barco, ordenou que as bombardas disparassem uma saudação. Os muçulmanos, alarmados, pularam em seus barcos, e então Gama rapidamente sinalizou para que os artilheiros cessassem. Quando se recompôs, o sultão proclamou que nunca tinha ficado tão satisfeito com algum homem dessa forma, e ficaria muito contente de ter alguns deles para ajudá-lo em suas guerras. Ele ainda não tinha visto nada, declarou Gama. Se Deus permitisse a eles descobrir a Índia e voltar para casa, seu rei certamente enviaria uma frota inteira de navios de guerra para ajudar seu novo aliado.

Depois de uma visita de três horas, o sultão voltou para casa, deixando seu filho e um xerife a bordo da frota como garantia. Ele ainda estava interessado em mostrar o seu palácio e levou consigo dois marinheiros. Tendo em vista que o capitão-mor não iria desembarcar, disse o sultão ao sair, ele voltaria no dia seguinte para a praia.

Na manhã seguinte, Vasco da Gama e Nicolau Coelho assumiram o comando de dois barcos armados e remaram até a frente da cidade. Uma multidão estava reunida na praia, onde

dois cavaleiros representavam um duelo. Atrás havia belas ruas e fontes que jorravam. Os exploradores souberam que somente árabes — talvez 4 mil deles — viviam dentro das muralhas da cidade, enquanto os africanos, muitos deles escravos que trabalhavam em plantações, viviam fora dela, em cabanas de pau a pique. Como em toda a costa, depois de séculos de casamentos inter-raciais, fisicamente havia pouca diferença entre os dois grupos, mas, qualquer que fosse sua etnia, a elite muçulmana se dizia árabe e rotulava a população não islâmica como *kaffirs*, a palavra árabe para infiéis.

O sultão emergiu de seu palácio à beira-mar. Ele subiu em seu palanquim — uma liteira coberta que ficava sobre mastros — e foi carregado por um caminho de pedras até a beira da água. O barco de Gama balançava ao lado, mas era difícil ter uma conversa adequada, e novamente o sultão pediu ao capitão-mor para ir até a praia. Ele pedia isso como um favor pessoal, acrescentou; seu pai, idoso e enfermo, estava ansioso para conhecer o homem que tinha vindo de tão longe e sobrevivido a tantos perigos pelo seu rei. Se necessário, ele e seus filhos esperariam como reféns nos navios. Mesmo isso não foi suficiente para baixar a guarda de Gama, e ele permaneceu firmemente sentado em seu barco para assistir ao entretenimento que seus anfitriões haviam preparado.

De todas as cidades do oceano Índico governadas por árabes, os portugueses tinham chegado a uma que parecia ser a mais provável a lhes dar ajuda. As informações sobre os quatro navios da Índia também se mostraram precisas, e logo um grupo de indianos remou até o *São Rafael* e pediu para subir a bordo. Vasco estava lá, conversando com seu irmão, e disse à tripulação que mostrasse aos índios um retábulo que representava "Nossa Senhora ao pé da cruz, com Jesus Cristo em seus braços e os apóstolos ao seu redor". Uma vez que esses eram os primeiros indianos que viam, os marinheiros os examinaram com curiosidade despudorada e chegaram à conclusão de que eles não se pareciam nem um pouco com os cristãos que conheciam. Usavam túnicas de algodão branco, barbas cheias e cabelos longos e trançados sob turbantes; além disso, explicaram que eram vegetarianos, o que parecia profundamente suspeito para homens vorazes por carne fresca. Mas no momento em que viram o altar, eles se prostraram no convés; durante toda a permanência da frota no porto, eles foram diariamente até lá para dizer suas orações diante do altar, levando pequenas ofertas de cravo ou pimenta.

Essa foi, seguramente, a confirmação final de que a Índia estava fervilhando de cristãos. Os portugueses ficaram ainda mais agitados quando o capitão-mor passou pelos navios dos indianos e estes dispararam uma salva em sua honra.

"Cristo! Cristo!", gritavam alegremente, levantando as mãos acima de suas cabeças — pelo menos, assim o seu canto soou aos ouvidos europeus.

Naquela noite, os indianos pediram permissão ao sultão para dar uma festa em homenagem aos estrangeiros. Assim que a escuridão caiu, o céu brilhou com rojões. Os indianos dispararam rodada após rodada de suas pequenas bombardas e cantaram hinos estranhos do alto de suas vozes.

Após uma semana de festas, encenações de lutas e interlúdios musicais, Gama começou a ficar impaciente. Em 22 de abril, o dhow real chegou trazendo um dos conselheiros do sultão, o primeiro visitante em dois dias. Gama o apreendeu e enviou uma mensagem ao palácio exigindo o piloto prometido. O sultão tinha a esperança de manter os portugueses distraídos até que eles pudessem se juntar à sua guerra, mas imediatamente enviou um homem e Gama soltou seu refém.

Para grande alegria dos europeus, o piloto parecia ser outro cristão da Índia. Ele desenrolou um mapa detalhado da costa indiana, falou com os oficiais sobre as suas características e explicou os ventos e as correntes do oceano. Ele era claramente um experiente navegador e estava igualmente informado sobre a ciência de velejar. Os instrumentos dos navios não o impressionaram nem um pouco; os pilotos do mar Vermelho, observou, tinham usado por muito tempo aparelhos similares para medir a altura do Sol e das estrelas, embora ele e seus compatriotas indianos preferissem outro dispositivo. Ele mostrou o tal dispositivo aos pilotos de Gama, que decidiram deixá-lo assumir a liderança.

Na terça-feira, 24 de abril, as trombetas soaram, as velas foram erguidas e a frota deixou Melinde com todas as bandeiras ao vento. De acordo com um relato, o sultão ficou com o coração partido ao ver os novos amigos deixarem sua terra e garantiu-lhes que o nome dos portugueses "nunca deixariam o seu coração, até o dia de sua morte".

O tempo estava favorável e eles fizeram um bom progresso. Diretamente ao norte, disse a eles o piloto, havia uma enorme baía que terminava em um estreito: o golfo de Áden e o Bab el Mandeb, o portão para o mar Vermelho e para a Caaba de Meca. Perto dali, acrescentou, havia muitas cidades grandes, tanto cristãs quanto muçulmanas, e seiscentas ilhas, contando apenas aquelas que eram conhecidas. Os europeus ainda tinham muito para aprender.

Depois de dois dias, a costa africana desapareceu de vista. Três noites depois, a estrela do Norte reapareceu no horizonte. Os exploradores tinham cruzado o equador mais uma vez, mas agora estavam navegando em um oceano onde nenhum navio europeu jamais tinha estado. Eles mantiveram seu curso na direção nordeste — e para a Índia.

Deixaram para trás mais inimigos do que amigos. Sua imagem da África era, na melhor das hipóteses, confusa, e ainda tinham apenas uma vaga noção de onde estavam indo.

# 10. Cavalgando na monção

Por mais de dois milênios, a passagem pelo oceano Índico dependia do simples fato de que a terra se aquece e resfria mais rapidamente do que a água.

Todo mês de setembro, como a posição da Terra inclina o hemisfério norte para longe do Sol, o grande planalto do Tibete perde calor rapidamente. O ar acima da massa de terra esfria em sua rotação e desce, criando um enorme poço de alta pressão. O oceano Índico mantém seu calor por muito mais tempo, e uma vez que o ar quente sobe e deixa um vazio, o ar mais frio desce sobre as planícies do norte da Índia e por sobre a água. Pelo final do ano, navios à vela que partem da Índia são soprados em direção sudoeste para a Arábia e para a África por um vento nordeste regular e confiável.

Com a aproximação do verão e com o Sol subindo aos céus, os desertos, planícies e planaltos do norte e do centro da Índia chegam rapidamente a escaldantes temperaturas. O calor forma uma área de baixa pressão que suga o ar mais fresco, rico de umidade do oceano. Os ventos de sudoeste aumentam em maio e correm pelo subcontinente em junho, arrastando com eles nuvens de tempestade que brilham baixas no céu. À medida que a massa de ar ruge no muro alto dos Ghats ocidentais, ao sul da Índia, e em seguida para os altos Himalaias, a nordeste, as nuvens são forçadas para cima, a umidade se condensa e as chuvas transformam a areia e o solo secos em campos de espuma fértil, da cor do café. Depois de três meses os ventos mudam de direção e todo o ciclo começa novamente.

O inverno de monção — a palavra vem do árabe *mawsim*, ou "estação" — ditou o calendário de comercialização de grande parte do mundo, desde os mercados de Alexandria até as feiras anuais do norte da Europa. Embora chegar à Índia, em primeiro lugar, requeresse um cálculo mais acurado. Um comerciante egípcio ou árabe que quisesse trazer seus bens para o mercado no menor tempo possível navegaria com o final da monção sudoeste e retornaria três ou quatro meses depois. No entanto, a monção de final de verão poderia ser um aliado mortal. Na década de 1440, um embaixador persa chamado Abd al-Razzaq ficou retido em Ormuz até que a monção estivesse mais do que no meio e foi paralisado pelo pensamento de tempestades que dilaceravam navios árabes e os tornavam presas fáceis para os piratas:

> Assim que senti o cheiro do navio e todos os terrores do mar se apresentaram diante de mim, caí em um desmaio tão profundo que, durante três dias, só a respiração indicava que a vida mantinha-se dentro de mim. Quando voltei um pouco a mim, os comerciantes, que eram meus amigos íntimos, exclamaram em uníssono que o tempo de navegação havia passado e que qualquer um que se pusesse ao mar nesta época seria o único responsável por sua morte, já que voluntariamente se colocou em perigo [...] Em consequência da severidade do clima impiedoso e das manifestações negativas de um destino traiçoeiro, meu coração foi esmagado como o vidro e minha alma tornou-se cansada da vida.

Menos problemático do que desmaiar em tempo hábil era zarpar o mais cedo possível, mesmo que isso significasse esperar as chuvas torrenciais de verão que fechavam os portos do sudoeste da Índia. Por pura sorte — ou, como os portugueses alegariam mais tarde, com a assistência divina —, Vasco da Gama tinha deixado a África em um momento oportuno.

Por 23 dias, as equipes não viram nada além da água azul cerúlea passando em um ritmo regular, e em 18 de maio os vigias avistaram terra.

Vasco da Gama estava no convés da popa e avistou a Índia.

O piloto levou os navios diretamente para o monte Eli, uma colina proeminente e maciça tradicionalmente usada como indicador pelos que navegavam no oceano Índico. Uma década antes, Pêro da Covilhã chegara exatamente ao mesmo local, e, assim como o espião cheio de recursos, Gama estava indo para o empório de especiarias de Calcutá.

À noite, a frota pôs-se ao mar novamente, na direção sul-sudoeste para contornar a costa. No dia seguinte, eles voltaram à terra, mas uma pesada tempestade tornou impossível ver onde estavam. Um dia depois, uma cadeia de montanhas altas emergiu de seu invólucro escuro como tinta, e o piloto anunciou que os portugueses estavam apenas a cinco léguas do objeto de sua busca.

Gama pagou-lhe na mesma hora e chamou sua companhia às orações, "dizendo o *salve* e agradecendo calorosamente a Deus, que os tinha conduzido em segurança para o lugar tão desejado". As orações logo deram lugar às celebrações. Se havia um momento apropriado para abrir o rum, era esse.

Naquela noite, pouco antes do pôr do sol, a pequena flotilha ancorou a uma légua e meia da praia, bem longe de algumas pedras que pareciam traiçoeiras. A tripulação alinhou os baluartes e escalou o cordame para dar uma boa olhada. Na frente, brilhando aos últimos raios do sol, havia um crescente de meia milha de comprimento de fina areia dourada na frente de coqueiros e árvores de abeto. A baía estava protegida em cada extremidade por um promontório rochoso e por um antigo templo no cimo de um penhasco ao norte. Era uma praia paradisíaca, e depois de quase um ano ao mar ela parecia totalmente com a Terra Prometida conjurada em tantos contos de viajantes.

Rapidamente, quatro barcos se aproximaram, e marinheiros marrons como castanhas e nus, exceto por panos pequenos em torno de sua cintura, saudaram os estrangeiros e perguntaram-lhes de onde eram. Alguns eram pescadores, e então subiram a bordo para oferecer sua pesca. Gama disse aos seus homens que comprassem tudo o que eles estivessem oferecendo, ao preço que pedissem, e os desconfiados pescadores mordiam as moedas de prata para ver se eram reais. O capitão-mor foi recompensado com a informação de que a frota estava ancorada perto de uma cidade chamada Kappad, a qual o piloto tinha confundido com Calcutá.

No dia seguinte, os indianos voltaram, e Gama enviou o degredado que falava árabe com

eles para Calcutá.

Enquanto o condenado era apresentado a dois comerciantes atônitos de Túnis, sem dúvida porque eles também tinham vindo do longínquo Ocidente, a frota se aproximou da cidade. Gama analisou o cenário. Uma ampla área da praia tinha ao fundo altos coqueiros que se curvavam para o interior, como juncos sob os ventos de monção. Atrás, tendo ao fundo uma cordilheira de altas colinas, Calcutá espalhava-se por milhas em meio a palmeiras exuberantes.

O emissário logo retornou, trazendo com ele um dos comerciantes. Os expedicionários logo começaram a chamá-lo de Monçaíde, uma corruptela portuguesa de seu nome árabe.

Monçaíde ainda estava chocado com a aparência dos europeus na Índia — diferentes da maior parte dos europeus que conhecia. Ele e seu colega perguntaram ao visitante inesperado: "Por que o rei de Castela, o rei da França ou a senhoria de Veneza não enviaram homens para cá?".

"O rei de Portugal não os permitiria", ele respondeu respeitosamente.

"Ele faz a coisa certa", os dois homens responderam com admiração.

Os comerciantes levaram o condenado até seus alojamentos para um lanche de pão e mel, e Monçaíde tinha a intenção de ver os navios com seus próprios olhos.

"Um empreendimento de sorte", exclamou ele em espanhol assim que pisou a bordo. "Um empreendimento de sorte! Abundância de rubis, muitas esmeraldas! Você deve dar graças a Deus por Ele ter te trazido para um país que possui tais riquezas!"

Toda a tripulação ficou boquiaberta.

"Ficamos muito surpresos ao ouvir essa conversa", registrou o Cronista, "pois nunca esperávamos ouvir a nossa língua falada tão longe de Portugal." Vários dos marinheiros choraram de alegria. "Então, eles todos se juntaram em humildes e sinceros agradecimentos ao Todo-Poderoso, cujo favor e assistência permitiram que essa grande felicidade e boa sorte fossem-lhes concedidas."

Gama abraçou o homem de Túnis e o fez sentar ao seu lado. Esperançosamente, ele perguntou se o homem era cristão.

A resposta tirou momentaneamente o brilho das coisas. Monçaíde explicou de forma franca que era da costa da Barbária e que fora para Calcutá via Cairo e mar Vermelho. Ele havia encontrado comerciantes e marinheiros portugueses no local onde vivia, explicou, e tinha sempre gostado deles. Ele faria qualquer coisa que pudesse para ajudar.

O capitão-mor, que estava muito revigorado para se deixar desanimar, agradeceu e prometeu recompensá-lo generosamente. Ele estava muito feliz de encontrá-lo, acrescentou; Deus devia tê-lo enviado para avançar na grande missão.

A conversa passou para Calcutá e seu governante, o samutiri, que os portugueses logo começaram a chamar de samorim. Ele era um homem bom e honrado, disse o tunisiano, e ficaria muito satisfeito em receber um embaixador de um rei estrangeiro, especialmente se ele

tivesse mercadorias valiosas para vender. O samorim era muito rico, acrescentou, e toda sua fortuna vinha do que ele cobrava dos clientes no comércio.

Monçaíde não estava exagerando. Calcutá era o porto mais movimentado da Índia, e por mais de dois séculos tinha tido papel fundamental no comércio internacional de especiarias. Um grande bazar se estendia por uma milha, com suas lojas abertas na frente, movimentadas até tarde da noite e, como os portugueses logo descobririam, amontoadas com

> todas as especiarias, remédios, noz-moscada e outras coisas que podem ser desejadas; todos os tipos de pedras preciosas, pérolas e sementes de pérolas; almíscar, lixas, louças de barro finas, laca, cofres dourados e todas as coisas interessantes da China; ouro, âmbar, cera, marfim, tecidos de algodão fino e grosso — brancos ou tingidos de várias cores —, muita seda crua e torcida, artigos de seda e ouro, fazendas de ouro, de tecido e de fibra, escarlates, tapetes de seda, cobre, mercúrio, vermelhão, alume, coral, água de rosas e todos os tipos de conservas.

Pimenta, gengibre e canela eram cultivados no interior e vendidos em grandes quantidades; as outras especiarias e mercadorias exóticas eram trazidas em comboios de pontos ao sudeste. Pelotões de carregadores andavam para cima e para baixo pelas ruas, por entre armazéns transbordantes, dobrados sob o peso dos sacos em suas costas, parando de vez em quando para descansar suas cargas em longos mastros com ganchos.

Nessa época do ano, o porto ficava praticamente vazio, mas logo se encheria com as frotas de Áden, Ormuz e Jedá, que traziam produtos da Índia para a Arábia e o Irã, o Egito e a Europa. Os chineses também tinham sido visitantes regulares até que o Reino Central recuara em esplêndido isolamento. Os comerciantes que visitavam Calcutá não eram atraídos pelas instalações do porto — os portugueses já tinham descoberto que o fundo do mar cheio de pedras dava pouca estabilidade para suas âncoras; não havia nenhuma proteção contra os ventos de monção; e, mais perto da terra, a água era muito rasa para todos os barcos, exceto para os menores —, mas por sua reputação cuidadosamente cultivada de probidade. O embaixador iraniano Abd al-Razzaq, quando finalmente chegou à Índia, informou que os comerciantes de portos distantes estavam tão confiantes a respeito da segurança e justiça de Calcutá que enviavam suas valiosas cargas para venda sem sequer se preocuparem em manter um registro delas: "Os oficiais da alfândega", explicou ele, "tomam para si a responsabilidade de cuidar da mercadoria, sobre a qual mantêm vigília dia e noite. Quando uma venda é efetuada, eles aplicam um imposto de um quadragésimo sobre os bens; se estes não são vendidos, eles não o cobram, em absoluto".

Nativos contavam a história de um rico comerciante árabe que estava passando por lá quando seu navio começou a afundar sob o peso do ouro que trazia de Meca. Ele atracou no porto, construiu uma cava em granito no porão de samorim e encheu-o com o seu tesouro. Quando voltou para a cidade, ele abriu o porão e encontrou tudo intacto. Ofereceu metade para o governante, que recusou qualquer recompensa. A partir de então, o comerciante se

recusou a fazer comércio em qualquer outro lugar e assim nasceu o bazar. Outra lenda sustenta que certo dia um comerciante árabe chegou com um desafio na forma de uma caixa de conserva, a qual ele confiou à guarda do governante. Todos os outros reis a quem ele tinha testado da mesma forma tinham aberto a caixa e roubado o ouro que se encontrava lá dentro, mas o samorim o procurou. "Você confundiu uma coisa com outra", ressaltou. "Isso não é conserva, mas ouro." Supostamente esse comerciante também se fixou em Calcutá.

Gama enviou Fernão Martins e outro mensageiro até o virtuoso samorim, com o solícito Monçaíde como guia. Enquanto isso, os portugueses aproveitaram a oportunidade para descobrir mais sobre seu povo.

Sua primeira descoberta parecia confirmar tudo o que tinham sonhado por décadas. "A cidade de Calcutá é habitada por cristãos", registrou o Cronista.

Na verdade, eles eram cristãos não ortodoxos. "Eles são de uma tez escura", observou.

> Alguns deles têm barbas grandes e longos cabelos, enquanto outros cortam o cabelo curto ou raspam a cabeça, permitindo apenas que um tufo permaneça na coroa como um sinal de que são cristãos. Eles também usam bigode. Eles furam as orelhas e usam muito ouro nelas. Andam nus até a cintura, cobrindo suas extremidades inferiores com algodão muito fino. Mas apenas os mais respeitáveis fazem desta forma, pois os outros fazem o melhor que podem.

E acrescentou deselegantemente: "As mulheres deste país, em regra, são feias e de baixa estatura. Elas usam muitas joias de ouro no pescoço, numerosas pulseiras em seus braços e anéis com pedras preciosas nos dedos dos pés. Todas estas pessoas são bem-dispostas e de temperamento aparentemente tranquilo. À primeira vista, elas parecem avarentas e ignorantes".

No entanto, para desânimo dos recém-chegados, havia muitos muçulmanos em Calcutá. Eles se vestiam com casacos bem longos e turbantes de seda bordados a ouro, carregavam facas com punhos e bainhas em prata e adoravam em mesquitas elegantes, parecidas com pagodes. Um viajante observou que, ao contrário da maioria dos indianos, que era "comumente muito hirsuta e grosseira fisicamente", os muçulmanos de Calcutá eram "muito suaves, tanto de cabelo quanto de pele, que eles comumente untavam com óleo para fazê-los brilhar". Eles eram também "muito arrogantes e orgulhosos", acrescentou.

Martins e seus companheiros logo descobriram que o samorim ficava hospedado em um palácio um pouco além da costa. Os três homens atravessaram vastas florestas, transitórias e sempre verdes, maravilhando-se com os estranhos pássaros e frutos e observando com cautela os tigres, leopardos e pítons. Quando chegaram à residência real, eles anunciaram, conforme Gama os havia instruído, que um embaixador tinha chegado com cartas do grande rei de Portugal. Se o samorim desejasse, acrescentaram, o próprio iria até ele pessoalmente.

O samorim, que, à moda dos reis, não era muito inclinado a mostrar surpresa, sem dúvida não tinha noção do que era ou onde ficava Portugal. Em resposta às suas perguntas, Martins

explicou que eles eram cristãos vindos de longe e que haviam enfrentado muitos perigos para chegar à sua cidade. A resposta pareceu satisfatória, e os três homens voltaram a Calcutá com uma grande quantidade de algodão fino e seda e uma mensagem para o embaixador. Ele seria muito bem-vindo, disse o samorim, e não precisaria se incomodar fazendo uma longa viagem, pois a comitiva real estava prestes a partir para Calcutá.

Gama foi surpreendido pelo tom amistoso da mensagem e ficou ainda mais satisfeito quando um piloto chegou com ordens do samorim para conduzir a frota a uma ancoragem mais segura. O porto de Pantalayini, explicou educadamente o piloto, estava quatro léguas ao norte de Calcutá, mas era normal que grandes navios ancorassem por lá; a água era mais profunda, e um banco de lama oferecia algum abrigo a partir do mar chicoteado pelas monções.

Os portugueses observaram a piora do tempo com alarme. À noite, o oceano era um bravo cinza-esverdeado sob nuvens carregadas de tempestade. De repente, o vento açoitou a costa, a chuva respingou na terra e, sem aviso, homens e mulheres foram chicoteados e soprados ao longo da beira-mar desprotegida. Os navios mal tinham tomado suas posições e o capitão-mor imediatamente deu a ordem de zarpar — embora todos os sinais fossem favoráveis, ele ainda exercia cautela. "Nós não ancoramos tão perto da praia como o piloto do rei desejava", observou o Cronista.

Assim que a frota alcançou seu novo cais, um mensageiro chegou e anunciou que o samorim já havia retornado para a cidade. Imediatamente um grupo de dignitários voltou-se para escoltar os visitantes até o palácio. Na liderança do grupo estava o *wali* — ou governador — de Calcutá, que também era o chefe de polícia e que chegou assistido por duzentos guardas. Os soldados altos e esguios eram uma visão que prendia a atenção dos europeus. Eles estavam descalços e nus da cintura para cima; abaixo da cintura usavam o *dhoti*, um pano branco transpassado entre as pernas e amarrado nas costas. Seus longos cabelos ficavam amarrados sobre suas cabeças, e eles nunca eram vistos sem suas armas escolhidas: espada e escudo, arco e flechas ou lança.

Apesar da grande afluência, Gama decidiu que já estava tarde demais para partir naquele dia. Ele tinha outro motivo para atrasar a partida. Naquela noite, reuniu um conselho de seus principais oficiais para discutir se deveria quebrar sua própria regra e ir à praia pessoalmente.

Seu irmão mais velho, mais cauteloso, opôs-se firmemente. Embora os nativos fossem cristãos, argumentou Paulo, havia muitos muçulmanos entre eles que eram inimigos mortais de Vasco. Eles usariam todos os meios para destruí-lo, e por mais simpático que o samorim parecesse, ele não poderia trazê-lo de volta da morte. Além disso, os muçulmanos eram os habitantes do lugar, enquanto seu irmão era um completo estranho. O samorim poderia até estar em um acordo com eles para matá-lo ou capturá-lo; a viagem seria então arruinada, seu esforço teria sido em vão e todos seriam destruídos.

Todos os oficiais ficaram do lado de Paulo, mas Gama já tinha tomado sua decisão. Ele

insistiu que deveria selar um tratado com o samorim e adquirir as especiarias que provariam a sua descoberta das verdadeiras Índias. O samorim poderia tomar como um insulto se alguém fosse em seu lugar. Não poderia explicar a ninguém o que dizer e fazer em cada situação que pudesse surgir. Ele estava indo para uma cidade cristã e não pretendia ficar fora por muito tempo. Jurou que preferia morrer a negligenciar sua obrigação — ou ver outra pessoa reivindicar os créditos.

O jovem comandante tinha a história a seu favor. Seu irmão não fez mais objeções.

No dia seguinte, 28 de maio, Gama afivelou o cinto dourado em torno da cintura e embainhou a espada. Amarrou suas esporas douradas em seus coturnos e colocou na cabeça o barrete, duro e quadrado como aqueles usados pelos sacerdotes. Quando sua roupa cerimonial estava completa, ele saiu de sua cabine pronto para representar o rei. Paulo foi deixado a cargo dos navios; Nicolau Coelho deveria esperar todo o dia em um barco bem armado, tão perto da costa quanto fosse seguro, até que a delegação retornasse.

Gama escolheu treze homens para acompanhá-lo. Entre eles estavam Diogo Dias e João de Sá, os escribas do *Gabriel* e do *Rafael* e o intérprete Fernão Martins. O Cronista também estava entre o grupo. Eles estavam vestidos com suas melhores roupas, os barcos foram enfeitados com bandeiras e os trombeteiros tocavam uma fanfarra à medida que os marinheiros remavam para a praia.

O *wali* avançou para cumprimentar o capitão-mor. Uma multidão de curiosos se reuniu, comprimindo-se para vislumbrar os estranhos. "Essa recepção foi amigável", observou o Cronista, "como se o povo estivesse satisfeito em nos ver, embora à primeira vista parecesse ameaçador, pois carregavam espadas nuas em suas mãos."

O comitê de recepção providenciou um palanquim para Gama, que se sentou no assento acolchoado. Seis fortes indianos içaram as varas de bambu em seus ombros, o *wali* entrou em seu próprio palanquim e o comboio partiu ao longo da estrada de terra até Calcutá.

Quando chegaram à pequena cidade de Kappad, perto da qual a frota tinha ancorado pela primeira vez, os carregadores colocaram as cadeiras em frente a uma bela casa. Uma pessoa importante do lugar estava esperando por eles e fez um sinal para que entrassem e comessem. Gama recusou com firmeza as iguarias oferecidas; sua bem menos escrupulosa comitiva se rendeu à refeição de peixe cozido bem amanteigado e frutas estranhas. Os portugueses admiraram o esterco de vaca que se espalhava sobre o chão, em parte para afastar as colunas de formigas que andavam em toda parte. "Eles não conseguem deixar nada livre de ser destruído por esses pequenos animais; para preveni-los, eles também têm armários colocados em estacas, fixados em vasos cheios de água, onde as formigas se afogam ao tentar subir", observou um viajante europeu.

Após o café da manhã, o grupo recomeçou sua viagem. Antes de chegar à cidade, eles encontraram um amplo rio que corria paralelo à costa antes de se voltar em direção ao mar. Os indianos ajudaram os visitantes a entrar em duas canoas amarradas uma à outra, e em seguida

subiram em dezenas de outras embarcações que balançavam em torno deles. Mais moradores curiosos assistiam a tudo das margens densamente arborizadas. Assim que os barcos foram para o meio do rio, os portugueses puderam ver a baralhada prateada de remansos que se estendiam distantes, em direção ao interior, e os navios de grande porte que haviam encalhado em seus bancos de areia.

O grupo desembarcou cerca de uma légua rio acima, e Gama retornou ao seu palanquim. Em todos os lugares a terra era dividida em extensos jardins murados, com grandes casas visíveis somente entre altas árvores. Mulheres embalando crianças nos braços saíam para assistir e juntavam-se à procissão em expansão.

Depois de várias horas, os visitantes finalmente chegaram à periferia de Calcutá. Para sua profunda satisfação, o primeiro edifício que viram era uma igreja.

Era uma igreja estranha, certamente.

O complexo era velho e enorme, do tamanho de um mosteiro. Era construído com blocos de laterito da cor da ferrugem, coberto com telhados azulejados inclinados e um pórtico do estilo dos pagodes. Em frente havia um pilar de bronze delgado alto como um mastro, com a figura de um pássaro no topo — um galo, aparentemente — e um segundo pilar mais forte, da altura de um homem. Sete pequenos sinos penduravam-se nas paredes da entrada.

Gama e seus homens entraram. A passagem levava a um grande salão, que era iluminado por centenas de lâmpadas e que cheirava intensamente a incenso e fumaça. No centro estava uma capela quadrada feita de pedra, com degraus de pedra que levavam a uma porta de bronze.

O grupo foi recebido por um cortejo de sacerdotes que estavam nus da cintura para cima, com exceção de três fios passados por seus peitorais como a estola de um diácono. Quatro deles entraram no santuário e apontaram para uma estátua escondida em um nicho escuro.

"Maria, Maria", eles pareciam cantar para os portugueses.

Os indianos se prostraram no chão e os visitantes também se ajoelharam em adoração à Virgem Maria.

Os sacerdotes aspergiram os convidados com água-benta e ofereceram-lhes uma substância branca parecida com terra, que, segundo o Cronista, "os cristãos deste local têm o hábito de colocar em suas testas, peitos, em torno do pescoço e no antebraço". Gama submeteu-se ao "batismo", mas entregou a um de seus homens sua porção de terra branca, que viria a ser parcialmente composta de cinzas sacrificais, e fez um gesto de que iria colocá-la mais tarde.

Tendo dito suas orações, os exploradores olharam ao redor. As paredes estavam cobertas com retratos coloridos de figuras que eles deduziram serem santos — embora ostentassem "dentes que se projetavam uma polegada da boca e tivessem quatro ou cinco braços" e parecessem tão feios como demônios, eles eram claramente uma espécie exótica de santo.

Com a cerimônia encerrada, o grupo saiu piscando na claridade. Do lado de fora, afundado no chão, estava um enorme tanque de tijolo cheio até a borda com água e flores de

lótus que flutuavam na superfície, não diferente de muitos outros que os visitantes tinham visto ao longo da estrada. Fizeram uma pausa para pensar qual seria sua finalidade, e então seguiram seus hospedeiros através de um portão para o coração da cidade.

A jornada foi interrompida para visitarem outra igreja antiga, emparelhada com outro reservatório retangular. No momento em que Gama e seus homens saíram, multidões se apertavam nas ruas retas, até onde suas vistas podiam alcançar, enquanto os estrangeiros sitiados foram empurrados para dentro de uma casa à espera do resgate do irmão do *wali*. Ele finalmente chegou, com a presença de soldados atirando mosquetes e uma banda tocando tambores, trombetas e gaitas de fole. A comitiva dos exploradores, relatou o Cronista, incluía agora 2 mil homens armados; segundo um relato, havia 5 mil pessoas tentando acompanhá-los pelas ruas. A Índia foi se transformando em um lugar inesperadamente frenético.

O cortejo partiu novamente, e mais moradores juntaram-se a ele, além dos que se apinhavam nos telhados e janelas das casas. À medida que finalmente se aproximavam do palácio do samorim, o mar de cabeças se espalhava para tão longe que era impossível calcular seu número. Apesar do tumulto, os portugueses foram surpreendidos pela grande delicadeza e respeito mostrados ao capitão-mor — "mais do que é mostrado na Espanha para um rei", observou o Cronista.

Faltava uma hora para o pôr do sol. Na praça em frente à entrada para o imenso complexo, servos reais distribuíam cocos e derramavam água fresca de jarros dourados colocados em mesas à sombra de árvores frondosas. Um novo comitê de aparência distinta saiu para encontrar os visitantes e se juntou aos altos dignitários que rodeavam o capitão-mor. Com dificuldade, atravessaram o grande portão, onde dez guardiões portando bastões guarnecidos de prata estavam de prontidão.

"Em Portugal não podem imaginar o quão honrosamente estamos sendo recebidos aqui", disse Gama aos seus homens, demonstrando, sob a imperturbabilidade habitual, sua surpresa.

Dentro havia um vasto pátio arborizado, com escritórios e alojamentos espalhados entre canteiros de flores, pomares, tanques de peixes e fontes. Uma série de quatro portas levava à corte, e ali a aglomeração era tão grande que a cortesia deu lugar à necessidade. Os portugueses tiveram que forçar o caminho "dando muitos golpes no povo", enquanto mais guardiões usavam seus bastões para conter a multidão.

Uma figura pequena e enrugada, que se revelou ser o sacerdote principal do samorim, surgiu da última porta. Ele abraçou o capitão-mor e o conduziu até a presença real. Havia espaço para 2 ou 3 mil pessoas na corte, mas a excitação para entrar era tão grande que os portugueses tiveram que empurrar a massa ainda com mais força, enquanto os indianos brandiam facas e feriam vários homens. Quando o grupo principal passou, os porteiros fecharam a porta, prenderam-na com uma barra de ferro e montaram guarda.

Na luz do entardecer, Vasco da Gama finalmente estava face a face com o homem pelo

qual havia atravessado 12 mil milhas para encontrar.

O Samutiri Tirumulpad, Rei dos Montes e das Ondas, estava arrumado como um imperador romano em uma pilha de almofadas brancas de algodão. As almofadas empilhavam-se sobre um fino lençol branco de algodão; o lençol estava envolto em um colchão bem estofado; o colchão repousava em um sofá coberto de veludo verde. O chão era atapetado com o mesmo veludo; nas paredes penduravam-se os mais preciosos drapejados, em um arco-íris, e acima do sofá havia um dossel "muito branco, delicado e suntuoso". O samorim estava vestido com um longo *sherwani* de algodão — uma peça de roupa usada como um casaco, aberta na frente —, com o peito descoberto e um *lunghi*, parecido com um sarongue, amarrado em torno de sua cintura. O efeito era de uma cara simplicidade, compensada pelas joias pesadas em suas orelhas e em seu cinto, pulseiras e anéis. À sua direita estava um suporte de ouro apoiando uma bacia de ouro do tamanho de um caldeirão empilhado com o remédio real — *paan*, feito de noz-de-areca misturado com especiarias e cal feita de conchas de ostras, envolto em folhas amargas de bétele. Uma dedicada atendente ficava próxima ao *paan*, preparando a mistura estimulante, e o samorim mastigava-a sem parar. Segurava em sua mão esquerda uma grande escarradeira de ouro na qual cuspia os restos, enquanto outra atendente se prontificava para umedecer seu palato com a ingestão de líquidos que estavam em um conjunto de jarras de prata. Talvez os visitantes tivessem parado para pensar que grande parte dos metais preciosos da Europa se encontrava ali, onde eram acumulados como tesouro e trabalhados para se tornarem ornamentos elaborados, e que até então nunca tinham sido vistos.

Gama se aproximou do samorim. Abaixou a cabeça, levantou as mãos para o alto e tocou as palmas das mãos juntas, fechando em seguida os dois punhos no ar. Ele vinha praticando a etiqueta local e repetiu a saudação mais duas vezes, conforme tinha visto os indianos fazerem.

Seus homens seguiram o exemplo.

O samorim chamou o capitão-mor para mais perto. Gama, no entanto, tinha sido informado de que apenas à pajem do *paan* era autorizada a aproximação da pessoa real. Ele estava determinado a não causar ofensa e ficou onde estava.

O samorim lançou os olhos sobre o resto do contingente português e deuordens para que ficassem sentados onde ele pudesse vê-los. Os treze homens sentaram-se em um pavimento elevado de pedra que corria ao redor da corte. Servos levaram água para lavarem suas mãos e descascaram pequenas bananas e enormes jacas para eles. Os visitantes nunca tinham visto essas frutas antes; fitavam-nas como crianças confusas. O samorim assistiu-os com lânguido divertimento e fez alguns comentários irônicos para sua atendente do *paan*, revelando dentes e gengivas manchados de um profundo vermelho-alaranjado de tanta mastigação. Para a próxima provação dos estrangeiros, os servos entregaram-lhes um jarro de ouro e sinalizaram que eles deveriam beber sem tocar o vaso com os lábios. Alguns dos homens derramaram o conteúdo diretamente em suas gargantas e começaram a engasgar, enquanto outros entornaram o líquido sobre seus rostos e roupas. O samorim gargalhou ainda mais.

Um assento de frente para o sofá real tinha sido dado a Vasco da Gama; o samorim se virou para ele e convidou-o a dirigir suas observações à corte reunida. Mais tarde, indicou ele, seus cortesãos o informariam sobre o que tinha sido dito.

Gama hesitou. Ele era o embaixador do grande rei de Portugal, declarou, cobrindo a boca com a mão — a forma correta de se dirigir ao rei, dissera ele, para impedir que sua respiração maculasse o ar real. Sua mensagem era somente para os ouvidos do samorim.

O samorim pareceu aprovar. Um partidário levou Gama e Fernão Martins, o intérprete de língua árabe, a uma câmara privada. O samorim seguiu com o seu mais importante administrador, seu sacerdote principal e sua fornecedora de *paan*, que, conforme ele explicou, eram pessoas de sua confiança. O administrador, que era agente comercial do samorim, foi reconhecido na mesma hora como muçulmano por suas roupas, mas quaisquer que fossem as dúvidas dos visitantes, sua presença era essencial: os discursos do rei e do embaixador — um falando a língua malaiala local e o outro falando português — tinham que ser traduzidos para o árabe.

O restante da delegação portuguesa permaneceu do lado de fora, assistindo a um velho homem tentar remover o sofá real e espiar de relance as princesas que tudo observavam de uma galeria no andar de cima.

Dentro da câmara, o samorim se exibia em outro sofá, este coberto com panos bordados a ouro, e perguntou ao capitão-mor o que ele queria.

Vasco da Gama fez seu grande discurso, que o Cronista mais tarde registrou.

Gama explicou que era embaixador do rei de Portugal, senhor de muitas regiões e muito mais rico do que qualquer governante indiano. Por sessenta anos, os ancestrais do rei tinham enviado navios para descobrir a rota marítima para a Índia, pois sabiam que lá encontrariam príncipes cristãos como eles, de quem o samorim era o chefe. Foi essa a razão pela qual eles ordenaram que a Índia devia ser descoberta, e não porque buscavam ouro ou prata, os quais eles já possuíam em tal abundância que não precisavam de mais. Sucessivos capitães tinham viajado durante um ano, ou mesmo dois, até que suas provisões se esgotaram e eles foram forçados a voltar para casa sem encontrar o que procuravam. Um rei chamado Manuel estava agora no trono, e havia ordenado a ele, Vasco da Gama, que tomasse três navios e não retornasse até que encontrasse o governante dos cristãos da Índia, sob pena de ter sua cabeça cortada. Seu rei também lhe tinha confiado duas cartas para o samorim, mas como o Sol já se pusera, ele iria apresentá-las no dia seguinte. Em troca, o rei Manuel solicitou que o samorim enviasse embaixadores a Portugal; esse era o costume entre os príncipes cristãos, Gama acrescentou, e ele não ousava se mostrar diante de seu senhor e mestre, a menos que tivesse consigo alguns homens de Calcutá. Por fim, concluiu, ele foi instruído a informar o samorim pessoalmente de que o rei português desejava ser seu amigo e irmão.

O capitão-mor era bem-vindo a Calcutá, respondeu o samorim mais sucintamente. De sua parte, ele o receberia como um amigo e irmão, e ficaria feliz em enviar emissários ao seu

rei.

Estava ficando tarde, e o samorim perguntou — assim os portugueses entenderam — se os visitantes desejavam passar aquela noite com cristãos ou com muçulmanos.

Se o samorim ainda estava intrigado sobre as origens dos recém-chegados, Gama estava consciente de sua difícil fuga na África. "Com nenhum dos dois", respondeu com cautela o capitão-mor, pedindo-lhe o favor de alojamentos próprios. Foi claramente um pedido incomum, mas o samorim ordenou a seus agentes que providenciassem tudo o que os estrangeiros precisassem. E com isso Gama se despediu, muito satisfeito com o início das negociações.

Eram dez horas da noite. Durante a conversa, a monção caiu com força total sobre a cidade e a chuva descia torrencialmente. Gama encontrou seus homens abrigados num terraço iluminado pelas chamas cintilantes de uma lâmpada de ferro gigante. Não havia tempo para esperar a tempestade, e, sob as ordens do administrador, eles partiram para seus alojamentos.

Barulhentos trovões encheram o ar, raios baixos rasgaram o céu e o repentino aguaceiro transformou as ruas em rios enlameados. Mesmo assim, grandes multidões ainda se aglomeravam fora dos portões do palácio, e mais uma vez juntaram-se ao cortejo.

O capitão-mor foi conduzido ao seu palanquim e os seis carregadores içaram-no em seus ombros. O restante dos visitantes andava pela lama. Em meio à copiosa tempestade e a multidão que se comprimia, eles viram-se perdidos durante a noite em uma terra estrangeira, sem sequer um quarto para eles.

A cidade era grande e espalhada, e os alojamentos que Gama havia pedido eram distantes. Ele estava exausto após a excitação do dia, e como a jornada continuava interminavelmente, perguntou irritado ao administrador se eles continuariam andando por toda a noite.

O agente gentilmente solicitou que mudassem de direção e levou os visitantes para sua própria casa.

Os portugueses foram introduzidos a um grande pátio fechado por uma varanda ampla e com um telhado proeminente coberto de azulejos. Tapetes espalhavam-se por toda parte, e mais lâmpadas gigantes iluminavam todos os cantos. Para marinheiros acostumados a viver a bordo, esta era uma visão suntuosa e um tanto desconcertante.

Quando a tempestade cessou, o agente mandou buscar um cavalo para levar o capitão-mor pelo resto do caminho até seus aposentos. Descobriu-se que os indianos montavam diretamente sobre o cavalo e que não havia sela. Sua dignidade de embaixador não lhe permitia escorregar e cair na lama, e Gama se recusou a montar. Um dia de cerimônia estava se transformando rapidamente em uma noite estúpida.

Finalmente, os portugueses chegaram a seus alojamentos e encontraram alguns de seus homens já estabelecidos por lá. Entre os itens que trouxeram dos navios estava a tão necessária cama do capitão-mor.

Os marinheiros também levavam consigo os presentes destinados ao governante de

Calcutá. Na parte da manhã, Gama mandou colocá-los para fora, e o Cronista fez um inventário:

Pano listrado: doze peças
Capuzes escarlates: quatro
Chapéus: seis
Coral: quatro cordões
Lavatórios de mão em bronze: seis em uma caixa
Açúcar: uma caixa
Óleo: dois barris
Mel: dois barris.

Nada poderia ser presenteado ao samorim sem primeiro passar pelo *wali* e pelo administrador, e Gama então enviou um mensageiro para notificá-los da sua intenção. Os dois homens foram até lá para examinar os bens e, incrédulos, caíram na risada.

Esses não eram presentes para oferecer a um rico e grande rei, ensinaram eles ao impassível capitão-mor. Os comerciantes mais pobres de Meca ou de qualquer outro lugar na Índia davam melhores presentes. Ouro era a única coisa que serviria; essas ninharias o rei nunca aceitaria.

Os dois homens continuaram a zombar e Gama ficou envergonhado. Rapidamente improvisou para disfarçar seu embaraço. Não tinha trazido nenhum ouro, disse; ele era um embaixador, não um comerciante. Seu rei mal sabia se ele chegaria à Índia, e por isso ele ainda não tinha dado nenhum presente devidamente régio. O que ele tinha oferecido era seu, e era tudo o que tinha para dar. Se o rei Manuel o mandasse retornar à Índia, certamente confiaria ao samorim um esplêndido tributo de ouro, prata e muito mais. Enquanto isso, se o samorim não recebesse o que lhe era oferecido, ele levaria tudo de volta para os navios.

Os funcionários permaneceram impassíveis. Era o costume, reafirmaram, que cada estrangeiro que fosse favorecido com uma audiência real fizesse uma doação apropriada.

Gama tentou mais uma vez. Era muito apropriado, concordou, que seus costumes fossem observados, e ele, portanto, desejava enviar estes presentes, que eram muito mais valiosos do que pareciam pelas razões que ele havia explicado. Novamente os dois homens se recusaram a repassar os itens insultuosos.

Nesse caso, respondeu o capitão-mor, ele iria falar com o samorim e depois retornaria a seu navio. E acrescentou friamente que contaria a ele exatamente como tudo havia se passado.

O *wali* e o administrador concordaram. Se Gama esperasse um pouco, disseram, eles mesmos iriam conduzi-lo ao palácio. Sendo ele um estrangeiro, o samorim não aprovaria que andasse sozinho; além disso, havia um grande número de muçulmanos na cidade e Gama

precisaria de uma escolta. Dito isso, deixaram-no esperando.

Foi um momento humilhante, que expôs uma falha em todo o plano de Portugal para se infiltrar no Oriente — uma falha tão gritante que parecia inacreditável não ter sido prevista.

# 11. Sequestro

Quando os exploradores chegaram, a civilização da Índia já existia havia 4 mil anos. O tempo tinha dotado o subcontinente de três grandes religiões, um complexo sistema de castas, incontáveis maravilhas arquitetônicas e uma cultura intelectual que tinha transformado o mundo. Mesmo os viajantes mais cansados ficariam embevecidos.

Na década de 1440, o embaixador persa Abd al-Razzaq partiu de Calcutá para Vijayanagar, a cidade que deu nome ao império dominante do sul da Índia. Ao longo do caminho ele encontrou um templo surpreendente, feito inteiramente de bronze sólido, exceto por uma figura humanoide gigante sentada acima da entrada, que era feita de ouro com dois rubis prodigiosos como olhos. Isso era apenas uma antevisão do que estava por vir. Vijayanagar estava situada no sopé de uma cadeia de montanhas íngremes e era cercada por muralhas triplas que se estendiam por sessenta milhas ao redor. Dentro dos grandes portões, avenidas arborizadas com mansões ricamente ornamentadas se espraiavam em direção ao imponente pano de fundo; Abd al-Razzaq foi particularmente atraído por um longo bazar de prostitutas, que era decorado com enormes esculturas de animais e apresentava uma seleção aparentemente interminável de encantadoras mulheres posando, em tronos, do lado de fora de suas câmaras. Os mais simples artesãos ostentavam pérolas e pedras preciosas, enquanto o chefe dos eunucos andava acompanhado por portadores de guarda-sol, trombeteiros e panegiristas profissionais cujo trabalho era encher os ouvidos do seu empregador com louvores cada vez mais ardilosos. O rei, relatou o viajante veneziano Nicolau de Conti, que chegou a Vijayanagar mais ou menos na mesma época,

> é de longe o mais distinto de todos os outros: ele tem 12 mil esposas, das quais 4 mil o seguem a pé para onde quer que ele vá e se dedicam exclusivamente ao serviço da cozinha. Um número equivalente, mais belamente equipado, segue a cavalo. As outras são transportadas em liteiras, das quais 2 ou 3 mil são selecionadas como suas esposas sob a condição de que se queimarão voluntariamente com ele.

O império Vijayanagar tinha sido fundado um século antes, quando um monge hindu inspirou governantes dissidentes do sul da Índia a se unirem contra as forças islâmicas que estavam invadindo o norte. Ainda era o poder governante quando os portugueses chegaram. No entanto, apesar de todo o seu esplendor, ele era um império de terras, e sua autoridade dividia-se, na melhor das hipóteses, ao longo das costas. Muitos de seus trezentos portos eram cidades-Estados independentes em tudo, menos no nome, e mercadores muçulmanos eram a chave para sua riqueza.

O Islã chegou à Índia no ano 712, mas as invasões em massa haviam começado no final

do século x. Barulhentos e devastadores exércitos de turcos e afegãos, atraídos, como os persas e os gregos antes deles, pelas riquezas fabulosas do subcontinente, tinham esmagado o poder hindu e gradualmente mesclado suas culturas aos ricos e complexos modelos de civilização da Índia. Apenas o sul da Índia tinha ficado fora do alcance dos impérios islâmicos, mas mesmo lá os comerciantes muçulmanos floresceram desde os primeiros anos do Islã. Comerciantes vindos de Meca, Cairo, Ormuz e Áden haviam se estabelecido na costa do Malabar e casaram-se com mulheres locais; seus filhos, conhecidos como mappilas, tornaram-se tripulantes das frotas árabes. Calcutá, em particular, foi por tanto tempo o lar de uma comunidade rica e poderosa de muçulmanos que sua origem se perdeu em lendas. Uma história árabe dizia que tudo começou quando um governante hindu chamado Cheruma Perumal — ou Shermanoo Permaloo — converteu-se ao islamismo e partiu no hadji para Meca. Antes de partir, ele dividiu suas terras entre seus parentes, mas deixou o pedaço de terra a partir do qual havia embarcado para um humilde pastor de vacas. A terra se transformou em Calcutá e o pastor tornou-se o samorim, o primeiro entre os reis costeiros. Mais provavelmente era a tradição da cidade de um mercado aberto que a tinha feito popular com os comerciantes árabes, mas, de qualquer forma, eles tinham tomado o controle do comércio estrangeiro do reino, eram liderados por seu próprio emir e juiz e tinham forjado uma estreita aliança com os samorins.

Os samorins prosperaram de forma adequada. Segundo uma estimativa, eles tinham 100 mil homens armados — uma casta de nobres guerreiros chamada nairs — sob seu comando, e suas vidas eram uma série perpétua de cerimônias, festas e festivais que começavam em sua investidura e continuavam por bastante tempo depois de eles terem sido cremados em uma pira perfumada de sândalo e aloé. Como sinal de respeito por um samorim morto, todos os homens do reino raspavam seu corpo da cabeça aos pés, deixando apenas as sobrancelhas e os cílios intactos; por quinze dias todos os negócios públicos cessavam, e qualquer um que mascasse *paan* arriscaria ter os lábios cortados. Uma vez que as mulheres da casta do samorim desfrutavam de um grau de liberdade sexual incomum — e uma vez que, conforme o costume, o samorim pagava um brâmane (ou seja, um sacerdote ou estudioso da casta mais elevada) para deflorar sua esposa —, a herança era passada através da linha da irmã, e o novo samorim era geralmente um sobrinho do morto. Sua posse começava com uma pitada de leite e água e um banho cerimonial. A tornozeleira ancestral — um pesado cilindro de ouro incrustado com joias — era colocada no lugar e ele era vendado e massageado com gramíneas do prado. Seus assistentes enchiam com seiva e água nove incensários de prata representando os nove planetas que determinavam o destino humano, aqueciam esta mistura sob um fogo no qual jogavam *ghee* e arroz e, então, esvaziavam-na sobre suas cabeças. Um mantra era sussurrado em seu ouvido à medida que ele seguia para o seu templo privado para adorar a deusa guardiã e a espada dinástica de ouro. Em seu ginásio privado, se curvava perante cada uma das 27 divindades tutelares e era presenteado com sua própria espada de Estado por um instrutor de armas hereditário. Depois de se prostrar diante do sumo sacerdote e receber a bênção real três

vezes — "Proteger vacas e brâmanes, reinar como rei das colinas e das ondas" —, ele voltava à sua sala de vestir para colocar o resto dos ornamentos de Estado. Finalmente, sentava-se em um tapete branco esticado sobre um carpete preto e, à luz piscante de centenas de lâmpadas de ouro, os brâmanes jogavam arroz e flores sobre sua cabeça. Durante um ano ele lamentava pelo seu antecessor, deixando, como um selvagem, unhas e cabelo crescerem, nunca mudando suas roupas e comendo apenas uma vez por dia, até que finalmente voltava a ser ele mesmo.

Cada dia de seu reinado começava com uma oração ao Sol e uma massagem de uma hora com óleos perfumados. Ele se banhava na piscina do palácio esfregado por seus nobres e, quando saía, suas atendentes secavam-no e ele era massageado com mais óleos preciosos. Seu criado cobria-lhe com uma pasta de sândalo e aloé misturada com açafrão e água de rosas, polvilhando-o com folhas e flores, e as cinzas umedecidas de seus ancestrais eram esfregadas em sua testa e no peito. Enquanto os rituais de preparação aconteciam, uma dúzia das adolescentes mais graciosas do reino misturava esterco fresco de vaca com água em grandes bacias de ouro e entregava a mistura a um exército de mulheres, que desinfetava cada polegada do palácio esfregando com as mãos este esterco diluído. Depois de uma visita ao templo, o samorim se retirava para sua tenda de jantar durante três horas, e após examinar brevemente os assuntos de Estado, instalava-se na sala de audiências. Se ninguém aparecesse, ele passava o tempo com seus nobres, bufões e saltimbancos, jogando um jogo de azar com dados, observando disputas de soldados ou simplesmente mastigando *paan*.

Muito ocasionalmente ele saía em um palanquim forrado de seda pendurado em uma vara de bambu cravejada de joias; sempre que tinha de andar, um tecido grosso era colocado sob seus pés. Uma banda de metais encabeçava o cortejo, seguido por arqueiros, portadores de lança e espadachins fazendo brilhantes demonstrações de esgrima. Quatro atendentes caminhavam na frente da liteira real portando guarda-sóis feitos de algodão fino e seda bordada; pares de servos abanavam a pessoa real, um de cada lado; a pajem do *paan* estava sempre pronta com a taça de ouro e a escarradeira. Mais pajens seguiam carregando a espada de ouro do Estado, uma seleção de ouro e jarros de prata e pilhas de toalhas. "E quando o rei deseja colocar a mão no nariz, ou nos olhos, ou na boca", observou um português, surpreso, "eles derramam um pouco de água da jarra em seus dedos, e os outros entregam-lhe a toalha que ele carrega para se limpar." Na retaguarda ficavam os sobrinhos reais, governadores e oficiais, enquanto à toda volta acrobatas faziam suas piruetas e bobos da corte brincavam. Se o cortejo acontecesse à noite, grandes lâmpadas de ferro e tochas de madeira iluminavam o caminho.

Foi nessa civilização antiga, complexa e rica que os portugueses cometeram uma gafe. Eles nunca tinham ouvido falar de hindus, quanto mais de budistas ou jainistas. Em Mombaça, emissários de Gama confundiram a imagem de um deus pombo hindu com o Espírito Santo. Em Melinde, sua tripulação confundiu os gritos de "Krishna!" com gritos de "Cristo!". Em Calcutá, o grupo de desembarque deduziu que templos hindus eram igrejas

cristãs. Eles interpretaram erroneamente as invocações brâmanes de uma divindade local como veneração da Virgem Maria, e decidiram que as figuras hindus nas paredes dos templos eram santos cristãos estrangeiros. Os templos também estavam cheios de deuses animais e falos sagrados, e a devoção dos indianos a vacas era muito intrigante; mas os portugueses apenas olhavam de soslaio para qualquer coisa que não se encaixasse em suas ideias pré-concebidas. Sabendo-se muito bem que os muçulmanos abominavam o culto à forma humana, estava claro para eles que a maioria dos indianos que encontravam não podia ser muçulmana; e uma vez que a visão de mundo da Europa de "conosco ou contra nós" permitia apenas duas religiões, eles tinham que ser cristãos. No tocante aos indianos, era um sinal de respeito convidar visitantes para seus templos, e se os visitantes sentissem afinidade com sua religião, eles não protestariam. Serem chamados de cristãos era estranho, com certeza, mas talvez a barreira da língua tenha sido a culpada. Em todo caso, não tentaram maiores esclarecimentos, pois em Calcutá as discussões sobre religião eram censuradas a partir do alto. "É estritamente proibido", relatou um visitante europeu, "falar, discutir ou debater sobre esse assunto; por isso nunca surge qualquer problema a esse respeito, todos vivendo em grande liberdade de consciência sob o favor e a autoridade do rei, que sustentava ser um cardeal máximo do governo, visando tornar seu reino muito rico e de grande comércio."

A ignorância aliada à doce ilusão levou os europeus ao outro lado do mundo, e o sucesso de todo o esquema português se apoiava em duas suposições profundamente enraizadas no Ocidente. A primeira é a de que a Índia era povoada por cristãos que ficariam tão felizes de se reunirem com seus irmãos ocidentais que mandariam seus aliados muçulmanos fazerem as malas. A segunda é a de que os indianos, apesar de todas as suas riquezas inestimáveis, eram gente simples que entregaria seus bens valiosos em troca de quase nada.

Até então, somente alguns europeus tinham chegado à costa do Malabar. Para o povo de Calcutá, os estrangeiros com suas peles pálidas e roupas complicadas eram uma curiosidade que valia a pena assistir. Apesar da aparência rude e suja, eles tinham sido recebidos com a devida cerimônia, e, em troca, fizeram uma oferta que teria sido perfeitamente aceitável se tivesse vindo de um merceeiro comum. Em suma, eles tinham feito um papel ridículo, e, pior ainda, em comparação com os ricos mercadores muçulmanos, eles fizeram-se parecer pobres.

Vasco da Gama estava longe de ter o conhecimento adequado e não sabia para quem pedir ajuda.

Depois de seus presentes terem sido rejeitados, Gama esperou o dia todo para que os dois funcionários reaparecessem. Eles nunca reapareceram, e a notícia de sua gafe tinha claramente se espalhado com rapidez. Um constante fluxo de mercadores muçulmanos mostrava seus alojamentos e fazia uma grande demonstração da ridicularização dos presentes rejeitados.

Nesse momento, o capitão-mor fuzilava com o olhar a todos que estavam à sua volta. Os

indianos, queixou-se Gama, mostraram ser um povo apático e não confiável. Ele estava pronto para ir ao palácio, mas no último instante decidiu esperar pela hora certa. Como de costume, seus homens estavam menos sobrecarregados com a necessidade de manter sua dignidade. "Quanto a nós", registrou o Cronista , "nos desviávamos disto, cantando e dançando ao som de trombetas, e nos divertíamos muito."

Na manhã seguinte, os oficiais finalmente apareceram e levaram o grupo de portugueses para o palácio.

O pátio estava lotado de guardas armados, e Gama ficou à espera por quatro horas. Lá pelo meio-dia, o tempo estava terrivelmente quente, e a temperatura aumentou ainda mais quando os porteiros surgiram e disseram ao capitão-mor que ele só poderia levar dois de seus homens para dentro.

"Eu esperei por você ontem", disse o samorim, repreendendo o visitante, assim que este ficou ao alcance de sua voz.

Não querendo perder a dignidade, Gama respondeu moderadamente que a longa viagem o tinha cansado.

Rispidamente, o samorim replicou que o capitão-mor havia dito que viera de um reino muito rico em uma missão de amizade. Ainda assim, ele não tinha trazido nada para provar isso. Que espécie de amizade ele tinha em mente? Prometeu também entregar uma carta, e tampouco a havia apresentado.

"Eu não trouxe nada", respondeu Gama, ignorando energicamente sua fria recepção, "porque o objetivo de minha viagem era apenas fazer descobertas." Era incerto, acrescentou, se ele alcançaria Calcutá de uma maneira nunca antes tentada. Quando outros navios chegassem por lá, o samorim veria o quão rico era o seu país. Quanto à carta, era verdade que ele tinha trazido uma, e iria entregá-la imediatamente.

O samorim não se deixou enredar pelas palavras de Gama, e então perguntou o que o capitão-mor tinha vindo descobrir. Eram pedras, ou homens? Se veio em busca de homens, por que não trouxe presentes? Talvez ele tivesse trazido, mas não quisesse entregá-los. O samorim foi informado de que havia, a bordo de um dos navios, uma estátua de ouro de uma Santa Maria.

Gama respondeu indignado que a estátua não era feita de ouro, mas de madeira dourada. Mesmo se fosse de ouro, ele não se separaria dela. A Santa Virgem o tinha guiado com segurança através do oceano e iria levá-lo de volta ao seu país.

O samorim recuou e, em vez disso, pediu para ver a carta.

Gama pediu a ele que primeiro procurasse um cristão que falasse árabe. Já que os muçulmanos queriam fazer-lhe mal, eles sem dúvida iriam deturpar o seu conteúdo.

O samorim concordou, e todos esperaram até que um jovem tradutor aparecesse.

Havia duas cartas, explicou Gama quando eles retomaram o assunto: uma escrita em sua própria língua e outra em árabe. Ele conseguiria ler a primeira, e sabia que não havia nada nela

que pudesse ofender; quanto à outra, não poderia lê-la, e embora pudesse ser perfeitamente boa, poderia também conter erros enganosos. Presumivelmente, ele esperava que os "cristãos" conferissem em árabe com Fernão Martins, a quem trouxera consigo para a corte, a fim de verificar o conteúdo da carta antes de entregá-la ao malaiala. Seu cuidadoso plano foi frustrado quando descobriu-se que o jovem tradutor, embora falasse árabe, era completamente incapaz de lê-la, e, no final, Gama foi forçado a entregar sua missiva a quatro muçulmanos. Eles examinaram-na e traduziram-na em voz alta, na língua do rei.

A carta estava cheia de bajulação real. O rei Manuel, dizia, tinha ouvido que o samorim não era apenas um dos mais poderosos reis de todas as Índias, mas também um cristão. Assim, enviou imediatamente os seus homens para estabelecer um tratado de amizade e comércio com ele. Se o samorim lhes desse uma licença para comprar especiarias, Manuel lhe enviaria muitas coisas que não existiam na Índia; e se as amostras que seu capitão-mor tinha levado consigo não fossem satisfatórias, ele estaria disposto a lhe enviar ouro e prata no lugar.

O samorim relaxou um pouco com a perspectiva de impulsionar a sua receita com um novo influxo de bens tributáveis.

"Que tipo de mercadoria se encontra no seu país?", perguntou ele a Gama.

E o capitão-mor respondeu: "Muito milho, pano, ferro, bronze e muitas outras coisas".

"Você tem alguma dessas mercadorias com você?", perguntou o samorim.

"Um pouco de cada, como amostras", respondeu Gama. Se lhe fosse permitido retornar a seus navios, acrescentou, ele daria ordem para desembarcarem os bens; quatro ou cinco homens ficariam em seus alojamentos como garantia.

Para indignação de Gama, o samorim recusou. O capitão-mor poderia levar todo o seu povo com ele imediatamente, disse. Poderia levar seus navios apropriadamente até o porto como um mercador comum, desembarcar sua carga e vendê-la pelo melhor preço que pudesse obter.

Gama não tinha intenção de fazer qualquer coisa do tipo. Ele sabia muito bem que suas mercadorias não valiam quase nada, e viera para fazer um tratado diretamente com o samorim, não para trocar bugigangas com os comerciantes muçulmanos. Despediu-se da corte, pegou seus homens e voltou para seus aposentos. Já era tarde da noite, e por isso não fez nenhuma tentativa de partir.

Na manhã seguinte, representantes do samorim chegaram com outro cavalo sem sela para o seu uso. Mesmo que eles não estivessem sendo maldosos, Gama se recusou a embaraçar-se ainda mais e exigiu um palanquim. Após uma espera para pedir um palanquim a um rico comerciante, o grupo partiu na longa viagem de volta para os navios, acompanhado por outro grande destacamento de soldados e mais multidões curiosas.

Os outros portugueses estavam a pé, e logo ficaram para trás. Eles caminhavam pela lama da melhor forma possível quando o *wali* alcançou-os em seu próprio palanquim, mas em pouco tempo ele e o grupo principal estavam fora de vista. Os homens perderam o seu caminho e

vagaram ao longe, no interior, e eles se desviariam para ainda mais longe se o *wali* não tivesse enviado um guia para resgatá-los. Finalmente, à medida que a luz ia se apagando, eles reencontraram o caminho e chegaram a Pantalayini.

O sol já tinha se posto quando eles encontraram Gama em uma das muitas casas de repouso que ladeavam a estrada para o porto a fim de proteger os viajantes da chuva. Ele deu a seus homens um olhar de ódio e afirmou energicamente que, se quisessem acompanhá-lo, ele estaria de volta a bordo de seu navio.

O *wali* estava com ele, junto com um grande grupo de seus homens, e Gama exigiu um barco imediatamente. Os indianos sugeriram que ele esperasse até de manhã. Já era tarde, explicaram, e ele poderia se perder na escuridão.

Gama não estava disposto a ouvir. Se o *wali* não lhe fornecesse um barco de imediato, insistiu, ele voltaria para a cidade e informaria ao samorim que seus oficiais tinham se recusado a escoltar os visitantes até seus barcos. Eles estavam claramente tentando detê-lo, acrescentou; esta era uma forma muito errada de se comportar com um companheiro cristão.

"Quando eles viram a aparência sombria do capitão", relatou o Cronista, "disseram que ele estava livre para sair quando quisesse, e que lhe dariam trinta barcos se fosse preciso."

Na escuridão, os indianos levaram os portugueses para a praia. Os barcos que estavam ali usualmente pareciam ter desaparecido junto com seus donos, e os *wali* despacharam alguns homens para encontrá-los. Gama foi ficando cada vez mais desconfiado, e convenceu-se de que o governador estava blefando. Como precaução, ele disse secretamente a três homens que se encaminhassem para a praia e procurassem pelos barcos de Nicolau Coelho; se eles o encontrassem, deveriam dizer-lhe que desaparecesse. Os que procuravam não encontraram nada, e quando voltaram o restante do grupo tinha desaparecido.

Assim que o *wali* percebeu que estavam faltando três marinheiros, escoltou os estrangeiros restantes para a mansão de um comerciante muçulmano e os deixou lá, explicando que ele e seus soldados iriam procurar pelos homens extraviados. Já era tarde, e Gama ordenou que Fernão Martins comprasse alguns alimentos de seus hospedeiros. Após seu passeio desgastante, os homens estavam famintos e, caindo desajeitadamente no chão, começaram a comer pratos de frango e arroz.

A equipe de busca não retornou até a manhã, e a essa altura o humor de Gama já havia melhorado. Afinal de contas, os indianos pareciam bem-intencionados, disse ele com bom humor aos seus homens; sem dúvida eles estavam certos ao alertar contra uma expedição no escuro. Pela primeira vez, os homens foram menos otimistas que seu comandante, e olharam com desconfiança ao redor.

Era 1o de junho. Os três batedores não haviam sido encontrados, e Gama deduziu que tinham partido com Coelho. Mais uma vez ele pediu barcos, mas em vez de concordar, os homens do *wali* começaram a sussurrar entre si. Por fim, disseram que iriam satisfazê-lo, se o capitão-mor ordenasse à sua frota que ancorasse mais perto da costa.

Isso era complicado, uma vez que o samorim tinha feito o mesmo pedido, mas Gama estava determinado a não colocar seus navios e sua tripulação em perigo. Se ele desse tal ordem, respondeu, seu irmão deduziria que ele era um prisioneiro e imediatamente navegaria de volta para casa.

Se Gama não desse exatamente esta ordem, rebateram os indianos, ele e seus homens não teriam permissão para partir.

Os dois lados pareciam ter chegado a um impasse; Gama ficou vermelho de indignação. Nesse caso, disse laconicamente, a melhor coisa para ele seria voltar a Calcutá. Se o samorim quisesse que ele permanecesse em seu país e se recusasse a deixá-lo partir, acrescentou, ele ficaria feliz em obedecer. Se não, o samorim ficaria interessado em saber que suas ordens haviam sido descaradamente desobedecidas.

Os indianos pareceram ceder, mas antes que alguém pudesse fazer um movimento, uma grande força de homens armados apareceu na casa e as portas se fecharam. Ninguém era autorizado a sair, mesmo para se aliviar, sem um destacamento pessoal de guardas.

Os oficiais logo voltaram com uma nova demanda. Se os navios não fossem para a praia, disseram, eles teriam que desistir de suas velas e lemes.

Eles não fariam tal coisa, Gama respondeu. Os indianos poderiam fazer o que quisessem, mas ele não desistiria. Seus homens, porém, acrescentou, estavam morrendo de fome. Se ele iria ser detido, seus homens não poderiam ser soltos?

Os guardas recusaram. Os portugueses deveriam ficar onde estavam, responderam. Se morressem de fome, que assim o fosse, pois isso não significava nada para eles.

O capitão-mor e seus homens estavam começando a temer pelo pior, embora tivessem feito o melhor para mostrar uma face corajosa. Enquanto aguardavam pelo próximo movimento de seus captores, um dos marinheiros desaparecidos retornou. Os três batedores, relatou ele, tinham realmente encontrado Nicolau Coelho na noite anterior, mas em vez de se esconder, como Gama tinha insistido, Coelho permanecia esperando-os ao largo da praia.

Em segredo, Gama disse a um de seus homens que escapasse e passasse para Coelho ordens estritas de retornar aos navios, levando-os então a um local mais seguro. O marinheiro saiu furtivamente, correu até a praia e saltou em um dos barcos, que imediatamente partiu em direção à frota. Porém, os guardas o avistaram e deram o alerta. De repente, os barcos indianos que estavam sendo esperados apareceram e os guardas arrastaram uma considerável flotilha para a água. Remaram furiosamente atrás dos portugueses que se retiravam, mas logo perceberam que não podiam alcançá-los. Em vez disso, voltaram para a orla e disseram ao capitão-mor para escrever a seu irmão, ordenando-lhe que trouxesse os navios para o porto.

Gama respondeu que estava disposto a cumprir a ordem, mas, como já havia explicado, seu irmão nunca concordaria com isso. E mesmo que concordasse, seus marinheiros não se moveriam, pois não estavam dispostos a morrer.

Os indianos se recusaram a acreditar. Ele era o comandante, protestaram; certamente qualquer ordem que desse seria obedecida.

Os portugueses se juntaram e conversaram sobre a situação. Gama estava decidido a manter os navios fora do porto a qualquer custo; uma vez que entrassem, explicou, seus canhões de longo alcance seriam inúteis e eles poderiam ser facilmente capturados. Quando os indianos apreendessem a frota, acrescentou, sem dúvida iriam matá-lo primeiro e depois o restante deles. Seus homens concordaram; eles já tinham chegado à mesma conclusão.

O dia passava e a tensão crescia. Naquela noite, uma centena de guardas se agrupava em torno dos prisioneiros e se revezava para manter a vigia. Eles estavam armados com espadas, machados de guerra de dois gumes e arcos e flechas, e estavam ficando impacientes. Os portugueses convenceram-se de que seriam tirados à força, um a um, e no mínimo agredidos, embora ainda tivessem conseguido fazer um bom jantar a partir da produção local.

Na manhã seguinte, o *wali* voltou e propôs um acordo. Tendo o capitão-mor informado ao samorim que pretendia desembarcar seus bens, ele deveria ordenar que isso fosse feito. Era costume em Calcutá que cada navio descarregasse sua carga sem demora, e que a tripulação e os comerciantes permanecessem em terra até que seu negócio estivesse terminado. Desta vez, eles fariam uma exceção, e Gama e seus homens poderiam retornar a seus navios assim que a mercadoria chegasse.

Gama não tinha prometido tal coisa, mas não estando em posição de discutir, se sentou e escreveu uma carta ao irmão. Explicou que estava sendo retido, embora tenha tido o cuidado de dizer que estava sendo bem tratado, e disse a Paulo que enviasse alguns — não todos — de seus bens de troca. Caso ele não conseguisse dar um retorno rápido, acrescentou, Paulo deveria deduzir que ele ainda era um prisioneiro e que os indianos estavam tentando sequestrar os navios. Nesse caso, Paulo deveria navegar para Portugal e explicar tudo ao rei. Ele acreditava que Manuel despacharia uma grande frota de guerra para recuperar sua liberdade.

Paulo imediatamente carregou um barco com algumas mercadorias, muito embora, após uma acalorada discussão com os mensageiros, tenha enviado de volta uma resposta de que não poderia viver com a desonra de retornar para casa sem o irmão. Ele acreditava que, com a ajuda de Deus, sua pequena força seria capaz de libertá-lo.

O barco chegou à costa e os bens foram transferidos a um armazém vazio. O *wali* manteve-se fiel à sua palavra, e Gama e seus homens foram dispensados. Eles voltaram para a frota, deixando para trás o funcionário Diogo Dias e um assistente para cuidar da mercadoria.

"Com isto nós nos alegramos muito", registrou o Cronista, "e demos graças a Deus por nos ter livrado das mãos de pessoas que não tinham mais consciência do que animais."

# 12. Perigos e delícias

O sol se põe na costa do Malabar na forma de uma gigante bola de fogo laranja que majestosamente se afunda no oceano Índico. O céu fica estriado de laranja e limão, creme e azul. Mar adentro, sopros de nuvens cúmulos são capturados no brilho, iluminado por baixo, como a parte inferior e irregular do céu. Sobre a terra, finos cirros se colorem de um delicado — mas intenso — violeta, se movimentando sobre o topo das florestas de palmeiras. Suaves vagas lançam ondulações brônzeas em direção à praia; os tufos flutuantes de algas, os últimos barcos no mar e os corvos que voam entre os galhos das árvores do litoral se projetam contra o fogo morrediço das fogueiras. O dia acaba em uma orgia de turquesa, azul-celeste, amarelo, rosa salmão, cor de umbra e areia, e à medida que as nuvens escurecem e se tornam um borrão de aquarela de azuis, cinzas e branco, a noite cai sobre Calcutá.

Nem mesmo o marinheiro mais calejado era imune à beleza da Índia. No entanto, as velhas lendas que falavam de perigos à espreita no Paraíso mostraram-se verdadeiras. Para os portugueses, afinal, havia serpentes guardando as plantações de pimenta do Oriente.

Nos dias que se seguiram ao retorno de Gama ao navio, o armazém português recebeu um constante fluxo de visitantes, mas nenhum comprador. Os mercadores muçulmanos só apareciam para zombar deles, e depois de alguns dias Gama enviou um mensageiro ao palácio com uma queixa oficial sobre a maneira como ele, seus homens e seus bens estavam sendo tratados. Ele aguardava as ordens do samorim, acrescentou pontualmente; ele e seus navios estavam a seu serviço quando decidiu qual atitude tomar.

O mensageiro voltou rapidamente com um nobre naire, que devia guardar o armazém, bem como sete ou oito mercadores para inspecionar as mercadorias e comprar o que achassem adequado. O samorim, relatou ele, estava irritado com os homens que haviam detido o capitão-mor e pretendia puni-los por serem maus cristãos. Ele autorizou os portugueses a matar qualquer muçulmano que entrasse em seu armazém, sem medo de represálias. Não sabendo o quão poderoso podia ser o rei de Portugal, o governante tinha decidido cobrir as apostas.

Os comerciantes permaneceram por oito dias, mas não se interessaram pelas mercadorias europeias e não compraram nada. Os muçulmanos mantiveram distância, mas seu estado de espírito era perigoso. Cada vez que os marinheiros desembarcavam, seus rivais cuspiam no chão. "Portugal, Portugal", eles sussurravam, pronunciando o nome do país com escárnio. Gama ordenou a seus homens que rissem disso, mas os ânimos estavam exasperados.

Estava claro que ninguém em Pantalayini iria comprar um único fardo de pano, e Gama enviou outra mensagem ao samorim pedindo permissão para encaminhar a mercadoria a Calcutá. Mais uma vez o governante cedeu, fazendo com que o *wali* montasse uma equipe de

carregadores para levar o lote inteiro em suas costas. Isso seria feito às suas próprias custas, disse o samorim tranquilizando o capitão-mor; nada que pertencesse ao rei de Portugal seria sobrecarregado com custos em seu país.

Era 24 de junho. Uma série de violentas ondas lançava os navios para cima e para baixo e grossos pingos de chuva caíam como bolas de gude sobre o convés. Os bens não vendidos estavam a caminho de Calcutá em lombos de animais e por barco, mas não se esperava que viesse muito daí. Gama concluiu que seu irmão tivera razão o tempo todo, e prometeu que nunca pisaria novamente em solo estrangeiro. Nestas circunstâncias, decidiu que era justo deixar que seus homens tentassem salvar alguma coisa do desastre trocando alguns poucos pertences por especiarias. O modo mais seguro, disse-lhes, era que um homem de cada navio fosse até a terra firme, e um de cada vez; dessa forma, todos teriam a sua vez e não haveria um número tentadoramente grande de reféns a caminho do perigo.

Lá se foram eles, em duplas ou em trios, passando pelos barcos atracados à praia, pelas cabanas de pescadores, por pequenos templos e pelas crianças brincando e dançando na chuva ao longo do extenso caminho para Calcutá. Eles vislumbraram pavilhões com arcadas pintados em estimulantes verdes e azuis em meio a exuberantes jardins e pomares, observando com prazer como os onipresentes macacos cinzas ficavam sobre as patas traseiras, rangiam os dentes e se escondiam para dentro. Imponente ou simples, cada casa tinha um grande pórtico de entrada com um piso de madeira brilhante tão limpo como uma mesa onde os estrangeiros foram prontamente servidos de comida e bebida e de um lugar para descansar. Após a recente experiência, os portugueses ficaram aliviados ao descobrir que pelo menos os habitantes locais eram calorosamente hospitaleiros. Os marinheiros, observou o Cronista, "foram bem recebidos pelos cristãos ao longo do caminho, os quais mostravam muito prazer quando um deles entrava em uma casa para comer ou para dormir, e davam-lhes livremente tudo o que tinham".

Depois de um ano presos em um navio totalmente masculino, os exploradores olhavam descaradamente para as mulheres indianas. Elas andavam nuas da cintura para cima, embora usassem muitas joias em seus pescoços, pernas, braços, mãos e pés. Buracos em suas orelhas eram preenchidos com ouro e pedras preciosas, e era visivelmente a moda do lugar aumentar os lóbulos das orelhas o máximo possível; a rainha do samorim, registrou um viajante, tinha suas orelhas esticadas até abaixo de seus mamilos. Para seu prazer inquestionável, os marinheiros logo descobriram que o casamento não era uma união sagrada entre a maioria das castas mais elevadas e medianas. Mulheres podiam ter vários "maridos visitantes" de uma vez; a mais popular tinha dez ou mais. Os homens juntavam recursos para manter suas esposas em seu próprio estabelecimento, e quando um marido saía para uma visita noturna, ele deixava suas armas escoradas do lado de fora da porta como um sinal para que os outros ficassem longe dali.

As mulheres retribuíam os olhares dos portugueses; elas estavam igualmente confusas com a forma como eles se enrolavam em complicadas roupas e suavam como esponjas no

calor. Talvez algumas tenham levado suas investigações mais adiante; se não, as "mulheres públicas", algumas das quais também sendo esposas por algumas horas do dia, estavam por toda a parte para serem tomadas. Entre o sistema de prostituição socializada, as prostitutas qualificadas e os aromas orientais de perfumes e unguentos, os homens europeus pensaram ter chegado a uma espécie de paraíso sexual — uma descoberta que provocou muita reclamação moral e mais indulgência. A satisfação, no entanto, teve seu preço. Nicolau de Conti encontrou muitas lojas geridas por mulheres que vendiam objetos estranhos, do tamanho de uma pequena noz e feitos de ouro, prata ou bronze, que tilintavam como um sino. "Os homens", explicou ele,

> antes de tomarem uma esposa, vão a essas mulheres (caso contrário, o casamento seria quebrado), que cortam a pele do membro viril em muitos lugares e colocam entre a pele e a carne até doze desses "sinos" (de acordo com seu prazer). Depois que o membro é costurado, ele fica curado em poucos dias. Eles fazem isso para satisfazer a lascívia das mulheres: por causa dos inchaços, ou tumores, do membro, as mulheres têm grande prazer no coito. Os membros de alguns homens crescem muito entre as pernas, de forma que, quando andam, tilintam tanto que podem ser ouvidos.

Mas não Conti. O italiano, apesar de "desprezado pelas mulheres, pois tinha um membro pequeno e foi convidado a corrigir essa situação", não estava disposto a dar prazer a outros por meio de sua dor.

Os marinheiros mais curiosos relataram costumes ainda mais estranhos. Vacas vagavam por toda parte, inclusive no palácio real, e eram tratadas com grande honra; mesmo o samorim cedia lugar a elas. No entanto, muitos homens e mulheres eram afastados como se fossem leprosos. Quando os brâmanes e naires andavam pelas ruas, eles gritavam "*Po! Po!*" — "Vá! Vá!" —, um aviso para as castas mais baixas saírem do caminho. Se um inferior não conseguia se encolher para o lado e abaixar a sua cabeça, por mais rico e influente que fosse, seu superior poderia "perfurá-lo livremente, e ninguém perguntaria por que ele fez isso". Uma vez tocado — mesmo pelos portugueses —, os bem-nascidos tinham que se purificar com um banho ritual; se não tomassem cuidado, explicaram, teriam que se banhar durante todo o dia.

Castas inferiores não eram permitidas em qualquer lugar perto da cidade; viviam nos campos e comiam ratos e peixes secos, e se tocassem nos seus superiores, tanto eles quanto seus parentes seriam criticados. Sem surpresa, muitos se converteram ao Islã. Uma das castas mais sujas de todas — as feiticeiras e os exorcistas —, contudo, se saiu muito bem quando o samorim esteve doente. Eles montaram uma barraca em seu portão, pintaram um arco-íris em seus corpos, vestiram coroas feitas de ervas e flores e acenderam uma fogueira. Em uma cacofonia de trombetas, timbales e pratos, saltavam de dentro de suas tendas gritando e fazendo caretas, soprando bolas de fogo e pulando sobre as chamas. Depois de dois ou três dias, desenharam círculos no solo e giraram até que o diabo entrou neles e revelou como curar a doença real. Sem falta, o samorim fez tal como lhe foi dito.

Mais estranhos ainda — mesmo para os europeus que cresciam ouvindo histórias de

autoabuso santificado — eram os rituais religiosos dos indianos. Alguns em estado de êxtase, eles descobriram, apresentavam-se aos sacerdotes já preparados para a autoimolação:

> Estes têm em seu pescoço um pedaço grande e circular de ferro, cuja parte da frente é redonda e a parte de trás é extremamente afiada. Uma corrente presa à parte da frente fica suspensa sobre o peito. Nesta, as vítimas inserem os seus pés, sentando-se com suas pernas puxadas para a frente e o pescoço dobrado. Então, quando a pessoa que fala pronuncia certas palavras, eles de repente esticam suas pernas e, ao mesmo tempo, levantam o pescoço, cortando suas próprias cabeças, dando suas vidas em sacrifício a seus ídolos. Esses homens são vistos como santos.

As épocas dos festivais eram particularmente populares para atos suicidas de devoção. Em determinado dia do ano, um ídolo acompanhado por meninas cheias de joias cantando hinos era arrastado pelas ruas em uma carroça puxada por uma fila de elefantes. Um observador europeu informou que numerosos indianos,

> levados pelo fervor de sua fé, jogavam-se no chão perante as rodas, de modo que eles fossem esmagados até a morte, um tipo de morte que eles dizem ser muito aceitável para os seus deuses. Outros, fazendo uma incisão na lateral e inserindo uma corda através de seus corpos, penduram-se à carruagem a título de ornamento, e assim, suspensos e meio mortos, acompanham seu ídolo. Eles consideram esse tipo de sacrifício o melhor e o mais aceitável de todos.

No entanto, aos olhos estrangeiros — tanto muçulmanos quanto cristãos —, a cerimônia do sati era o costume mais estranho de todos. Por lei, a primeira mulher era obrigada a ser queimada, enquanto as demais esposas, conforme relatou um viajante, eram casadas

> sob o acordo expresso de que deveriam aumentar o esplendor da cerimônia funeral por meio de sua morte, e esta era considerada uma grande honra para elas [...] Quando a pira é acesa, a mulher, ricamente vestida, caminha alegremente ao redor dela, cantando, acompanhada por uma grande multidão de pessoas, em meio a sons de trombetas, flautas e músicas [...] e pula no fogo. Se algumas delas mostram medo (pois frequentemente acontece de ficarem estupefatas pelo terror da visão das outras se debatendo no fogo), são jogadas no fogo por passantes, queiram elas ou não.

Os ocidentais achavam o espetáculo morbidamente fascinante. "É notável", outro espectador observou, "que o corpo da mulher tenha uma tal propriedade oleosa, que um corpo servirá como óleo ou lubrificante para consumir os corpos de cinco ou seis homens."

Após esse curso rápido de cultura indiana, os marinheiros foram para as praças apinhadas do mercado e para os bazares atrás do porto. Lá eles tentaram vender seus poucos pertences — alguma pulseira de latão ou cobre, uma camisa nova, ou até mesmo as antigas camisas de linho que tiravam do corpo. Eles descobriram que tinham sido muito otimistas a respeito do valor dos bens portugueses no Oriente: o que em Portugal seria uma roupa muito fina, ali valia apenas um décimo do preço que era conseguido em casa. Lá eles as vendiam pelo que conseguissem — um punhado de cravo, um pacote de canela, uma ou duas granadas, safiras ou pequenos rubis —, até mesmo para levarem como lembrança. À noite, os comerciantes

fechavam suas lojas com barras de ferro e cadeados pesados, os oficiais do samori colocavam barreiras ao redor da área de negócios e os marinheiros voltavam para os navios.

Conforme a tripulação se sentia em casa na cidade, os habitantes locais remavam e subiam a bordo dos navios, oferecendo cocos, galinhas e peixes em troca de pão, biscoitos ou moedas. Muitos traziam seus filhos e crianças para que vissem os estranhos navios. Alguns estavam claramente com fome e Gama ordenava a seus homens que os alimentassem, não tanto por um surto de generosidade, mas "pelo objetivo de estabelecer relações de paz e amizade e induzi-los a falarem bem de nós, e não mal". As relações corriam tão bem que muitas das vezes já era tarde da noite quando os visitantes partiam, e o capitão-mor se entusiasmava. Ele decidiu deixar um administrador, um escrivão e uma pequena equipe em Calcutá para driblar os comerciantes e vender diretamente para o povo. Com a ajuda dos amistosos cristãos locais, ele esperava que, mesmo depois de tudo, os portugueses pudessem fincar raízes na Índia.

Quando todos os homens tiveram sua vez, já era agosto, e Gama estava mais do que pronto para ir para casa. Antes que desse a ordem, enviou seu secretário Diogo Dias para informar o samorim que a frota estava se preparando para partir e pedia os embaixadores prometidos. Dias também ofereceu um último presente ao governante — um baú cheio de âmbar, coral, cachecóis, sedas e outras coisas bonitas —, e em troca requisitava grandes quantidades de canela e cravo, juntamente com amostras de outras especiarias. Se necessário, o administrador que ficaria por lá pagaria por eles quando tivesse os fundos suficientes. Era uma aposta alta, mas Gama estava ciente de que Cristóvão Colombo havia retornado sem provas claras de que tivesse chegado às Índias, e ele não queria cometer o mesmo erro.

Dias esperou por quatro dias. Quando foi finalmente admitido na corte para a audiência, o samorim lançou-lhe um olhar fulminante e o ouviu com impaciência. Rejeitou os presentes e, quando Dias terminou, ele advertiu que os portugueses precisariam pagar a taxa de embarque habitual antes que pudessem sair.

Dias se despediu, dizendo que transmitiria a mensagem, mas nunca mais voltou à frota. Ele foi seguido desde o momento em que deixou o palácio, e quando parou no armazém português, uma força de homens armados subitamente invadiu o recinto e bloqueou a porta. Ao mesmo tempo, uma proclamação veio a público na cidade, proibindo que qualquer barco se aproximasse dos navios dos estrangeiros, sob pena de morte.

Dias, o administrador, o escrivão e seus assistentes foram presos no armazém. Um menino africano tinha ido com eles como servo, e disseram-lhe para ir até a frota e explicar a situação. O menino fugiu para o bairro dos pescadores e pagou a um capitão para que o levasse em seu barco. Sob a cobertura da escuridão, o pescador remou até a frota, deixou seu passageiro a bordo e voltou para a praia.

Quando ouviram o que tinha acontecido, os portugueses ficaram mais desanimados e confusos do que nunca.

"Essa notícia nos deixou tristes", registrou o Cronista,

> não só porque vimos alguns dos nossos homens nas mãos de nossos inimigos, mas também porque impedia nossa partida. Também fiquei triste que um rei cristão, a quem nos tínhamos dado, nos prejudicasse tanto. Ao mesmo tempo, nós não o consideramos tão culpado quanto ele parecia ser, pois estávamos bem conscientes de que os mouros do lugar, que eram comerciantes de Meca e de outros lugares, e que nos conheciam, não nos aceitavam.

Eles ainda não entendiam por que o samorim não partilhava da emoção desse momento histórico — o momento em que seus irmãos cristãos haviam navegado para o Oriente.

Outra pessoa logo os esclareceu. Monçaíde, o comerciante de Túnis, visitava a frota frequentemente, até porque Gama pagara a ele para que trouxesse informações da costa. Com sua ajuda, os portugueses montaram uma versão plausível do que tinha dado errado.

O fracasso dos estrangeiros em trazer um tributo adequado para o samorim, explicou Monçaíde, tinha sido um presente para os muçulmanos da cidade. Os mappilas começaram a se preocupar com o fato de que os portugueses pudessem arruinar seus negócios, e então conspiraram para aprisionar Gama, capturar seus navios e matar seus homens. Eles haviam sugerido aos conselheiros do samorim que o capitão-mor não era um embaixador, mas um pirata que roubava e saqueava, e assim levaram o caso para o *wali*. O *wali* comunicou devidamente ao samorim que todo mundo havia dito que os portugueses eram corsários banidos de seu próprio país. A carta que supostamente tinha vindo do rei português, acrescentou ele, era sem dúvida uma ficção; qual rei, em seu perfeito juízo, enviaria uma embaixada para tão longe unicamente em busca de amizade? Mesmo que fosse real, amizade significava comunicação e assistência, e Portugal estava a um mundo de distância da Índia em geografia e cultura. Além disso, esse rei supostamente poderoso tinha dado pouca prova de seu poder com os presentes que enviara. Por fim, instou que era muito melhor o samorim salvaguardar os lucros que obtinha dos muçulmanos do que confiar em promessas de homens que vieram das extremidades da Terra.

De acordo com Monçaíde, o samorim ficou surpreso com as notícias, e sua atitude em relação aos europeus endureceu. Os comerciantes, por sua vez, subornaram o *wali* para deter Gama e seus homens, de maneira que pudessem matá-los sub-repticiamente. O *wali* havia saído da cidade após a partida do explorador, e tinha acabado de deixar seus cativos saírem quando o samorim mudou de ideia. Embora a trama tivesse falhado, os muçulmanos continuaram com sua campanha, e o samorim finalmente se convenceu a favor deles. Monçaíde alertou Gama e seus homens para não colocarem os pés na cidade, caso valorizassem suas vidas, e dois indianos visitantes corroboraram suas palavras ameaçadoras. "Se os capitães fossem à terra firme", declararam eles, "suas cabeças seriam cortadas, uma vez que esta era a forma de o rei tratar com aqueles que vinham ao seu país sem lhe dar ouro".

"Tal era então o estado das coisas", o Cronista desoladamente registrou.

Assim acreditavam os portugueses. Havia, no entanto, uma explicação mais simples para

os problemas de Vasco da Gama. Era costume embaixadores presentearem o samorim com objetos caros. Era lei para comerciantes visitantes pagar um dízimo em troca de desfrutar de sua hospitalidade e proteção. Gama apresentou-se tanto como embaixador quanto como comerciante, e em ambos os casos ele não entregou o ouro.

A verdade estava em algum lugar entre essas duas hipóteses, mas, em qualquer caso, pouco poderia ser feito. Na ausência de aliados cristãos ou especiarias que pudessem ser colhidas como flores na primavera, os portugueses tinham apenas uma solução: a força bruta.

No dia seguinte ninguém visitou os navios, mas no outro dia, quatro jovens se aproximaram com joias para vender. O capitão-mor, cauteloso, decidiu que os comerciantes muçulmanos os tinham enviado como espiões, mas deu-lhes calorosas boas-vindas na esperança de que figuras mais importantes viessem em seguida.

Depois de quatro ou cinco dias, um grupo de 25 pessoas chegou, e entre eles estavam seis nobres naires. Gama colocou para funcionar sua armadilha e prendeu seis homens, juntamente com mais uma dúzia, só por precaução. O restante foi acondicionado em um barco e enviado de volta à praia com uma carta endereçada ao chefe de segurança do samorim, escrita em malaiala por dois dos indianos. Sua essência era que os portugueses propunham uma troca de reféns.

A notícia se espalhou rapidamente. Parentes e amigos dos reféns se reuniram no armazém português, forçaram os guardas a desistirem de seus cativos e, de forma incisiva, entregaram-nos à casa do administrador.

Era 23 de agosto e Gama decidiu fingir que partia. A monção ainda estava com rajadas fortes, e os navios foram soprados ao mar para mais longe do que ele pretendia. No dia seguinte, eles foram soprados de volta em direção à terra. Dois dias depois, ainda sem nenhum sinal de seus homens e com um vento mais estável, eles se afastaram novamente até que a praia ficasse visível apenas no horizonte.

No outro dia, um barco se aproximou com uma mensagem. Diogo Dias havia sido transferido para o palácio real. Se os portugueses libertassem os reféns, ele seria devolvido.

Gama tinha certeza de que seus homens haviam sido mortos e que seus inimigos tentavam ganhar tempo. Ele estava consciente de que as frotas árabes chegariam dentro de algumas semanas e convenceu-se de que os muçulmanos de Calcutá preparavam um ataque conjunto contra os cristãos. Ameaçou abrir fogo contra o barco e advertiu os mensageiros para que não voltassem sem o seu administrador, ou pelo menos com uma mensagem dele. Era melhor que agissem rapidamente, vociferou, ou ele cortaria as cabeças dos reféns.

Armou-se um vento forte e a frota navegou pela costa.

Em Calcutá, as manobras de Gama pareciam ter funcionado. O samorim mandou buscar Dias, e dessa vez ele o recebeu de uma maneira marcadamente amigável. Por que, perguntou-lhe, o capitão-mor partia com seus súditos a bordo?

O samorim sabia perfeitamente bem o porquê, respondeu Dias de forma ácida, deixando sua indisposição finalmente aparecer. Ele o havia aprisionado juntamente com seus homens e ainda os estava impedindo que voltassem a seus navios.

O samorim fingiu espanto. O capitão-mor tinha feito a coisa certa, declarou ele, virando-se para seu administrador.

"Você não sabe", perguntou ele em tom ameaçador, "que muito recentemente matei outro administrador porque ele cobrou tributo sobre alguns comerciantes que tinham vindo para o meu país?".

Ele se virou para Dias e disse: "Volte para os navios, você e os outros que estão consigo. Diga ao capitão que me mande os homens que tomou como reféns. Diga-lhe que o pilar que ele desejava que fosse erguido na praia será trazido de volta por aqueles que levaram vocês e será colocado, e que você pode permanecer aqui com sua mercadoria".

Antes que saísse, o samorim fez Dias escrever uma carta com uma pena de ferro sobre uma folha de palmeira. Era endereçada ao rei de Portugal.

"Vasco da Gama", dizia a carta, depois das sutilezas de costume, "um cavalheiro de sua casa, veio para o meu país, com o que eu fiquei satisfeito. Meu país é rico em canela, cravo, gengibre, pimenta e pedras preciosas. Em troca eu lhe peço ouro, prata, corais e pano escarlate".

O samorim instruiu o secretário para entregar a carta ao capitão-mor, a fim de que a levasse ao seu rei. No final, ele decidiu que valia a pena ver se os estrangeiros podiam retornar com mais bens valiosos.

Na manhã de 27 de agosto, sete barcos navegaram em direção à frota portuguesa com Dias e seus homens a bordo. Os indianos estavam relutantes em chegar muito perto do navio de Gama; depois de algum debate, eles cautelosamente se aproximaram do escaler que estava ligado à popa do *São Gabriel*. Os homens libertados subiram a bordo e os barcos recuaram um pouco, à espera da resposta.

Os indianos não tinham trazido consigo a mercadoria portuguesa, pois esperavam que o administrador e sua equipe voltassem à cidade. Gama tinha outras ideias. Agora que seus homens estavam em segurança a bordo, ele não ia desistir deles. Ordenou que se transferisse o pilar para os barcos e mandou de volta vários dos reféns, incluindo os seis naires. Mas manteve seis reféns, prometendo libertá-los se os seus bens fossem devolvidos no outro dia.

Na manhã seguinte, o amigável comerciante tunisiano apareceu em uma grande agitação. Monçaíde subiu a bordo e implorou por asilo. Todos os seus bens haviam sido apreendidos e ele estava temeroso por sua vida. Os indianos viram-no em bons termos com os portugueses e o acusaram de ser um cristão secreto que tinha sido enviado para espionar sua cidade. Dada a sua habitual falta de sorte, lamentou, ele sem dúvida seria assassinado se ficasse por lá. Monçaíde mostrou ser um informante útil, e Gama concordou em levá-lo para Portugal.

Às dez horas, outros sete barcos se aproximaram. Espalhados ao longo dos bancos de

areia havia doze fardos de pano listrado pertencentes aos portugueses. Aquilo, insistiram os homens do samorim, era tudo o que tinha sido encontrado no armazém.

Gama, sem cerimônia, disse-lhes que fossem embora. Ele não deu a menor atenção à mercadoria, gritou de volta seu tradutor, e levaria seus prisioneiros para Portugal. Era verdade que muitas das mercadorias ainda estavam desaparecidas, mas, mais precisamente, Gama precisava de alguns indianos para servir como testemunha de sua descoberta e o samorim tinha renegado sua promessa de enviar embaixadores. Como um tiro de misericórdia, ele avisou aos homens nos barcos que ficassem atentos e prometeu que, com sorte, logo estaria de volta. Então, eles iriam descobrir se deveriam ter escutado os muçulmanos que chamaram a ele e a sua tripulação de ladrões. Em seu comando, os artilheiros secundaram suas palavras com uma salva de bombardas, e os indianos remaram com pressa.

Era quase o final de agosto. Gama conferenciou com seus capitães e eles rapidamente chegaram a uma decisão. O Cronista escreveu:

> Na medida em que tínhamos descoberto o país que procurávamos, como também especiarias e pedras preciosas, e que parecia impossível estabelecer relações cordiais com o povo, seria melhor que partíssemos. E foi resolvido que deveríamos levar conosco os homens que detínhamos, uma vez que, em nossa volta para Calcutá, eles poderiam ser úteis para nos ajudar a estabelecer relações amigáveis. Nós, portanto, partimos para Portugal, muito alegres com nossa boa sorte em termos feito tão grande descoberta.

Ninguém poderia imaginar que as coisas corressem tão bem. O jovem comandante tinha proclamado um bom discurso, mas não tinha feito um acordo com o samorim. Quanto mais tempo ele tivesse ficado, mais humilhante a situação teria se tornado. Depois de três meses, os porões dos navios estavam quase vazios. Pior de tudo, os portugueses estavam profundamente abalados pela hostilidade dos homens que acreditavam ser seus irmãos em Cristo.

A inabilidade dos exploradores logo voltou a assombrá-los, mas, mesmo assim, não havia dúvida de que Vasco da Gama tinha conseguido uma façanha surpreendente. Onde ele tinha ido, milhares depois iriam também, e muitos milhões de vidas poderiam ser mudadas para o bem, embora não necessariamente para melhor.

Agora, tudo o que ele tinha a fazer era ir para casa. Essa viria a ser a parte mais difícil de todas.

O PROBLEMA COMEÇOU no primeiro dia da viagem de regresso.

A frota tinha navegado apenas uma légua de Calcutá quando se encontrou em calmaria. Enquanto as equipes aguardavam o vento, viram de repente setenta grandes barcos a remo vindo em sua direção a partir da costa. Os barcos estavam cheios de mappilas fortemente armados, vestindo couraças acolchoadas e cobertas de pano vermelho. Como Gama havia suspeitado, os comerciantes muçulmanos tinham se ocupado preparando uma frota de guerra, apesar de não terem sido capazes de deter os intrusos em tempo suficiente para que os grandes

navios árabes chegassem.

Os artilheiros foram para seus postos e esperaram pelo sinal do capitão-mor. Assim que o inimigo ficou ao alcance, Gama ordenou que disparassem. Com um *flash* e um *bum*, balas de canhão assobiavam pelo ar e espirravam jatos de espuma ao redor dos barcos. Ainda assim os remadores mantiveram o ritmo, e à medida que o vento finalmente chegava e as velas dos estrangeiros se enchiam, eles remavam ainda com mais força. Durante uma hora e meia eles perseguiram os navios em fuga, até que uma providencial tempestade irrompeu e empurrou os portugueses para o mar.

Passado esse breve pânico, os navios mantiveram seu curso ao norte. Para chegar em casa, Gama tinha aprendido que precisava seguir a costa até que pegasse os ventos frios do nordeste da monção de inverno. Na hora certa, eles iriam soprá-lo de forma constante de volta à África. Naquele momento, contudo, eles ainda estavam a pelo menos três meses longe disso: a monção não começaria a virar até novembro.

Para complicar ainda mais a tarefa dos pilotos, a frota agora estava velejando no marasmo. As brisas sopravam ora da terra, ora do mar, e então se esgotavam. Rajadas chegavam sem aviso prévio e se enfraqueciam em calmarias mortais. Os navios navegaram laboriosamente ao longo da costa; doze dias depois de deixar Calcutá, eles só tinham feito vinte léguas.

Gama pensou profundamente sobre o que tinha acontecido e escolheu um dos reféns — um homem que havia perdido um de seus olhos — para ir a terra firme com uma carta ao samorim. Na carta, escrita em árabe por Monçaíde, ele pedia desculpas por ter-lhe tomado seis súditos como reféns e explicava que pretendia que eles testemunhassem suas descobertas. Ele teria deixado seu administrador, acrescentou, se não receasse que os muçulmanos iriam matá-lo; ele mesmo não desembarcou com mais frequência pela mesma razão. Em última instância, esperava que as duas nações estabelecessem relações de amizade para benefício e lucro mútuos. Como dificilmente esperava que uma carta transformasse a situação, ele deve ter anotado atentamente a informação dada pelos cativos de que o Kolattiri de Cananor, rei dessa parte da costa, estava em guerra com o samorim de Calcutá.

Em 15 de setembro, os navios tinham feito sessenta léguas e ancoraram perto de um pequeno aglomerado de ilhas. A maior delas era uma faixa estreita e longa, rochosa na sua extremidade sul, com colinas baixas delimitadas por uma praia ao norte e um dossel de palmeiras sombreando o centro como altos guarda-chuvas. A duas léguas do continente havia uma ampla baía arenosa, tendo ao fundo uma mata densa. Barcos de pesca saíam da baía oferecendo suas capturas para venda; o capitão-mor entregou algumas camisas aos pescadores, que sorriram de prazer.

Gama finalmente começou a relaxar na atmosfera amigável e perguntou aos locais se gostariam que ele erigisse um pilar sobre a ilha. "Eles disseram," registrou o Cronista, "que ficariam realmente muito contentes, pois a sua edificação confirmaria o fato de que nós éramos cristãos como eles." Ou assim entenderam os portugueses.

O pilar foi colocado no lugar e os portugueses nomearam a ilha com o nome da santa dada ao pilar, Santa Maria. Era quase um prêmio estratégico, mas todo mundo estava desesperado para voltar para casa.

Naquela noite, os navios pegaram uma brisa vinda da terra e seguiram para o norte. Cinco dias depois, navegaram por uma série de belas colinas verdejantes e viram mais cinco ilhas à frente, ao largo da costa. Eles ancoraram em uma enseada perto do continente e Gama enviou um barco para encontrar água fresca e madeira suficientes para que chegassem à África.

Assim que desembarcaram, os marinheiros correram até um jovem, que os levou a uma fenda entre duas colinas que se erguiam de um rio. Lá eles encontraram uma fonte maravilhosamente clara e borbulhante, e, em troca, Gama deu ao guia um capuz vermelho de dormir. Como de costume, perguntou se ele era cristão ou muçulmano. Era cristão, respondeu o homem; pelo menos não era muçulmano, e então escolheu a única alternativa em oferta. Gama disse-lhe que os portugueses também eram cristãos, e ele pareceu muito feliz com a notícia.

Logo em seguida, mais indianos amigáveis apareceram e se ofereceram para levar os visitantes a uma floresta de árvores de canela. Os marinheiros retornaram com braçadas de ramos que cheiravam mais ou menos a canela e vinte nativos carregando galinhas, potes de leite e cabaças. Depois de tantos problemas, as coisas pareciam finalmente estar melhorando.

Na manhã seguinte, enquanto esperavam que a maré virasse de modo que pudessem entrar no rio e encher seus barris de água, os vigias avistaram dois navios de cabotagem costeando a duas léguas de distância. A princípio, Gama não deu importância à notícia, e a tripulação ocupou-se em cortar madeira. Depois de um tempo, porém, ele começou a se perguntar se a distância não fazia com que os navios parecessem menores do que realmente eram. Após a refeição, ele ordenou que alguns dos homens descessem aos barcos para descobrir se eles eram muçulmanos ou cristãos. Como precaução extra, enviou um marinheiro até a gávea, e o vigia gritou que, a seis léguas de distância, no mar aberto, oito navios estavam na calmaria.

Gama decidiu não correr riscos. Os deques foram limpos e ele ordenou aos artilheiros que afundassem os navios assim que estivessem ao alcance.

Quando o vento surgiu, os navios indianos se moveram e rapidamente chegaram a duas léguas de distância dos portugueses. Ao comando de Gama, a frota avançou, armas em prontidão.

Quando os indianos viram os três navios estrangeiros avançando em sua direção, afastaram-se para a costa. Na pressa, um de seus navios teve o leme quebrado, e sua tripulação colocou um barco para fora da popa, saltou e remou para a terra. A caravela de Nicolau Coelho estava mais próxima do navio abandonado e seus homens embarcaram ansiosamente nele, esperando encontrar riquezas nos deques inferiores. Em vez disso, descobriram alguns cocos, quatro frascos de açúcar de palmeira e muitos arcos e flechas, escudos, espadas e lanças; no

porão não havia nada além de areia.

O restante dos navios indianos tinha chegado à praia. Em vez de atacarem e perderem a vantagem de suas armas, os portugueses atiraram contra eles dos barcos, mandando a tripulação lutar em terra. Passado um tempo, os homens de Gama desistiram e se retiraram a uma distância segura, com o navio capturado a reboque. Eles ainda não sabiam de onde os navios tinham vindo, mas na manhã seguinte sete nativos remaram até eles. Os homens em fuga, foi revelado, contaram a eles que tinham sido enviados pelo samorim para perseguir os portugueses. Um famoso pirata chamado Timoja era seu líder, e, se pudessem, sem dúvida teriam assassinado cada um deles, até o último homem.

Não havia como voltar ao continente. A frota saiu na manhã seguinte e ancorou perto de uma das ilhas, a qual os portugueses chamaram de Angediva, a partir de seu nome local. Os indianos lhes contaram que encontrariam outra fonte de água doce por lá, e depois que colocaram o navio capturado em encalhe, Nicolau Coelho se propôs a reconhecer o local.

Coelho desembarcou em uma praia intocada e mergulhou numa exuberante e sempre-viva floresta tropical cheia de coqueiros. De repente, ele se deparou com ruínas do que parecia ser uma grande igreja de pedra sobre uma colina.

Uma única capela ainda estava de pé, e tinha seu telhado refeito em palha. Coelho olhou para dentro.

Havia três pedras pretas no centro, e alguns indianos estavam orando para elas. Ao serem questionados pelos portugueses, eles explicaram que os marinheiros árabes usavam essa ilha para se reabastecerem de água e madeira e haviam expulsado os moradores; eles voltavam somente para cultuar as pedras sagradas.

Próximo à igreja, o grupo de busca descobriu um grande tanque construído da mesma pedra talhada. A água era fresca, e então encheram alguns de seus barris. Quando exploraram mais, encontraram um tanque muito maior no ponto mais alto da ilha e encheram o resto dos barris.

Nesse momento, os três navios estavam em um estado perigosamente inapropriado para navegar. A tripulação começou o longo processo de reparo, arrastando o *Berrio* para a praia em frente à igreja em ruínas, esvaziando-o e carenando-o.

Enquanto trabalhavam arduamente, dois grandes barcos vindos do continente se aproximaram. Eles lembraram os portugueses das rápidas galeotas — pequenas galés a remo com um encolamento raso e um único mastro — nas quais os piratas da costa da Barbária atacavam navios que passavam. Os remadores mergulhavam suas pás ao som dos tambores acompanhados pelo que parecia estranhamente semelhante a gaitas de fole. Bandeiras e flâmulas tremulavam no mastro. A distância, os portugueses podiam ver outros cinco navios se arrastando ao longo da costa, como que esperando para ver o que acontecia.

Os indianos de Calcutá excitadamente advertiram seus captores que não deixassem os visitantes subirem a bordo. Disseram que eles eram piratas que vagavam pelos mares nessa

localidade. Eles fingiriam que tinham vindo em amizade, mas em algum momento sacariam suas armas de fogo, roubar-lhes-iam tudo o que tinham e os tomariam como escravos.

Gama ordenou que o *Rafael* e o *Gabriel* abrissem fogo.

Os homens nos barcos se abaixaram e gritaram para os estrangeiros: "*Tambaram! Tambaram!*" — "Senhor! Senhor!".

Os portugueses já tinham concluído que essa era a maneira pela qual os indianos chamavam a Deus, e deduziram que os homens estavam tentando dizer a eles que eram cristãos. Mesmo assim, presumiram que essa era mais uma cilada, e continuaram atirando. Os remadores viraram-se apressadamente em direção à costa, e Coelho perseguiu-os em seu barco até que Gama, com medo de qualquer outro contratempo, levantou uma bandeira chamando-os de volta.

No dia seguinte, o trabalho no *Berrio* ainda estava em andamento quando uma dúzia de homens apareceu em dois barcos menores. Eles estavam distintamente vestidos e traziam um pacote de cana como presente para o capitão-mor. Ancoraram seus barcos, caminharam até a areia e pediram permissão para olhar os navios dos estrangeiros.

Gama não estava em um estado de espírito hospitaleiro. A essa altura, parecia que toda a costa sabia sobre os portugueses, ao passo que eles próprios não sabiam quase nada sobre a costa. Todos os dias uma nova ameaça se materializava, e ele tinha certeza de que os recém-chegados tinham sido enviados para espioná-lo. Gama gritou com os homens e eles se afastaram, advertindo a outros doze, que chegavam nessa hora em mais dois barcos, para que não atracassem.

O *Berrio* voltou para as águas e a tripulação passou para o *São Gabriel*.

Apesar da recepção hostil, a população local continuava chegando, e alguns até conseguiram vender para os portugueses peixes, abóboras, pepinos e grandes cargas de ramos verdes que cheiravam vagamente a canela. Gama encontrava-se em um estado de espírito menos desconfiado quando uma impressionante figura caminhou até a praia acenando com uma cruz de madeira.

O recém-chegado tinha cerca de quarenta anos e falou um excelente veneziano, bem como árabe, hebraico, siríaco e alemão. Usava uma longa veste de linho e um elegante barrete muçulmano, tendo uma espada curva e curta passada em seu cinto. Ele foi diretamente até o capitão-mor e jogou seus braços ao redor dele. Depois de abraçar os outros capitães, ele explicou que era um cristão vindo do Ocidente, que tinha chegado naquela parte do mundo ainda jovem e tinha estado a serviço de um poderoso senhor muçulmano. Ele teve que se converter ao islamismo, confessou, mas ainda era cristão em seu coração. Ele estava na casa de seu senhor quando chegaram notícias de Calcutá dizendo que homens que falavam uma língua estranha e usavam roupas da cabeça aos pés tinham aparecido do nada. Percebeu imediatamente que eles deviam ser europeus, e então disse a seu mestre que morreria de

tristeza se a ele não fosse permitido visitá-los.

Seu senhor, acrescentou ele, foi a generosidade em pessoa. Disse a ele que convidasse os estrangeiros ao seu país, onde poderiam se servir de qualquer coisa que precisassem — especiarias, provisões e até mesmo navios —, dando inclusive permissão a eles para que ficassem permanentemente por lá, caso gostassem do que vissem.

Gama gostou imediatamente do visitante urbano. Em sua cordialidade ríspida, o capitão-mor agradeceu-lhe por suas ofertas e perguntou-lhe sobre a terra de seu mestre, que descobriu se chamar Goa. Em troca, seu convidado tagarela pediu apenas queijo, explicando que daria a um companheiro que ele tinha deixado no continente como um sinal de que a reunião tinha corrido bem. O queijo foi trazido, juntamente com dois pães recém-saídos do forno, mas ele não tinha pressa em partir. O Cronista notou que ele tinha tanto a falar sobre tantas coisas que às vezes se contradizia.

Paulo da Gama estava começando a ficar desconfiado e decidiu conversar com os marinheiros que tinham trazido o visitante. Eles eram hindus e não se mostraram muito amigos de seu cliente muçulmano. Este era um pirata, explicaram eles sem alarde, e seus navios estavam perto da costa à espera da ordem para atacar.

Paulo espalhou a notícia e os portugueses agarraram o visitante. Os soldados o empurraram contra o casco do navio encalhado e o interrogaram com a ajuda de uma boa surra. Ele ainda insistiu que era um cristão sincero; Gama o amarrou, içou-o até o convés e puxou-o para cima e para baixo pelos braços e pernas. Quando desceu, ele soltou algumas verdades. Notícias sobre os portugueses tinham se espalhado por toda parte, disse-lhes; todo o país queria fazer mal a eles. Ao longo da costa, grandes forças de homens armados estavam estacionadas em barcos escondidos em riachos; eles estavam apenas esperando a chegada de quarenta navios que estavam sendo armados para liderar o ataque.

Várias rodadas de tortura não conseguiram fazê-lo mudar o restante da sua história. Enquanto sua voz falhava, ele parecia tentar explicar que tinha vindo para descobrir que tipo de pessoas os estrangeiros eram e quais armas eles carregavam; mas era difícil dizer. Gama pediu que parassem, ordenando que ele fosse confinado em um dos navios e que tivesse suas feridas tratadas. Decidiu levá-lo de volta para Portugal como mais um informante para o rei.

O *São Rafael* ainda não tinha sido carenado, mas não havia tempo a perder. As frotas árabes de Jedá, Áden e Ormuz já tinham chegado à Índia, e se as novas informações devessem ser levadas em conta, um ataque em massa era iminente. A última coisa a fazer era quebrar o navio capturado em busca de peças de reposição. Do continente, o capitão assistia a tudo na esperança de recuperar seu navio assim que os estrangeiros partissem. Quando viu seu navio desaparecer, peça por peça, gritou e ofereceu uma grande soma de dinheiro pelo seu resgate. Não estava à venda, Gama respondeu peremptoriamente; como pertencia ao inimigo, ele preferia queimá-lo; e assim o fez.

A frota partiu na sexta-feira, 5 de outubro. Quando os navios estavam longe o suficiente

para ficar claro que não voltariam, o prisioneiro finalmente disse a verdade. Talvez ele estivesse cansado de estar amarrado no castelo de proa, onde o confinamento era triplamente desconfortável pela água salgada que caía sobre ele, pelo abaixar e levantar das âncoras ao seu redor e pelos homens que lá iam para fazer suas necessidades. A dissimulação tinha acabado, declarou. Ele era, na verdade, empregado do governador de Goa, e estava na corte quando chegou a notícia de que os estrangeiros estavam perdidos no litoral e não tinham ideia de como voltar para casa. Seu senhor estava ciente de que muitos barcos haviam sido enviados para capturá-los, e relutava em ver o espólio acabar nas mãos de seus rivais. Enviara seu servo para atrair os estrangeiros à sua terra, onde ficariam completamente em seu poder. Os cristãos, tinha ouvido o senhor, eram bravos e beligerantes, e ele necessitava de homens como esses nas infinitas guerras que travava contra os reis vizinhos.

Gama não foi capaz de deixar a Índia quando quis, e seus homens pagariam um preço terrível por isso.

A brisa constante da monção de inverno ainda não havia chegado à latitude que os exploradores tinham alcançado de forma hesitante. Repetidamente os navios eram arrastados por ciclones, e então parados por terríveis calmarias. Outubro transformou-se em novembro, novembro transformou-se em dezembro e ainda não havia sinal de terra. O calor era insuportável, a comida estava acabando, a água ficou suja e também começou a acabar. Em breve, o temido escorbuto voltaria a assolar as magras figuras dos marinheiros. Um passageiro posterior em um navio português descreveu vividamente o rápido início da doença e o pânico que se seguiu a ela. Seus joelhos, registrou, ficavam tão encolhidos que eles eram incapazes de dobrá-los; suas pernas e coxas ficavam negras como gangrena e repetidas vezes ele tinha que perfurar a pele para retirar seu sangue grosso e putrefato. Todo dia ele se balançava sobre o cordame do lado e, olhando em um pequeno espelho, levava uma faca às suas gengivas apodrecidas que haviam inchado sobre os dentes, tornando impossível se alimentar. Quando cortava a carne, ele lavava a boca com urina, mas na manhã seguinte o inchaço estava tão ruim quanto antes. Com dezenas de pessoas igualmente aflitas, ele encontrou-se à deriva em um navio de morte:

> Muitos morreram todos os dias daí em diante, e não havia nada a ser visto, a não ser corpos sendo jogados ao mar, e a maior parte morria sem ajuda, alguns atrás de baús, tendo seus olhos e solas dos pés devorados pelos ratos. Outros eram encontrados mortos em suas camas, depois de se deixarem sangrar, movendo seus braços, com as veias abertas e o sangue escorrendo: muitas vezes, depois de terem recebido o subsídio, que podia ser aproximadamente um quartilho de água, e colocando-o perto deles para beber, quando com sede, seus companheiros roubavam a pouca água desses pobres coitados doentes quando eles estavam dormindo ou quando estavam virados para o outro lado. Às vezes, estando sob o deque, em um lugar escuro, sem poderem ver uns aos outros, eles lutavam entre si e atacavam uns aos outros, caso pegassem alguém prestes a roubar a sua água; e assim, por quererem um pouco de água, muitas vezes morriam miseravelmente, sem ninguém oferecer-lhes ajuda, nem que fosse um pouco, nem mesmo o pai ao filho, nem o irmão ao irmão, tão grande era a sede de cada um que cada homem era compelido a roubar seus companheiros.

Atormentados pela dor e longe de casa, dezenas de homens simples e zelosos sofreram mortes assustadoras e solitárias poucos dias depois dos sintomas aparecerem. O fim vinha como uma libertação. Como cruzados de Cristo, eles tinham sido informados de que morreriam sem a mancha do pecado. Seus olhos se apertavam contra a luz ofuscante; a vida mais suave de um lugar livre de sofrimento acenava para eles. Seus camaradas jogavam seus corpos no mar com cada vez menos cerimônia à medida que mais e mais sucumbiam.

No calor tropical, novas doenças agrediam os sobreviventes enfraquecidos. As febres os deixavam tremendo e delirando. Abscessos e tumores cresciam nas peles infectadas. Um fungo tóxico infectou o pão causando vômitos e diarreia, seguidos de espasmos dolorosos, alucinações e loucura, e finalmente gangrena seca, hidropisia e morte. Entre as aflições mais aterrorizantes estava uma que, como relatou um marinheiro, "irrompe no ânus como uma úlcera e fica cheio de vermes que corroem até a barriga, e assim eles morrem em grande desgraça e tormento. Não existe remédio melhor para essa doença", acrescentou ele, "do que suco de limão na lavagem do ânus, uma vez que impede que os vermes se reproduzam ali". Não havia privacidade a bordo de um navio; agora tampouco havia dignidade.

À medida que o Natal se aproximava, apenas sete ou oito marinheiros eram capazes de trabalhar em cada navio. Poucos acreditavam que iriam sobreviver por muito mais tempo, e a disciplina férrea que Vasco da Gama havia imposto se quebrou por completo. Os homens gritavam para os santos, prometendo reformular suas vidas se fossem salvos e implorando-lhes que não os deixassem morrer. Eles exigiram que o capitão-mor voltasse a Calcutá para se submeter à vontade de Deus, em vez de deixá-los apodrecer em pleno mar. Gama e seus capitães não sabiam onde estavam e, em desespero, finalmente concordaram em voltar atrás, caso um vento favorável permitisse.

No último momento possível o tempo mudou, e com ele, também, a sorte da missão. "Aprouve a Deus em Sua misericórdia", registrou o Cronista, "que nos enviasse um vento que, no curso de seis dias, levou-nos à vista de terra, e com isso nós nos alegramos tanto como se a terra que víamos fosse Portugal."

A data era 2 de janeiro de 1499. Mais alguns dias, no máximo duas semanas, três navios fantasmas ficariam à deriva no oceano azul impiedoso.

No momento em que a frota em frangalhos se aproximou da costa da África, já era noite. Eles descansaram e, na manhã seguinte, reconheceram a costa, "de modo a descobrir para onde o Senhor nos tinha levado, pois não havia piloto a bordo, nem qualquer outro homem que pudesse ler no mapa em que lugar nós estávamos". Tanto quanto podiam ver, uma invariável linha fina e verde de vegetação se esticava entre a vastidão do mar e do céu.

Um debate se seguiu. Alguns dos homens tinham certeza de que ainda estavam a trezentas léguas do continente, entre algumas ilhas na costa de Moçambique; um dos

prisioneiros que eles levaram tinha-lhes dito que as ilhas eram muito pouco saudáveis e repletas de escorbuto, o que fazia muito sentido.

Embora a discussão ainda estivesse acalorada, os vigias avistaram uma cidade. Era o antigo porto somali de Mogadíscio, que já tinha sido o entreposto muçulmano dominante na costa oriental africana. Casas altas cercavam um magnífico palácio e quatro castelos defendiam as paredes do perímetro. Em perigosa situação, os exploradores não se atreveram a tentar a sorte. Depois de expressarem seus sentimentos ao dispararem repetidas rodadas de bombardas, eles continuaram ao longo da costa sul.

Dois dias mais tarde, os navios estavam à deriva em uma calmaria quando uma tempestade explodiu do nada e rompeu as amarras do *São Rafael*. Mais problemas estavam para acontecer: enquanto os poucos homens com saúde faziam reparos, um pirata notou a frota abatida e lançou um ataque a partir de uma ilha próxima. Oito barcos cheios se abateram sobre os portugueses, mas os artilheiros pularam para os seus postos e um fogo de barragem mandou os piratas correndo de volta para sua cidade. Muito possivelmente para alívio da tripulação, não havia vento e eles não receberam ordens para caçá-los.

Finalmente, em 7 de janeiro, os vigias avistaram a familiar baía de Melinde. Mesmo — e especialmente — em situação tão precária, Gama não arriscaria atracar no porto, e os navios ancoraram ao largo da cidade. O sultão enviou imediatamente um grande comitê de boas-vindas com uma oferta de ovelhas e uma mensagem de paz e amizade. O capitão-mor era esperado havia muito tempo, disseram afavelmente os africanos.

Gama enviou o sempre confiável Fernão Martins para a praia, ao barco do sultão, com instruções urgentes para adquirir tantas laranjas quanto fosse possível. Elas chegaram no dia seguinte, juntamente com uma variedade de diferentes frutas e muita água. O sultão ordenou a seus comerciantes muçulmanos que visitassem os estrangeiros e lhes oferecessem frangos e ovos. Era tarde demais para os que estavam muito mal: muitos dos doentes morreram perto de Melinde e lá foram enterrados.

Os horrores da viagem tinham suavizado Gama, que ficou impressionado com a bondade do sultão demonstrada para com ele e seus homens quando precisaram desesperadamente de ajuda. Enviou-lhe um presente e pediu, por intermédio de seus tradutores de árabe, que lhe desse uma presa de marfim para presentear o rei de Portugal. Como um sinal da amizade entre as duas nações — sinal este que seria claramente visível para seus inimigos —, ele também pediu autorização para colocar um pilar e uma cruz na praia. O sultão respondeu que faria tudo o que foi pedido, por amor ao rei Manuel. Ele reservou um excelente local para o pilar, em frente à cidade e ao lado de seu palácio, e, assim como o marfim solicitado, enviou um menino muçulmano que obedientemente declarou não querer nada mais na vida do que ir para Portugal.

Os portugueses ficaram em Melinde por cinco dias, desfrutando um pouco mais dos

entretenimentos do sultão da melhor forma possível, "e repousando", registrou o Cronista, "depois das dificuldades sofridas durante uma passagem no curso da qual todos nós tínhamos estado face a face com a morte". Saíram na manhã de 11 de janeiro, e no dia seguinte navegaram o mais rapidamente possível, passando por Mombaça.

Quando estavam em segurança, fora da vista da cidade, ancoraram em uma baía, descarregaram as mercadorias do *São Rafael* e atearam fogo a ele. Não havia mãos suficientes para navegar três navios, e, de qualquer maneira, o *Rafael*, que não era reparado havia muitos meses, estava em péssimas condições. O processo todo levou quinze dias, durante os quais numerosos africanos vieram e trocaram galinhas pelas últimas camisas e pulseiras dos marinheiros.

Dois dias depois, eles retomaram a viagem, e os dois navios restantes passaram por uma grande ilha, a seis léguas do continente, que eles não tinham visto na viagem de ida. Era Zanzibar, explicou o menino de Melinde, um dos centros comerciais mais importantes da costa suaíli. Os exploradores nunca tinham ouvido falar dela: havia muito mais exploração para fazer.

Em 1o de fevereiro, os navios chegaram a Moçambique sob um pesado aguaceiro. Eles evitaram a cidade e ancoraram fora da ilha onde tinham celebrado missa quase um ano antes. Eles também rezaram uma missa dessa vez, e Gama resolveu construir outro pilar. A chuva caía com tanta força que o grupo de desembarque não pôde acender o fogo para derreter o chumbo que era usado para fixar a cruz no topo, e o pilar ficou sem cruz.

Poucos dias depois, os sobreviventes deixaram a África oriental para uma viagem em torno do Cabo. Apesar dos rumores de que grandes comunidades cristãs viviam ali, elas já tinham ficado, para sua frustração, fora de vista. Preste João permaneceu tão teimosamente evasivo como sempre. A costa suaíli ainda guardava seus segredos; só em outra viagem ela mostraria seus maiores tesouros.

Um mês mais tarde, os portugueses chegaram à baía, onde o capitão-mor havia sido baleado na perna. Lá permaneceram por mais de uma semana, pescando e salgando anchovas, focas e pinguins e repondo sua água para a travessia do Atlântico. Em 12 de março, eles rumaram para casa, mas fizeram apenas doze léguas antes que um vento feroz do oeste os enviasse de volta para a baía. Logo que o vento diminuiu, eles recomeçaram, e em 20 de março dobraram o cabo da Boa Esperança. Até esse momento, registrou o Cronista, "aqueles que tinham chegado tão longe estavam em boa saúde e bastante robustos, embora às vezes quase mortos dos ventos frios que tivemos". Depois do calor tropical, o Atlântico sul parecia o calafrio que acompanha uma febre.

Durante 27 dias um vento constante levou os dois navios a cerca de cem léguas das ilhas do Cabo Verde. Eles estavam de volta em águas conhecidas, mas, depois de tudo o que tinham passado, um ar estranho de irrealidade se agarrava às visões familiares.

A passagem fácil acabou sendo boa demais para ser verdade. Uma última dificuldade estava por vir.

Antes que pudessem chegar às ilhas, os navios entraram em calmaria novamente. Havia uma pequena brisa que vinha de frente, e então eles viraram o barlavento da melhor forma possível. Trovoadas rolaram ao longo da costa africana e ajudaram os pilotos a corrigir sua posição, mas logo os céus escureceram acima de suas cabeças e um violento tornado chicoteou os mares. Embora os relâmpagos estourassem em torno deles, os dois navios perderam de vista um ao outro.

Nicolau Coelho ainda era responsável pelo *Berrio*. Dessa vez, não havia local de encontro atribuído, e ele se dirigiu diretamente para casa. Em 10 de julho de 1499, sua caravela, esfarrapada e vazando, vacilou até o porto de pesca de Cascais, à beira do Atlântico, logo abaixo de Lisboa. Os portugueses tinham decidido, havia muito tempo, que a frota tinha sido perdida, e então correram para dar as boas-vindas aos heróis.

Coelho foi até o rei e anunciou a descoberta do caminho marítimo para a Índia. A importante missão havia durado 732 dias. Os navios tinham coberto nada menos que 24 mil milhas. Essa foi, de certa forma, a mais longa viagem conhecida da história, seja medida pelo tempo ou pela distância percorrida.

O navio de Vasco da Gama chegou poucas semanas depois, com suas junções divididas e suas bombas gemendo para mantê-lo à tona. Talvez 170 homens tenham sido enviados; talvez apenas 55 tenham voltado vivos.

O capitão-mor não estava entre aqueles a bordo. Na viagem de volta, seu irmão Paulo tinha sido tomado pela tuberculose, e, no momento em que os navios se separaram, sua saúde piorou. Gama esperou um dia para que a caravela reaparecesse antes de definir um rumo para Santiago, o porto onde a frota tinha se reunido na viagem de saída. Assim que chegou, ele colocou João de Sá, o antigo escrivão do *São Rafael*, como responsável pelo reparo de sua nau capitânia e de navegá-la para casa.

Gama fretou uma caravela pequena e ligeira para levar mais rapidamente seu irmão moribundo até Lisboa. Logo depois que partiram, o estado de Paulo tornou-se desesperador, e Vasco mudou de rota para a ilha Terceira, nos Açores.

Paulo morreu um dia depois que chegou à ilha. Vasco da Gama sepultou seu amado irmão na igreja de um mosteiro franciscano, e o descobridor do caminho marítimo para a Índia fez lenta e tristemente seu caminho de volta para casa.

# 13. Um veneziano em Lisboa

Em 20 de agosto de 1501, o recém-nomeado embaixador extraordinário da República de Veneza veio perante a corte real de Portugal e lançou-se em um longo e exagerado elogio ao rei Manuel I.

Até muito recentemente, *La Serenissima* — "A Mais Serena", nome pelo qual os venezianos chamavam sua república — mal tinha se dignado a notar a existência de Portugal. No entanto, dois anos antes, havia chegado uma carta a Veneza que fez seus cidadãos engolirem o orgulho. O memorialista veneziano Girolamo Priuli registrou o seu conteúdo:

> Em junho chegaram cartas de Alexandria dizendo que, através de cartas vindas do Cairo e escritas por homens que tinham vindo da Índia, entendia-se que em Calcutá e Áden, na Índia, principais cidades, haviam chegado três caravelas do rei de Portugal, que tinham sido enviadas para investigar as ilhas das especiarias, e das quais o comandante era Colombo.

Se os detalhes estavam errados, a ideia central estava bastante clara. Veneza tinha um novo concorrente para o seu comércio oriental.

Priuli, como muitos de seus colegas venezianos, recebeu a notícia com um cético encolher de ombros. Seriam notícias incendiárias se fossem verdadeiras, admitiu; mas ele não acreditava em uma só palavra disso tudo. O atrasado e pequeno Portugal estivera sempre muito ocupado procurando por Preste João e por resíduos de ouro africano para pensar em desafiar a maior república comercial do Ocidente. No entanto, em pouco tempo uma longa e frenética enxurrada de cartas começou a chegar nas casas de comerciantes italianos a partir de seus compatriotas sediados em Lisboa. Os portugueses, escreveu um comerciante chamado Guido Detti para casa, em Florença, tinham "encontrado todo o tesouro e todo o comércio de especiarias e pedras preciosas do mundo". As notícias, previu ele — com mais satisfação ainda pelo sofrimento de um rival —, eram "realmente ruins para o sultão [egípcio], e quanto aos venezianos, quando perdessem o comércio com o Oriente, teriam que se voltar para a pesca, porque por esta rota as especiarias chegariam a um preço que eles não seriam capazes de igualar". Foi uma grande descoberta, acrescentou, "e o rei de Portugal merece os calorosos parabéns de todos os cristãos. Certamente, cada rei e grande senhor, especialmente aqueles cujas terras fazem fronteira com o mar, deve buscar o desconhecido e expandir o nosso conhecimento, porque é assim que se ganha honra e glória, reputação e riquezas".

A Signoria, conselho supremo de Veneza, ponderou o assunto por um tempo e finalmente enviou seu embaixador espanhol para investigar. Ele logo reportou que o rei português já tinha enviado mais treze navios para Calcutá para comprar especiarias, além de mais uma frota que

permanecia no porto, pronta para partir dentro de poucos dias. Juntamente com sua carta, outra chegou a Veneza, esta de um certo "dom Manuel, pela Graça de Deus Rei de Portugal e de Algarves, neste e no outro lado do mar, na África, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia". Apesar de seu novo e grandiloquente título, não estava precisamente claro o que Manuel havia conquistado, mas estava claro que sua carta era uma tentativa flagrante de melhorar todo o modo de vida de Veneza. Daí em diante, propôs o rei provocativamente, os venezianos deveriam comprar as suas especiarias de Portugal, e não do Egito. Uma vez que a riqueza de Veneza era baseada em seu quase monopólio de comércio com o mundo islâmico, a oferta de dividir os lucros não era atraente, mas Manuel estava determinado a fazer Veneza tratar Portugal com o respeito devido a um igual.

Três dias depois que as cartas chegaram, o Senado veneziano nomeou o seu primeiro embaixador em Portugal. O escolhido foi Pietro Pasqualigo, um homem de 29 anos que era o produto de séculos de criação. Pasqualigo era doutor pela prestigiosa Universidade de Paris, e seu discurso para a corte portuguesa — feito em um latim perfeito — estava destinado a impressionar.

Muita bajulação se fez necessária, e ele a usou sem parcimônia. Todas as eras, declarou, celebrariam os feitos surpreendentes de Manuel; pelo resto de suas vidas os europeus reconheceriam que deviam muito mais a ele do que a qualquer outro rei, presente ou passado:

> Pessoas, ilhas e praias desconhecidas até agora tinham ou se rendido ao seu poderio militar ou, intimidadas por ele, tinham voluntariamente implorado por sua amizade. Os maiores reis e nações invictas do passado costumavam se gabar justificadamente de terem estendido seu poder até o oceano, mas o senhor, rei invencível, tem direito ao orgulho de ter avançado o seu poder até o hemisfério inferior e aos antípodas. O que é maior e mais memorável do que qualquer outra coisa é que o senhor uniu sob o seu comando pessoas a quem a natureza dividiu, e com o seu comércio juntou dois mundos diferentes.

Manuel, admirou Pasqualigo com uma expressão séria, tinha superado os egípcios, os assírios, os cartagineses, os gregos, os romanos e até o próprio Alexandre. Seu caráter reto era conhecido por todo o mundo, e por toda a Europa povos e nações estavam dando graças a Deus por lhes ter enviado um rei "que em sua virtude, sabedoria e felicidade não só protegeria uma comunidade cristã cansada e vacilante como a estenderia por toda parte".

Finda a bajulação, Pasqualigo abordou o verdadeiro propósito de sua missão. Navegar os oceanos tinha sido uma coisa boa, ele reconheceu, mas "seria muito melhor e muito mais esplêndido e promissor para a imortalidade de seu nome defender a parte mais nobre do mundo da fúria dos infiéis". Naturalmente, ele não estava falando do Paraíso ou de Jerusalém, mas de Veneza. A república estava ameaçada por esse "monstro muito mais feroz", o impetuoso e poderoso sultão turco, que, naquela mesma hora, estava sem dúvida construindo novas armas diabólicas para atacar a cristandade. "Eu não conheço nada que você possa fazer ou imaginar que seja melhor, mais corajoso ou mais sublime", persuadiu o embaixador, "nem

nada, em suma, que seja mais digno de seu caráter divino e de suas habilidades brilhantes."

Veneza estava realmente em perigo mortal. Em 1499, enquanto a república ainda se recuperava das pungentes perdas navais que tinha tido ao sofrer uma invasão francesa na Itália, os otomanos realizaram um ataque feroz com uma armada de quase trezentos navios. Em uma admissão de fraqueza sem precedentes, La Serenissima tinha recrutado seus próprios cidadãos — três dos irmãos de Pietro Pasqualigo estavam no mar lutando contra os turcos —, e conforme a guerra descambava do desastre para a derrota, ela peticionou a Roma que declarasse uma nova Cruzada. A nova posição de Veneza como defensora da cristandade veio tarde demais — em 1483 o papado havia excomungado toda a cidade por se recusar a cancelar uma guerra contra um duque italiano, embora fosse uma guerra que a própria Roma tinha planejado —, mas a ameaça para a Europa era inegável e a Cruzada foi requisitada. Recordando o fervor dos antepassados de Manuel em lutar contra os turcos, o jovem enviado disfarçou o seu pedido como uma guerra santa em nome da fé cristã contra o sultão, aquele pernicioso "destruidor do povo cristão [...] aquele bárbaro manchado com o sangue cristão".

Manuel já tinha enviado 35 navios de guerra fortemente armados e uma força considerável de homens de armas para que ajudassem Veneza. Assim como seu tio Afonso, ele tinha insinuado um convite para liderar a nova Cruzada pessoalmente, embora a frota tenha chegado de fato sem o rei, e tarde demais para ser útil. Oficialmente, Pasqualigo tinha ido para transmitir a gratidão da república e exortar Manuel a maiores sacrifícios. Extraoficialmente, ele estava lá para manter um olhar atento sobre os empreendimentos indianos do rei, e, para ajudá-lo, acompanhava-o um esquadrão de espiões experientes disfarçados de delegação diplomática.

O primeiro comunicado do jovem embaixador transmitia notícias profundamente inquietantes. Dois meses antes de sua chegada, a segunda frota portuguesa a alcançar a Índia tinha retornado.

"Isso é mais importante para o Estado veneziano do que a guerra turca ou qualquer outra guerra que pudesse ocorrer", um castigado Priuli escreveu em seu diário.

> Agora que essa nova rota foi encontrada por Portugal, este rei de Portugal irá trazer todas as especiarias para Lisboa, e não há dúvida de que os húngaros, os alemães, os flamengos e os franceses, e todo o povo do outro lado das montanhas, que antes chegavam a Veneza para comprar especiarias com o seu dinheiro, agora se voltarão para Lisboa por ser mais próxima de seus países e mais fácil de alcançar; e também porque poderão comprar por um preço mais baixo, o que é o fator mais importante. Isso ocorre porque as especiarias que chegam a Veneza passam por toda a Síria e através de todas as terras do sultão, e por todas as partes eles pagam as taxas mais onerosas. Da mesma forma, no estado de Veneza eles pagam todas as taxas, a alfândega e os impostos de consumo. Assim, com todas as taxas, a alfândega e os impostos de consumo entre as terras do sultão e a cidade de Veneza, eu poderia dizer que uma coisa que custa um ducado passa a custar sessenta ou talvez cem ducados...
>
> Assim eu concluo que, se esta viagem de Lisboa para Calcutá continuar da mesma forma que começou, haverá uma escassez de especiarias para as galés venezianas e seus comerciantes ficarão como bebês, sem leite nem alimento. E nisto eu vejo claramente a ruína da cidade de Veneza, pois, faltando o seu comércio, faltará o dinheiro que originou a glória e a fama venezianas.

Em Lisboa, os venezianos aumentaram a pressão. Alguns enviados indianos tinham retornado com as últimas frotas para estabelecer relações diplomáticas com Portugal, e os adidos de Pasqualigo secretamente se aproximaram deles. O rei de Portugal, explicaram, estava sem dinheiro, e eles tinham vindo de Veneza para socorrê-lo. Veneza era o poder mais importante da cristandade; nada poderia ser feito sem a sua aquiescência. Além disso, enquanto Veneza estava puramente interessada no comércio, os portugueses eram belicistas e estavam firmemente decididos a atacar os muçulmanos da Índia. Os indianos começaram a acreditar que haviam caído em uma terrível armadilha, e os seus medos foram aliviados apenas quando Vasco da Gama os levou para um passeio ao tesouro de Portugal e permitiu-lhes uma boa visão de suas crescentes pilhas de ouro.

Mesmo antes de Vasco da Gama ter voltado para Portugal, Manuel ordenou que fossem realizadas procissões de celebração por toda parte, "agradecendo muito a Nosso Senhor". Com igual entusiasmo, ele despachara uma carta a Fernando e Isabel de Castela. Como uma declaração do quanto a religião e o comércio estavam inextricavelmente entrelaçados com as descobertas, não podia ser melhor.

"Soberanos e excelentes príncipe e princesa, senhor e senhora mais poderosos!", começava:

> Suas Altezas já sabem que nós ordenamos que Vasco da Gama, um nobre de nossa casa, e seu irmão Paulo da Gama, com quatro navios, fizessem descobertas pelo mar, e já se passaram dois anos desde a sua partida. E como o principal motivo deste empreendimento tem sido, como o era com os nossos antepassados, servir a Deus, Nosso Senhor [...], aprouve a Ele em Sua misericórdia acelerá-los em sua rota. A partir de uma mensagem que agora foi trazida a esta cidade por um dos capitães, soubemos que eles alcançaram e descobriram a Índia e outros reinos e senhores que fazem fronteira com ela; que eles entraram e navegaram por seus mares, encontrando grandes cidades, grandes construções e rios e grandes populações, entre as quais ocorre todo o comércio de especiarias e pedras preciosas, que são enviadas em navios (que estes mesmos exploradores viram e encontraram em grande número e em bons tamanhos) a Meca, e daí para o Cairo, onde se dispersam pelo mundo. Disto, eles trouxeram grande quantidade, incluindo canela, cravo, gengibre, noz-moscada e pimenta, bem como outros tipos, junto com os ramos e as folhas dos mesmos; também muitas pedras preciosas de todos os tipos, como rubis e outras. E ainda chegaram a uma terra onde havia minas de ouro, o qual, assim como as especiarias e pedras preciosas, eles não trouxeram tanta quantidade quanto poderiam, porque não tinham tantas mercadorias com eles.
>
> Como estamos cientes de que Suas Altezas ouvirão essas coisas com muito prazer e satisfação, pensamos que seria bom dar essa informação. De acordo com o que aprendemos sobre os povos cristãos que esses exploradores alcançaram, Suas Altezas podem acreditar que é perfeitamente possível, apesar da pouca força de sua fé e de seu conhecimento, que possam muito fazer a serviço de Deus e da exaltação da Santa Fé, assim que forem convertidos. E quando eles estiverem fortalecidos pela fé, haverá oportunidade para destruir os mouros daquelas partes. Além disso, esperamos, com a ajuda de Deus, que o grande comércio que agora enriquece os mouros e por cujas mãos passa sem a intervenção de outras pessoas ou povos deve, em consequência de nossos ajustes, ser desviado para os nativos e para os navios de nosso próprio reino, de modo que, doravante, toda a cristandade desta parte da Europa deve ser capaz, em grande medida, de prover-se dessas especiarias e pedras preciosas. Isto, com a ajuda de Deus, que em Sua misericórdia assim o ordenou, fará com que nossos desígnios e intenções sejam levados com mais ardor [especialmente no que concerne] à guerra contra os mouros dos territórios conquistados por nós, a respeito do qual Suas Altezas estão tão firmemente resolvidas, e sobre o qual nós somos

igualmente zelosos.
E nós suplicamos a Suas Altezas, em consideração a esse grande favor que, com muita gratidão, nós recebemos de Nosso Senhor, que levem a Ele estas súplicas que Lhe são devidas.

Manuel sabia muito bem que a estrela de Cristóvão Colombo estava em declínio na Espanha. O explorador genovês ainda não tinha encontrado nenhuma especiaria, nem pedras preciosas, nem cristãos, nem nenhum Grande Khan chinês. Em 1498, exatamente quando Vasco da Gama estava navegando no oceano Índico, Colombo por fim alcançou o continente que havia procurado por tanto tempo, mas a experiência foi evidentemente perturbadora. Enquanto margeava a costa, seus navios seguiram o caudaloso fluxo do rio Orinoco, e o navegador, desorientado, achou que tal torrente deveria cascatear por uma grande encosta. Por esse motivo, deduziu que navegara até o sopé da Montanha Sagrada do Paraíso, uma vasta protuberância que imaginou estar saindo da superfície da Terra, como o bico de um seio. Sabendo que nenhum ser humano sobreviveria ao entrar no Jardim do Éden, fugiu com medo. Colombo, que muitas vezes usava o hábito simples de um monge franciscano, sempre acreditou que havia sido escolhido para salvar almas; há não muito tempo começara a ouvir a voz de Deus e considerou que fosse seu destino cumprir as antigas profecias ao descobrir um novo paraíso na Terra. Sua confiança, porém, estava profundamente abalada, e ele enforcou alguns de seus tripulantes por insubordinação. Quando voltou a Hispaniola, marinheiros e colonos a quem ele havia prometido riquezas incalculáveis acusaram-no de tortura e de péssima gestão, e o explorador de 53 anos, que sofria de artrite e de uma inflamação dolorosa no olho, foi algemado, jogado na cadeia e transportado de volta para a Espanha acorrentado.

Para a maioria dos observadores, Vasco da Gama tinha claramente superado seu arquirrival. O que Colombo prometeu, Gama fez. Enquanto Colombo havia navegado para o oeste com bons ventos e alcançado terra em 36 dias, Gama navegou por todo o Atlântico, seguiu a costa leste da África em direção à Índia e voltou para casa, mesmo com todos os terríveis obstáculos que encontrou. Enquanto Colombo tinha negociado com poucos nativos, Gama sobreviveu a sultões hostis e comerciou com reis poderosos, levando especiarias, cartas e reféns como prova. Enquanto não havia clareza sobre o que Colombo realmente encontrara, Gama abriu o caminho marítimo para o Oriente e mostrou a forma de contornar o mundo islâmico. Toda a Europa ficou espantada, e o rei português ficou muito feliz de poder exibir esta vitória aos parentes de sua esposa.

Realizado esse agradável dever, Manuel firmou posição ao endereçar cartas ao papa, ao Colégio Cardinalício e ao Cardeal Protetor de Portugal em Roma. Ele os instruiu a realizar ação de graça pública pelo favoritismo de Deus para com a nação portuguesa, lembrando-lhes que, por meio da bula papal de 1497 — a última investida de tentar decidir entre os poderes rivais —, ele e seus herdeiros desfrutavam "plenamente a soberania e o domínio de tudo o que nós descobrimos". Decerto, acrescentou ele com cuidado, nada mais era necessário, mas pediu carinhosamente "por uma nova expressão de satisfação com referência a um assunto de tal

novidade e grande e recente mérito, de maneira a obter a aprovação e declaração renovadas de Sua Santidade".

Conforme a metade do milênio se aproximava, Manuel estava determinado a levar adiante sua alegação de ser o principal monarca da cristandade. Sua descoberta, declarou ele, não era somente para Portugal: ela beneficiaria todas as nações cristãs "do dano pretendido pelos infiéis". Logo os muçulmanos seriam vencidos, a Terra Santa seria recuperada e os cristãos orientais retornariam ao caminho católico verdadeiro. Mesmo assim, ele não estava disposto a compartilhar a glória com nações rivais. Era quase impossível obter um mapa das viagens portuguesas, escreveu o secretário do embaixador de Veneza na Espanha, "pois o rei decretou pena de morte para quem o enviasse para fora do país".

Em casa, o rei-messias iniciou a demolição e reconstrução de Lisboa em um estilo que fosse requintado o suficiente para combinar com suas crescentes ambições. Juntamente com os novos e majestosos palácios, e espaçosos armazéns para receber a esperada enxurrada de produtos da Índia, ele ordenou que uma ampla igreja e um monastério fossem construídos em Belém, no lugar da modesta capela de Henrique, o Navegador, onde orações deviam ser feitas pelas almas de Manuel, o Conquistador, e seus grandes ancestrais. Para honrar seus predecessores imediatos, decidiu realojar os restos do rei João II em esplendor imperial. Manuel desfilou pelo país com o caixão, acompanhado de um cortejo de senhores, bispos e religiosos, um coro, portadores de tocha e "uma orquestra bárbara de trompetes, oboés, sacabuxas e tambores". Quando as cerimônias terminaram, mandou que abrissem o caixão na calada da noite. "Ele fez com que o corpo fosse coberto de pó de cal", foi dito, "e ordenou aos monges que o soprassem com tubos de bambu; ele próprio os ajudou, e então beijou as mãos e os pés do homem morto repetidas vezes. Foi um evento dramático, esse do rei morto e do rei vivo, e era muito para se assistir."

Uma profecia agitava a Europa havia muito tempo: a de que o Último Imperador uniria a cristandade, subjugaria os infiéis e lideraria a Última Cruzada para retomar a Terra Santa. Em seguida, os povos do mundo seriam guiados até o aprisco, uma Nova Jerusalém desceria dos céus e Cristo retornaria para governar o mundo. Manuel começou a se comportar como um imperador antes que tivesse conquistado um único pedaço de terra, mas o império que ele tinha em mente era não meramente territorial. Como Colombo, ele estava certo de que era nada menos do que a Mão de Deus na Terra; como os antigos cruzados, ele estava convencido de que era a vontade de Deus que ele destruísse o Islã e conduzisse seu povo, cheio de glória, para Jerusalém.

A convicção inabalável do rei devia-se em grande parte às notícias de que cristãos haviam sido encontrados na Índia. Preste João ainda estava visivelmente fora de alcance, mas Nicolau Coelho e sua tripulação tinham explicado em sua chegada que Calcutá era "maior do que

Lisboa e povoada por indianos cristãos". Era verdade que as igrejas não tinham clero regular e que os ofícios divinos não estavam sendo cumpridos, mas eles tinham sinos e uma espécie de fonte. "Esses cristãos", relatou um mercador florentino chamado Girolamo Sernigi aos seus compatriotas, "acreditam que Jesus Cristo nasceu da Virgem Maria, sem pecado, foi crucificado e morto pelos judeus e enterrado em Jerusalém. Eles também têm algum conhecimento sobre o papa de Roma, mas não sabem nada sobre a nossa fé além disto."

Algumas semanas depois, o *São Gabriel* atracou em Lisboa, e a bordo estava o homem de Goa que falava a língua dos venezianos.

Sernigi conseguiu uma entrevista com ele, que imediatamente escreveu a Florença para corrigir sua carta anterior. O novo informante disse ao florentino que, na Índia, havia muitos idólatras que adoravam vacas e apenas alguns poucos cristãos. Ele acrescentou que as supostas igrejas "são na realidade templos de idólatras, e que as imagens dentro destes são de ídolos, e não de santos".

Sernigi escreveu para casa e disse: "Para mim, isso parece mais provável do que dizer que existem cristãos, mas nenhum ato de ministrar sacramentos, nenhum sacerdote e nenhuma missa sacrificial. Eu acredito que não exista nenhum cristão que se possa contabilizar, exceto aqueles do Preste João".

Logo, porém, o informante mudou sua história. Ele foi apresentado ao rei e rapidamente percebeu que se quisesse se sair bem deveria dizer o que esperavam ouvir e não contar uma verdade desagradável. Sua primeira atitude — junto com Monçaíde, o mercador de Túnis — foi pedir para ser batizado. Ganhou o nome de Gaspar, por causa de um dos três reis do Oriente que tinham seguido a estrela de Belém, e o sobrenome de Da Gama por causa de seu captor, torturador e agora padrinho. Acontece que Gaspar era judeu antes de se tornar muçulmano, e agora, sendo um cristão, ele havia começado a pintar um quadro fantástico da religião na Índia. Os cristãos, explicou, viviam em catorze Estados indianos, dos quais doze eram puramente — ou pelo menos em grande parte — cristãos. Ao menos dez desses Estados possuíam reis cristãos, que se vangloriavam de ter 223 mil soldados de infantaria, mais de 15 mil de cavalaria e 12,4 mil elefantes de guerra, sendo que cada um deles carregava uma dúzia de guerreiros em um castelo de madeira e atacava com cinco espadas saindo de suas presas.

Manuel estava em êxtase. Ele estava certo de que o viajado Gaspar tinha sido enviado por Deus para fazer avançar seu grande projeto. Tempo seria algo essencial caso ele fosse forjar alianças com os governantes da Índia cristã antes que seus rivais se adiantassem a ele, que tinha quatro navios e duas caravelas bem armadas para zarpar para a Índia no sugestivo mês de janeiro de 1500. O objetivo da missão logo se expandiu: se até então era puramente estabelecer bases de comércio, agora seria uma devastação pelas costas africana e indiana, tendo a frota aumentado para treze navios. No comando estava Pedro Álvares Cabral, outro nobre menor e cavaleiro da Ordem de Cristo; sob o comando dele havia mais de mil homens, incluindo cinco sacerdotes. As ordens de Cabral eram para entregar uma resoluta mensagem dos cruzados aos

muçulmanos e pagãos do oceano Índico: conversão ou morte.

> Antes que atacasse os mouros e os idólatras dessas partes com a espada material e secular, ele deveria permitir aos sacerdotes e monges que usassem sua espada espiritual, que proclamaria a eles o Evangelho, com advertências e requisições por parte da Igreja de Roma, pedindo-lhes que abandonassem suas idolatrias, seus ritos diabólicos e seus costumes, e que se convertessem à fé de Cristo, para que todos os homens se unissem e se juntassem pela caridade da religião e do amor, uma vez que nós todos éramos o trabalho de um Criador, e redimidos por um Redentor, que era Jesus Cristo, prometido por profetas e esperado por patriarcas por tantos milhares de anos antes de vir. Para tal propósito, eles trouxeram todos os argumentos naturais e legais de que o direito canônico dispõe. E se eles fossem tão contumazes a ponto de não aceitar essa lei da fé e rejeitassem a lei da paz, que deveria ser mantida entre os homens para a conservação da espécie humana, e se eles proibissem o comércio e a troca, que são os meios pelos quais a paz e o amor entre todos os homens são conciliados e obtidos [...] neste caso, eles deveriam subjugá-los pelo fogo e pela espada, e fazer guerra feroz contra eles.

Manuel tinha uma mensagem muito diferente para os cristãos. Ele deu a Cabral uma carta endereçada ao samorim de Calcutá, na qual explicava que os portugueses tinham sido levados para a Índia pela Mão de Deus e eram assunto Seu:

> Pois deve-se acreditar verdadeiramente que Deus, Nosso Senhor, não permitiu este feito de nossa navegação somente para ser servido com o comércio e com os lucros temporais entre nós e vocês, mas igualmente no bem espiritual das almas e de sua salvação, que devemos colocar em um ponto mais elevado. Ele Se considera mais bem servido pelo fato de que a santa fé cristã é comunicada e reunida entre vocês e nós, como esta permaneceu por seiscentos anos após a vinda de Jesus Cristo, até o momento em que, pelos pecados dos homens, surgiram algumas seitas e heresias contrárias, como foi vaticinado... e essas seitas ocupam uma grande parte da Terra entre suas terras e as nossas.

Tendo dito sua lição de história pública, Cabral transmitiria outra mensagem em particular. Ele solicitaria ao samorim que banisse até o último dos muçulmanos de seus portos; daí em diante os portugueses supririam as mercadorias que os árabes vinham trazendo, e as suas seriam melhores e mais baratas. Manuel deu a seu comandante uma ordem final, secretíssima: se o samorim não aceitasse pacificamente fazer comércio apenas com os portugueses, Cabral "faria guerra cruel contra ele por sua conduta ofensiva a Vasco da Gama". O samorim podia ser um companheiro cristão, mas estava claramente equivocado. E Manuel estava com pressa.

As ordens de Cabral, elaboradas com a assessoria de Gama, também o instruíram a estabelecer relações com os outros Estados cristãos da Índia e a fazer tudo o que pudesse para interferir no transporte muçulmano de mercadorias. Entre seus capitães estavam Bartolomeu Dias, descobridor do cabo da Boa Esperança, e Nicolau Coelho, amigo próximo de Gama. Pêro Escobar, piloto do *Berrio*, mais uma vez foi como timoneiro, e João de Sá e outros veteranos da missão de Gama estavam entre a equipe. Gaspar da Gama foi como intérprete, e também a bordo estavam os cinco homens que tinham sido trazidos como cativos de Calcutá e o jovem enviado do sultão de Melinde.

Mesmo com suas experiências combinadas, a missão foi do acidente ao desastre. Logo após a frota atrasada partir em 9 de março de 1500, um navio perdeu-se ao largo das ilhas de

Cabo Verde. Quando tentou repetir a expedição de Gama pelo Atlântico, Cabral estabeleceu o seu curso muito a sudoeste e encontrou terra. Pensou que tinha descoberto uma nova ilha, e depois de realizar uma missa e erigir uma cruz, enviou um de seus capitães para casa com a notícia inesperada. Uma terrível tempestade atingiu os onze navios restantes próximo ao cabo da Boa Esperança, e quatro deles se perderam com todos os homens, inclusive o navio comandado por Bartolomeu Dias, que nunca mais viu o tormentoso cabo. Durante a travessia para a Índia, outro navio desapareceu em meio ao mau tempo, e o poderio da frota ficou reduzido a seis naus.

A essa altura, já era final do verão, e de acordo com suas ordens, Cabral colocou-se ao largo da costa de Malabar para atacar os navios mercantes árabes que chegariam do norte. As tripulações confessaram e receberam os sacramentos, mas a vítima não se apresentou para a caçada. Então, Cabral continuou em direção a Calcutá, onde chegou em meados de setembro, com as bandeiras tremulando e os canhões em chamas.

O velho samorim tinha morrido logo após a partida de Gama, e seu jovem e ambicioso sucessor estava muito mais disposto a comerciar com os europeus. Vários notáveis locais foram diretamente para os navios, seguidos por um comitê de recepção, uma orquestra e o próprio samorim. Dessa vez, os portugueses chegaram preparados com uma arca de tesouro cheia de bacias, cântaros e jarras de ouro e prata, juntamente com muitos tecidos dourados para enfeitar o lar, incluindo almofadas, dosséis e tapetes. Cabral apresentou a singular carta de Manuel, e embora não esteja registrada a reação do samorim às expressões de alegria do rei português ao se unir com seus companheiros cristãos, o mesmo samorim deu a concessão real a Cabral, gravada em uma placa dourada, que garantia aos portugueses segurança para comerciar. A reunião acabou em meio a uma troca de reféns em pânico, mas dentro de dois meses uma fábrica portuguesa permanente foi criada em uma grande casa atrás da orla marítima, com o brasão real esvoaçando em seu telhado.

Os portugueses, no entanto, logo descobriram que eles haviam chegado quando as frotas árabes já estavam no porto. Os comerciantes, que se achavam muito melhores do que Vasco da Gama, ficaram desagradavelmente surpresos ao ver chegar uma frota portuguesa muito maior, e em dezembro a situação chegou a um impasse. Os portugueses apreenderam um navio pertencente a um muçulmano que estava zarpando para Jedá, alegando que sua partida violava o acordo que os portugueses haviam feito com o samorim — ou seja, de que a eles seria dada a preferência em carregamentos de especiarias. Em retaliação, um grande bando de comerciantes muçulmanos atacou a nova fábrica portuguesa. Setenta homens, incluindo sacerdotes da frota, foram presos no edifício. Depois de três horas de combate, eles tentaram forçar a saída e seguir para os barcos, sendo quase todos mortos.

Quando já havia se passado um dia sem nenhuma mensagem do samorim, Cabral decidiu que ele aprovara o assalto e atacou os navios árabes no porto.

Foi uma disputa desigual; os seis navios portugueses facilmente desarmaram toda a frota

muçulmana.

Durante séculos, o comércio do oceano Índico raramente havia sido perturbado por conflitos, e tampouco tinha alguma tradição em guerra naval. Seus navios costurados não eram fortes o suficiente para levar armas pesadas, e seu desenho tornava quase impossível adaptá-los à nova ameaça. De qualquer maneira, enquanto o canhão tinha se originado na China e havia sido usado por muito tempo por exércitos muçulmanos, eles só alcançaram partes isoladas da Índia, e os poucos exemplos que existiam eram pequenos e brutos. Portugal, como todas as nações marítimas da Europa, travara guerras no mar durante gerações, e embora seus canhões de bordo estivessem longe da perfeição, não havia como negar sua capacidade de induzir terror em situações difíceis. A pólvora pode ter tirado o cavalheirismo da guerra, mas foi o agente do império português no Oriente.

Cabral capturou uma dúzia de grandes navios, matando, afogando e aprisionando centenas de homens. Ele arrastou suas cargas de especiarias juntamente com três elefantes, que foram abatidos e salgados para alimentação, e queimou os navios. À noite, ordenou a seus capitães que baixassem os barcos e puxassem seus navios para tão perto quanto fosse possível da costa. Eles se alinharam em frente à cidade e de madrugada abriram fogo. Em frente ao mar, balas de canhão se chocavam com a multidão e rasgavam seu caminho através de casas e templos, matando outras centenas de pessoas. "Tão grande era a consternação", relatou-se, "que o samorim fugiu de seu palácio, e um de seus principais naires foi morto por uma bola de canhão que passou perto dele. Uma parte do palácio foi destruída pelo bombardeio."

O samorim rapidamente mudou de ideia sobre seus novos aliados. Enquanto Cabral se preparava para partir, uma grande frota de guerra apareceu no horizonte. Antes que pudessem iniciar o embate, uma repentina tempestade forçou-os a ancorar durante a noite. Na manhã seguinte, Cabral repensou se valia a pena renovar as hostilidades e partiu para alto-mar, com os barcos de Calcutá em seu encalço até o anoitecer. O comandante português atendeu o conselho de Vasco da Gama e fez seu caminho para a África no momento certo do ano, porém, próximo de Melinde, um de seus navios foi levado para a praia durante uma tempestade. Ele pegou fogo e teve de ser abandonado, e apenas cinco das treze embarcações voltaram para Lisboa.

A viagem não foi uma perda completa. Usando as informações de Gama, Cabral descobriu dois portos africanos notáveis que seu predecessor tinha ignorado — Sofala, o canal para grande parte do ouro da África ocidental, e Kilwa, a capital-ilha de uma dinastia de sultões que por muito tempo dominou a costa suaíli. Ele foi acolhido com grande simpatia pelo castigado governante de Moçambique, e o sultão de Melinde foi hospitaleiro como sempre. Cabral fez contato com Cananor e Cochim, dois importantes portos indianos cujos reis estavam em maus termos com o samorim. Ele carregava seus navios com especiarias em ambas as cidades, e tinha deixado um grupo de homens em Cochim para construir uma

fábrica. O navio que havia desaparecido no oceano Índico finalmente ressurgiu com a notícia de que tinha chegado a Madagascar. Não menos importante, a ilha que Cabral pensou ter descoberto em sua viagem para o exterior acabou sendo o Brasil, e, além disso, a costa estava muito a leste da linha de demarcação estabelecida no Tratado de Tordesilhas. Por acidente, Cabral acabou realizando um feito histórico: seus navios haviam tocado quatro continentes.

Os horizontes da Europa estavam se expandindo em um ritmo desconcertantemente rápido, mas Cabral não iria colher a glória. Ele não encontrou nenhum cristão aliado e não fez uma única conversão. Perdeu centenas de marinheiros experientes e metade de sua frota. Deixou os comerciantes de Calcutá destruírem a fábrica portuguesa e, embora tivesse se vingado de forma sangrenta, não conseguiu acabar com a rebelião. No geral, ele não tinha sido nem corajoso nem bem-sucedido o suficiente para o gosto do rei. Foi um julgamento severo sobre um homem a quem se tinha dado uma tarefa impossível, e Cabral passou o resto da vida em desonra.

Manuel tirou a maior vantagem possível dos fatos. Um festim foi realizado no palácio para marcar o retorno da frota, os sinos repicaram em Lisboa, uma procissão partiu por todo o país e mais cartas vangloriosas foram despachadas para a Espanha. No entanto, afirmações grandiosas do rei corriam o risco de se tornarem gastas, e muitos de seus conselheiros insistiram mais uma vez para que ele assumisse a glória e abandonasse a perigosa empreitada. Além disso, Manuel tinha enviado muitos navios para combater os turcos e ainda outros para atacar os marroquinos — nenhum dos quais tendo obtido muito sucesso —, sem contar com as frotas que estavam rumando naquele mesmo momento para o Atlântico norte em busca de mais terras no lado português da linha do Tratado de Tordesilhas. O país estava sobrecarregado e muitas vidas já tinham sido perdidas; Deus sabia, murmuravam eles secretamente, quantos mais seriam sacrificados nessa busca insana de Manuel pela dominação do mundo.

Mas o rei não aguentou. Antes mesmo de Cabral retornar, Manuel enviou mais quatro navios sob o comando de João da Nova, um oficial mediano, com fortes ligações na corte. Por essa época, deduzira Manuel, a frota intimidante de Cabral teria ou feito conversões em massa ou intimidado a Índia à submissão, e as ordens de Nova eram apenas as de seguir a partir de onde Cabral havia parado.

De acordo com um relatório, a nova frota dobrou o cabo da Boa Esperança e encontrou uma mensagem deixada por Cabral em um sapato velho pendurado do ramo de uma árvore. Ao ler sobre o distúrbio em Calcutá, Nova partiu pelo oceano Índico, queimando e afundando vários navios em torno do porto do samorin. Ele visitou a fábrica em Cochim e criou outra em Cananor, mas enquanto esperava a monção para levá-lo para casa, dezenas de navios cheios de muçulmanos armados abateram-se sobre ele, vindos de Calcutá. As armas portuguesas martelaram os barcos e, à medida que a luz diminuía e o vento parava, os muçulmanos penduraram uma bandeira de negociação. Nova suspeitou de um truque e continuou atirando, mas finalmente, com suas armas quase queimadas, respondeu com sua bandeira. Os dois lados

concordaram em ceder até o próximo dia, seguindo-se uma noite tensa com os inimigos ancorados em um local próximo e com os agitados portugueses disparando às cegas no escuro. Como Cabral, Nova repensou a decisão de continuar a luta no dia seguinte, e então a frota regressou a Lisboa em setembro de 1502, com uma grande carga de especiarias e um grande lucro do saque.

Isso não foi o bastante para o impaciente rei. Para colocar a enfraquecida Cruzada de volta nos trilhos, era claramente necessária uma demonstração impressionante de força, e esta teria que ser planejada pelo mais valente cavaleiro de Portugal.

Só havia um homem para esse trabalho.

Vasco da Gama finalmente regressou a Lisboa no final do verão de 1499. Ele ainda estava de luto por seu irmão, mas não se permitiu lamentar por muito tempo.

Depois de uma breve parada para dar graças a Deus por preservá-lo do perigo, ele enviou um aviso de sua chegada ao rei. Manuel despachou um cortejo de nobres para conduzi-lo à corte. A multidão se acotovelava, ansiosa para ver o novo herói nacional que pensavam estar morto havia muito tempo. Quando chegou à audiência real, registraram as crônicas, "o rei honrou-o como a uma pessoa que, por sua descoberta das Índias, tinha feito muito para a glória de Deus, pela honra e lucro do rei de Portugal, e para a fama perpétua do nome português no mundo".

Convidado a dizer o que desejava como recompensa, Gama escolheu o domínio hereditário de Sines, a cidade onde seu pai tinha sido governador. O título lhe foi concedido em dezembro, mas a Ordem de Santiago se recusou a desistir de seus direitos sobre o feudo, mesmo que fosse em favor de seu filho pródigo. Mesmo assim, o explorador fixou residência em Sines, e como o assunto se arrastou, seus servos e os homens do governador entraram em conflito. Quase dois anos depois ele ainda aguardava o desfecho da situação, e uma vultosa pensão real foi estabelecida para compensar os tributos que lhe tinham sido negados.

Enquanto isso, o rei ordenou a seus escrivães que criassem uma elaborada carta de concessão celebrando formalmente o grande feito de Gama. A longa carta traçava a história das descobertas, desde Henrique, o Navegador, até o próprio Vasco da Gama. Reconhecia que Gama havia triunfado sobre perigos mortais, diferentes de quaisquer outros que tenham sido enfrentados por seus antecessores — perigos que tinham tirado a vida de seu irmão e de muitos de seus homens. A carta elogiava-o por ter realizado um "serviço excelente" ao descobrir "que a Índia, a qual todos que descreviam o mundo diziam ser o local mais rico do que qualquer outro país, e que desde sempre tinha sido cobiçada pelos imperadores e reis do mundo, e por causa disso tantas despesas pesadas haviam incorrido sobre este reino e tantos capitães e homens perderam suas vidas". Ela previa que grandes vantagens viriam dessa descoberta, "não só para nossos reinos, mas para toda a cristandade: o dano causado aos infiéis que até então tinham se aproveitado das vantagens oferecidas pela Índia, e mais especialmente

a esperança de que todo o povo da Índia se reunirá em torno de Nosso Senhor, vendo que eles podem ser facilmente levados a um conhecimento de Sua santa fé, alguns deles já tendo sido instruídos na mesma".

Os príncipes, acrescentava Manuel, deveriam ser generosos, e ele explicava isso em detalhes. Gama, sua família e seus descendentes seriam autorizados a adicionar o prefixo "dom" a seus nomes, um título honorífico, comparável ao "sir" dos ingleses. O explorador seria nomeado para o conselho real. A ele seria concedida outra pensão anual substancial, a ser paga perpetuamente a seus herdeiros, e também o direito de enviar dinheiro à Índia a cada ano para comprar especiarias, as quais ele poderia importar livre de taxas reais. Finalmente, foi nomeado almirante da Índia, "com todas as honras, prerrogativas, liberdades, poder, jurisdição, receitas, taxas de quitação dos senhores de terras e impostos que, por direito, deveriam acompanhar o requerido almirantado". A Espanha tinha Cristóvão Colombo, almirante do Mar Oceano; agora Portugal tinha Vasco da Gama, almirante da Índia. O título desrespeitava escandalosamente qualquer coisa que os indianos pudessem dizer sobre o assunto, mas para o público pretendido mais próximo de casa a mensagem era inequívoca: enquanto Colombo ocupara-se navegando pelo Atlântico, Gama havia conquistado o prêmio que ambos procuraram.

Esse era um belo acordo. Nicolau Coelho, que também era um fidalgo da corte, recebeu cerca de um décimo da quantia. Além disso, foi relatado amplamente que Gama havia retornado da Índia com uma carga lucrativa de pimenta, gengibre, canela, cravo, noz-moscada, laca e pedras preciosas que ele tinha trocado por sua prataria pessoal.

No entanto, como todo homem ambicioso de sua época, ele sabia que o poder real encontrava-se em terras e títulos. Continuou pressionando para conseguir sua prometida propriedade, e enquanto isso começou a cortejar a bem relacionada dona Catarina de Ataíde. Quando se casaram, a linhagem de Gama subiu um pouco mais. Como a maioria das mulheres de seu tempo, Catarina permaneceu totalmente inescrutável para a história, embora a grande prole que gradualmente a rodeou sugira que a união não tenha sido puramente política.

Gama era um homem ambicioso. Quando surgiu a oportunidade de se encarregar de uma nova grande frota, ele não resistiu à chance de redobrar sua importância.

Foi uma jogada perigosa, digna de um jogador que se arriscava. Se conseguisse subjugar a Índia, ele fortaleceria suas reivindicações pelo auxílio do rei. Caso falhasse, ele poderia sofrer a ignomínia da negligência real, tal como o infeliz Cabral. Ele calculou os riscos e fez sua aposta.

Em 30 de janeiro de 1502, Vasco da Gama foi formalmente nomeado almirante da Índia na catedral de Lisboa. Entre a multidão de dignitários reunidos estava Alberto Cantino, enviado do duque de Ferrara, que cuidadosamente relatou a importante ocasião a seu empregador:

> Primeiro, todos participaram de uma missa suntuosa, e quando esta acabou, o acima citado dom Vasco, vestido

> com uma capa de cetim carmesim, no estilo francês, forrada de arminho, com capuz e gibão combinando com a capa, adornada com uma corrente de ouro, se aproximou do rei, que estava em meio à sua corte, e um pessoa adiantou-se e disse um discurso, louvando a excelência e a virtude do rei, e chegou mesmo a designá-lo superior, em todos os sentidos, à glória de Alexandre, o Grande. E, então, ele virou-se para o almirante, com muitas palavras em seu louvor e em louvor de seus antepassados, mostrando como, por meio de sua diligência e vivacidade, ele tinha descoberto essa grande parte da Índia [e], quando o discurso acabou, apareceu um arauto com um livro na mão, e fez o acima mencionado dom Vasco jurar fidelidade eterna ao rei e seus descendentes, [e] quando isso foi feito, ele se ajoelhou diante do rei, e o rei, tirando um anel de sua mão, deu-o a ele.

O estandarte real foi levado ao bispo que presidia a cerimônia, que solenemente o abençoou e o devolveu ao rei. Manuel desembainhou uma espada e colocou-a na mão direita de seu almirante. Pôs o estandarte na sua mão esquerda, e Gama se levantou e beijou os dedos reais. O resto dos cavaleiros e lordes se apresentou e imitou o gesto. "E assim terminou a cerimônia, com uma esplêndida música."

Dom Vasco da Gama, almirante da Índia, saiu da catedral sob uma fanfarra de trombetas, com uma imagem muito maior do que aquela do jovem aventureiro que havia partido menos de cinco anos atrás.

Entre os poderosos que se apresentaram naquele dia para prestar homenagens estava o jovem embaixador de Veneza.

Espião ou não, Pietro Pasqualigo tinha conseguido um relacionamento cordial com o rei português. Manuel tornara-o um cavalheiro, e ele até havia lhe pedido para ser padrinho de seu filho. A boa relação dos dois homens não disfarçava o fato de que Veneza estava cada vez mais horrorizada com a obsessão de Portugal pelo Oriente. E tampouco o disfarçava a brilhante gôndola preta, com sua cabine decorada de panos dourados, que Veneza mandou para Manuel no mês da partida de Gama. A Sereníssima República ainda estava tentando convencer o rei a atacar os muçulmanos no Mediterrâneo, em vez de navegar por meio mundo e atacar as artérias do comércio pelas quais sua seiva fluía.

Dois meses depois, Veneza mudou de estratégia e chamou seu embaixador de volta. Como alternativa, em dezembro de 1502, a Signoria estabeleceu uma *giunta* especial de quinze homens proeminentes para lidar com o perigo português.

Uma vez que a persuasão falhou e a cooperação estava fora de questão, a única opção restante era a sabotagem.

No mesmo mês, a *giunta* sigilosamente enviou um agente chamado Benedetto Sanuto para o Cairo. A missão de Sanuto era convencer o sultão do Egito de que os portugueses eram uma ameaça tanto para os muçulmanos como para os venezianos. Foi lhe instruído que sugerisse duas estratégias para combater a ameaça. A primeira era que o sultão cortasse seus deveres alfandegários de forma que os venezianos pudessem competir com os portugueses. Até mesmo Veneza sabia que esta era uma possibilidade remota. A segunda era "encontrar soluções rápidas e secretas" para impedir que os portugueses navegassem até a Índia. Os

venezianos não conseguiam que seus aliados muçulmanos usassem suas forças contra os concorrentes cristãos, mas não havia dúvida de que lado eles estavam. Se os portugueses encontrassem uma oposição unida na Índia, previu Sanuto, logo eles repensariam. Talvez o sultão pudesse conversar com o samorim de Calcutá e instá-lo "a fazer as coisas que pareciam apropriadas à sua sabedoria e poder". Não havia dúvida também do que ele queria dizer com isso.

# III

# Cruzada

# 14. O almirante da Índia

Novamente biscoitos de bordo eram cozidos e barris de vinho rolavam pelas pranchas, enquanto bandeiras, estandartes e cruzes flutuavam na brisa de inverno. As devoções habituais foram feitas, a artilharia disparou uma salva de despedida e Vasco da Gama partiu de Lisboa em 10 de fevereiro de 1502.

Ao todo, a frota contava com vinte navios, embora apenas quinze tenham ficado prontos a tempo. Gama escolheu como carro-chefe o robusto *São Jerônimo*. A partir do *Esmeralda*, seu tio materno Vicente Sodré, um cavaleiro da Ordem de Cristo, comandava uma subfrota de cinco navios. Também entre os capitães estavam Brás Sodré, outro tio materno de Gama, e Álvaro de Ataíde, cunhado de Gama. Gaspar da Gama, o pouco promissor afilhado do almirante, estava novamente em destaque entre o grupo. Os cinco navios restantes deveriam partir no início de abril, com o primo-irmão de Vasco, Estêvão da Gama, no comando do grande e novo navio de guerra *Flor do Mar*. O apoio firme e a voz calma de Paulo da Gama fariam muita falta, mas a nova missão era, ainda mais que a anterior, um negócio de família.

Era também um assunto europeu. Lisboa fervilhava com financistas, comerciantes e marinheiros estrangeiros, todos falando sobre a Índia e as especiarias. Ingleses, franceses, alemães, genoveses, espanhóis, flamengos, florentinos e até mesmo alguns poucos venezianos renegados chegavam diariamente para tentar a sorte no Oriente. A nova frota era grande demais para ser tripulada ou financiada somente pelos portugueses e um grande número de estrangeiros se inscreveu.

As instruções de navegação de Gama eram surpreendentemente ambiciosas, embora fossem, pelo menos, mais específicas do que as ordens apocalípticas que o rei tinha designado a Cabral. A frota reunida fortaleceria as frágeis fábricas portuguesas, forçaria mais cidades africanas e indianas a concordarem com termos de comércio vantajosos e lidaria com o truculento samorim de Calcutá. Quando tivesse imposto sua vontade sobre o oceano Índico, ela deveria se dividir em duas. Vasco da Gama voltaria para Portugal com o corpo principal da frota e seus preciosos carregamentos de especiarias. A subfrota fortemente armada de Vicente Sodré ficaria para trás e intensificaria a guerra contra o Islã. Além de defender os interesses de Portugal, ele deveria montar um bloqueio permanente à navegação árabe, estancar o fluxo de especiarias para o mar Vermelho e estrangular a economia do Egito. Se tudo corresse conforme o planejado, em pouco tempo os portugueses navegariam pelo mar Vermelho, encontrariam tropas que se dirigiam para o leste através da África, saindo de Marrocos, e marchariam sobre Jerusalém.

Os primeiros quinze navios fizeram a primeira parada habitual nas ilhas do Cabo Verde,

onde os padres rezaram a missa. Havia muitos novatos entre a tripulação; um marinheiro flamengo a bordo do *Leitoa Nova*, um dos navios da frota principal de Gama, comeu com os olhos os habitantes das ilhas. E proferiu em seu diário: "O povo estava totalmente nu, homens e mulheres, e eles são pretos. E eles não têm nenhuma vergonha, pois não vestem roupas, as mulheres conversam com os homens como macacos e eles não conhecem nem o bem nem o mal".

Ainda mais do que o habitual, a travessia do Atlântico foi um teste de nervos. No dia 6 de março, a frota deixou as ilhas do Cabo Verde com um vento favorável, mas logo chegou a calmaria. Durante alguns dias, os homens tiveram pouco a fazer além de pescar grandes peixes, que, observou um marinheiro, tinham uma aparência estranha e horrível e eram tão pesados quanto vacas frísias. Depois, o vento voltou e trouxe seis semanas de tempo instável marcado por mar agitado, aguaceiros violentos e tempestades de granizo, que jogavam os navios em todas as direções. No final de março, a Ursa Maior e a estrela Polar desapareceram do céu, e no dia 2 de abril o sol era tão forte que nada podia ser visto à luz isenta das sombras. Até mesmo as noites eram sufocantes, e o grupo inteiro ficou doente por causa do calor.

Logo os navios cruzaram o equador; o sol do meio-dia suspendia-se atrás deles e à noite o Cruzeiro do Sul aparecia no céu, brilhando claramente através de finas nuvens. Os homens tinham como companhia enormes cardumes de peixes-voadores pulando do mar em uníssono e bandos de pássaros cinzas e fragatas de cabeça branca que os acompanhavam e de vez em quando mergulhavam com suas asas enormes para fazer uma captura com seus longos bicos. Quando predadores maiores os acompanhavam, os cardumes pulavam tão alto que dez ou vinte caíam de uma só vez dentro dos barcos. Durante dias a fio, até mesmo os peixes e pássaros desapareceram, não havendo nada vivo para ser visto. Apenas as habituais catástrofes menores quebravam o silêncio misterioso: um mastro se quebrando ou um navio acertando com tanta força outro navio que levava horas para separá-los.

No dia 23 de abril, dia de São Jorge, soprou um vento favorável e a frota finalmente voltou a velejar. Gama consultou seus capitães, perguntando o quão longe eles pensavam estar do cabo, e definiu um curso leste-sudeste. Em seguida, o vento virou-se novamente contra eles e eles foram levados para oeste, em direção ao Brasil. No final de maio, tendo mais uma vez recuperado o curso, eles estavam tão distantes do sul a ponto de os primeiros dias de inverno durarem somente oito horas, e em meio a uma espetacular tempestade de "chuva, granizo, neve, trovão e relâmpago" os ventos do oeste os dirigiram para além do cabo da Boa Esperança.

A essa altura, registrou um marinheiro alemão, o calor sufocante tinha dado lugar a "um frio tão grande que nem na Alemanha poderia ocorrer. Nós estávamos todos com frio, pois o sol estava ao norte, e muitos dos nossos homens morreram de frio. O mar é tão agitado lá que é espantoso de se ver". Ele puxou sua capa encharcada em torno de si, mas seus arrepios aumentaram quando lhe disseram que quatro navios — incluindo a embarcação capitaneada por Bartolomeu Dias — tinham sido destruídos nesse mesmo lugar havia menos de dois anos.

Durante dias, a frota atravessou com dificuldade o alto-mar e passou por chuvas de vento com as velas arriadas; estavam com os nervos em frangalhos quando o almirante apontou um bando de pássaros que pescava de dia e dormia na terra à noite — um sinal claro, disse ele, de que a costa estava próxima. Os capitães tomaram o curso que puderam, com as velas encurtadas, e no dia 30 de maio avistaram terra e ancoraram. Enquanto os marinheiros, aliviados, comemoravam, os pilotos olharam para o litoral, compararam-no com seus mapas e reconheceram estar uma centena de léguas além do cabo.

O mau tempo não iria embora tão cedo. "Então, nós levantamos âncora e continuamos adiante", prosseguiu o marinheiro alemão, "e quando nos encontramos em pleno mar, uma grande tempestade se abateu sobre nós e o mar ficou mais tempestuoso do que jamais se tinha visto." Gurupés e mastros estalavam como se fossem galhos, e três dos navios desapareceram de vista. Ondas batiam nas laterais e varriam os conveses, e enquanto eles lutavam contra as ondas, correntes e ventos ao longo de três dias e três noites, até mesmo os marinheiros mais experientes estavam convencidos de que a hora deles havia chegado. No pior momento, um golfinho gigante pulou do mar e quase ultrapassou os mastros, deixando em pânico os marinheiros supersticiosos. Logo em seguida, uma baleia jubarte, com barbatanas tão grandes quanto velas, nadou em torno deles por tanto tempo e fez tanto barulho que eles tremeram com o presságio. Para grande alívio dos marinheiros, esses visitantes do mar acabaram sendo sinais de bom augúrio: a tempestade deu lugar a um vento favorável e os homens espalharam suas roupas encharcadas para secar ao sol fraco.

Logo depois que a frota navegou para o oceano Índico, o almirante convocou uma conferência com todos os quinze capitães. Eles decidiram se separar: os cinco navios de Vicente Sodré iriam diretamente para Moçambique, enquanto o restante pararia na cidade famosa pelo comércio de ouro, Sofala. Os bens destinados à venda em Sofala foram transferidos para os navios de Gama, e uma semana depois a frota principal chegou lá, ancorando bem longe das baixas areias instáveis da costa.

Na tradição ocidental, acreditava-se que Sofala seria o porto bíblico fabulosamente rico de Ofir, a localização das minas do rei Salomão, a capital da rainha de Sabá — ou todos os três. "Nosso capitão disse-nos que o rei que vivia aqui foi quem ofereceu ouro ao Nosso Senhor Jesus Cristo em Belém; mas o rei atual é um pagão", observou o marinheiro alemão; por pagão, é claro, ele queria dizer muçulmano. A localização da cidade mudava com a areia; quando os portugueses chegaram, ela estava em meio a palmeiras e plantações em uma ilha na foz de um rio. O continente abraçava a ilha para formar uma ampla baía em forma de ferradura e os barcos navegavam pelo rio transportando o ouro extraído no interior.

Gama convocou outra reunião com os capitães. A questão, disse-lhes, era como estar preparado para responder a uma ação hostil, sem parecer tão agressivo a ponto de atrair um ataque preventivo. Uma decisão foi tomada: cada capitão armaria barcos e homens, mas as armas ficariam escondidas.

Ao nascer do dia, os barcos chegaram. A praia já estava cheia de gente, e conforme os europeus se aproximavam, quinze ou vinte homens arrastaram uma canoa para dentro da água. Cinco ou seis árabes subiram nela e empurraram-na para encontrar os estrangeiros. Quando a canoa estava próxima o bastante, o porta-voz de Gama anunciou solenemente que trazia uma mensagem do almirante de Portugal. Os árabes relataram o fato para o sultão e retornaram com presentes de bananas, cocos e cana-de-açúcar. O sultão lhes dava boas-vindas, segundo os árabes, e esperava por suas mensagens.

Gama não queria correr riscos, então pediu reféns antes de deixar seus homens desembarcarem. Dois árabes de aparência importante logo chegaram, e dois portugueses seguiram para o palácio. Eles voltaram com mais palavras de boas-vindas, juntamente com mais bananas, cocos e uma vaca. Depois que um barco sondou o porto raso, mas navegável, a nau capitânia e três outros navios navegaram em direção à baía. Dez ou doze dias de negociação começaram, no curso dos quais os europeus carregaram reservas de ouro em troca de simples contas de vidro, anéis de cobre, lã e pequenos espelhos. O intercâmbio permaneceu amigável, embora Gama, de acordo com um registro, tenha passado seu tempo fazendo secretamente um levantamento da área circundante para descobrir o melhor lugar para se construir um forte.

Em termos financeiros, a missão tinha tido um começo promissor, ainda que sua sorte tenha declinado rapidamente quando um dos navios carregados de ouro bateu contra um recife ao sair do porto, tendo tempo apenas para ser evacuado antes de afundar. O restante da frota navegou para Moçambique, onde uma semana mais tarde se reuniria com o esquadrão de Sodré.

Dessa vez, o sultão de Moçambique estava todo sorridente e disposto a cooperar. Dois dos três navios que tinham sido perdidos na tempestade também foram abrigados no porto, enquanto os homens de Sodré se ocupavam em construir uma caravela armada a partir de peças que tinham sido trazidas de Portugal e que deveria ser deixada para patrulhar o litoral africano. A frota foi carregada com água doce e madeira e trocou mais contas por ouro; quando tudo estava pronto, o almirante ditou uma carta descrevendo o curso que pretendia seguir. Ele enviou a carta para a cidade com instruções de que ela fosse entregue para a segunda frota de navios, e então as treze embarcações navegaram até sua próxima escala.

Kilwa, a ilha sobre a qual Gama tanto ouvira falar em sua primeira viagem, tinha sido, durante séculos, o lar dos mais poderosos sultões da África oriental, os senhores árabes de toda a costa, desde Sofala e Moçambique, no sul, até Mombaça e Melinde, no norte. A estrela da dinastia vinha diminuindo havia algum tempo — as ruínas de um palácio monumental, com espaçosos conjuntos de pátios, piscinas e salas de trono, compunham magnificamente um promontório com vista para o oceano Índico — e três anos antes tinha sido extinta para sempre, quando o último sultão foi assassinado por seu próprio emir. Mesmo assim, a ilha ainda era bastante rica. Poderosos mercadores muçulmanos agiam como intermediários no

comércio de ouro e marfim de Sofala e Moçambique, que ficavam muito ao sul para que os navios da Índia e da Arábia Saudita chegassem e partissem com a virada das monções; eles também embarcavam o ouro que era extraído do interior, no grande planalto de granito de Zimbábue, bem como prata, âmbar, almíscar e pérolas. As casas altas da cidade eram belamente construídas de pedra decorada com nichos de estuque ornamental, em meio a jardins e pomares. A Grande Mesquita, com seu telhado que parecia uma caixa de ovos, domos de concreto e uma floresta de colunas de coral, lembrava uma versão em miniatura da Mesquita de Córdoba. Os dias de glória de Kilwa podiam ter acabado, mas ela ainda era um prêmio valioso.

Dois anos antes, por recomendação de Gama, Cabral havia navegado até a ilha para propor um tratado de comércio e amizade. A princípio, o usurpador Emir Ibrahim se mostrou empolgado, mas logo decidiu que os portugueses eram demasiado bélicos para seu agrado e se recolheu no palácio, onde trancou as portas e cercou-se de guardas armados. Os portugueses, como de costume, convenceram-se de que os muçulmanos estavam determinados a não negociar com os cristãos, e Gama tinha ordens de colocar a orgulhosa Kilwa em seu devido lugar.

A frota ancorou ao largo da ilha na tarde de 12 de julho e Gama apareceu em cena. O porto era cheio de mastros e mais navios foram levados para a praia. Homens e mulheres caminhavam pelas areias e manguezais para seu mergulho diário no mar. Os escravos negros e os homens mais pobres estavam quase completamente nus; os árabes vestiam-se em sedas longas e roupões de algodão. "Seus corpos são bem formados", observou um europeu, "e suas barbas são grandes e assustadoras de se ver."

Gama esperava uma recepção fria, então se anunciou com uma explosão barulhenta de tiros de canhão. Um barco logo se aproximou, mas continha apenas um degredado deixado para trás por Cabral. O presidiário entregou uma carta que João da Nova lhe dera a caminho de casa; além de atualizar seus sucessores sobre a balbúrdia em Calcutá e o progresso em Cananor, Nova advertiu que eles não chegariam a lugar nenhum sendo amigáveis com o governante de Kilwa.

Gama enviou o homem de volta com uma mensagem para o emir. O almirante de Portugal, ele deveria anunciar, tinha sido enviado pelo rei, seu senhor, para fazer as pazes com Kilwa, e ele tinha muitos bens para comerciar.

O emir ouviu a mensagem e imediatamente caiu doente.

Gama convocou todos os capitães para uma assembleia em seu navio. Emir Ibrahim estava claramente tentando evitar o encontro, e ele pediu a cada homem que desse o seu conselho. Eles acordaram uma estratégia e, na manhã seguinte, os capitães armaram e tripularam completamente seus barcos e dirigiram-se para a orla. Colocaram-se em frente ao palácio, e Gama, que dirigia a operação de seu próprio barco, enviou um novo decreto para o

emir. Se ele não fizesse o que lhe foi dito e não encontrasse o almirante, declarou o enviado, a frota abriria fogo sobre seu palácio.

Depois de muitas idas e vindas, a saúde do emir foi suficientemente recuperada, de modo que pôde ir até a praia, acompanhado por uma multidão que o marinheiro alemão estimou em mais de 2 mil pessoas. Quatro homens levaram o assustado Ibrahim em seus braços e transportaram-no até o barco do almirante. Quando ele estava sentado sobre um tapete, Gama informou-lhe que havia trazido uma carta de seu rei, mas que, como o tempo era curto, iria resumir seu conteúdo. Se o emir queria a proteção dos portugueses, teria de desembolsar uma enorme soma em ouro e fornecer todas as mercadorias que eles requisitassem a um preço local. Como prova de que ele era um vassalo leal, teria de enviar à rainha portuguesa um tributo anual de dez pérolas e exibir a bandeira portuguesa em seu palácio. Caso desobedecesse, Gama teria de jogá-lo no porão e ele deveria se preparar para o pior.

O abalado emir, que não estava acostumado a ser tratado dessa forma, perguntou se o almirante tinha vindo fazer a paz ou a guerra. E Gama respondeu: paz ou guerra, isso cabia a ele decidir. Gama não tinha dúvida, acrescentou, de qual preferiria se estivesse em seu lugar.

O emir escolheu a paz, mas tentou se esquivar. Ele não tinha dinheiro suficiente para pagar o tributo, lamentou, embora estivesse disposto a fazer o que pudesse. Gama insistiu que era inútil discutir, mas Ibrahim levou as negociações longe o bastante para que o português finalmente concordasse em receber uma soma muito menor. Afinal, o princípio era o que importava.

O emir deixou três dignitários como reféns e foi levado de volta à praia. A multidão explodiu em aplausos e gritos de alegria, pois a guerra tinha sido evitada, e correu para espalhar galhos aos pés do usurpador assassino. Os europeus remaram de volta para seus navios, e logo se aproximaram barcos contendo bodes, frangos e bois sacrificais.

Dentro de três dias o pagamento pela proteção chegou acompanhado de mulheres que cantavam "Portugal! Portugal!", no que parecia ser uma manifestação espontânea de alegria. Em troca, o emir recebeu seus reféns de volta, algumas capas escarlates, catorze peças de veludo carmesim, cartas patentes em nome do rei Manuel, que gentilmente aceitava o emir como vassalo e prometia defender o seu território, e um estandarte de seda bordada a ouro com o brasão real. O estandarte foi amarrado a uma lança e enviado à terra acompanhado por uma guarda de honra, uma salva de canhão e uma banda tocando trombetas, castanholas e tambores. O pragmático Ibrahim aceitou a insígnia preciosa com uma saudação. Ele decidiu ir até o fim, e a bandeira foi levada em cortejo em torno da cidade sob mais brados de "Portugal! Portugal!" antes de ser hasteada com grande cerimônia em sua torre mais alta.

Enquanto o marinheiro flamengo não tirava os olhos das mulheres locais seminuas e maravilhava-se com as ovelhas rabo largo da ilha e com as enormes cebolas, Gama fez com que seu secretário elaborasse um memorando para a edificação da frota seguinte. O emir, declarou ele, tinha agido de forma muito descortês para com ele, "e por causa disso me armei com todos

os homens que tinha, determinado a destruí-lo, e fui com meus barcos até sua casa e coloquei a proa em terra seca, e mandei buscá-lo com muito mais descortesia do que ele tinha tido comigo, e ele concordou em vir e veio, e eu fiz as pazes e amizade com ele na condição de que ele deveria pagar um tributo ao rei, meu senhor". Uma vez que o emir era agora um vassalo de Portugal, Gama ordenou que seus sucessores mantivessem a paz, desde que o emir mantivesse sua palavra. Ele acrescentou um resumo detalhado do itinerário pretendido e instruiu os retardatários a viajarem dia e noite para recuperar o atraso, assinando a carta como "O almirante dom Vasco".

Os navios foram carenados, desengordurados e novamente vedados e ficaram prontos para partir. Levaram dois dias para chegar a mar aberto; as marés, como Gama tinha avisado em sua carta, dificultaram a saída do porto. A irritação se transformou em alegria quando Estêvão da Gama apareceu à vista no *Flor do Mar*, enquanto eles ainda tentavam sair de lá. Ele tinha deixado Lisboa em maio; dois dos seus navios, porém, haviam sido perdidos em meio a tempestades no cabo, e Gama deixou sua mensagem na esperança de que eles o buscariam.

A armada combinada de dezesseis navios navegou para o norte em direção a Melinde. Se os homens estavam ansiosos pela famosa hospitalidade do sultão, ficariam desapontados. Os ventos de monções começaram a uivar, a chuva caía em pancadas e os navios foram levados cinco léguas para além da cidade. Eles ancoraram em uma angra e alguns homens partiram para procurar água. Enquanto isso, Gama ordenou que seus capitães fizessem uma lista das especiarias que esperavam conseguir e do dinheiro e mercadorias que tinham trazido. Ao atravessar o oceano, explicou, queria planejar exatamente que tipo de negócio ele precisava realizar na Índia. O almirante tinha um plano escondido: comerciantes particulares tinham financiado vários dos navios, e ele estava determinado a não deixar que competissem uns com os outros — ou com os agentes do rei — pelas preciosas especiarias. "Nós todos pensávamos que era aconselhável notificá-lo de nossas mercadorias e fundos, assim como o que iríamos comprar, mantendo nossa possibilidade de adquirir mais ou menos especiarias dependendo da qualidade e dos preços que encontrássemos", observou Matteo da Bergamo, agente de um comerciante italiano.

O sultão de Melinde viu os navios passando e mandou uma carta para o almirante. Os mensageiros caminharam pelo mar com água até a cintura para chegar até ele, evitando as feras que perambulavam pela costa à noite, e Gama enviou de volta saudações amigáveis e mais instruções para que os navios restantes não se demorassem. A parte africana da sua missão tinha saído mais ou menos de acordo com o plano, e Gama decidiu dirigir-se diretamente para a Índia. Depois de parar por apenas dois dias, a frota partiu na sexta-feira, dia 29 de julho.

As monções não favoreceram. Uma tempestade levou a armada quase até a Arábia, e quando ela finalmente chegou à Índia, encontrou-se muito ao norte de Calcutá, em um território controlado por muçulmanos. Os navios navegaram para o sul ao longo costa e

passaram por uma cidade cujo sultão possuía pelo menos 8 mil cavalos e setecentos elefantes de guerra, conforme registrou o marinheiro flamengo. Os europeus, acrescentou ele, capturaram quatrocentos navios, "e nós matamos as pessoas e queimamos os navios".

Se essa horripilante carnificina aconteceu ou não — e se alguma coisa aconteceu, era quase certamente em uma escala muito menor —, o fato é que o almirante da Índia estava determinado a livrar o mar Árabico de árabes de uma vez por todas. Eram ordens do rei. O massacre de Calcutá e os ataques contra as frotas portuguesas tornaram isso mais urgente. Gama estava pronto para cumprir seu dever cristão e, sem dúvida, a perspectiva de uma vingança pessoal pelo tratamento anterior endureceu sua alma.

Depois de alguns dias, a frota chegou à ilha de Angediva, onde Gaspar da Gama tinha ficado aprisionado na primeira viagem. A essa altura, centenas de marinheiros que haviam sido atingidos pelo escorbuto foram carregados para a praia e alojados em abrigos improvisados. A doença misteriosa aterrorizava os novos marinheiros, embora o navegador flamengo se distraísse caçando e matando um lagarto de cinco pés de comprimento. Os amáveis nativos levaram muita comida — peixe fresco e cozido, pepinos e bananas pelas quais os portugueses estavam obcecados, chamando-as de "figos indianos" —, mas mesmo assim sessenta ou setenta deles morreram.

Certa manhã, uma vela apareceu no horizonte e o almirante enviou três navios e duas caravelas para afastá-la. Assim que se aproximaram, a embarcação exibiu suas bandeiras e estandartes e muitos gritos de animação foram ouvidos. O navio era um dos dois que tinha partido em maio e que havia se atrasado no cabo. Ele era propriedade de um rico cristão-novo chamado Rui Mendes de Brito e capitaneado por um florentino chamado Giovanni Buonagrazia; também a bordo estava um escriba chamado Tomé Lopes, que assumiu a tarefa de fazer um registro completo da viagem. Quando a embarcação se juntou ao restante da frota, os marinheiros apinharam-se a bordo para ouvir as notícias de Portugal e perguntar se eles tinham alguma carta. Os recém-chegados haviam atracado no porto de Melinde e deram galinhas e laranjas do sultão aos pacientes em recuperação.

O segundo navio que faltava da frota de maio apareceu logo em seguida, e a grande armada partiu em direção a Cananor, o porto mais ao norte dos três grandes portos da costa Malabar. Ao longo do caminho os europeus capturaram vários barcos e saquearam suas cargas de arroz, mel e manteiga. Os homens pertencentes a governantes amigáveis foram libertados; os outros foram levados como escravos e suas embarcações, queimadas.

Em vez de entrar no porto de Cananor e começar a comerciar, o almirante ordenou a seus capitães que esperassem no mar. Eles pararam em frente ao monte Eli, o marco que os pilotos árabes orientaram e o ponto onde o próprio Gama tinha aportado pela primeira vez na Índia.

Agora estavam todos reunidos para realizar o plano. O marinheiro flamengo registrou isso

da forma mais simples possível. Eles deveriam esperar os comboios mercantes que iam da Arábia para Calcutá, "os navios que carregam as especiarias que vêm para o nosso país, e ele desejava destruí-los de modo que somente o rei de Portugal conseguisse as especiarias de lá".

De tempos em tempos, um dos navios sondava as rotas marítimas, e quando terminava seu turno, outro tomava o seu lugar. Os revezamentos continuaram por dias sem que conseguissem muita coisa. Um capitão chamado Fernão Lourenço tentou abordar um enorme dhow de quatro mastros que carregava uma numerosa tripulação, mas após disparar seis ou sete bombardas, os artilheiros ficaram sem munição e, quando a noite caiu, perderam sua presa. O navio pertencente a Rui Mendes de Brito conseguiu capturar um sambuco — um pequeno dhow duplo —, mas ele carregava pouco mais do que fibras de estopa e inhame, e acabou sendo levado para a amigável Cananor. Gama manteve seus 24 marinheiros muçulmanos sob vigilância estrita por alguns dias, enquanto decidia o que fazer; ao final, a necessidade de aliados prevaleceu sobre as exigências da fé, e ele os colocou sob os cuidados de um embaixador de Cananor que havia retornado para a Índia com a frota.

Os 24 homens logo descobriram como tinha sido complicada a libertação que acabara de ocorrer.

A armada ficou de prontidão, suas armas foram carregadas, os oficiais estavam preparados para a ação e incentivavam a tripulação, que ficava cada vez mais inquieta à medida que o suprimento se acabava. Finalmente, dois dias antes do final de setembro, com os ventos de monção tardios, o tráfego de Jedá e Áden começou a aumentar e um alvo adequado apareceu à vista.

Tomé Lopes, o escrivão do navio de Rui Mendes de Brito, mais tarde fez um relato completo dos horrores que se desenrolaram nos dias seguintes.

O *São Gabriel* estava em missão de reconhecimento quando o enorme navio árabe apareceu no horizonte. Enquanto os vigias gritavam, os artilheiros entraram em ação e dispararam tiros de advertência através de sua proa.

Estranhamente, já que os europeus podiam ver que ele estava armado, eles pararam e baixaram a vela. O *São Gabriel* se aproximou e seus soldados embarcaram no navio, sem encontrar qualquer oposição.

O navio árabe se chamava *Mîrî*. Para grande satisfação dos portugueses, ele se dirigia a Calcutá e estava abarrotado com 240 homens e mais de cinquenta mulheres e crianças. A maior parte deles era composta de peregrinos que voltavam para casa, vindos do hadji para Meca, mas uma dúzia dos mais ricos mercadores de Calcutá também estava a bordo. Eles estavam acostumados a lidar com piratas ao longo da costa Malabar e, em vez de lutar, preferiram comprar suas liberdades com uma parte das riquezas que carregavam consigo.

O mais importante comerciante chamava-se Jauhar al-Faqih, que era, como os europeus vieram a descobrir, ninguém menos que o administrador do sultão de Meca em Calcutá. O *Mîrî* era parte de sua frota pessoal, e ele se encarregou das negociações.

A pedido de al-Faqih, o almirante da Índia encontrou-o pessoalmente. O nobre muçulmano começou com uma oferta alta, e, à maneira árabe usual, para não perder o respeito, ele apresentou o flagrante suborno como se fosse uma transação comum de negócios. Seu mastro foi quebrado, explicou, e ele poderia oferecer uma soma considerável em ouro por um novo mastro; além disso, ele garantiria pessoalmente que cada navio da frota portuguesa teria seu porão cheio de especiarias.

Gama recusou. Cinco anos antes ele tinha feito uma grande cena de indignação quando os muçulmanos de Calcutá chamaram-no de pirata. Com razão, ele agora estava sendo tratado como tal. Mas muito havia mudado nesse meio-tempo. A primeira expedição de Gama foi uma viagem de exploração conduzida em três pequenos navios. Sua segunda expedição era uma viagem de conquista apoiada por uma armada encolerizada. Naquela época, ele ainda era um explorador. Agora ele era um cruzado, com planos muito mais tenebrosos do que uma simples extorsão.

Al-Faqih elevou sua oferta. Se ele, seu sobrinho e uma de suas esposas fossem libertos, ele garantiria o carregamento de quatro dos maiores navios com uma carga completa de especiarias às suas próprias custas. Ele próprio permaneceria na nau capitânia como refém; o almirante devia apenas permitir que seu sobrinho desembarcasse para fazer os arranjos. Se dentro de quinze ou vinte dias o carregamento não chegasse, disse ele, sua vida estaria à disposição para fazerem dela o que bem entendessem, assim como com a preciosa carga do *Mîrî*. E, principalmente, ele intermediaria as negociações com o samorim para assegurar o regresso dos bens ao armazém português e para restaurar relações amigáveis no lugar das infelizes hostilidades que haviam irrompido.

O almirante ordenou bruscamente ao mercador que retornasse ao seu navio e dissesse aos seus companheiros muçulmanos que entregassem tudo o que houvesse de valor a bordo.

Estava claro que não havia negociação com os grosseiros europeus, e o orgulho de al-Faqih já tinha tomado golpes o bastante.

"Quando eu comandava este navio", respondeu, "eles faziam como eu lhes ordenava; agora que você está no comando, é você quem deve ordenar!".

Não obstante, ele voltou para o *Mîrî*, e após acalorado debate os comerciantes enviaram uma quantidade modesta de ouro para a frota portuguesa. Gama tomou-a para si e, em seguida, despachou seus barcos para que investigassem o navio árabe para mais um saque. Um de seus tripulantes transferia as mercadorias apreendidas quando perdeu o equilíbrio e caiu do navio. A correnteza forçou os dois navios um contra o outro com o marinheiro entre eles, e seu corpo foi despedaçado. O almirante tornou-se mais implacável ainda.

Extorquir navios no mar era um assunto militar. Os representantes dos comerciantes europeus observavam tudo sem saber o que realmente estava acontecendo, pois Gama se reunia a portas fechadas com seus capitães. Matteo da Bergamo ouviu que os soldados tinham apreendido uma grande quantidade de moedas de ouro e prata, assim como veludos turcos,

mercúrio, cobre e ópio do *Mîrî*. "Não podíamos nem mesmo falar sobre essa captura", observou, "ainda mais porque não tínhamos parte nela. Diziam-nos que esse assunto não nos dizia respeito."

O impasse já durava cinco dias. "Era uma segunda-feira, dia 3 de outubro de 1502: uma data que eu lembrarei todos os dias da minha vida", escreveu Tomé Lopes.

Os soldados de Gama retiraram todas as armas que encontraram no navio árabe, tornando-os alvo fácil. O almirante ordenou a seus homens que entrassem em seus barcos. A tarefa deles era simples. Deveriam rebocar o *Mîrî* para o mar até que estivesse a uma distância segura da frota portuguesa. Então deveriam atear fogo e queimá-lo com todos a bordo.

Os soldados marcharam até o *Mîrî*, atearam fogo no convés e saltaram de volta para os barcos em meio às labaredas e espirais de fumaça. Alguns muçulmanos apressaram-se em deter os focos do incêndio, e conseguiram extingui-los, um após o outro. Outros arrastaram diversas bombardas pequenas que tinham conseguido esconder do grupo de busca e prepararam-nas apressadamente. Os peregrinos e mercadores correram para agarrar qualquer coisa que pudesse servir como munição, incluindo grandes pedras do tamanho de punhos que havia entre as pilhas de lastro no porão. Obviamente, não havia nenhuma chance de rendição, e eles estavam determinados a morrer lutando em vez de queimar até a morte.

Quando viram os incêndios se apagando, os soldados remaram de volta para acendê-los novamente. Conforme se aproximavam, tanto homens quanto mulheres disparavam as bombardas e arremessavam pedras. Os europeus se encolheram sob a chuva de mísseis e bateram rapidamente em retirada. À distância, eles tentaram afundar o *Mîrî* com suas bombardas, mas as armas transportadas nos barcos eram pequenas demais para causar grandes danos.

As mulheres muçulmanas arrancaram suas joias, recolheram ouro, prata e pedras preciosas em suas mãos e jogaram-nas para os barcos, gritando para seus atacantes que levassem tudo o que tinham. Elas mostravam seus bebês e crianças pequenas e imploravam desesperadamente aos cristãos que tivessem piedade dos inocentes. Uma última vez, os mercadores gritaram e gesticularam que pagariam um grande resgate se suas vidas fossem poupadas.

Escondido, Gama assistiu a tudo através de uma abertura na lateral do navio. Tomé Lopes estava atordoado, chocado com a recusa do almirante em ceder e espantado que ele estivesse disposto a rejeitar tanta riqueza. Para ele, não havia dúvida de que o resgate teria sido suficiente para comprar a liberdade de cada prisioneiro cristão no Marrocos — e, ainda assim, restaria um grande tesouro para o rei. Bergamo e seus companheiros administradores imaginavam quanto de seu lucro havia virado fumaça. Havia muitos cristãos zelosos entre a tripulação que não tinham mais escrúpulos do que seus antepassados cruzados no que dizia respeito a matar comerciantes pacíficos e peregrinos. A noção desumanizante de que seus inimigos de fé não eram pessoas reais estava enraizada demais para ser abalada. Como os

guerreiros sagrados antes e depois deles, evitavam olhar para os olhos de suas vítimas e assim continuavam sua obrigação divina.

O *Mîrî* ainda flutuava. Os muçulmanos, desesperados, arrastaram os colchões e os tapetes que cobriam a carga para o centro do convés e montaram uma barreira por trás de seus abrigos improvisados. O navio de Tomé Lopes estava mais próximo; assim, ele e sua tripulação podiam ver seus companheiros nos barcos acenando com bandeiras e chamando-os para virem em seu resgate. Eles navegaram e levaram os soldados a bordo, com uma metade no navio e a outra metade no sambuco que tinham apreendido antes — e que ainda estavam rebocando. Os artilheiros prepararam uma grande bombarda no *Mîrî* e a bola de canhão atingiu a base do seu mastro, rachando a madeira. Pensando que tinham a situação sob controle, eles navegaram diretamente para o navio inimigo.

O *Mîrî* era o maior e o mais alto dos dois, e os cristãos viraram seu navio para trás de forma que a parte superior de seu castelo fosse de encontro à parte do meio do navio árabe. Os muçulmanos partiram para a ação. Jogaram cordas no navio de Lopes e pularam tão rapidamente para ele que os marinheiros não tiveram tempo de agir. Agarraram-se à rede que se destinava a evitar a abordagem, subiram pelo cordame e jogaram as cordas de volta. Os homens no *Mîrî* pegaram-nas pelas extremidades e aproximaram os dois navios.

De repente, os cristãos estavam com graves problemas. De uma distância tão pequena, suas armas eram inúteis. Os cerca de quarenta marinheiros estavam em número muito menor, e cada vez que deixavam suas cabeças à mostra, uma chuva de pedras caía à sua volta. Alguns soldados escalaram até a gávea e responderam ao ataque com seus parcos suprimentos de lanças e flechas, mas os muçulmanos pegaram-nos e mandaram-nos de volta, espancando-os até o convés. Lopes e seus companheiros foram forçados a se esconder; apenas um soldado armado com uma besta impediu os homens do *Mîrî* de subirem a bordo.

Esse foi o dia mais longo do ano, Lopes observou mais tarde — e certamente parecia sê-lo —, e ainda assim, à medida que a luz finalmente começava a desvanecer, a batalha não mostrava nenhum sinal de cessar. Os muçulmanos ainda estavam lutando "com tal veemência que era maravilhoso de se ver, e embora nós tivéssemos ferido e matado muitos deles, parecia que ninguém estava morrendo nem sentindo suas feridas". Eles arrancavam flechas de sua pele, arremessavam-nas de volta em seus atacantes e retornavam à ação sem nenhum segundo de pausa. Catorze ou quinze muçulmanos pularam no navio português e se atiraram no castelo de popa com a força sobre-humana de homens que sabiam que estavam sendo injustiçados. As vítimas agora eram os vingadores, e eles se ajudavam e davam força uns aos outros, jogando longe as lanças que perfuravam seus peitos. Os oficiais e soldados que tinham se protegido dentro de barricadas bateram em retirada, descendo pelas escadas que davam para o convés principal, machucados e sangrando. Apenas Tomé Lopes e Giovanni Buonagrazia, capitão do navio, ficaram para lutar. A couraça que o capitão tinha amarrado em seu tronco já estava

amassada e quebrada pelo ataque de pedras; enquanto ele ainda estava lá, as tiras cederam e sua couraça caiu no chão. E, então, ele se virou para o amigo fiel ao seu lado e disse: "Oh!, Tomé Lopes, escrivão deste navio, o que estamos fazendo aqui, enquanto todos partiram?".

Eles também saíram do castelo, ambos gravemente feridos. Os muçulmanos avançaram e deram um grito de triunfo. Os homens no *Mîrî* tomaram ânimo e precipitaram-se para o convés do navio português. A essa altura, a maioria dos europeus estava ferida e vários foram mortos. O resto se encolhia atrás das velas, as únicas coberturas que tinham restado.

Com o vento contra eles, o restante da armada estava incapaz de agir, mas finalmente alguns navios se aproximaram para a ação. Eles não podiam atirar sem atingir seus próprios homens, e enquanto observavam, diversos de seus companheiros abandonavam toda a esperança e se jogavam ao mar. Alguns dos homens feridos e exaustos do *Mîrî* escorregavam quando tentavam se arrastar de volta para seu navio e também caíam no mar, e novas ondas de invasores tomavam seus lugares.

Por fim, um dos navios portugueses de maior porte pegou uma brisa e dirigiu-se diretamente para o *Mîrî*. Os muçulmanos escalaram de volta para seus conveses, cortaram as cordas e foram embora. O *Julioa* era maior do que o seu navio-irmão atingido, mas os homens a bordo deram uma olhada no inimigo destruído e decidiram deixá-los sozinhos. O *Mîrî* estava indo embora.

Foi só então que Vasco da Gama conseguiu aparecer no local, a bordo do *Lionarda*. Os principais navios de guerra estavam logo trás, e assim saíram em perseguição à presa em fuga. Havia rajadas de vento e o mar crescia em grandes ondas, e à medida que eles eram arremessados para cima e para baixo, ora eram levados muito à frente do *Mîrî*, ora eram soprados muito para trás dele. Quando o tiveram ao alcance, o balanço do mar os fez errar o alvo de algumas balas de canhão e eles se desviaram novamente. A perseguição medonha continuou por quatro dias e quatro noites, e homens e mulheres feridos no *Mîrî* deitavam-se no convés e pediam que o Profeta os libertasse das mãos dos cristãos.

O final foi tão sórdido quanto toda a batalha. Um jovem muçulmano saltou do convés do *Mîrî* e nadou através do mar áspero até o navio português mais próximo. Ele lhes revelaria como afundar o navio árabe, disse ao capitão, caso este prometesse salvar sua vida. Ele amarraria uma corda ao seu leme; e como o *Mîrî* já estava em uma situação ruim, não iriam segui-lo pelo mar.

O traidor realizou sua tarefa e os canhões dispararam. "E assim", registrou Tomé Lopes, "depois de todas essas batalhas, o almirante ordenou que o navio queimasse com os homens que estavam nele, muito cruelmente e sem a mínima piedade." Gritos rasgaram o ar. Alguns muçulmanos pularam no mar com machadinhas em suas mãos e nadaram até os barcos, mas foram mortos na água enquanto tentavam golpear o fundo desses barcos, ou escalar a bordo. Quase todos os demais — aproximadamente trezentos homens e mulheres — morreram afogados.

O jovem traidor foi suficientemente castigado pela visão medonha para saborear um momento de vingança. Contou aos cristãos que havia grandes tesouros no *Mîrî* que nunca mais seriam encontrados. Ouro, prata e joias haviam sido escondidos em barris de óleo e mel, e quando os comerciantes perceberam que suas vidas estavam perdidas, lançaram tudo ao mar.

Os portugueses mostraram um pequeno sinal de misericórdia e pragmatismo. Antes de afundar o *Mîrî*, resgataram dezessete crianças. Acreditavam que estariam salvando suas almas quando as batizassem à força. Eles também apreenderam o piloto do navio, um corcunda com útil experiência de velejar pelo oceano Índico, e encontraram um trabalho imediato para ele.

Com sombria satisfação, Gama ditou uma carta para o samorim de Calcutá e mandou que o piloto a entregasse. A carta explicava que, de todas as almas a bordo do *Mîrî*, o almirante tinha poupado somente as vidas de algumas crianças e a do homem que agora era seu mensageiro. O restante, declarou Gama, havia sido morto por vingança pelos portugueses assassinados em Calcutá, ao passo que as crianças foram batizadas para pagar por um garoto português a quem os mouros tinham levado para Meca a fim de fazer dele um muçulmano. E acrescentou: "Essa era uma demonstração da maneira que os portugueses tinham de corrigir os prejuízos sofridos, e o resto seria na própria cidade de Calcutá, onde ele esperava estar muito em breve".

Vasco da Gama retornou à Índia a serviço de um rei que sonhava em inaugurar uma era cristã universal. O senso de proporção de um visionário diminui à medida que sua visão cresce em grandeza: dominação do mundo e jogadas limpas não têm nada em comum. Se o almirante tinha qualquer noção de justiça natural, esta também tinha sido sacrificada pelo chamado à guerra santa.

# 15. Choque e temor

As bandeiras cruzadas tremulavam audaciosamente nos mastros e na gávea da frota europeia. Sobre as velas desfraldadas, as cruzes carmesins dos cruzados podiam ser vistas de longe. Elas não estavam ali por decoração, nem simplesmente como sinal de piedade ou pedido de proteção. Nem todos tinham se alistado para a viagem sabendo da louca ambição de Manuel de esmagar o Islã e ungir-se Imperador Universal, mas poucos — ou ninguém — acreditavam estar indo em uma viagem pacífica de comércio.

A grande maioria dos homens de Vasco da Gama sabia exatamente quais eram seus pendores. Para os marinheiros e soldados, o almirante era um líder comprovado que tinha ganhado sua lealdade irrestrita. Para os capitães, ele era um comandante astuto que os consultava regularmente, mas assumia todas as responsabilidades. Para os sacerdotes, ele era um cruzado envolvido com a obra de Deus. Os civis sempre foram envolvidos nas guerras; os povos inimigos sempre tinham sido caricaturados como quase não humanos; a desumanidade da guerra muitas vezes se intensificou quando os homens acreditavam que estavam lutando por sua fé. Numa época em que era comum para os conquistadores abater cidades inteiras, tanto os seguidores quanto os inimigos de Gama não viram seu ataque ao *Mîrî* como um ato irresponsável. Apenas alguns poucos homens contemplativos, como o escrivão Tomé Lopes, foram atingidos pela tragédia humana da guerra santa.

Os representantes dos comerciantes tinham diferentes razões para preferir usar de cautela. Seus empregadores haviam financiado uma grande parte da frota, e ainda assim Matteo da Bergamo observou que o almirante parecia determinado a colocar a Cruzada na frente dos interesses comerciais. Dom Vasco deixou claro que só permitiria que poucos deles deixassem os navios, sugerindo — em termos inequívocos — que comprassem especiarias nos lugares que ele tinha determinado e nos preços que ele havia fixado. Eles não tinham escolha; como Bergamo colocou, "nós conhecíamos sua vontade e não queríamos nos opor a ele. Então, nós todos concordamos, com voz vigorosa". No entanto, caso houvesse mais episódios como o brutal ataque contra o *Mîrî*, eles se questionavam se ainda levariam alguma coisa para casa.

As Cruzadas podiam ser ruins para os negócios, mas Gama tinha uma perspectiva maior em vista. O intransigente capitão havia se tornado um almirante de pulso firme. Ele não tinha dúvida de que era mais temido do que amado, e não tinha intenção de afrouxar seus ataques sobre qualquer um que impedisse a causa portuguesa. Contudo, ele foi logo lembrado de que a natureza não negociava com as aspirações de almirantes e reis.

Dentro de alguns dias, outros quatro grandes dhows apareceram no horizonte, e o *São*

*Paulo* partiu em sua perseguição. Os navios árabes fugiram em direção à terra, e três desapareceram em um rio. Na pressa, o quarto navio atingiu um banco de areia, e o *São Paulo* se aproximou dele e o prendeu, baixando suas âncoras para escapar do banco de areia. Um grupo de embarque passou para o deque e muitos dos muçulmanos mergulharam no mar. Tão logo os cristãos chegaram a bordo, o navio cativo rangeu assustadoramente e rolou sobre o seu lado. O *São Paulo* acabou se inclinando com esse movimento e a tripulação foi forçada a desengatar os dois navios. O navio atingido balançava nas ondas e os homens abandonados se agarravam a qualquer coisa que conseguissem, na esperança de serem resgatados. Os europeus desceram seus barcos, mas com as fortes ondas os remos se tornaram inúteis. As ondas começaram a quebrar o dhow delicadamente construído, e, com o grupo de embarque ainda fora de alcance para o resgate, se encheu de água e afundou. Sua carga, incluindo uma grande provisão de escudos e espadas, foi levada em direção à costa, onde uma multidão de nativos surgiu para limpar os destroços.

No dia 13 de outubro, o último dos três navios que Gama tinha perdido no cabo da Boa Esperança apareceu. Ele estava perdido havia tanto tempo que todos deduziram que tinha naufragado, e, como tantas vezes acontece no mar, o humor mudou instantaneamente do desânimo para a celebração.

A frota havia perseguido navios árabes por um mês, e não tinha conseguido alcançar mais nenhum. A todo tempo o almirante vinha recebendo cartas do kolathiri de Cananor, que repetidamente o assegurava de que estava a seu serviço e lhe daria todas as especiarias de sua terra ao preço que ele determinasse. O tempo de carregamento dos navios estava se esgotando, e Gama, relutantemente, deu ordem para zarparem. Em 18 de outubro, os dezenove navios deram a volta em um promontório rochoso, passaram por outro promontório saliente e ancoraram à vista do isolado porto de Cananor.

O kolathiri tinha sido notadamente amigável com os portugueses em suas últimas duas saídas. Ele ficou ainda mais disposto quando o embaixador que tinha enviado para Portugal navegou com 24 homens que haviam sido apreendidos no sambuco. Eles ouviram de perto a batalha com o *Mîrî* — eles permaneceram debaixo do alçapão de seu barco, que tinha sido amarrado ao navio de Tomé Lopes —, e quando chegaram em casa, suas trombetas ressoaram com alívio.

Emissários carregando presentes logo se aproximaram da frota cristã. Eles estavam a serviço do rei de Portugal — disseram, curvando-se em respeito — e acrescentaram que o kolathiri estava muito ansioso para conhecer o almirante. Gama estava igualmente interessado em conhecer o rei indiano, mas recusou-se a desembarcar. Ele estava determinado a não confiar em ninguém, e possivelmente percebeu que seu comportamento recente poderia fazer com que os nativos não confiassem nele também.

Se Gama não estava disposto a abandonar seu reino flutuante, o kolathiri também não poria os pés fora de seu reino. Para resolver o dilema, um elaborado acordo foi feito. Elefantes

apareceram na costa arrastando dezenas de troncos de árvores e uma equipe de carpinteiros começou a trabalhar na construção de um resistente cais de madeira, que rapidamente avançou pelo mar.

No dia seguinte, o almirante assumiu o comando de uma das caravelas. Sentou-se no convés da popa, em uma bela almofada colocada em uma cadeira ricamente esculpida sob um toldo de veludo carmesim e verde. Vestia uma túnica de seda e duas pesadas correntes de ouro, uma em torno de seu pescoço e outra pendurada em seu peito. Estava acompanhado de 26 barcos, cada um enfeitado com as bandeiras da Ordem de Cristo e a panóplia completa de armas. Os pajens tiraram uma música digna em seus trompetes, tambores e castanholas, os marinheiros dançaram uma giga e a flotilha partiu em direção ao cais.

Em terra, o kolathiri apareceu acompanhado por quatrocentos soldados naires — e não provavelmente 10 mil, como um cronista português alegou — e uma coleção de animais exóticos que o deslumbrado marinheiro flamengo não conseguiu nomear. Os recém-chegados à Índia ficaram igualmente surpresos ao ver que todos os dignitários, incluindo o rei, estavam nus da cintura para cima.

Em cada extremidade do cais os trabalhadores tinham erguido um pavilhão drapejado com panos pintados. Os soldados pararam, em terra, em frente ao pavilhão; o kolathiri e trinta de seus assistentes desapareceram em seu interior. Demorou algum tempo para que saíssem: o sol estava abrasador, o kolathiri tinha setenta anos e o grupo estava cansado.

Quando a caravela do almirante se aproximou, o kolathiri saiu para o cais. Dois homens iam à frente, balançando bastões pesados decorados com cabeças de touro, e outros dois homens dançavam com pedaços de pau pintados com gaviões brancos. Em forma de deboche, Tomé Lopes notou que eles pareciam uma dupla de meninas portuguesas.

O kolathiri saiu de seu palanquim para um sofá suntuosamente drapejado. Ainda assim Gama recusou-se a desembarcar, e o rei, perplexo, foi forçado a curvar-se e agitar sua mão através do mar. A audiência continuou com os intérpretes gritando gentilezas diplomáticas entre o cais e o convés da popa.

Uma vez que o kolathiri tinha sido tão complacente, Gama entregou a ele, com suas próprias mãos — uma quebra de diplomacia que deu o que falar —, um conjunto pródigo de serviço de mesa de prata dourada, cheio de açafrão e água de rosas. O kolathiri deu ao almirante, através das mãos mais humildes de seus servos, uma coleção de enormes pedras preciosas. Pedras preciosas menores — meras ninharias, como ele próprio fez questão de dizer — foram entregues aos capitães e oficiais.

Gama voltou rapidamente aos negócios, mas as tentativas de fixar uma tarifa para as especiarias que queria comprar foram regiamente repelidas. Os visitantes tinham vindo muito cedo naquele ano, respondeu o rei, e as especiarias ainda não haviam chegado. De qualquer forma, ele não se preocupava com tais assuntos. Ordenaria aos mercadores que os procurassem, e então poderiam discutir comércio.

Depois de duas horas o kolathiri foi embora, alegando cansaço. Os portugueses dispararam uma salva cerimonial enquanto ele se retirava para seu cais, e quando Gama retornou à frota, informou aos representantes dos comerciantes que um acordo completo havia sido feito. O kolathiri, registrou Matteo da Bergamo, faria tudo o que o rei de Portugal e seu almirante pedissem, inclusive travar guerra contra o samorim de Calcutá e obrigar seus comerciantes a venderem especiarias pelo preço que o almirante tinha fixado. Gama estava determinado a tomar as rédeas da situação e obter o melhor negócio para seu rei, mas na realidade o kolathiri não tinha concordado com nada disso.

Os comerciantes chegaram no dia seguinte e, para espanto de Gama, eram todos muçulmanos. Como de costume, desdenharam de todas as mercadorias europeias — uma estratégia de barganha, os portugueses tinham certeza —, mas, ainda pior, os preços que eles queriam estavam muito mais altos do que antes. Depois de muito regatear, as negociações se desfizeram, e Gama começou a detectar uma conspiração diabólica no ar.

O almirante estava na iminência de perder a moral, e desenvolveu uma enorme raiva contra estrangeiros que se recusavam a jogar conforme suas regras. Dispensou os comerciantes e imediatamente despachou uma mensagem de advertência para o kolathiri. Claramente, criticou, o rei não era um verdadeiro amigo dos portugueses. Não havia outra explicação para o fato de ter enviado comerciantes muçulmanos até eles, "que, como ele bem sabia, tinham um antigo ódio pelos cristãos e eram nossos maiores inimigos". Gama devolveria a pequena quantidade de especiarias que já havia sido carregada, acrescentou sombriamente, com um grande alarde de cornetas e muitas salvas das armas.

A tensão aumentava e os administradores portugueses que haviam sido deixados para trás pela última frota apareceram, confusos. Paio Rodrigues e seus homens tinham estado em Cananor por quase um ano, e ele garantiu ao almirante que acharam tanto o rei quanto seu povo extremamente solícitos. Gama pediu a ele que ficasse no navio; já estava irritado e sem paciência com o kolathiri. Paio, que não estava sob o comando de Gama, recusou à queima-roupa, e insistiu que estava voltando, gostasse o almirante ou não.

Gama ficou nervoso e recuou um pouco, dando a Rodrigues uma nova mensagem para que fosse entregue ao kolathiri. A frota, anunciou, partiria e compraria especiarias em um porto mais amigável, mas era melhor que os muçulmanos de sua terra não pensassem estar a salvo por muito tempo. Além disso, se os cristãos que permanecessem fossem feridos ou desonrados de qualquer forma, o seu povo pagaria por isso.

Os navios levantaram âncora antes do amanhecer de 22 de outubro, apenas quatro dias após terem chegado. Eles navegaram ao longo da costa, parando para interceptar um pequeno sambuco e apreender vinte homens com uma carga de fibra de coco. Logo viram um pequeno porto onde três grandes navios eram puxados para a costa, e o próprio Gama foi ao encontro deles com duas caravelas e oito barcos repletos de tropas. À medida que as bombardas atiravam e os europeus se aproximavam, alguns homens pularam do barco e fugiram para a terra. Um

homem correu para a praia e partiu em um barco, remando furiosamente para evitar as balas de canhão. Era um vassalo do kolathiri, gritou ao almirante; todas as terras da área pertenciam a Cananor. Portanto, ele estava em paz com os portugueses — por sua própria conta. Ele tinha se recusado a alugar para o samorim de Calcutá — para sua guerra contra os cristãos — os mesmos navios que os portugueses haviam acabado de atacar, e por isso ele estava em guerra com Calcutá. Se o almirante duvidasse de sua palavra, acrescentou, ele deixaria seus homens como reféns e provaria tudo o que disse.

Gama cedeu relutantemente.

Tarde da noite, um dos homens de Paio Rodrigues remou às pressas com uma carta do kolathiri. Ele estava respondendo às mensagens que tinha recebido, disse o rei com alguma paciência e dignidade. Se o almirante quisesse matar ou raptar seu povo, poderia fazê-lo, porque ele não montaria uma guarda contra seus aliados portugueses.

Mesmo assim, manteria a paz que tinha feito com o rei de Portugal, a qual ele prezava profundamente. Porém, seria assegurado que o rei Manuel fosse informado de tudo o que tinha acontecido. Quanto aos cristãos em sua cidade, o almirante poderia atacá-los à vontade, e isso não traria e eles qualquer dano ou vergonha.

Uma carta de apresentação de Rodrigues continha mensagem semelhante.

Gama ficou furioso. Claramente o administrador português tinha orientado o kolathiri a tratar o almirante como um renegado e ameaçá-lo com um apelo.

O grau das ambições de Portugal sempre exigiu dos governantes da Índia que mudassem todo seu comércio para o Ocidente e expulsassem todos os muçulmanos de suas terras. A esperança de que eles agissem dessa forma foi diminuindo voluntária e diariamente, e Gama estava mais certo do que nunca de que eles teriam que ser forçados a se tornarem cúmplices. Com sua mente decidida a fazer vingança, ele navegou para Calcutá.

Ao passar por Pantalayini, a cidade onde Gama aportara pela primeira vez na Índia, a frota ultrapassou outro sambuco pequeno. Como de costume, os marinheiros foram feitos cativos, e dois deles chamaram a atenção das crianças que tinham sido levadas do *Mîrî*. As crianças estavam assustadas e ansiosas para obedecer a seus novos senhores, e acusaram os prisioneiros de terem participado do ataque contra a fábrica de Calcutá. Um menino disse que um dos homens tinha se vangloriado de matar dois cristãos quando ele estava hospedado em sua casa, e outro disse que o segundo homem havia cortado o braço de um cristão. Gama proclamou que os marinheiros estavam morrendo pela causa da justiça e enforcou-os no mastro. Estas não foram as primeiras vítimas do terror das crianças: alguns dias antes, Gama tinha ordenado que outro muçulmano fosse golpeado com uma lança até a morte, quando as crianças o acusaram de roubar mercadorias do armazém português.

O SAMORIM TINHA OUVIDO que uma poderosa frota europeia estava a caminho quase no mesmo

momento em que esta frota alcançava a Índia.

Em vez de esperar ser atacado, decidiu fazer o primeiro movimento. Enquanto a frota ainda estava em Cananor, chegou a Gama a notícia de que o samorim havia escrito ao rei de Cochim, o porto mais ao sul dos três portos mais ricos da costa Malabar. Os portugueses, predissera o samorim, fariam um grande dano a toda a Índia, e a única maneira de lidar com eles era que os governantes indianos se unissem e se recusassem a vender aos estrangeiros as especiarias que cobiçavam. Se eles juntassem suas forças, argumentou, os cristãos desistiriam e iriam para casa; caso contrário, eles acabariam como súditos do rei português.

O rei de Cochim recusou. Ele não era mais amigo do grande e poderoso samorim do que o kolathiri o era de Cananor, e respondeu que já tinha assinado um tratado grandemente satisfatório com os portugueses. Ele mostrou a carta do samorim e sua resposta ao administrador português, que as copiou e encaminhou ao almirante.

Uma vez frustrado seu plano, o samorim mandou um embaixador para o próprio Gama. Seu rei não queria nada além de paz e amizade, declarou o emissário, e embora o problema todo tenha sido culpa dos administradores portugueses, que tinham provocado suas próprias mortes, naturalmente ele recuperaria as mercadorias que os cristãos haviam deixado em sua cidade. Algumas, é verdade, deveriam ter sido entregues para cobrir os impostos que eles deviam, e outras ele deu para o comandante do navio que Cabral tinha queimado; de todo modo, juízes poderiam ser nomeados para decidir quem devia o que e a quem. Quanto aos mortos, acrescentou, eles não poderiam ser trazidos de volta; porém, quando tudo fosse contabilizado, os cristãos estariam mais do que vingados por suas perdas.

À medida que a frota se aproximava de Calcutá, uma extraordinária troca de mensagens começou a ir e vir entre o almirante e o samorim.

Gama não respondeu até chegar a Pantalayini. Então, finalmente mandou uma resposta por intermédio de um soldado naire que tinha vindo de Cananor: se o samorim quisesse ter boas relações com ele, deveria primeiro devolver toda a mercadoria roubada; ele tinha um dia para cumprir esta determinação.

O prazo transcorreu sem uma resposta.

A frota passou em frente a Calcutá em 29 de outubro e se alinhou ameaçadoramente no horizonte. Um novo enviado logo chegou em um barco, hasteando uma bandeira de trégua. Ele vestia um hábito de frade franciscano e subiu a bordo exclamando: "*Deo gratias!*" — "Graças a Deus!". Mas foi rapidamente desmascarado como muçulmano e pediu desculpas por disfarçar-se a fim de assegurar permissão para vir a bordo. Saudou o almirante e exclamou o quanto estava sendo bem recebido, e então repetiu os termos estabelecidos na primeira mensagem do samorim. Os portugueses tinham não apenas afundado o *Mîrî* como também afogado centenas de homens e mulheres, acrescentou; e continuavam enforcando os súditos do samorim. Seus prejuízos não tinham sido certamente mais do que compensados?

Sim, eles tinham sido, qualquer que fosse a avaliação. Mas Gama não estava mais

interessado em reparações. Ele estava decidido a cortar os laços que durante séculos tinham unido povos e nações. Não faria nenhum tratado, respondeu, até que todos os árabes, visitantes ou residentes, fossem expulsos de Calcutá, "porque desde o início do mundo os mouros tinham sido inimigos dos cristãos, e os cristãos dos mouros, e eles sempre estiveram em guerra uns contra os outros, e por isso nenhum acordo que fizéssemos duraria". Se o samorim quisesse paz, concluiu, nunca mais deveria deixar um navio árabe entrar em seu porto.

O samorim ouviu as exigências ultrajantes de Gama e enviou uma resposta cuidadosa. Havia mais de 4 mil famílias árabes em suas terras, disse; entre elas havia muitos mercadores ricos e poderosos, que enobreciam seu reino. Ao longo de gerações, seus antepassados os tinham recebido bem e sempre acharam que eles fossem homens honestos. Tal como seus antepassados, ele tinha recebido muitos favores dos árabes; para citar apenas um, eles muitas vezes emprestaram-lhe dinheiro para que defendesse suas fronteiras. Para o mundo inteiro pareceria um ato feio e impróprio forçá-los ao exílio. Ele nunca faria uma coisa pérfida como essa, e o almirante não deveria pedir isso. Porém, ele estava pronto para favorecer os portugueses de qualquer maneira que fosse honrosa, e tinha enviado seus embaixadores para que expressassem seu grande desejo de paz.

Gama jogou a carta no chão. "Um insulto!", bradou, e ordenou que os mensageiros do samorim fossem apreendidos.

Enquanto a disputa diplomática acontecia, os portugueses se ocupavam capturando pescadores e invadindo barcos nos remansos. O ilustre samorim já estava farto de ser tratado como inferior por estrangeiros que se comportavam como piratas sanguinários; então ele enviou outra mensagem ao almirante, essa muito menos diplomática. Se os portugueses quisessem paz, declarou ele, não poderia haver nenhuma condição imposta, e se quisessem seus produtos de volta, precisariam compensar sua cidade pelas perdas e pelos danos que havia sofrido. Para começar, eles deveriam devolver tudo o que tinham retirado do *Mîrî*, pois pertencia a seu povo. Calcutá, lembrou-lhes, era um porto livre, e ele não podia impedir ninguém de entrar lá para fazer comércio e tampouco afastar um único muçulmano. Se o almirante concordasse, eles fariam um acordo, mas o samorim não daria garantias. Sua palavra de rei era o bastante, e se os estrangeiros duvidassem dela, deveriam deixar seu porto imediatamente e nunca mais aparecer na Índia.

Gama abandonou toda a moderação e enviou o mensageiro de volta com uma declaração de guerra. Se não recebesse compensações suficientes, ameaçou, ele abriria fogo sobre a cidade ao meio-dia do dia seguinte. O samorim não precisava se preocupar em enviar mais nenhuma mensagem, a não ser que dissesse a quantia de dinheiro que estava disposto a pagar. Ele, um mero cavaleiro do poderoso rei de Portugal, era um homem melhor do que o governante indiano. "Uma palmeira", explodiu, "seria um rei tão bom quanto o samorim", e para completar ainda lançou alguns comentários zombeteiros sobre o hábito real de mascar *paan*.

Naquela noite, um domingo, os europeus prepararam seus traquetes e alinharam quinze navios com suas proas se projetando para a costa; apenas os quatro maiores ficaram um pouco para trás. O samorim, eles podiam ver, esperava-os. Ele havia improvisado uma paliçada, transplantando filas de palmeiras perto da borda da água, a fim de obstruir os desembarques e desviar o fogo.

Enquanto deslocavam grandes peças de artilharia para a proa, os artilheiros viram centenas de lanternas piscando como estrelas cadentes na praia. Sob essa luz, alguns homens rastejavam, cavando buracos na praia. Em seguida, arrastaram canhões de ferro e os instalaram em suas posições na areia, com os canos saindo para o alto.

Quando amanheceu, Gama ordenou aos navios da linha de frente que ancorassem o mais próximo possível da beira do mar. À medida que os homens tomavam seus postos, fileiras de defensores surgiram da proteção de palmeiras. Havia muito mais deles do que se podia imaginar durante a noite.

O meio-dia do dia 1o de novembro, o dia marcado, passou sem resposta.

O almirante fez o primeiro movimento. Ao seu comando, os barcos ficaram em torno da frota distribuindo os cativos muçulmanos que tinham sido apreendidos durante os dias anteriores. Dois ou três deles foram deixados em cada navio, junto com uma mensagem para que vigiassem uma bandeira no mastro superior do *Leitoa*.

À uma hora da tarde, a bandeira subiu. Em cada navio, os pescoços dos prisioneiros foram colocados em laços e as extremidades das cordas foram jogadas sobre as vergas. Os homens, debatendo-se, foram içados até o topo e enforcados à vista de toda a cidade. Tomé Lopes viu 34 corpos balançando por entre o cordame; Matteo da Bergamo contou 38.

Na margem, a grande multidão assistia horrorizada. A nau capitânia de Gama e uma caravela dispararam uma bola de canhão no meio deles, fazendo-os mergulhar no chão. Os outros navios abriram fogo e os indianos fugiram, atirando-se em covas conforme as bolas de pedra batiam à sua volta e rastejando para fora da praia. Os europeus gritavam insultos zombeteiros enquanto eles fugiam. Os homens em suas trincheiras de areia dispararam de volta, mas tinham apenas algumas velhas bombardas; seu alvo estava bem longe do alcance e preciosos minutos eram gastos para recarregá-las. Os navios atiraram contra eles, que, um por um, saíram de suas trincheiras e correram para a cidade. Reforços avançavam lentamente, engatinhando, mas dentro de uma hora a praia estava deserta.

O bombardeio da cidade se intensificou. Bolas de canhão passavam sobre as cabeças e chocavam-se contra as paredes de terra e tetos de palha das casas próximas à costa. Palmeiras decapitadas partiam-se, gemiam e caíam. Muitos homens, mulheres e crianças foram mortos, e milhares fugiram.

Com o anoitecer se aproximando, Gama ampliou o terror. À medida que suas ordens

eram proferidas em gritos de navio para navio, os cadáveres eram cortados do cordame. Suas cabeças, mãos e pés foram decepados, e partes dos corpos foram mandadas para a nau capitânia. Gama as empilhou em um dos barcos capturados. O barco estava amarrado a um esquife do navio; um marinheiro solitário rebocou-o e o deixou flutuar na maré até a costa.

Uma flecha despontava da pilha sangrenta, e, amarrada à sua haste, estava uma carta do almirante. Em língua malaiala, Gama aconselhava ao samorim que observasse bem o castigo que ele tinha dispensado a homens que nem sequer tinham atacado a fábrica portuguesa — homens que não eram nem mesmo moradores da cidade, mas apenas seus primos. Uma morte muito mais cruel, declarou ele, aguardava os assassinos. O preço da amizade dos cristãos, acrescentou, tinha subido: agora o samorim deveria reembolsá-los não só pelos bens que tinha pilhado, mas também pela pólvora e munição que haviam sido gastas para bombardeá-los.

Os portugueses jogaram os troncos desmembrados dos homens ao mar para que fossem levados à praia pela maré.

Assim que o barco tocou a orla marítima, uns poucos moradores da cidade se aproximaram e se espantaram com a carga medonha. Os europeus poderiam ver claramente a cena à luz brilhante da lua, e Gama ordenou a seus homens que não atirassem. Era tarde da noite, mas logo grandes multidões chegaram à praia. Eles se afastaram com nojo, confusos e assustados, e voltaram para suas casas, alguns com as cabeças de seus parentes nos braços. Os enlutados realizaram uma vigília sem velas ou lanternas para iluminar seu pesar, temerosos de os portugueses tentarem atear fogo em suas casas. Até as primeiras horas do dia, as nênias e lamentações foram levadas pela brisa até a frota portuguesa, acordando os marinheiros e assolando seus sonhos.

Tendo dado ao samorim a noite para ponderar, Vasco da Gama acordou cedo para desferir o golpe de misericórdia. À medida que o novo dia surgia, ele ordenou aos artilheiros que preparassem a maior artilharia. As casas simples perto da costa já haviam sido pulverizadas, e agora as bolas de canhão colidiam com as grandes mansões nos terrenos mais elevados atrás delas. Então, e com um prazer especial, Gama disse a seus homens que mirassem o palácio do samorim. Com o passar das horas, Tomé Lopes contou mais de quatrocentas bolas de canhão explodindo das bombardas vindas de dezoito navios.

Ao meio-dia, Gama ordenou um cessar-fogo e esperou que o samorim se rendesse. A linha de frente dos navios recuou, mas não houve resposta vinda da costa.

O almirante esvaziou um sambuco capturado de seus barris de mel e nozes e distribuiu as iguarias entre os navios. Então, ele o ancorou próximo à costa e o incendiou. Quando os europeus começaram a jantar e a trompa de alerta soou, uma dúzia de barcos saiu da praia para cortar o cabo do sambuco e rebocá-lo. Os homens de Gama empurraram suas trincheiras, subiram em seus barcos e remaram em alta velocidade, perseguindo os indianos à medida que eles voltavam para a praia. À proporção que se aproximavam, uma multidão ameaçadora se juntou à beira-mar. Eles mudaram de ideia e bateram em retirada para a frota.

Agora a escuridão havia caído. O sambuco ainda estava fumegando e Gama decidiu que era o bastante. De fato, havia pouco a ser feito. Enquanto se mantivesse na água, ele tinha as vantagens de um poder de fogo muito superior e de ter inimigos despreparados. Os reconhecidamente ferozes soldados naires eram proibidos, por razões religiosas, de comer no mar, e eles raramente colocavam o pé a bordo de um navio. Seus colegas muçulmanos não trabalhavam sob tal proibição, mas eram comerciantes e marinheiros, e não guerreiros. No combate corpo a corpo em terra, no entanto, os soldados naires teriam sobrepujado tranquilamente os homens de Gama. O almirante da Índia intensificou o impasse com o samorim de Calcutá e o transformou em uma grande guerra, mas como qualquer força de ataque que se recusa a combater, ele só podia esperar que tivesse aplicado pressão suficiente para fazer o inimigo ruir de dentro para fora.

No dia 3 de novembro, Gama deu a ordem para que deixassem a cidade, já meio arruinada. Deixou Vicente Sodré no comando de seis navios e uma caravela para bloquear o porto e navegar pela costa até Cochim.

Cochim era uma nova cidade entre as cidades portuárias da costa Malabar. Ela só tinha um século e meio e havia sido criada não pelo homem, mas pela monção. Os nativos ainda falavam sobre a temporada de monção violenta do ano de 1341, quando os remansos perto do antigo porto de Muchiri — um lugar próspero bem conhecido dos romanos e dos judeus que fugiam da destruição romana de Jerusalém — tinham sido obstruídos e transformados radicalmente em um novo enigma aquático de ilhas e lagos. O antigo porto tinha sido assoreado, e um príncipe dali de perto aproveitara-se da nova paisagem para redirecionar o tráfego para sua capital.

A cidade de Cochim foi construída em um pequeno pedaço de terra ao final de uma afastada península no litoral. Esse pedaço de terra opunha-se a norte por três outros pedaços de terra densamente arborizados; um quarto pedaço de terra se enrolava em direção ao continente. A ilha Vypin, o pedaço mais ocidental, quase tocava a ponta da cidade, deixando uma abertura estreita em uma confusão de lagoas calmas e cursos d'água alimentados por sete grandes rios. O porto era, de longe, o melhor da costa do Malabar, e tinha rapidamente começado a prosperar. O cartão de visitas de Cochim — enormes redes de pesca araneiformes que se abaixavam e levantavam da costa, fixadas em enormes eixos de madeira — era o legado de décadas de visitantes chineses, e uma numerosa comunidade de comerciantes judeus tinha sua própria área e seu próprio príncipe.

A família real nutria grandes ambições para superar seus mais ricos e antigos vizinhos, e estava particularmente interessada em vencer o arrogante samorim de Calcutá. Sendo os governantes supremos da costa, os samorins reservavam para si, havia muito tempo, o direito de aparecer em Cochim e julgar imperiosamente se os seus reis estavam aptos a servir. A chegada repentina dos portugueses era uma oportunidade boa demais para se perder, e Unni

Goda Varma, o rajá de Cochim, recebeu os estrangeiros de braços abertos. Se o almirante da Índia era bem-vindo em algum lugar, esse lugar era Cochim.

A frota navegou no dia 7 de novembro, e um comitê de boas-vindas, incluindo os dois administradores que Cabral havia deixado para trás, imediatamente saudou o almirante. Os comerciantes muçulmanos da cidade também estavam esperando os europeus. Cartas de seus primos em Calcutá já lhes haviam chegado, detalhando a morte e a destruição sofridas por eles e pedindo ajuda para levantar o bloqueio. Os cristãos, queixaram-se amargamente, tinham até mesmo os impedido de pescar e eles estavam à beira da inanição. Os administradores disseram a Gama que contasse com uma recepção hostil.

Havia mais notícias, boas e más. Os administradores também tinham ouvido falar sobre uma armada enorme que estava se reunindo para fazer guerra contra os cristãos. O samorim tinha supostamente alugado e requisitado mais de duzentos navios, e eles partiram em busca dos portugueses. Um dos maiores navios havia se acidentado na costa de Cochim, e sua tripulação revelou que o resto da grande frota tinha sido perdida em uma terrível tempestade. O rei, disseram os administradores com satisfação, apreendeu todos os homens e não deu nada para o samorim. Como sempre acontecia quando as condições climáticas estavam a seu favor e contra seus inimigos, os portugueses deduziram que a mão de Deus havia feito mais um milagre e deram graças por sua libertação.

No mesmo dia, um dos filhos do rei chegou e saudou o almirante. Explicou que tinha vindo especialmente para agradecer-lhe por deixar navios pertencentes a Cochim ilesos enquanto tinha queimado e pilhado ao longo de todo o seu caminho pela costa. Ele falou sobre a apreciação real de seu pai pela benevolência que havia sido mostrada ao seu povo por respeito a ele, e prometeu que, em troca, seu pai faria pessoalmente os arranjos mais vantajosos para carregar seus navios com especiarias.

Gama começou lentamente a abrandar-se. Seus homens passaram a reparar os navios e a arrumar espaço para a carga que esperavam. Três dias após sua chegada, o rei mandou dizer que era um dia auspicioso para iniciar o carregamento, e montes de pimenta começaram a se acumular nas docas. Os preços, porém, ainda não tinham sido estabelecidos, e os comerciantes logo entraram em greve. Depois de quatro dias, Gama foi forçado a pedir ao rei uma reunião. Seus porões ainda estavam vazios e ele estava ficando sem locais para fazer negócios.

A reunião foi programada para o dia 14 de novembro, uma semana após a chegada da frota. O almirante preparou uma caravela com as trombetas, bombardas e estandartes de costume e navegou com seus capitães até a entrada do porto. O rei foi até a praia em seu palanquim, acompanhado por seis elefantes de guerra e — assim alegou um marinheiro português — 10 mil homens. Com seus servos abanando-o e seus assistentes contendo as multidões com bastões, ele se aproximou de uma parada. Os trombeteiros reais levantaram seus instrumentos e tocaram uma melodia, e alguns canhões dispararam uma saudação. Os

portugueses responderam com sua própria fanfarra e uma grande explosão de armas. Enviados iam para trás e para a frente para finalizar as delicadezas diplomáticas, mas assim que a reunião estava prestes a começar, o vento chicoteou, ruídos de trovão estouraram no ar e o céu escureceu. O rei disse que isso era um mau presságio e a reunião foi remarcada para dois dias depois.

Quando Gama retornou, o rajá já estava no porto, sentado em uma grande jangada feita de quatro sambucos amarrados e cobertos com pranchas. Tomé Lopes observou que a multidão tinha perdido o interesse, ou não tinha sido convocada, e havia apenas quatro ou cinco guardas com ele.

Assim que a caravela do almirante se aproximou, o rei entrou a bordo, sorridente. Em uma repetição da cena em Cananor, Gama deu-lhe — de novo, com suas próprias mãos — mais bacias, jarras e saleiros de prata dourada para se parecer com ouro maciço, junto com um trono enfeitado com prata, cem cruzados, uma peça de veludo e duas ricas almofadas de brocado. O rajá presenteou o almirante e seus oficiais com mais joias. Após uma longa e alegre conversa, ele concordou com as condições de Gama e modificou sua tabela de preços, e o almirante acompanhou sua plataforma flutuante até o cais do palácio.

Os comerciantes se queixaram dos preços, mas os vendedores se agrupavam na praia. Os portugueses começaram a encher seus porões dia e noite com artigos exóticos do Oriente: pimenta, gengibre, cardamomo, mirobálano, canafístula, zerumba, zedoária, canela selvagem, cravo, benjoim e alume.

Logo Vicente Sodré apareceu com três dos navios que tinham ficado em Calcutá. Eles tiveram uma fuga complicada. O samorim havia preparado secretamente outra frota armada de vinte grandes sambucos para atacá-los. Quando ela já estava pronta, uma flotilha de barcos de pesca atraiu os cristãos até a boca do rio que Gama tinha cruzado em grande estilo em sua primeira visita. A frota estava esperando entre as palmeiras, e os indianos rapidamente cercaram os barcos europeus por todos os lados, lançando chuvas de flechas. Os homens capturados e feridos entraram em pânico e só foram salvos porque um artilheiro tentou atirar em um dos barcos de pesca, mas mirou muito alto e mandou uma bola de canhão que acabou esmagando o sambuco que levava o capitão da frota. Quando este emborcou, os indianos partiram para resgatá-lo, e assim os portugueses tiveram tempo suficiente para se libertarem.

Com Sodré estava um enviado de Cananor que tinha chegado a Calcutá e havia pedido para ser levado até o almirante. Seu rei, disse ele a Gama, enviara-o para dizer que iria igualar seus preços aos que os europeus tivessem em qualquer outro lugar, se necessário cobrindo a diferença de seu próprio bolso; além disso, compraria qualquer mercadoria que eles tivessem para vender ao preço que fosse estabelecido.

Gama despachou Sodré para averiguar a história e carregar os navios do rei. Sua aposta de alto risco tinha dado certo em cima da hora: em vez de deixar os comerciantes europeus competirem para comprar especiarias, ele tinha feito os reis de Malabar competirem pelos seus

negócios. Ainda assim, Matteo da Bergamo e seus companheiros comerciantes continuaram reclamando das condições em Cochim. As remessas de pimenta estavam acabando e a mercadoria europeia era, como sempre, impossível de ser deslocada. Comerciantes da cidade estavam sempre pedindo mais dinheiro ou encontrando alguma razão para interromper o carregamento, e mais de uma vez eles se rebelaram contra as ordens do rei e se recusaram a comerciar. Diversas vezes Gama foi forçado a retirar seus administradores e reclamou com o rajá sobre o comportamento covarde dos muçulmanos: um dia, ele foi até seu palácio e disparou suas bombardas, sob o disfarce de uma festa, enquanto o rei fingia estar entretido em seu terraço. Nada era suficiente para Matteo da Bergamo e seus companheiros famintos por lucro. "Nós ficávamos nos perguntando", observou o italiano, "se nessa viagem seríamos capazes de carregar nossos navios pelo menos até a metade." Eles não estavam muito entusiasmados com a oferta de Cananor. "O almirante enviou três navios reais", acrescentou, "porque nenhum de nós queria ir lá, uma vez que, até onde sabíamos, eles tinham muito pouca pimenta e a canela era de má qualidade."

Com o rei firmemente ao lado dos portugueses, os mercadores muçulmanos armaram um plano. Três fazendeiros aproximaram-se do *Julioa*, que estava no porto para carregar especiarias, e venderam uma vaca para os marinheiros. O rei hindu, naturalmente, ficou sabendo disso e fez uma denúncia contundente para o almirante; como o samorim, ao ser entronado, ele tinha jurado proteger primeiro as vacas e depois os brâmanes. Gama prontamente declarou que seus homens, sob pena de serem espancados, estavam proibidos de comprar vacas; e seria imediatamente preso e levado até ele qualquer um que tentasse vender qualquer coisa remotamente bovina. Os três homens voltaram com outra vaca e foram arrastados até o almirante, que enviou a vaca e os cativos para o rei. Eles foram instantaneamente empalados sem julgamento. Tomé Lopes registrou: "Dessa forma, cada um tinha uma estaca atravessada pelos rins e peito que saía pelo rosto, tão grande quanto uma lança, e foram colocados no chão com os braços e pernas esticados e amarrados a quatro vigas e não podiam tirar a viga, porque havia um pedaço de madeira sobre esta que impedia isto. E assim fizeram justiça sobre eles, porque eles venderam as referidas vacas".

Foi nesse momento gratificante de cooperação intercultural que um grande grupo de indianos apareceu e anunciou que eram cristãos.

Os recém-chegados disseram a dom Vasco que tinham vindo em nome de 30 mil cristãos que viviam mais longe na costa. Eles explicaram que eram os descendentes dos seguidores do apóstolo São Tomé, que foi enterrado na cidade deles. Eles eram "muito honrados na aparência", relatou Tomé Lopes, e levaram ofertas de ovelhas, galinhas e frutas.

As viagens de Gama tinham revolucionado os mapas da Europa, mas grande parte da imagem do mundo ocidental ainda era colorida pelas conjecturas de geógrafos bíblicos. Assim, não havia nada minimamente surpreendente na ideia de que um dos discípulos de Jesus tivesse

viajado para a Índia. Mais ao sul, os recém-chegados explicaram, havia uma grande cidade comercial chamada Quilon, e nas proximidades, onde a terra se projetava para o mar, o apóstolo tinha construído milagrosamente uma grande igreja pouco antes de morrer. São Tomé, a história dizia, chegou vestido em trapos em uma missão para converter as castas mais baixas dos indianos à nova religião. Certo dia, um enorme tronco de árvore chegou flutuando até o porto e ficou na areia da praia. O rei enviou muitos homens e elefantes para arrastá-lo até a terra, mas ele não se movia. O apóstolo esfarrapado jurou que podia movê-lo, se o rei lhe desse um pedaço de terra sobre o qual pudesse construir uma igreja em honra ao Senhor. Ele convocou todos os carpinteiros que pôde localizar, e eles serraram o tronco até fazer a estrutura e o revestimento para a igreja. Ao meio-dia, Tomé pegou uma pá e encheu-a de areia; a areia se transformou em arroz e os trabalhadores foram alimentados. Quando seu trabalho estava pronto, ele transformou uma lasca de madeira em dinheiro para pagá-los. Logo depois, o apóstolo assumiu a forma de um pavão e foi baleado por um caçador. Subindo ao ar como um pássaro, ele caiu de volta à terra como um homem. Ele foi enterrado, mas seu braço direito se recusou a ficar no chão. Toda vez que alguém o empurrava de volta para o solo, ele levantava novamente no dia seguinte. Finalmente, os coveiros cederam e o deixaram para fora, e peregrinos de muitas terras se reuniram para ver o milagre. Alguns visitantes chineses tentaram cortar o braço e levá-lo para casa, mas quando o golpearam com a espada, ele voltou para o túmulo.

De maneira um pouco mais prosaica, os visitantes explicaram que os seguidores do santo haviam enviado cinco homens ao mundo para fazer contato com seus companheiros cristãos. Eles chegaram à Pérsia, onde uma comunidade de cristãos que falavam siríaco — uma língua semelhante ao aramaico de Jesus — tinha florescido de forma independente do resto da cristandade durante séculos. Desde então, a Igreja persa tinha enviado bispos para cuidarem de seu rebanho indiano.

Após a longa e infrutífera procura por Preste João, depois da euforia inicial em encontrar inúmeros cristãos na Índia e a percepção que começava a surgir de que eles pertenciam a uma religião inteiramente diferente, ali, pelo menos, eles eram verdadeiros cristãos indianos. Na realidade, como seus mentores persas, eles eram nestorianos que acreditavam que Jesus tinha duas naturezas — uma humana e uma divina —, e assim, estritamente falando, eles eram hereges. Na verdade, seus sacerdotes usavam turbantes, corriam descalços e eram tão negros quanto os outros indianos, observou o marinheiro alemão. Mas eles tinham seis bispos, rezavam a missa em um altar perante uma cruz e tomavam a comunhão, embora com passas demolhadas em vez de vinho. Era um começo.

Gama recebeu os visitantes com muita alegria e deu-lhes de presente algumas peças de seda. Eles perguntaram sobre as igrejas e sacerdotes da Europa e sobre as casas e hábitos dos marinheiros, e ficaram surpresos ao ouvir do quão longe tinham vindo. Ofereceram-se para ser

vassalos do rei português e, como símbolo de sua fidelidade, entregaram ao almirante um cajado escarlate guarnecido com prata e adornado com pequenos sinos, juntamente com uma carta de seus líderes. Embora fossem poucos, eles estavam claramente dispostos a apoiar seus companheiros cristãos contra os governantes hindus e contra os muçulmanos, que dominavam suas cidades. Se o rei português construísse uma fortaleza em sua região, sugeriram corajosamente, ele poderia dominar toda a Índia.

Enquanto as novidades viajavam de volta até as comunidades cristãs, uma segunda delegação chegou de Kilwa em meados de dezembro. Eles disseram ao almirante que havia muitas especiarias na cidade deles, e Gama enviou três navios à costa. O marinheiro flamengo estava a bordo e registrou que havia "quase 25 mil cristãos" em Kilwa que cultuavam em "cerca de trezentas igrejas cristãs, e eles tinham os nomes dos apóstolos e de outros santos". Quando visitou a igreja de São Tomé, ele a encontrou tomada pelo mar, e a cidade vizinha, que os cristãos habitavam sob a condição de pagarem um tributo, estava em sua maior parte em ruínas. Ainda assim, os europeus carregaram grandes quantidades de pimenta e alguma canela e cravos, pelos quais pagaram em dinheiro, cobre e ópio retirados do *Mîrî*.

De volta a Cochim, a nova colheita de pimenta tinha finalmente chegado. Matteo da Bergamo ainda estava reclamando que tinha vendido seus artigos com perda, que Cochim tinha poucas drogas e pedras preciosas e que ele estava sendo trapaceado pelos comerciantes, muito embora os porões se enchessem rapidamente. Enquanto isso, uma caravela voltou de Cananor com a notícia de que Vicente Sodré não só tinha carregado uma grande quantidade de especiarias, mas também havia capturado e saqueado três grandes navios no mar. Um deles tinha mais de cem homens a bordo, e a maioria foi capturada ou morta. Se o comércio honesto falhasse, a pirataria seria sempre outro caminho para resolver a questão financeira.

# 16. Impasse no mar

O Natal se passou alegremente para os europeus em Cochim e Kilwa. O clima festivo foi apenas ligeiramente prejudicado no dia 29 de dezembro, quando os marinheiros do *Santo Antônio*, profundamente adormecidos, acordaram com um solavanco e descobriram que a corda de âncora havia se rompido; eles já tinham atingido a costa e a água estava entrando em um ritmo alarmante. Dispararam dois tiros e os barcos correram em seu auxílio, mas o navio permaneceu encalhado a noite toda até que pudesse ser rebocado para reparos de emergência na manhã seguinte.

Com o começo do ano de 1503, até mesmo a exibição lancinante de barbárie que Gama infligira a Calcutá parecia estar tendo resultado. O samorim já tinha enviado dois sambucos para espionar a frota, mas os portugueses os capturaram e executaram sumariamente a tripulação. Agora, porém, uma embaixada chegava com uma nova carta do samorim que renovava as garantias de amizade. O samorim prometeu que restituiria as mercadorias apreendidas se o almirante voltasse; para sua segurança, daria a ele qualquer pessoa que escolhesse para manter como refém até que ficasse completamente satisfeito.

Um brâmane entregou a carta; seu filho e dois naires o acompanharam. "Esse brâmane", observou Lopes, "é como um bispo e um monge, e é um homem de grandes propriedades." Como o restante de sua casta, acrescentou ele, o brâmane era capaz de viajar em perfeita segurança, mesmo se o país estivesse em guerra, porque qualquer um que fizesse mal a ele seria imediatamente excomungado, sem possibilidade de absolvição. Os portugueses ficaram lisonjeados, ainda mais quando o brâmane anunciou que queria ir para Portugal com eles. Ele tinha levado muitas joias para pagar pela viagem, explicou, e caso lhe permitissem, ele compraria uma pequena quantidade de canela para comerciar um pouco. Perguntou até mesmo se seus filhos e sobrinhos poderiam ir com ele para aprender latim e ser instruídos na fé cristã.

Isso soou como música para os ouvidos de Gama, que foi persuadido a sair do seu estado de constante desconfiança. Sem dúvida, pensou, ele tinha colocado algum juízo na cabeça do samorim, e decidiu voltar pessoalmente com o embaixador. Quando seus capitães protestaram, ele respondeu sem rodeios que, se o samorim quebrasse sua palavra, ele iria enforcar o brâmane e seus acompanhantes. O risco valia a pena: se ele humilhasse Calcutá e a entregasse para o controle português, voltaria para casa triunfante.

O almirante tinha as joias e especiarias do ilustre visitante em segurança na nau capitânia. Ele embarcou no *Flor do Mar*, o navio de seu primo Estêvão, e, acompanhado por uma caravela solitária, navegou para Calcutá.

Os mercadores de Cochim assistiram à partida do almirante e imediatamente abandonaram suas balanças. Todos os agrados que fizeram ao rei tinham falhado, queixaram-se eles; o volúvel cristão tinha voltado para Calcutá para comprar especiarias. Gama havia dado o comando da frota de Cochim para dom Luís Coutinho, um rico fidalgo que era capitão do *Lionarda*, e Coutinho foi ouvir os comerciantes. Por volta das duas horas da manhã, ele ainda não tinha conseguido entrar em um acordo com eles, e então mandou que Giovanni Buonagrazia fosse à procura do almirante com cartas pedindo por suas ordens. A bordo estava o irmão de armas de Buonagrazia, Tomé Lopes, que mais uma vez relatou a história.

Os ventos estavam fracos, e o capitão italiano levou três dias para chegar a Calcutá. Assim que chegou, ficou a meia légua da costa, mas ainda não se via o *Flor do Mar*. Ele navegou direto para Cananor, pensando que o almirante já tivesse feito a paz e partido para se juntar a seu tio; mas como um forte vento nordeste tornava impossível aproximar-se do porto, ele voltou a Calcutá, ainda convencido de que tudo estava bem. Felizmente, o vento mais uma vez se recusou a cooperar, e então ele voltou para Cananor, onde encontrou os navios desaparecidos a plenas velas de batalha, "como se estivessem prontos para lutar com mil navios". Os capitães levantaram as bandeiras e estandartes e as equipes compartilharam histórias.

Assim que chegou a Calcutá, ouviu Lopes, Gama despachou a caravela para Cananor a fim de buscar seu tio. Com apenas algumas dezenas de marinheiros para protegê-lo, ele tinha feito um caloroso discurso para o brâmane e pediu-lhe que o repetisse para o samorim. Era frequente, disse ele, que dois inimigos se tornassem grandes amigos, e assim aconteceria com os cristãos em relação ao samorim. A partir desse momento, eles negociariam como se fossem irmãos.

O brâmane prometeu voltar ao cair da noite, mas em seu lugar chegou um mensageiro diferente. O dinheiro e as especiarias estavam prontos para o almirante, anunciou ele, caso enviasse um homem importante à cidade para resolver seus os cálculos.

Gama começou a suspeitar de que tinha sido feito de tolo. Ele não enviaria nem mesmo o tripulante menos importante do navio, respondeu furiosamente. Pela enésima vez, ele disse ao samorim que enviasse o que devia ou então que esquecesse tudo.

O mensageiro o aconselhou a ficar pelo menos por mais um dia; ele conhecia a vontade do samorim e de seu povo, acrescentou, e logo isso se tornaria claro. Ele também prometeu voltar com uma resposta.

Naquela noite, pouco antes de amanhecer, os vigias avistaram um sambuco partindo da costa. Quando olharam novamente, viram que o que parecia ser um barco eram, na verdade, dois barcos amarrados, e eles agora estavam indo direto para o navio.

Os oficiais acordaram o almirante. Ele se vestiu rapidamente e foi até o convés, confiante de que o samorim estivesse finalmente enviando as tão aguardadas mercadorias. Em vez disso, percebeu mais setenta ou oitenta sambucos remando em silêncio, vindos da costa. Ele

concluiu que devia ser a frota de pesca saindo para seu trabalho matinal.

Sem aviso, os dois barcos que estavam à frente abriram fogo. Balas de canhão de ferro atravessaram o mar e colidiram com o *Flor do Mar*. O restante da frota de guerra veio por trás e disparou à vontade. Assim que um dos cristãos se mostrou, flechas caíram do céu iluminado pela lua como uma chuva negra. O inimigo já estava perto demais para que as bombardas tivessem qualquer utilidade, e os europeus só poderiam subir até os mastros e atirar pedras.

Durante o caminho Gama apreendera um sambuco, que fora amarrado à popa do *Flor do Mar*. Os indianos encheram-no de madeira e pólvora e atearam fogo. As chamas saltaram para o cadaste e os marinheiros se esforçaram para cortar a corda. A tempo, a corrente levou para longe o barco ardente.

Quando o amanhecer brilhou no horizonte, mais barcos estavam ainda partindo da costa. Logo havia duzentos deles enxameando em torno do solitário navio português, todos atirando à medida que se aproximavam. Suas armas eram pequenas, mas o vingativo samorim tinha feito de tudo para obter o máximo de armas que pudesse encontrar.

O *Flor do Mar* estava em situação desesperadora. O trabalho lento de içar âncoras teria exposto os marinheiros a fogo letal, e em vez disso, eles correram para cortar os cabos.

As velas estavam prontas, mas o navio não se moveu. Na noite anterior, Gama havia ordenado secretamente que uma âncora especial fosse jogada no caso de os homens do samorim tentarem cortar as outras. Ela estava amarrada com diversas correntes de ferro. Encolhido sob o bombardeio incessante de flechas, os homens não tiveram escolha a não ser usar uma machadinha, um de cada vez.

O dia já estava bem avançado quando o navio finalmente se moveu, com a frota inimiga em plena perseguição. Quase que imediatamente o vento parou, as velas arriaram e os barcos a remo enxamearam em torno do navio mais uma vez.

O navio de Vicente Sodré e duas caravelas apareceram na hora certa. Quando viram o que acontecia, utilizaram seus remos e laboriosamente remaram em direção à frota indiana. Quando chegaram perto o suficiente, abriram fogo com suas grandes armas e os indianos se dispersaram, retirando-se para a cidade.

O almirante da Índia estava sendo humilhado rapidamente. Ele tinha acreditado nos agrados do brâmane e navegara direto para uma armadilha. Ele havia sido ferido — onze vezes, de acordo com um marinheiro português. Ele tinha subestimado a coragem de seu oponente — e quase pagou com a vida por esse erro.

Gama enforcou os enviados que restaram — incluindo o filho do brâmane — nos mastros das caravelas e ordenou que os navios desfilassem o mais próximo possível da cidade. Uma multidão chegou para assistir e gritar insultos, e os portugueses atiraram sobre ela. Quando os indianos tiveram bastante tempo para ver a exibição macabra, o almirante mandou retirar os corpos e jogá-los dentro de um barco capturado. Ele o enviou à costa com uma última carta

para o samorim.

"Homem vil!", dizia. "Você me chamou e eu vim, respondendo ao seu chamado. Você fez o máximo que podia, e se pudesse teria feito mais. A punição vai ser como você merece: quando eu voltar aqui, vou fazer com que você pague o que deve, e não será em dinheiro."

As ameaças foram se esgotando, e Gama não teve forças para apoiar suas palavras. Ele bateu em retirada para Cananor, onde encontrou o navio de Tomé Lopes. Eles pararam por vários dias para carregar especiarias e em seguida viajaram de volta para Cochim, evitando Calcutá.

A BATALHA QUE ACONTECIA em Calcutá ameaçava atrapalhar a missão inteira, mas mais uma vez Vasco da Gama encontrou um porto seguro em Cochim. A frota se reagrupou, os marinheiros trocaram histórias e o almirante se reuniu mais duas vezes com o rei. Seu acordo finalmente estabeleceu uma fábrica portuguesa permanente na cidade com uma equipe de trinta pessoas, mas foi muito além disso. O administrador principal, portanto, tinha jurisdição sobre todos os portugueses em Cochim e sobre todos os cristãos na Índia. Como um sinal do quão fortemente o rei tinha ficado ao lado dos europeus — ou até mesmo um sinal da confiança de Gama nos atrativos de sua fé —, ao administrador foi dada explicitamente a autoridade para lidar, e do modo que ele achasse apropriado, com qualquer cristão que desertasse para o Islã. Este não era um mero tratado de comércio: ele estabelecia a primeira colônia europeia na Índia e, ao menos em teoria, fazia dos cristãos da Índia súditos da coroa portuguesa. Para o rajá, isso se deu ao custo ostensivamente baixo de algumas palavras que deram aos europeus um grande interesse em aumentar o seu poder. O custo logo mostraria ser bem maior: o acordo infringiu perigosamente os direitos dos governantes vizinhos.

Em 10 de fevereiro, com cartas e enviados para o rei Manuel seguramente a bordo, os negócios de Gama em Cochim estavam terminados. Seu plano era voltar uma última vez a Cananor e então partir para casa; se fizesse um pacto semelhante com o kolathiri, raciocinou, poderia encurralar o teimoso samorim — e, se necessário, colocar seus novos aliados uns contra os outros. Antes que ele pudesse partir, porém, mais notícias enervantes viajaram pela costa. O samorim tinha conseguido reagrupar e acumular uma nova e temível frota de guerra, e dessa vez ele estava determinado a se livrar de uma vez por todas dos truculentos portugueses.

Gama, em uma fria fúria, preparou-se para a batalha final. Seu plano era atrair os inimigos e provocá-los para que atacassem antes que estivessem totalmente preparados. O almirante e seu tio Vicente abriram todas as velas e se afastaram a toda velocidade, enquanto dom Luís Coutinho percorreu o resto da frota em um barco, dizendo aos capitães para que esperassem e seguissem a distância.

Dois dias depois, quando o comboio de Coutinho chegou a quatro ou cinco léguas de Calcutá, os vigias viram uma grande armada de dhows árabes se aproximando, vindos do norte.

Lopes contou 32 navios; o marinheiro flamengo, 35; um marinheiro português, 36; e Matteo da Bergamo, 38. Com cerca de quinhentos homens em cada um, eles eram muito maiores do que os barcos que haviam atacado os europeus anteriormente — e muito maiores do que o maior navio português. Gama os tinha atraído, mas não existia sinal de que haviam sido apanhados desprevenidos.

Os cristãos estavam navegando à bolina contra o vento e fazendo pouco progresso. Os muçulmanos tinham o vento a seu favor e suas velas estavam bastante firmes. Eles avançavam rapidamente, e enquanto os europeus corriam para seus postos de batalha, o ritmo ameaçador de uma canção de guerra tocada em grandes castanholas árabes chegou até eles com a brisa.

Um novo grito ecoou até os navios portugueses. Em sua direção vinha um enxame de sambucos e longos barcos a remo vindos da cidade, que já disparavam suas armas. Os homens de Gama lutaram para revidar o fogo, mas os barcos continuavam chegando. Os indianos tinham aprendido a continuar até que estivessem fora da mira das armas europeias; desse modo, eles podiam pôr em uso sua vantagem numérica na luta corpo a corpo. Imediatamente os barcos leves e rápidos alcançaram a frota e dispersaram-se para todas as direções, escapando de uma chuva de flechas.

Os navios portugueses estavam pesadamente carregados e em más condições. Eles responderam vagarosamente quando os timoneiros moveram as canas do leme, e então acabaram se separando, indo uns para a terra e outros para o mar. Para complicar ainda mais, dois navios mercantes de Cochim os seguiam. Eles eram marinheiros ainda mais lentos, e os barcos do samorim os mantiveram na mira, na tentativa de pegá-los primeiro. Como os dois donos dos navios eram muçulmanos, Gama cogitou sacrificá-los, mas pensou melhor e decidiu não colocar em risco o tratado que tinha acabado de assinar com o rei de Cochim. Ao seu sinal, a frota lentamente se reagrupou em torno deles.

A situação era terrível, mas os europeus tinham uma vantagem evidente: seus grandes canhões ainda eram muito mais poderosos do que qualquer coisa que o inimigo possuísse. Quando a frota árabe ficou na mira, um navio português que estava em alto-mar, mais longe do que o resto, abriu fogo. Os artilheiros conseguiram acertar vários tiros e os dhows voltaram em direção a Calcutá. Quase imediatamente o vento cessou, e os europeus ficaram impotentes para continuar a perseguição.

Gama gritou novas ordens. Com os indianos ainda atirando neles, as equipes baixaram os barcos, amarraram-nos às proas dos navios e se esforçaram nos remos para rebocar toda a frota junto à costa. Depois de um tempo exaustivamente longo, eles nivelaram com a costa de Calcutá e se aproximaram do inimigo. Uma grande saraivada de balas de canhão abriu buracos nas laterais dos navios árabes, que se dispersaram em direção à cidade.

As duas caravelas usaram seus longos remos e partiram em perseguição da nau capitânia árabe. Uma súbita rajada de vento soprou os dhows leves e recém-alcatroados para a costa, enquanto as caravelas pesadamente carregadas rangiam em seu encalço, com suas armas

brilhando ao longe. A nau capitânia se recusou a se render, e as caravelas foram forçadas a manter distância. Havia apenas algumas dezenas de homens entre eles, que estavam em grande desvantagem numérica.

Finalmente, um grande navio português se arrastou até o porto. Enquanto ele lutava contra uma das embarcações árabes, uma outra bateu do seu lado. Os marinheiros muçulmanos atiraram-se ao mar e nadaram até a costa. Os cristãos foram atrás deles nos barcos, atirando lanças em sua direção e levando-os na ponta das espadas até o mar; segundo Tomé Lopes, entre as centenas de homens apenas um conseguiu escapar com vida.

Os europeus embarcaram nos dois dhows e encontraram um menino encolhido num canto. Gama imediatamente mandou que fosse enforcado, mas em seguida mudou de ideia e, em vez disso, interrogou-o. O samorim, disse o jovem a seus captores, tinha sofrido tantas perdas que exigiu a seus mercadores muçulmanos que lutassem suas próprias batalhas; caso contrário, ameaçou, ele iria "cortar suas cabeças e as de suas mulheres também". Toda peça de artilharia que o samorim pudesse comprar, pedir ou pegar emprestada havia sido carregada em seus navios, e todo dia ele se enfurecia com os mercadores, dizendo estar em guerra com os cristãos por causa deles. Um total de 7 mil homens se juntou à armada e jurou derrotar os portugueses ou morrer tentando, mas no fim o samorim teve que bater neles com paus para que embarcassem. O despreparo deles foi sua ruína: quando a batalha mal tinha começado, algumas poucas bombardas foram disparadas da costa e os agitados capitães decidiram que esse era um sinal para a retirada.

Houve alguns pequenos saques nos navios capturados: algumas nozes, arroz e água; sete ou oito bombardas pequenas e fortes, mas em mau estado; alguns escudos e espadas e muitos arcos e flechas. Durante a procura, os portugueses encontraram mais dois muçulmanos escondidos e os mataram antes que pudessem orar. Quando terminaram, eles atearam fogo aos navios.

O sangue europeu estava fervendo. O restante da frota mudou de direção até que suas proas estivessem apontadas para a costa, mas a tripulação dos outros navios árabes já havia escapado para a terra. Até mesmo Tomé Lopes se perguntou por que o almirante não tinha dado ordem para queimar a cidade. A única coisa a favor do samorim, observou ele sarcasticamente, era que "durante toda a noite o vento soprou do mar com grande fúria, enviando todos os mortos à costa, onde poderiam ser contados à vontade".

Com os navios cheios de especiarias e o tempo se esgotando para que retornassem para casa, as armas permaneceram em silêncio. Esperando — ou até mesmo acreditando — que finalmente tinha feito o suficiente para subjugar o samorim enlouquecido, Gama rumou para Cananor.

Os dezenove navios chegaram em 15 de fevereiro, ao meio-dia, e embarcações cheias de mercadores muçulmanos foram imediatamente ao encontro deles. Os comerciantes já tinham

ouvido as notícias de Calcutá e possuíam algumas informações surpreendentes. Havia 16 mil homens a bordo da frota de guerra, disseram eles, e os portugueses mataram aproximadamente mil deles. Cerca de setecentos morreram somente nas duas embarcações capturadas. Dos quinhentos homens na nau capitânia, metade tinha morrido no bombardeio e a outra metade teve seus braços ou pernas arrancados. O próprio navio foi esmagado com tanta força que quase afundou antes de chegar à terra.

Para a satisfação violenta de Gama, os comerciantes acrescentaram que o samorim tinha visto todo o combate da torre de uma casa em uma colina. Melhor ainda, entre os informantes havia vários que tinham desistido do samorim e de suas guerras e tinham trazido suas esposas e filhos para Cananor. Eles estavam morrendo de fome em Calcutá, disseram; os alimentos haviam atingido o dobro de seu preço normal e a cidade só poderia se manter com seus próprios recursos por mais alguns meses. Muitos dos comerciantes mais poderosos, eles acrescentaram, também haviam abandonado a cidade, já que nada chegava pelo mar. O samorim estava fora de si de tão furioso, e prometeu que os primeiros cristãos que caíssem em suas mãos seriam assados vivos.

Em vez de culpar os estrangeiros, esses homens pareciam, no geral, contentes com a vitória deles. O kolathiri estava encantado. Ele recebeu os refugiados de Calcutá e lhes deu dinheiro para contratar tripulação, e esteve a ponto de enviar navios para ajudar os europeus. Os ataques inclementes de Vasco da Gama sobre seu antigo rival tinham finalmente convencido o kolathiri a se alinhar com os cristãos.

Gama decidiu que, apesar de tudo, poderia confiar no governante de Cananor. Ele fez arranjos para montar uma fábrica permanente em uma espaçosa casa com uma equipe de vinte homens, prometendo que seus compatriotas retornariam lá a cada ano. O kolathiri jurou protegê-los e abastecê-los com especiarias, ao passo que o almirante se comprometeu a defender seu reino de ataques. Antes de sair, Gama presenteou o rei com um tanto de ouro e vestes escarlates — os mesmos veludos turcos que ele tinha roubado do *Mîrî* quatro meses antes.

Os porões estavam agora repletos de especiarias e as provisões, recém-abastecidas de água, peixes e arroz. No dia 22 de fevereiro, estando os últimos preparativos completos, Vasco da Gama deixou a Índia pela segunda vez. Vicente e Brás Sodré, seus dois tios, permaneceram com seus três navios e duas caravelas para policiar o oceano Índico — a primeira presença naval europeia permanente em águas orientais.

O almirante decidiu tentar um novo rumo pelo oceano Índico e definiu seu curso diretamente para a ilha de Moçambique. A rota ignorava Melinde e seu leal sultão, sem cuja ajuda Gama nunca poderia ter alcançado a Índia; isso, porém, prometia subtrair dias valiosos da viagem de regresso.

Vastas extensões do oceano ainda eram águas não mapeadas para os europeus. Durante a

travessia, eles passaram por cadeias de ilhas desconhecidas e contornaram os baixios para poderem olhar. Os habitantes de uma ilha acenderam uma grande fogueira para atraí-los, mas, consciente de sua preciosa carga, Gama decidiu continuar.

Durante sete semanas, os navios atravessaram tempestades à bolina e ficaram à deriva sob as velas abertas em calmaria. Eles eram lentos na água e vazavam terrivelmente; os marinheiros começaram a rezar para que pudessem alcançar terra antes de afundarem. Dois dos navios menores foram na frente, e, por fim, antes do amanhecer do dia 10 de abril, eles sondaram o fundo do mar e dispararam suas bombardas. Na manhã seguinte, os marinheiros percorreram a conhecida faixa verde do litoral africano, e na noite de 12 de abril ancoraram ao largo de Moçambique.

A longa viagem, as cargas pesadas e as repetidas batalhas tinham testado a tecnologia marítima europeia até o limite. Muitos dos catorze navios estavam em um estado totalmente incapaz de navegar, e mais uma vez foram descarregados e inclinados para um lado. Os cascos estavam tão perfurados com buracos de minhocas que pareciam peneiras, e não havia nada a fazer além de se debruçar sobre eles e tapar os buracos com pequenos pedaços de madeira — 5 ou 6 mil deles, Lopes estimou. Em seguida, os navios tiveram que ser novamente vedados, desencalhados, reabastecidos e carregados com água e madeira.

Gama escolheu o *São Gabriel* e o *Santo Antônio*, que estavam em melhores condições do que o resto, para ir em frente e dar as notícias ao rei Manuel. Cada navio também carregava uma cópia do relatório de Matteo da Bergamo ao seu empregador. Durante vários dias, o opinativo italiano ocupou-se em dar os últimos retoques às suas cartas, e deve ter achado que ninguém daria uma olhada nelas. Os indianos e árabes, escreveu ele, eram inimigos mais formidáveis do que os portugueses consideravam:

> Parece-me que o argumento apresentado em Lisboa, de que os nossos navios são melhores do que os deles, está errado; vimos, por nossa experiência, que o oposto é verdadeiro. Parece-me que, enquanto não fizermos as pazes com Calcutá, eles sempre se armarão, e, em consequência, se quisermos nos defender e não fugir, precisaremos de navios grandes e bem armados. Porque se eles não tinham sofrido grandes perdas este ano, durante a tempestade que destruiu mais de 160 de seus navios entre Calcutá, Cananor e Cochim, sem uma única pessoa salva, nenhum dos nossos, imagino, ou melhor, tenho certeza, teria ficado lá, ou talvez não tivesse sido capaz de carregar sua carga. Mas se pelo menos doze ou quinze navios com uma tonelagem de duzentas toneladas ou mais chegassem a esta região bem armados e equipados, eles poderiam carregar com bastante segurança, e encontrariam carga. Isso é o que eu acho.

O próprio Vasco da Gama, acrescentou o italiano, tinha várias vezes insistido no fato de que o rei nunca deixaria qualquer comerciante se armar, mas aconselhou seu empregador a defender seus interesses contra os portugueses, bem como contra os indianos. Gama, reclamou Matteo da Bergamo, havia se recusado a deixar que ele e seus colegas negociassem em seus próprios termos, ordenando-os a deixarem seus bens não vendidos com os administradores do rei. Assim, o pagamento seria feito em Lisboa, ou então os bens seriam jogados no mar, e ele manteria os despojos de todos os navios capturados para a coroa. Os

comerciantes, instou o italiano, deveriam examinar os artigos do tratado e pedir compensação pelas ações prejudiciais do almirante.

Os dois navios deixaram Moçambique no dia 19 de abril. O próprio almirante partiu dez dias depois, com oito navios, e os últimos cinco navios os seguiram após dois dias.

O comboio final tinha acabado de deixar o porto quando os vigias viram a frota de Gama voltando em direção a eles. Dois de seus navios, o *Flor do Mar* e o *Lionarda*, estavam fazendo tanta água que era quase impossível salvá-los. O almirante ordenou que todas as treze embarcações voltassem a Moçambique para maiores reparos.

No dia 4 de maio, Gama escolheu mais dois navios para que fossem em frente, caso os dois primeiros encontrassem qualquer problema. Tudo corria bem. No dia 20 de maio, com o casco remendado da melhor forma possível, os onze navios remanescentes mais uma vez partiram para o mar. Em poucos dias, eles voltaram.

O navio de Tomé Lopes estava entre eles, e ele relatou o que tinha acontecido.

Tudo correu bem até o oitavo dia de viagem. Então, sem aviso, uma tempestade chicoteou o mar como um caldeirão borbulhante. A noite já tinha caído e orações ardentes foram feitas quando o *Lionarda* colidiu diretamente contra o navio de Lopes. A colisão cortou parte do seu castelo de proa e dividiu as bordas do navio. As ondas eram tão altas que os homens se balançavam descontroladamente no cordame enquanto tentavam desembaraçar os brandais que tinham se entrelaçado. Quando o navio de Lopes finalmente se soltou, o *Lionarda* veio mais uma vez diretamente em sua direção e bateu na lateral, próximo à proa. Um corte enorme se abriu e os brandais, as pranchas, as correntes e as velas colidiram uns contra os outros. Os marinheiros convenceram-se de que estavam condenados, e a cada novo barulho ou colisão seus corações saltavam. A maioria desistiu, ajoelhou-se e orou.

Por fim, alguns homens mais fortes e corajosos conseguiram cortar o cordame, e os dois navios se separaram. Grupos de marinheiros tiravam a água que entrava, alguns com bombas e outros com qualquer recipiente que tivessem à mão. Outro grupo entrou no porão carregando lanternas e constatou que o fundo do casco permanecia impermeável. Mesmo assim, muitos estavam convencidos de que o navio estava prestes a afundar, e treze desertores pularam para o *Lionarda*.

Lopes e os demais que ficaram a bordo estavam certos de que suas vidas tinham sido poupadas por um ato de Deus. Era impossível ser salvo de tal calamidade por forças naturais, registrou o escrivão, e todos eles prometeram sair em peregrinação quando chegassem em casa. Milagre ou não, eles ainda não estavam seguros. Quando tentaram se aproximar da direção estabelecida pelo almirante, a água correu de novo e o navio adernou perigosamente para o lado furado. Com as ondas ainda altas, os oficiais decidiram arriscar acendendo fogueiras nos deques como um sinal para o restante da frota.

O navio de Gama foi o primeiro a chegar, e ele gritou para os homens, perguntando se

queriam abandonar o navio. Com a ajuda de Deus, gritaram de volta, eles poderiam aguentar até de manhã. O *Flor do Mar* apareceu em seguida e se ofereceu para enviar o seu barco. A tripulação tentou persuadir seus companheiros de que eles estavam prestes a afundar em um mar muito furioso, mas Lopes e seus homens convenceram-se de que estavam sob proteção sobrenatural.

No dia 31 de maio, a frota novamente se voltou em direção à terra e os pilotos descobriram que só estavam a dez léguas de Moçambique. Eles tentaram três vezes até conseguir entrar no porto, e no dia seguinte o navio de Lopes entrou no porto atrás deles, vacilante. O *Lionarda* também estava vazando e precisando de muitos reparos, e então o processo de carenagem começou mais uma vez.

Tanto tempo havia se passado que os suprimentos de alimentos estavam diminuindo perigosamente. Os homens já estavam com provisões reduzidas de pão e vinho. Quatro dias depois eles chegaram a Moçambique pela terceira vez, e o arroz que compraram havia se esgotado. Eles passaram, então, para os grãos africanos, que também acabaram. Por fim, tiveram que cozinhar as migalhas de biscoito do fundo dos barris — pelo menos aqueles que os camundongos tinham deixado. Como não havia sobrado óleo ou mel, as migalhas tiveram que ser fervidas na água. O resultado "não precisava de condimentos, uma vez que cheirava a um cão morto, mas nós comemos, porque estávamos com fome", observou mordazmente Tomé Lopes.

No dia 15 de junho, as condições tornaram-se tão ruins que Gama ordenou que três dos navios voltassem imediatamente para casa. Eles partiram cedo na manhã seguinte e, depois de sobreviverem a uma nevasca que os separou e quase os afundou, finalmente avistaram o cabo da Boa Esperança. Lá, como que para mostrar o que havia mudado em cinco anos desde que Vasco da Gama tinha navegado pela primeira vez no oceano Índico, eles encontraram dois navios portugueses que estavam começando uma viagem para a Índia. As bombardas dispararam e os barcos saíram. Notícias de um príncipe nascido do rei surgiram enquanto sacos de pão eram trazidos. A tripulação que voltava para casa continuou sua viagem, observando grupos de baleias nadando ao redor do cabo, atirando em grandes e lustrosos atuns com sua artilharia e parando em uma ilha para capturar e assar bandos de pássaros que não tinham aprendido a se prevenir contra os seres humanos. De acordo com o marinheiro flamengo, as aves não eram as únicas vítimas. Em meados de julho as provisões estavam novamente se esgotando, e no trigésimo dia ele relatou, com naturalidade: "Encontramos uma ilha onde matamos pelo menos trezentos homens e capturamos muitos deles, e lá recolhemos água". Sem dúvida, ele estava exagerando, como era de costume, embora Tomé Lopes, cujo navio esperava fora da costa, estivesse excepcionalmente reticente sobre o que tinha acontecido.

A flotilha velejou em direção às ilhas do Cabo Verde. As ilhas ainda estavam ao longe quando a flotilha se deparou com uma violenta tempestade e foi forçada a ancorar no mar

agitado. Todos os homens ficaram doentes e por vinte dias não tiveram nem pão para comer. O marinheiro alemão era um deles. Em cima da hora, ele relatou, outro navio português passou por eles, "e com o qual conseguimos farinha, bolos assados e mingau pronto, e nos servimos da melhor maneira possível. A cada dois ou três dias um homem morria, e os outros estavam sempre mais doentes e mais desesperados pela mudança de ar". Finalmente os três navios chegaram aos Açores, conseguiram muito alimento fresco e aproveitaram os ventos de oeste para ir em direção a Lisboa.

De volta a Moçambique, os navios remanescentes partiram de dois em dois e de três em três assim que foram aprovisionados. O almirante da Índia esperou até a última partida e zarpou em 22 de junho. Dois dos navios se perderam do restante em uma noite escura e tempestuosa e foram para casa em má situação, fazendo água e acompanhados somente pelos seus medos, relatou um marinheiro português. Enquanto se dirigiam para os Açores, a tripulação inteira adoeceu e não restou ninguém para comandar os navios. Não havia nada para comer além de biscoitos mofados repletos de vermes, e os homens doentes devoraram dois cães e dois gatos que haviam sido trazidos a bordo para que comessem os ratos.

O CHEIRO DAS ESPECIARIAS chegou à terra antes dos navios. Ao todo, 1,7 mil toneladas de pimenta, canela, cravo, gengibre, noz-moscada, cardamomo, pau-brasil, aloés, mirobálano, canafístula, zerumba, zedoária, benjoim, cânfora, tamarindo, almíscar e alume perfumavam os porões e mascaravam os odores dos homens que tinham estado quase dois anos no mar.

Os primeiros navios chegaram a Lisboa no final de agosto, e as notícias que traziam selaram a fama de Vasco da Gama. "Em todo lugar onde esteve, quer por amor ou pela força, ele conseguiu fazer tudo o que queria", registrou Gianfranco Affaitati, patrão de Matteo da Bergamo, para Pietro Pasqualigo, que estava então na Espanha.

No dia 10 de outubro, o almirante da Índia navegou triunfalmente para Lisboa. Pelo final do mês, ao menos treze navios haviam retornado. Um navio tinha encalhado próximo a Sofala no início da viagem; outro, o mais antigo e menor da frota, chegou em casa durante uma violenta tempestade e teve que ancorar a cinco milhas de Lisboa. "Um vento tão forte soprou", relatou uma testemunha, "que todas as linhas da âncora se romperam e as ondas partiram o navio em pedaços, e os homens se salvaram agarrando-se a esses pedaços, por isso não mais que quatro homens se afogaram". Fora estes, Gama não perdeu mais nenhum navio.

Seu sucesso contrastava com os desastres que tinham acontecido com seu grande rival. Três meses depois que o almirante da Índia embarcou em sua segunda viagem, o almirante do Mar Oceano partiu da Espanha pela quarta e última vez. Quando Cristóvão Colombo chegou à Hispaniola, o governador ignorou sua advertência de que um furacão estava se formando e recusou-lhe a entrada no porto. Dois dias depois, a primeira frota do tesouro espanhol deixou a colônia e navegou diretamente para a tempestade tropical. Vinte dos trinta navios afundaram, levando para o fundo do mar uma grande pilhagem de ouro e quinhentos homens, incluindo o

próprio governador. Os quatro navios veneráveis de Colombo se refugiaram em um estuário, e quando a tempestade passou ele partiu para explorar o continente que havia encontrado em sua viagem anterior. No Panamá, ele soube que um novo oceano inteiro estava a poucos dias de distância, e então se convenceu de que estava perto de encontrar um estreito através do qual poderia navegar diretamente para a Índia.

Ele nunca conseguiu procurá-lo. Tendo escapado ao furacão, sua frota foi atingida por uma tempestade ainda mais feroz. Um dos navios danificados ficou preso em um rio, e sob ataque de uma tribo próxima ele foi forçado a abandoná-lo. Os três navios restantes ficaram crivados de buracos de vermes por onde vazava muita água, e eles mal tinham zarpado para casa quando mais um navio teve que ser abandonado. Assim como os dois outros navios que iam para Cuba, estes foram pegos por outra tempestade, e Colombo foi forçado a levá-los até a costa da Jamaica antes que afundassem. Não havia espanhóis na Jamaica e os homens ficaram abandonados. Um dos capitães comprou uma canoa de um chefe local e remou para Hispaniola, onde o novo governador prontamente o colocou na prisão por sete meses. Colombo ainda estava preso na Jamaica, tentando acabar com um motim entre metade de sua tripulação e assustando os ilhéus com a previsão de um eclipse lunar, a fim de que estes alimentassem os náufragos. Enquanto isso, Vasco da Gama chegava em casa.

A corte foi até a praia para acolher dom Vasco e acompanhá-lo ao palácio. Ele desfilou pelas ruas ao rufar de tambores e fanfarras, precedido por um pajem carregando uma enorme bacia de prata cheia de oferendas de ouro vindas de Kilwa. Ao chegar ao palácio, ele apresentou o montante de ouro para Manuel.

Pela primeira vez, um tributo valioso havia sido trazido de uma famosa cidade do Oriente. Pela primeira vez, um governante muçulmano tinha se tornado um vassalo do rei português. Pela primeira vez, Manuel tinha milhares de súditos cristãos na Índia. As dúvidas semeadas pela missão conturbada de Cabral foram silenciadas.

Manuel elogiou seu almirante com palavras generosas que redundaram em seu próprio crédito. Vasco da Gama tinha superado os antigos, falou o rei. Ele tinha atacado "os mouros de Meca, inimigos da nossa Santa Fé Católica", tinha feito tratados solenes com dois reis indianos e tinha trazido sua frota em segurança para casa, "bem carregado e com grandes riquezas". Quanto ao ouro de Kilwa, Manuel fê-lo derreter e transformar em um ostensório de ouro para a grande igreja do monastério que estava sendo construída em Belém, seu esbanjamento mostrando uma grande variedade de esculturas africanas e maravilhas orientais, prova em pedra do novo poder de Portugal e do lucro das especiarias.

# 17. Império das ondas

Apenas alguns anos antes Lisboa era uma cidade à margem do mundo. Agora ela havia sido transformada em um centro comercial que rivalizava com os mais ricos entrepostos do Oriente. Navios de três continentes lotavam seu porto. Sacos estufados de pimenta enchiam seus armazéns. Carroças cheias de musselinas e brocados, almíscar e âmbar, incenso e mirra, cravo e noz-moscada deslocavam-se ruidosamente pelos becos. Tapetes persas cobriam seus pisos e tapeçarias orientais forravam suas paredes. Homens de toda a Europa reuniam-se para olhar, comprar e provar a emoção do novo.

Para aqueles de espírito aventureiro, o mundo recém-expandido trazia uma inebriante onda de liberdade. Era irresistível para os aventureiros da Europa a chance de ver novas terras, conhecer novos povos e levar para casa um relato de testemunha ocular, trazendo lembranças e até mesmo exóticos animais de estimação, e um fluxo constante de novos Marcos Polos abandonava suas casas e partia em longas viagens para o Oriente. Eram homens como Ludovico de Varthema, que deixou Bolonha em 1502 com uma sede furiosa por aventura, fama e exóticas experiências sexuais. Segundo seu instigante *Viagens*, Varthema se disfarçou como um soldado mameluco na Síria, lutou contra 50 mil árabes ao mesmo tempo enquanto vigiava uma caravana de camelos, entrou no recinto da Caaba, em Meca, e no túmulo de Maomé, em Medina, teve um caso apaixonado com uma das mulheres do sultão de Áden e conquistou a reputação de santo muçulmano antes de retornar para a Europa em um navio português.

O valente português não tinha aberto um caminho para o Oriente para a pura excitação de uns poucos audaciosos. A pequena nação havia estabelecido uma tarefa de proporções monumentais, e o trabalho estava apenas começando.

Vasco da Gama havia navegado em direção ao leste, declarou um banqueiro italiano em Lisboa, com o objetivo expresso de "subjugar toda a Índia" à vontade de seu mestre. Sua vontade férrea tinha definido o curso de décadas de batalhas cruéis por dominação. Apesar disso, a Índia não era mais uma ideia, uma invenção gloriosa do imaginário europeu. Era um vasto subcontinente, atormentado por seus próprios conflitos internos, vibrante em suas complexidades misteriosas e desconcertantemente alheio aos estrangeiros que esmiuçavam suas praias. Os portugueses tinham apenas começado a mapear o litoral, enquanto o interior permanecia um mistério impenetrável: essa era a limitação de conduzir a guerra por mar.

Falando claramente, o banqueiro estava um passo à frente da diversão. Para Vasco da Gama e seus homens, a Índia foi um meio para alcançar um fim. Esse fim era a ambição desmedida de Manuel em instalar-se como rei de Jerusalém, e o primeiro passo nessa Cruzada

não era a conquista da Índia, mas a expulsão de seus comerciantes muçulmanos. Gama tinha apostado tudo nessa tarefa, mas seu inimigo real ainda estava abrigado em seu palácio em Calcutá, e os comerciantes continuavam exercendo seu ofício. Quanto ao caminho à frente, os portugueses não tinham encontrado nenhum Preste João à espera para colocar seus soldados sob seu comando, e os poucos cristãos que tinham encontrado eram incapazes de se juntar a sua causa. Eles ainda tiveram que estancar o fluxo de especiarias do Egito e não chegaram nem perto do mar Vermelho, o canal que, como acreditavam, poderia levá-los à Terra Santa. Para todos, menos para os mais crédulos na fé, ficou claro que o plano principal de Manuel exigiria uma grande demanda de tempo, mão de obra e riqueza que levariam Portugal cada vez mais profundamente para o Oriente.

O rei não se intimidou. A fé e a artilharia conquistariam tudo. No entanto, a Índia ficava do outro lado do mundo, e sem um homem certo no comando a coroa era impotente para controlar as ações realizadas em seu nome.

A podridão começou a se espalhar a partir dos próprios parentes de Gama.

Vicente Sodré e seu irmão Brás ficaram na Índia, com a grande responsabilidade de proteger as fábricas portuguesas e de espoliar a navegação muçulmana. Assim que seu austero sobrinho partiu, eles decidiram que a segunda daquelas tarefas era mais rentável do que a primeira, e então partiram para pilhar navios que transportavam especiarias e sedas para o mar Vermelho. Sua tripulação ficou furiosa — não de indignação moral, e sim porque os irmãos recusaram-se a partilhar os despojos. Um capitão irado denunciou os irmãos para o próprio rei Manuel; Brás, escreveu ele, tinha roubado todos os tipos de bens "sem incluí-los nos livros de Vossa Senhoria, além de muitos outros que ele pegou quando quis, porque ninguém ousava ir contra ele, já que seu irmão lhe permitia que fizesse o que quisesse". Os irmãos arrogantes receberam seu troco quando riram dos conselhos de alguns pastores beduínos para que afastassem seus navios do caminho de um vendaval que se aproximava, e o capitão hipocritamente relatou as consequências para o rei.

"De forma que, meu senhor, no dia seguinte, o vento soprou tão forte e o mar tornou-se tão agitado que o navio de Vicente se chocou contra a costa, e depois disso o de Brás Sodré, com seu mastro quebrado, cada um deles tendo seis cabos para a proa." Vicente morreu imediatamente; o cruel Brás arrastou-se até a terra e enfiou a espada primeiro em um piloto que tinha capturado de um dos navios que roubou, e depois no piloto corcunda que havia sido tomado do *Mîrî*. O próprio almirante havia instruído seus tios para que fizessem uso da experiência do corcunda; ele era, acrescentou o informante de Manuel, o melhor piloto em toda a Índia, e "o mais necessário para Vossa Senhoria".

Com a frota ausente, o samorim aproveitou a chance. Ele direcionou sua ira sobre o rei rebelde de Cochim, que ainda se recusava teimosamente a quebrar o tratado com os cristãos, e atravessou a fronteira com um grande exército. O rajá e os administradores portugueses, os escrivães e os guardas foram obrigados a fugir da cidade em ruínas e se esconder em uma ilha

próxima. Eles ainda estavam lá quando a frota portuguesa seguinte chegou. Quando reinstalaram o rajá em seu trono, surgiu em Cochim o primeiro forte europeu na Índia, uma estrutura de madeira construída às pressas chamada forte Manuel.

Rapidamente se tornava claro que só uma ocupação armada permanente poderia alcançar o objetivo de Manuel de limpar os mares do comércio muçulmano. Isso exigia um comandante que pudesse tomar decisões em terra, e em 1505 Manuel nomeou o primeiro vice-rei da Índia. Como todos os títulos que o rei tinha inventado para si e para seu almirante, este também era mais um sinal de intenção do que uma expressão da realidade; porém, marcou o início de uma mudança de missão que inexoravelmente transferiu os portugueses do mar para a terra. Manuel escolheu dom Francisco de Almeida, um experiente e confiável velho soldado que tinha lutado no cerco de Granada, em 1492. Além de lhe dar plenos poderes para fazer tratados, promover guerra e distribuir justiça, Manuel ordenou-lhe que construísse uma cadeia de fortes ao redor do oceano Índico.

Almeida começou em Kilwa. Seus soldados desembarcaram e foram direto para o palácio do emir usurpador, "poupando" benevolentemente "as vidas dos mouros que não resistiam ao longo do caminho". De uma janela, um cortesão acenou furiosamente a bandeira deixada por Gama e gritou: "Portugal! Portugal!". Os portugueses o ignoraram, quebraram as portas do palácio e golpearam e saquearam tudo enquanto um sacerdote e um grupo de frades franciscanos seguravam cruzes e cantavam o *Te Deum*. O emir fugiu e Almeida nomeou um títere em seu lugar. Ele se apropriou da casa mais forte à beira-mar, destruiu as construções em volta dela e a transformou em um forte muito bem armado comandado por um capitão e oitenta soldados.

Os europeus foram para Mombaça. O sultão os esperava, e balas de canhão assobiavam em direção a eles vindas do bastião na entrada do porto. Eles atiraram de volta até que o paiol de pólvora do forte pegou fogo e a construção ficou em chamas, e então navegaram para o porto disparando com todas as suas armas. Os soldados desembarcaram em grande número, avançaram através de uma chuva de pedras e flechas e incendiaram as casas de madeira da cidade. As paredes e os tetos de palha inflamaram como gravetos, levando consigo construções de alvenaria que estavam próximas; Mombaça, relatou um marinheiro alemão chamado Hans Mayr que estava com a expedição, "queimou como um enorme incêndio que durou quase a noite toda". Os habitantes sobreviventes fugiram para os coqueirais fora da cidade, e após o café da manhã no dia seguinte, os invasores saquearam as ruínas ardentes, quebrando portas com machados e aríetes e parando para apanhar os últimos defensores sobre os telhados com suas bestas. Eles chegaram ao palácio já destruindo seus suntuosos quartos, enquanto um capitão português subiu no telhado e hasteou o estandarte real. Grandes pilhas de tesouro foram carregadas, incluindo um magnífico tapete que foi enviado para o rei Manuel.Segundo o marinheiro alemão, quando tudo terminou, 1,5 mil homens, mulheres e crianças muçulmanos estavam mortos, mas apenas cinco cristãos tinham morrido — uma disparidade que ele

creditou mais à Providência divina do que à inteligência humana.

A frota ia para a Índia, e após erigir um forte em Cananor os portugueses partiram para seu confronto anual com o samorim.

Em março de 1506, um total de 209 embarcações vindas de Calcutá — sendo 84 grandes navios — atacou a forte frota portuguesa de onze navios. O aventureiro de Bolonha, Ludovico de Varthema, estava passando na hora e entrou na briga.

O samorim tinha conseguido armar-se com uma artilharia eficiente — ironicamente para Varthema, o canhão era de fabricação italiana — e as chances estavam contra os europeus. Lourenço, filho de Almeida, que estava no comando, convocou seus homens e os incentivou ao sacrifício, com as palavras de um verdadeiro cruzado: "Ó senhores, ó irmãos, agora é o dia que devemos lembrar a Paixão de Cristo, e quanta dor Ele sofreu para redimir a nós, pecadores. Agora é aquele dia em que todos os nossos pecados serão apagados. Para isso eu vos suplico que nos determinemos a ir vigorosamente contra estes cães; pois eu espero que Deus nos dê a vitória, e que não escolha que a Sua fé deva falhar". Então, um padre com um crucifixo na mão fez um sermão inflamado e concedeu a indulgência plenária. "E ele sabia tão bem como falar", recordou mais tarde Varthema, "que a maior parte de nós chorou, e orou a Deus que Ele nos levasse a morrer nesta batalha."

Os tambores rufaram, as armas dispararam e, escreveu Varthema, "uma batalha muito cruel foi travada com imenso derramamento de sangue". A luta durou até o dia seguinte. "Era uma bela visão", o italiano lembrou, "ver as façanhas galantes de um capitão muito valente que, com uma galé, fez tamanha carnificina entre os mouros que não é possível descrever." Outro capitão saltou a bordo do barco inimigo. "Jesus Cristo, dá-nos a vitória! Ajuda a Tua fé", gritou ele, cortando mais algumas cabeças. Os indianos fugiram diante do ataque incansável e os europeus os caçaram impiedosamente. Quando voltaram à cena, o jovem comandante enviou seus homens para contar os cadáveres. Varthema registrou o resultado: "Eles descobriram que aqueles que foram mortos na costa e no mar e aqueles que foram tomados dos navios contabilizavam 3,6 mil cadáveres. Deve-se ressaltar que muitos outros foram mortos quando tentavam fugir e se jogaram ao mar". Os futuros mártires tiveram que se contentar com a vitória, porque, de acordo com Varthema, apesar das armas italianas, nem um único cristão morreu.

Enquanto o vencedor ainda comemorava seu triunfo, um capitão português, um pouco mais jovem que o pai de Lourenço, ocupava-se em roubar a cena.

Afonso de Albuquerque já tinha cinquenta anos quando chegou pela primeira vez ao oceano Índico. Ele era de estatura mediana, com uma tez corada, um nariz grande e uma "barba venerável, que ia até abaixo de seu cinto, ao qual ele a amarrava". Como um nobre que tinha parentesco distante com a família real, ele tinha sido bem-educado e era conhecido por seu elegante fraseado. Era também um cruzado confirmado que, quando jovem, serviu por dez anos nas guerras do Marrocos. Era comandante da Ordem de Santiago, a mesma sociedade

que assassinava mouros na qual Vasco da Gama tinha entrado ainda menino, e ele tinha decidido que o futuro estava no Oriente. Havia mais do que um toque de Gama em seu olhar determinado; no entanto, se ele era páreo para seu antecessor em coragem pessoal e pura força de personalidade, o mais velho superava o mais jovem em sua capacidade de crueldade resoluta — e deixava-o para trás em sua vontade de despejar seu temperamento em seu próprio povo.

Em 1506, Albuquerque partiu com uma esquadra de seis navios para cortar a cadeia de suprimentos para o Egito, Arábia e Irã. Ele rapidamente se apropriou de uma ilha rochosa perto da foz do mar Vermelho e construiu uma fortaleza nela. A partir de sua nova base, ele despachou assaltantes para que varressem o Portão das Lágrimas de navios que iam em direção a Áden e Jedá. No ano seguinte, ele partiu para o outro lado da Arábia a fim de bloquear o golfo Pérsico. Sua frota de ataque ancorou no porto de Mascate, um antigo porto em forma de ferradura na entrada do golfo, e então dispararam uma salva ao entrarem. Os soldados escalaram os altos muros de terra da venerável cidade e invadiram as ruas. Eles abriram caminho para a vitória e cortaram orelhas e narizes dos homens e mulheres que foram deixados vivos. Depois levaram um machado à mesquita principal, "um edifício muito grande e belo, a maior parte de madeira, finamente esculpida, e a parte superior de estuque", e atearam fogo nela. Albuquerque passou a aterrorizar uma série de portos e cidades próximas antes de continuar em direção a seu alvo principal, Ormuz. Chegando lá, ameaçou construir um forte com os ossos de seus habitantes e pregar suas orelhas à porta, e, tendo-os aterrorizado, ele aniquilou sua frota inteira com uma virtuosa exibição de marinharia e poder de fogo superior. O menino rei de Ormuz tornou-se um vassalo do rei Manuel, e um forte português chamado Nossa Senhora da Vitória — construído com pedras, não com ossos — foi erguido sobre a lendária cidade.

Albuquerque estava fechando sistematicamente os terminais oceânicos do comércio oriental do Islã. À medida que mais e mais especiarias terminavam nos porões dos navios portugueses, os mercados de Alexandria se esvaziavam. Os egípcios não estavam mais dispostos a assistir passivamente ao desaparecimento do seu monopólio, e tampouco os seus aliados, os venezianos.

No ano de 1500, um jardim de árvores balsâmicas que ficava nos arredores do Cairo murchou subitamente.

A notícia teria sido banal não fosse o fato de os monges coptas, que cuidavam do arvoredo, alegarem que o Menino Jesus tinha plantado a primeira muda; a especiaria preciosa, foi dito, era a essência do Seu suor, que Maria havia torcido de Sua camisa após lavá-la em uma fonte que Ele tinha feito jorrar. Durante séculos, sob o olhar atento dos homens do sultão, os monges tinham extraído uma goma resinosa das árvores. A goma era infundida em óleo e a decocção era louvada como uma cura milagrosa para todos os tipos de doenças. Sua

venda era cuidadosamente controlada — os venezianos, naturalmente, estavam entre os clientes favorecidos — e os europeus pagavam preços exorbitantes por pequenos frascos contendo o óleo santo. Mas, de repente, as velhas árvores sumiram, como se nunca tivessem existido, e egípcios de todos os tipos de fé lamentaram sua morte.

Esse era um emblema curioso da devastação que Vasco da Gama causara nas rotas das especiarias. Por quase mil anos o comércio no oceano Índico tinha sido realizado em termos muçulmanos. Subitamente, os portugueses alteraram a velha ordem. Trechos do mundo islâmico foram confrontados com o declínio econômico, e um golpe duro e rápido foi desfechado em seu orgulho. Como o arvoredo balsâmico, um antigo e estabelecido modo de vida tinha pegado um vento frio e murchado repentinamente.

No verão de 1504, um frade franciscano chegou à corte papal com um ultimato do sultão do Egito. Ele era guardião do mosteiro de Monte Sião, em Jerusalém, que ainda estava em mãos egípcias. O sultão, advertiu, tinha ameaçado demolir os locais de peregrinação cristã na Terra Santa se os portugueses não saíssem imediatamente do oceano Índico. O papa lavou as mãos sobre o caso e mandou o frade até o rei Manuel com uma carta perguntando como ele deveria responder a isso. Se os lugares santos fossem tocados, Manuel respondeu, ele lançaria uma nova Cruzada em defesa destes. Lembrou o papa das vitórias de sua família sobre o Islã e prometeu permanecer nesse rumo até que os infiéis fossem esmagados. Já tinha superado obstáculos tão formidáveis, acrescentou ele, que sua missão era, sem dúvida, abençoada por Deus.

A caminho de sua viagem para ver o papa, o frade fez uma parada em Veneza. A Signoria requisitou oficialmente que os egípcios não cumprissem suas ameaças, e logo em seguida enviou um novo agente secreto para o Cairo. O enviado, Francesco Teldi, disfarçou-se de comerciante de joias e revelou sua identidade somente quando garantiu uma audiência privada com o sultão. As potências europeias, assegurou ele ao governante egípcio, estavam muito desunidas para marchar sobre a Terra Santa. Os portugueses ameaçavam igualmente a subsistência de Veneza e do Egito, e o sultão teria de impedi-los antes que fosse tarde demais.

Veneza era parceira do Cairo em tristeza. Em 1498, quando Vasco da Gama estava cruzando o oceano Índico pela primeira vez, uma colheita tão grande de especiarias chegou a Alexandria que até mesmo os venezianos ficaram sem recursos para comprá-las. Em 1502, o ano em que Gama retornou da segunda viagem, seus navios voltaram para casa meio vazios. Três quartos das galés mercantes de Veneza estavam desativadas, e os navios restantes ficaram de fora em três de cada quatro de suas viagens habituais.

Os venezianos abandonaram qualquer simulação de amizade com Portugal e se juntaram ao Egito. A Signoria enviou mais espiões a Lisboa — um deles foi desmascarado e atirado aos calabouços de Manuel —, e por um tempo ainda considerou um antigo plano de cavar um canal do mar Vermelho ao Mediterrâneo, começando em Suez. No final, a ideia foi arquivada antes de o sultão ser abordado, e em vez disso Veneza começou a construir uma marinha para

ele.

Em extraordinária oposição aos planos tão acalentados por Portugal, Veneza estava prestes a lançar navios muçulmanos no mar Vermelho para destruir o comércio cristão.

Em Istambul, os otomanos também viam com preocupação o comércio oriental escapar de suas mãos. O sultão turco encontrava-se em uma situação pior com o seu homólogo egípcio do que com Veneza, mas os três poderes ameaçados forjaram uma aliança improvável. Istambul fornecia ao Egito materiais para construir uma frota de guerra, juntamente com oficiais e artilheiros para armarem-na, enquanto os construtores navais qualificados de Veneza chegavam para supervisionar a sua construção. Os venezianos assistiram às partes chegarem a Alexandria; viram-nas sendo carregadas em camelos e transportadas pelo deserto para depois se reunirem nas margens do mar Vermelho.

Doze esplêndidas galés de carvalho e pinheiro em estilo veneziano surgiram nos andaimes de Suez. Canhões turcos forjados de bronze sólido foram montados na frente e na parte de trás — embora não nas laterais, onde remos e remadores tomavam muito espaço — e a armada partiu para a Índia.

Depois de um longo atraso, no início de 1508, a armada ancorou no porto de Diu, um porto guzerate estrategicamente localizado na foz do delta do rio Indo, no noroeste da Índia. O plano era se encontrar com a frota que estava sendo enviada pelo samorim de Calcutá, que mais uma vez tinha reconstruído sua armada depois da derrota recente, e em seguida navegar para o sul e destruir todos os fortes e fábricas portugueses ao longo da costa. Os egípcios, porém, se atrasaram, e os navios do samorim foram embora. Então, eles se juntaram ao esquadrão fornecido pelo governador muçulmano de Diu e causaram graves danos a uma pequena frota portuguesa perto de Chaul. Entre os portugueses mortos estava o filho de Almeida, Lourenço, o herói da batalha de Calcutá.

Foi a primeira derrota naval de Portugal no oceano Índico, e os tambores da vitória rufaram no Cairo durante três dias. No entanto, os egípcios não conseguiram dar continuidade ao plano. A frota retornou a Diu e ficou parada durante a monção de inverno, os cascos se estragaram e a tripulação se dispersou. No ano seguinte, dezoito navios de guerra portugueses chegaram ameaçadoramente ao porto, com Almeida na liderança do antigo *Flor do Mar*. Os europeus endurecidos pela batalha obtiveram uma vitória sangrenta em poucas horas, e o vice-rei vingador navegou ao longo da costa, atirando nos prisioneiros à queima-roupa com seu canhão e atirando suas cabeças e membros pelas cidades em que passavam. O samorim finalmente tentou a paz, e os portugueses construíram uma fortaleza em Calcutá.

Os venezianos montaram uma nova ofensiva diplomática com o objetivo de persuadir Istambul a patrocinar outra frota egípcia, mas o apelo não foi ouvido. Sete anos após a Batalha de Diu, o canhão turco eliminou a elite da cavalaria com espada do Egito e levou 267 turbulentos anos de governo mameluco a um rápido fim. Os otomanos voltaram suas atenções mais uma vez à Europa e não enviariam uma nova grande frota contra os portugueses por

trinta anos. O papado, enquanto isso, se aliou aos franceses e aos espanhóis para colocar Veneza em seu devido lugar. *La Serenissima* foi despojada de um século de conquistas territoriais e, embora tenha se recuperado, jamais voltou a ser a importante potência de outrora.

Como os primeiros cruzados, os portugueses tiveram uma sorte providencial em seu sincronismo. Com Veneza humilhada e seu aliado egípcio esmagado, a supremacia naval de Portugal no oceano Índico estava assegurada. As rotas marítimas para o resto da Ásia estavam prontas para serem conquistadas.

O vice-rei Almeida, apesar da fúria com a qual vingou a morte do filho, acabou sendo menos do que um contribuinte assalariado para os planos messiânicos de Manuel. Sob a influência da pressão mercantil e de grupos de nobres que estavam fazendo uma fortuna com pilhagens a navios árabes, ele havia se convencido de que lutar em terra era uma maneira de desperdiçar a riqueza que Portugal estava acumulando por mar. Melhor ainda, ele aconselhou ao rei que usasse o poder naval para intimidar os governantes da Índia e que intensificasse o lucrativo negócio da pirataria organizada. Seus argumentos foram reforçados quando o kolathiri de Cananor pediu a ajuda de seu ex-inimigo, o samorim de Calcutá, para atacar a fortaleza portuguesa em sua cidade. O kolathiri que negociara com Gama havia morrido, e o novo governante prometeu se vingar de um terrível episódio no qual os portugueses afundaram um navio indiano, amarrando seus tripulantes às velas e os jogando vivos ao mar. Um enorme exército cercou o forte por quatro meses, e os portugueses só foram salvos da fome quando um maremoto de lagostas lavou a sua porta, seguido de perto por uma frota de socorro.

Enquanto Almeida insistia com Manuel para que reduzisse suas ambições, os fogos da intolerância religiosa começaram a se exacerbar em Portugal. Em 1506, um homem suspeito de ser um marrano — um cristão-novo, ou judeu batizado, que praticava secretamente sua antiga fé — tinha causado indignação em Lisboa quando sugeriu que o brilho etéreo que parecia emanar de um crucifixo poderia ter uma explicação não miraculosa. Um grupo de mulheres arrastou o cético para fora da igreja e o espancou até a morte, e um sacerdote pregou um ardente sermão pedindo a seu rebanho que acabasse com o inimigo interno. Mais dois sacerdotes marcharam pelas ruas brandindo crucifixos e multidões de nativos e marinheiros de navios no porto partiram para a violência. Em dois dias sangrentos, 2 mil homens e mulheres — incluindo alguns católicos que se pareciam vagamente com judeus — foram massacrados. A febre cruzada, uma vez desencadeada, era difícil de controlar.

Manuel executou os líderes, incluindo os sacerdotes. No entanto, ele estava mais convencido do que nunca de que era sua missão histórica levar o Oriente para o aprisco cristão, e então ele substituiu o relutante Almeida por Afonso de Albuquerque.

A Cruzada foi em frente. Tal como seu rei, Albuquerque vislumbrava um colossal império asiático unido por um cristianismo universal no qual um Islã cada vez mais enfraquecido desapareceria. Para pagar o custo astronômico de tudo isso, o controle de Portugal sobre o

comércio de especiarias teria que ser total — um monopólio da coroa, apesar dos gritos dos mercadores lesados. Os administradores reais não teriam mais que pechinchar por sacos de pimenta nos cais da Índia. A verdadeira origem das especiarias mais valiosas teria que ser descoberta; mais fortalezas teriam que ser construídas a fim de canalizar o tesouro perfumado para as mãos portuguesas; uma frota de armazéns flutuantes, escoltada por esquadrões de navios de combate, teria que ser construída para transportá-los para casa.

O entusiasmo de Albuquerque, por vezes, levou a melhor sobre ele. Em uma ocasião, considerou desviar o Nilo para secar o Egito; em outra, arquitetou um plano para roubar o corpo do profeta Maomé e mantê-lo como refém em troca do Santo Sepulcro em Jerusalém. Ele não hesitava em pendurar seus homens na verga ou cortar fora seus narizes, suas orelhas e mãos ao menor sinal de que a insubordinação ameaçava seus planos grandiosos. No entanto, o fanático também era um estrategista naval surpreendentemente talentoso. Ele logo percebeu que um império fundado somente em navios — sobretudo navios malconservados e tripulados por homens mal treinados — naufragaria rapidamente. Recrutas inexperientes estavam agora vindo em abundância de Portugal, mas muitos deles eram simples lavradores e tiveram que ser treinados a partir do zero. Uma força de reserva teve que ser construída para substituir os doentes. Os navios precisavam ser reparados, reformados e aprovisionados de maneira confiável. O que Albuquerque precisava era de uma base naval segura, e logo ele encontrou o ponto ideal.

A ilha de Goa era separada do continente por riachos que dependiam da maré, o que tornava a ilha fácil de ser defendida e formava um porto muito bem protegido. Depois de Calcutá, esse era o porto mais movimentado da Índia, que se vangloriava de possuir muitos construtores de navios qualificados. Ele fazia um grande comércio de cavalos árabes vindos de Ormuz, que eram muito procurados entre os potentados indianos e eram impossíveis de se reproduzir no ar opressivo do subcontinente. A cidade era velha, grande e rica — Ludovico de Varthema afirmou, floreando, que os servos do rei usavam rubis e diamantes sobre seus sapatos — e, assim como o resto do norte da Índia, estava em mãos muçulmanas. Com a ajuda de um corsário hindu ambicioso chamado Timoja — o mesmo homem que o samorim havia enviado para caçar Vasco da Gama —, Albuquerque tomou Goa de seu ilustre sultão. Dentro de semanas, ele foi forçado a recuar diante de um enorme exército muçulmano, mas três meses depois voltou com uma nova frota de guerra. Seus homens mataram os defensores na praia, perseguiram-nos até a cidade e correram enlouquecidos pelas ruas. No saque sangrento, muitos nativos de Goa se afogaram ou perderam suas vidas nas mandíbulas de jacarés enquanto tentavam atravessar o rio rumo à liberdade. Um total de 6 mil homens, mulheres e crianças foram massacrados, escreveu Albuquerque alegremente para o rei, enquanto apenas cinquenta portugueses tinham perdido suas vidas.

Goa era agora a sede de um poder colonial expansionista com bases em todo o oceano

Índico ocidental, e embaixadores de Estados vizinhos felicitavam o novo governante guerreiro. Para consolidar a colônia, Albuquerque subornou seus homens com terras, casas e trabalhos para que eles se casassem com mulheres hindus locais. Os casamentos mistos não eram livres de problemas desde o início, como relatou um cronista:

> Numa noite em que alguns desses casamentos foram celebrados, as noivas tornaram-se tão misturadas e se confundiam tanto entre si que alguns dos noivos foram para a cama com aquelas que pertenciam a outros; e quando o erro foi descoberto na manhã seguinte, cada um tomou de volta a sua própria mulher, todos permanecendo iguais no que diz respeito à honra. Isso deu oportunidade para que alguns dos senhores ridicularizassem as medidas de Albuquerque; mas ele persistiu com firmeza em seus planos, e conseguiu estabelecer Goa como metrópole ou centro do poder português na Índia.

De Goa, as frotas portuguesas se preparavam para explorar o Sudeste Asiático. Elas já tinham atingido o Ceilão, fonte da melhor canela do mundo, e em 1511 Albuquerque partiu para o leste em direção à península Malaia. Seu destino era uma cidade portuária internacional que controlava o pequeno ponto de afunilamento do estreito de Malaca, a ocupada rota fluvial entre os oceanos Índico e Pacífico. A cidade também se chamava Malaca, e sua influência era sentida ao longe. "Quem quer que seja o senhor de Malaca, ele tem sua mão sobre a garganta de Veneza", declarou dramaticamente um administrador português. Isso não era mera hipérbole: Malaca era o ponto mais ocidental para os marinheiros chineses, milhares dos quais viviam em seu próprio espaço, chamado Colina Chinesa, e mercadores da Índia, Pérsia e Arábia navegavam até lá para comprar sedas e porcelanas. Um poderoso sultão muçulmano governava a cidade e muitas terras ao redor, mas para os cristãos isso a tornava um alvo irresistível.

Albuquerque velejou até o porto com as bandeiras desfraldadas e os canhões disparando, e queimou dezenas de navios. Suas tropas marcharam em terra e, depois de um feroz combate corpo a corpo — e de algumas lanças certeiras que fizeram os elefantes de guerra empinarem e jogarem seu exército no chão —, o último sultão fugiu. Outra fortaleza se ergueu, e de Malaca os portugueses partiram para pontos no norte e no sul.

Ao norte, o rei do Sião — Tailândia — desejava havia muito tempo a rica Malaca. Albuquerque mandou um embaixador para negociar uma aliança e, depois de encontrar passagem em um junco chinês, ele se tornou o primeiro europeu a visitar a Tailândia. Em 1513, uma expedição rumou para leste de Malaca e chegou à cidade chinesa de Guangzhou, a qual os portugueses batizaram de Cantão. Os primeiros contatos foram um desastre; os chineses derrubaram dois navios portugueses e os emissários foram condenados à morte pelo mau comportamento de seus compatriotas, que os chineses estavam convencidos de serem canibais. Um dos condenados, um ex-boticário de Lisboa chamado Tomé Pires, começou a escrever e reassegurou-se de que valia a pena pagar o preço final para promover a Cruzada da Santa Fé Católica contra a religião falsa e diabólica do abominável e mentiroso Maomé. Finalmente, os portugueses estabeleceram uma base permanente próxima de Macau e

começaram a conduzir o comércio chinês pelos mares, enquanto três mercadores que haviam sido soprados para fora de seu curso se depararam com o Japão e fundaram outro lucrativo posto de comércio em Nagasaki.

Ao sul e ao leste, os portugueses navegaram para a Indonésia e para as próprias Ilhas das Especiarias. Tendo pilotos malaios como guias, esquadrões teciam o seu caminho em torno de Sumatra e Java, entre as ilhas Lesser Sunda e até as Molucas. Ali, finalmente, em um punhado de pequenas ilhas vulcânicas em forma de cone, eles descobriram a fonte mundial de cravo, noz-moscada e flor de noz-moscada. O Islã havia se enraizado até mesmo ali, uma vez que o hinduísmo e o budismo tinham diminuído, mas os cristãos encontraram aliados suficientes para estabelecer uma cabeça de praia; entre eles estava o sultão de Ternate, que junto com seu amargo inimigo, o sultão da vizinha Tidore, era o maior produtor mundial de cravo.

As possessões de Portugal eram apenas pequenos pontos no mapa, mas, unidos, eles formavam o esboço de um vasto império marítimo. Assentamentos, fortalezas e dependências se estendiam pelas costas leste e oeste da África, através do golfo Pérsico, até a costa ocidental da Índia e profundamente no Sudeste Asiático. Surpreendentemente, meros catorze anos tinham se passado desde que Vasco da Gama velejara pela primeira vez para o Oriente. Depois de uma longa jornada pelo Sudeste Asiático, Ludovico de Varthema concluiu:

> Parece-me que, se a Deus aprouver e se o rei de Portugal for tão vitorioso como tem sido até então, ele será o rei mais rico do mundo. E realmente ele merece todo o bem, pois na Índia, e sobretudo em Cochim, em cada dia de festa, dez ou até mesmo doze pagãos são batizados na fé cristã, o que aumenta diariamente através desse rei; e por essa razão pode-se acreditar que Deus tem dado a ele a vitória, e ainda o fará prosperar no futuro.

Manuel não foi tímido em mostrar sua recente magnificência perante uma Europa atônita, e em 1514 ele enviou uma embaixada espetacular para o papa em Roma. A peça central era um elefante acompanhado por 140 atendentes em trajes indianos e uma mistura variada de animais exóticos, incluindo um guepardo de Ormuz. De forma embaraçosa, Manuel tinha economizado nas despesas de seu embaixador, e o enviado teve que pedir emprestado uma grande quantia para manter a embaixada. Contudo, o papa, que era um Médici e não se impressionava facilmente, assinou outra bula e mandou generosos presentes de sua parte. Determinado a superá-lo, Manuel retornou o favor no ano seguinte, enviando um navio completamente abarrotado de especiarias e um rinoceronte para Roma, embora o navio que carregava a besta com chifres tenha afundado próximo a Gênova, antes de chegar a seu destino.

Como gozava de fortuna no esplendor do Oriente, o rei português iniciou seu avanço final em direção a Jerusalém e à glória eterna.

Temperado pelo fervor cruzado e estimulado pelo desejo por especiarias, os portugueses tinham quebrado o monopólio muçulmano das rotas comerciais mais ricas do mundo com uma velocidade assombrosa. No entanto, a ambição megalomaníaca de Manuel em varrer a

Terra Sagrada de leste a oeste nunca tinha sido acompanhada de uma estratégia realista ou de meios adequados para alcançá-la. Ele sempre acreditou que Deus interviria em favor de Seu povo e o ajudaria a realizar Seu plano supremo.

O plano logo começou a se desvendar com uma velocidade estonteante.

Em 1515, 10 mil soldados portugueses desembarcaram no Marrocos e marcharam para as bocas de vários canhões muçulmanos. O forte de madeira que eles construíram voou em pedaços junto com a maioria de seus navios, e os cruzados, em pânico, fugiram para casa. Manuel enviou 4 mil homens para a morte, e seu plano de marchar para o leste atravessando a África explodiu em uma nuvem de fumaça sulfurosa.

Naquele mesmo ano, os muitos inimigos de Afonso de Albuquerque finalmente conspiraram para tirá-lo de seu comando — uma tarefa que se tornou muito mais fácil pela solicitação precipitada de Albuquerque de que o rei o enobrecesse como duque de Goa. O homem de 63 anos que construiu um império ouviu a notícia enquanto retornava à sua capital após reconquistar Ormuz, e imediatamente caiu em um profundo desalento. Ele escreveu uma carta digna ao rei explicando suas ações — seu escrivão assumindo à medida que sua mão tremia — e veio a morrer assim que seu navio cruzou a barra. Ele foi enterrado com armadura cruzada completa, como convinha a um homem que tinha feito mais do que todos — a não ser Vasco da Gama — para desfraldar cruzes cor de sangue pelo Oriente.

Com o guerreiro morto, figuras mais fracas e gananciosas surgiram.

Em 1517, uma frota portuguesa massiva, carregando mais de 3 mil soldados e marinheiros, partiu da Índia para assumir o controle do mar Vermelho. A invasão tinha sido planejada durante anos, mas o tempo dificilmente poderia ter sido mais propício. O sultão otomano Selim, o Severo, acabara de conquistar o Egito e suas colônias, Síria e Arábia, mas as ex-terras mamelucas ainda estavam em tumulto. Por um breve momento, o objetivo final de Manuel parecia estar facilmente ao alcance: de Suez, faltavam apenas poucos dias de marcha até a própria Jerusalém.

A frota chegou a Áden, onde os cruzados foram inesperadamente recebidos de braços abertos. Áden estava em pânico por causa da invasão dos otomanos, notórios por seu tratamento atroz com os árabes. Os portugueses só precisavam dizer que queriam a cidade, e ela lhes teria sido entregue na hora, relatou um comerciante alemão chamado Lázaro Nürnberger. No entanto, em vez de aceitar a chave para o mar Vermelho, os vacilantes comandantes continuaram em direção a Jedá. Eles ancoraram, realizaram uma conferência e decidiram que a porta de entrada para Meca era demasiadamente defendida para que arriscassem um ataque. Então voltaram para Áden, mas seu governante tinha perdido a fé nos cristãos indecisos e a frota voltou para a Índia. Quando lá chegaram, a maior parte dos homens que não tinha desertado havia sido perdida em violentas tempestades.

À medida que a corrupção e a especulação se tornaram predominantes e o incipiente

império perdeu o rumo, a antiga rivalidade entre Portugal e Espanha reapareceu. Em 1516, o rei Fernando de Castela e Aragão morreu, doze anos depois de sua amada Isabel ter sido enterrada. O trono foi passado para sua filha Joana, a Louca — que ganhou o apelido por causa do ciúme violento que sentia do marido mulherengo, Felipe, o Belo —, e para o filho desta, Carlos. Com Aragão vieram os tronos da Sicília, Sardenha e Nápoles. De seu pai Habsburgo, Carlos havia adquirido as extensas terras da família na Borgonha e nos Países Baixos. Em 1519, com a morte de seu avô, ele herdou o arquiducado da Áustria e foi eleito Sagrado Imperador Romano. Uma ameaça mais poderosa aos interesses de Portugal dificilmente poderia ter sido conjurada.

Carlos I da Espanha — agora também Carlos V do Sagrado Império Romano — mal tinha chegado a Sevilha quando um marinheiro português se aproximou dele com uma proposta surpreendente.

Fernão de Magalhães tinha passado oito anos explorando e lutando por sua nação no oceano Índico. Ele havia participado das conquistas de Albuquerque em Goa e Malaca, e, quando voltou para casa, foi como cruzado para o Marrocos. Ele tinha certeza de que merecia uma promoção, e suas petições pela capitania de um navio ainda não tinham sido ouvidas na corte portuguesa. Frustrado, assim como ficara Colombo antes dele, Magalhães foi com sua experiência acumulada para a Espanha.

Magalhães expôs um caso surpreendente para seu futuro patrono. Digamos que você estendesse a linha de demarcação passada por Tordesilhas para a metade oriental do globo, sugeriu ele. De acordo com esses cálculos, você descobriria que as Ilhas das Especiarias estavam do lado espanhol da linha. É claro que a linha não existia — apenas 23 anos antes ninguém sonharia que os europeus iriam contestar a propriedade dos confins do planeta —, mas se os espanhóis aparecessem no Sudeste Asiático, sua presença certamente forçaria a questão.

Havia apenas um problema: os portugueses tinham o monopólio da rota do cabo para o Oriente. Não era apenas uma questão de praticidade. Uma vez que a expansão marítima europeia dependia em grande parte das habilidades dos navegadores, era amplamente aceito que as rotas marítimas que eles descobriram eram uma espécie de propriedade intelectual da nação que patrocinava essas navegações. Os espanhóis teriam que encontrar outro caminho — um caminho que fosse para o oeste.

Em 1506, Cristóvão Colombo morreu, menos de dois anos depois de ter finalmente chegado em casa vindo da Jamaica e ainda convencido de ter chegado à Ásia. A essa altura, Américo Vespúcio, outro italiano a serviço de Portugal, já tinha explorado a costa do Brasil e concluído que a massa de terra se estendia muito mais ao sul do que Colombo havia previsto. No ano seguinte, um novo continente apareceu pela primeira vez em um mapa-múndi, chamado América a partir do primeiro nome de Vespúcio.

A América ainda era vista como uma barreira para se chegar ao Oriente, mais do que um

destino em si, e ainda não estava claro que ela poderia ser contornada, como tinha acontecido com a África. Mesmo assim, Magalhães corajosamente prometeu ter sucesso onde Colombo tinha falhado — navegar a oeste para o leste. Ele renunciou à sua cidadania portuguesa e assinou um contrato com Carlos, que o investiu como comandante da Ordem de Santiago. Em setembro de 1519, ele partiu com uma frota de cinco navios para encontrar uma rota ao redor da América, com um esquadrão enviado em sua perseguição por um irado rei Manuel.

Três anos mais tarde, um único navio retornou, fragilizado, para a Espanha. Mais de duzentos marinheiros tinham sido perdidos em tempestades, naufrágios, motins e batalhas, incluindo o próprio Magalhães, que foi esfaqueado até a morte nas Filipinas, quando se envolveu em uma briga entre chefes locais. Havia apenas dezoito sobreviventes, mas eles foram os primeiros homens a navegar em torno do globo. A obsessão de Portugal em alcançar o Oriente tinha levado seu velho rival ao redor da América e a cruzar a vastidão do oceano Pacífico — um continente e um oceano que, apenas três décadas antes, ainda não se suspeitava existirem. Galés espanholas logo transportariam sedas e porcelanas chinesas pelo Pacífico rumo ao México e ao Peru e retornariam com pequenas montanhas de prata recém-extraída.

Foi nesse momento que Carlos também decidiu que tinha sido divinamente incumbido de destruir o Islã e criar um novo mundo cristão. O imperador despachou uma frota de guerra para seguir o curso de Magalhães, ocupar as Ilhas das Especiarias e reivindicá-las para si. Novamente os negociadores portugueses e espanhóis se reuniram para dividir o mundo, desta vez na cidade espanhola fronteiriça de Badajoz. Astrônomos de Portugal trabalharam contra o relógio para conseguirem fixar a posição das Ilhas das Especiarias, e os cartógrafos, só por segurança, adulteraram apressadamente seus mapas. Os espanhóis tinham um informante bem colocado na delegação portuguesa, mas ainda assim, em meio a exaltadas discussões, ele não conseguiram chegar a um acordo. Durante anos, os vizinhos ibéricos criaram escaramuças por meio mundo, e a disputa só foi resolvida quando Portugal pagou uma soma astronômica à Espanha, em ouro, para reconhecer seus direitos. Passou-se muito tempo até que se provasse que Magalhães estava errado: no final das contas, as Molucas estavam no lado português da linha imaginária.

A essa altura, Manuel, o Venturoso, estava morto havia muito tempo. O rei visionário nunca deixou de acreditar na sua missão enviada por Deus, e poucos meses antes de morrer de uma epidemia que atingiu Lisboa em dezembro de 1521, suas orações pareceram ter sido finalmente respondidas. Naquela primavera, chegaram relatórios de que uma força expedicionária portuguesa tinha desembarcado na Etiópia e alcançado a corte imperial. A "carta com notícias para o rei, nosso senhor, da descoberta de Preste João" chegou e foi impressa rapidamente, e Manuel sonhou seus devaneios ufanistas uma última vez. Naquela mesma hora uma aliança estava sendo feita com Preste João, ele informou ao papa em uma

carta; em breve, Meca, o túmulo do Profeta, e a "seita do mal de Maomé" seriam destruídos. A onda de empolgação transformou-se em um quieto desânimo quando o monarca etíope se mostrou muito diferente dos anseios de séculos de orações cristãs.

Os navios de Manuel tinham partido do pequeno Portugal e forjaram o primeiro império europeu. Exploraram os mares do Brasil à China. Transformaram a ideia de mundo da Europa e extrapolaram os limites do seu poder. Ainda assim, à vista de suas grandes ambições, ele havia falhado. Seu plano de marchar por toda a África, velejar pelo mar Vermelho, derrotar os turcos e os egípcios e retomar Jerusalém mostrou-se nada mais que uma miragem. Apesar de toda sua grandiosa conversa sobre liderar a Última Cruzada, Manuel nunca tinha saído de casa.

D. João III, o afastado filho de Manuel de dezenove anos e seu sucessor, foi coroado com pompa imperial, mas herdou um império tão sem rumo como um navio sem leme. O que ele precisava desesperadamente era de uma figura carismática que pudesse carimbar sua autoridade em terras longínquas.

Por uma última vez, Vasco da Gama foi pressionado a fazer o serviço.

# 18. O representante do rei

Por 21 anos, dom Vasco da Gama esteve ocupado acumulando os frutos de sua fama.

O almirante voltou da Índia como um homem rico. Ele tinha trazido baús cheios de produtos de luxo, incluindo, dizia-se, um tesouro de pérolas magníficas. O rei tinha dado a Gama os mais generosos privilégios, permitindo que enviasse seus homens para o Oriente a fim de cuidar de seus interesses e isentando toda a sua família do pagamento de impostos. A dom Vasco foi permitido ainda caçar nas florestas reais e recolher multas de caçadores.

Mas ele não estava satisfeito. Posição social significava tudo, e ele ainda era um mero fidalgo, um cavalheiro da corte. A honra que Gama mais desejava — a soberania de Sines, cidade de seu pai — continuava fora de seu alcance. Como de costume, ele mudou sua crescente família para lá de qualquer maneira e começou a construir para si uma nova casa senhorial. O grão-mestre da Ordem de Santiago informou sobre o seu presunçoso cavaleiro ao rei, que não teve escolha senão pedir que dom Vasco, sua esposa e seus filhos deixassem Sines dentro de trinta dias e que nunca mais aparecessem por lá, sob pena de punição, tal como a que foi "dispensada àqueles que não obedeciam ao comando de seu rei e senhor". Gama nunca mais voltou para a cidade que ele esperava passar para seus descendentes e mudou sua fidelidade da Ordem de Santiago para a Ordem de Cristo.

Muitos patrícios achavam que a agressividade do explorador era inaceitável. Por não se contentar com o quanto já havia se elevado acima de suas origens, foi repreendido como intempestivo, ingrato e irracional. Independentemente disso, Gama continuou. Em 1518 — um ano após Magalhães haver desertado para a Espanha —, ele levou a questão a um ponto crucial ao ameaçar deixar Portugal e oferecer seus serviços no exterior. Perder um ou dois navegadores para um rival era uma coisa; perder um almirante era outra, completamente diferente. Por vários meses, o rei se recusou a deixá-lo partir até que estivesse mais calmo, "até que, nós esperamos, você veja o erro que está cometendo e decida servir-nos de novo em vez de dar o passo extremo que propõe". Dom Vasco ficou onde estava, e no ano seguinte, doze anos após sua brusca despedida de Sines e dezesseis anos depois de seu retorno da Índia, foi investido como conde de Vidigueira. Sua elevação, proclamava a carta régia que lançou a notícia, era uma recompensa por seus serviços, "especialmente na descoberta das Índias e no assentamento destas, das quais lá tiveram como resultado, e têm como resultado grande lucro não somente para nós e para a coroa de nossos reinos e senhorios, mas, de uma forma geral, lucro universal para seus residentes e para toda a cristandade, por conta da exaltação da nossa santa fé católica". Gama sempre tinha sido ativo politicamente, e foi também conselheiro em assuntos imperiais; agora era um dos apenas dezenove altos nobres na nação e uma presença

resplandecente em eventos cerimoniais.

Quando o novo jovem rei persuadiu o respeitável homem de cinquenta anos para que voltasse ao palco de seu triunfo, ele decidiu arriscar tudo. O império era seu legado, e a oportunidade de refazê-lo à sua imagem era sedutora demais para ser recusada.

No dia 9 de abril de 1524, Vasco da Gama partiu para a Índia pela terceira e última vez. Com ele foram dois de seus filhos: Estêvão, que com dezenove anos deveria assumir o título de capitão-mor dos Mares Índicos, e Paulo, que era ainda mais jovem. Antes de partir, Gama conseguiu do rei a garantia de que, em caso de sua morte, seus títulos e suas propriedades passariam diretamente para seu filho mais velho, Francisco, que havia ficado em segurança na sua casa.

Vasco da Gama tinha sido um mero capitão-mor em sua primeira viagem para o Oriente. Dessa vez, os títulos se penduravam nele como uma armadura impenetrável. O almirante da Índia e conde de Vidigueira era agora também vice-rei da Índia. O novo vice-rei — somente o segundo homem a carregar esse título, depois de Almeida — tinha recebido a comissão pouco antes de partir, e havia feito o juramento solene de fidelidade três vezes perante o rei.

Essa era uma missão importante em todos os sentidos. O material militar mais moderno havia sido adquirido em Flandres e diversos navios grandes foram construídos sob encomenda; a nau capitânia de Gama, a *Santa Catarina do Monte Sinai*, tinha como figura de proa o mártir alexandrino, que foi condenado a morrer em uma roda de tortura romana e teria sido desenterrado meio milênio depois, com seus belos cabelos ainda crescendo. No total havia quatorze naus e caravelas transportando 3 mil homens e algumas mulheres. Muitos dos homens eram antigos trabalhadores da Índia, e vários deles eram cavaleiros, fidalgos e nobres que haviam sido atraídos ou persuadidos a servir o grande Gama. As mulheres tinham entrado furtivamente a bordo no último minuto. Levar esposas, amantes ou "mulheres de conforto" na angustiante viagem era estritamente proibido — mais pelas brigas que suas presenças provocavam, esgotando o moral da tripulação, do que pelo bem de suas almas. A proibição foi regularmente desrespeitada; em uma viagem, um passageiro observou, o marinheiro que içava a vela grande foi preso porque "mantivera uma concubina que tinha trazido de Portugal, e ela, estando com criança quando havia embarcado, foi trazida para a cama em nosso navio". Gama, sempre disciplinador, tinha prometido acabar com as orgias a bordo; antes de sair de Lisboa, ele fez proclamar no navio e na costa que qualquer mulher encontrada no mar "deve ser publicamente açoitada, mesmo que fosse uma mulher casada, e seu marido deveria ser enviado de volta para Portugal carregado com grilhões; e se ela fosse uma escrava e uma cativa, deveria ser confiscada para o resgate dos cativos; e o capitão que encontrasse uma mulher em seu navio e não a entregasse, deveria por isso perder sua comissão". O aviso também estava escrito em sinais e foi pregado nos mastros; ninguém poderia deixar de vê-lo ou duvidar que o conde levaria a cabo suas ameaças.

Após as provações habituais da viagem ao passarem pelo cabo, a frota chegou a

Moçambique no dia 14 de agosto. Tão logo ancorou, três mulheres foram arrastadas até a nau capitânia. Um navio no mar era o lugar menos privado no mundo, e foi impossível mantê-las escondidas por muito tempo. Extremamente severo diante da insubordinação que irrompera entre a tripulação indiana, Gama levou as mulheres em custódia para tratar do assunto mais tarde.

Coisas muito piores estavam por vir. Enquanto se preparava para deixar a África, Gama enviou uma caravela para se desculpar e entregar cartas e presentes ao sempre paciente sultão de Melinde. A tripulação, o mestre e o piloto da caravela tinham tomado uma aversão violenta por seu capitão de Maiorca. Uma vez sozinhos, eles o mataram, e em seguida fugiram em direção ao mar Vermelho com a intenção de saquear.

A natureza também parecia conspirar contra o almirante que retornava. Um navio bateu em um recife ao largo da costa africana e teve que ser abandonado, embora a tripulação tenha se salvado. À medida que a monção de sudoeste espancava a frota na travessia para a Índia, um navio e uma caravela desapareceram no meio do oceano e nunca mais foram vistos. Quando os dez navios remanescentes se aproximaram da costa, o vento forte deu lugar a uma calmaria. De repente, durante a vigília da madrugada, a água começou a tremer violentamente, como se todo o mar estivesse em ebulição. Uma onda se chocou contra os cascos com tal intensidade que os marinheiros pensaram ter atingido um enorme banco de areia, e um homem atirou-se ao mar. O restante deles baixou rapidamente as velas e desceu os barcos, gritando avisos enquanto os navios tombavam e deslizavam. Quando perceberam que toda a frota estava disparando sinais de socorro de seu canhão, clamaram a Deus para que tivesse misericórdia deles, certos de que estavam diante de uma força diabólica. Baixaram os chumbos para sondar a profundidade, e quando as cordas foram soltas sem atingir o fundo do mar, eles se benzeram ainda com mais força.

Os tremores cessaram, mas depois voltaram tão fortes quanto antes. Mais uma vez, os navios balançaram tão violentamente que os homens se derrubavam pelos deques e seus baús deslizavam e batiam de um lado para o outro. Durante uma hora, os abalos vinham e voltavam, "a cada vez durando o tempo de um Credo".

O almirante ficou plantado em seu deque como um carvalho. Um médico que conhecia astrologia explicou a ele que a frota tinha navegado para o epicentro de um terremoto submarino.

"Coragem, meus amigos!", ele gritou para seus homens. "O mar treme de medo de vocês."

Gama estava de volta.

Três dias depois o maremoto cedeu, e um dos navios capturou um dhow em seu caminho para casa, vindo de Áden. A bordo havia 60 mil moedas de ouro e bens cujo valor totalizava mais de três vezes esse montante. Sem nenhum samorim para dar lições, Gama tomou tudo o que havia de valor e deixou a equipe partir. Dessa vez, acima de tudo, ele estava determinado a

dar um exemplo para seu próprio povo e, para evitar qualquer aparência de impropriedade, ordenou que seus escrivães listassem até o último cruzado.

Os muçulmanos, inadvertidamente, tiveram a sua vingança. A costa, disseram eles a seus captores, estava a apenas três dias de distância. Seis dias mais tarde ainda não havia sinal de terra, e os tripulantes mais crédulos começaram a sussurrar que ela tinha sido engolida pelo terremoto. O pânico tomou conta deles quando lembraram a previsão de vários importantes astrólogos na Europa de que uma conjunção de todos os planetas na casa de Peixes estava prestes a desencadear um segundo grande Dilúvio. Numerosos nobres portugueses tinham se preparado com a construção de abrigos no alto de montanhas abastecidos com barris de biscoitos suficientes para durarem até que as águas retrocedessem, embora o ano tenha acabado sendo mais seco do que o normal.

Logo se soube que os navios tinham tomado o caminho errado. Dois dias depois eles chegaram a Chaul, o porto onde Lourenço Almeida havia encontrado seu fim. Outro forte português tinha sido construído lá três anos antes, e um assentamento já havia crescido em torno dele.

Gama publicou a comissão do rei que o havia instalado como vice-rei e começou os trabalhos.

Vasco da Gama nunca foi um grande sonhador. Ele era um fiel servo de seu senhor, que realizava suas ordens de forma resoluta; era um líder nato que definira seu curso e nele se manteve de modo inflexível; de longe, com desgosto, viu como seu oceano tinha se transformado em um território sem lei, com pesados custos para a coroa. Se pudesse, declarou obedientemente, ele "faria o rei rico, uma vez que o maior benefício que o povo poderia obter era ter seu rei bem suprido". Ele estava determinado a limpar os parasitas e pesos mortos acumulados após uma década de suborno e proteção, escolhendo seus homens a dedo para preencher muitos postos. Oficiais de Chaul foram demitidos sumariamente, e foi anunciado nas ruas que qualquer um que não estivesse lá em missão oficial deveria embarcar imediatamente ou perderia seu pagamento. Antes de sair, Gama deu ao novo capitão do forte seu primeiro comando: se dom Duarte de Meneses, o governador que Gama estava substituindo, aparecesse — como era esperado —, o capitão deveria recusar a permissão de Meneses para desembarcar, desconsiderar suas ordens e fornecer-lhe apenas comida suficiente para durar quatro dias.

Ignorando os apelos de seus marinheiros — que haviam sido atacados pela febre da cabine e pelo escorbuto — para que os permitisse desembarcar, Gama seguiu para Goa. Ele foi recebido com uma oração pública e festividades generosas, sendo levado em procissão para a catedral e para o forte. No dia seguinte, libertou o capitão Francisco Pereira do comando e abriu um inquérito com a longa lista de acusações levantadas contra ele pelas pessoas da cidade. As acusações incluíam a prisão de seus adversários — entre eles os advogados e juízes

da cidade — sem acusação ou julgamento, a apreensão de seus bens e a expulsão de suas esposas e filhos de suas casas. Uma multidão apareceu para denunciar Pereira por mais "grandes maldades", e Gama sentenciou peremptoriamente o furioso ex-capitão a pagar reparações a todos eles.

Pelo menos, Pereira colocou a propriedade que havia tomado para si em uso de uma boa causa: um hospital suntuoso para as centenas de europeus que ficavam doentes a cada ano no Oriente. Porém, tanto dinheiro tinha sido gasto com o hospital e com o igualmente grandioso mosteiro de São Francisco que nada foi deixado para o essencial, como a artilharia. Gama deu uma olhada na enfermaria e em seus pacientes — alguns dos quais pareciam estar usando o hospital como um hotel — e ordenou ao médico responsável que não admitisse ninguém que não pudesse mostrar suas feridas. Mesmo os feridos deveriam ser banidos caso tivessem se envolvido em uma briga; problemas com as mulheres, apontou o vice-rei de forma rígida, eram invariavelmente a causa, e não havia remédio para tal. Enquanto isso, os inúmeros homens doentes a bordo dos navios começaram a se queixar amargamente do tratamento que lhes era dado. Gama respondeu que sabia o que fazer para que eles se sentissem melhor, e anunciou que suas partes do espólio do navio que ele tinha apreendido estavam prontas para serem desembolsadas. A atração também fez sair um grande número de internos do hospital; quando tentaram retornar, descobriram que não poderiam mais entrar no hospital.

Havia ainda o caso de três clandestinas que precisava ser resolvido. O pregoeiro da cidade proclamou a sentença: "A justiça do rei, nosso soberano! Ela ordena que essas mulheres sejam chicoteadas, porque não tiveram medo de sua justiça e vieram para a Índia, apesar de sua proibição". Naturalmente, a justiça de Gama que era soberana no Oriente, e era a sua punição que tinha de ser dispensada.

As mulheres portuguesas eram uma raridade em Goa, fosse qual fosse o estado de suas almas, e sua situação tornou-se imediatamente uma causa célebre. Frades franciscanos, Irmãos da Misericórdia e até mesmo o bispo de Goa protestaram para os funcionários do vice-rei, enquanto os cavalheiros da cidade ofereceram um resgate por sua libertação.

Gama não prestou atenção e o flagelo foi fixado para o dia seguinte. Pouco antes da hora marcada, os franciscanos e os Irmãos da Misericórdia desfilaram até a residência do vice-rei, acenando um crucifixo e anunciando que tinham vindo para fazer um último apelo para o perdão. Gama ordenou-lhes que repusessem o crucifixo no altar e, quando voltaram, começou um longo discurso. Virem para sua casa sob o signo da cruz, disse ele, em um tom gélido, "era uma espécie de conspiração, e tinha sido feita para mostrar às pessoas que ele era cruel e sem piedade", e isso nunca deveria acontecer outra vez. Quando os irmãos tentaram explicar o valor da misericórdia, Gama respondeu bruscamente que a misericórdia era para Deus, não para os homens, e prometeu que se um único homem ousasse cometer um crime durante seu mandato, ele o mandaria cortar dentro dos portões da cidade.

As mulheres foram devidamente açoitadas e o exemplo teve o efeito pretendido. Como

informou Gaspar Correia, um autonomeado cronista que estava na Índia no momento: "O povo ficou escandalizado com o que aconteceu a essas mulheres, e considerou o vice-rei um homem cruel; mas vendo tanta firmeza no cumprimento da sua vontade, eles sentiram muito medo, passaram a agir com cautela e corrigiram muitos males que existiam na Índia, especialmente entre os cavalheiros que eram muito dissolutos e malfeitores".

Por todos os seus modos ditatoriais, o novo vice-rei era um homem de uma probidade muito maior do que seus antecessores imediatos. Os membros do Conselho Municipal de Goa escreveram um longo relatório ao rei João III exaltando a determinação de Gama para servir a coroa, retificar abusos e reparar ofensas. Eles estavam particularmente surpresos com o fato de ele ter se recusado a aceitar os presentes — uma palavra educada para subornos — que eram oferecidos habitualmente para novos governantes. Gama, porém, tinha pressa em continuar seu trabalho, e, para a decepção do conselho, saiu de Goa enquanto peticionários ainda se enfileiravam em sua porta. Deixando instruções de que dom Duarte de Meneses não deveria ser bem-vindo ou obedecido, ele embarcou em uma galeota e navegou pela costa, seguido de perto por sua frota.

No longo intervalo desde a última visita de Gama, as embocaduras dos rios e os portos no caminho para Cochim tornaram-se ninhos infestados de piratas muçulmanos militantes. Muitos eram os comerciantes que tinham sido expulsos de seus negócios e nutriam um ódio profundo pelos portugueses. A cada verão eles se fortificavam com *paan* e ópio e navegavam para fazer guerra contra os ocupantes; a ameaça de serem submetidos a trabalhos forçados pelo resto da vida em navios do rei os fizeram mais (e não menos) imprudentes, e qualquer português que eles capturassem e não fosse logo resgatado era sumariamente morto. Gama tinha ouvido muito sobre essa ameaça e insistiu em dar uma olhada por si mesmo. Os piratas viam os intrusos de suas torres de vigia, e, para indignação do vice-rei, os homens de bigodes extravagantes em seus barcos leves e rápidos zarpavam descaradamente em torno dos pesados navios portugueses, mesmo quando o esquadrão de oito embarcações que estava destinado a policiar a costa navegava à vista. De imediato, Gama despachou seu filho Estêvão com uma flotilha de barcos armados para lhes ensinar uma lição, e ele ancorou seis navios nas barras dos rios. Quando colocasse sua própria casa em ordem, prometeu, ele voltaria para lidar com o flagelo.

O ex-governador ainda estava solto, mas Gama finalmente encontrou com seu irmão próximo à costa. Dom Luís de Meneses navegava de Cochim em direção ao norte para encontrar dom Duarte, que devia retornar para o sul de Ormuz. As bandeiras subiram, os tambores e as trombetas soaram, mas Gama insistiu que Luís voltasse e o acompanhasse até Cochim.

A frota parou brevemente em Cananor, onde Gama substituiu outro capitão e ameaçou punir o novo kolathiri por ter permitido que muçulmanos fizessem negócios em sua cidade, e também por não ter conseguido exterminar os covis de piratas. O alarmado rei entregou um

líder muçulmano; a vítima sacrifical foi presa e depois enforcada.

Evitando Calcutá, que ainda era um espinho na carne de Portugal após 26 anos, Gama chegou a Cochim no início de novembro.

A FROTA ANCOROU depois do escurecer, com suas armas disparando uma saudação e, inadvertidamente, matando dois homens em uma caravela. Os disparos das bombardas também incendiaram um navio que tinha desaparecido na noite anterior e estava tentando entrar no porto. Ele pertencia a um comerciante que queria se adiantar em relação a seus concorrentes, e então Gama o colocou na prisão.

No dia seguinte, dom Luís navegava em uma galé ricamente decorada e conduzida por escravos, com os senhores de Cochim no convés da popa e um café da manhã suntuoso colocado em uma mesa. Ele se ofereceu para conduzir Gama à terra, que recusou e partiu para a cidade em seu próprio barco.

Já haviam se passado 21 anos desde que ele tinha estado em Cochim, e muita coisa havia mudado. Uma nova cidade portuguesa tinha crescido ao longo da costa, e seus líderes saudaram o novo vice-rei com um discurso efusivo. Clérigos com seus crucifixos o conduziram até a principal igreja portuguesa; após o serviço, o rei se aproximou, em seu elefante. Gama instalou-se na fortaleza, dispensou seu capitão e começou a transformar o império corrupto e envaidecido em uma máquina bem lubrificada que ele fazia funcionar com eficiência marcial de seu escritório. Aqueles que eram nomeados até mesmo para as funções mais humildes deveriam se apresentar ao vice-rei para um interrogatório pessoal. Os escrivães — alguns dos quais mal eram alfabetizados — foram convocados para produzir uma amostra de escrita em sua presença. Ele insistiu em licenciar pessoalmente cada capitão, sob pena de morte caso algum deles tentasse evitar sua auditoria. Ameaçou apreender as embarcações e propriedades dos comerciantes e bani-los do Oriente se continuassem desfalcando as casas de pesagem reais. Anulou o pagamento e a ração de homens casados, a menos que fossem chamados para lutar ou servir nos navios. Investigou alegações de que oficiais estavam embolsando receitas fiscais e mandou prender vários deles. Proibiu seus capitães de carregar barris de vinho sem sua permissão expressa e impediu os homens de combater se já não tivessem sido provados em guerra. Ele daria as honras da batalha, declarou enfaticamente, aos soldados que as tivessem vencido com suas espadas, fossem eles cavalheiros ou não.

O velho explorador sempre tinha governado seus navios com disciplina férrea, e agora estava adotando uma abordagem de tolerância zero para dirigir seu império. “Ele fez proclamar”, informou Gaspar Correia,

> que nenhum homem do mar deveria usar capote, exceto no domingo ou em dias santos, ao ir para a igreja; e se os homens assim o fizessem, o capote deveria ser tomado pelos policiais, e os desobedientes deveriam ser expostos à suspensão por um dia em desgraça; e todo aquele que recebesse pagamento como mosqueteiro deveria usar o rastilho preso ao braço. O velho explorador censurou muito os homens de armas por usarem

capotes, porque vestidos assim não se pareciam com soldados. Ele ordenou que seus escravos fossem capazes de ajudar em qualquer trabalho, porque não seria autorizado embarcar pajens vestidos como bonecas a bordo de navios do rei.

Quem não estivesse satisfeito com as novas regras, anunciou o vice-rei, estava livre para voltar a Portugal, contanto que não tivesse dívidas nem estivesse sob investigação. Então, para não despovoar inteiramente o império, ele declarou um período de três meses de anistia durante o qual crimes que antecedessem sua chegada seriam perdoados. O período foi reduzido a um mês para aqueles que tivessem furtado artilharia; alguns dos capitães e oficiais, descobriu-se, estavam vendendo suas armas para os comerciantes, que as revendiam para os inimigos de Portugal, e aos pedidos de examinação de seu livros de contabilidade, eles respondiam queimando-os.

Gama se propusera a um programa de punição, o qual ele se recusou a abrandar mesmo quando os ânimos foram se exaltando. De manhã e à noite, ele visitava a praia e os armazéns para apressar a descarga da frota. Despachou dois navios ao Ceilão para comprar canela, enquanto outros quatro foram mandados às Maldivas para atacar um covil de piratas muçulmanos que pilhavam os comboios de suprimentos que atravessavam o oceano Índico. Preparou um esquadrão que se dirigiria para o mar Vermelho, sob o comando de seu filho Estêvão, e convocou um mestre construtor genovês para projetar uma frota de novos navios que pudesse superar as embarcações piratas da costa Malabar. "Senhor, vou construir bergantins capazes de pegar até um mosquito", o construtor naval respondeu.

Havia mais ameaças no horizonte. Os espanhóis tinham que ser confrontados. Com ou sem tratados, Gama prometeu que, se conseguisse, faria os navios espanhóis desaparecerem misteriosamente, junto com suas tripulações. Os otomanos estavam se concentrando ao norte; a cada ano que se passava, parecia cada vez mais provável que todos eles iriam desafiar o controle dos oceanos de Portugal. Enquanto isso, um bispo escreveu ao rei português reclamando que o samorim e seus súditos muçulmanos perseguiam os cristãos da Índia. Segundo ele, muitos haviam sido roubados e mortos, e suas casas e igrejas foram incendiadas. Mais uma vez, Gama planejou um ataque maciço contra seu velho inimigo, e o antigo ódio voltou com toda a força. Assim que a frota mercante partisse, declarou, "ele destruiria Calcutá e toda a costa da Índia, para que não houvesse nem um mouro remanescente, em terra ou no mar". Mesmo em um império incomodado com conflitos internos e ameaçado por seus vizinhos ibéricos, os fogos da guerra santa ainda queimavam, brilhantes e verdadeiros.

A maior parte dos 5 mil portugueses em Cochim teve uma vida muito mais fácil antes que o conde de Vidigueira aparecesse, e seu rigor férreo lhe rendeu inúmeros inimigos. Reuniões públicas adquiriram um tom ameaçador, e os cristãos, bem como os muçulmanos, começaram a sair de Cochim para conduzir seus negócios longe do olhar do vice-rei. O marginalizado dom Luís de Meneses estava por trás de boa parte da dissidência; metade da cidade de Cochim, observou Gaspar Correia, parecia comer em sua mesa, e durante o jantar conspirações

começaram a ser planejadas. As coisas atingiram um ponto crucial quando o irmão de Luís, Duarte, finalmente chegou a Cochim depois de ter sido ignorado em Chaul e Goa. Gama tinha levado para a Índia uma longa lista de queixas contra seu antecessor, e, em segredo, começou a convocar testemunhas. Meneses, foi dito diversas vezes, tinha usado o dinheiro do rei para seu próprio comércio e havia quebrado o real monopólio de especiarias. Roubou as propriedades de europeus que tinham morrido na Índia e, como salário, entregou escravos para soldados e marinheiros. Dormiu com as esposas dos colonizadores europeus, sem mencionar as mulheres hindus e muçulmanas, e tinha até mesmo recebido suborno de governantes muçulmanos para que fosse tolerante com eles. Assim que o ex-governador adentrou no porto, Gama enviou uma delegação para proibi-lo de desembarcar e conseguiu transferi-lo para um navio que o levaria para casa como prisioneiro.

Meneses era filho de um conde, um nobre poderoso por direito, uma figura importante na Ordem de Santiago e renomado líder de guerra. Ele não tinha nada além de desprezo pelo novo conde da Vidigueira, e não se apressou em chegar. Ao longo do caminho, parou para guarnecer seus cofres, levando consigo também um vasto espólio de pilhagem, impostos e subornos de Ormuz. Ele se recusou a entregá-los e tratou os emissários do vice-rei com arrogante desdém. Meneses, no entanto, não fazia ideia da lealdade que Gama inspirava em seus homens, que admiravam sua determinação em servir o seu senhor. Quando lembrou a um membro da delegação que seu pai tinha feito dele pessoalmente um cavalheiro, o mensageiro respondeu que cortaria a cabeça de seu próprio pai se o rei o ordenasse.

O governador deposto ainda não tinha entregado oficialmente seu posto, então permaneceu no porto na esperança de que, de alguma forma, os acontecimentos conspirassem para livrá-lo do vice-rei cheio de si. Seus partidários o mantiveram bem informado sobre o que acontecia em terra, e logo deram a ele motivos espantosos para manter a esperança.

Havia dias que Vasco da Gama sofria de dores severas e inexplicáveis. Grandes furúnculos irromperam na base de seu pescoço, e tornou-se uma grande agonia virar a cabeça. Ele se recolheu ao seu quarto na fortaleza e emitia ordens de sua cama. Seu confinamento forçado, relatou Gaspar Correia, trouxe "grandes ataques de irritação, com as pesadas preocupações que ele sentia em razão das muitas coisas que tinha por fazer, de modo que sua doença foi duplicada". Logo a dor se tornou tão insuportável que ele só era capaz de resmungar os comandos em um sussurro rouco.

Secretamente, à noite, Gama chamou seu confessor. Foi transferido para a casa de um nobre português e convocou seus oficiais para se juntarem a ele. Fez cada um assinar um juramento para que dessem continuidade aos seus planos até que outro governador o substituísse. Em seguida, ele se confessou e tomou os sacramentos.

Enquanto respirava com dificuldade e murmurava seus últimos desejos, seu escrivão transcreveu seu testamento. Gama disse aos filhos que voltassem para Portugal com a frota de especiarias e que levassem consigo os servos que desejassem. Instruiu-os para que dessem

suas melhores roupas e mobiliário para as igrejas e os hospitais; o resto de seus pertences deveria ser levado para casa, nada deveria ser vendido. Pediu que seus ossos fossem transportados para Portugal, e ordenou a uma das testemunhas que escrevesse para o rei implorando-lhe que cuidasse de sua esposa e seus filhos e que assumisse seus atendentes. Finalmente, ou assim foi dito mais tarde, ele determinou que uma grande soma de dinheiro fosse enviada para cada uma das três mulheres que ele tinha mandado açoitar em Goa, a fim de que elas pudessem encontrar bons maridos e se casar.

Vasco da Gama morreu às três horas da manhã. Era véspera de Natal do ano de 1524.

Ninguém chorou, ninguém lamentou. A casa estava em silêncio. As portas permaneceram fechadas durante todo o dia. Depois de escurecer, seus filhos e servos anunciaram sua morte, e muitos de seus amigos e parentes vieram para lamentar. Logo, toda a cidade se reuniu no pátio da igreja portuguesa ali perto.

O clima era solene, mas para alguns o alívio superava a tristeza. Como escreveu ao rei um dos admiradores de Gama quatro dias após sua morte: "Os capitães, os administradores, os escrivães e outros funcionários ficaram muito satisfeitos com a morte do vice-rei, pois eles não desejavam ter em sua casa a justiça que ele tinha trazido".

O corpo do grande explorador foi vestido em seda. O cinto dourado estava afivelado em torno de sua cintura e a espada foi colocada na bainha. As esporas foram presas nos coturnos e o boné quadrado foi colocado em sua cabeça. Finalmente, o manto da Ordem de Cristo foi colocado sobre o dorso do velho cruzado.

O féretro descoberto foi transferido para o salão da casa. Os portadores do caixão, cada um vestindo o manto de uma irmandade militar, levantaram o esquife sobre os ombros. Os homens leais a Gama caminhavam ao lado do caixão segurando círios acesos e os habitantes da cidade os seguiam. Para o bem ou para o mal, nenhum deles teria estado na Índia se não fosse por Vasco da Gama.

O conde da Vidigueira, almirante e vice-rei da Índia foi sepultado na simples igreja franciscana de Santo Antônio. No dia seguinte, os frades disseram uma digna missa fúnebre, com os filhos de Gama sentados no meio deles. À noite, os dois jovens voltaram à igreja para se lamentarem privadamente, "como era razoável", disse Gaspar Correia, "ao perder um pai tão honrado e de tão grandes méritos no reino de Portugal".

"Porque agradou ao Senhor", continuou ele, "dar a este homem um espírito tão forte que, sem qualquer medo humano, passou por tantos perigos de morte durante a descoberta da Índia [...] tudo pelo amor ao Senhor, pelo grande aumento de sua fé católica e pela grande honra e glória e enobrecimento de Portugal, que Deus aumentou em Sua misericórdia santa até o estado em que está agora."

Gama tinha levado para a Índia uma carta de sucessão selada com a insígnia real. Ela foi aberta na igreja e lida em voz alta. Para sua indignação, Duarte de Meneses descobriu que ele e seu irmão estavam sem emprego.

A frota de especiarias partiu para casa com os filhos de Gama e os irmãos Meneses a bordo. Os irmãos descontentes tornaram a vida tão difícil quanto possível para os dois jovens enlutados, mas no final tiveram mais do que mereciam. O navio de Luís de Meneses se perdeu em uma tempestade após contornar o cabo; um pirata francês revelou mais tarde que seu irmão tinha apreendido e matado Luís e sua equipe antes de incendiá-lo. Dom Duarte também estava quase naufragando, mas finalmente conseguiu chegar a Portugal. Foi dito que ele teria parado na costa para enterrar o tesouro enquanto seu navio ia para Lisboa. O navio afundou antes de chegar ao porto; alguns disseram que isso era uma sabotagem para encobrir o roubo de riquezas que deveriam ter sido da coroa. Fosse por essa razão ou por suas outras atividades nefandas, o rei jogou dom Duarte na prisão por sete anos. O tesouro enterrado, é claro, nunca foi encontrado.

# 19. O mar louco

O jovem rei que havia enviado Vasco da Gama para resolver seus problemas na Índia logo sucumbiu aos delírios de grandeza de sua dinastia. Como seu pai, ele também começou a fantasiar sobre espremer o oceano Índico até a última gota, até que este se tornasse um purificado lago cristão. Mais campanhas brutais foram travadas contra os muçulmanos, mais fortes foram erguidos e a maneira de Gama conduzir o difícil império foi rapidamente esquecida. Como seus postos avançados chegavam ainda mais longe em todo o mapa e os carregamentos de especiarias anuais que aportavam em Lisboa mal cobriam o custo de manter as guarnições, Portugal foi evoluindo continuamente até se tornar um poder territorial, sua renda dependendo de tributar os camponeses.

Uma vez que as especiarias ainda eram monopólio real, os navios portugueses apoiados pelos mercadores europeus começaram a cruzar o oceano Índico carregando cavalos persas para a Índia, tecidos indianos para a Indonésia e África oriental, sedas e porcelanas chinesas para o Japão. O assim chamado comércio interno provou ser mais rentável do que a longa rota do cabo, e os portugueses logo ultrapassaram os comerciantes muçulmanos na Ásia; pelos meados do século xvi, a língua portuguesa tinha substituído o árabe como idioma de comércio nos portos em todo o Oriente. No entanto, como as ligações regulares com Portugal estavam cada vez mais prejudicadas, grandes áreas do império tornaram-se quase impossíveis de controlar.

Apenas os homens mais enrijecidos e desesperados estavam ansiosos para servir nos cantos mais remotos da terra, e, assim como os seus antepassados cruzados, muitos dos que foram para o leste tinham poucas perspectivas em casa. Eles estavam determinados a viver como senhores, e não estavam muito preocupados com o modo como conseguiriam suas fortunas. Como saíam de Portugal muitos desertores, detentos, quadrilhas criminosas, jovens sequestrados e filhos mais novos sem dinheiro, histórias chocantes de depravação começaram a circular pela Europa.

O viajante francês Jean Mocquet escreveu o mais devastador dos muitos relatos. Como boticário real do rei da França, Mocquet era responsável por preparar drogas para o rei a partir de uma gama de resinas, minerais e compostos aromáticos vinda de todas as partes do mundo. Talvez por causa de sua exposição diária ao exotismo do Oriente, ele desenvolveu um caso grave de ânsia por viagens. O rei lhe deu permissão para vaguear pelo mundo com a condição de que trouxesse de volta souvenirs estranhos e maravilhosos para o gabinete real de curiosidades, e Mocquet partiu em uma odisseia de dez anos. Depois de visitar a África, a América do Sul e o Marrocos, sua quarta viagem o levou para Goa. Como muitos dos

aventureiros da época, ele mantinha um registro exaustivo de suas viagens; ele se sentava e se punha a escrever páginas e páginas dedicadas a criticar os portugueses.

Em meados do século XVI, Goa tinha se tornado uma cidade colonial grande o suficiente para ganhar a alcunha de "Roma do Oriente". Suas ruas e praças tinham cinquenta igrejas e numerosos conventos, hospícios e colégios, onde trabalhavam milhares de eclesiásticos. Sua imponente catedral branca era a sede de um arcebispado cujo domínio se estendia do cabo da Boa Esperança à China. O palácio do governador, as construções públicas e as mansões dos potentados eram exemplos magníficos do estilo renascentista e da arquitetura do período inicial do Barroco, brotando entre as exuberantes folhagens indianas; pompa e ostentação enchiam as ruas para celebrar festivais e vitórias. Mal escondida atrás da imponente fachada, porém, estava uma cidade de fronteira com bares, bordéis e brigas onde bandos de soldados percorriam as ruas e uma autodenominada aristocracia portuguesa exercia o poder por meio da espada.

A pressão social sobre os recém-chegados era intensa. Assim que saíam trôpegos e meio mortos dos navios com suas roupas no estilo europeu, eram escarnecidos com tal veneno — "piolhento" era o insulto preferido — que se escondiam em seus alojamentos, sob um barco ou na parte de trás de uma igreja, até conseguirem pegar suas capas ou espadas e se vestirem como veteranos. Em semanas, registrou sarcasticamente Jean Mocquet, eles começaram a se chamar de senhores, "embora não fossem nada além de camponeses e comerciantes". Um janota chamado Fernando, relatou o viajante francês, chamou a atenção de uma mulher rica e foi desfilar enfeitado com suas correntes de ouro, acompanhado por uma comitiva de escravos quando foi reconhecido pelo filho de seu antigo empregador em Portugal. Fernando fingiu não conhecê-lo e perguntou quem era ele, "ao que o outro respondeu: 'Não era você que cuidava dos porcos de meu pai?'; o janota, ouvindo isso, puxou-o à parte e disse-lhe que sim, mas que aqui era chamado de *Don*, e era visto como um grande cavalheiro, pedindo-lhe que guardasse segredo, e deu-lhe dinheiro; embora isto não tenha impedido que ele fosse reconhecido por várias pessoas, que tiraram lucro disso". Outros recém-chegados tiveram menos sorte: se eles deixassem escapar a verdade, seriam rapidamente agredidos. Até mesmo soldados humildes arrumavam um rapaz para carregar suas sombrinhas ou capas, assumindo um ar de gravidade majestosa; e se eles discutissem — como faziam com frequência —, qualquer um de seu bando que se recusasse a apoiá-los totalmente era expulso e se tornava também objeto de escárnio.

Em seu ponto alto, Goa foi o lar de mais de 200 mil habitantes — tantos quanto viviam em Paris, mais do que em Londres ou até mesmo Lisboa. Apenas alguns milhares, porém, eram portugueses, e a maioria destes era composta por mestiços, ou a prole mestiça de colonos e mulheres indígenas. Os demais eram hindus, indianos cristãos e escravos, que se mantinham em grande número em todas as casas portuguesas e em cada seminário, mosteiro e convento. Nenhum deles era bem tratado. Indianos que não se curvavam aos novos governantes ou não tiravam os seus chapéus eram golpeados com espadas, varas de bambu ou com grandes sacos de areia. Uma quadrilha de capitães saiu à noite para roubar um ídolo de ouro de um templo

hindu, parando para incendiar as casas vizinhas a fim de desviar a atenção. Dentro do templo, eles encontraram quinhentas mulheres dançando em uma vigília que duraria toda a noite. À visão dos intrusos, as dançarinas uniram seus braços e pernas, e antes que os portugueses pudessem separá-las, o incêndio que eles haviam provocado começou a lamber as paredes. Eles arrancaram as joias das orelhas das mulheres, cortaram seus dedos para pegar os anéis e bateram em retirada sem o ídolo. As mulheres, foi relatado, "fizeram um barulho tão lamentável que era uma grande pena ouvi-las: os portugueses, fugindo do fogo, deixaram todas essas jovens mulheres religiosas serem queimadas, nenhum sendo capaz de socorrê-las; e assim cruelmente os portugueses tratam os seus melhores amigos e aliados".

Sem dúvida as dançarinas tinham temido por sua honra, já que raramente as mulheres estavam a salvo na Índia portuguesa. Especialmente vulneráveis eram as mestiças que conservavam laços com a comunidade indiana e as filhas solteiras com qualquer propriedade móvel. Os escravos destas últimas eram subornados para ter acesso a esses bens, que eram surrupiados em meio a fugas-relâmpago, e quando os seus amantes haviam garantido acesso às suas joias, essas moças eram comumente estranguladas e enterradas, e, pelo menos em um caso, sob o assoalho de seus próprios alojamentos. Os maridos portugueses ficavam paranoicos porque talvez suas esposas mestiças estivessem drogando-os enquanto brincavam com seus amantes perante seus olhos inanimados; eles eram tão desconfiados, advertiu Mocquet, que era implorar por um desastre olhar suas companheiras nos olhos, e caso eles as vissem falando com outros homens,

> logo as estrangulavam ou envenenavam; e depois que as estrangulavam, eles chamavam seus vizinhos para socorrê-las, dizendo que um desmaio havia tomado conta de sua esposa na cadeira; mas elas nunca voltavam a si novamente; às vezes, eles mandavam buscar um barbeiro para sangrá-las, dizendo que elas não estavam bem; quando o barbeiro ia embora, eles desamarravam a atadura e deixavam que o sangue escorresse até que a pobre criatura miserável morresse; e depois chamavam também os vizinhos para que vissem, como dizem, que terrível desastre havia acontecido com sua esposa enquanto dormia.

Outros levavam as esposas para um mergulho em um riacho ou lagoa, "e lá as faziam beber até encherem a barriga; e um pouco depois enviavam seus escravos para procurar por sua senhora, a quem encontravam afogada, e o marido, que já sabia, parecia estar fortemente espantado e aflito". O francês acrescentou que conhecia alguns que tinham se livrado de três ou quatro mulheres, embora elas, alegadamente, também se livrassem dos maridos adúlteros, em geral com a ajuda de veneno. Muitos culpavam o clima, que era, disse Mocquet, "tão quente que sempre que um homem conseguia ao menos uma maneira de falar com uma mulher ou empregada, ele tinha certeza de obter delas o que desejava".

Mais chocante de tudo era o tratamento dos colonos para com os escravos. Centenas deles, apreendidos na Ásia e na África, eram desnudados e apresentados ao mesmo tempo no quarteirão de leilões em Goa, onde custavam menos do que um décimo do valor de um cavalo árabe. Meninas vendidas como virgens eram examinadas para que fosse certificado que seus

himens estavam intactos; algumas eram mantidas como concubinas, outras eram mergulhadas em perfumes e enviadas para prostituição. Fosse qual fosse sua tarefa, alegou Mocquet, o escravo que não satisfizesse seu patrão ou patroa era espancado até a morte. "Pois eles os apunhalam com ferros duplos, e em seguida batem-lhes com um porrete, quinhentos golpes de cada vez, e os fazem deitar no chão sobre suas barrigas, e depois chegam dois que batem, em turnos, no pobre corpo como se este fosse um tronco de madeira." Se um proprietário de escravos fosse particularmente religioso, registrou Mocquet de forma aguda, ele mantinha a contagem dos golpes em seu rosário. "E se por acaso aqueles que batem não têm uma mente forte o suficiente, ou mostram uma inclinação para preservar seus companheiros, ele faz com sejam postos no lugar do atacado e sejam profundamente golpeados sem qualquer misericórdia."

Da longa litania de acusações de Mocquet, foi esse mau trato cruel que chocou até mesmo uma era violenta. O francês desfiou exemplo a exemplo para mostrar seu ponto de vista. À noite, em seus aposentos, escreveu, ele era mantido acordado pelo barulho das pancadas "e de alguma voz fraca, que respirava pouco, pois colocavam um pano de linho em suas bocas para impedi-los de gritar. Depois de terem sido espancados, seus corpos eram cortados com uma navalha e, em seguida, esfregados com sal e vinagre para evitar que apodrecessem". Às vezes, disse ele, os proprietários faziam seus escravos deitarem sobre suas barrigas, aqueciam uma pá até que esta estivesse em brasa e, com ela, derramavam banha em suas carnes nuas. Uma menina indiana veio correndo para seus alojamentos, "clamando por ajuda, e me pedindo para que eu fosse um meio de ela obter misericórdia; mas eu não pude salvá-la, para minha grande tristeza; pois ela foi levada e colocada no chão e levou bastonadas, sem piedade". Uma mulher mestiça havia matado cinco ou seis escravos e os tinha enterrado em seu jardim; enquanto ela estava punindo sua mais recente vítima, o escravo que administrava os golpes parou e disse à sua senhora que a vítima estava morta. "Não, não", ela respondeu, "ela está fingindo [...] ajeite-a, ajeite-a, esta é uma velha raposa". Um escravo que demorava a responder às ordens de seu dono teve uma ferradura pregada em suas costas e morreu logo depois, de gangrena; outra teve suas pálpebras costuradas às suas sobrancelhas. Um escravo ficou pendurado por suas mãos durante dois ou três dias por ter derramado um pouco de leite, e depois ele foi "bem batido". Quando Mocquet ouviu uma jovem mulher apanhando em seus próprios aposentos, o irmão de seu anfitrião explicou que isso não era nada em comparação com o que outros tinham sofrido:

> Ele me contou também como seu irmão, que era mestre do alojamento, tendo um dia comprado uma escrava japonesa, uma menina bonita, aconteceu de dizer, brincando, no jantar com sua esposa, que esta escrava tinha dentes muito brancos; sua esposa não disse nada no momento, mas aproveitando a oportunidade quando seu marido estava no exterior, fez com que a pobre escrava fosse levada e confinada, e arrancou todos os seus dentes sem compaixão; e nas partes íntimas da outra, que ela imaginou que tinham entretido seu marido, ordenou que fosse colocado um ferro em brasa, e por causa disso a infeliz criatura morreu.

"Esse", Mocquet concluiu, "é o tratamento cruel e bárbaro que os portugueses e outros usam para com seus escravos de Goa, cuja condição é pior do que a dos animais." Anos mais tarde, a experiência ainda lhe fazia estremecer de horror.

Raramente a justiça era feita. Legiões de portugueses vestiam máscaras, invadiam casas na hora do jantar, pegavam os pratos das mesas e jogavam em seus sacos de pilhagem; em seguida, exigiam dinheiro para devolver esses mesmos pratos, e mais dinheiro para não matar o dono da casa. No caso de serem pegos, mantinham bolsas de pólvora à mão, com estopins amarrados a eles, e ameaçavam explodir qualquer um que se aproximasse. Os assassinos fugiam para o continente e esperavam que a anistia fosse declarada; com deserções tão frequentes, sempre se necessitava de soldados. Sucessivos governadores, por sua vez, forravam seus bolsos e tiranizavam os pobres. Grandes quantidades de especiarias, ouro e marfim sumiam sem nunca aparecerem nos registros reais. Capitães embolsavam metade do dinheiro que tinha sido autorizado para as provisões e deixavam seus homens somente com meia ração, adicionando a fome às baixas devidas ao escorbuto, à cólera, à disenteria e à malária. Em desespero, a coroa reduziu as frotas de carga real e vendeu as capitanias dos fortes a quem pagasse mais por um período de três anos. Isso apenas incentivou os funcionários endividados a estimular ainda mais fortemente esse sistema antes de seu tempo terminar. Um capitão de Sofala matou um comerciante muçulmano a quem devia muito, começou uma matança desenfreada para reforçar a posição de outro comerciante muçulmano com quem ele estava em conluio e tentou esfaquear até a morte o administrador do rei quando este se queixou. O Oriente português tinha se tornado um precursor do Velho Oeste, com soldados pagos em pó de ouro por quilate e capitães atirando nos navios uns dos outros.

Os perseguidores de acampamento, que eram as forças de ilegalidade das cruzadas anteriores, tinham sido exportados para o leste. Violência gerava violência. Quando o rei do Sião capturou alguns meliantes ocidentais, relatou Mocquet, ele não se conteve:

> Alguns ele manda que sejam colocados completamente nus em frigideiras de cobre sobre o fogo, para que tostem aos poucos: outros, ele faz com que sejam colocados entre dois grandes fogos, e assim morrem em grande tormento; outros, ele expõe no parque dos seus elefantes para serem esmagados e abatidos, e mil tipos de crueldades bárbaras, que ele exerce sobre esses pobres portugueses.

O Sudeste Asiático estava longe de ser um lugar iluminado antes da chegada dos portugueses. O mesmo governante siamês, quando ouviu que seus comandantes não conseguiram aparecer na batalha porque suas esposas não aguentavam sua ausência, "mandou buscar essas mulheres e, tendo cortado suas partes íntimas, e as tendo prendido sobre as testas de seus maridos, os fez andar por toda a cidade, e então mandou cortar suas cabeças". Foi dito que feiticeiros inflamaram tanto um rei birmanês contra seu povo que ele resolveu exterminá-lo inteiramente; por três anos ele proibiu que qualquer pessoa, sob pena de morte, lavrasse ou

semeasse a terra, e o país recorreu ao canibalismo. No entanto, os portugueses eram demônios estrangeiros, e à proporção que suas agressões aumentavam, seus antigos amigos se voltavam contra eles, um por um. "Os portugueses são muito detestados em quase todas as partes das Índias", relatou com muita satisfação um embaixador veneziano na Espanha, e "à medida que os homens do campo viam que os portugueses se cercavam pouco a pouco de fortes, eles iam se tornando os senhores daquelas terras [...] Acho que as dificuldades vão aumentar a cada dia."

Em meio a todos os problemas, a finalidade original das explorações portuguesas foi praticamente esquecida. Os reis cruzados de Portugal tinham planejado drenar vastas riquezas do Oriente islâmico para a Europa cristã, e então conquistar e converter os infiéis e pagãos do mundo. A primeira parte do plano obtivera certo sucesso, apesar de grande parte do dinheiro ter acabado em outros bolsos que não o seu. No entanto, se a fé tinha liderado o ataque ao Oriente, para a maioria dos construtores de império que se seguiram a este, isso vinha em um distante segundo lugar em relação à disputa por lucro sujo.

Os portugueses gostavam de afirmar que sua chegada ao Oriente tinha impedido toda a Índia de sucumbir ao Islã. Eles certamente atacaram os muçulmanos da costa Malabar, que responderam à sua perda de poder buscando o martírio em um jihad que durou intermitentemente até o século XX. Mesmo assim, suas políticas quase não foram projetadas para ganhar convertidos à maneira cristã de viver, muito menos para inaugurar o cristianismo universal com o qual seus reis haviam sonhado. Eventualmente, eles recorriam ao estratagema antigo de conversões forçadas, e as figuras sombrias da Inquisição chegaram para assombrar as ruas de Goa.

Já em 1515, Manuel I tinha peticionado ao papa para que estabelecesse a Inquisição em Portugal.

O pedido de Manuel foi mais uma consequência de seu casamento com a filha dos Reis Católicos. No princípio de seu reinado, Fernando e Isabel pressionaram Roma para que autorizasse o reavivamento dos tribunais religiosos para torturar, julgar e executar hereges, uma prática que estava adormecida desde o início do século XIII. Quando Manuel fez o seu pedido, a Inquisição já havia causado estragos de tal forma que o papado adiou sua chegada a Portugal em 21 anos. Quatro anos depois, em 1540, o primeiro grupo de marranos foi publicamente condenado no primeiro auto de fé português, e as fogueiras começaram a ser acesas.

A essa altura, João III tinha se tornado tão evangélico quanto seu pai, e estava cada vez mais constrangido com o estilo de vida não cristão de seus colonos. A violência, naturalmente, não era o problema; o que preocupava de fato era que muitos colonos sucumbiam aos prazeres terrenos da Índia e estavam se tornando nativos. O rei recorreu à recém-formada Companhia de Jesus, onde quase todos os fundadores, incluindo o próprio Inácio de Loyola, eram

espanhóis ou portugueses. Em 1541, um ano depois de João ter ordenado a destruição de todos os templos hindus em Goa, os jesuítas enviaram Francisco Xavier, um basco de Navarra, para o Oriente.

Os trabalhos de Xavier no sentido de melhorar a moral dos colonos se evaporaram em uma névoa sufocante de indiferença. Depois de quatro anos, ele desistiu da luta e escreveu ao rei João, recomendando que a Inquisição fosse instalada em Goa como a única maneira de limpar sua colônia. Xavier partiu para a Indonésia, onde seu evangelismo encontrou um público muito mais receptivo, e morreu tentando alcançar a China muitos anos antes que a Inquisição finalmente chegasse.

Por essa época, Portugal tinha tido mais de meio século para pastorear a África e a Índia em direção ao aprisco católico. Roma começou a ter uma visão sombria do que antes era visto como apatia portuguesa, e lembrou ao rei de que só lhe tinha dado autoridade sobre as terras que ele descobrisse sob a condição de espalhar a fé. Uma vez que o *quid pro quo* parecia ter sido esquecido, a Igreja ameaçou escancarar a Ásia para todos os que chegavam. A ameaça funcionou, mas não muito bem. O governo colonial ofereceu arroz aos pobres hindus e empregos às castas mais elevadas se eles se submetessem ao batismo. Muitos dos "cristãos do arroz" foram mergulhados na água, pegaram sua recompensa e continuaram sua vida normalmente.

Em teoria, a Inquisição só tinha jurisdição sobre os cristãos, mas seu primeiro ato foi banir a prática pública dos ritos hindus, sob pena de morte. Tendo sido enganados por Vasco da Gama e seus contemporâneos cristãos, os hindus viram-se arrebanhados em direção às igrejas para ouvirem a sua religião ser ridicularizada, e foram submetidos a um regime de discriminação que ia desde as pequenas proibições — não poder montar a cavalo ou ser transportado em palanquins — até as grandes. No fim da escala estava a proibição de cristãos empregarem hindus e de hindus empregarem cristãos. Mais indianos se enfileiravam para o batismo, mas não conseguindo se livrar de seus velhos hábitos de manter pequenos ídolos ou de murmurar canções, assim como os cristãos do arroz, foram pegos pelas lentes de purificação religiosa da Inquisição.

Muitos cristãos-novos que haviam fugido da Inquisição em Portugal também se tornaram suas vítimas na Índia. Centenas de pessoas foram queimadas na fogueira, na praça da catedral, e milhares se refugiaram em território muçulmano. Finalmente os inquisidores recorreram aos cristãos de São Tomé, que estavam muito ansiosos para dar a sua lealdade a Vasco da Gama e sua nação. Em 1599, alegando que praticavam uma forma herética do cristianismo oriental, eles foram convertidos em massa ao catolicismo. Seus livros foram queimados, sua antiga língua litúrgica foi banida, seus sacerdotes foram presos e viraram alvos de assassinos. Como as masmorras e câmaras de tortura estavam ficando cheias, os inquisidores se deram como prêmio as propriedades de suas vítimas e foram coniventes com o governo colonial para

aterrorizá-las a fim de que se submetessem ao controle português.

A Inquisição de Goa foi um dos mais brutais e iníquos de todos os escandalosos tribunais da alma. Também foi espetacularmente malsucedido. A obsessão com a pureza doutrinária não era caminho para converter um povo que vinha de tradições religiosas radicalmente diferentes. Missionários que tentaram compreender essas tradições e enxertaram nelas igrejas nativas foram muito mais eficazes, embora alguns tenham sido perseguidos pelos inquisidores exatamente por seu sucesso. Os educados jesuítas, que em geral estavam misericordiosamente livres do complexo de superioridade dos inquisidores, chegaram à China, aprenderam a língua e arranjaram seus cabelos e suas barbas no estilo local. Embora pregar em público significasse morte instantânea, eles conseguiram converter em grande número, inclusive mandarins influentes e até mesmo alguns governadores regionais. No entanto, eles também foram prejudicados pelo comportamento rebarbativo de seus anfitriões portugueses, enquanto Jean Mocquet tinha uma explicação tipicamente cáustica para as difíceis experiências dos missionários no Japão. Os japoneses, ele relatou,

> que são um povo sutil e cauteloso, perceberam que o desígnio dos portugueses, após tê-los feito cristãos, era despossuí-los de suas terras e de seus bens de todas as formas; por isso, eles não se preocupavam em ter sua amizade, muito menos desejavam que eles governassem, e isso talvez tenha sido uma das causas por que eles martirizaram tantos jesuítas que eram totalmente inocentes de tudo isso: pois os japoneses são muito ciumentos de suas esposas, e os portugueses não tinham outro intuito senão ganhá-las, especialmente aquelas dos mais importantes, com as quais posteriormente fariam o que quisessem.

"Eu descobri nas Índias", Mocquet acrescentou rispidamente, "que a prostituição, a ambição, a avareza e a gula dos portugueses têm sido umas das maiores causas dos indianos não se tornarem cristãos tão facilmente." Apesar de todo o preconceito do francês contra os portugueses, os missionários não tinham esperança de fazer maiores incursões sem a proteção de um império eficaz, e muitos tiveram uma morte de mártir.

Estranhamente, enquanto hindus e cristãos eram perseguidos com um entusiasmo cada vez maior, a animosidade contra os muçulmanos que tinham impulsionado Vasco da Gama até a Índia estava muda havia muito tempo.

Não foi por falta de ameaças muçulmanas. Em 1524, um senhor de guerra uzbeque chamado Babur, que descendia terrivelmente de Tamerlão pelo lado de seu pai e de Genghis Khan pelo lado de sua mãe, entrou na Índia pelas passagens de montanha do Afeganistão. Babur tinha decidido retomar sua herança de direito e fundou o Império Deli da Casa de Timur, chamado pelos europeus de Império Mongol. Os mongóis varreram o norte da Índia, mas não tinham marinha para desafiar a supremacia de Portugal no mar, e os portugueses pragmaticamente se recusaram a lutar contra eles. Mais alarmante para os ocidentais, o cada vez mais poderoso Império Otomano finalmente focou sua atenção nas rotas marítimas do Oriente. Os muçulmanos e os cristãos travaram batalhas marítimas desde a Índia até a Indonésia, mas os otomanos nunca conseguiram projetar seu poderio naval de forma

convincente além do mar Vermelho. Em 1538, uma frota reunida de oitenta navios de guerra partiu do Egito para travar uma "guerra santa [...] e vingar as maldades dos infiéis portugueses" de uma vez por todas, mas uma segunda Batalha de Diu terminou em uma abrangente vitória portuguesa e, por volta de 1557, a ameaça turca tinha acabado por completo.

Mais perto do centro de atividades de Portugal, o outrora formidável Império Vijayanagar finalmente caiu em 1565 para os sultões muçulmanos que ficavam do outro lado de suas fronteiras. Os exércitos dos sultões marcharam para a costa para derrubar os portugueses, e os colonos só foram para Goa depois de um cerco brutal que durou dez meses. No entanto, muito antes disso, a maioria dos livres detentores do monopólio do império tinha decidido que era mais lucrativo aliar-se aos comerciantes muçulmanos do que tentar arrancá-los de lá. Assim, os crescentes números de homens procurados e desertores das frotas que vagueavam entre a Ásia e a África casaram-se com mulheres de famílias da rede local de comércio e adotaram o estilo de vida nativo e suas crenças. Muitos ganharam apenas o suficiente para viver como intermediários do império, que se tornou quase irreconhecível como um império português. Na África oriental, uma espécie de convivência mercenária foi estabelecida, e durou até a década de 1570, quando um jovem rei português pegou a febre cruzada e mandou que novos exércitos massacrassem muçulmanos no oceano Índico.

À medida que o século XVI chegava ao fim, as frotas cruzadas esgotavam-se completamente. A razão era simples. Não havia mais portugueses que estivessem dispostos e disponíveis a navegar para o Oriente.

A MORTE SEMPRE PERSEGUIU os exploradores; porém, numa época em que a vida tinha pouco valor, o risco valia a recompensa. Homens que viviam na esperança do paraíso e com medo do inferno estavam ansiosos para servir como cruzados; homens que nasceram na pobreza tinham fome de alcançar a riqueza do Oriente. No entanto, a riqueza tinha grudado nos dedos da elite, e a fé revelou-se uma má defesa contra a doença, a fome e as tempestades. Até mesmo os devotos começaram a se perguntar se Deus realmente os tinha escolhido para que realizassem Seu plano. Cristão ou não, o maior cronista de Portugal lamentou, em meados do século XVI:

> [...] parece que — por causa dos nossos pecados ou como resultado de um desígnio de Deus oculto de nós — na entrada desta terra grande da Etiópia, onde nossos navios vão, Ele colocou um anjo ameaçador com uma espada de fogo sob a forma de febres mortais que nos impedem de penetrar no interior para encontrar as fontes que regam este jardim terreno e que daí derramam rios de ouro no mar, em tantas regiões que nós conquistamos por lá.

Nas três décadas seguintes à primeira viagem de Vasco da Gama, talvez 80 mil homens portugueses — e algumas mulheres — tenham se estabelecido nas colônias. Talvez 8 mil tenham retornado. Para uma nação de 1 milhão de homens, mulheres e crianças, essa era uma perda insuportável. Como a temida praga mais uma vez atingiu Portugal e ceifou incontáveis

vidas, cidades e vilas por todo o reino se esvaziaram e se deterioraram sonolentamente.

O colapso completo só foi evitado quando as atrações do Oriente começaram a se desgastar.

A viagem à África sempre foi considerada uma jornada com obstáculos mortais. Agora ela também tinha se tornado tediosamente familiar. Não havia novas costas para explorar, pessoas para encontrar ou estrelas para mapear, e existia pouca esperança de se descobrir riquezas fabulosas no final. Os portugueses ainda se mantinham fiéis ao velho sistema que separava marinheiros de soldados e que punha ambos sob o comando de homens qualificados mais pelo nascimento do que pela habilidade, e brigas a bordo tornaram-se uma característica deprimente e regular da vida no mar. Elas irrompiam cada vez mais à medida que os mercadores comandavam barcos de 2 mil toneladas que eram construídos por sua capacidade de transporte, não por sua navegabilidade ou conforto. Com seus castelos na parte de trás e cascos bulbosos, o desenho dos navios tinha mudado pouco desde os tempos de Vasco da Gama, e quanto maiores ficavam, mais desequilibrados e instáveis se tornavam. Eles eram sobrecarregados de mercadorias e passageiros, sempre malconservados e tripulados por pessoas inexperientes e escravos — e, a cada quatro, um se deparava com o desastre.

De todos os navios portugueses perdidos em colisões, pirataria e guerra, o destino de um deles reverberaria em cada viagem subsequente.

Em fevereiro de 1552 o *São João* deixou Cochim, seus porões abarrotados com uma das maiores aquisições de todos os tempos. Já estava no final da temporada e a embarcação navegou para uma tempestade perto do cabo da Boa Esperança. O mastro principal e o leme mudaram de direção repentinamente, e então o navio se chocou contra a costa de Natal. Um total de 120 sobreviventes — entre eles o capitão, um nobre chamado Manuel de Sousa de Sepúlveda e sua esposa, dona Leonor — se arrastaram até a terra com tantos objetos de valor quanto conseguiram levar sob suas roupas. Eles não tinham provisões, ficando logo com fome e muito queimados pelo sol, e, quando encontraram um grupo de africanos, pediram para ser levados até o rei.

O rei mandou dizer que os estrangeiros não estavam autorizados a entrar no seu vilarejo; porém, se eles acampassem sob um arvoredo, ele lhes daria comida. Não tendo ideia de onde estavam, eles fizeram como lhes foi dito, comeram os alimentos que lhes foram dados e decidiram esperar até que outro navio passasse. Para se defenderem, tinham apenas cinco mosquetes que haviam resgatado do naufrágio.

Manuel de Sousa mandou que um de seus homens fosse pedir uma casa para ele, sua esposa e seus dois filhos pequenos. O rei respondeu que lhe emprestaria uma, mas somente se o seu pessoal se dividisse entre as aldeias locais, já que ele não poderia alimentar a todos. Seus chefes, acrescentou, os levariam para suas novas casas e tomariam conta deles, mas primeiro eles teriam que depor suas armas. Ignorando os conselhos de um chefe que tinha recomendado aos sobreviventes que ficassem juntos — e os protestos de sua esposa, que era

mais forte do que seu marido —, Sousa ordenou a seus homens que entregassem seus mosquetes.

"Você depõe suas armas", dona Leonor disse com tristeza, "e agora eu me dou por perdida com todas essas pessoas."

O capitão abandonou qualquer pretensão de liderança e disse a seus companheiros que tentassem voltar para casa por si mesmos. Ele ficaria onde estava, disse, e morreria com sua família, se aprouvesse a Deus. Os africanos levaram os marinheiros em grupo pelo mato até suas aldeias, onde eles os desnudaram, roubaram e bateram. De volta à vila do rei, Manuel de Sousa, sua família, cinco escravas e aproximadamente uma dúzia de homens que tinha ficado com ele foram despojados de suas joias e moedas, e disseram a eles que fossem ao encontro dos outros.

Muitos do grupo que havia sido espalhado conseguiram se reagrupar, mas ninguém assumiu o comando. Sem armas, roupas ou dinheiro, eles caminharam pelo terreno árduo, indo alguns pela floresta, outros pelas montanhas. O capitão, humilhado e meio delirante, partiu em sua trilha com o restante do grupo enfraquecido, e mal tinham começado quando mais africanos caíram sobre eles, privando-os de suas roupas e ferindo Sousa na perna. Dona Leonor tentou afastar os assaltantes com seus próprios punhos, mas o marido pediu a ela que se deixasse desnudar, "lembrando-lhe que todos nascemos nus e que, uma vez que essa era a vontade de Deus, ela deveria submeter-se". Com seus filhos chorando e implorando por comida, ela se jogou no chão e cobriu suas vergonhas com os longos cabelos, cavando a areia para se enterrar até a cintura. Ela se recusou a se mover, mesmo quando sua velha babá lhe deu o manto rasgado com o qual estava protegendo sua própria dignidade, e não se moveu novamente.

Os outros homens ficaram a distância, constrangidos. "Você vê como nós somos e que não podemos ir adiante, e sim devemos perecer aqui por nossos pecados", Leonor disse a um deles, o piloto do navio naufragado. "Vá em frente e tente salvar-se, e nos recomende a Deus. Se você conseguir chegar à Índia ou a Portugal, seja quando for, conte a forma como você deixou Manuel de Sousa e a mim com meus filhos."

A maioria dos homens cambaleou para o mato, enquanto Sousa, com sua ferida supurando e sua mente vagando, arrastou-se em busca de frutas. Quando ele voltou, dona Leonor desfalecia de tanto choro e fome, e um de seus filhos havia morrido. Sousa enterrou o pequeno corpo na areia. No dia seguinte, voltou e encontrou as escravas chorando sobre os corpos de sua esposa e seu outro filho. Ele dispensou as mulheres e sentou-se imóvel, o queixo apoiado na mão, olhando fixamente para o corpo da esposa. Depois de meia hora ele se levantou, fez um buraco na areia e enterrou o resto da família. Quando terminou, desapareceu na mata e nunca mais foi visto.

Três das escravas conseguiram fugir para Goa, onde contaram a triste história. Trinta e sete anos depois, outro navio português naufragou próximo daquele lugar, e um chefe local que

foi ver os náufragos advertiu-lhes para que não viajassem por terra, pois ladrões lhes roubariam e matariam. "Ele acrescentou que seu pai havia alertado Manuel de Sousa de Sepúlveda disso quando tinha passado por aquele caminho", um cronista registrou, "e ele se perdeu por não seguir o conselho." Em vez disso, os marinheiros foram para uma ilhota e acamparam em um assentamento português deserto que tinha sido construído por comerciantes de marfim. Quando os marinheiros e soldados começaram a brigar e lutar, o capitão — outro nobre português — fechou-se em uma cabana meio abandonada e pediu aos homens que o deixassem sozinho, "já que ele estava velho e cansado, e encontrando-se com sua mulher em dificuldade, ele determinou que levaria uma vida de eremita lá, passando o resto de seus dias em penitência por seus pecados". Quatro anos depois disso, outro grupo de náufragos agiu com muito mais disciplina e marchou por terra durante mais de três meses até encontrar com o restante de sua frota. Ao longo do caminho, eles se depararam com um africano, que se curvou e tirou o chapéu para o líder deles. "Eu beijo as mãos de Vossa Excelência", disse ele, à maneira portuguesa; ele tinha sido criado entre os sobreviventes portugueses do *São João*.

Para marinheiros supersticiosos, a história de horror do *São João*, do estúpido Manuel de Sousa e da trágica dona Leonor ressurgia como um lembrete fantasmagórico de tudo o que podia dar errado. Os pesados e desajeitados navios do tesouro desapareciam no mar com terrível regularidade. Seus capitães, embora nobres, muitas vezes se mostraram péssimos líderes. Na melhor das hipóteses, os povos indígenas eram inóspitos; na pior, eram tomados por uma violenta aversão aos invasores. O ambiente não era favorável à constituição europeia e as doenças tropicais acabavam com os viajantes. As baixas eram terríveis: 25 mil pacientes foram a óbito durante o século XVII, só no hospital de Goa. Em torno do oceano Índico, lápides marcavam as mortes de inúmeros jovens que pereceram antes de atingir seu auge. Inúmeros outros eram enterrados ou perdidos no mar, e as cicatrizes da ausência foram as únicas marcas que deixaram.

Um sacerdote jesuíta chamado padre Antônio Gomes resumiu os sentimentos dos muitos infelizes. Na década de 1640, o próprio Gomes naufragou na costa suaíli. Ele foi para a vila mais próxima e chamou pelo chefe local. Um velho com pele curtida e uma barba grisalha apareceu; Gomes atrevidamente sugeriu que ele deveria ter presenciado a época de Vasco da Gama.

"Comecei a queixar-me do mar que nos tinha feito tanto mal", relatou o padre, "e ele me deu uma resposta que eu considerei muito sábia. 'Mestre, se você sabe que o mar é louco e não tem cérebro, por que você se aventura nele?'."

# Epílogo

Em 1516, com a idade avançada de 64 anos, Leonardo da Vinci mudou-se para a França. Levou consigo três amostras de sua produção: duas pinturas religiosas e um retrato enigmático que se tornaria conhecido como *Mona Lisa*.

Um túnel ligava a casa senhorial com torres de Leonardo ao Château D'Amboise, a residência favorita do rei francês. Francisco I tinha apenas 22 anos, mas os dois homens se viam quase todos os dias e se tornaram amigos. Quando Leonardo morreu, três anos depois de chegar, Francisco aninhou sua cabeça em seus braços. "Não houve nenhum outro homem nascido neste mundo", lamentou o rei, "que soubesse tanto quanto Leonardo."

A Renascença tinha chegado à França. Nascida nas competidoras cidades-Estados da Itália, alimentada pelos esplendores que fluíam do Oriente e levada ao norte por ventos de guerra, a transformação intelectual trouxe um novo gosto pelo aprendizado e pela arte a uma nação obcecada pela batalha. Francisco despachou seus agentes para a Itália para comprar pinturas, esculturas e manuscritos; eles até tentaram transportar *A última ceia* de Leonardo para a França, com parede e tudo. Palácios e castelos magníficos surgiam pelo reino, incluindo o Château de Chambord, o pavilhão de caça mais surpreendente do mundo, que o próprio Leonardo deve ter ajudado a desenhar e onde, em 1539, Francisco hospedou seu amargo inimigo Carlos I da Espanha.

Os dois homens tinham uma longa história. Vinte anos antes, Carlos, com dezenove, havia vencido Francisco, de 24, pela coroa do Sagrado Império Romano. Eles foram adversários jurados desde então, tanto que várias vezes Carlos desafiou o rei francês para um combate pessoal. Vergonhosamente para o orgulho francês, em 1525 as tropas de Carlos capturaram Francisco enquanto ambos estavam disputando o controle do ducado de Milão, e o rei francês foi mandado para Madri e jogado na prisão.

Francisco havia deixado sua mãe, Maria Luísa de Saboia, como responsável pela regência durante sua campanha. Quando ouviu falar sobre o cativeiro do filho, Maria Luísa decidiu que uma ação audaciosa seria necessária, e assim enviou uma embaixada para Istambul.

O primeiro enviado desapareceu na Bósnia, mas o segundo alcançou a capital otomana. Escondidas em seus sapatos estavam cartas para o sultão Suleiman, o Magnífico, pedindo-lhe para que formasse uma aliança com a França. Leonardo da Vinci poderia muito bem ter desaprovado isso. Mais de uma década antes de ter se mudado para o Loire, ele tinha projetado uma ponte elevada de um só vão para adornar Istambul. O avô de Suleiman havia rejeitado a corajosa proposta como sendo absurdamente impraticável, e, em vez disso, voltou-se para Michelangelo, o companheiro de Leonardo, da Toscana.

A aliança acabou sendo feita, e Suleiman, que detestava seu rival aspirante ao título de

césar, enviou um ultimato a Carlos para que libertasse o rei francês e pagasse um tributo anual ou então que enfrentasse as consequências. Carlos se recusou, e na primavera de 1529 os otomanos marcharam sobre a cidade de Viena. As 120 mil tropas de Suleiman superavam em muito a força de defesa dos soldados habsburgos e dos milicianos vienenses, mas os turcos estavam em mau estado de saúde após caminharem penosamente pela lama do inverno; seus suprimentos estavam se esgotando, e quando uma forte nevasca caiu eles bateram em sombria retirada.

O cerco malsucedido marcou o ponto alto do poder turco, mas o Império Otomano era ainda a única superpotência do mundo renascentista. Seguindo o caminho percorrido pelos primeiros conquistadores árabes, os turcos marcharam do Egito em direção ao oeste e tomaram de assalto o norte da África. Os 60 mil soldados e marinheiros otomanos expulsaram os últimos quinhentos cavaleiros hospitalários de seus redutos em Rhodes e os empurraram de volta para Malta. Um pirata bárbaro chamado Khayr ad-Din — mais conhecido como Barba Ruiva — tinha sido cooptado como almirante da frota otomana e impôs sua vontade através do Mediterrâneo. A aliança francesa com os turcos escandalizou seus irmãos cristãos, mas refletia a realidade.

Em 1535, a França estabeleceu uma embaixada permanente na Sublime Porta — o portão no palácio Topkapi, em Istambul, onde os embaixadores eram recebidos, e, por extensão, o apelido diplomático do Império Otomano. Os navios de guerra otomanos passaram o inverno em Marselha e lançaram ataques conjuntos com os franceses na Itália e na Espanha. A frota francesa, então, passou o inverno em Istambul, e os aliados levaram adiante sua campanha até que Francisco e Carlos finalmente pediram uma trégua. Foi logo depois disso que o rei francês convidou seu inimigo imperial para Chambord e se vangloriou de sua magnífica nova pilhagem.

Esse aparente descongelamento logo retrocedeu. Os homens de Carlos assassinaram o embaixador otomano de Francisco, e mais uma vez os cristãos uniram-se com os muçulmanos para combater os cristãos. Os navios do Barba Ruiva juntaram forças com a marinha da França e devastaram Nice, que pertencia a um aliado de Carlos, embora o antigo pirata, como se sabia, não admirasse muito seus confederados. "Vocês, marinheiros, vão encher seus tonéis com vinho em vez de pólvora?", ele perguntou aos franceses beberrões. Quando a frota otomana e seus 30 mil marinheiros e soldados passaram o inverno em Toulon, Francisco deslocou a população inteira da cidade e transformou a catedral em uma mesquita. A aliança entre turcos e franceses continuou durante a derrota esmagadora da marinha otomana pela Sagrada Liga Cristã em Lepanto, em 1571, durante outro cerco otomano de Viena, em 1683, e durante todo o século XIX.

A França não era a única potência europeia a se voltar para Istambul. Em 1578, um empresário inglês chamado William Harborne chegou à Sublime Porta e prestou homenagens

ao sultão Murad III. No ano seguinte, Murad manteve uma longa correspondência com a rainha Elizabeth I. A rainha respondeu enviando ao sultão um elegante relógio de transporte e algo um pouco mais polêmico: uma enorme quantidade de chumbo para fazer munição, em grande parte tirada dos telhados de mosteiros católicos. Não foi a primeira vez que Elizabeth compactuara com uma nação muçulmana: ela já havia autorizado a venda de armaduras e munição para o Marrocos e tinha enviado embaixadores e cartas calorosas ao seu governante.

Por essa época, a Reforma Protestante tinha cindido a Europa em dois beligerantes campos teológicos. Em 1570, o papa excomungou "Elizabeth, a pretensa rainha da Inglaterra e serva do crime", e Elizabeth tinha se voltado para o mundo islâmico em busca de aliados potenciais contra a Espanha, a principal potência católica. Como governante de Marrocos, o sultão otomano estava receptivo à abertura. Em forte contraste com as invectivas do papa, ele dirigiu suas cartas ao "orgulho das mulheres que seguem Jesus, a mais excelente das senhoras honradas entre o povo do Messias, a árbitra dos assuntos da comunidade cristã, que segue as saias da majestade e da gravidade, a rainha do reino de Inglitere, rainha Elizaide". O islamismo e o protestantismo, sugeriu ele, eram religiões afins; ao contrário dos católicos, ambos abominavam a adoração de ídolos e acreditavam no poder do livro. Elizabeth escreveu de volta e, em concordância sincera, adicionou alguns fragmentos de ícones quebrados, enquanto William Harborne, que por volta de 1583 tinha se tornado o primeiro embaixador da Inglaterra na Sublime Porta, devolveu o elogio abordando Murad em termos que teriam agradado Mehmet, o Conquistador, como "o mais augusto e benigno césar". Com Harborne murmurando sábios conselhos nos ouvidos dos conselheiros do sultão, os dois soberanos discutiram a elaboração de uma campanha conjunta contra a Espanha.

Por Espanha, Elizabeth também queria dizer Portugal. No mesmo ano em que William Harborne chegou a Istambul, o rei Sebastião I de Portugal, de 24 anos, havia desaparecido durante uma desastrosa cruzada no Marrocos. Ele foi visto pela última vez investindo com toda a energia contra as hostes mouras e foi declarado morto, embora muitos portugueses defendessem o sebastianismo — a crença de que o jovem rei apareceria subitamente e salvaria Portugal em seu momento mais difícil —, e alguns impostores capitalizaram essas esperanças. A popularidade do sebastianismo tinha muito a ver com a crise de sucessão deflagrada pelo ato de desaparecimento real. Três netos de Manuel I reivindicavam o trono, e, em 1580, um dos três marchou até Portugal e derrotou o favorito do povo. O novo rei era filho de Carlos, o antigo adversário de Francisco, e com a morte de seu pai ele tinha se tornado o rei Felipe II de Espanha. Ele também era rei de Nápoles e Sicília, arquiduque da Áustria, duque de Borgonha e Milão, senhor dos Países Baixos e, ainda, após quatro anos de casamento com Maria, a filha católica de Henrique VIII, tornara-se rei da Inglaterra e Irlanda. Para a consternação de muitos dos seus novos súditos, a orgulhosamente independente nação de Portugal havia sido submetida a um poderoso império, e um império liderado pelos espanhóis para roubar.

Por sessenta anos, os dois países que haviam liderado a Era dos Descobrimentos estavam atrelados em uma união desconfortável. Por associação, Portugal via-se agora no lado oposto de seus antigos aliados, os ingleses e os holandeses. Os holandeses, que durante décadas revenderam mercadorias orientais de Portugal no norte da Europa, revoltaram-se contra o governo de Felipe II em 1568, deflagrando assim a Guerra dos Oitenta Anos; em retaliação, Felipe proibiu-os de visitar Lisboa. Em 1585, a rainha Elizabeth, cunhada de Felipe, enviou um exército para ajudar os protestantes holandeses e inaugurou os dezenove anos da Guerra Anglo-Espanhola. Sir Francis Drake começou uma guerra corsária contra os portos espanhóis e as frotas de tesouro e, durante o processo, circum-navegou o globo, enquanto a Armada Espanhola partiu desastrosamente para o canal inglês.

Durante anos, exploradores ingleses e holandeses enfrentaram as planícies geladas da Rússia e do Canadá em busca de uma passagem pelo norte para os mares quentes do Oriente. Agora Portugal era o inimigo, e qualquer escrúpulo sobre sequestrar sua rota oceânica para a Ásia se queimou em um ardor nacionalista.

Em 1592, quatro anos depois dos que sobraram da Armada Espanhola terem voltado mancando para casa, um esquadrão naval inglês capturou um enorme navio português nos Açores. Com 165 pés de comprimento, 32 enormes canhões de bronze montados em sete deques e mais de seiscentos passageiros e tripulantes, o *Madre de Deus* era três vezes maior do que qualquer navio inglês, e estava voltando da Índia carregado de tesouros. Seus captores o levaram para a Inglaterra, onde ele se erguia acima das casas do estaleiro de Dartmouth. Um inventário foi feito, e toda a nação ficou pasma. Cinco anos mais tarde, Richard Hakluyt registrou os achados em seu grande compêndio de viagens inglesas, sob o título extremamente enganoso de "A tomada do *Madre de Deus*. Uma humanidade extraordinária mostrada para o inimigo". Assim como uma grande aquisição de joias que tinha desaparecido misteriosamente antes que a lista fosse feita,

> soube-se que os principais artigos [...] consistiam de especiarias, drogas, sedas, algodão, colchas, tapetes, corantes etc. As especiarias eram pimenta, cravo, flor de noz-moscada, noz-moscada, canela, gengibre verde; as drogas eram benjoim, incenso, galanga, mirobálano, aloé zocotrina e cânfora; as sedas [eram] damascos, tafetás de vários tipos, *altobassos*, isto é, panos de imitação de ouro, seda bruta da China, meadas de seda, seda branca torcida, cipreste enrolado. Os algodões [eram] algodão-livro, *algodão-laune*, grandes algodões brancos, algodões finamente engomados, algodão branco grosseiro, largos algodões marrons, algodões marrons grosseiros. Também havia dosséis, toalhas e toalhas de tecido grosseiro, colchas de um tipo de tafetá grosseiro e de algodão, tapetes como os da Turquia; ainda podemos citar as pérolas, o almíscar, a civeta e o âmbar-gris. Os artigos restantes eram muitos em número, mas menores em valor; tais como dentes de elefantes, vasos de porcelana da China, cocos, peles, madeiras de ébano tão negras quanto azeviche, estrados do mesmo material, pano feito de casca de árvore, muito estranho, por sinal, e de feitura artificial.

Nas docas, o inferno parecia ter aberto suas portas, e uma irada rainha Elizabeth despachou sir Walter Raleigh para que salvasse o que restava de sua parte na pilhagem. O valor total da carga foi calculado como sendo a astronômica soma de meio milhão de libras

esterlinas, ou quase a metade da riqueza do tesouro inglês. Mesmo depois de cada marinheiro, pescador e ladrão que estava à volta ter se apropriado de um pouco dessa riqueza, o restante montava a 150 mil libras esterlinas, "que, sendo divididas entre os aventureiros (dos quais Sua Majestade era o principal), foram suficientes para contentar a todos".

Ao seu encantador catálogo, Hakluyt adicionou um pensamento que teve um toque familiar para Vasco da Gama e seus companheiros pioneiros:

> E aqui não posso deixar de entrar na consideração e no reconhecimento dos grandes favores de Deus para com nossa nação, que, colocando essa aquisição em nossas mãos, manifestamente descobriu os segredos do comércio e das riquezas indianas, que até então estavam estranhamente ocultos e engenhosamente escondidos de nós; e dos quais havia entre alguns de nós apenas um pequeno e imperfeito vislumbre, que agora se transformou em plena luz do completo e perfeito conhecimento. Pelo que poderia parecer que a vontade de Deus para o nosso bem é (se nossa fraqueza pudesse apreender isso) fazer-nos comunicar com eles nos tesouros da Índia Oriental, e pela construção de um tráfico legítimo para melhorar nossos meios de levar a verdadeira religião e seu santo serviço.

Felizmente, o navio português também produziu um documento, "encerrado em um estojo de odorífera madeira de cedro e enrolado quase cem vezes em fino pano de Calcutá, como se fosse alguma joia incomparável", que descrevia em grande detalhe o sistema de comércio no Extremo Oriente.

Esse não foi o único segredo comercial que vazou do Oriente. Hakluyt também incluiu o relatório de Ralph Fitch, um inglês que, em 1583, partiu com cartas da rainha Elizabeth para o imperador da China. Os portugueses capturaram Fitch em Ormuz e o prenderam em Goa, mas ele escapou e embarcou em uma viagem pela Índia, Birmânia e Malaca. Quase à mesma época, Jan Huygen van Linschoten, um convicto calvinista holandês que, no entanto, passou seis anos na Índia como secretário do arcebispo de Goa, publicou um relato da navegação portuguesa na Ásia que se tornou instantaneamente um sucesso de vendas em três línguas. Ambos os viajantes pintaram um retrato brilhante do exótico Oriente e um retrato muito desfavorável do Império português sem lei, mas Linschoten, além de fornecer detalhadas instruções de navegação para as rotas entre a Europa, a Índia, a China e o Japão, também incluiu um maço de mapas náuticos que ele tinha copiado secretamente em Goa.

Os segredos que Portugal tinha ferozmente protegido por um século estavam de repente abertos para o mundo. Uma nova estirpe estava prestes a quebrar o monopólio de um século de Portugal no comércio oriental, e desta vez os dois rivais eram as Companhias das Índias Orientais, que eram formadas pelos ingleses e holandeses.

Dois anos depois do *Madre de Deus* ter feito a Inglaterra arregalar os olhos, a primeira frota inglesa vinda da Índia retornou para casa. No ano seguinte, a primeira frota holandesa deixou Amsterdã. Ambas as viagens foram mortais para suas tripulações, mas elas provaram que os navios portugueses não eram os únicos que poderiam sobreviver à jornada.

Os holandeses mandaram navios para o Oriente assim que conseguiram construí-los, e

eles rapidamente ultrapassaram os ingleses. Em 1603, uma frota holandesa apreendeu um navio português perto de Cingapura, que estava carregando 1,2 mil fardos de seda chinesa e uma extraordinária quantidade de almíscar, e, no furor que se seguiu, o jurista holandês Hugo Grócio formulou a noção radical do *Mare Liberum* — o mar como um reino internacional que estava aberto a todos. Protegidos por essa falsa cobertura judicial, os holandeses começaram a entrar nos dispersos redutos do Império português. Em 1604, o samorim de Calcutá se alinhou avidamente com os holandeses contra os portugueses, quando tinha acabado de se arranjar com os portugueses para sufocar uma rebelião muçulmana. De sua nova capital na Indonésia, Batávia — a atual Jacarta —, os holandeses partiam a cada inverno para bloquear Goa. Em 1641, eles tomaram a grande fortaleza e o empório em Malaca, e em 1656 conquistaram Cochim. O Ceilão caiu em 1658 e Cananor, em 1663. À medida que as especiarias do mundo fluíam em direção ao oeste vindas da Batávia para a colônia holandesa no cabo da Boa Esperança e indo mais adiante para a Holanda, os ventos de monção do mar Arábico não governavam mais o comércio mundial. Os antigos portos do mar Vermelho e o golfo Pérsico se calaram, os seus mercados foram esvaziados de tudo, menos de escravos e tâmaras. Os comerciantes habilidosos do Cairo e de Alexandria sobreviveram e até mesmo floresceram, mas apenas por terem trocado seu negócio para a última moda: o café.

Os holandeses e os ingleses seguiram os passos dos portugueses, com a vantagem de que podiam aprender com os erros dos pioneiros. Ambas as nações começaram a construir galeões elegantes que eram mais manobráveis e tinham um poder de fogo maior do que os pesados navios portugueses; além disso, reuniram marinheiros e soldados em uma só unidade de luta, liderados por comandantes navais profissionais. Portugal levou seus rivais a criarem as primeiras marinhas modernas, e sua tentativa fracassada de reforçar o monopólio da coroa sobre o comércio das especiarias encorajou aqueles que atuavam no momento a depositarem sua fé na livre-iniciativa. A livre-iniciativa não significava algo sem limites: os amargos confrontos que tinham alimentado a devastação no comércio português mostraram a importância vital de manter um controle implacável na cadeia dos suprimentos. Os holandeses tiraram os comerciantes nativos do negócio, assumiram o controle direto de muitas das Ilhas das Especiarias e mataram ou escravizaram grande número de seus habitantes.

Com os holandeses abrigados no Sudeste Asiático, os ingleses aprenderam uma lição diferente com as dificuldades de Portugal. Os mongóis, que falavam persa e que não eram mais nativos da Índia do que os europeus, tinham conquistado tudo menos uma faixa ao sul do subcontinente indiano. Em 1615, um embaixador inglês chamado sir Thomas Roe chegou à corte mongol, tornou-se companheiro de bebida do imperador e conseguiu fazer um tratado que dava à Companhia das Índias Orientais direitos de comércio exclusivos por todo o império. Ao mesmo tempo, os ingleses juntaram forças com a Pérsia, que agora era governada por xás xiitas que estavam empenhados em contestar o domínio otomano do Islã, e em 1622 os aliados retiraram os portugueses de Ormuz após um século de ocupação conturbada. Embora os

comerciantes da companhia tivessem finalmente pegado em armas, sua disponibilidade em cooperar pela ocasião da cisão religiosa permitiu que esta se insinuasse nas estruturas do poder local de uma forma que os portugueses nunca tinham conseguido — ou pretendido — fazer. As consequências foram ainda mais catastróficas para as culturas antigas do Oriente. Quando a mania de especiarias finalmente desapareceu e o chá se tornou a última moda exorbitantemente cara da Europa, a Inglaterra trocou o ópio cultivado na Índia pelo chá cultivado na China e viciou uma nação inteira.

Enquanto os ingleses, holandeses e portugueses lutavam guerras difíceis por terra e por comércio, os mares do Oriente ficavam infestados de navios de guerra e de embarcações piratas de nações europeias rivais, cada uma tentando ultrapassar e desarmar a outra. O caminho marítimo que Vasco da Gama tinha aberto se tornou a via para uma luta colonial imoral e que parecia não ter fim.

Hoje, a antiga capital portuguesa de Goa é uma cidade-fantasma. Não restou nenhum traço de seus armazéns, hospitais, mansões e palácios. A grande cidade, que sempre foi um lugar marcado pela excitação, no século XIX foi abandonada e demolida em sua maior parte. Apenas algumas igrejas espetaculares permaneceram, dramaticamente espalhadas pelos gramados da paisagem, como atrações de um parque temático religioso. Ônibus lotados de turistas chegam para se maravilhar e para visitar o monumental túmulo de São Francisco Xavier, o flagelo inadvertido dos cristãos, hindus e judeus da Índia. À medida que o sol se põe e os grupos de turismo partem, essas descomunais lembranças de sonhos ultrapassados se remoem como noivas abandonadas aos cuidados de pacientes sacerdotes e freiras.

Do outro lado do oceano Índico encontram-se as ruínas da capital da África portuguesa. A ilha de Moçambique perdeu seu propósito algumas décadas depois do fim de Goa, quando a abertura do canal de Suez finalmente terminou a rota pelo cabo para o Oriente. Árvores nascem dos escombros das casas coloniais. Canhões enferrujados amontoam o chão do antigo pátio naval. Um vasto hospital neoclássico tomba magnificamente em ruínas numa grande praça, que inclui um coreto que serve como *playground* para as crianças locais que vivem, como sempre viveram, em uma aldeia cheia de cabanas de palha. Em frente ao belo colégio de tijolos vermelhos dos jesuítas está a estátua de uma figura forte e severa em vestimenta de cruzado, seu punho fechado contra o peito, sua espada pronta para ser tirada da bainha, os olhos incansáveis mirando firmemente o mar. A estátua foi recentemente derrubada por um ciclone, e apesar de ter sido colocada de volta em sua base, as letras que um dia diziam Vasco da Gama foram arrancadas e nunca mais foram substituídas. Maior que a vida, mas despojada de seu significado, ela parece ser um comentário adequado sobre a reputação de Vasco no final de sua vida.

Em Ceuta, onde tudo começou, o santuário de Santa Maria de África ainda dá um lugar

de destaque a uma imagem de Nossa Senhora doada por Henrique, o Navegador, em 1421. O príncipe português enviou o ícone para os cavaleiros da Ordem de Cristo, que estavam defendendo a cidade, e diz-se que fez muitos milagres, embora não tenha conseguido impedir Ceuta de se alinhar com os espanhóis em 1640, quando Portugal lutou com seu vizinho para recuperar a sua independência. Ela permaneceu espanhola, mas a sua propriedade é tão vigorosamente contestada pelo Marrocos, a cuja costa ela se liga, quanto a de Gibraltar, seu oposto pilar de Hércules, o é pela Espanha. Aqui os caminhos desbravados por séculos de guerreiros sagrados ainda não desapareceram.

Nos últimos anos, na verdade, Ceuta tem recebido mais atenção do que se tem visto em séculos. Em 2006, Ayman al-Zawahiri, o ex-líder do jihad islâmico egípcio, que foi nomeado o cérebro da al-Qaeda, pediu pela "libertação" de Ceuta da ocupação cristã; dois anos depois ele chamou a Organização das Nações Unidas de inimiga do Islã, pois ela considerou Ceuta uma parte inseparável da Espanha cruzada. Ceuta não é mais o prêmio estratégico que já foi um dia, mas, 1300 anos depois de um exército islâmico partir de lá para a Europa e quase seis séculos após um exército português chegar lá no começo de sua odisseia ao redor da África, para alguns ela ainda simboliza um esperado contramovimento muçulmano no Ocidente.

Uma mensagem semelhante estava por trás da declaração de Zawahiri em 2001: a de que a queda de al-Andaluz era uma "tragédia". Para muitos muçulmanos, al-Andaluz era uma sociedade ideal, um paraíso de aprendizado e cultura, e sua perda marcou o começo da longa retirada do Islã. Extremistas não lamentam a tolerância que fez al-Andalus prosperar; na sua opinião, Espanha e Portugal ocupam um território islâmico que precisa ser recuperado. Três anos depois do hino de Zawahiri ao passado, um grupo jihadista reivindicou a responsabilidade pelos atentados de Madri, que arrancou quatro vagões de um trem. "Temos conseguido nos infiltrar no coração da Europa cruzada e atingimos uma das bases da aliança cruzada", ele se vangloriou, acrescentando que tinha a intenção de resolver antigas dívidas. "Cruzada" é outra palavra que tem sido muito ouvida recentemente, tanto nas invectivas de terroristas quanto dos lábios do ex-presidente George W. Bush, na esteira dos ataques do 11 de Setembro. Em um comunicado, líderes islâmicos proclamaram que era dever de cada muçulmano matar os americanos e seus aliados na "aliança cruzados-sionistas", de modo a libertar a mesquita de al-Aqsa, em Jerusalém.

Não é preciso dizer — e ainda assim é preciso dizer — que as ações dos terroristas são uma afronta à corrente principal do Islã. O que é dolorosamente claro é que muitas dessas proclamações são, em essência, reflexos da polêmica cristã nas décadas que precederam a Era dos Descobrimentos. Mais impressionante ainda é a forma preferida da al-Qaeda de contra-atacar o Ocidente: perturbar seu comércio explodindo aviões e causando "uma hemorragia na indústria da aviação, uma indústria que é tão vital para o comércio e o transporte entre os Estados Unidos e a Europa". Substitua navios por aviões e o oceano Índico pelo Atlântico e estamos de volta a quinhentos anos atrás. A armadilha terrorista, tragicamente, tem sido

deflagrada. Como mobilizamos grandes recursos com a chamada guerra contra o terror e nossos exércitos estão mais uma vez atolados no Oriente Médio, a questão islâmica de que uma nova cruzada está a caminho conquista uma audiência cada vez maior, especialmente quando ligada ao apoio do Ocidente a Israel. Muitos ocidentais, enquanto isso, começam a temer seus vizinhos muçulmanos como o inimigo interno, e todos os lados flertam com a velha e crua linguagem que caricatura os outros como fanáticos medievais ou demônios degenerados.

Partindo do que até recentemente era o nosso ponto de vista moderno, e depois de todos os obituários que os historiadores escreveram da história, pode ser difícil compreender por que o conflito de uma era tenha voltado para nos assombrar. A explicação está em nosso passado comum, se considerarmos a perspectiva mais ampla que é necessária para vê-la.

Há quase 1400 anos duas grandes religiões colidiram e competiram pela riqueza e pela alma do mundo. Ambas cresceram a partir da mesma raiz e foram alimentadas pelo mesmo solo. Elas eram vizinhas com uma herança em comum, e rivalizavam pelas mesmas terras. Cada uma delas alegava possuir a verdade suprema, e cada uma tinha como objetivo entregar a revelação final de Deus para toda a humanidade. Ambas celebravam a vitória e retiravam da morte o seu aguilhão, e apesar de todas as glórias que conquistaram e de todo o socorro que prestaram, o militarismo se tornou o seu lado sombrio compartilhado. A fé, tanto para os muçulmanos quanto para os cristãos, não era meramente um assunto pessoal, um esforço interior em direção a um ideal impossível. Era um crédito público dado por Deus para o Seu povo, para forjar a Sua sociedade sobre a terra, e poucos viam algo estranho sobre fazer o trabalho de Deus com espadas e armas.

Mais de oito séculos depois, os cristãos ainda lutavam com os muçulmanos uma batalha que parecia estar perdida sobre o mesmo velho chão quando um punhado de homens rapidamente se libertou e abriu uma nova frente. Eles estavam indo para o coração do Islã, com a ajuda dos aliados e da riqueza que eles acreditavam que iriam encontrar no Oriente. Impulsionados por uma certeza ferrenha de que estavam destinados a espalhar a verdadeira fé, os portugueses mudaram o curso da história. Em 1552, o cronista espanhol Francisco López de Gómara declarou a descoberta das rotas marítimas para o Oriente e para as Índias Ocidentais como sendo "o maior acontecimento desde a criação do mundo, sem contar com a encarnação e a morte Daquele que o criou". Dois séculos depois, os humanistas ainda colocavam a mesma questão de uma forma mais secular. "A descoberta da América e a da passagem para as Índias Orientais pelo cabo da Boa Esperança são os dois maiores e mais importantes eventos registrados na história da humanidade", escreveu Adam Smith em 1776. Ambos os eventos surgiram da busca de Portugal e, para a maioria das mentes, ambos tinham igual peso. Mesmo quando a magnitude da descoberta de Cristóvão Colombo ficou clara, já fazia muito tempo que era evidente que, para que o Ocidente fosse vencido, o Oriente, antes de qualquer coisa, tinha que ser superado.

Quando Vasco da Gama chegou ao oceano Índico a Europa começou a acreditar que o equilíbrio de poder global tinha mudado seu trajeto. Como séculos de fantasias deram lugar a fatos claramente mapeados, novos horizontes mentais e geográficos se abriram. Colônias foram fundadas, igrejas surgiram em lugares desconhecidos e a supremacia do Islã não parecia mais inatacável. A vasta riqueza em recursos naturais — metais preciosos, mão de obra e, claro, especiarias — passou a ser controlada pelos cristãos, e assim, finalmente, o Ocidente tinha os meios para adiar e, talvez, repelir o desafio otomano que estava à sua porta. Se não fosse por isso, o destino de uma grande parte da Europa, a colonização da América e a descoberta de novos mundos até então desconhecidos poderiam ter tomado um caminho muito diferente.

Foi Vasco da Gama quem disparou o tiro de partida nos longos e plenos séculos de imperialismo ocidental na Ásia, e foi o sucesso da cruzada global conhecida como a Era dos Descobrimentos que permitiu que o Ocidente cristão dispensasse sua antiga rivalidade com o Islã como uma relíquia de tempos mais sombrios. Ainda assim, essa rivalidade continuou a ser uma poderosa corrente da história, mesmo quando cristãos lutavam contra cristãos, muçulmanos contra muçulmanos ou — ocasionalmente — ambos uniam forças para lutar contra um inimigo comum. Para os islâmicos que sonham com um califado renascido governando um império restaurado, este seria um assunto inacabado, e a ordem mundial fundada na esteira do colonialismo — incluindo as Nações Unidas e o próprio conceito de democracia — seria uma trama ocidental em curso para impor uma forma de vida diferente, estando as cruzadas em um disfarce mais sutil. Enquanto isso, uma nova era começa, na qual a China e a Índia retomam seus lugares tradicionais de motores da economia mundial — enquanto deveríamos competir por mentes e mercados globais, nos encontramos de volta ao velho conflito religioso.

É fácil ser fatalista. Cristãos e muçulmanos, pode parecer, cercaram-se em campos hostis há tanto tempo que nada pode ser feito. Ninguém tem o monopólio sobre o que é certo e todos têm um interesse em compreender, mas a nossa desconfiança mútua é muito profunda para deixar de existir. A cooperação, às vezes, se desenvolve, mas as guerras santas nunca terminam.

Mas há outra maneira de ver as coisas — uma maneira mostrada por muitos homens e mulheres que, instintivamente, rejeitaram a divisão do globo em blocos religiosos rivais. Havia os muçulmanos de Córdoba e Bagdá, os alquimistas de explosões selvagens de interação cultural. Havia os cristãos de Toledo e da Sicília, que levaram adiante aquela tradição progressiva. Houve Frederico II, que se sentou com um sultão e negociou um contrato sobre Jerusalém. Houve Mehmet, o Conquistador, o refinado tirano que transformou Istambul em um cadinho internacional. Houve Leonardo da Vinci, que procurou patronos iluminados, onde quer que sua mente o levasse. Houve até mesmo reis e rainhas da França e da Inglaterra e seus aliados, os sultões otomanos. Como os antigos cruzados, houve também inúmeros europeus

que foram cativados pelas antigas culturas da Ásia e se tornaram nativos, para o horror de seus compatriotas.

O choque entre o Oriente e o Ocidente tem sido constantemente tão criativo quanto destrutivo. Esse choque só não foi calado, e dogmáticos e intransigentes de todos os matizes logo se viram deixados para trás. Entre eles estavam os desbravadores, os próprios portugueses. No final, a certeza religiosa que levou Vasco da Gama e seus colegas de desbravamento a viajar por meio mundo foi também a sua ruína. Apesar de todas as suas realizações surpreendentes, a ideia de uma última cruzada — uma guerra santa para terminar com todas as guerras santas — foi, desde sempre, um sonho louco.

# Agradecimentos

Escrever este livro foi um aprendizado e uma aventura. Durante minha pesquisa, mergulhei no passado de Lisboa e de Roma, naveguei pela costa suaíli em busca de cidades arruinadas e fui fustigado pela monção em Kerala e Goa. Quando viajei de Portugal, Espanha, Itália e Marrocos para Moçambique, Tanzânia, Quênia e Índia, tive o privilégio de desfrutar o generoso aconselhamento, ajuda e amizade de inúmeras pessoas. No início, eram em sua maioria estranhos, como Karisa Keah, que saiu de seu caminho especialmente para me conduzir pelos remansos remotos da história da África oriental. Meus débitos para com todos são muitos para mencionar, mas suas conversas e seu companheirismo são memórias que não se apagam.

Um livro deste porte teria sido impossível conceber sem o trabalho acadêmico de gerações de historiadores. Em particular, os tradutores e editores das edições da Hakluyt Society, de raros relatos de viagem, que foram um tesouro inestimável de fontes primárias disponíveis em inglês. Minhas grandes dívidas para com outros estudiosos do passado e do presente estão registradas nas notas. A atmosfera agradável e a equipe sempre prestativa da London Library tornaram um prazer o impreciso processo de rastrear material. Meus agradecimentos, também, aos bibliotecários e curadores da British Library e do National Maritime Museum, em Londres, ao Museu Nacional de Arte Antiga, ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, à Sociedade de Geografia, em Lisboa, à Biblioteca Estense, em Modena, à Biblioteca da Universidade de Heidelberg, à biblioteca da Universidade Complutense de Madri e à Bibliothèque nationale de France.

Massimiliano Durante e Francisco Vilhena pacientemente me ajudaram a desvendar as orações mais complexas do italiano e do português medieval. Angelica von Hase leu o manuscrito e fez muitas sugestões convincentes. Julia Kaltschmidt esteve sempre pronta para dar recomendações durante a longa e às vezes tortuosa jornada que me trouxe a este assunto.

Nos Estados Unidos, meu agente, Henry Dunow, tem sido o melhor amigo possível para um escritor que está tentando encontrar seu caminho em seu segundo livro, e foi um guru quando um conselho sábio era necessário. Meus sinceros agradecimentos a Terry Karten, meu editor na Harper, por sua pronta ajuda e apoio. Obrigado, igualmente, a David Koral, Sarah Odell, Bill Ruoto e ao editor de texto Tom Pitoniak, e também a Nancy Miller.

Enquanto trabalhava neste livro, conheci e me casei com minha esposa. O planejamento de um casamento prejudica os prazos, e os esplendores do coração não combinam com o material às vezes sombrio e invariavelmente masculino. Eu poderia desejar que o assunto em pauta fosse mais romântico, mas a dedicação é por toda uma vida, não para o momento.

# Notas

## PRÓLOGO

**A luz estava sumindo**: Para minhas fontes para a primeira viagem de Vasco da Gama, veja as notas do capítulo 7.
**espanhol quanto em italiano**: Especificamente, os mercadores tunisianos falavam castelhano e genovês; o primeiro evoluiu para o espanhol moderno, enquanto o último ainda é falado na região de Gênova hoje em dia.
**Era Medieval e Idade Moderna**: Os historiadores têm oferecido uma variedade de datas para o final da Idade Média; as duas maiores hipóteses são 1453, o ano da queda de Constantinopla, e 1492, o ano da primeira viagem de Colombo. Se o tema dominante do período medieval é o declínio da Europa e a ascensão do Islã, o tema dominante da era moderna é o surto global do cristianismo ocidental ao poder. Partindo dessa perspectiva, não faz muito sentido iniciar este último com a queda do bastião final do mundo clássico para os otomanos. Colombo só alcançou o continente das Américas em agosto de 1498, e só algumas décadas depois o impacto de suas descobertas tornou-se claro. Vasco da Gama chegou à Índia em maio de 1498, e foi sua realização, eu acredito, que permitiu que a Europa acreditasse que a maré histórica tinha finalmente mudado.

## I. ORIGENS

## 1. ORIENTE E OCIDENTE

**deus dos judeus**: Os judeus rastrearam sua ancestralidade até Isaac, filho de Abraão com sua esposa Sara; os muçulmanos rastrearam até Ismael, o filho de Abraão com a escrava egípcia de Sara, Agar. A tradição árabe diz que Abraão restaurou a Caaba, que foi fundada por Adão e reconstruída por Noé, enquanto ele estava visitando Agar e Ismael, a quem sua esposa ciumenta tinha obrigado que ele enviasse para o exílio.
**"*houris* de olhos negros"**: Dawood, *The Koran*, 2000, p. 497.
**igreja do Santo Sepulcro**: O local foi descoberto pela mãe de Constantino, Helena, que partiu no ano de 325 em uma viagem de busca a relíquias na Terra Santa e desenterrou miraculosamente partes da Cruz Verdadeira na qual se acreditava que Jesus tinha morrido, os pregos que perfuraram suas mãos e seus pés e, de acordo com alguns relatos, a Túnica Santa e a corda com a qual ele foi amarrado à cruz. Algumas das descobertas foram levadas até sua casa, incluindo dois dos pregos, um deles tendo ficado no capacete de Constantino e o outro, em sua rédea; outras ficaram para serem abrigadas na nova igreja. Uma vez que a tradição sustentava que Jesus havia sido crucificado sobre o local exato onde o crânio de Adão estava enterrado, também se acreditou que a igreja englobava o túmulo do primeiro homem. Ver Morris, *The Sepulchre of Christ and the Medieval West*, 2005.
**um céu escurecido**: Os persas saquearam Jerusalém em 614 d.C. Em 70 d.C., os romanos acabaram com um levante judeu em massa queimando o Segundo Templo, arrasando a cidade e massacrando ou descartando a população inteira; desde então os judeus nunca mais foram autorizados a viver na cidade de Davi. Os judeus se aliaram aos persas para saciar 544 anos de vingança, apenas para serem massacrados de novo, quando os romanos marcharam de volta; logo eles se aliariam com mais sucesso aos árabes.
**disputas cristãs agitadas**: O principal ponto da discórdia foi o grau preciso da divindade de Cristo. A posição ortodoxa, construída em uma série de grandes concílios, era que Jesus era ao mesmo tempo totalmente divino e totalmente humano, dois estados distintos unidos em um ser perfeito. Muitos dos súditos do império discordaram. Os arianos negaram a divindade de Jesus, monofisistas negaram sua humanidade, nestorianos declararam que ele era dois seres, um divino e um humano, e outros grupos se fixaram em uma variedade de estados intermediários. Sucessivos imperadores decretaram que um império unido requeria uma fé unificada e acusaram os dissidentes de heresia. Heráclio, o conquistador da Pérsia,

reabriu a questão preocupante em busca de um acordo, mas o credo resultante do monotelismo, que declarou que Jesus tinha duas naturezas, mas apenas uma vontade, não agradou a ninguém e foi rejeitado como herético durante cinco décadas.

**um novo regime**: Séculos mais tarde, os líderes de igrejas orientais independentes que sobreviveram sob o Islã ainda viam os árabes como salvadores. "O Deus da vingança", escreveu um patriarca do século XII da Igreja ortodoxa siríaca, "tendo observado a malícia dos gregos, que cruelmente saqueavam nossas igrejas e mosteiros onde quer que tivessem domínio e nos condenavam sem piedade, trouxe os filhos de Ismael do sul para nos livrar." Michael, o Sírio, citado em O'Shea, *Sea of Faith*, 2006, p. 52.

**"Amaldiçoado seja este mundo"**: A citação é do grande poema épico *Shahnameh*, ou *Livro dos reis*, de Ferdowsi, que foi escrito na virada do primeiro milênio d.C. A melhor tradução é de Dick Davis (2006). A aristocracia persa, embora rapidamente tenha adotado o Islã, por muito tempo acalentou uma animosidade em relação à cultura árabe e uma ligação para com os esplendores da Pérsia pré-islâmica.

**Jerusalém morreria à míngua até se submeter**: A cidade caiu em abril de 637. Segundo a tradição, o sucessor de Maomé, Umar, chegou vestido em trapos e cavalgou através do Portão do Arrependimento montado em um asno branco (ou camelo). Ele perguntou ao patriarca onde o rei Davi tinha orado e foi conduzido ao Monte do Templo, descobrindo que este, durante muito tempo, tinha sido usado como depósito de lixo. Umar arrebanhou alguns cristãos e os colocou para trabalhar limpando o refugo, e em seguida ergueu uma simples casa de madeira de adoração, que mais tarde seria substituída pela mesquita de al-Aqsa (ver capítulo 2).

**sarracenos**: O termo *sarakenoi* ou *saraceni* originalmente se referia aos povos não árabes do norte da Arábia, mas foi posteriormente aplicado aos árabes e, em seguida, a todos os muçulmanos. Sua etimologia não é clara, mas por volta do século IV o historiador Amiano Marcelino observou que o termo era usado para se referir à região de nômades do deserto.

**comandado a partir do alto**: Assim temia o bispo armênio Sebeos; ver Butler, *The Arab Conquest of Egypt*, 1902, p. 152. Dos cinco grandes patriarcados da Igreja, três — Antioquia, Jerusalém e Alexandria — agora operavam sob a tolerância dos governantes islâmicos.

**ferido por uma espada envenenada**: O assassino de Ali estava fanaticamente certo de que a piedade, e não a genealogia, devia ser a única qualificação para o líder do Islã. Sua versão simples e puritana do Islã se tornaria conhecida como kharijismo, e se enraizaria mais firmemente no norte da África. Bolsões sobrevivem até hoje na Arábia e na África.

**dos Omíadas**: Muawiya, o fundador da dinastia, era filho de Abu Sufyan Ibn Harb, um proeminente habitante de Meca que liderou o ataque a Medina que quase aniquilou o Islã. No final dessa mesma batalha, a mãe de Muawiya, Hind, arrancou e comeu o fígado do tio de Maomé, Hamza. A guerra civil também matou o neto de Maomé e deixou a própria Caaba em chamas; a política do poder pragmático venceu dramaticamente a pureza piedosa.

**berberes de olhos azuis**: Os berberes, cujas terras se estendiam do Nilo até o Atlântico, se chamavam *Imazighen*, ou "homens livres". Eles eram mestres da sobrevivência, e suas tribos eram uma mistura eclética de pagãos, judeus e cristãos. A lenda da Profetisa tem sido o foco de muitas disputas secretas; ver Hannoum, *Post-Colonial Memories*, 2001.

**partiu uma montanha em dois**: Diz-se que Geryon vive na ilha da Eritreia, perto da moderna Cádiz. Na versão de Apolodoro, Hércules lançou as duas montanhas para comemorar sua viagem; Diodoro Sículo diz que ele limitou o estreito existente para manter afastados os monstros do Mar Oceano. Plínio, o Velho, na "Introdução" ao livro 3 de sua *História natural*, registra que os habitantes do primeiros século das costas acreditavam que a montanha tinha sido "cavada por [Hércules]; sobre a qual o mar, que antes era excluído, pôde entrar, e assim mudou a feição da natureza". Os Pilares de Hércules ainda se mantêm orgulhosamente no brasão da Espanha; o lema *plus ultra* — "mais além" — ainda os envolve, sugerindo que eles marcam uma entrada, e não um fechamento.

**Velho Homem do Mar**: O personagem mítico, também identificado como o deus do mar Nereu, aparece no décimo primeiro trabalho de Hércules. Nele, Hércules é mandado para pegar as maçãs douradas da imortalidade no jardim das Hespérides, as filhas do titã chamado Atlas, que sustenta os céus sobre seus ombros. Hércules alcança Nereu, que muda de forma, e extrai dele a localização do jardim, e em seguida liberta Prometeu de seu tormento ardente e, em troca, descobre que só Atlas pode buscar as maçãs. Hércules se oferece para suportar a carga de Atlas enquanto ele sai para o jardim; ao regressar, Atlas tenta enganar o herói para que este segure o peso em seus ombros para sempre. Hércules pede a Atlas para segurar os céus, enquanto ele rearranja seu manto, e foge. Em uma variante, Hércules constrói seus pilares para libertar Atlas.

**os marinheiros havia um milênio**: Um ou dois navegadores mais antigos foram bastante ousados. Por volta do ano 500 a.C., o explorador cartaginês Hanno, o Navegador, velejou através dos Pilares de Hércules e, provavelmente, atingiu o rio Senegal; sua jornada é registrada em seu *Periplus*, uma tradução grega do texto em uma tabuleta que Hanno depositou em

um templo. Heródoto menciona brevemente a circum-navegação anterior da África, no sentido horário, por uma frota tripulada por fenícios enviada pelo faraó egípcio Necho II; seu cético relatório de que os fenícios encontraram o sol à sua direita enquanto navegavam em direção a oeste em torno da ponta sul da África empresta o único crédito a uma história para a qual não há nenhuma outra evidência e que é lembrada principalmente por aqueles que postulam uma ligação entre as pirâmides do Egito e as do México.

**os Sete Picos**: A cordilheira de montanhas culmina em Jebel Musa, a Montanha de Moisés que tem quase 3 mil pés de altura e que é a candidata alternativa para o pilar sul de Hércules.

**maldade pecaminosa de seus governantes**: Enquanto o castigo divino para as constantes guerras civis dos godos era visto por meio da derrota, a divina Providência era detectada quando os nobres exilados conseguiam pôr de lado suas diferenças, eleger um governante e encontrar Astúrias, o cerne dos reinos cristãos que acabaria por repelir o Islã. No ano de 722, Pelágio, o primeiro rei das Astúrias, conquistou uma pequena vitória contra os berberes, que foi mais tarde identificada como o início da volta cristã. "Eu não vou me associar aos árabes em amizade", um cronista disse que ele proclamou grandiosamente, "nem vou me submeter à sua autoridade [...] pois nós confiamos na misericórdia do Senhor, que desta pequena colina que você vê, a salvação da Espanha e do exército do povo godo será restaurada." Repetidas reivindicações de continuidade entre a Espanha dos godos e os novos reinos cristãos ajudaram a justificar a guerra contra o Islã como a reconquista da Ibéria por seus governantes legítimos. Ver O'Callaghan, *Reconquest and Crusade*, 2003, p. 5-6.

**exércitos árabes colossais cercaram Constantinopla**: Os cercos ocorreram entre os anos 674-678 e 717-718. Em 717, entre 80 mil e 120 mil tropas marcharam sobre Constantinopla; 1,8 mil galeras de guerra atacaram por mar. A fome, as temperaturas congelantes e as doenças dizimaram o exército de terra; o fogo grego destruiu grande parte da frota, e seus restos foram aniquilados por uma tempestade singular.

**naquele dia de 732**: A tradição ocidental concedeu à Batalha de Poitiers um significado que se perdeu com os escritores árabes e está perdido também nos historiadores revisionistas. Nas histórias da fundação da Europa, porém, Poitiers tornou-se primordial. No capítulo 52 de *The Decline and Fall of the Roman Empire*, Edward Gibbon supôs — e ficou famoso por isso — que se a batalha tivesse ido para o outro lado, "talvez a interpretação do Alcorão hoje seria ensinada nas escolas de Oxford, e seus púlpitos poderiam demonstrar a um povo circuncidado a santidade e a verdade da revelação de Maomé". Ver Mercier e Seguin, *Charles Martel et la Bataille de Poitiers*, 1944; Roy e Deviosse, *La Bataille de Poitiers*, 1966.

**o Martelo**: Carlos Martel foi o maior de uma extensa linhagem de prefeitos de palácio que, entre os séculos VII e VIII, eram o verdadeiro poder por trás do trono dos reis francos merovíngios. Martel, filho bastardo do prefeito do palácio, Pepino de Heristal, com força e rapidez se impôs em meio ao caos habitual que se seguiu à morte de Pepino e uniu grande parte da atual França, da Alemanha ocidental e dos Países Baixos sob seu domínio. Em 751, seu filho, também chamado Pepino, finalmente alcançou o trono com o apoio do papa.

**táticas árabes**: A manobra árabe conhecida como *karr wa farr* — "ataque e retirada" — era impraticável para os soldados da Europa, que usavam capacetes, armaduras e escudos pesados. Ver Kennedy, *The Armies of the Caliphs*, 2001; e Nicolle, *Armies of the Muslim Conquest*, 1993.

**lutas rancorosas de poder**: Em 807, o governador de Toledo convidou centenas de rebeldes proeminentes para uma festa em seu palácio, decapitou-os e jogou seus corpos em uma cova; o evento macabro ficou conhecido como "La Jornada del Foso", ou o Dia do Fosso.

**o resgate de um rei**: Mayeul, o abade de Cluny, foi sequestrado em 972.

**"uma prancha dentro da água"**: Ibn Khordabeh, *Book of Routes*, citado em Turner, *Spice*, 2004, p. 96.

**o termo *europenses* — "europeus"**: Em *Crônica de 754*. A confiabilidade do texto foi contestada, e alguns medievalistas datam o termo ao final da Idade Média.

**Augusto, imperador dos romanos**: O papado obteve sua soberania sobre os governantes seculares das antigas terras ocidentais do Império romano a partir de um documento chamado Doação de Constantino, que foi supostamente escrito no século IV, visto pela primeira vez no século VIII e provou-se ser uma falsificação no século XV.

**cisma com a Igreja ortodoxa**: Mesmo na Europa ocidental, dissidentes repudiaram os sucessores de São Pedro muito antes que a Reforma Protestante dividisse a sociedade em duas. Entre os mais determinados e mais infelizes estavam os puritanos cátaros do sul da França, que sustentavam que o mundo material era mau e romperam com a opulenta e corrupta Roma; a heresia acabou sendo punida, à custa de 1 milhão de mortos.

**Povos do Livro**: O Alcorão nomeia os sabeus como o terceiro Povo do Livro; estudiosos islâmicos mais tarde adicionaram os zoroastristas e os hindus.

**"com selas de madeira"**: Hitti, *History of Syria*, 1951, p. 543. O califa era Mutawwakil. Mesmo sob regimes menos

mesquinhos, aos *dhimmi* era proibido construir novos lugares de adoração e ocasionalmente restaurar os antigos; os sinos da igreja tinham que ser abafados e o proselitismo era um crime capital.

**ministro do Exterior não oficial, mas muito poderoso**: Hasdai ibn Shaprut começou como médico pessoal de Abd al-Rahman III; ir de médico a ministro era uma clássica jornada profissional para os ambiciosos homens medievais.

**judeus sefardis**: Muitos dos judeus da Ibéria tinham migrado para lá depois do saque de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C. Os godos os haviam perseguido energicamente; no final do século VII, paranoicos de que os judeus estivessem conspirando para derrubá-los, eles tomaram suas propriedades e distribuíram-nas entre seus escravos, e então escravizaram os judeus sefardis e os proibiram de praticar sua religião.

**os cristãos aderiram alegremente à cultura árabe**: Paulo Álvaro, um judeu convertido ao cristianismo, lançou um grande lamento queixoso de que a flexível e sofisticada língua árabe tinha seduzido seus correligionários: "Os cristãos adoram ler os poemas e romances dos árabes; eles estudam os teólogos e filósofos árabes, não para refutá-los, mas para obter um árabe correto e elegante. Onde está o leigo que agora lê os comentários latinos sobre as Sagradas Escrituras, ou que estuda os Evangelhos, profetas ou apóstolos? Ai de mim! Todos os jovens cristãos talentosos leem e estudam com entusiasmo os livros árabes; reúnem imensas bibliotecas com grandes despesas; desprezam a literatura cristã como indigna de atenção. Eles esqueceram a sua língua. Para cada um que pode escrever uma carta em latim para um amigo, há mil que podem se expressar em árabe com elegância, e escrevem poemas melhor neste idioma do que os próprios árabes o fazem". Citado em Tolan, *Saracens*, 2002, p. 86.

**deflorar a Virgem Maria**: Eulógio acabou sendo preso por abrigar uma menina muçulmana que se converteu ao cristianismo. Em seu julgamento ele se ofereceu para iniciar o juiz na religião cristã, e então fez uma palestra sobre os múltiplos erros do Islã. O juiz ergueu suas mãos e enviou o prisioneiro ao conselho dirigente, que ouviu um sermão sobre as glórias do Evangelho. Os companheiros muçulmanos do teimoso monge admiraram-no como estudioso e como homem e imploraram-lhe que parasse sua missão insana de autodestruição, mas ele começou de novo e foi decapitado. Ver Tolan, *Saracens*, 2002, p. 93; Constable, *Medieval Iberia*, 1997, p. 51-55.

**indivíduos com percepções e desejos próprios**: O despertar é preservado na poesia e na música da época. Ver Cole, *The Dream of the Poem*, 2007; Jayyusi, "Andalusi Poetry", 1992, p. 317-366.

**novas culturas vindas do Oriente**: Entre elas estavam limões, limas, toranjas, figos, romãs, melancias, damascos, amêndoas, açafrões, espinafres, alcachofras, berinjelas, algodão, arroz, cana-de-açúcar, amoreiras, plantas de hena e palmeiras. Ver Constable, "Muslim Merchants in Andalusi International Trade", 1992, p. 759-773; Fletcher, *Moorish Spain*, 1992, p. 62-64.

**"ornamento brilhante do mundo"**: María Rosa Menocal adota o famoso dito como título de seu livro sobre a cultura da convivência. A freira era Rosvita de Gandersheim.

**52 batalhas**: Ou perto disso; 52 é o número dado pelo pioneiro historiador norte-africano Ibn Khaldun no século XIV. Al-Mansur deveu seu progresso inicial a uma incumbência do então chanceler para matar o tio do herdeiro ao trono, garantindo assim a ascensão do delicado menino e a influência do chanceler.

**orgias fratricidas**: Um rei, Sancho de Leão, foi empurrado de um penhasco por sua irmã para abrir o caminho para o irmão deles (e possivelmente amante dela), Afonso, o Bravo, o futuro conquistador de Toledo.

**uma guerra de libertação religiosa**: No final do século XI, os 27 de Aragão e Navarra declararam que suas conquistas foram destinadas "à recuperação e ampliação da Igreja de Cristo, à destruição dos pagãos, dos inimigos de Cristo [...] de modo que o reino [...] pudesse ser libertado para a honra e serviço de Cristo; e que uma vez que o povo desse rito incrédulo fosse expulso e a imundície de seus erros ímpios fosse eliminada, a venerável Igreja de Jesus Cristo, Nosso Senhor, lá poderia ser adotada para sempre". O'Callaghan, *Reconquest and Crusade*, 2003, p. 8. Não é preciso dizer que os reis da Reconquista estavam famintos por terras e pilhagens; porém, numa época em que a fé definia a vida, é muito fácil ler tais afirmações como pose, como oportunismo envolto em hábito sagrado.

**um campo espanhol**: Sustentou-se que o campo — *Campus stellae* ou "Campo da estrela" — mais tarde teria emprestado seu nome a Santiago de Compostela, a cidade que cresceu ao redor do suposto túmulo. Em 997, Almanzor atacou e incendiou Santiago e carregou os sinos de sua igreja para que fossem derretidos para fazer lâmpadas para a Mesquita de Córdoba; mais do que qualquer coisa, suas ações fizeram de São Tiago o grito de guerra da Reconquista, e de Santiago, um ímã para peregrinos internacionais. Quando a Reconquista chegou a Córdoba, as lâmpadas voltaram para casa.

**El Cid**: O verdadeiro nome do campeão era Rodrigo Diaz; El Cid era a versão em espanhol do honorífico árabe *al-sayyid*, ou "o senhor", que lhe foi dado por suas tropas muçulmanas.

**uma sinagoga desenhada por arquitetos muçulmanos**: A sinagoga acabou sendo invadida por uma turba cristã e foi

transformada na igreja de Santa Maria la Blanca. O turbilhão de cidades-Estados concorrentes e culturas mescladas desencadeado pela dissolução de al-Andalus tem sido comparado à Renascença italiana; ver Menocal, *The Ornament of the World*, 2002, p. 40-41, 144.

**moda e canções**: Entre as figuras de al-Andalus mais influentes culturalmente estava um cantor de Bagdá chamado Ziryab, que ditou moda e maneiras na Espanha islâmica e trouxe seu repertório de 10 mil canções de amor, perda e saudade para o Ocidente. Quando atravessaram os Pirineus nas bocas das meninas cantoras *qiyan* capturadas, as canções árabes chegaram aos ouvidos dos trovadores franceses, influenciando fortemente a música e a literatura europeias, e podem ter inspirado o conceito de amor cortês. Fletcher, *Moorish Spain*, 1992, p. 43-45; Menocal, *The Ornament of the World*, 2002, p. 123.

**ajuda de fora**: O convite para os almorávidas foi estendido por Muhammad ibn Abbad al-Mutamid, o emir de Sevilha, que observou, após Toledo cair sob o poderio de Afonso, o Bravo, que ele "preferiria ser um condutor de camelos na África a um guardador de porcos em Castela". Fletcher, *Moorish Spain*, 1992, p. 111.

**Os almôades**: Os novos governantes não erradicaram inteiramente al-Andalus de seus arraigados hábitos de aprendizagem. Ibn Rushd, conhecido no Ocidente como Averróis, era o principal juiz de Sevilha antes de os almôades enviarem-no para a capital de Marrocos, Marrakech, como médico real. Seus comentários sobre Aristóteles, que insistia que a ciência era superior à religião — uma vez que Deus tinha criado um universo lógico que poderia ser divinizado pela aplicação da razão —, foram traduzidos em Toledo e estimularam o desenvolvimento da escolástica, o movimento filosófico e teológico dominante na Europa medieval. As crenças racionalistas de Averróis encontraram um apoio improvável no califa almôade Abu Yaqub Yusuf e foram consagradas no Credo Almôada de 1183, mas como a intolerância religiosa aumentava, o filósofo foi enviado para o exílio e seus livros foram queimados. O contemporâneo de Averróis, Musa ibn Maymun, conhecido no Ocidente como Maimônides, representa o fim dessa convivência. Sendo herdeiro de uma longa linhagem de judeus de Córdoba arabizados, ele escapou da perseguição dos almôades mudando-se para o Egito, onde se tornou outro médico real, apenas para burlar mais pogroms contra judeus. Ele virou as costas para seu passado, repudiou (em árabe) a cooperação entre judeus e muçulmanos como sendo um desastre e previu o eclipse do Islã. No entanto, seu aprendizado em al-Andalus preparou-o para escrever a mais influente de todas as obras em árabe que tentaram conciliar a lógica aristotélica com a religião, o *Guia dos perplexos*, bem como livros de medicina que ainda eram muito utilizados na Renascença. O impacto intelectual da Ibéria muçulmana foi sentido na Europa muito tempo após seu eclipse.

**mistérios do Islã**: A primeira tradução latina do Alcorão foi feita em 1143.

**marcharam em direção ao sul através da Espanha**: A principal batalha de Las Navas de Tolosa foi travada em 1212 em uma planície no sopé leste da Sierra Morena, a cordilheira que separa Andaluzia de La Mancha. De acordo com vários relatos contemporâneos, todo o exército espanhol ficou preso em um planalto e só foi salvo da catástrofe quando um pastor mostrou-lhes um aprisco que levava até o acampamento muçulmano. Da maneira usual, revelou-se mais tarde que o pastor teria sido ninguém menos que um santo, morto havia muito tempo, disfarçado.

## 2. A TERRA SAGRADA

**papa Urbano** II: Ironicamente, o papa que inspirou vastos exércitos a marcharem para o Oriente mal era capaz de entrar em Roma. Lá havia sido abrigado um papa rival, instalado pelo sagrado imperador romano Henrique IV, que tinha se envolvido em uma luta infame com Gregório VII, predecessor de Urbano, para ver qual dos dois exerceria o poder supremo. Durante anos, Urbano vagou pela Itália como um exilado, dependente da caridade e cheio de dívidas; nas poucas ocasiões em que chegou a Roma, foi obrigado a se isolar em uma ilha no rio Tibre, escondendo-se em uma fortaleza leal ou excomungando impotentemente seu rival de fora dos muros, enquanto aqueles que o apoiavam lutavam batalhas com as tropas do assim chamado antipapa. A posição de Urbano ainda era precária em 1095, e a espinha dorsal do exército cruzado veio de sua terra natal, no norte da França.

**excomungado o patriarca**: O patriarca devolveu a gentileza e excomungou os núncios. Apesar das dúvidas sobre a legalidade dos decretos, os laços desgastados havia muito entre a Igreja ortodoxa oriental e a Igreja católica romana tinham finalmente rompido e nunca seriam restaurados.

**expulsara os califas omíadas**: Os abássidas derrotaram os omíadas no ano de 750 e transferiram sua capital para Bagdá em 762. Entre os poucos sobreviventes do banquete sangrento estava um jovem príncipe chamado Abd al-Rahman, que fugiu dos caçadores de recompensa indo para a Espanha, onde restabeleceu os omíadas como a dinastia reinante de al-Andalus.

**uma embaixada de Constantinopla**: O espetáculo é contado pelo historiador do século XI al-Khatib al-Baghdadi; ver Kennedy, *The Court of the Caliphs*, 2004, p. 153.

**uma seita xiita**: A seita é a dos ismaelitas, que seguem a linha legítima dos sucessores de Maomé por meio de um imame chamado Ismail ibn Jafar. Um missionário de Bagdá levou seus ensinamentos para a Tunísia e, no ano de 909, fez um levante com a população local para derrubar o governante, em favor de um autoproclamado descendente do Profeta por intermédio de Fátima, Ali e Ismael. Em 969 os fatímidas conquistaram o Egito, que tinha sido governado durante 22 anos por um eunuco e ex-escravo chamado Abu al-Misk Kafur (Cânfora Almiscarada). Uma história conta que o novo governante, o califa al-Muizz, respondeu a estudiosos religiosos que duvidaram de sua linhagem puxando sua espada e jogando moedas de ouro no chão: "Aqui está a minha linhagem", ele retrucou.

**poder persa reviveu durante um tempo**: O Império samânida durou a maior parte dos séculos IX e X; Bukhara, sua capital, rivalizava com Bagdá como centro cultural. O primeiro entre seus expoentes era o filósofo e médico Ibn Sina, que durante muito tempo foi reverenciado no Ocidente com o nome de Avicena; sua *al-Qanun* ("O Cânone"), uma enciclopédia vasta de conhecimento médico grego e árabe, foi um texto básico nas escolas médicas europeias e asiáticas, avançando bastante pela era moderna.

**eles esmagariam seus exércitos**: Na Batalha de Manzikert em 1071. Para completar a humilhação, o vitorioso sultão Alp Aslan matou o imperador derrotado Diógenes Romano IV com bondade, cobrindo-o de presentes e o mandando de volta para sua terra natal, onde seus inimigos de casa furaram seus olhos. Enquanto Constantinopla preocupava-se com novas guerras civis, os turcos marchavam virtualmente sem oposição na grande península Anatoliana — a grande província da Ásia Menor romana, que atualmente são as terras asiáticas da Turquia. Num instante, o império foi reduzido à sua capital e a partes esparsas e vulneráveis do interior.

**Rumores escandalosos**: Uma carta bastante incendiária foi supostamente encaminhada ao conde Roberto de Flandres pelo imperador bizantino Aleixo I Comneno. Além de detalhar todas as profanações das igrejas, alegava que os turcos faziam fila para violar virgens enquanto faziam suas mães assistirem e cantarem canções obscenas, e sodomizavam homens de todas as idades, incluindo clérigos, monges e até mesmo bispos. A carta, que é escrita de forma lúgubre e concisa, pode ser apócrifa ou uma falsificação posterior com base em material real; de qualquer forma, as acusações dão uma visão assustadora do negrume de onde a inimizade entre cristãos e muçulmanos surgiu. Ver Holt e Muldoon, *Competing Voices from the Crusades*, 2008, p. 9.

**"têm destruído completamente"**: Roberto, o Monge, citado em Madden, *The New Concise History of Crusades*, 2005, p. 8-9. Não há um relato literal do discurso de Urbano II; a versão de Roberto foi escrita vinte anos depois do evento, e seu catálogo de depravações muçulmanas pode ter tido a intenção de validar retroativamente a Primeira Cruzada.

**uma nova direção**: Jerusalém: Roberto, o Monge, relatou que o foco de Urbano II estava em Jerusalém. No relato de Fulcher de Chartres, que estava presente em Clermont, o papa, em vez disso, salienta a necessidade de defender Constantinopla contra os turcos, que avançavam rapidamente. Em sua própria carta aos cruzados, escrita pouco depois do Concílio, Urbano II fala sobre os ultrajes dos muçulmanos que tinham tomado "a cidade santa de Cristo", mas não pede abertamente por sua libertação. No entanto, esta era provavelmente sua esperança. Peters, *The First Crusade*, 1971, p. 16, 30-31.

**um governante egípcio**: O califa fatímida al-Hakim, que então controlava Jerusalém, lançou um amplo programa para destruir igrejas cristãs no Egito e na Palestina. Seu herdeiro e filho mais tolerante permitiu que Constantinopla o subornasse para concordar com a reconstrução do santuário. Os fatímidas perderam Jerusalém para os turcos em 1073, mas recapturaram a cidade em 1098, um ano antes de os cruzados chegarem.

**"e não cessa"**: Roberto, o Monge, citado em Peters, *The First Crusade*, 1971, p. 4.

**"É assim"**: Ibidem, p. 3-4.

**"trabalhos maravilhosos"**: Raymond de Aguilers, citado em Asbridge, *The First Crusade*, 2004, p. 316. A estimativa de 100 mil mortos era bastante superior à população de Jerusalém na época, que totalizava provavelmente cerca de 30 mil.

**"arrancando crianças"**: Alberto de Aachen, ibidem, p. 317.

**"engolido"**: Fulcher de Chartres, ibidem, p. 318.

**na mesquita de al-Aqsa**: O nome significa "a mais distante mesquita". Um edifício de pedra imponente no extremo sul do Monte do Templo foi construído bem depois do tempo de Maomé, mas tornou-se popularmente identificado como o destino terreno da Jornada Noturna do Profeta. Já não havendo mais muçulmanos em Jerusalém para explicar essa história, os cruzados decidiram que ele deveria ser o primeiro templo judeu construído pelo rei Salomão. Não havia também mais judeus

para lembrar que o rei babilônico Nabucodonosor tinha destruído o Templo de Salomão cerca de dezesseis séculos antes de os cruzados chegarem. Os primeiros reis cruzados usaram inocentemente a mesquita como seu palácio, dando-o depois a uma nova fraternidade de cavalheiros conhecida como a Ordem dos Pobres Companheiros de Cristo. A partir da história dos hebreus, a qual eles imaginavam estar enterrada sob o piso islâmico em seus pés cristãos, os pobres companheiros de Cristo se tornaram conhecidos como os Cavaleiros Templários.

**uma rocha próxima**: A rocha está localizada sob o Domo da Rocha, o santuário muçulmano construído no final do século VII em uma tentativa totalmente bem-sucedida de superar as estruturas religiosas da cidade rival. Na crença judaica, a pedra da fundação — a partir da qual a Terra foi formada — é o altar onde Abraão ofereceu-se para sacrificar seu filho e o local de repouso da Arca da Aliança, embora todos os três locais sejam fortemente contestados. Em 2000, o então líder da oposição em Israel, Ariel Sharon, fez uma caminhada no Monte do Templo, o que provocou uma intifada de seis anos; assim, os religiosos de Jerusalém continuam a se acumular.

**mergulhados em sangue, até os tornozelos, joelhos ou rédeas:** Enquanto os escritores muçulmanos exageraram o número de mortos para levar à indignação os sentimentos de seus correligionários, os escritores cristãos exageraram o número para demonstrar seu orgulho na realização da obra de Deus. Fulcher de Chartres, que estava em Jerusalém cinco meses após a conquista, diz que cerca de 10 mil foram mortos só no "Templo de Salomão"; o historiador muçulmano Ali ibn al-Athir aumenta esse número para 70 mil. Nenhum desses números deve ser tomado literalmente; a frase de Raymond de Aguilers sobre o sangue chegando até as rédeas dos cavalos foi retirada do livro da Revelação.

**"em pilhas tão grandes quanto casas"**: O anônimo *Gesta Francorum* ("Os feitos dos Francos"), citado em Asbridge, *The First Crusade*, 2004, p. 320.

**um monge extasiado**: Roberto, o Monge. Alguns cristãos fundamentalistas agora acreditam que Israel é aquele Estado precursor.

**galopavam em silenciosa e cerrada formação**: Sobre a impressão que os Templários causaram no campo de batalha, ver o relato anônimo de um peregrino conhecido como *Tractatus de locis et statu Sanctae terrae* ("Trato sobre os lugares e estado da Terra Santa"), citado em Nicholson, *The Knights Templar*, 2001, p. 67-68.

**Os templários e os hospitalários viviam como monges**: Aos Templários não era autorizado que tivessem posses, e ainda tinham que jurar castidade. Um manual de regras assustadoramente detalhado definia todos os seus movimentos; até mesmo as transgressões menores significavam um ano de chicotadas e de comer no chão. O manual de regras chegou a ter 686 cláusulas. Ver Barber, *The New Knighthood*, 1994, p. 182, 219-221.

**uma seita renegada de fanáticos shia**: Os assassinos eram um bando radical de ismaelitas que ficaram frustrados com o fracasso do fatímidas egípcios em impor o xiismo na *ummah*. O resultado de sua campanha de terror foi o descrédito de todo o movimento xiita. "Derramar o sangue de um herege [muçulmano]", escreveu um assassino acólito, "é mais meritório do que matar setenta infiéis gregos." Citado em Lewis, *The Assassins*, 1967, p. 48.

**outra derrota devastadora sobre Constantinopla**: Na Batalha de Miriocéfalo. A causa dos cristãos não foi ajudada em nada quando, seis anos mais tarde, o imperador não se envolveu enquanto as multidões ortodoxas massacraram milhares de católicos que viviam em Constantinopla e arrastaram a cabeça decepada do representante do papa pelas ruas amarrada à cauda de um cão, um evento que em parte motivou o caos da Quarta Cruzada.

**"de maneira a libertar a Terra de qualquer um que não acredite em Deus"**: Palavras de Saladino foram registradas por seu partidário e biógrafo Baha ad-Din; citado em Gabrieli, *Arab Historians of the Crusades*, 1984, p. 101.

**as tropas muçulmanas, revigoradas, esmagaram-nos em horas**: De acordo com os ferozes padrões de sua época, Saladino era a magnanimidade em si. Os soldados de infantaria foram vendidos como escravos e os nobres foram retidos como reféns. Os temidos monges-guerreiros Hospitalários e Templários não tiveram tanta sorte. Entre seus inimigos muçulmanos, eles tinham fama de ser mais demônios do que homens; clérigos se enfileiravam para decapitá-los um a um enquanto Saladino observava tudo com uma expressão cheia de alegria, registrou seu secretário Imad ad-Din. Ver Barber, *The New Knighthood*, 1994, p. 64.

**cosmopolita Sicília**: No século XI, dois irmãos normandos chamados Roger e Robert Guiscard arrancaram a Sicília de seus governantes muçulmanos, que, por sua vez, tinham-na tomado de Constantinopla. Os normandos eram os descendentes dos vikings, ou nórdicos, e, muito tempo depois de eles se converterem ao cristianismo, onde quer que houvesse uma guerra, havia a certeza de que era empreendida pelos normandos. No entanto, os guerreiros peripatéticos rapidamente se adaptaram a suas novas casas, sendo especialmente seduzidos pela sofisticada Sicília. Seu governo foi posto nas mãos capazes de uma meritocracia de judeus, muçulmanos e cristãos, e a liberdade religiosa floresceu. Viajantes muçulmanos foram surpreendidos pela recepção entusiástica que receberam na Palermo cristã, onde as mulheres iam à missa em uma nuvem oriental de

vestes de seda, véus coloridos, chinelos dourados e tatuagens de hena, e ficaram ainda mais surpresos ao descobrirem que alguns normandos falavam um árabe decente.

**"Raiva e tristeza estão assentadas tão firmemente no meu coração"**: Citado em Howarth, *The Knights Templar*, 1982, p. 223.

**morte de seu Grande Khan**: O Khan, então, era Ogedei, terceiro filho de Genghis Khan e seu primeiro sucessor.

**"A situação delas chegou ao ponto da aniquilação"**: Citado em Dols, *The Black Death in the Middle East*, 1977, p. 67. Enquanto os cristãos viam a praga como um castigo de Deus pelos pecados da humanidade, os muçulmanos lidavam com o desastre interpretando-o como uma oferta de Deus de martírio para os fiéis. Essa crença foi abalada, embora não destruída, quando a peste atingiu Meca, apesar da previsão de Maomé de que nenhuma doença chegaria a ela ou a Medina.

**Concílio de Constança**: Os números e as profissões dos participantes são dados em Brotton, *The Renaissance Bazaar*, 2002, p. 96. O concílio, que aconteceu entre 1414 e 1418, determinou que todos os homens, incluindo o próprio papa, tinham o dever de obedecer às suas decisões, e nomeou Martin V como o primeiro papa inconteste em quase um século.

**um canteiro de obras sem fim**: "Casas ficaram em ruínas, igrejas desmoronaram, bairros inteiros estão abandonados; e a cidade está negligenciada e oprimida pela fome e pela pobreza", lamentou o novo papa. Habitantes de Roma, acrescentou, "têm jogado e escondido ilicitamente entranhas, vísceras, cabeças, pés, ossos, sangue e pele, além de carne e peixe podres, refugos, excrementos e cadáveres fétidos, já apodrecendo, nas ruas [...] e têm ousado, corajosa e sacrilegamente, usurpar, arruinar e reduzir ao seu próprio uso ruas, becos, praças, locais públicos e privados, tanto eclesiásticos quanto profanos". Desde o início, a nova Roma foi planejada de modo a representar e reforçar a glória da Igreja revivida; a fé do povo, disse o papa Nicolau V, seria "continuamente confirmada e diariamente corroborada por grandes construções" que eram "aparentemente feitas pelas mãos de Deus". Duffy, *Saints and Sinners*, 2006, p. 193; Brotton, *The Renaissance Bazaar*, 2002, p. 106.

**"Perdemos o dia"**: Tuchman, *A Distant Mirror*, 1978, p. 561.

## 3. UMA GUERRA EM FAMÍLIA

**cruzados do norte da Europa**: Em 1147, embarcações cheias de cavaleiros ingleses, escoceses, flamengos, alemães e normandos a caminho da Segunda Cruzada pararam na cidade portuária do Porto em busca de provisões. O Porto tinha crescido em torno de um antigo posto romano chamado Portus Cale, que havia sido retomado dos berberes no século IX; à medida que o pequeno Estado heterogêneo se expandia, o nome Portus Cale evoluiu para Portugal. Os cruzados foram seduzidos com histórias mentirosas sobre um magnífico tesouro para reforçar o exército que estava sitiando Lisboa, e por quatro ardentes meses eles bombardearam a cidadela. Finalmente, os ingleses construíram uma série de torres de cerco, romperam as muralhas e começaram o saque de forma resoluta. Na primavera de 1189, mais cruzados saquearam o Algarve, onde massacraram 6 mil muçulmanos e sitiaram brutalmente a cidade de Silves. Com a conquista final do Algarve em 1249, Portugal se tornou o primeiro Estado-nação europeu a fixar suas fronteiras.

**um cronista real**: Duarte Galvão, *Crónica de D. Afonso Henriques*, citado em Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 162.

**derrotou os agressores**: Na Batalha de Aljubarrota. A vitória veio à custa da morte ou dispersão da maior parte da velha nobreza que estava do lado de Castela; João I confiscou suas terras e criou uma nova nobreza entre seus apoiadores.

**Os ingleses e os portugueses tinham sido aliados**: Após o cerco de Lisboa, alguns cavaleiros ingleses permaneceram na cidade; um deles, Gilberto de Hastings, foi empossado como primeiro bispo de Lisboa. Soldados ingleses lutaram ao lado de João em Aljubarrota, e no ano seguinte à batalha João I assinou o Tratado de Windsor, consagrando entre os reis portugueses e ingleses "seus herdeiros e sucessores, e entre os súditos de ambos os reinos uma verdadeira liga de amizade, aliança e união inviolável, eterna, sólida e perpétua". O tratado é a mais antiga aliança existente entre nações europeias. Livermore, *A New History of Portugal*, 1976, p. 67.

**Filipa chegou a Portugal**: A história cativante de Filipa é contada em Roche, *Philippa*, 1971.

**"pequenos olhos azuis de inglesa"**: Ibidem, p. 57.

**A perspectiva de uma *entrée* tão adulada**: A autoridade principal no planejamento e na execução da Cruzada contra Ceuta é o cronista português Gomes Eanes de Zurara. Seu relato era originalmente um apêndice da crônica do rei João I feita por Fernão Lopes, predecessor de Zurara como cronista da corte. Uma recente edição portuguesa é *Crónica da tomada*

*de Ceuta*, de Gomes Eanes de Zurara (1992). Há uma tradução resumida, *Conquests and Discoveries of Henry, the Navigator* (Zurara, 1936).

**"grandes façanhas"**: Zurara, *Conquests and Discoveries*, 1936, p. 33.

**"exercício excelente de armas"**: Carta de Duarte I, citada em Russell, *Prince Henry*, 2000, p. 40.

**várias vezes havia concedido bulas de Cruzada**: As bulas foram emitidas pelos papas romanos, a quem os portugueses, juntamente com os ingleses, tinham apoiado contra os reclamantes franceses. A primeira bula data de 1341 e foi renovada em 1345, 1355, 1375 e 1377.

**"vou fazer um pedido"**: Zurara, *Conquests and Discoveries*, 1936, p. 52-53.

**"Vamos lá, anciãos!"**: Ibidem, p. 57. Nos bastidores, o concílio não foi unânime em seu apoio ao plano; muitos jovens nobres ainda queriam renovar a guerra com Castela. A alegação de Zurara de que homens de noventa anos faziam fila para participar deve ser interpretada de forma poética como expressão de que as vozes mais sábias da nação estavam por trás da Cruzada.

**comerciantes italianos e marinheiros**: Os genoveses, que foram obrigados a buscar novas oportunidades mercantis quando Veneza monopolizou o comércio de bens asiáticos luxuosos, eram o grupo dominante. Em 1317, um genovês foi nomeado o primeiro-almirante de Portugal.

**uma parte desastrosa do disparate cavalheiresco**: Décadas mais tarde, credores ainda tentavam recuperar as grandes somas que haviam emprestado à coroa. Ver Russell, *Prince Henry*, 2000, p. 44.

**"Eu não sei"**: Zurara, *Conquests and Discoveries*, 1936, p. 66-67.

**o exército montado contava com mais de 19 mil homens**: Os números foram dados por um espião a serviço de Fernando I de Aragão; Russell, *Prince Henry*, 2000, p. 31. Outras estimativas chegaram a 50 mil homens.

**O confessor do rei**: Como observa Peter Russell, o sacerdote deu bastante importância à culpa de João I em ter derramado muito sangue cristão durante as guerras contra Castela; para aliviar sua consciência, ele explicou, o rei estava determinado a derramar uma quantidade equivalente de sangue infiel. "Presumivelmente", comenta Russell, "ninguém na comitiva real achou estranho que o desconforto moral de João fosse amenizado à custa de seu povo e de mais derramamento de sangue deste". Ibidem, p. 46.

**a bula papal**: O papa com quem João I conseguiu a bula foi João XXIII, o segundo da linha de pontífices de Pisa, eleito em oposição aos papas franceses e romanos. Tendo sido acusado ritualmente de pirataria, assassinato, estupro, simonia e incesto, João XXIII foi deposto no Concílio de Constança em maio de 1415 e declarado um antipapa, dois meses antes de partir a Cruzada que ele tinha endossado.

**O velho governador**: Salah ben Salah, governador de Ceuta, era o senhor de uma série de cidades próximas e veio de uma proeminente família navegadora africana.

**a cidade estaria aos seus pés**: Nesse ponto, Zurara fez com que uma multidão de jovens marroquinos fosse procurar o governador de Ceuta e sugerisse como apreender a frota inimiga, colher uma grande vitória e conseguir uma rica recompensa. Os cristãos estavam carregados de armaduras pesadas, eles supostamente explicaram; tudo o que se fazia necessário era encontrá-los nas praias e derrubá-los, e eles então seriam incapazes de se levantar. Se o governador deu ou não tal conselho sábio — é difícil conceber como Zurara pode ter conseguido saber disso —, ele estava consciente de suas forças esgotadas e decidiu que sua melhor chance era evitar que os portugueses entrassem na cidade. Muitas de suas tropas deixaram suas posições defensivas e enxamearam em direção às praias, com resultados desastrosos.

**"E a vós, Senhor"**: Zurara, *Conquests and Discoveries*, 1936, p. 98.

**"negro como um corvo"**: Ibidem, p. 99.

**"Nossas casas pobres parecem pocilgas"**: Citado em Boxer, *The Portuguese Seaborne Empire*, 1969, p. 13.

**"não se preocupam com tais coisas"**: Ibidem.

**Destruíram a cisterna com o povo da cidade dentro**: Fernandes, *Description de la Côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal*, 1938, p. 18-19. A enorme cisterna estava cheia pelas nascentes da cidade; os navios que queriam se reabastecer de água a partir desta cisterna pagavam muito bem por este privilégio.

**tão esperada invasão da França**: Malyn Newitt nota a coincidência em *A History of Portuguese Overseas Expansion* (2005, p. 19).

## 4. O MAR OCEANO

**a lenda cuidadosamente cultivada**: A imagem de Henrique como um solitário homem de ciência que fundou uma inovadora escola de navegação remonta às crônicas portuguesas do século XVI; escritas no auge do império, elas inevitavelmente romantizaram o seu fundador. A lenda foi consagrada na biografia oitocentista de R. H. Major, *Prince Henry of Portugal, Surnamed the Navigator*, e se mostrou difícil de ser modificada. Ver Peter Russell, *Prince Henry*, 2000, p. 6-7.

**"um grande jardim"**: Crone, *The Voyages of Cadamosto*, 1937, p. 10.

**O Templo em Londres**: Os templos nem sempre eram tão seguros quanto sua reputação sustentava. Em 1263, o futuro Eduardo I da Inglaterra, que estava sem dinheiro, assim como seu pai Henrique III e o restante da família real, foi admitido no Templo de Londres, sob o pretexto de olhar as joias da coroa; em vez disso, ele usou um martelo em uma série de baús e levou uma grande quantidade de dinheiro de outras pessoas. Ver Nicholson, *The Knights Templar*, 2001, p. 163.

**Felipe, o Belo**: As ordens de prisão foram emitidas na sexta-feira, dia 13 de outubro de 1307; uma bula papal datada de novembro daquele ano ordenava que cada governante cristão na Europa a seguisse. O papa tinha outras ideias, e convocou um tribunal que absolveu os Templários em todas as instâncias, mas sob a renovada pressão francesa e com base no fato de que a ordem tinha sido manchada pelo escândalo que Felipe instigara, elas foram dissolvidas por uma bula de 1312.

**povoando grandes extensões de terras recém-apreendidas**: Em 1131, o rei Alfonso I de Aragão tentou deixar todo o seu reino aos Templários, aos Hospitalários e aos monges do Santo Sepulcro. Seu irmão Ramiro saiu às pressas do mosteiro, tornou-se pai de uma menina e casou-a com o conde de Barcelona, que assumiu como governador de Aragão. Ramiro se retirou para sua cela de monge e os Templários foram compensados com vastas terras e rendimentos.

**Ordem de Cristo**: Na época de Henrique, a Ordem dos Templários renomeada controlava 21 cidades e extensas terras no centro de Portugal. Naquele momento, porém, já fazia muito tempo que não havia mais muçulmanos para atacar, e os cavaleiros tinham enfurecido o rei ao se recusarem a tomar parte na Cruzada contra Ceuta, alegando que eram obrigados a lutar apenas em casa. A nomeação de João por Henrique como governador da ordem equivalia a um controle real de poder.

**avançar com a Reconquista**: Henrique não era o único a ver o estreito de Gibraltar como um obstáculo para a Reconquista. Já em 1291, Castela e Aragão concordaram com uma fronteira entre seus futuros feudos no Marrocos; em 1400, Castela destruiu a cidade marroquina de Tetuão, que estava localizada a aproximadamente 25 milhas ao sul de Ceuta e era uma famosa base pirata. Nos tempos romanos, o norte do Marrocos tinha feito parte da diocese da Espanha, embora a exigência de Castela tenha se focado mais em sua espúria autoidentificação como herdeira do antigo reino gótico que ela imaginava que tinha governado Marrocos, assim como a Espanha.

**Ele nunca teve a intenção de honrar o acordo**: A reputação de Henrique repousava sobre seus atos heroicos em Ceuta, e seu pai o colocou no comando da defesa da cidade; entregá-la de volta tão cedo teria sido uma humilhação pessoal desesperada, assim como faria das recém-polidas credenciais cruzadas de Portugal um motivo de zombaria.

**o Atlas Catalão**: O atlas foi feito em Maiorca pelo principal cartógrafo, o judeu Abraão Cresques, para Carlos V da França.

**"Tão abundante é o ouro"**: Citado em Brotton, *The Renaissance Bazaar*, 2002, p. 55. Pela primeira vez, as histórias continham um cerne de verdade; o ouro extraído no oeste do Sudão era de fato transportado para cidades comerciais como Timbuktu, próxima ao Saara, onde era forjado em lingotes e enviado em caravana para a África do Norte. Mansa Musa, um rei do poderoso Estado de Mali, fez sua reputação a partir de uma espetacular exibição de opulência, que incluía cem camelos carregados com ouro e quinhentos escravos transportando pesados bastões de ouro em seu hadji a Meca em 1324.

**rastejou até o temível promontório**: Os cartógrafos da Europa e os marinheiros de Henrique podem ter confundido o mais perigoso cabo Juby, a 140 milhas ao norte do cabo Bojador, com o famoso marco; o verdadeiro cabo Bojador foi provavelmente contornado, quase despercebidamente, uma década depois. Ver Russell, *Prince Henry*, 2000, p. 111-13.

**ponto de Sagres**: Este foi o local em que, como se disse mais tarde, a academia de Henrique havia sido localizada. De acordo com o cronista João de Barros, Henrique tinha começado a restaurar uma vila existente que foi posteriormente renomeada Vila do Infante, ou Cidade do Príncipe; foi provavelmente concebida como uma estação de serviço para os navios que passavam. Em meados do século XV, enquanto Zurara escrevia, ela ainda estava crescendo e consistia de uma muralha, uma fortaleza, algumas casas, mas não havia nenhuma escola de navegação. As próprias frotas de Henrique partiram de Lagos, ao longo da costa do Algarve para o leste.

**"dez negros, dos sexos masculino e feminino"**: Zurara, *The Chronicle of the Discovery and Conquest of Guinea*, 1896-1898, v. 1, p. 57. O navio de carga foi exigido como resgate de três prisioneiros muçulmanos.

**"Eles se identificavam tanto com esse esforço"**: Crone, *The Voyages of Cadamosto*, 1937, p. 5. Alvise Cadamosto era a versão portuguesa do nome real veneziano, Alvide da Ca' da Mosto.

**trazidas por árabes do oceano Índico**: O processo de difusão tem sido uma questão de longo debate. Ver Campbell, "The Lateen Sail in World History", 1995.

**construídas inteiramente de blocos de sal**: Taghaza, atualmente no deserto do norte de Mali, foi um local de minas de sal imensamente valiosas, controlado pelos marroquinos e sendo por muito tempo eixo comercial e político do norte da África. A rocha de sal era tirada do sul por uma multidão de comerciantes e trocada por ouro no Sudão, onde era tão valorizada que a cortavam em pedaços e a usavam como moeda. A troca tomou a forma de um leilão silencioso, que era famoso desde os tempos de Heródoto. O sal era empilhado em fileiras e os comerciantes se afastavam; os mineiros se aproximavam, colocavam uma quantidade de ouro em cada fileira e desapareciam. Os vendedores de sal voltavam e calculavam se pegavam o ouro ou se pediam mais sal, ao passo que os vendedores de ouro voltavam para pegar seu sal ou aumentar a oferta, e o processo continuava até que todos os negócios fossem realizados.

**rio Senegal**: Por algum tempo os portugueses acreditaram que o rio Senegal era um afluente do Nilo; este erro foi registrado na bula papal *Romanus Pontifex*, de 1455. Os rios Gâmbia, Níger e Congo também foram sucessivamente confundidos como afluentes do Nilo.

**"Parece, para mim, uma coisa muito maravilhosa"**: Crone, *The Voyages of Cadamosto*, 1937, p. 28. Ao sul estavam as tribos wolof e serer. Ao norte estavam os azanaghi (os sanhaja ou zenaga dos tempos modernos), um dos principais grupos dos povos tuaregues, berberes nômades que eram (e ainda são) os principais habitantes do Saara.

**uma capital real nas proximidades**: A capital pertencia a um dos dois reinos wolof com os quais os portugueses estabeleceram relações comerciais.

**"ele mostrou boa capacidade de raciocínio"**: Crone, *The Voyages of Cadamosto*, 1937, p. 41.

**"linda jovem negra"**: Ibidem, p. 36.

**"extremamente negros"**: Ibidem, p. 58.

**"não queriam a nossa amizade"**: Ibidem, p. 60.

**um bispo alemão**: Otto de Freising, um meio-irmão do santo imperador romano. Em sua *Chronica de duabus civitatibus*, uma história dupla de Jerusalém e Babel, Otto relata que o bispo Hugo de Jabala, na Síria, havia lhe contado sobre um rei nestoriano, que no Oriente se chamava Preste João.

**"sete reis"**: Citado em Silverberg, *The realm of Prester John*, 1972, p. 2. A carta ainda circulava amplamente no tempo de Vasco da Gama.

**"homens com chifres, outros com um olho só"**: Citado em Gumilev, *Searches for an Imaginary Kingdom*, 1987, p. 6.

**o pai adotivo afastado de Genghis Khan**: Os europeus identificavam-no como Toghrul, rei das tribos kerait, da Mongólia central. Toghrul era o irmão de sangue do pai de Genghis Khan e pode ter sido um cristão nestoriano. A história ganhou ainda mais credibilidade quando Toghrul tentou assassinar seu ex-protegido, que tinha se tornado poderoso demais para seu gosto. O homem mais velho foi morto quando fugia da batalha, e Genghis Khan casou seu filho com a sobrinha de Toghrul.

**foi sumariamente morto quando chegaram relatórios**: Os relatórios vieram de ninguém menos que Marco Polo. O cruzado e historiador Jean de Joinville narra a mesma história. Na crônica de William de Rubruck, o rei dos keraits é o irmão de Preste João; os mongóis derrotaram ambos, e o filho de Genghis Khan se casou com a filha de Preste.

**A população de Preste**: Grande parte da atração da lenda de Preste João deriva das inscrições em mapas-múndi; ver Russell, *Prince Henry*, 2000, p. 122.

**"Médio Índia"**: Assim chamada para diferenciá-la da Grande Índia e da Índia Menor, ou aproximadamente o subcontinente da Índia e a Indochina. Os nomes são de Marco Polo; a Etiópia também foi denominada *India Tertia*, ou Terceira Índia. As divisões eram para os especialistas; para a maioria das pessoas, qualquer lugar misterioso a leste do rio Nilo acreditava-se geralmente ser uma parte ou outra das Índias.

**Alguns diziam que ela era separada do Egito**: Ver Bracciolini e Varthema, *Travelers in Disguise*, 1963, p. 42.

**"tão longe quanto os indianos"**: Russell, *Prince Henry*, 2000, p. 121.

**os bens que os exploradores trouxeram para casa**: Ibidem, p. 202, 211.

**somente mais uma maneira de fazer avançar a luta contra o Islã**: A alegação não era tão hipócrita quanto parece agora. Em uma época em que a Igreja e o Estado estavam intimamente ligados, era impossível dissociar a saúde religiosa e a riqueza secular das nações. Os velhos cruzados, e tampouco os novos, nunca viram nada de estranho em juntar religião, guerra, poder e lucro. A riqueza era uma bênção de Deus; um mercador medieval italiano iniciava cada página de seus registros com a invocação "Em nome de Deus e do lucro". Boxer, *The Portuguese Seaborne Empire*, 1969, p. 18.

**"Lá, você poderia ver mães abandonando seus filhos"**: Zurara, *Conquests and Discoveries*, 1936, p. 160-161.

**"já que estas não poderiam correr tão rápido"**: Ibidem, p. 164-166.

**"Pois alguns mantinham a cabeça baixa"**: Zurara, *The Chronicle of the Discovery*, 1898, v. 1, p. 81-82.

**"Agora", registrou Zurara**: Russell, *Prince Henry*, 2000, p. 246.

**piratas da costa da Barbária**: Os escravos eram apresados principalmente nas vilas costeiras da Espanha, de Portugal e da Itália, mas os traficantes berberes de escravos também invadiram a França, a Inglaterra, a Irlanda e a Holanda, e ainda a Islândia e a América do Norte. A Europa foi obrigada a desembolsar tributos em uma tentativa de mantê-los a distância, enquanto nos Estados Unidos a primeira ação militar de além-mar foi conduzida contra os piratas na Primeira e na Segunda Guerras Bárbaras, de 1801-1805 e 1815. Ver London, *Victory in Tripoli*, 2005.

**"coisas novas maravilhosas que os esperavam"**: Russell, *Prince Henry*, 2000, p. 244. Para a teoria de Zurara sobre Noé e Caim, ver Zurara, *The Chronicle of the Discovery*, 1896-1898, v. 2, p. 147. No prazo de quarenta anos, os portugueses estavam agindo como intermediários entre os chefes africanos e os traficantes de escravos muçulmanos, e qualquer pretensão de que eles estivessem no negócio de salvar almas foi abandonada. A prática acabou por ser interrompida quando o rei João III (1521-1557) percebeu que estava mandando os cativos à condenação eterna, algo que aparentemente escapou de seus antecessores.

**20 mil africanos**: A estimativa é dada por Russell em *Prince Henry*, 2000, p. 258. A cifra de 150 mil é de Boxer, *The Portuguese Seaborne Empire*, 1969, p. 31.

**o papa emitiu uma bula**: *Dum Diversas*, datada de 18 de junho de 1452, emitida pelo papa Nicolau V. Nem todo papa tolerava a escravidão; na bula *Sicut Dudum*, de 1435, Eugênio IV ameaçou os traficantes de escravos com a excomunhão.

## 5. O FIM DO MUNDO

**uma Constantinopla cercada**: Relatos de testemunhas do cerco incluem o diário detalhado de Nicolau Barbaro, um cirurgião aristocrata veneziano que gostava de exaltar o papel de seus concidadãos na defesa; a crônica de George Phrantzes, o chanceler da cidade; e a carta para o papa escrita por Leonardo de Chios, o bispo de Lesbos, que estava em Constantinopla para negociar a união das igrejas. Estas narrativas estão em Jones, *The Siege of Constantinople*, 1972. Para histórias de Bizâncio e do cerco, ver Runciman, *The Fall of Constantinople*, 1965; Norwich, *Byzantium*, 1995; e Crowley, *Constantinople*, 2005.

**um estudioso atento da história**: Durante o cerco, Mehmet empregou uma pequena equipe de humanistas italianos para ler para ele trechos edificantes dos historiadores clássicos. Ver Babinger, *Mehmed, the Conqueror and His Time*, 1978.

**visitou o papa**: Em 1438, o imperador paleólogo João VIII viajou para Florença e propôs a união como a única forma de evitar a queda de Constantinopla. As delegações chegaram de todas as terras da Igreja oriental, trazendo com elas um achado precioso de manuscritos cristãos primitivos e clássicos, e o Decreto da União foi assinado em 6 de julho de 1439. Este nunca foi colocado em prática; o povo de Constantinopla se negou a aceitar a fusão e os italianos se recusaram a lhes proporcionar ajuda militar. Em 1452, com os otomanos quase batendo à porta, o último imperador Constantino XI escreveu para Roma prometendo promulgar o acordo, mas o papa não conseguiu convencer os poderes europeus a agirem em tempo.

**uma câmara mortuária de relíquias sagradas**: As relíquias desempenhavam um papel importante no mito imperial. As relíquias da paixão representavam a autoridade divinamente ordenada do imperador; o bastão de Moisés e as trombetas da queda de Jericó, que ocupavam o lugar de honra no antigo palácio, conferiam legitimidade de história profunda. A carta — talvez espúria — dirigida pelo imperador Aleixo ao conde Roberto de Flandres às vésperas da Primeira Cruzada teve o cuidado de listar a panóplia completa de relíquias invejáveis da cidade.

**marca de sua extrema santidade**: André viveu com dificuldade nas ruas de Constantinopla e só revelou sua santa sabedoria a seu discípulo Epifânio. O fenômeno popular dos Tolos por Cristo encontrou corroboração na primeira carta de Paulo aos Coríntios: "Não deixe nenhum homem enganar-se. Se alguém entre vós parecer ser sábio neste mundo, deixe-o se tornar um tolo, para que ele possa ser sábio. Pois a sabedoria deste mundo é tolice diante de Deus". Acreditava-se que eles estavam envolvidos em uma batalha com o orgulho próprio, chamando deliberadamente para si o ridículo, insultos e espancamentos, ou fingindo loucura de maneira que pudessem oferecer orientação espiritual sem ganhar elogios, e seus pronunciamentos eram buscados pela sabedoria profética, que não era encontrada em pregadores mais sãos.

**"Nenhuma nação"**: Nicéforo, *The Life of St. Andrew*, 1995, v. 2, p. 261.

**"Mas quais são essas notícias terríveis"**: Citado em Brotton, *The Renaissance Bazaar*, 2002, p. 49.

**estimulando o fortalecimento da Renascença**: Uma ponte direta assim foi construída entre a idade clássica e a Renascença, o que permitiu que a Europa esquecesse a contribuição vital do mundo islâmico para o renascimento de seu aprendizado. Enquanto a redescoberta da literatura latina, e posteriormente da grega, foi em grande parte um

empreendimento ocidental, o trabalho de filósofos, astrônomos e médicos muçulmanos continuou a inspirar os cientistas e os pensadores da Europa, avançando bastante pela era moderna.

**Jorge de Trebizonda**: Veja Monfasani, *George of Trebizond*, 1976, p. 131-136. O zelo de Jorge em servir o Conquistador o levou à prisão e quase custou-lhe a vida.

**zarpando para a Itália**: A frota de Mehmet capturou a cidade portuária italiana de Otranto em 1480, mas com sua morte no ano seguinte e as consequentes disputas entre seus filhos pelo trono otomano as invasões pararam. Se tivessem continuado, a Europa poderia ter tido um futuro muito diferente; alguns anos mais tarde, os franceses conquistaram grande parte da Itália sem grandes dificuldades.

**a Festa do Faisão**: Ver Caron e Clauzel, *Le Banquet du Faisan*, 1997. Felipe tinha fundado uma ordem de cavalaria chamada Cavaleiros do Tosão de Ouro para comemorar seu casamento com Isabel de Portugal.

**"a sublimidade do espírito"**: Russell, *Prince Henry*, 2000, p. 320.

**a bula papal**: *Romanus Pontifex*, emitida por Nicolau V em 8 de janeiro de 1455. O texto original e a tradução inglesa estão em Davenport, *European Treaties*, 1917, p. 13-26. Em 1456, o novo papa Calisto III confirmou os termos das bulas anteriores e, a pedido de Henrique, concedeu à Ordem de Cristo jurisdição espiritual sobre todas as regiões conquistadas até então ou no futuro, partindo de cabo Bojador, cruzando a Guiné e indo além, até as Índias.

**seu contrato foi rescindido**: Gomes tornou-se tão bem-sucedido que foi transformado em nobre pelo rei e lhe foi dado um novo brasão — "um escudo com penacho e três cabeças de negro em uma base de prata, cada qual com anéis de ouro nas orelhas e nariz, e um colar de ouro no pescoço, e tendo 'da Mina' como sobrenome, em memória de sua descoberta". Crone, *The Voyages of Cadamosto*, 1937, p. 109-110.

**a Europa nasceu de uma abdução do Oriente**: Morford e Lenardon, *Classical Mythology*, 1999, p. 291-293. De acordo com Heródoto, o costume de sequestros por vingança continuou até que o príncipe troiano Páris raptou Helena de Esparta e provocou a Guerra de Troia.

**"Assim disse o Senhor Deus"**: Ezequiel 5:5.

**a fonte da própria humanidade**: A Bíblia revelou que o mundo tinha pouco mais de 6 mil anos, e sabia-se que as civilizações tinham florescido no Oriente havia muito tempo. A Ásia era então o local natural para o berço da humanidade, uma crença que ainda era aceita no início do século XVII pelo viajante francês Jean Mocquet. A Ásia, escreveu ele, "é de grande extensão, riquezas e fertilidade, e sempre muito reconhecida por ter produzido as maiores monarquias e os primeiros impérios, assim como os dos assírios, babilônios, persas, gregos, partos, árabes, tártaros, mongóis, chineses e outros indianos. Mas, acima de tudo, essa parte é a mais estimada, pela criação do primeiro homem, plantado no paraíso terrestre, pelas colônias e povos vindos de lá e dispersos pelo restante do mundo, e, além disso, pela redenção da humanidade, e porque a operação de nossa salvação aconteceu lá; além disso, por ter dado a religião, a ciência, as artes, o direito, a política, as armas e os artifícios a todas as outras partes". "Prefácio" de Mocquet, *Travels and Voyages*, 1696.

**A vasta enciclopédia compilada por santo Isidoro**: Santo Isidoro foi um arcebispo do século VII, de Sevilha, fundamental na conversão dos godos ao catolicismo. Sua *Etymologiae*, a primeira enciclopédia medieval, era uma *summa* de conhecimento universal que chegou a 448 capítulos distribuídos em vinte volumes.

**"uma parte considerável da massa da Terra"**: Citado em Delumeau, *History of Paradise*, 1995, p. 53. O *Polychronicon* foi escrito por um monge beneditino inglês chamado Ranulf Higden.

**um encontro real com o Paraíso**: A história foi contada em *Alexandri Magni iter ad paradisum* ("A viagem de Alexandre, o Grande, ao Paraíso"); escrito por um autor judeu entre os anos 1100 e 1175, foi posteriormente traduzido para o francês e incorporado, com variações, ao *Roman d'Alexandre* e outros contos de Alexandria. Ver Delumeau, *History of Paradise*, 1995, p. 46.

**"raças monstruosas"**: Plínio, o Velho, categorizou as raças no primeiro século d.C. Para um relato abrangente sobre o monstruoso — e particularmente sobre o canino — no folclore e no mito, ver White, *Myths of the Dog-man*, 1991.

**Adão e Eva fugindo do jardim**: Ver Westrem, "Contra Gog e Magog", 1998, p. 54-75, 60.

**pelo Fim dos Tempos na Terra**: A princípio, muitos europeus acreditavam que os mongóis eram o flagelo bíblico; ver Jensen, "Devils, Noble Savages, and the Iron Gate", 2000. André, o Louco, pintou um retrato vívido do que aconteceria quando Deus abrisse os portões. Ele profetizou que 72 reis se derramariam "com o seu povo, as assim chamadas nações imundas, que são mais nojentas do que qualquer contaminação e mau cheiro concebíveis. Eles irão se espalhar por toda a Terra sob o céu, comendo a carne de homens vivos e bebendo seu sangue, devorando cães, ratos, sapos e todo tipo de sujeira da terra com prazer [...] O Sol vai se transformar em sangue, vendo as abominações competindo umas com as outras na Terra". Nicéforo, *Life of St. Andrew*, 1995, v. 2, p. 277-283.

**mandaram buscar delícias orientais**: Freedman, *Out of the East*, 2008, p. 6.

**As especiarias não agradavam apenas ao paladar**: A noção persistente de que o propósito das especiarias era mascarar o gosto de carne rançosa tinha sido refutada havia muito tempo. Uma vez que quase todos os alimentos eram produzidos localmente, em geral eram frescos; de todo modo, as especiarias eram muito mais caras do que a carne. As especiarias eram utilizadas para temperar carnes e peixes que tinham sido salgados para durar por todo o inverno e também para tornar vinhos rascantes um pouco mais palatáveis, mas, acima de tudo, o seu gosto era apreciado em si mesmo.

**"um membro pequeno"**: Xeque Mohammed al-Nefzaoui, *The Perfumed Garden*, trad. de sir Richard Burton, citado em Turner, *Spice*, 2004, p. 222. Entre muitas outras coisas, o xeque também aconselhava aplicar pimenta cubeba mastigada ou grãos de cardamomo para que a cabeça do membro "dê para você, assim como para a mulher, um prazer incomparável".

**"de modo tão imperfeito que a camada inferior era esquecida"**: Desidério Erasmo, carta a Francis, médico do cardeal de York, s.d. [Basel, 27 de dezembro, 1524?], citado em Cheyney, *Readings in English History*, 1922, p. 317. A carta na íntegra está em Mynors e Dalzell, *The Correspondence of Erasmus*, 1992, p. 470-472.

**peste negra**: A peste bubônica foi, naturalmente, espalhada pela picada de uma pulga infectada encontrada em roedores.

**âmbar cinzento**: Geralmente, a tradição árabe sustentava que o âmbar cinzento flutuava acima de uma fonte no fundo do oceano, embora em *As mil e uma noites* Simbá situe a fonte em uma ilha e diga que monstros devoram a preciosa substância antes de regurgitá-la no mar. Acreditava-se também que o âmbar cinzento facilitava o parto, prevenia a epilepsia e aliviava o sufocamento do útero, uma doença peculiarmente medieval em que o útero, dizia-se, movia-se em torno da barriga e ia até a garganta, induzindo à histeria. O sexo abundante, de acordo com uma autoridade, era o melhor remédio, mas untar a vagina com óleos aromáticos ou inserir ervas queimadas em um fumigador de metal em forma de pênis ajudava a induzir o útero a voltar para baixo. Freedman, *Out of the East*, 2008, p. 15; Lemay, *Women's Secrets*, 1992, p. 131-132.

**entre as mercadorias vendidas nos balcões dos boticários**: *Circa Instans* (1166), citado em Freedman, *Out of the East*, 2008, p. 14. Freedman registra que finos linhos, algodões e sedas, tintas raras, peles de animais, marfim e mesmo papagaios eram por vezes classificados ao lado das especiarias.

**"aquela maldita pimenta"**: Ulrich von Hutten, citado em Freedman, *Out of the East*, 2008, p. 147.

**agarrava-se aos anjos visitantes**: Os anjos, revelou santo André, o Louco, cheiravam a um perfume maravilhosamente doce "que emana da temível e inacessível divindade. Pois quando estão diante do terrível trono do Todo-Poderoso, eles recebem a fragrância do relâmpago que Ele emite, após o que incensam com a fragrância inefável da divindade, incessantemente. Então, quando decidem dar a alguém uma parte desta doçura, se colocam em frente dele e tocam seu rosto com a divina fragrância no nível que consideram adequado, de modo que essa pessoa, em sua alegria, não consegue explicar de onde vem este odor muito agradável". Nicéforo, *Life of St. Andrew*, 1995, v. 2, p. 287.

**estabeleceram um comércio regular**: A viagem para a Índia é descrita no *Periplus of the Erythraean Sea*, um conjunto detalhado de instruções de navegação escrito por um marinheiro de língua grega do primeiro século d.C.

**"Os mercadores gananciosos"**: Citado em Turner, *Spice*, 2004, p. 81, trad. de John Dryden. Tal como seus sucessores medievais, os moralistas romanos queixavam-se de que as especiarias eram, na melhor das hipóteses, supérfluas, e, na pior, nocivas, mas, em todo caso, um enorme desperdício de dinheiro. A fome, declarou Cícero no simples e antigo estilo romano, era o melhor tempero.

**o Paraíso terrestre**: Adão, explicou o teólogo do século IV santo Efraim, o Sírio, não se alimentava de nada além de unguentos perfumados que gotejavam das árvores do jardim. Freedman, *Out of the East*, 2008, p. 90.

**"Ao amanhecer"**: Jean de Joinville, *History of Saint Louis*, em Shaw, *Chronicles of the Crusades*, 1963, p. 212. Joinville foi um participante da Sétima Cruzada; de forma menos atraente, ele também viu os corpos inchados de seus companheiros, devastados pela praga, flutuando pelo Nilo após a desastrosa Batalha de al-Mansurah.

**"As florestas de pimenta são guardadas por serpentes"**: Citado em Freedman, *Out of the East*, 2008, p. 133-134.

**"Os árabes dizem que os galhos secos"**: Assim Heródoto relatara havia muito tempo, e nenhum ocidental tinha meios para duvidar dele. Citado em Dalby, *Dangerous Tastes*, 2000, p. 37.

**Os missionários abriram o caminho**: Em 1253, um frade franciscano chamado William de Rubruck partiu de Constantinopla, caminhou 4 mil milhas por estepes e desertos da Ásia Central e chegou à corte do Grande Khan em Karakorum, onde tomou parte em um debate notável com representantes do islamismo, budismo, maniqueísmo e denominações cristãs rivais. Embora não tenha conseguido nenhum convertido, William desfrutou muito da bebida nacional potente feita de leite de égua fermentado e teve o cuidado de registrar seus costumes e cultura. Notável entre seus sucessores foi o missionário franciscano João de Montecorvino, que chegou a Pequim em 1294, construiu duas igrejas, treinou meninos de coro e coroinhas chineses, traduziu o Novo Testamento para o mongol, fez milhares de conversões e foi

consagrado arcebispo de Pequim. Em 1361, o catolicismo desapareceu da China junto com os mongóis. Ver Jackson, *The Mission of Friar William*, 1990.

**os comerciantes logo os seguiram**: Em torno de 1340, a jornada de nove meses que partia da Crimeia para Pequim era muito comum para merecer o seu próprio guia. Seu autor, um mercador florentino chamado Francesco Pegolotti, assegurava a seus leitores que o caminho era "perfeitamente seguro, tanto de dia quanto de noite", embora ele aconselhasse deixar a barba crescer por muito tempo, como precaução. Comerciantes italianos se estabeleceram ao longo do percurso e alguns outros europeus eventualmente os seguiram. Um enviado papal chegou à corte mongol e lá encontrou vários russos, um inglês, um ourives parisiense e uma francesa que tinha sido raptada na Hungria. Ver Pegolotti, "Pratica della Mercatura", 1916.

**dois frades missionários**: Os dois eram João de Montecorvino, o futuro arcebispo de Pequim, e o dominicano Nicola de Pistoia. João passou mais de um ano pregando na costa Coromandel, na Índia; Nicola morreu lá.

**Odorico de Pordenone**: O frade estava entre os mais viajados de todos os europeus medievais. Partindo de Constantinopla, ele se dirigiu para Tabriz, Bagdá e Ormuz, tomou um navio para a Índia e o Ceilão (Sri Lanka) e foi para Sumatra e Java antes de chegar à China.

**na costa do Malabar**: A estreita planície costeira do sudoeste da Índia entre o mar Arábico e os Ghats ocidentais, agora nos Estados de Kerala e Karnataka.

**"Quem poderia contar as muitas lojas"**: Canon Pietro Casola, citado em Brotton *The Renaissance Bazaar*, 2002, p. 38. O sacerdote milanês visitou Veneza em 1494.

**Uma delegação chegou a Florença**: Ibidem, p. 2.

**"Tudo o que é vendido no Egito"**: Citado em Beckingham, "The Quest for Prester John", 1966, p. 276. Em 1322, Adam tornou-se arcebispo de Sultaniyah e, portanto, chefe da Igreja católica na Pérsia.

**"Se nosso senhor, o papa"**: Citado em Hazard, *A History of the Crusades*, 1975, v. 3, p. 543. Sévérac foi feito bispo de Quilon, agora Kollam.

**um elaborado manual para reavivar as cruzadas**: o trabalho de Sanudo, *Liber secretorum fidelum crucis*, foi primeiramente apresentado ao papa Clemente v em 1309; em seguida, com revisões, para o rei Carlos iv da França, em 1323. Bem como mapas, Sanudo fornecia planos de batalha e uma grande riqueza de informações logísticas.

**os cartógrafos não pensavam que a Terra fosse plana**: A suposição de que antes de Colombo todos acreditavam que a Terra era plana é uma fábula do século xix, propagada sobretudo pela fantasia de Washington Irving, de 1828, *The Life and Voyages of Christopher Columbus*. Ver Russell, *Inventing the Flat Earth*, 1991.

**eles não teriam sido alcançados pelo Evangelho**: Romanos, 10:18.

**de Conti**: A história de Conti necessita de um estudo mais aprofundado. O veneziano aprendeu árabe na Síria e persa no Irã, e em seguida viajou com os comerciantes muçulmanos para a Índia. Lá ele se casou e arrastou sua crescente prole pela Indonésia e Indochina, Arábia e África oriental. No Cairo, converteu-se ao Islã para protegê-los, mas quase imediatamente a praga levou sua esposa e dois de seus quatro filhos. Ele partiu para casa e procurou uma audiência papal para pedir perdão por ter renunciado à sua fé; como penitência, o papa ordenou que ele ditasse um relatório de suas viagens para Poggio Bracciolini, um secretário apostólico e líder humanista. Apesar de suas fantasias ocasionais — incluindo duas ilhas vizinhas, uma habitada apenas por homens e outra só por mulheres, cujas trocas amorosas eram reduzidas pelo fato de que qualquer um que ficasse fora de sua própria ilha por mais de seis meses caía morto —, seu relatório corroborou muitas das afirmações de Marco Polo e esclareceu outras, sendo um grande passo adiante no conhecimento europeu do oceano Índico. Uma tradução em inglês de John Winter Jones foi publicada em 1857 pela Hakluyt Society e reeditada e revisada por Lincoln Davis Hammond em Bracciolini e Varthema, *Travelers in Disguise*, 1963.

**No mapa de Fra Mauro**: O monge cartógrafo também deslocou Jerusalém de sua costumeira posição central, uma mudança tão radical que ele sentiu necessidade de montar uma engenhosa autodefesa. "Jerusalém é, de fato, o centro do mundo habitado latitudinalmente, embora longitudinalmente esteja um pouco mais a oeste", inscreveu ele com cuidado em seu mapa; "mas uma vez que a porção ocidental é mais densamente povoada por causa da Europa, então Jerusalém é também o centro longitudinalmente, se considerarmos não o espaço vazio, mas a densidade da população". Ver Falchetta, *Fra Mauro's World Map*, 2006.

**um junco tinha rodeado a África**: A legenda realmente diz "um navio ou junco indiano", o que sugere que ele poderia não ser chinês. Apesar das ambiguidades, o comentário de Fra Mauro foi tomado como uma grande evidência de que os chineses exploraram o oceano Atlântico e podem ter alcançado as Américas antes dos espanhóis ou portugueses.

**muito mais ao norte**: Dados os detalhes topográficos que Fra Mauro esboça no interior, a região que ele coloca na

extremidade sul do continente pode ser o Chifre da Africa; ou, talvez, dada a grande ilha que ele coloca ao largo da extremidade sul da África, o canal que ele mostra, ao redor da África, é o canal de Moçambique, e a ilha é Madagascar.

## 6. OS RIVAIS

**La Beltraneja**: A causa de Joana foi atrapalhada pelo fato de que sua mãe teve depois dois filhos com o sobrinho de um bispo, uma demonstração flagrante de fecundidade que levou Henrique a se divorciar dela.

**A guerra irrompeu**: A Guerra da Sucessão de Castela foi travada de 1475 a 1479, quando as duas nações assinaram o Tratado de Alcáçovas. Assim como definia a sucessão em Isabel, o tratado também resolveu, por um tempo, as reivindicações portuguesas e espanholas, que competiam pelo Atlântico. Portugal foi finalmente forçado a aceitar o controle castelhano das Canárias; a Espanha confirmou a posse de Portugal sobre os Açores, Madeira e as ilhas do Cabo Verde, e os seus direitos exclusivos sobre "terras descobertas ou a serem descobertas [...] das ilhas Canárias para baixo, em direção à Guiné". Davenport, *European Treaties*, 1917, p. 44.

**Abraão Zacuto**: Zacuto foi um famoso professor de astronomia na Espanha até 1492, quando se juntou ao êxodo dos judeus para Portugal e se tornou o astrônomo real de João II. Cinco anos após sua chegada, escapou das conversões forçadas de Manuel I e se mudou para Túnis e Jerusalém. Além de elaborar tabelas astronômicas desenvolvidas por seu pupilo José Vizinho para o uso prático no mar, Zacuto desenhou o primeiro astrolábio de metal e foi um proponente influente da expedição de Vasco da Gama. José Vizinho chegou a Portugal logo após a ascensão de João II, em 1481; em 1485, ele foi para o mar a fim de realizar experimentos no cálculo da latitude de um navio. Segundo o cronista João de Barros, também estavam no grupo Rodrigo, o médico do rei, e o cartógrafo e astrônomo alemão Martin Behaim, que estava em Lisboa desde 1480.

**"No ano 6681"**: Citado em Prestage, *The Portuguese Pioneers*, 1933, p. 208.

**baía das Baleias**: Ou baía de Walvis, como foi rebatizada pelos holandeses e, juntamente com o porto namíbio que ela abriga, ainda é conhecida.

**morreu em seu caminho para casa**: Anos mais tarde, uma pedra esculpida inscrita com o nome de Cão foi encontrada às margens do Congo (que os portugueses nomearam como Zaire). Barros, porém, diz que Cão retornou para Portugal, enquanto outras fontes dizem que ele morreu em cabo Cruz. Ver Prestage, *The Portuguese Pioneers*, 1933, p. 210.

**proselitismo foi dolorosamente lento**: A taxa aumentou com o batismo do rei do Congo, o governante dominante do oeste da África central, em 1491; seu nome era Nzinga Nkuwu e ele ganhou o nome cristão de João. Embora ele e muitos de sua corte logo retornassem às crenças tradicionais, seu filho e herdeiro Afonso derrotou o irmão prescrito com a ajuda de armas portuguesas e, segundo ele, com uma aparição oportuna de São Tiago. Os descendentes de Afonso encurralaram a Igreja católica à custa de uma relação tensa com os portugueses e de muitos danos à cultura tradicional do Congo.

**uma dupla mais promissora**: O mais completo relato da missão de Covilhã e Paiva ainda é o do conde de Ficalho, ver Mello, *Viagens de Pedro da Covilhã*, 1898. O relatório do sacerdote que descobriu Covilhã na Etiópia está em Alvares, *Narrative of the Portuguese Embassy*, 1881; uma edição revista editada por C. F. Beckingham e G. W. B. Huntingford foi publicada em 1961. As crônicas portuguesas fornecem mais detalhes, e eu usei relatos de viajantes quase contemporâneos para acrescentar dados sobre a viagem.

**Pêro da Covilhã**: Seu primeiro nome também é dado como Pedro (do qual Pêro é uma forma arcaica), João, João Pêro ou Juan Pedro; seu último nome é dado como da Covilhã, de Covilhã, de Covilham ou Covilhão. Em uma divertida coincidência, a Embaixada da Índia em Lisboa hoje é localizada na rua Pêro da Covilhã.

**Afonso de Paiva**: Sua cidade natal era Castelo Branco, um pouco ao sul da cidade de Covilhã. Quando de sua conquista dos mouros, ela foi dada aos Templários, que defenderam a cidade contra os frequentes ataques vindos da fronteira espanhola nas proximidades.

**José Vizinho**: O terceiro perito é chamado de Mestre Moisés em algumas fontes. Ficalho conclui que Moisés recebeu o nome de José Vizinho quando foi batizado; ver Mello, *Viagens de Pedro da Covilhã*, 1898, p. 55.

**se era realmente possível velejar em torno da África**: De acordo com Giovanni Battista Ramusio em sua *Navigazioni e viaggi*, um compêndio famoso de escritas de viagem publicado em Veneza entre 1550 e 1559. Esta última instrução não é mencionada nas fontes portuguesas; ver Mello, *Viagens de Pedro da Covilhã*, 1898, p. 56-63.

**"a sua capacidade não fosse maior"**: Alvares, *Narrative of the Portuguese Embassy*, 1881, p. 267.

**"que eram tão longos"**: Damião de Góis, citado em Hart, *Sea Road to the Indies*, 1952, p. 239. Góis também diz que

Manuel tinha boa estatura, mantinha a cabeça ereta e tinha uma expressão agradável, mas sua descrição é excepcionalmente livre dos retoques usuais.

**um poderoso banqueiro florentino**: O banqueiro se chamava Bartolomeo Marchionni; ele era supostamente o homem mais rico de Lisboa. Nessa época havia uma considerável comunidade florentina em Portugal ligada aos setores bancário e de navegação; Marchionni foi seu membro mais proeminente e fez muitos negócios com a coroa.

**trocaram seu cheque**: O banco que eles visitaram era administrado pelos filhos de Cosimo de Médici; a família florentina extremamente rica tinha escritórios em toda a Itália.

**"Por esta época [Alexandria] parecia muito gloriosa por fora"**: Ibidem, p. 392.

**"economizamos uma grande parte"**: Baumgarten, "The Travels of Martin Baumgarten", 1704, p. 391.

**"uma pequena mão"**: Blunt, *Pietro's Pilgrimage*, 1953, p. 58.

**"por gracejo"**: Ibidem, p. 55.

**remontava aos tempos clássicos**: "Na pirâmide", escreveu Heródoto, "há uma inscrição em caracteres egípcios que registra a quantidade de rabanetes, cebolas e alho consumida pelos trabalhadores que a construíram". Ibidem, p. 57.

**"Eles positivamente confirmam"**: Baumgarten, "The Travels of Martin Baumgarten", 1704, p. 397. Para mais informações sobre o Cairo e outras cidades medievais islâmicas, ver Meri, *Medieval Islamic Civilization*, 2006; Dumper e Stanley, *Cities of the Middle East and North Africa*, 2007.

**"metrópole do mundo"**: Citado em Hourani, *A History of the Arab Peoples*, 2002, p. 3.

**"ultrapassa a realidade"**: Khaldun, *An Arab Philosophy of History*, 1987, p. 4.

**"e embora as apagássemos"**: Baumgarten, "The Travels of Martin Baumgarten", 1704, p. 401.

**das mesmas tábuas costuradas**: Pregos eram desconhecidos nos navios do oceano Índico; dizia-se que marinheiros supersticiosos acreditavam que grandes ímãs submarinos os arrancariam, enquanto os mais práticos elogiavam a flexibilidade do dhow, que facilitava o desembarque e o tornava mais resistente caso atingisse um banco de areia.

**"muito estranhamente enfeitadas"**: O viajante inglês do século XVI, Ralph Fitch, citado em Hart, *Sea Road to the Indies*, 1952, p. 71.

**"a cidade mais suja, mais desagradável e mais fedorenta"**: Citado em Dunn, *The Adventures of Ibn Battuta*, 1989, p. 122. A cidade somali é mais conhecida hoje como Zeila.

**Ele escreveu uma longa missiva ao rei**: A questão sobre a chegada ou não da carta de Covilhã a Lisboa tem fascinado os historiadores há muito tempo. O cronista do século XVI, Fernão Lopes de Castanheda, disse primeiramente que sim, que a carta chegou, e depois, em uma edição posterior, sugeriu que isso não aconteceu. Seus contemporâneos Gaspar Correia e Garcia de Resende disseram que a carta chegou, mas somente após a morte de João II; Resende acrescenta que ela chegou após a partida Vasco da Gama. Ramusio também diz que a carta chegou, e que continha a notícia de que navios de Portugal podiam facilmente alcançar o oceano Índico. James Bruce, um escocês do século XVIII que explorou a Etiópia, foi inflexível na opinião de que a carta chegou, e acrescentou um relato imaginativo de seu conteúdo, incluindo, ainda por cima, mapas detalhados. Vasco da Gama certamente sabia para onde se dirigir quando chegou à Índia, embora fosse, sem dúvida, ignorante do que encontraria por lá. Parece que ao menos um dos dois viajantes judeus voltou para casa com notícias, se não com provas escritas das descobertas de Covilhã, mas é quase certo que nunca saberemos o que realmente aconteceu.

**lugar de sepultamento de Maomé**: Segundo a tradição, Maomé foi sepultado nos aposentos de sua esposa favorita, Aisha, local que mais tarde foi coberto por repetidas construções da mesquita adjacente, incluindo uma total reconstrução após um incêndio em 1481. Cristãos medievais espalharam o rumor de que o túmulo de ferro foi suspenso no ar e, em seguida, ridicularizaram o suposto milagre ao explicar que ele foi mantido no ar por ímãs.

**corte de Alexandre**: O nome Alexandre é a versão ocidentalizada de Eskender. Em seu auge, em torno do século III d.C., a Etiópia era um poderio importante cujas terras se espalhavam ao sul, até o Sudão, e ao leste, até a Arábia. A dinastia salomônica, da qual Alexandre era membro, sobreviveu de 1270 a 1974.

**ele era cristão**: A Etiópia adotou oficialmente o cristianismo no início do século IV, depois que seu governante foi convertido por um cortesão grego que, ainda menino, havia sido sequestrado por piratas. Isolada pela maior parte da cristandade por causa das conquistas islâmicas, a Etiópia tinha preservado suas tradições, incluindo a poligamia.

**"com muito prazer e alegria"**: Alvares, *Narrative of the Portuguese Embassy*, 1881, p. 270.

**"ele não estava em condições de garantir isso"**: Ramusio, citado em Hart, *Sea Road to the Indies*, 1952, p. 76. Para sua surpresa, Covilhã descobriu que não era o único europeu na Etiópia. Um frade italiano que se tornou artista alegou ter vivido lá por quarenta anos; Alvares observou que "ele era uma pessoa muito honrada, e um grande cavalheiro, embora fosse pintor". Outro europeu, um retrocesso para o masoquismo ascético dos pais do deserto, vivia em uma caverna em uma

ravina; depois de vinte anos ele emparedou a entrada por dentro e, presumivelmente, morreu logo em seguida. Mais europeus apareceram intermitentemente; alguns vinham de maneira voluntária, outros eram lançados na praia por piratas, e a quase ninguém era permitido partir.

**gordo, rico, feliz**: A comitiva portuguesa chegou por volta de maio de 1520, e Covilhã, que agora tinha 73 ou 74 anos, regalou Francisco Alvares com suas aventuras. Ele foi um homem "que fez tudo o que foi ordenado a fazer, e que fez um relato de tudo isso", escreveu o frade com eufemismo.

**em agosto de 1487**: O registro é invulgarmente silencioso sobre a viagem de Dias. Nenhum relatório oficial, diário de bordo, diário ou gráfico restou; nem todos os cronistas a mencionam, mesmo que de passagem. Barros, que nos oferece um breve resumo, diz que Dias partiu em agosto de 1486 e retornou em dezembro de 1487. As poucas testemunhas contemporâneas — incluindo Duarte Pacheco Pereira, cuja tripulação abatida pela febre e resgatada do naufrágio foi salva por Dias em seu caminho para casa — dizem que ele descobriu o cabo da Boa Esperança no começo de 1488 e que retornou em dezembro daquele ano, por isso a data de agosto de 1487 se tornou aceita como a da partida.

**pastores cuidavam de seu gado**: Dias parece ter chamado o local de baía dos Vaqueiros, e de Aguada de São Brás a enseada protegida onde desembarcou, a partir de uma fonte que encontrou por lá no dia da festa do santo. Os portugueses mais tarde deram o nome da baía a partir de São Brás, e esta posteriormente foi renomeada baía dos Mexilhões pelos holandeses.

**O navio de provisões fora deixado para trás**: Quando o restante do grupo retornou até o navio, descobriram que seis dos nove homens que haviam sido deixados a bordo tinham morrido. Um sétimo homem, um escrivão, ficou tão feliz em ver seus companheiros que teria morrido no ato.

**cabo das Tormentas**: De acordo com Barros; Duarte Pacheco diz que o próprio Dias nomeou-o cabo da Boa Esperança.

**os mapas da Europa foram apressadamente redesenhados**: Em 1489, Henricus Martellus publicou um mapa-múndi que pretendia originalmente mostrar a África estendendo-se até o final da página. Ele já havia feito isso quando a notícia da descoberta de Dias chegou-lhe, e em vez de começar tudo de novo, ele acrescentou o cabo da Boa Esperança em cima da borda.

**casou-se com a filha de um nobre**: Para Colombo, Filipa era bem relacionada em todos os sentidos. Ela era filha de Bartolomeu Perestrello, que era de origem genovesa e foi um dos capitães enviados por Henrique, o Navegador para reivindicar a ilha da Madeira a Portugal; seu avô materno tinha lutado em Ceuta.

**"um caminho mais curto"**: Markham, *The Journal of Christopher Columbus*, 1893, p. 4-5. A carta de Toscanelli para Colombo é reproduzida no mesmo volume: "Percebo seu magnífico e grandioso desejo de navegar a partir do leste para o oeste", escreveu ele; e acrescentou: "A dita viagem não é apenas possível, mas é verdadeiro e certo que seja muito honrosa e que resulte em lucros incalculáveis e grande fama entre todos os cristãos". Os reis e príncipes do Oriente, declarou ele de maneira confiante, estavam ainda mais ansiosos para conhecer os europeus do que os europeus estavam para encontrá-los, "porque uma grande parte deles é cristã [...] Por conta de todas essas coisas, e de muitas outras que poderiam ser mencionadas, não me admira que você, que tem grande coragem, e todo o povo português, que sempre foi formado por homens ávidos por grandes empreendimentos, deveria estar com um coração ardente e sentir um grande desejo de empreender tal viagem" (p. 10-11).

**Colombo aumentou a Ásia**: O Atlas Catalão de 1375 representou a Eurásia como medindo 116 graus de leste a oeste; em seu globo de 1492, Martin Behaim reconhecidamente aumentou sua largura para 234 graus, um aumento ainda maior do que o de Marinus de Tiro. O número correto é 131 graus. Considerando tudo isso, Colombo subestimou a distância das Canárias ao Japão por um fator de mais de quatro.

**contra o consenso de sua época**: As ideias de Colombo evoluíram ao longo do tempo, e os primeiros registros de suas fontes e cálculos são posteriores à sua primeira viagem. Mesmo assim, a obstinação com que apresentou sua causa sugere que ele tinha encontrado anteriormente motivos suficientes para apoiar seu grande esquema.

**"promessas e ofertas como impossíveis"**: Citado em Morison, *Admiral of the Ocean Sea*, 1942, p. 97.

**"Aprouve a Nosso Senhor"**: Citado em O'Callaghan, *Reconquest and Crusade*, 2003, p. 214.

**"Vocês chamam Fernando de um sábio governante"**: Citado em Altabé, *Spanish and Portuguese Jewry*, 1983, p. 45.

**o rico salvador de Colombo**: O ministro Luis de Santangel financiou com seus próprios recursos grande parte da viagem e levantou fundos adicionais para evitar que Isabel tivesse que penhorar suas joias. Foi para Santangel que Colombo enviou sua carta descrevendo a primeira viagem.

**"Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo"**: Os fragmentos estão citados em Morison, *Admiral of the Ocean Sea*, 1942, p. 152-155. Colombo claramente não teve tempo para construir um discurso elaborado no início de sua viagem; o prólogo foi

escrito aos poucos e anexado depois.

**Rodrigo Borgia**: Em um dos pontos mais brilhantes de seu papado, Alexandre VI se recusou a desculpar o edital de expulsão de Fernando e Isabel contra os judeus. Ele recebeu alguns dos refugiados da Espanha — e depois de Portugal — em Roma, um ato que lhe rendeu muitos inimigos espanhóis, mas isso não provava, como seu amargo rival Giuliano della Rovere alegou, que ele era um judeu em segredo.

**cem léguas**: Uma légua era originalmente a distância que um navio mediano poderia navegar em condições razoáveis por uma hora, ou algo em torno de três milhas náuticas modernas.

**"descobrirem ilhas e continentes"**: *Dudum Siquidem*, datada de 26 de setembro de 1493. O texto original e a tradução inglesa estão em Davenport, *European Treaties*, 1917, p. 79-83. A bula anterior foi *Inter Coetera*, de 4 de maio de 1493, que está reproduzida nas p. 71-78; esta era a terceira de três bulas, emitidas em rápida sucessão, o que progressivamente aumentou o favoritismo do papa em relação à Espanha.

**Os espanhóis resolveram pilhar e abater**: Bartolomeu de las Casas, um antigo colono que mais tarde fez seus votos e se tornou bispo, informou que os colonos, muitos deles criminosos condenados, "fizeram apostas sobre quem conseguiria cortar um homem em dois, ou cortar sua cabeça com um só golpe; ou abrir seu intestino. Eles arrancavam os bebês do peito de suas mães pelos pés, e arremessavam suas cabeças contra as rochas [...] Com suas espadas eles furavam os corpos de outros bebês, juntos com os de suas mães, e todos os que estivessem perante eles". Prisioneiros eram pendurados na forca "alto apenas o suficiente para que seus pés quase tocassem o chão, e de treze em treze, em homenagem e reverência ao Nosso Redentor e os doze apóstolos, eles colocavam madeira por baixo e, com fogo, queimavam os indianos vivos". Citado em Sale, *The Conquest of Paradise*, 1991, p. 157. O sistema de tributo trimestral foi logo substituído pela escravidão institucionalizada; a doença, é claro, dizimou muito mais da população indígena do que mesmo a crueldade mais injustificada poderia conseguir.

# II. EXPLORAÇÃO

## 7. O COMANDANTE

**Um alto castelo de proa e um castelo de popa ainda mais alto**: Os castelos eram um legado dos barcos de pesca do noroeste da Europa, dos navios mercantes e dos navios de guerra que carregavam ameias na frente e atrás, e das quais os arqueiros poderiam disparar contra os inimigos. Por volta do século XV, o castelo de popa se transformou em uma cabine encimada por um deque de popa, e o castelo de proa em uma plataforma triangular elevada que se projetava para a frente, descansando sobre a articulação da haste.

**ele nem sequer os veria sair de Lisboa**: Não há resposta clara à pergunta de por que as descobertas pararam por cerca de uma década entre as viagens de Bartolomeu Dias e Vasco da Gama. Provavelmente, João II aguardava notícias de seus espiões e também que um tratado fosse feito com a Espanha; ele estava de luto pela morte do filho, e também tinha que se ocupar com os muitos refugiados judeus vindos do outro lado da fronteira. Manuel I, que foi descrito pelo espião veneziano Leonardo da Ca' Masser como covarde, inconstante e irremediavelmente indeciso, em seus dois primeiros anos de reinado estava preocupado com as negociações de seu casamento e se confrontou com oposições internas conjuntas em relação às explorações. A teoria tão querida por alguns historiadores portugueses de que numerosas frotas partiram para chegar à Índia entre 1488 e 1497 — e descobriram as Américas antes mesmo de Colombo — nunca foi comprovada. Ela repousa na aparente confiança com a qual Gama buscou uma nova rota para o cabo da Boa Esperança; na determinação de João II em mover a linha de demarcação com a Espanha a 270 léguas mais a oeste, o que colocou o Brasil no lado português; em uma aparente referência ao celebrado navegador árabe Ahmad ibn Majid aos navios "francos" que visitaram Moçambique em 1495; e no livro de pedidos de uma confeitaria de Lisboa, que fez um comércio estrondoso de biscoitos do mar entre 1490 e 1497. Há explicações razoáveis para todas essas informações que não levam em consideração o notável critério de centenas de marinheiros hipotéticos, sem contar com a improvável relutância do rei português em alardear sua superação sobre Colombo.

**"porque sou apenas um saco de terra e vermes"**: Citado em Prestage, *The Portuguese Pioneers*, 1933, p. 246.

**herdeiro de Castela**: João, o irmão de Isabel, tinha se casado seis meses antes de morrer a caminho do casamento da irmã;

sua viúva estava grávida, mas sua filha nasceu morta, deixando Isabel como herdeira de Castela. As esperanças de Manuel de governar ambos os reinos foram frustradas quando Isabel morreu no parto, em 1498; seu filho, que por um breve tempo foi herdeiro de ambos os tronos, morreu aos dois anos.

**todos os judeus de Portugal foram obrigados a deixar o país**: Em uma cerimônia realizada em 2008, o ministro da Justiça de Portugal, José Vera Jardim, chamou a expulsão dos judeus de Portugal de uma parte negra da história da nação; o Estado, declarou, devia reparações morais aos judeus por séculos de brutal perseguição.

**Um labirinto de ruas**: Essa região de Lisboa é conhecida como Alfama, do árabe *al-Hamma*, "a fonte" ou "o banho". No século XV, apenas uma mesquita havia permanecido, e seus adoradores, desde que mantivessem as cabeças baixas, foram autorizados a se reunir lá para acertar assuntos do bairro.

**biscoitos do mar**: Também conhecido como biscoito do navio ou bolacha. *Biscuit* vem do latim medieval *bis coctus*, ou "duas vezes cozido", embora a versão do navio, uma espécie de pão integral denso, fosse cozida até quatro vezes para aumentar-lhe a vida útil. Era um item básico para os marinheiros, e durante o reinado de João I foi estabelecido um Gabinete do Biscoito Real para garantir uma oferta suficiente.

**"grosseiros, pobres, carentes de boas maneiras e ignorantes"**: Nicolau de Popelau, citado em Hart, *Sea Road to the Indies*, 1952, p. 44. A opinião de Nicolau sobre as mulheres de Portugal foi baseada nessa observação aguçada: "Elas permitem que se olhe para seus rostos sem entraves, e também para grande parte de seu peito, sendo suas combinações e vestidos generosamente decotados. Abaixo da cintura, elas usam muitas saias, de forma que seus traseiros fiquem amplos e belos, tão cheios que eu digo, com toda a verdade, que não há nada mais bonito em todo o mundo para ser visto". No entanto, alertou ele aos pretendentes em potencial, elas eram lascivas, gananciosas, inconstantes, más e dissolutas.

**um cavalheiro da família real**: *Fidalgo* significava literalmente "o filho de alguém". Este termo foi originalmente aplicado a qualquer um de linhagem nobre, e depois para a nova nobreza criada por João I. Na época de Vasco da Gama, o termo distinguia aquelas famílias da nova onda de arrivistas, cavaleiros nomeados entre aqueles da burguesia.

**o melhor homem que Manuel poderia encontrar**: O mais recente (e melhor) biógrafo acadêmico de Gama argumenta firmemente que Gama não era a escolha do rei, mas a de um grupo de nobres que se opunham ao rei; Manuel o aceitou, sugere ele engenhosamente, de modo que se a frota enfraquecida sofresse algum desastre, ele poderia colocar a culpa do insucesso na oposição. Uma frota de quatro navios, no entanto, não era pequena demais para uma viagem de exploração; Dias e Colombo contaram com apenas três embarcações. Essa frota seria pequena para uma viagem de comércio ou de colonização, um fato que desmente a noção de que Portugal já estava próximo de alcançar a Índia. Ver Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 67.

**Ele provavelmente nasceu em 1469**: 1460 é o ano alternativo, algumas vezes dado como sendo o da data de nascimento de Gama. A maior evidência é um passe emitido em 1478, em nome de Isabel de Castela, para um Vasco da Gama que devia ter mais do que nove anos; o nome de Gama, porém, não era incomum. Outras fontes, embora escassas, afirmam o ano de 1469, que tornou-se consenso.

**Ordem de Santiago**: O episódio da separação portuguesa do restante da Ibéria, quando Portugal se tornou independente. Sua base de poder estava no sudoeste de Portugal, onde nasceu Gama; a extensão de suas terras tornou-a virtualmente um Estado dentro de um Estado.

**o cruzado novato**: Sanjay Subrahmanyam fornece um levantamento abrangente dos documentos sobre a família e os primeiros anos de vida de Gama: Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 58-68.

**completavam a equipe, que, ao todo**: Entre os cronistas, Castanheda e Góis enumeram 148; Barros contabiliza 170. Há outras estimativas — menos prováveis — que variam, segundo o mercador florentino Girolamo Sernigi, de 118 até 260, número dado pelo historiador português Gaspar Correia. Correia e o historiador português mais recente, Manuel de Faria e Sousa, têm, cada um, um padre diferente a bordo, embora o de Correia fosse provavelmente um escrivão e não exista nenhuma menção contemporânea feita a qualquer um deles.

**o Cronista**: Uma quantidade notável de tinta foi gasta, desde que o diário foi descoberto, em 1834, em teorias sobre a identidade do autor. Por eliminação, surgiram dois candidatos como sendo os mais prováveis: João de Sá, o escrivão do *São Rafael* (que depois se tornou tesoureiro da Casa da Índia), e Alvaro Velho, um soldado. Um conflito menor entre a credulidade do autor de que a Índia estava cheia de cristãos e o ponto de vista mais cético atribuído posteriormente a Sá foram contra o escrivão, e mais historiadores portugueses têm definitivamente nomeado Velho como o diarista. A evidência é circunstancial, na melhor das hipóteses, e a atribuição permanece especulativa. Uma edição portuguesa padrão é Baião, Basto e Peres, *Diário da viagem de Vasco da Gama* , 1945; uma tradução em inglês feita por E. G. Ravenstein foi publicada como *A Journal of the First Voyage of Vasco da Gama, 1497-1499* (1898), e é doravante citada como *Journal*. Quaisquer

outros diários, diários de bordo ou relatos que tenham existido foram perdidos, talvez, juntamente com inúmeros outros documentos, no grande terremoto de Lisboa de 1755, e o *Journal* continua sendo a única testemunha ocular da viagem. Para completar o quadro, recorri seletivamente às primeiras crônicas portuguesas, especialmente as de João de Barros e Fernão Lopes de Castanheda, e aos relatos de viajantes quase contemporâneos. Como de costume, a literatura discorda praticamente de tudo, incluindo os tipos e nomes dos navios; as datas de preparação da missão, da partida e do retorno; os números, nomes e estatísticas de sobreviventes da tripulação; e a rota que a frota seguiu. Em meu relato só anotei as discrepâncias quando estas adicionavam algum interesse à história.

**"Louvado seja Deus"**: Barros dá o relatório mais completo da audiência real; ver Barros, *Ásia de João de Barros*, 1945-1946, v. 1, p. 131.

**Ordem de Cristo**: Manuel tinha sido grão-mestre da ordem desde 1484, e embora o testamento de João II estipulasse que em sua coroação ele deveria passar a responsabilidade para Jorge, filho ilegítimo de João, Manuel não seguiu suas ordens.

**vila de Belém**: A vila era conhecida anteriormente como Restelo; ela foi renomeada Belém por Manuel I, que encomendou o grande mosteiro construído lá para comemorar a viagem de Vasco da Gama.

**Os marinheiros usavam camisas soltas**: Para o traje dos marinheiros, ver Oliveira Marques, "Travelling with the Fifteenth-Century Discoverers", 2000, p. 34.

**"chorando e lamentando"**: Fernão Lopes de Castanheda, citado em Kerr, *A General History*, 1811-1824, v. 2, p. 303. O relato de Castanheda da primeira viagem de Gama é baseado em uma versão do *Journal*, mas acrescenta muitos detalhes valiosos. Sua *História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses* foi traduzida para o inglês por Nicholas Lichfield e foi publicada em 1582 como *The First Booke of the Historie of the Discoverie and Conquest of the East Indias, Enterprised by the Portingales, in their Daungerous Navigations, in the Time of King Dom John, the Second of that Name: Which Historie Conteineth Much Varietie of Matter, Very Profitable for all Navigators, and Not Unpleasaunt to the Readers* . Uma versão revisada desse texto foi reeditada na coleção de Kerr.

**a frota movia-se vagarosamente adiante**: Um quinto navio deixou Lisboa com a frota de Gama; comandado por Bartolomeu Dias, seguiu para a costa do Ouro, onde Dias deveria assumir um compromisso como capitão do forte de São Jorge da Mina.

**"Possa Deus, Nosso Senhor"**: *Journal*, p. 1.

## 8. CONHECENDO AS CORDAS

**a primeira das ilhas**: A ilha do Sal, nomeada assim pelos portugueses por causa das minas de sal que eles tinham cavado lá.

**fora da face conhecida da Terra**: A iniciativa ousada de Gama é um dos pontos centrais do argumento apresentado pelo historiador português Armando Cortesão e outros, de que uma série de frotas exploratórias partiu nos anos seguintes à viagem de Bartolomeu Dias. O autor do *Journal* implicitamente se junta à especulação, mostrando pouco interesse no curso que Gama seguiu. O silêncio completo do registro foi engenhosamente alegado como sendo prova de que algo importante o suficiente para exigir sigilo absoluto estava em andamento, mas uma obsessão súbita com a investigação das condições de navegação do Atlântico Sul não se encaixa no padrão dos descobrimentos. Parece mais provável que o curso de Gama tenha sido determinado pelas lições aprendidas a partir da viagem de Dias, pela limitação de seus navios e pelos caprichos do tempo. Qualquer que fosse o nível de premeditação, o fato é que uma frota equipada com dispositivos rudimentares de navegação para uma expedição de três meses por todo o Atlântico, que terminou a apenas cem milhas ao norte do cabo da Boa Esperança, foi, sob qualquer ponto de vista, um feito histórico de navegação.

**em outra viagem**: Pyrard, *The Voyage of François Pyrard*, 1887-1890, v. 1, p. 325.

**"A guarda é mudada"**: Citado em Villiers, "Ships, Seafaring and the Iconography of Voyages", 2000, p. 76.

**"E enquanto esse príncipe"**: Citado em Padfield, *Tide of Empires*, 1979, v. 1, p. 33. Padfield dá um resumo útil dos poucos fatos conhecidos sobre as munições carregadas pela frota.

**a mesma ração básica diária**: As quantidades variaram entre viagens; a ração de biscoito variava de menos de uma libra para quase duas libras. Ver Oliveira Marques, "Travelling with the Fifteenth-Century Discoverers", 2000, p. 32. Também entre os alimentos comumente carregados estavam peixe salgado ou defumado, farinha, lentilha, cebola, alho, sal, mostarda, açúcar, amêndoas e mel.

**"Entre nós estava a maior desordem e confusão"**: Mocquet, *Travels and Voyages*, 1696, p. 203-204.

**trinta léguas ao norte do cabo da Boa Esperança**: A baía de Santa Helena está a 33 léguas ao norte do cabo, ou cerca de cem milhas: Pêro de Alenquer, que fez a estimativa, estava a menos de dez milhas.
**93 incansáveis dias**: O tempo que Gama e sua tripulação ficaram sem avistar terra foi sem precedentes, até onde sabemos; foi certamente muito mais longo do que as cinco semanas suportadas pela tripulação amotinada de Colombo.
**um grupo de moradores**: Os bosquímanos, ou povo sã, caçadores-coletores e pastores que viviam no sul da África desde o final da Idade da Pedra.
**"Os habitantes desta terra"**: *Journal*, p. 6.
**"um dos revestimentos"**: Ibidem, p. 7.
**uma pasta de urina**: Um remédio comum; os portugueses tinham lidado com venenos feitos de peçonha de cobra ou de seivas mortais desde seu primeiro encontro com as forças hostis na África subsaariana.
**"Tudo isso aconteceu"**: *Journal*, p. 8.
**noventa ou mais homens saíram das montanhas**: eram os khoikhoi, pastores que haviam migrado para o sul da África por volta do século v d.C. e que tinham se misturado com os sã; o nome para ambos é khoisan. Hotentote, o nome antigo para khoikhoi, é hoje em dia considerado pejorativo.
**"Nós constatamos que ele era muito gordo"**: *Journal*, p. 11.
**"mas para provar que nós éramos capazes"**: Ibidem, p. 12.
**"grandes como patos"**: Ibidem, p. 13. Após vários meses de péssimas condições no mar, os marinheiros, invariavelmente, descontavam sua agressividade reprimida em animais indefesos.
**uma tempestade terrível**: Nesse ponto, o cronista do século xvi, Gaspar Correia, confronta Gama com um motim completo que termina dramaticamente quando ele convoca os líderes para a nau capitânia com o argumento de mapear a viagem de volta, e então os coloca a ferros e arremessa seus equipamentos de navegação no mar. Deus será seu mestre e piloto, ele promete; quanto a si, ele nunca iria desistir até que encontrasse o que tinha vindo buscar. O relato de Correia das duas primeiras viagens de Gama é incrementado com voos de fantasia e nenhuma outra fonte tem a história, embora Jerónimo Osório mencione brevemente um motim perto do cabo da Boa Esperança. Ver Stanley, *The Three Voyages of Vasco da Gama*, 1869, p. 56-64.
**o último pilar**: Gama tinha passado por uma baía que Dias batizou de baía da Roca (baía das Pedras; mais tarde renomeada baía de Algoa) e pela maior daquelas rochas, onde Dias celebrou a missa e a qual nomeou ilha da Cruz. As ilhas baixas — as ilhas Baixas de Dias — estavam a cinco léguas da ilha da Cruz e a 125 léguas do cabo. O promontório onde Dias erigiu seu pilar era conhecido anteriormente como Falsa Entrada e agora se chama Kwaiihoek; o rio que marcou o ponto onde Dias voltou para casa é ou o rio do Peixe Grande ou o rio Keiskamma.
**"De agora em diante"**, observou o Cronista: *Journal*, p. 16.

## 9. A COSTA SUAÍLI

**Todos eram muito altos**: Os bantos, uma grande família de povos africanos que se mudou para o sul da África desde aproximadamente o século iv d.C. e deslocou um grande número da população local; eles eram agricultores, pastores e trabalhavam o metal. O rio era, provavelmente, o Inharrime, no sul de Moçambique; Gama nomeou-o como rio do Cobre.
**"Olhe só o que me foi dado!"**: *Journal*, p. 17.
**um rio muito maior**: O rio Qua Qua, em Moçambique. Cerca de dez milhas rio acima estava o assentamento de comércio muçulmano de Quelimane, que foi de onde os dois visitantes ilustres vieram. O restante do povo, como antes, era banto.
**"Esses sinais"**: *Journal*, p. 20.
**"um homem de aparência tão pouco atraente"**: Blunt, *Pietro's Pilgrimage*, 1953, p. 10.
**o sultão local**: Os sultões da costa suaíli eram governadores únicos de suas terras; eles controlavam o comércio, exigiam uma taxa sobre as importações e exportações e abasteciam armazéns, pilotos e instalações para a reparação de navios. Com fortes ligações com as redes comerciais do interior, muitas vezes forjadas por meio de casamentos polígamos, eles também eram os mercadores dominantes da costa, por direito. Eram homens poderosos, e não estavam acostumados a receber ordens de estrangeiros. Ver Newitt, *A History of Mozambique*, 1995, p. 4.
**"uma jarra de tâmaras amassadas"**: *Journal*, p. 28. Os detalhes da vida na rua são de Mocquet, *Travels and Voyages*, 1696, p. 215.
**"ouro, prata, cravo, pimenta"**: *Journal*, p. 23.

**"grandes comerciantes e possuíam enormes navios"**: Ibidem, p. 24.
**"Essa informação"**: Ibidem, p. 25.
**"Mas quando souberam"**: Ibidem, p. 28.
**tribos guerreiras de homens nus e tatuados**: O viajante holandes Jan Huygen van Linschoten foi invulgarmente perspicaz sobre as normas culturais que fizeram o povo branco caricaturar os negros como figuras do inferno — e vice-versa. Alguns dos bantos, observou ele, queimavam seus rostos e corpos com ferros até que suas peles parecessem cetim em relevo ou damasco, "do que eles têm grande orgulho, pensando que não há povo mais belo do que eles em todo o mundo, de modo que quando eles veem alguma pessoa branca, com seus corpos cobertos, eles riem e zombam deles, pensando que os brancos são monstros, pessoas feias: e quando eles vão fazer alguma forma diabólica e pintura, então eles inventam uma a partir da forma de um homem branco com sua roupa, então, para concluir, eles pensam e se convencem muito de que eles têm a cor certa que um homem deve ter, e que nós temos uma cor falsa e simulada". Linschoten, *The Voyage of J. H. van Linschoten*, 1885, v. 1, p. 271.
**O piloto que Gama havia contratado com o sultão**: Provavelmente o piloto que estava tão interessado em escapar era o nativo, não o piloto de Meca que tinha pedido passagem, embora as fontes não especifiquem um ou outro.
**"Quando ficamos cansados desse trabalho"**: *Journal*, p. 30. Estimativas do alcance da força dos ilhéus vão de uma centena até a estimativa de Barros, de 2 mil; o cálculo mais baixo, como de costume, está provavelmente mais próximo da marca real.
**"*pisce mulier*, o que quer dizer mulher-peixe"**: Mocquet, *Travels and Voyages* , 1696, p. 233-235. Dizia-se também, relata Mocquet, que os pescadores cortavam as gargantas dos humanos e bebiam seu sangue enquanto ainda estava quente. O rei era o governante de Matapa, um estado de Karanga (atual Shona), povo que se estendia entre os rios Limpopo e Zambezi e que florescera entre 1200 e 1500 d.C., graças a seu comércio de ouro e marfim. A Grande Zimbábue, uma monumental cidade de pedra no planalto do Zimbábue, era o palácio real e o centro comercial. Os portugueses chamavam o reino de Monomotapa, que tiraram do título real de Karanga, *Mwene Matapa*, ou "destruidor de terras", e que eles inicialmente pensavam ser o nome do governante. Embora Matapa tenha declinado na época em que os portugueses chegaram, estes últimos acreditaram por muito tempo que esta era uma grande potência e andaram por grandes extensões para se infiltrarem nela.
**"Colar de membros de homem"**: Linschoten, *The Voyage of J. H. van Linschoten*, 1885, v. 1, p. 275.
**um grande arquipélago de ilhas tropicais**: O arquipélago das Quirimbas, que se estende por sessenta milhas ao longo da costa norte de Moçambique. A parte continental de baixa altitude é praticamente escondida da vista quando se navega fora dos recifes.
**uma grande ilha à frente**: Provavelmente a ilha de Mafia, que também era livre de cristãos. Por estar em mar alto, Gama não viu Zanzibar, cem milhas ao norte.
**o Espírito Santo pintado como uma pomba branca**: Fernão Lopes de Castanheda diz que os comerciantes eram indianos; sir Richard Burton sugeriu que o desenho era de um deus-pombo hindu. *Journal*, p. 36.
**"Esses e outros truques"**: Ibidem, p. 37-38. De acordo com Castanheda, os habitantes de Mombaça tentaram novas formas de sabotagem durante as duas noites seguintes.
**trompas enormes**: A *Siwa*, ou Trombeta Real, foi importada para a África oriental pelos persas de Shiraz, que se instalaram ao longo da costa nos séculos XI e XII. As *siwas* eram feitas de cobre e madeira e também de marfim.
**"Nossa Senhora ao pé da cruz"**: *Journal*, p. 44.
**o piloto parecia ser outro cristão da Índia**: O piloto tem sido muitas vezes identificado — romântica e erroneamente — como o grande navegador árabe Ahmad ibn Majid. A única evidência plausível é uma curta passagem em uma crônica árabe de meados do século XVI que chama a chegada dos "malditos portugueses" à Índia de uma das "surpreendentes e extraordinárias ocorrências da época", e, por alto, alega que os portugueses — "que eles possam ser amaldiçoados!" — só conseguiram atravessar o oceano Índico ao embebedar Ibn Majid. Castanheda, João de Barros e Damião de Góis, todos dizem que o piloto era de Gujarat. Barros e Góis dizem que ele era muçulmano, mas, dada a confusão permanente dos exploradores sobre as religiões da Índia, a citação do *Journal* — "Nós estávamos muito satisfeitos com o piloto cristão que o rei nos tinha enviado" (p. 46) — pode sugerir que ele era um hindu. Para a crônica árabe, ver Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 124.
**embora ele e seus compatriotas indianos preferissem outro dispositivo**: O *kamal*, uma invenção árabe que os portugueses utilizaram na criação da balestilha no início do século XVI.
**"nunca deixariam o seu coração"**: Gaspar Correia, citado em Stanley, *The Three Voyages of Vasco da Gama* , 1869, p. 143.

Pitoresco como sempre, Correia pinta um quadro de "amizade verdadeira e amor sincero" que se desenvolvia entre Gama e o sultão de Melinde, tanto que em sua partida ele "não pôde suportar, e embarcou em seu barco de onde os seguiu, dizendo coisas muito carinhosas" (p. 141 e 144).

## 10. CAVALGANDO NA MONÇÃO

**escaldantes temperaturas**: O grande deserto indiano, ou deserto do Thar, chega a 50º C durante o verão; a temperatura do mar permanece em baixos 20º C. As datas e a intensidade das monções variam muito de ano para ano, mas a costa do Malabar é sempre a primeira área a receber fortes chuvas. O restante da massa de ar flui sobre a baía de Bengala, onde ganha mais umidade e ruge em direção ao Himalaia oriental em velocidades de até 25 milhas por hora antes de virar para o oeste e encharcar a planície Indo-Gangética.

**"Assim que senti o cheiro do navio"**: "Narrative of the Journey of Abd-er-Razzak", em Major, *India in the Fifteenth Century*, 1857, p. 7-8.

**monte Eli**: Também conhecido como monte Deli e atualmente como Ezhimala; a montanha, que se destaca de forma proeminente no oceano, hoje abriga uma academia naval e é inacessível ao público.

**"dizendo o *salve*"**: Castanheda, citado em Kerr, *A General History*, 1811-1824, v. 2, p. 344.

**a Terra Prometida**: Em uma recente visita, o paraíso foi maculado com uma grande quantidade de sandálias descartadas, tubos de pomada e potes de remédio. A ressaca bate com força na areia, chicoteada por pedras de aparência traiçoeira nos bancos de areia. Logo atrás da costa existe um nada atraente poste de concreto com a seguinte inscrição:

Vasco-da-Gama
desembarcou
aqui
Kappkadavu
no ano
1498

Kappad ou Kappkadavu, que os portugueses chamavam de Capua ou Capocate, está dez milhas ao norte-noroeste de Calcutá, que é agora conhecida como Kozhikode. Estritamente falando, Gama não desembarcou lá; ele colocou os pés em solo indiano pela primeira vez em Pantalayini Kollam, o Pandarani português, quatro milhas costa acima. Pantalayini Kollam mais tarde foi suplantada pela cidade vizinha de Quilandy, agora conhecida como Koyilandy.

**"Por que o rei de Castela"**: *Journal*, p. 48-49.

**"Então, eles todos se juntaram em humildes e sinceros agradecimentos"**: Castanheda, em Kerr, *A General History*, 1811-1824, v. 2, p. 357.

**"todas as especiarias, remédios, noz-moscada"**: Ibidem, p. 346-347. Na década de 1330, quando Ibn Battuta chegou a Calcutá, o porto da cidade já era movimentado e repleto de comerciantes internacionais. Em 1421 e 1431, o viajante chinês Ma Huan visitou Calcutá e Cochim com a frota de Zheng He e descreveu o burburinho do comércio em seu livro amplamente lido *Ying-yai Sheng-lan* ("A pesquisa completa dos litorais do oceano"); uma tradução em inglês de J. V. G. Mills foi publicada pela Hakluyt Society, em 1970.

**"Os oficiais da alfândega"**: "Narrative of the Journey of Abd-er-Razzak", em Major, *India in the Fifteenth Century*, 1857, p. 14.

**"Você confundiu uma coisa com outra"**: Ayyar, *The Zamorins of Calicut*, 1999, p. 86.

**"A cidade de Calcutá é habitada por cristãos"**: *Journal*, p. 49-50.

**mesquitas elegantes, parecidas com pagodes**: As mesquitas impressionantes ainda permanecem em torno da piscina de Kuttichira, no centro de Kozhikode, embora a mesquita Mishkal, que foi construída por um comerciante do Iêmen e proprietário de navio no século XIV, tenha sido reconstruída após os portugueses a incendiarem, em 1510. Com venezianas pintadas em frescos turquesas e azuis, desenhos florais esculpidos e telhados com várias camadas de telha, ela carrega mais do que uma leve semelhança com os antigos templos hindus da cidade.

**"comumente muito hirsuta"**: Linschoten, *The Voyage of J. H. van Linschoten*, 1885, v. 1, p. 278. Os indianos, Linschoten muito indiscretamente acrescentou, eram "a nação mais lasciva e impura em todo o Oriente, de modo que há muito poucas

crianças do sexo feminino entre eles, de sete ou oito anos de idade, que tenham sua insígnia de donzela".
**"Nós não ancoramos"**: *Journal*, p. 50-51.
**"Esta recepção foi amigável"**: Ibidem, p. 51.
**"Eles não conseguem deixar nada livre"**: Mocquet, *Travels and Voyages*, 1696, p. 241-241v.
**"os cristãos deste local"**: *Journal*, p. 54.
**"dentes que se projetavam uma polegada da boca"**: Ibidem, p. 55.
**outra igreja antiga**: Embora isso significasse um caminho circular para o palácio, este pode ter sido o templo Tali, o mais importante santuário hindu em Calcutá e o ponto central a partir do qual a estrutura da cidade foi definida no século XIV. Um grande pórtico se abre para um pátio que leva a um salão forrado de cobre polido; no santuário interior há um *shivalinga* de dois pés de altura, o símbolo fálico de Shiva, feito de ouro e incrustado com pedras preciosas.
**havia 5 mil pessoas**: Ver a carta do mercador florentino Girolamo Sernigi, citado no *Journal*, p. 126. Sernigi também passou a notícia, trazida para casa pelos marinheiros de Gama, de que oitenta anos antes enormes frotas de embarcações de quatro mastros tripuladas por "cristãos brancos, que usavam seus cabelos longos como os alemães, e não tinham barbas exceto ao redor da boca", tinham visitado regularmente Calcutá. "Se eles fossem alemães", argumentou ele, "parece-me que deveríamos ter sabido disso" (p. 131). Eles eram, de fato, chineses. As memórias das frotas de tesouro de Zheng He, que fez sua última visita 67 anos antes de Gama chegar, ainda estavam claramente vivas em Calcutá; os indianos que deram boas-vindas arrebatadoras aos portugueses podem ter pensado, à primeira vista, que os chineses haviam retornado.
**"mais do que é mostrado na Espanha para um rei"**: *Journal*, p. 55.
**"Em Portugal não podem imaginar"**: Castanheda, citado em Kerr, *A General History*, 1811-1824, v. 2, p. 364.
**havia um vasto pátio arborizado**: Assim como no *Journal* e nas crônicas, a minha descrição do palácio e de Calcutá baseia-se, em geral, nos relatos de viajantes anteriores e posteriores, incluindo Abd al-Razzaq, Duarte Barbosa, François Pyrard, Ludovico de Varthema e Pietro della Valle; o último dá uma imagem particularmente completa do palácio, com diagramas. O local do palácio é agora um parque público chamado Mananchira Square e as enormes piscinas de banho dos samorins ainda podem ser vistas.
**"dando muitos golpes no povo"**: *Journal*, p. 56.
**Rei dos Montes e das Ondas**: A palavra portuguesa *Zamorin* era uma corruptela de *Samuri*, a abreviação comum do título pleno *Samutiri Tirumulpad*. Além disso, a derivação não é clara. *Samutiri* pode ser uma corruptela de *Svami* (o sânscrito para "mestre") e o honorífico *Sri*, ou *tiri*, pode ser uma contração do honorífico *Tirumulpad*. Alternativamente, *Samutiri* pode ser uma forma condensada de *Samudratiri*, que sem o honorífico *tiri* significa "aquele que tem o mar por sua fronteira", embora outro dos títulos do samorim, *Kunnalakonatiri*, signifique (novamente sem o título honorífico) "rei dos montes e das ondas". K. V. Krishna Ayyar investiga o assunto em *Zamorins of Calicut*, 1999, p. 24-26.
**"muito branco, delicado e suntuoso"**: Carta de Girolamo Sernigi, citada em *Journal*, p. 126.
**cara simplicidade**: Assim diz a maior parte das fontes, embora algumas delas incorram em fantasias orientalistas de luxo. "Ele usava tantos enfeites", escreveu o cronista português Diogo do Couto, "e em seu braço uma tal quantidade de pulseiras com pedras preciosas, que elas se estendiam desde a curva de seus cotovelos até os polegares, com o que ele ficava tão pesado que era obrigado a ter dois pajens, cada um sustentando um braço. De seu pescoço pendia um colar de valor inestimável. Nas orelhas, brincos do mesmo tipo, cravejados de belos rubis e diamantes, cujo peso estendia suas orelhas até os ombros, de maneira que o valor do que ele carregava era realmente grande. Ele estava nu da cintura até a cabeça, e em volta da cintura estava amarrado um pano de ouro e seda com muitas dobras, as extremidades alcançando até a metade de suas pernas, e em volta da cabeça uma coroa de joias de quatro dedos de largura, ricamente adornada e de grande valor." Citado em Pyrard, *The Voyage of François Pyrard*, 1887-1890, v. 1, p. 415.
**folhas amargas de bétele**: O embaixador persa Abd al-Razzaq era um entusiasta do antigo hábito de mascar bétele. "Esta substância", escreveu ele, "ilumina e dá uma cor ao rosto, provoca uma intoxicação semelhante àquela produzida pelo vinho, aplaca a fome e excita o apetite em pessoas que estão saciadas, mas remove o cheiro desagradável da boca e fortalece os dentes. É impossível expressar o quão fortalecedor ele é, e o quanto ele estimula o prazer." Major, *India in the Fifteenth Century*, 1857, p. 32.

## 11. SEQUESTRO

**Vijayanagar**: É o nome em sânscrito para "Cidade da Vitória". A vila de Hampi, no norte de Karnataka, fica agora dentro de

suas espetaculares ruínas; exércitos muçulmanos também a saquearam depois de terem derrotado o império em 1565, e a vila nunca mais foi repovoada. Robert Sewell, em *A Forgotten Empire* (1900), inclui vívidos relatos da cidade por dois viajantes portugueses do século XVI.

**"é de longe o mais distinto"**: Citado em Bracciolini e Varthema, *Travelers in Disguise*, 1963, p. 9-10. O Sati, explicou Conti, era realizado "de modo a aumentar a pompa do funeral". Fora dos bazares de prostitutas e da casa real, as mulheres de Vijayanagar também eram servidoras civis, comerciantes, poetas e artistas.

**impérios islâmicos**: Um, o sultanato de Déli, fundado em 1206 e governado por dinastias turcas e afegãs, tornou-se uma nova potência indiana, e protegia a Índia do apocalipse mongol. Depois de sobreviver a intermináveis intrigas sangrentas que testemunharam o assassínio de dezenove de seus 35 sultões, sua nêmesis apareceu, em 1398, na forma incontrolável de Tamerlão. Em sua campanha relâmpago para restaurar o Império mongol — ou, como ele proclamou em palavras que soariam familiares aos portugueses, para saquear a riqueza dos infiéis hindus, convertê-los à verdadeira fé e fortalecer o Islã —, ele varreu a passagem de Khyber e saqueou Déli, matando 100 mil prisioneiros em um dia e deixando a cidade em ruínas. Ele atacou a China, onde morreu durante um inverno mortalmente frio, mas o sultanato estava enfraquecido, e grande parte da Índia caiu de volta para as mãos de rajás independentes.

**"E quando o rei"**: Barbosa, *The Book of Duarte Barbosa*, 1921, v. 2, p. 26.

**"É estritamente proibido"**: Pyrard, *The Voyage of François Pyrard*, 1887-1890, v. 1, p. 404-405. De acordo com o viajante holandês Jan Huygen van Linschoten, os muçulmanos da Índia estavam igualmente convencidos de que havia pouca diferença entre hindus e cristãos.

**"Quanto a nós"**: *Journal*, p. 19.

**"Eu esperei por você ontem"**: Ibidem, p. 62-63.

**incapaz de lê-la**: Pergunta-se por que Gama não deixou Martins traduzir a carta portuguesa em voz alta para o árabe; presumivelmente seu árabe não estava à altura da tarefa. De qualquer forma, a carta em árabe tinha que ser deixada e necessitava verificação.

**"Quando eles viram a aparência sombria do capitão"**: *Journal*, p. 64.

**"Com isto nós nos alegramos muito"**: Ibidem, p. 67.

## 12. PERIGOS E DELÍCIAS

**"foram bem recebidos pelos cristãos"**: *Journal*, p. 69.

**"Os homens"**, explicou ele: Bracciolini e Varthema, *Travelers in Disguise*, 1963, p. 13-14.

**"perfurá-lo livremente"**: Linschoten, *The Voyage of J. H. van Linschoten*, 1885, v. 1, p. 281. As regras de conspurcação eram totalmente desconcertantes para os europeus. Se um não hindu tocasse um servo hindu de alta casta enquanto este estivesse trazendo comida ou bebida para os estrangeiros, a comida era jogada no chão. Se o não hindu entrasse na casa do hindu e tocasse em qualquer coisa, ninguém comeria lá de novo, até que esta fosse ritualmente purificada. Se um cristão se sentasse ao lado de um brâmane ou naire, ele levantaria imediatamente; se o cristão sentasse sem ser notado, o hindu lavaria seu corpo inteiro. O medo da conspurcação também era responsável pela prática de jogar itens para os de outras religiões em vez de passá-los à mão, assim como derramar líquidos em suas bocas em vez de deixá-los beber diretamente das vasilhas.

**"Estes têm em seu pescoço"**: Bracciolini e Varthema, *Travelers in Disguise*, 1963, p. 32-33. A testemunha era Nicolau de Conti; ele também relatou o festival mortal que viu em Vijayanagar. Linschoten menciona um festival semelhante que assistiu em um templo durante o qual os fiéis cortavam fora pedaços de sua carne e os jogavam num vagão; Pietro della Valle relata que os mártires fincavam ganchos em suas costas e suspendiam-se de uma viga que os girava quando uma alavanca era puxada. Atos menos violentos de devoção também assustavam os europeus: Jean Mocquet relatou ter visto um hindu nu "acocorado sobre o traseiro perante um fogo de esterco de vaca, e com essas cinzas empoou todo o corpo, tendo cabelos longos como os de uma mulher, indo até os ombros. Este foi o espetáculo mais hediondo e monstruoso já visto, pois ele permaneceu ainda olhando o fogo, sem nem virar a cabeça". Mocquet, *Travels and Voyages*, 1696, p. 244.

**"sob o acordo expresso"**: Nicolau de Conti, citado em Bracciolini e Varthema, *Travelers in Disguise*, 1963, p. 28. Conti foi um dos primeiros europeus a descrever o Sati, que foi proibido em áreas muçulmanas da Índia.

**"É notável"**: Mocquet, *Travels and Voyages*, 1696, p. 242. Mocquet passa a contar a história de uma prostituta cujo cliente "se aqueceu tanto com ela que morreu ali, com o que ela ficou tão aflita que, quando eles queimaram seu corpo, ela se queimou com ele, vendo que ele tinha morrido por amor a ela, embora ela não fosse nada além de uma boa amiga".

**"pelo objetivo de estabelecer relações de paz e amizade"**: *Journal*, p. 69.
**"Esta notícia nos deixou tristes"**: Ibidem, p. 71.
**"Se os capitães fossem à terra firme"**: Ibidem, p. 72.
**"Você não sabe"**: Ibidem, p. 74-75.
**"Na medida em que tínhamos descoberto"**: Ibidem, p. 76.
**"Eles disseram"**, registrou o Cronista: Ibidem, p. 80.
**mais cinco ilhas à frente**: O *Journal* incorretamente diz que havia seis. As ilhas Panchdiva estão quarenta milhas ao sul de Goa; a maior, ao largo da qual os portugueses ancoraram, foi denominada Angediva pelos portugueses e é agora conhecida como Anjadip. No Canto Nove dos *Lusíadas*, a epopeia portuguesa das descobertas, Luís Vaz de Camões chama-a de Ilha do Amor e descreve-a em detalhes exuberantes como um paraíso em miniatura; Vênus, diz ele, coloca-a no caminho dos viajantes como um santuário para suas cansativas labutas.
**cheiravam mais ou menos a canela**: Os ramos eram de árvores de cássia; a casca seca produz um tempero similar, mas inferior ao da canela.
**Um famoso pirata chamado Timoja**: O corsário hindu Thimayya, conhecido dos portugueses como Timoja, veio a servir-lhes como informante e fornecedor, tendo sido fundamental na captura de Goa e por um breve tempo atuou como governador da população indiana.
**"Muitos morreram"**: Mocquet, *Travels and Voyages*, 1696, p. 205-206.
**Um fungo tóxico infectou o pão**: A doença era conhecida como fogo de Santo Antônio por causa dos monges da Ordem de Santo Antônio, que eram famosos por suas proezas em curá-la; o termo moderno é ergotismo. É o resultado de comer o fungo *Claviceps purpurea*, que cresce em cereais, principalmente o centeio. Episódios de convulsões em massa tidos como bruxaria têm sido controversamente atribuídos à doença; os efeitos psicóticos são semelhantes aos do LSD.
**"irrompe no ânus como uma úlcera"**: Mocquet, *Travels and Voyages*, 1696, p. 231-232.
**"Aprouve a Deus em Sua misericórdia"**: *Journal*, p. 87.
**"de modo a descobrir para onde o Senhor nos tinha levado"**: Ibidem, p. 88.
**algumas ilhas na costa de Moçambique**: As Seicheles estão a cerca de trezentas léguas ou novecentas milhas de Moçambique; Madagascar está mais plausivelmente "ao largo" da costa, mas por apenas sessenta léguas ou 180 milhas.
**uma ilha próxima**: A cidade era Patê; a ilha do mesmo nome é a maior do arquipélago Lamu e está localizada ao largo da costa norte do Quênia.
**um pilar e uma cruz**: Um pilar encimado por uma cruz ainda está em um pequeno promontório rochoso, quase devorado pela maré, um pouco ao sul da cidade de Melinde, no meio da baía. Não é o original, que ofendeu a população local e foi logo removido — devido ao "ódio", diz a inscrição —, embora o sultão o tenha armazenado cuidadosamente em seu palácio e a cruz possa ter sobrevivido.
**"e repousando"**: *Journal*, p. 91.
**a seis léguas do continente**: O *Journal* incorretamente dá a distância como "a dez léguas".
**"aqueles que tinham chegado tão longe"**: Ibidem, p. 92-93.

## 13. UM VENEZIANO EM LISBOA

**embaixador extraordinário da República de Veneza**: A história do enviado veneziano devo a Donald Weinstein, em *Ambassador from Venice* (1960). Ver também Modelski, "Enduring Rivalry in the Democratic Lineage", 1999.
**"Em junho chegaram cartas"**: Citado em Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 20.
**"encontrado todo o tesouro"**: Ver Teyssier e Valentin, *Voyages de Vasco da Gama*, 1998, p. 186-188.
**"Pessoas, ilhas e praias desconhecidas"**: Citado em Weinstein, *Ambassador from Venice*, 1960, p. 45-46.
**o impetuoso e poderoso sultão turco**: Por algumas décadas, enquanto a Europa permanecia sob a ameaça terrível da conquista otomana, havia muitos que concordavam com Pasqualigo de que a nova obsessão por descobrir terras distantes havia deixado a terra natal perigosamente indefesa. Como escreveu Ogier Ghiselin de Busbecq, o embaixador da Áustria no Império Otomano, em meados do século XVI, muitos cristãos haviam abandonado o valor medieval que buscava honra em defesa da fé no campo de batalha em troca de uma predileção por "procurar as Índias e os antípodas através de vastos campos de oceano, em busca de ouro". Só com o tempo estaria claro o impacto das viagens sobre o equilíbrio de poder global. Lewis, *Islam and the West*, 1993, p. 15.

**"Isso é mais importante para o Estado veneziano"**: Citado em Weinstein, *Ambassador from Venice*, 1960, p. 29-30.
**"agradecendo muito a Nosso Senhor"**: Carta de Manuel I para o cardeal protetor, de 28 de agosto de 1499, citada em *Journal*, p. 115.
**"Soberanos e excelentes príncipe e princesa"**: Ibidem, p. 113-114.
**antigas profecias**: Colombo conquistou seu lugar no esquema escatológico que levaria ao fim do mundo em seu *Livro das profecias*; ele começou a trabalhar nele em 1501 e ainda estava revisando-o um ano antes de sua morte.
**colonos a quem ele havia prometido riquezas incalculáveis**: Colombo voltou o argumento deles contra eles mesmos: os colonos, queixou-se, tinham vindo "na crença de que o ouro e as especiarias podiam ser recolhidos com pás, e eles não refletiram que, embora houvesse ouro, este estaria enterrado em minas, e as especiarias estariam no topo das árvores, e que o ouro teria que ser extraído e os temperos colhidos e curados". Citado em Fernández-Armesto, *Columbus*, 1991, p. 134.
**exibir esta vitória aos parentes de sua esposa**: Neste momento, Manuel estava, na verdade, brevemente descasado de uma das filhas dos Reis Católicos. Isabel tinha morrido em 1498; em 1501, Manuel casou-se com sua irmã mais nova, Maria, que lhe deu um filho e herdeiro, João III.
**"plenamente a soberania e o domínio"**: Citado em *Journal*, p. 115-116. Manuel também escreveu para o sacro imperador romano Maximiliano I.
**"do dano pretendido pelos infiéis"**: Carta outorgada em janeiro de 1500 (?), citada em Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 171.
**"pois o rei decretou pena de morte"**: Angelo Trevisan, secretário de Domenico Pisani para o cronista Domenico Malipiero; citado em Hart, *Sea Road to the Indies*, 1952, p. 28. Guido Detti levantou uma questão similar: Manuel, disse ele, havia ordenado a Gama e seus homens que entregassem suas cartas de navegação sob pena de morte e o confisco de seus bens, por medo de que sua rota e informações vazassem para potências estrangeiras. "Mas eu acredito que, o que quer que eles façam, todos vão saber, e outros navios vão começar a ir para lá", ele acrescentou. Ver Teyssier e Valentin, *Voyages de Vasco de Gama*, 1998, p. 188.
**"uma orquestra bárbara"**: Citado em Hart, *Sea Road to the Indies*, 1952, p. 203.
**"maior do que Lisboa"**: Carta de Girolamo Sernigi, s.d. [julho de 1499], citada em *Journal*, p. 125 e 134-135. Guido Detti espalhou a notícia; o povo de Calcutá, explicou, "não são cristãos, estritamente falando, porque batizam-se a cada três anos como um meio de confissão e purificação de seus pecados. Mas eles reconhecem a existência de Cristo e Nossa Senhora. Eles têm igrejas equipadas com sinos, onde existem apenas duas bacias, uma para água benta e outra para o bálsamo, sem qualquer outro sacramento, sem sacerdotes ou monges de qualquer tipo". A noção de que o hinduísmo era uma variante do cristianismo, ou ao menos tinha algum parentesco com este, mostrou-se difícil de abalar. "Toda a Malabar acredita, como nós, na Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, os três em um, o único Deus verdadeiro. De Cambaia a Bengala todas as pessoas sustentam isso", escreveu Tomé Pires, um boticário da família real portuguesa que estava na Índia como "administrador de remédios" e escreveu um levantamento abrangente da Ásia entre 1512 e 1515. Em 1552, João de Barros ainda estava se referindo ao triplo deus hindu: Brahma, Vishnu e Shiva como uma trindade brâmane, embora ele tenha percebido que esta era bem diferente da trindade cristã. Ver Teyssier e Valentin, *Voyages de Vasco de Gama* , 1998, p. 183; Pires, *The Suma Oriental*, 1944, v. 1, p. 66.
**"são na realidade templos de idólatras"**: Segunda carta de Sernigi, s.d. [1499], citada no *Journal*, p. 138.
**Gaspar era judeu**: Ibidem, p. 137. Sernigi diz que Gaspar nasceu em Alexandria, assim como relata Manuel em sua carta ao cardeal protetor. Barros acrescenta que seus pais haviam fugido de Poznan, na Polônia, quando os judeus foram expulsos, em 1450. Castanheda diz que ele tinha uma esposa judia; ele também tinha um filho, que foi mais tarde batizado como Baltazar.
**um quadro fantástico da religião na Índia**: Estatísticas separadas para cada região da Índia e para outros "reinos na costa mais ao sul de Calcutá" — alguns dos quais estando de fato no sudeste da Ásia — estão anexadas ao *Journal*, p. 96-102.
**"Antes que atacasse os mouros"**: O resumo de Barros é citado em Stanley, *The Three Voyages of Vasco da Gama* , 1869, p. 186-187.
**"Pois deve-se acreditar verdadeiramente que Deus"**: Castanheda, citado em Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 162.
**"Tão grande era a consternação"**: Castanheda, citado em Kerr, *A General History*, 1811-1824, v. 2, p. 418.
**para o Atlântico Norte**: O comandante era Gaspar Corte-Real. Em 1500, ele teria alcançado a Groenlândia e a Terra Nova, onde João Caboto, um italiano que viajava sob bandeira inglesa, podia já ter desembarcado antes, em 1497. No ano

seguinte, Corte-Real partiu de novo e pode ter visto a baía de Chesapeake e a Nova Escócia, mas ele e seu navio se perderam; então, quando navegou para encontrá-lo no ano seguinte, era seu irmão Miguel.

**Só havia homem para esse trabalho**: Na verdade, o comando foi primeiramente oferecido a Cabral, que ainda tinha seus partidários na corte. Os detratores de Cabral, nomeadamente o tio materno de Gama, Vicente Sodré, denunciaram Cabral como incompetente e, com êxito, conspiraram contra ele. O problema se resolveu quando foi dado a Gama o direito de assumir, por toda a vida, o comando de qualquer frota que fosse para a Índia.

**o final do verão de 1499**: As fontes discordam sobre a data de retorno de Gama. Barros, Góis e Resende indicam a data de 29 de agosto; Castanheda, 8 de setembro; outras fontes, 18 de setembro. Possivelmente, como Barros sugere, Gama passou seus primeiros dias em solo pátrio em isolamento, antes que entrasse publicamente na cidade.

**"o rei honrou-o"**: Castanheda, citado em Kerr, *A General History*, 1811-1824, v. 2, p. 394.

**carta de concessão**: Citado em *Journal*, p. 230-232. A carta tem sido tradicionalmente datada de 10 de janeiro de 1502, mas provavelmente foi emitida em janeiro de 1500; ver Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 169-170.

**"com todas as honras, prerrogativas, liberdades"**: Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 172.

**"Primeiro, todos participaram de uma missa suntuosa"**: Ibidem, p. 194-195.

**a brilhante gôndola preta**: A impressionantemente espalhafatosa embarcação ainda pode ser vista no Museu da Marinha de Lisboa.

**"encontrar soluções rápidas e secretas"**: Citado em Weinstein, *Ambassador from Venice*, 1960, p. 77-78.

# III. CRUZADA

## 14. O ALMIRANTE DA ÍNDIA

**Vasco da Gama partiu de Lisboa**: Vários relatos de testemunhas oculares da segunda viagem de Gama sobreviveram. O mais completo de todos é o de Tomé Lopes — um escrivão português que navegou em um navio financiado por Rui Mendes de Brito e capitaneado por Giovanni Buonagrazia —, que deixou Lisboa em abril de 1502 como parte da frota sob o comando de Estêvão da Gama. A narrativa de Lopes é conhecida apenas em uma tradução italiana que foi enviada para Florença e publicada em 1550 por Giovanni Battista Ramusio; ver Lopes, "Navigazione verso le Indie orientali", 1978. Um segundo relato foi escrito em português por um marinheiro que estava na frota principal de Gama; este é particularmente informativo sobre a primeira parte da viagem, mas depois torna-se mais fragmentado. O manuscrito está na Österreichische Nationalbibliothek, em Viena, e foi reimpresso por Leonor Freire Costa em "Relação anónima da segunda viagem de Vasco da Gama à Índia" (1985). Uma terceira fonte são duas cartas escritas por um administrador italiano chamado Matteo da Bergamo, cujo navio fazia parte da frota de Estêvão da Gama; embora elas variem em extensão e detalhe, ambas são datadas (Moçambique, 18 de abril de 1503), e foram enviadas em diferentes navios, por segurança, ao seu empregador, um cremonense chamado Gianfranco Affaitadi, que dirigia um negócio mercantil em Lisboa. Duas cópias estão na Biblioteca Marciana em Veneza; ambas as versões, em tradução francesa, estão em Teyssier e Valentin, *Voyages de Vasco de Gama*, 1998, p. 319-340. Os outros relatos que sobreviveram são mais curtos, mas são valiosos por relatar as experiências de marinheiros comuns, especialmente aqueles que eram novatos, espantados com as maneiras de ser da África e da Índia. O primeiro, que já era conhecido por volta de 1504, é de autoria de um flamengo que navegou com a frota principal no *Leitoa Nova*. Um fac-símile do original com tradução inglesa foi publicado como *Calcoen: A Dutch Narrative of the Second Voyage of Vasco da Gama to Calicut*, trad. de J. P. Berjeau (1874). O segundo, que segue o relato português no manuscrito de Viena, está em alemão; o escritor era também da frota de Gama, mas o texto sobrevivente está incompleto e muitas vezes confuso, e é provavelmente uma cópia de um relato compilado a partir de notas ou de um diário sobre o retorno da frota. Foi publicado pela primeira vez junto com o manuscrito português em Rohr, *Neue Quellen zur zweiten Indienfahrt Vasco da Gamas*, 1939. Uma variante geralmente abreviada deste relato, que provavelmente pertenceu a um agente comercial chamado Lazarus Nuremberger, que atuava em Lisboa e Sevilha, foi encontrada na década de 1960 na Biblioteca Lyceum, em Bratislava (agora na Biblioteca Central da Academia Eslovaca de Ciências), e está publicada com tradução inglesa, juntamente com outros fragmentos de manuscritos sobre as primeiras viagens de descoberta, em Krása, Polišenskyâ e Ratkoš, *European Expansion*, 1986. Os relatos diferentes são inconsistentes ou contraditórios em muitos detalhes, mas, como antes, eu evitei explicações prolixas das minhas deduções. Exceto onde as versões em inglês estão anotadas acima, as traduções são minhas.

**"O povo estava totalmente nu"**: Berjeau, *Calcoen*, 1874, p. 22.
**"chuva, granizo, neve, trovão e relâmpago"**: Ibidem, p. 23.
**"um frio tão grande que nem na Alemanha poderia ocorrer"**: Krása, Polišenskyâ e Ratkoš, *European Expansion*, 1986, p. 78.
**na cidade famosa pelo comércio de ouro, Sofala**: Embora as crenças cristãs sobre Sofala fossem meras fantasias, os escritores muçulmanos descreveram-na como uma importante fonte de ouro desde o século x. As areias mudaram dramaticamente desde a chegada de Gama, e o porto que antes era próspero foi perdido para o mar há muito tempo. O autor de *Calcoen* afirma de forma drástica que seus habitantes se recusaram a negociar com os portugueses por medo de que eles pudessem subir o rio em direção ao reino de Preste João, que estava localizado no interior e era inteiramente cercado por muros. O sultão de Sofala, acrescenta ele, estava em guerra com o povo de Preste João; de alguns que haviam sido tomados como escravos, os portugueses aprenderam que a terra deles era inundada com prata, ouro e pedras preciosas. Boatos de bordo sem dúvida estavam por trás dos rumores.
**o lar dos mais poderosos sultões da África oriental**: As ruínas de Kilwa ainda são impressionantes, embora a ilha agora só possa ser alcançada vadeando pelos baixios. Para conhecer sua história fascinante, ver Chittick, *Kilwa*, 1974. Para uma visão quase contemporânea, ver Hans Mayr, "Account of the Voyage of D. Francisco de Almeida, Viceroy of India, along the East Coast of Africa", em Newitt, *East Africa*, 2002.
**"Seus corpos são bem formados"**: Hans Mayr, citado em Newitt, *East Africa*, 2002, p. 14.
**O emir deixou três dignitários**: De acordo com Castanheda e Correia, que quase concordam pela primeira vez, o emir entregou seu arqui-inimigo como refém e se recusou a pagar o tributo, na esperança de que Gama o matasse; no final, o próprio refém conseguiu o dinheiro. Quando o negócio foi feito, Gama graciosamente perguntou a seu novo vassalo se ele tinha algum inimigo com o qual ele pudesse ajudá-lo; o emir, tentando salvar a situação, disse-lhe que eles temiam muito os cristãos de Mombaça — seu principal rival — e, sem dúvida, pagariam um belo tributo, se solicitados.
**"e por causa disso me armei"**: Carta datada de Kilwa, 20 de julho de 1502, Biblioteca Nacional de Lisboa, Reservados, Mss. 244, n. 2, citado em Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 202.
**Gama tinha avisado em sua carta**: "Se antes de você entrar neste porto esta carta lhe for entregue, não entre nele, porque este porto é difícil de sair, em vez disso, vá adiante e siga tudo o que foi dito acima", ele escreveu.
**"Nós todos pensávamos que era aconselhável"**: Ver Teyssier e Valentin, *Voyages de Vasco de Gama* , 1998, p. 328. Dos cronistas, Barros diz que a frota entrou em uma baía a oito léguas ao sul de Melinde; Castanheda diz que Gama visitou brevemente a cidade; Correia oferece uma descrição elaborada do encontro de Gama com o sultão, que mais uma vez o abraçou como a um irmão. Todos são contraditos pelos relatos de testemunhas oculares.
**"e nós matamos as pessoas e queimamos os navios"**: Berjeau, *Calcoen*, 1874, p. 26. O marinheiro flamengo diz que a frota seguiu em direção nordeste nos ventos de monção e chegou em 21 de agosto perto de "uma grande cidade chamada Combaen". A cidade era Cambaia, um importante porto guzerate durante seiscentos anos, agora conhecido como Khambhat, seu porto tendo sido há muito assoreado. Navegando pela costa, ele diz que a frota chegou a uma cidade chamada Oan (provavelmente Goa); foi lá, ele afirma, que eles capturaram e queimaram quatrocentos navios. O ataque não é corroborado em outros relatos. Matteo da Bergamo diz que a tempestade os levou para Dhabul (Mumbai); Lopes descreve um lugar semelhante, mas o chama de Calinul.
**Rui Mendes de Brito**: O armador foi provavelmente membro de uma família de cristãos-novos que eram importantes comerciantes portugueses de pedras preciosas e também banqueiros. Rui Mendes é mencionado como um financiador de armadas em Antuérpia entre 1504 e 1508, quando a cidade já estava se tornando o principal entreposto europeu das especiarias de Portugal. Em 1512, um tal Diogo Mendes, possivelmente da mesma família, mudou-se em definitivo para Antuérpia e se tornou um barão das especiarias fabulosamente rico; em meados do século xvi, a dinastia pegou a maior parte do comércio de especiarias e controlou diversos mercados de ações. Ver Birnbaum, *The Long Journey*, 2003, p. 15-22.
**"os navios que carregam as especiarias"**: Berjeau, *Calcoen*, 1874, p. 27.
**sambuco**: Diferentes tipos de dhows eram distinguidos pelo desenho de sua quilha, mais do que pelos seus propósitos ou seu tamanho, que pode variar amplamente. Mesmo o desenho da quilha evoluiu ao longo do tempo: os sambucos, que estavam entre os mais bem-sucedidos de todos os dhows, mais tarde desenvolveram uma popa quadrada sob a influência dos portugueses.
**um relato completo dos horrores**: Meu relato da batalha é baseado *ipsis litteris* no relatório de Tomé Lopes, com detalhes adicionais de outras testemunhas oculares e dos cronistas.
**240 homens**: Esse quadro é dado pelo confiável Lopes, mas as estimativas variam amplamente. Matteo da Bergamo e o

anônimo escritor português colocaram o número em cerca de duzentos; o marinheiro flamengo diz 380, e o marinheiro alemão, seiscentos. Barros fala em 260, além de mais de cinquenta mulheres e crianças; Correia, exagerando como sempre, diz setecentos.

**Jauhar al-Faqih**: O "Ioar Afanquy" de Lopes.

**"Quando eu comandava este navio"**: Ver Lopes, "Navigazione verso le Indie orientali", 1978, p. 701.

**"Não podíamos nem mesmo falar sobre essa captura"**: Ver Teyssier e Valentin, *Voyages de Vasco de Gama* , 1998, p. 330. "Sobre este assunto existem, além disso, certas histórias sobre as quais ainda não é o momento nem o lugar para que sejam reveladas", acrescentou sombriamente Bergamo.

**"Era uma segunda-feira"**: Ver Lopes, "Navigazione verso le Indie orientali", 1978, p. 703.

**"com tal veemência"**: Ibidem, p. 704.

**"E assim"**, registrou Tomé Lopes: Ibidem, p. 705.

**Quase todos os demais**: No retorno dos primeiros navios a Lisboa, foi dito ao mercador florentino Francesco Corbinelli que Gama tinha queimado o *Mîrî* com todo o seu ouro, mas que salvara todos os comerciantes muçulmanos. A menos que ele tenha cometido um erro gritante, pelo menos uma pessoa ficou envergonhada com as ações de Gama. Carta datada de Lisboa, 22 de agosto de 1503; ver Teyssier e Valentin, *Voyages de Vasco de Gama*, 1998, p. 354.

**dezessete crianças**: Valor indicado pelo escritor anônimo português; Matteo da Bergamo diz que eram vinte. Mais tarde, pelo menos alguns deles foram levados para o monastério de Belém como frades aprendizes.

**"era uma demonstração da maneira"**: João de Barros, citado em Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 208.

## 15. CHOQUE E TEMOR

**"nós conhecíamos sua vontade"**: Ver Teyssier e Valentin, *Voyages de Vasco de Gama*, 1998, p. 329.

**uma conspiração diabólica**: Os administradores portugueses reclamavam regularmente que estavam sendo cobrados deles preços inflacionados; muitas vezes eles estavam com pouca quantidade de moeda forte, seus bens de comércio estavam raramente em demanda e eles se recusavam a pagar as taxas de mercado.

**"que, como ele bem sabia"**: Ver Lopes, "Navigazione verso le Indie orientali", 1978, p. 707.

**"porque desde o início do mundo"**: Ibidem, p. 712.

**"Uma palmeira"**: Ibidem, p. 714.

**distribuindo os cativos muçulmanos**: De acordo com o marinheiro alemão, Gama perguntou aos cativos, por intermédio de um judeu holandês que tinha sido batizado em Portugal, se eles queriam morrer como cristãos ou preferiam manter sua própria fé. A maior parte deles, ele insiste, pediu para ser batizada, não porque eles pensassem que isso iria salvá-los, mas porque desta forma eles poderiam morrer acreditando no Deus Todo-Poderoso. O relato do português anônimo diz que 32 foram enforcados.

**uma carta do almirante**: Barros relata a primeira parte e Lopes, a segunda. Gaspar Correia, tipicamente, consegue tornar o episódio ainda mais medonho. O falso frade, diz ele, foi colocado em um barco com suas orelhas, nariz e mãos amarrados em volta do seu pescoço e uma mensagem para o samorim sugerindo que ele fizesse um *curry* com estas partes. Os outros prisioneiros sobreviventes foram igualmente mutilados e partes de seus corpos foram jogadas no barco; então Gama "ordenou que seus pés fossem amarrados juntos, uma vez que eles não tinham mãos com que desatar-lhes: e para que eles não os desamarrassem com os dentes, ordenou que batessem em seus dentes com bastões, e os dentes eram empurrados para dentro de suas gargantas; e eles eram, assim, colocados a bordo, amontoados uns sobre os outros, misturados com o sangue que escorria deles, e ele ordenou que esteiras e folhas secas fossem colocadas sobre eles, e as embarcações foram mandadas para a praia, e o navio foi posto em chamas". Mais de oitocentos muçulmanos, declara Correia, foram assassinados assim; mais deles foram pendurados pelos pés e usados pelos portugueses para a prática de alvo. Três destes imploraram para ser batizados, e depois de terem orado com um padre, Gama caridosamente estrangulou-os, de modo "que não pudessem sentir as flechas. Os besteiros lançaram as flechas e transpassaram os outros; mas as flechas que atingiram estes não entraram neles, nem fizeram qualquer marca sobre eles, mas caíram". A história de Correia não é corroborada, e é quase inventada; mesmo assim as ações horríveis de Gama têm que ser vistas no contexto de uma época na qual tais afirmações não eram feitas para acusar o almirante, mas para glorificá-lo e à sua Cruzada. Stanley, *The Three Voyages of Vasco da Gama* , 1869, p. 331-334.

**"Nós ficávamos nos perguntando"**: Ver Teyssier e Valentin, *Voyages de Vasco de Gama*, 1998, p. 332-333.

**"Dessa forma"**: Ver Lopes, "Navigazione verso le Indie orientali", 1978, p. 720.
**grande cidade comercial chamada Quilon**: Agora conhecida como Kollam; o local do sepultamento de São Tomé, no entanto, é tradicionalmente considerado como sendo Mylapore, no sul de Chennai.
**a história dizia**: As lendas são contadas em Barbosa, *The book of Duarte Barbosa*, 1921, v. 2, p. 97-99, 127-129. Existem muitas versões; o episódio do martírio do pavão provavelmente deriva de uma história hindu ou budista.
**Eles chegaram à Pérsia**: Muito provavelmente foram os persas que chegaram pela primeira vez a Índia. Missionários pertencentes à Igreja persa ou à Igreja do Oriente, uma das várias denominações do cristianismo siríaco que surgiu das controvérsias cristológicas do século V, alcançaram a costa Malabar e a China no século VI; no século IX muitos cristãos siríacos migraram para o sul da Índia. Tamerlão praticamente dizimou o cristianismo persa no final do século XIV; a comunidade indiana foi uma das poucas sobreviventes, embora tenha se dividido em dois grupos que seguiam ritos siríacos diferentes. No século XVII, ela caiu em mais cismas enquanto alguns cristãos de São Tomé entraram em comunhão com Roma sob pressão portuguesa e outras se rebelaram contra os portugueses e romperam com Roma, criando uma colcha de retalhos dos cristãos de São Tomé siríacos ocidentais, cristãos de São Tomé siríacos orientais, católicos romanos siríacos ocidentais, católicos romanos siríacos orientais, católicos romanos não siríacos, duas denominações siríacas ortodoxas e outras que ainda persistem até hoje.
**"quase 25 mil cristãos"**: Berjeau, *Calcoen*, 1874, p. 29.

## 16. IMPASSE NO MAR

**"Esse brâmane"**: Ver Lopes, "Navigazione verso le Indie orientali, 1978, p. 724. Correia afirma sinistramente, e sem dúvida falsamente, que Gama torturou o brâmane com brasas antes de cortar seus lábios e orelhas e costurar as orelhas de um cão em seu lugar. As fontes divergem quanto ao número e o estado dos mensageiros, sua missão e seus destinos.
**"como se estivessem prontos para lutar"**: Ibidem, p. 726.
**Logo havia duzentos**: Matteo da Bergamo apresenta esse quadro. Depois que a frota chegou em casa, a contagem dos barcos inimigos, de acordo com o mercador florentino Francesco Corbinelli, cresceu para quatrocentos ou mesmo quinhentos.
**"Homem vil!"**: Ver Lopes, "Navigazione verso le Indie orientali", 1978, p. 728.
**"cortar suas cabeças"**: Ibidem, p. 730.
**pequenos saques**: De acordo com Castanheda havia uma abundância, incluindo muita porcelana e prata e um ídolo de ouro com olhos de esmeralda e um imenso rubi em seu peito. Correia acrescenta que os marinheiros encontraram muitas mulheres nos deques inferiores, incluindo algumas garotas bonitas, as quais Gama manteve para a rainha. Nenhuma destas alegações é crível.
**"durante toda a noite o vento soprou do mar"**: Ver Lopes, "Navigazione verso le Indie orientali", 1978, p. 730.
**cadeias de ilhas desconhecidas**: As Lacadivas e Maldivas. Mais perto da África, a frota passou pelas Seicheles, Comores e ilhas Amirante; as últimas foram nomeadas a partir de Vasco da Gama, o almirante da Índia.
**"Parece-me que o argumento"**: Ver Teyssier e Valentin, *Voyages de Vasco de Gam* a, 1998, p. 338. Por razões desconhecidas, aqui e em toda sua carta o mercador italiano substitui "Constantinopla" por "Lisboa".
**Os dois navios deixaram Moçambique**: Lopes diz que quinze navios deixaram Moçambique; se esse número estiver correto, a caravela que tinha sido construída lá pode ter substituído o navio que havia sido perdido perto de Sofala. Os relatos discordam em algumas das datas de partida e outros detalhes da viagem de regresso; Lopes é meu guia principal, mas testemunhas oculares de diferentes navios preenchem a história. Lopes e o marinheiro alemão partiram em 16 de junho; embora mais tarde ele se atrapalhe com as datas, o marinheiro flamengo deve ter partido com o mesmo grupo. O marinheiro português foi com Gama e o comboio final em 22 de junho. Matteo da Bergamo deu os últimos retoques em suas cartas em 18 de abril; com sua confiança habitual, ele garantiu a seu empregador que esperava partir dentro de seis dias e ultrapassar os outros navios — com menos capacidade de aguentar o mar — a caminho de casa. Ele despachou seus relatórios no dia seguinte e seu testemunho termina ali, mas sua paciência foi dolorosamente testada uma última vez.
**"não precisava de condimentos"**: Ver Lopes, "Navigazione verso le Indie orientali", 1978, p. 736.
**"Encontramos uma ilha"**: Berjeau, *Calcoen*, 1874, p. 32.
360 **"e com o qual conseguimos farinha, bolos assados"**: Krása, Polišenskyâ e Ratkoš, *European Expansion*, 1986, p. 80-81.

**"Em todo lugar onde esteve"**: Carta datada de Lisboa, 20 de agosto de 1503, citada em Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 225.
**"Um vento tão forte soprou"**: Krása, Polišenskyâ e Ratkoš, *European Expansion*, 1986, p. 81. O marinheiro alemão diz que um navio retornou em 19 de agosto, um em 27 de agosto, um em 7 de outubro, nove em 10 de outubro e um em 14 de outubro. O velho navio naufragou perto de Lisboa no dia 24. "Um pequeno navio ainda está fora", acrescenta o alemão, "e há temores de que este também tenha sido destruído." De acordo com outras fontes, contudo, os navios ainda continuavam chegando em novembro.
**"os mouros de Meca"**: Carta outorgada em fevereiro de 1504, citada em Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 227.

## 17. IMPÉRIO DAS ONDAS

**Caaba em Meca**: Disfarçado de peregrino, Varthema provocou um comerciante de Meca sobre os efeitos das viagens portuguesas: "Eu comecei a dizer-lhe que se esta era a cidade de Meca, que era tão renomada pelo mundo todo, onde estavam as joias e especiarias, e onde estavam todos os vários tipos de mercadorias que foi dito que eram levadas para lá [...] Quando ele me disse que o rei de Portugal era a causa, eu fingi estar muito triste e falei muito mal do rei, mas apenas para que ele não pudesse pensar que eu estava satisfeito de que os cristãos devessem fazer tal viagem". Bracciolini e Varthema, *Travelers in Disguise*, 1963, p. 82.
**"subjugar toda a Índia"**: Citado em Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 227. O banqueiro era Bartolomeo Marchionni, o mesmo plutocrata que tinha emitido uma carta de crédito para Pêro da Covilhã.
**"sem incluí-los nos livros"**: Carta de Pêro de Ataíde para Manuel I, datada de Moçambique, 20 de fevereiro de 1504, citada em ibidem, p. 230. Logo depois, Brás Sodré morreu em circunstâncias misteriosas; Castanheda e Góis insistiram que os irmãos estavam condenados por Deus pelo pecado de abandonar o rei de Cochim. Ataíde levou os navios restantes para a Índia e escreveu para Manuel pedindo uma recompensa, mas ele morreu no ano seguinte em Moçambique antes que sua carta pudesse fazer-lhe algum bem.
**"as vidas dos mouros"**: Hans Mayr, citado em Newitt, *East África*, 2002, p. 12.
**"queimou como um enorme incêndio"**: Ibidem, p. 15.
**"Ó senhores, ó irmãos"**: Bracciolini e Varthema, *Travelers in Disguise*, 1963, p. 214-219.
**"barba venerável"**: Faria e Sousa, *The Portuguese Asia*, 1694-1695, v. 1, p. 207-208.
**o golfo Pérsico**: Ou o golfo Arábico; a nomenclatura é ponto de controvérsia entre o Irã e os Estados árabes.
**"um edifício muito grande e belo"**: Birch, *The Commentaries of the Great A. Dalboquerque*, 1875-1894, v. 1, p. 81.
**a lendária cidade**: Ormuz foi rapidamente perdida quando vários dos capitães de Albuquerque se rebelaram contra o trabalho pesado de construção da fortaleza no calor abrasador e fugiram para a Índia. Não foi retomada de forma adequada até 1515, novamente por Albuquerque, mas dessa vez com uma força muito maior. Ormuz deu a Portugal a soberania dos portos do golfo Pérsico e da Arábia oriental; a ilha permaneceu sob o governo português até ser tomada no século XVII por uma força persa-inglesa.
**um jardim de árvores balsâmicas**: Ver Smith, "Meanings Behind Myths", 2008; Milwright, "The Balsam of Matariyya", 2003.
**o Menino Jesus**: Para a história de Maria lavando a camisa de Jesus, ver Schneemelcher, *New Testament Apocrypha* , 2003, p. 460. Em outra versão, Jesus rompe o bastão de José, planta os pedaços e molha-os com a água de um poço que ele cava com suas próprias mãos; eles imediatamente se transformam em mudas de bálsamo. Ver Meinardus, *Two Thousand Years of Coptic Christianity*, 1999, p. 21.
**um frade franciscano**: O frade era Fra Mauro; o sultão era Qansuh al-Ghuri, que assumiu o poder em 1501 após uma luta pela sucessão desencadeada pela morte de Qaitbay, reinante havia muito tempo, e viu quatro sultões serem despachados em rápida sucessão. Ver Weinstein, *Ambassador from Venice*, 1960, p. 78-79.
**um deles foi desmascarado**: O espião se chamava Ca' Masser; ele se passou por comerciante e enviou relatos codificados aos cuidados do embaixador de Veneza na Espanha. O sobrinho do banqueiro florentino, Bartolomeo Marchionni, desmascarou-o antes mesmo que ele chegasse a Lisboa, mas Manuel finalmente o libertou. Em seu relatório, ele previu corretamente que os portugueses seriam capazes de dominar as águas em torno da Índia, mas não de conquistar Meca,

bloquear todo o transporte árabe ou monopolizar permanentemente o comércio das especiarias. Sua inteligência encorajou os venezianos a apostar a sorte com seus parceiros muçulmanos e conspirar represálias contra Portugal. Ver Finlay, "Crisis and Crusade in the Mediterranean", 1994.

***Flor do Mar***: O grande galeão era um dos navios mais famosos da Era dos Descobrimentos. Depois de regressar a Lisboa com Gama, ele voltou para o Oriente com Almeida, em 1505; além de ter sido bem-sucedido em Diu, participou da conquista de Ormuz, Goa e Malaca. O envelhecido navio afundou em uma tempestade, enquanto carregava uma imensa pilhagem de tesouro quando voltava de Malaca; muitos da tripulação morreram, e Albuquerque, que estava a bordo, teve que remar para um lugar seguro em uma balsa improvisada. Apesar dos maiores esforços dos caçadores de tesouros, os destroços nunca foram encontrados.

**O papado, enquanto isso**: Os três poderes formaram a Liga de Cambrai; o encontro decisivo foi a Batalha de Agnadello, em 1509. A liga logo se desintegrou e Veneza recuperou muitas de suas perdas, se não todo seu orgulho. No final, foi a revolução no comércio global instigada pelos portugueses que condenou Veneza — como seus aliados otomanos — a um lento declínio.

**um homem suspeito de ser um marrano**: Muitos dos cristãos-novos, ou conversos, eram suspeitos de serem judeus em segredo e foram rotulados como marranos, do espanhol, "porco". Alguns, de fato, continuaram a observar os preceitos judaicos privadamente, apesar de muitos terem se tornado católicos totalmente convertidos. A paranoia aumentava durante os períodos de agitação social; pouco antes do Massacre de Lisboa, a praga atingiu a cidade, e os suspeitos de serem marranos eram os bodes expiatórios. Assim como executou os líderes, Manuel estendeu a moratória sobre as investigações na religião dos conversos por vinte anos. Estimativas da quantidade de mortos chegam a 4 mil.

**ele substituiu o relutante Almeida**: Albuquerque foi nomeado em 1508, mas o vice-rei, que já estava para sair, se recusou a aceitar a designação e mandou seu sucessor para a cadeia. O prudente Albuquerque esperou o tempo certo e, finalmente, assumiu o cargo em novembro de 1509. Almeida foi morto a caminho de casa quando seus homens se envolveram em um imprudente roubo de gado perto do cabo da Boa Esperança.

**arquitetou um plano para roubar o corpo do profeta Maomé**: Para os regimes de Albuquerque, ver Birch, *Commentaries of the Great A. Dalboquerque*, 1875-1894, v. 4, p. 36-37. Albuquerque não foi o primeiro cruzado a contemplar o roubo dos restos mortais de Maomé. De volta ao tempo da Segunda Cruzada, um francês particularmente desequilibrado chamado Reynaud de Châtillon arquitetou um escandaloso plano para invadir o mar Vermelho. Reynaud tinha se casado, e com isso se tornou senhorio da Transjordânia, um canto árido do Reino de Jerusalém que se estendia ao sul, em direção ao golfo de Aqaba, e montou as rotas de comércio e de peregrinação que iam da Síria até a Arábia e o Egito. Em uma inquietante antecipação das atividades mais recentes de Veneza em Suez, ele ergueu uma frota de navios construídos em seções pré-fabricadas e transportados em camelos até o porto no golfo de Eilat, onde foram montados e lançados no mar Vermelho. Junto com navios mercantes detidos vindos da Índia e da África, Reynaud planejou rastrear o túmulo de Maomé, desenterrar seu corpo e trazê-lo de volta para ser enterrado no seu quintal. Dessa forma, previu, o hadji seria desviado para a Transjordânia e ele se tornaria muito rico. Um destacamento de cruzados desembarcou na Arábia e começou a saquear e estuprar peregrinos; quando eles foram finalmente encurralados, estavam a poucas milhas de Medina. Um indignado Saladino enviou ordens para que até o último deles fosse morto, sobretudo para que não revelassem os segredos do comércio do mar Vermelho; quatro anos mais tarde, nos Chifres de Hattin, ele cumpriu sua promessa de decapitar os truculentos franceses. Retirando Saladino, Reynaud tinha conseguido sabotar todo o movimento cruzado.

**"Numa noite":** Manuel de Faria e Sousa, citado em Kerr, *A General History*, 1811-1824, v. 6, p. 137.

**"Quem quer que seja o senhor de Malaca"**: Pires, *The Suma Oriental*, 1944, v. 2, p. 287. Malaca deve sua riqueza a Tamerlão, que causou tantas destruições nas cidades da Rota da Seda que, em 1402, a China refez suas rotas de exportação por via marítima.

**a religião falsa e diabólica**: Ibidem, v. 1, p. 2.

**Finalmente os portugueses**: Os comerciantes chegaram ao Japão em 1542; os portugueses foram autorizados a estabelecer um assentamento permanente em Macau em 1557. A rota marítima entre os dois era a chave para um ciclo de comércio altamente lucrativo. De Goa, comerciantes transportaram marfim e ébano para Macau, onde compraram sedas e porcelana. Uma vez que a China havia proibido o comércio direto com o Japão, eles seguiram para Nagasaki, onde trocaram a mercadoria valorizada por uma pequena fortuna em prata. Como a prata valia muito mais na China do que no Japão, a caminho de casa voltaram a Macau e compraram grandes quantidades de regalos chineses para que fossem embarcados rumo à Europa.

**"Parece-me que"**: Bracciolini e Varthema, *Travelers in Disguise*, 1963, p. 230.

**10 mil soldados portugueses desembarcaram no Marrocos**: O objetivo deles era estabelecer uma fortaleza em Mamora (agora Mehdia), o que levou a rota do rio Sebou até Fez. Apesar de seus contratempos na África, Manuel ainda tinha esperança de marchar pelo sul do Marrocos em direção ao Egito e à Palestina.
**A frota chegou a Áden**: Em 1513, no único sinal de falha de seu governo, as forças de Albuquerque foram forçadas a recuar das altas muralhas de Áden; os defensores estavam endurecidos pelo conhecimento de que sua derrota poderia ameaçar as cidades sagradas de Meca e Medina. Aquela derrota só tornou o julgamento — já errôneo —, quatro anos depois, ainda mais irritante, e em 1538 Áden foi derrotada pelos otomanos. Sem o controle completo do comércio triangular entre Áden, Ormuz e Calcutá, Portugal nunca foi plenamente capaz de impedir que as especiarias chegassem ao mundo muçulmano.
**A América ainda era vista como uma barreira para se chegar ao Oriente**: Foi durante o reinado de Carlos I que Cortés e Pizarro destruíram os impérios asteca e inca e começaram a exportar o cristianismo para a América do Sul. Mesmo assim, eles ainda almejavam o Oriente. Em 1526, Cortés achou que deveria pedir desculpas ao monarca espanhol por não encontrar uma rota ocidental para as Ilhas das Especiarias; em 1541, o irmão de Pizarro, Gonzalo, montou uma expedição desastrosa pelo Equador, em busca do lendário País da Canela. Cortés comparou as cidades astecas à Granada muçulmana e chamou seus templos de mesquitas; no ataque dos conquistadores, a vingança santa contra os muçulmanos, alimentada pela Reconquista ibérica, foi ventilada em um novo mundo, onde o Islã nunca tinha existido.
**a disputa só foi resolvida**: Assim como cedeu as ilhas Molucas para Portugal, o Tratado de Saragoça (1529) confirmou os direitos da Espanha sobre as Filipinas. Elas também viriam a estar no hemisfério português.
**"a seita do mal de Maomé"**: Citado em Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 283. Manuel ainda estava sob o equívoco comum de que Maomé foi enterrado em Meca.

## 18. O REPRESENTANTE DO REI

**"dispensada àqueles"**: Ordem real datada de Tomar, 21 de março de 1507; ver Teixeira de Aragão, *Vasco da Gama e a Vidigueira*, 1898, p. 250-252.
**"até que, nós esperamos"**: Carta de Manuel I para Gama, de agosto de 1518; ver ibidem, p. 257-258.
**"especialmente na descoberta das Índias"**: Carta de Manuel I de 17 de dezembro de 1519, citada em Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 281. Subrahmanyam registra que Portugal poderia naquela época somente reunir "dois duques, dois marqueses, um conde-bispo e doze outros condes".
**Vasco da Gama partiu para a Índia**: Gaspar Correia, um cronista fantasioso das duas primeiras viagens de Gama, é mais confiável sobre a terceira. Em 1524 ele já tinha estado na Índia por mais de uma década; ele chegou pela primeira vez, aos dezesseis anos, como soldado, mas, para seu alívio, foi nomeado secretário de Afonso de Albuquerque. Como de costume, as crônicas oficiais e documentos contemporâneos preenchem a história.
**dois de seus filhos**: Paulo da Gama morreu em uma batalha naval perto de Malaca, em 1534. Estêvão da Gama tornou-se governador da Índia em 1540; em 1541 liderou uma expedição naval em direção ao mar Vermelho para atacar a frota otomana, mas ao chegar a Suez ele descobriu que estava sendo esperado e foi forçado a recuar. Seu irmão mais novo, Cristóvão, desembarcou para liderar uma Cruzada na Etiópia, que tinha sido invadida por um exército muçulmano que havia declarado guerra santa e estava equipado com o canhão otomano. Cristóvão foi capturado e executado no ano seguinte, mas sua intervenção foi fundamental no sucesso da defesa da Etiópia. Estêvão morreu em Veneza, para onde havia fugido para evitar se casar com a mulher escolhida para ele pelo rei. Dos outros irmãos, o mais velho, Francisco, tornou-se conde de Vidigueira, enquanto os dois mais novos, Pedro e Álvaro, serviram como capitães de Malaca.
**"mantivera uma concubina"**: Mocquet, *Travels and Voyages*, 1696, p. 207.
**"deve ser publicamente açoitada"**: Stanley, *The Three Voyages of Vasco da Gama*, 1869, p. 394.
**eles o mataram**: O capitão era conhecido como Mossem Gaspar Malhorquim; a caravela foi capturada no ano seguinte e foi levada para a Índia, onde muitos dos tripulantes foram enforcados.
**"cada vez durando o tempo de um Credo"**: Stanley, *The Three Voyages of Vasco da Gama*, 1869, p. 383.
**"Coragem, meus amigos!"**: Várias versões da citação são atribuídas a Gama; esta é de Faria e Sousa, *The Portuguese Asia*, 1694-1695, v. 1, p. 280.
**um segundo grande Dilúvio**: A crença era generalizada em toda a Europa; 56 autores imprimiram rapidamente 133 livros, milhares de londrinos fugiram para terrenos mais altos e numerosas arcas foram construídas. Ver Thorndike, *History of*

*Magic*, 1941, v. 5, p. 178-233.
**"faria o rei rico"**: Stanley, *The Three Voyages of Vasco da Gama*, 1869, p. 396.
**"grandes maldades"**: Ibidem, p. 390.
**um hospital suntuoso**: Embora fosse grandioso, a eficácia do hospital era limitada pelo fato de que seus principais médicos, bem como outros funcionários portugueses, só permaneciam no local pelo prazo de três anos. Ou seja, quando se familiarizavam com as desconhecidas doenças tropicais, tinham que voltar para casa.
"**A justiça do rei"**: Stanley, *The Three Voyages of Vasco da Gama*, 1869, p. 394-396.
**Os membros do Conselho Municipal de Goa escreveram**: Ver ibidem, "Apêndice", p. x-xvi, para o texto original, e p. 385-390 para a tradução de Stanley. O novo capitão de Goa tinha uma posição diferente sobre os problemas da colônia: ele achava que Goa era muito cheia de sacerdotes e homens muito confortavelmente casados com mulheres locais para que se montasse uma defesa adequada. Ver Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 316.
**"Ele fez proclamar"**: Stanley, *The Three Voyages of Vasco da Gama*, 1869, p. 397-398.
**"Senhor, vou construir bergantins"**: Ibidem, p. 405.
**Os espanhóis tinham que ser confrontados**: Juan de Zúñiga, o embaixador espanhol em Portugal, informou a Carlos I que a Espanha não poderia esperar nenhuma acomodação de Gama. De acordo com Zúñiga, além de ameaçar afundar os navios da Espanha, o vice-rei tinha prometido desconsiderar qualquer acordo que desse à Espanha direitos sobre as ilhas Molucas e fazer qualquer coisa que fosse necessária para manter as ilhas nas mãos dos portugueses. Carta datada de Tomar, 21 de julho de 1523, citada em Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 299-300.
**um bispo escreveu ao rei português**: Ibidem, p. 325. A principal igreja em Cranganore tinha sido atacada e queimada em 1523.
**"ele destruiria Calcutá"**: Stanley, *The Three Voyages of Vasco da Gama*, 1869, p. 412.
**Gama enviou uma delegação**: Mesmo com os poderes conferidos a ele como vice-rei, Gama ultrapassou sua autoridade. De acordo com Castanheda, uma carta régia foi entregue a dom Duarte, isentando-o e seus homens da jurisdição de Gama e dando-lhe permissão para ficar na Índia até que a frota que se dirigia para casa estivesse pronta; se fosse necessário, ele esperaria pelo momento certo na fortaleza de Cananor, que se tornaria seu feudo pessoal enquanto isso. Correia diz que Duarte se recusou a embarcar no navio que Gama havia especificado e Gama ameaçou afundar o navio em que ele estava; depois de uma discussão violenta com o vice-rei e um adeus cheio de lágrimas aos seus companheiros de jantar, Luís juntou-se ao seu irmão e persuadiu-o a desembarcar. Ibidem, p. 417-420.
**"grandes ataques de irritação"**: Ibidem, p. 422. Uma teoria é que Gama estava sofrendo de antraz orofaríngeo.
**Pediu que seus ossos fossem transportados para Portugal**: Os restos de Gama não foram repatriados até 1538. No século XIX, eles foram movidos com grande cerimônia para Lisboa e enterrados no mosteiro de Belém, que havia sido construído para comemorar sua primeira viagem. Alguns anos mais tarde, descobriu-se que o conjunto errado de ossos havia sido trazido, e uma cerimônia mais discreta foi realizada para recolocar os restos corretos.
**"Os capitães"**: Carta de Pêro de Faria, datada de Cochim, 28 de dezembro de 1524, citada em Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 343.
**"como era razoável"**: Stanley, *The Three Voyages of Vasco da Gama*, 1869, p. 427.
**um pirata francês**: Em retribuição ao comportamento de seu irmão, o pirata e sua tripulação tiveram as mãos cortadas e seu navio queimado, um ato que desencadeou anos de represálias cruéis por piratas franceses contra os portugueses.

## 19. O MAR LOUCO

**o mais devastador dos muitos relatos**: As seguintes citações são de Mocquet, *Travels and Voyages*, 1696, p. 246-246v, 267-268, 249-252v, 259-260 e 262-263. Jan Huygen van Linschoten e François Pyrard pintam retratos apenas um pouco menos escabrosos de Goa.
**Goa tinha se tornado uma cidade colonial**: para Goa Velha, ver Fonseca, *An Historical and Archaeological Sketch*, 1878; Disney, *The Portuguese in India*, 2009.
**um templo hindu**: O templo ficava perto de Cochim; os portugueses o atacaram, embora fosse sagrado para seus aliados.
**Um capitão de Sofala**: O capitão era dom Jorge Teles de Meneses; o administrador era João Velho, que em 1547 enviou uma longa e veemente carta sobre os maus-tratos que sofreu para o rei. Ver Newitt, *A History of Mozambique*, 1995, p. 1-3.

"**Os portugueses são muito detestados"**: Gasparo Contarini, discurso para o Senado de Veneza em 16 de novembro de 1525, citado em Subrahmanyam, *The Career and Legend*, 1997, p. 350.

**buscando o martírio**: Um épico de Mappila intitulado *Um presente para os guerreiros sagrados por alguns feitos dos portugueses* registra e glorifica a campanha de desafio. Ao todo, 100 mil podem ter morrido no levante de Mappila, em 1921-1922. Ver Dale, "Religious Suicide in Islamic Asia", 1988.

**morreu tentando alcançar a China**: O missionário pioneiro morreu de febre em 1552 e foi enterrado em uma praia; no ano seguinte seu corpo foi levado para Goa. Ele ainda repousa em um túmulo magnífico na basílica de Bom Jesus na Goa Velha, exceto por dois ossos do braço, um dos quais foi levado para a igreja de Jesus, em Roma, e outro que foi destinado ao Japão, onde Xavier havia trabalhado por dois anos, mas só chegou até Macau.

**A Inquisição de Goa**: O tribunal não foi abolido até 1812. A maioria de seus registros foi destruída; o número de suas vítimas é desconhecido, embora acredite-se que ao menos 16 mil casos tenham sido levados a julgamento. Ver Priolkar, *The Goa Inquisition*, 1961. *L'Inquisition de Goa*, organizado por Charles Amiel e Anne Lima (1997), é uma edição moderna do famoso relato arrepiante de uma testemunha ocular francesa.

**"guerra santa"**: Citado em Mathew, *History of the Portuguese Navigation in India*, 1988, p. 214.

**um jovem rei português**: O rei Sebastião, que sucedeu ao trono aos três anos de idade, em 1557, foi fortemente influenciado por seus tutores jesuítas e estava determinado a aumentar os esforços para propagar a fé. Em 1569, ele assumiu um plano que tinha sido muito elogiado pelos comerciantes de Portugal, o de apoderar-se das lendárias minas de ouro africanas de Monomotapa, mas antes de prosseguir ele colocou a questão da moralidade do empreendimento para um comitê de advogados e teólogos. A resposta de volta foi a de que a guerra proposta era somente por causa de um padre jesuíta que tinha sido assassinado na região e que o rei local abrigava muçulmanos. Espalhar o evangelho e salvar almas deveria ser seu objetivo primordial. Sebastião despachou Francisco Barreto, um ex-governador da Índia portuguesa, à frente de um grande exército; com ele foi um padre jesuíta, com quem Barreto, sob ordens reais, deveria ter cuidado. Em vez de ir para as minas, eles passaram um ano e meio massacrando muçulmanos na costa, e em seguida partiram em busca dos assassinos do sacerdote. Antes que alcançassem seu objetivo, Barreto e a maioria de seus homens morreram de febre, mas a expedição marcou o início de uma campanha combinada de colonização e evangelização no interior africano.

**"parece que — por causa dos nossos pecados"**: João de Barros, citado em Russell, *Prince Henry*, 2000, p. 343.

**O *São João* deixou Cochim**: Para sua história, ver Newitt, *East Africa*, 2002, p. 99-103. O primeiro relato apareceu no livro *História trágico-marítima*, de Bernardo Gomes de Brito, uma coleção sobre desastres marítimos de dois volumes publicada em Lisboa entre 1729 e 1736. Para uma tradução inglesa parcial, ver Boxer, *The Tragic History of the Sea*, 1959; e *Further Selections from "The Tragic History of the Sea", 1559-1565* (Cambridge: Hakluyt Society, 1968).

**outro navio português naufragou**: Newitt, *East Africa*, 2002, p. 105-106.

**"Comecei a queixar-me"**: Ibidem, p. 65. Gomes naufragou pouco antes de 1645.

## EPÍLOGO

**"Não houve nenhum outro homem"**: Conforme relatado pelo escultor Benvenuto Cellini; citado em Turner, *Inventing Leonardo*, 1994, p. 52.

**cristãos uniram-se com os muçulmanos para combater os cristãos**: "Não posso negar", Francisco disse ao embaixador veneziano Giorgio Gritti em 1531, "que eu gostaria de ver o turco todo-poderoso e pronto para a guerra, não por si mesmo — pois ele é um infiel e todos nós somos cristãos —, mas para enfraquecer o poder do imperador, para compeli-lo a fazer grandes despesas e para tranquilizar todos os outros governos que se opõem a um inimigo tão formidável". Citado em Clot, *Suleiman the Magnificent*, 1992, p. 137.

**"Vocês, marinheiros, vão encher seus tonéis"**: Lamb, *Suleiman the Magnificent*, 1951, p. 229.

**a Reforma Protestante**: Martinho Lutero rejeitou toda a noção de guerra santa por ser contrária aos ensinamentos de Cristo, embora tenha revisto sua opinião inicial de que os turcos eram o flagelo que destruiria o Anticristo — o papa — e por isso não se devia resistir a eles.

**"Elizabeth, a pretensa rainha"**: Citado em Aughterson, *The English Renaissance*, 1998, p. 36.

**"orgulho das mulheres"**: Citado em Skilliter, *William Harborne and the Trade with Turkey* , 1977, p. 123. Tanto ingleses quanto turcos escreviam em latim. Para o tratado anglo-otomano, ver Rowland, *England and Turkey*, 1968; para uma visão mais ampla, ver Mater, *Islam in Britain*, 1998.

**"o mais augusto e benigno césar"**: Skilliter, "William Harborne, the First English Ambassador, 1583-1588", 1984, p. 22.
**"A tomada do *Madre de Deus*"**: Hakluyt, *The Principal Navigations*, 1903-1905, v. 7, p. 116-117. A descoberta do documento é revelada em "The Epistle Dedicatorie in the Second Volume of the Second Edition, 1599" (v. 1, p. lxxii).
**instantaneamente um sucesso de vendas em três línguas**: Em 1595, Linschoten publicou uma descrição da navegação portuguesa no Oriente; no ano seguinte, para aproveitar a fama instantânea, apressou-se a imprimir um relato completo de suas viagens. Uma tradução em inglês deste último, intitulada *Iohn Huighen van Linschoten his Discours of Voyages into ye Easte & West Indies*, foi publicada em 1598; uma edição alemã apareceu no mesmo ano. Um marinheiro e sacerdote espanhol chamado Bernardino de Escalante foi mais rápido que Fitch e Linschoten na impressão; suas revelações sobre a rota de Portugal para a China foram publicadas em uma tradução para o inglês em 1579.
**a primeira frota inglesa vinda da Índia retornou para casa**: Sir James Lancaster, um inglês que navegou com os portugueses e lutou por eles, partiu em 1591 com três navios e chegou a Zanzibar, Malaca e Ceilão; um único navio voltou para casa em más condições em 1594, com 25 sobreviventes a bordo. Em 1600, Lancaster assumiu o comando da primeira frota da Companhia das Índias Orientais e chegou à Indonésia, onde estabeleceu a primeira fábrica inglesa em Bantam, no oeste de Java. A expedição holandesa de 1595 foi liderada por Cornelius de Houtman, que já havia sido enviado a Lisboa para conseguir informações sobre as Ilhas das Especiarias. A viagem foi assolada por escorbuto, brigas ferozes, ataques de piratas e batalhas incitadas em grande parte por Houtman. Dois terços da tripulação morreram, e Houtman voltou para casa apenas para descobrir que tinha sido precedido e derrotado por Linschoten. Em 1599, ele teria sido morto pela almiranta de Aceh e por sua tripulação totalmente feminina.
**sir Thomas Roe**: Para a vida completa do embaixador, ver Brown, *Itinerant Ambassador*, 1970. Os diários e cartas referentes à sua jornada indiana estão em Roe, *The Embassy of Sir Thomas Roe*, 1899.
**o belo colégio de tijolos vermelhos dos jesuítas**: O edifício, que domina o antigo centro administrativo da cidade, foi apropriado para ser o palácio do governador, quando Portugal baniu a Sociedade de Jesus. É hoje um museu sonolento.
**"libertação" de Ceuta**: *Time*, 26 de junho de 2007.
**"Temos conseguido"**: *The Times* (Londres), 13 de março de 2004.
**ex-presidente George W. Bush**: Em uma conferência de imprensa em 16 de setembro de 2001, George W. Bush referiu-se à recém-declarada guerra ao terror como uma "cruzada". Seu porta-voz lamentou mais tarde sua terminologia, mas, no ano seguinte, o ex-presidente chamou novamente a guerra em curso de cruzada. Ron Suskind, "Faith, Certainty and the Presidency of George W. Bush", *New York Times Magazine*, 17 de outubro de 2004.
**"aliança cruzados-sionistas"**: O comunicado, divulgado em fevereiro de 1998, foi intitulado "Jihad contra os judeus e os cruzados". A península Arábica, ele também declarou, "nunca — desde que Alá a fez plana, criou seu deserto e cercou-a com mares — foi invadida por tantas forças quanto pelos exércitos cruzados que se espalharam nela como gafanhotos, comendo suas riquezas e destruindo suas plantações". Bergen, *The Osama Bin Laden I Know*, 2006, p. 195.
**"uma hemorragia"**: *Sunday Times* (Londres), 28 de novembro de 2010.
**"o maior acontecimento desde a criação do mundo"**: Francisco López de Gomara, "Dedicação", em *Historia general de las Indias* (Saragoça, 1552).
**"A descoberta da América"**: Smith, *An Inquiry into the Nature*, 1961, v. 2, p. 141.
**adiar e, talvez, repelir o desafio otomano**: Outros fatores, é claro, estavam em jogo, sobretudo a inabalável crença otomana de que o caminho deles era o melhor, mesmo que seu império fosse prejudicado por intrigas de harém e por um patrocínio endêmico, enquanto no Ocidente surgia o Iluminismo. A longo prazo, porém, a pressão mundial exercida pelas viagens de descoberta desequilibrou crucialmente a balança. Essa visão é bem explicada por Bernard Lewis, um grande estudioso do Islã e do Oriente Médio. "A derrota final e a retirada dos exércitos do Islã foram, por causa, em primeira instância, dos valentes defensores de Viena", escreve Lewis, "mas, em uma perspectiva mais ampla, porque aqueles mesmos aventureiros cujas viagens pelo oceano e ganância por ouro aqueles despertaram [a ira de seus rivais europeus]. Quaisquer que fossem os seus motivos, suas viagens trouxeram grandes novas terras para o domínio europeu ou para sua influência, colocaram grande riqueza em metais preciosos e recursos à disposição dos europeus, e assim deram à Europa nova força com a qual resistir e, finalmente, devolver o invasor muçulmano." Lewis, *Islam and the West*, 1993, p. 16.
**imperialismo ocidental na Ásia**: Na Índia, toda a era colonial, desde a chegada de Gama até a independência, tem sido rotulada como a época da história de Vasco da Gama; ver Panikkar, *Asia and Western Dominance*, 1959. Tem sido inversamente argumentado que os portugueses tiveram pouco impacto direto sobre os grandes impérios do sul e do leste da Ásia. Estritamente falando, sim; mas o equilíbrio do comércio com a Índia, sem contar o da China, nunca foi um fator nos cálculos de Portugal. A Índia era o destino, mas enfraquecer o Islã era o objetivo. Em uma visão mais ampla, o impacto das

descobertas foi profundo; quando Vasco da Gama navegou para o Oriente, a India e a China eram responsáveis por metade da economia mundial.

**uniam forças para lutar contra um inimigo comum**: Na Guerra da Crimeia, de 1853-1856, a Grã-Bretanha anglicana e a França católica uniram forças com os otomanos muçulmanos para combater os russos ortodoxos. Os britânicos e os franceses não estavam apenas interessados em parar a expansão da Rússia; eles decidiram deliberadamente apoiar a luta do Islã com o cristianismo oriental, que clérigos ocidentais prontamente denunciaram como uma heresia semipagã. Desde 1453, os russos haviam alegado que eles eram os herdeiros legítimos do Império Bizantino; tsar é o russo para "césar", e Moscou foi declarada a terceira Roma. Os aliados ocidentais estavam particularmente horrorizados com a perspectiva de os russos reverterem a conquista muçulmana de Constantinopla e instalarem-se — e a Igreja ortodoxa — na segunda Roma.

# Lista de ilustrações

1. África do Norte a partir do Atlas Catalão de 1375, por Abraham Cresques (Bibliothèque nationale de France).
2. O mundo de acordo com um mapa Catalão, por volta de 1450 (Biblioteca Estense, Modena).
3. Três representantes das "raças monstruosas", ilustração de Mâitre d'Egerton do *Livre des Merveilles*, de Marco Polo, por volta de 1410-1412 (Bibliothèque nationale de France).
4. Mapa-múndi de 1489, de Henricus Martellus (The British Library).
5. O sítio de Constantinopla, 1453, ilustração por Jean Le Tavernier da *Voyage d'Outremer*, de Bertrandon de la Broquière, por volta de 1458 (Bibliothèque nationale de France).
6. Henrique, o Navegador, do Politríptico de São Vicente da metade do século xv, por Nuno Gonçalves (Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa).
7. Miniatura de Manuel i, da *Leitura Nova* de Além-Douro, 1513 (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa/Bridgeman Art Library).
8. Retrato de casamento de Isabel i de Castela e Fernando ii de Aragão, por volta de 1469 (Convento MM. Agustinas, Madrigal de las Altas Torres, Ávila/Bridgeman Art Library).
9. Retrato de Vasco da Gama (Sociedade de Geografia de Lisboa).
10. O *São Gabriel*, de *Memórias das Armadas*, de 1568 (Academia das Ciências, Lisboa/Bridgeman Art Library).
11. Mural do século xvi do Templo Veerabhadra, Lepaskhi, Andhra Pradesh (SuperStock).
12. O Planisfério de Cantino, de 1502 (Biblioteca Estense, Modena).
13. A *Santa Catarina do Monte Sinai*, do círculo de Joachim Patinir, por volta de 1540 (National Maritime Museum, Greenwich).
14. Retrato de Vasco da Gama, *por volta de* 1524, escola de Gregório Lopes (Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa).
15. Lisboa, em 1572, do *Civitates Orbis Terrarum*, por Georg Braun e Franz Hogenberg (Heidelberg University Library).
16. Os portugueses em Goa, gravura do final do século xvi de Johannes Baptista van Doetechum do *Itinerario*, de Jan Huygen van Linschoten (Bridgeman Art Library).

# Bibliografia selecionada


Alam, Muzaffar; Subrahmanyam, Sanjay (orgs.). *Indo-Persian Travels in the Age of Discoveries, 1400-1800* . Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

Altabé, David F. *Spanish and Portuguese Jewry Before and After 1492*. Brooklyn, NY: Sepher-Hermon, 1983.

Alvares, Francisco. *The Prester John of the Indies: A True Relation of the Lands of the Prester John, Being the Narrative of the Portuguese Embassy to Ethiopia in 1520*. Rev. e org. por C. F. Beckingham e G. W. B. Huntingford. 2 v. Cambridge: Hakluyt Society, 1961.

———. *Narrative of the Portuguese Embassy to Abyssinia During the Years 1520-1527* . Trad. e org. por Lord Stanley de Alderley. Londres: Hakluyt Society, 1881.

Ames, Glenn J. (trad. e org.). *En Nome De Deus: The Journal of the First Voyage of Vasco da Gama to India, 1497-1499* . Leiden: Brill, 2009.

Armstrong, Karen. *Muhammad*: *A Biography of the Prophet*. Londres: Gollancz, 1991.

———. *Islam: A Short History*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 2000.

———. *The Battle for God*: Fundamentalism in Judaism, Christianity and Islam. Londres: HarperCollins, 2000.

Asbridge, Thomas. *The First Crusade: A New History*. Londres: Free Press, 2004.

Aslan, Reza. *No God but God: The Origins, Evolution, and Future of Islam*. Londres: William Heinemann, 2005.

Aughterson, Kate (org.). *The English Renaissance: An Anthology of Sources and Documents*. Londres: Routledge, 1998.

Ayyar, K. V. Krishna. *The Zamorins of Calicut*. Calcutá: University of Calicut, 1999.

Babinger, Franz. *Mehmed the Conqueror and His Time*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1978.

Baião, António; Basto, A. de Magalhães; Peres, Damião (orgs.). *Diário da viagem de Vasco da Gama* . Porto: Livraria Civilização, 1945.

Barber, Malcolm. *The New Knighthood: A History of the Order of the Temple*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

Barbosa, Duarte. *The Book of Duarte Barbosa*. Trad. de Mansel Longworth Dames. 2 v. Londres: Hakluyt Society, 1921.

Barros, João de. *Ásia de João de Barros:* dos *feitos que os* portugueses *fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*. Org. por Hernani Cidade e Manuel Múrias. 6a ed., 4 v. Lisboa: Divisão de publicações e biblioteca, Agência geral das colónias, 1945-1946.

Baumgarten, Martin von. The Travels of Martin Baumgarten… through Egypt, Arabia, Palestine and Syria, In: *A Collection of Voyages and Travels*. Org. por Awnsham Churchill. Londres: A. & J. Churchill, 1704. v. 1, p. 385-452.

Beckingham, C. F. *Between Islam and Christendom: Travellers, Facts and Legends in the Middle Ages and the Renaissance* . Londres: Variorum Reprints, 1983.

_____; The Quest for Prester John. In: Beckingham, C. F.; Hamilton, Bernard (org.). *Prester John: The Mongols and the Ten Lost Tribes*. Aldershot, Reino Unido: Variorum, 1966.

Bergen, Peter L. *The Osama Bin Laden I Know: An Oral History of Al Qaeda's Leader*. Nova York: Free Press, 2006.

Bergreen, Laurence. *Over the Edge of the World: Magellan's Terrifying Circumnavigation of the Globe* . Londres: HarperCollins, 2003.

———. *Marco Polo: From Venice to Xanadu*. Londres: Quercus, 2008.

Berjeau, J. P. (trad.). *Calcoen: A Dutch Narrative of the Second Voyage of Vasco da Gama*. Londres: B. M. Pickering, 1874.

Bernstein, William. *A Splendid Exchange: How Trade Shaped the World*. Londres: Atlantic, 2008.

Birch, Walter de Gray (org.). *The Commentaries of the Great A. Dalboquerque, Second Viceroy of India* . 4 v. Londres: Hakluyt Society, 1875-1894.

Birnbaum, Marianna D. *The Long Journey of Gracia Mendes*. Budapeste: Central European University Press, 2003.

Blake, J. W. (trad. e org.). *Europeans in West Africa, 1450-1560*. Londres: Hakluyt Society, 1942.

Blunt, Wilfrid. *Pietro's Pilgrimage: A Journey to India and Back at the Beginning of the Seventeenth Century* . Londres: James Barrie, 1953.

Boas, Adrian J. *Jerusalem in the Time of the Crusades: Society, Landscape, and Art in the Holy City Under Frankish Rule* . Londres: Routledge, 2001.

Bonner, Michael. *Jihad in Islamic History: Doctrines and Practice*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2006.

Boorstin, Daniel J. *The Discoverers*. Nova York: Random House, 1983.

Bovill, Edward William. *The Golden Trade of the Moors*. 2a ed. Rev. por Robin Hallet. Londres: Oxford University Press, 1970.

Boxer, C. R. *The Portuguese Seaborne Empire 1415-1825*. Londres: Hutchinson, 1969.

Bracciolini, Poggio; Varthema, Ludovico de. *Travelers in Disguise: Narratives of Eastern Travel by Poggio Bracciolini and Ludovico de Varthema*. Trad. de John Winter Jones e rev. de Lincoln Davis Hammond. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1963.

Brett, Michael; Fentress, Elizabeth. *The Berbers*. Oxford: Blackwell, 1996.

Brotton, Jerry. *The Renaissance Bazaar: From the Silk Road to Michelangelo*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

Butler, Alfred J. *The Arab Conquest of Egypt — And the Last Thirty Years of the Roman Dominion* . Oxford: Clarendon Press, 1902.

Camões, Luís Vaz de. *The Lusiads*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

Campbell, I. C. The Lateen Sail in World History. *Journal of World History* 6, n. 1, p. 1-23, 1995.

Carboni, Stefano (org.). *Venice and the Islamic World, 827-1797*. New Haven, CT: Yale University Press, 2007.

Caron, Marie-Thérèse; Clauzel, Denis (orgs.). *Le Banquet du Faisan*. Arras: Artois Presses Université, 1997.

Castanheda, Fernão Lopes de. *The First Booke of the Historie of the Discoverie and Conquest of the East Indias, Enterprised by the Portingales, in their Daungerous Navigations, in the Time of King Don John, the Second of that Name* ... Trad. de Nicholas Lichefild. Londres: Thomas East, 1582.

———. *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*. Org. por Manuel Lopes de Almeida. 2 v. Porto: Lello e Irmão, 1979.

Chaudhuri, K. N. *Trade and Civilization in the Indian Ocean: An Economic History from the Rise of Islam to 1850*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

Cheyney, E. P. *Readings in English History Drawn from the Original Sources*. Boston: Ginn, 1922.

Chittick, H. Neville. *Kilwa: An Islamic Trading City on the East African Coast.* 2 v. Nairóbi: British Institute in Eastern Africa, 1974.

Clot, André. *Suleiman the Magnificent*. Trad. de Matthew J. Reisz. Londres: Saqi, 1992.

Cohen, J. M. *The Four Voyages of Christopher Columbus*. Harmondsworth, Reino Unido: Penguin, 1969.

Cole, Peter (trad. e org.). *The Dream of the Poem: Hebrew Poetry from Muslim and Christian Spain, 950-1492*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2007.

Constable, Olivia Remie (org.). *Medieval Iberia: Readings from Christian, Muslim, and Jewish Sources*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1997.

———. Muslim Merchants in Andalusi International Trade. In: *The Legacy of Muslim Spain*. Org. por Salma Khadra Jayyusi,. Leiden: Brill, 1992. p. 759-773.

Correia, Gaspar. *Lendas da Índia*. Org. por M. Lopes de Almeida. 4 v. Porto: Lello e Irmão, 1975.

Cortesão, Armando. *The Mystery of Vasco da Gama*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1973.

Costa, Leonor Freire (org.). Relação Anónima da Segunda Viagem de Vasco da Gama à Índia. In: *Cidadania e história: em homenagem a Jaime Cortesão*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1985, p. 141-199.

Crone, G. R. (trad. e org.). *The Voyages of Cadamosto, and Other Documents on Western Africa in the Second Half of the Fifteenth Century*. Londres: Hakluyt Society, 1937.

Dalby, Andrew. *Dangerous Tastes*: The Story of Spices. Londres: British Museum Press, 2000.

Dale, Stephen Frederic. *The Mappilas of Malabar, 1498-1922*. Clarendon: Oxford, 1980.

———. Religious Suicide in Islamic Asia. *Journal of Conflict Resolution* 32, n. 1, p. 37-59, mar. 1988.

Das Gupta, Ashin. *The World of the Indian Ocean Merchant 1500-1800*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

Davenport, Frances Gardiner (org.). *European Treaties Bearing on the History of the United States and Its Dependencies to 1648*. Washington, DC: Carnegie Institution of Washington, 1917.

Dawood, N. J. (trad.). *The Koran: With a Parallel Arabic Text*. Penguin: Londres, 2000.

Delumeau, Jean. *History of Paradise: The Garden of Eden in Myth and Tradition*. Trad. de Matthew O'Connell. Nova York: Continuum, 1995.

Diffie, Bailey W.; Winius, George D. *Foundations of the Portuguese Empire, 1415-1580*. St. Paul: University of Minnesota Press, 1977.

Disney, Anthony. *A History of Portugal and the Portuguese Empire: From Beginnings to 1807*. 2 v. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

———. *The Portuguese in India and Other Studies, 1500-1700*. Farnham, Reino Unido: Ashgate, 2009.

Disney, Anthony; Booth, Emily (orgs.). *Vasco da Gama and the Linking of Europe and Asia*. Déli: Oxford University Press, 2000.

Dols, Michael W. *The Black Death in the Middle East*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1977.

Donner, Fred McGraw. *The Early Islamic Conquests*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1981.

Duffy, Eamon. *Saints and Sinners: A History of the Popes*. 3a ed. New Haven, CT: Yale University Press, 2006.

Dumper, Michael; Stanley, Bruce E. (orgs.). *Cities of the Middle East and North Africa: A Historical Encyclopedia*. Oxford: ABC-Clio, 2007.

Dunn, Ross E. *The Adventures of Ibn Battuta*. Berkeley: University of California Press, 1989.

Edson, Evelyn. Reviving the Crusade: Sanudo's Schemes and Vesconte's Maps. In: *Eastward Bound: Travel and Travellers, 1050-1550*. Org. por Rosamund Allen. Manchester: Manchester University Press, 2004, p. 131-155.

———. *The World Map, 1300-1492: The Persistence of Tradition and Transformation*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2007.

Falchetta, Piero. *Fra Mauro's World Map*. Turnhout, Belgium: Brepols, 2006.

Faria e Sousa, Manuel de. *The Portuguese Asia*. Trad. de capitão John Stevens. 3 v. Londres: C. Brome, 1694-1695.

Fernandes, Valentim. *Description de la côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal*. Org. e trad. de P. de Cenival e T. Monod. Paris: Larose, 1938.

Fernández-Armesto, Felipe. *Columbus*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

———. *Pathfinders: A Global History of Exploration*. Nova York: Norton, 2006.

Finlay, Robert. Crisis and Crusade in the Mediterranean: Venice, Portugal and the Cape Route to India, 1498-1509. *Studi Veneziani*, n. 28, p. 45-90, 1994.

Firdowsi. *Shahnameh: The Persian Book of Kings*. Trad. de Dick Davis. Nova York: Viking, 2006.

Fletcher, Richard A. *Moorish Spain*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1992.

———. *The Cross and the Crescent: Christianity and Islam from the Prophet Muhammad to the Reformation*. Londres: Penguin, 2005.

Flint, Valerie. *The Imaginative Landscape of Christopher Columbus*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1992.

Fonseca, José Nicolau da. *An Historical and Archaeological Sketch of the City of Goa*. Bombaim: Thacker, 1878.

Freedman, Paul. *Out of the East: Spices and the Medieval Imagination*. New Haven, CT: Yale University Press, 2008.

Freeman-Grenville, Greville Stewart Parker. *The Medieval History of the Coast of Tanganyika: With Special Reference to Recent Archaeological Discoveries*. Londres: Oxford University Press, 1962.

Gabrieli, Francesco. *Arab Historians of the Crusades*. Berkeley: University of California Press, 1984.

Gibbs, James (trad.). *The History of the Portuguese, During the Reign of Emmanuel... written originally in Latin by Jerome Osorio, Bishop of Sylves...* 2 v. Londres: A. Millar, 1752.

Góis, Damião de. *Crónica do felicíssimo rei Manuel...* Org. por J. M. Teixeira de Carvalho e David Lopes. 4 v. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926.

Gordon, Stewart. *When Asia Was the World: Traveling Merchants, Scholars, Warriors, and Monks Who Created the "Riches of the East"*. New Haven, CT: Yale University Press, 2008.

Greenlee, William Brooks (trad. e org.). *The Voyage of Pedro Álvares Cabral to Brazil and India, from Contemporary Documents and Narratives*. Londres: Hakluyt Society, 1938.

Gumilev, L. N. *Searches for an Imaginary Kingdom: The Legend of the Kingdom of Prester John*. Trad. de R. E. F. Smith. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

Hakluyt, Richard. *The Principal Navigations, Voyages, Traffiques and Discoveries of the English Nation*. 12 v. Glasgow: MacLehose, 1903-1905.

Hannoum, Abdelmajid. *Post-Colonial Memories: The Legend of the Kahina, a North African Heroine*. Westport, CT: Heinemann, 2001.

Harris, Jonathan. *Constantinople: Capital of Byzantium*. Londres: Hambledon Continuum, 2007.

Hart, Henry H. *Sea Road to the Indies*. Londres: William Hodge, 1952.

Hazard, Harry W. (org.). *A History of the Crusades*. 2a ed. Madison: University of Wisconsin Press, 1975. v. 3. The Fourteenth and Fifteenth Centuries.

Hillenbrand, Carole. *The Crusades: Islamic Perspectives*. Nova York: Routledge, 2000.

Hitti, Philip Khuri. *History of Syria, Including Lebanon and Palestine*. Londres: Macmillan, 1951.

Hobson, John M. *The Eastern Origins of Western Civilization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

Holt, Andrew; Muldoon, James (orgs.). *Competing Voices from the Crusades*. Oxford: Greenwood Press, 2008.

Hourani, Albert Habib. *A History of the Arab Peoples*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002.

Hourani, George F. *Arab Seafaring in the Indian Ocean in Ancient and Early Medieval Times*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1951.

Howarth, Stephen. *The Knights Templar*. Nova York: Atheneum, 1982.

Ibn Battuta. *The Travels of Ibn Battuta, A.D. 1325-1354*. Trad. e org. por H. A. R. Gibb e C. F. Beckingham. 5 v. Londres: Hakluyt Society, 1958-2000.

Ibn Khaldun. *An Arab Philosophy of History: Selections from the Prolegomena of Ibn Khaldun of Tunis (1332-1406)*. Trad. e org. por Charles Issawi. Princeton, NJ: Darwin, 1987.

Ibn Majid, Ahmad. *Arab Navigation in the Indian Ocean Before the Coming of the Portuguese...* Trad. e org. por G. R. Tibbetts. Londres: Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland, 1971.

Jack, Malcolm. *Lisbon: City of the Sea, a History*. Londres: I. B. Tauris, 2007.

Jackson, Peter (trad.). *The Mission of Friar William of Rubruck: His Journey to the Court of the Great Khan Möngke 1253-1255*. Org. por David Morgan. Londres: Hakluyt Society, 1990.

Jayne, K. G. *Vasco da Gama and His Successors, 1460-1580*. Londres: Methuen, 1910.

Jayyusi, Salma Khadra. Andalusi Poetry: The Golden Period. In: *The Legacy of Muslim Spain*. Org. por Salma Khadra Jayyusi. Leiden: Brill, 1992, p. 317-366.

Jensen, Kurt Villads. Devils, Noble Savages, and the Iron Gate: Thirteenth-Century European Concepts of the Mongols. *Bulletin of International Medieval Research*, n. 6, p. 1-20, 2000.

Joinville, Jean de. *Vie de Saint Louis*. Org. por Jacques Monfrin. Paris: Garnier, 1995.

Jones, J. R. Melville (org.). *The Siege of Constantinople: Seven Contemporary Accounts*. Amsterdã: Hakkert, 1972.

Karabell, Zachary. *People of the Book: The Forgotten History of Islam and the West*. Londres: John Murray, 2007.

Keen, Maurice. *Chivalry*. New Haven, CT: Yale University Press, 1984.

Kelly, Jack. *Gunpowder: Alchemy, Bombards, and Pyrotechnics: The History of the Explosive That Changed the World*. Nova York: Basic Books, 2004.

Kennedy, Hugh. *Muslim Spain and Portugal: A Political History of al-Andalus*. Londres: Longman, 1996.

———. *The Armies of the Caliphs: Military and Society in the Early Islamic State*. Londres: Routledge, 2001.

———. *The Court of the Caliphs: The Rise and Fall of Islam's Greatest Dynasty*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 2004.

Kerr, Robert (org.). *A General History and Collection of Voyages and Travels*. 18 v. Edinburgh: William Blackwood, 1811-1824.

Krása, Miloslav; Polišenskyâ, Josef; Ratkoš, Peter (orgs.). *European Expansion (1494-1519): The Voyages of Discovery in the Bratislava Manuscript Lyc. 515/8 (Codex Bratislavensis)*. Praga: Charles University, 1986.

Lach, Donald F. *Asia in the Making of Europe*. 3 v. em 9 livros. Chicago: University of Chicago Press, 1965-1993.

Lamb, Harold. *Suleiman the Magnificent: Sultan of the East*. Garden City, NY: Doubleday, 1951.

Latino Coelho, J. M. *Vasco da Gama*. Lisboa: Bertrand Editora, 2007.

Levenson, Jay A. (org.). *Encompassing the Globe: Portugal and the World in the 16th and 17th Centuries*. Washington, DC: Arthur M. Sackler Gallery, Smithsonian Institution, 2007.

Lewis, Bernard. *The Assassins: A Radical Sect in Islam*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1967.

———. *Islam and the West*. Nova York: Oxford University Press, 1993.

———. *Cultures in Conflict: Christians, Muslims, and Jews in the Age of Discovery*. Nova York: Oxford University Press, 1995.

———. *The Muslim Discovery of Europe*. Londres: Norton, 2001.

Lewis, David Levering. *God's Crucible: Islam and the Making of Europe, 570 to 1215*. Nova York: Norton, 2008.

Linschoten, Jan Huygen van. *The Voyage of J. H. van Linschoten to the East Indies*. Org. por Arthur Coke Burnell e P. A. Tiele. 2 v. Londres: Hakluyt Society, 1885.

Livermore, H. V. *A New History of Portugal*. 2a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

Logan, William. *Malabar*. 3 v. Madras: Government Press, 1887-1891.

Lomax, Derek W. *The Reconquest of Spain*. Londres: Longman, 1978.

Lopes, Tomé. Navigazione verso le Indie orientali scritta per Tomé Lopez. In: Ramusio, Giovanni Battista. *Navigationi e viaggi*. Org. por Marica Milanesi. Turim: Einaudi, 1978. v. 1, p. 687-738.

Ma, Huan. *Ying-yai Sheng-lan*: The Overall Survey of the Ocean's Shores. Trad. e org. por J. V. G. Mills. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

Madden, Thomas F. *The New Concise History of the Crusades*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2005.

Major, R. H. *India in the Fifteenth Century: Being a Collection of Narratives of Voyages to India...* Londres: Hakluyt Society, 1857.

Mandeville, John [pseud.]. *Mandeville's Travels*. Org. por M. C. Seymour. Oxford: Clarendon Press, 1967.

Maqqari, Ahmad Ibn Mohammed. *The History of the Mohammedan Dynasties in Spain*. Trad. de Pascual de Gayangos. 2 v. Londres: Oriental Translation Fund, 1840-1843.

Margariti, Roxani Eleni. *Aden and the Indian Ocean Trade: 150 Years in the Life of a Medieval Arabian Port* . Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007.

Markham, Clements R. (trad.). *The Journal of Christopher Columbus (During His First Voyage, 1492-1493), and Documents Relating to the Voyages of John Cabot and Gaspar Corte Real*. Londres: Hakluyt Society, 1893.

Mathew, K. M. *History of the Portuguese Navigation in India, 1497-1600*. Nova Déli: K. M. Mittal, 1988.

Meinardus, Otto F. A. *Two Thousand Years of Coptic Christianity*. Cairo: American University in Cairo Press, 1999.

Mello, Francisco de, conde de Ficalho. *Viagens de Pedro da Covilhã*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1898.

Menocal, María Rosa. *The Ornament of the World: How Muslims, Jews, and Christians Created a Culture of Tolerance in Medieval Spain*. Boston: Little, Brown, 2002.

Mercier, Maurice; Seguin, André. *Charles Martel et la Bataille de Poitiers*. Paris: Librairie orientaliste Paul Geuthner, 1944.

Meri, Joseph W. (org.). *Medieval Islamic Civilization: An Encyclopedia*. 2 v. Nova York: Routledge, 2006.

Milwright, Marcus. The Balsam of Matariyya: An Exploration of a Medieval Panacea. *Bulletin of the School of Oriental and African Studies* 66, n. 2, p. 193-209, 2003.

Mocquet, Jean. *Travels and Voyages into Africa, Asia, and America, the East and West Indies; Syria, Jerusalem, and the Holy Land*. Trad. de Nathaniel Pullen. Londres, 1696.

Modelski, George. Enduring Rivalry in the Democratic Lineage: The Venice-Portugal Case. In: *Great Power Rivalries*. Org.

por William R. Thompson. Columbia: University of South Carolina Press, 1999.

Monfasani, John. *George of Trebizond: A Biography and a Study of His Rhetoric and Logic*. Leiden: Brill, 1976.

Moraes, G. M. *A History of Christianity in India, From Early Times to St. Francis Xavier: A.D. 52-1542*. Bombaim: Manaktalas, 1964.

Morford, Mark P. O.; Lenardon, Robert J. *Classical Mythology*. 6a ed. Oxford: Oxford University Press, 1999.

Morison, Samuel Eliot. *Admiral of the Ocean Sea: A Life of Christopher Columbus*. Boston: Little, Brown, 1942.

Morris, Colin. *The Sepulchre of Christ and the Medieval West*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

Mynors, R. A. B.; Dalzell, Alexander (trad.). *The Correspondence of Erasmus: Letters 1356-1534, 1523-1524*. Toronto: University of Toronto Press, 1992.

Neill, Stephen. *A History of Christianity in India: The Beginnings to AD 1707*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

Newitt, Malyn D. D. (org.). *East Africa*. Aldershot, Reino Unido: Ashgate, 2002.

———. *A History of Mozambique*. Londres: Hurst, 1995.

———. Mozambique Island: The Rise and Decline of an East African Coastal City, 1500-1700. *Portuguese Studies* 20, n. 1, p. 21-37, set. 2004.

———. *A History of Portuguese Overseas Expansion, 1400-1668*. Londres: Routledge, 2005.

Nicholson, Helen. *The Knights Templar: A New History*. Stroud, Reino Unido: Sutton, 2001.

Nicolle, David. *Armies of the Muslim Conquest.* Londres: Osprey, 1993.

———. *Constantinople 1453: The End of Byzantium*. Oxford: Osprey, 2000.

Nikephoros [Nicéforo]. *The Life of St. Andrew the Fool*. Org. e trad. de Lennart Rydén. 2 v. Estocolmo: Uppsala University, 1995.

Norwich, John Julius. *Byzantium: The Decline and Fall*. Londres: Viking, 1995.

O'Callaghan, Joseph F. *Reconquest and Crusade in Medieval Spain*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2003.

Of the *newe lãdes and of ye people founde by the messengers of the kynge of portÿgale named Emanuel. Of the X dyuers nacyons crystened. Of pope Johñ and his landes, and of the costely keyes and wonders molodyes that in that lande is*. Antuérpia, 1520?

Oliveira Marques, A. H. de. *Daily Life in Portugal in the Late Middle Ages*. Madison: University of Wisconsin Press, 1971.

———. *History of Portugal*. 2a ed., 2 v. Nova York: Columbia University Press, 1976.

———. Travelling with the Fifteenth-Century Discoverers: Their Daily Life. In: Disney e Booth, *Vasco da Gama and the Linking of Europe and Asia*. Déli: Oxford University Press, 2000. p. 30-47.

Oliver, Roland; Atmore, Anthony. *Medieval Africa, 1250-1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

O'Shea, Stephen. *Sea of Faith: Islam and Christianity in the Medieval Mediterranean World*. Londres: Profile, 2006.

Osorius, Jerome [Jerónimo Osório]. *The History of the Portuguese During the Reign of Emmanuel: Containing all their Discoveries, from the Coast of Africa to the Farthest Parts of China...* Trad. de J. Gibbs. 2 v. Londres, 1752.

Padfield, Peter. *Tide of Empires: Decisive Naval Campaigns in the Rise of the West*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1979. v. 1: 1481-1654.

Pagden, Anthony. *Worlds at War: The 2,500-Year Struggle Between East and West*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

Panikkar, K. M. *Asia and Western Dominance: A Survey of the Vasco da Gama Epoch of Asian History, 1498 -1945*. Londres: Allen & Unwin, 1959.

Parry, J. H. *The Age of Reconnaissance*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1963.

——— (org.). *The European Reconnaissance: Selected Documents*. Nova York: Harper & Row, 1968.

Partington, J. R. *A History of Greek Fire and Gunpowder*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.

Partner, Peter. *God of Battles: Holy Wars of Christianity and Islam*. Londres: HarperCollins, 1997.

Pearson, M. N. *The New Cambridge History of India*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. v. 1, parte I, The Portuguese in India.

———. *The Indian Ocean*. Londres: Routledge, 2003.

———. *The World of the Indian Ocean, 1500-1800: Studies in Economic, Social and Cultural History*. Aldershot, Reino Unido: Ashgate, 2005.

Pegolotti, Francesco. Pratica della Mercatura. In: *Cathay and the Way Thither, Being a Collection of Medieval Notices of China*. Trad. e org. por Henry Yule e rev. por Henri Cordier, v. 3, p. 143-171. Londres: Hakluyt Society, 1916.

Peters, Edward. *The First Crusade: The Chronicle of Fulcher of Chartres and Other Source Materials*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1971.

Peters, F. E. *The Children of Abraham: Judaism, Christianity, Islam*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2004.

Phillips, J. R. S. *The Medieval Expansion of Europe*. 2a ed. Oxford: Oxford University Press, 1988.

Phillips, Jonathan. *The Fourth Crusade and the Sack of Constantinople*. Londres: Jonathan Cape, 2004.

Pires, Tomé. *The Suma Oriental of Tomé Pires*. Trad. e org. por Armando Cortesão. 2 v. Londres: Hakluyt Society, 1944.

Polo, Marco. *The Travels*. Trad. e org. por R. E. Latham. Harmondsworth, Reino Unido: Penguin, 1958.

Prestage, Edgar. *Afonso de Albuquerque, Governor of India*: His Life, Conquests and Administration. Watford, Reino Unido: Voss & Michael, 1929.

———. *The Portuguese Pioneers*. Londres: A. & C. Black, 1933.

Priolkar, Anant Kakba. *The Goa Inquisition*. Bombaim: A. K. Priolkar, 1961.

Pyrard, François. *The Voyage of François Pyrard of Laval to the East Indies, the Maldives, the Moluccas and Brazil* . Trad. e org. por Albert Gray e H. C. P. Bell. 2 v. Londres: Hakluyt Society, 1887-1890.

Ravenstein, E. G. (trad. e org.). *A Journal of the First Voyage of Vasco da Gama, 1497-1499* . Londres: Hakluyt Society, 1898.

Raymond, André. *Cairo*. Trad. de Willard Wood. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000.

Resende, Garcia de. *Crónica de Dom João* II *e miscellanea*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1973.

Riley-Smith, Jonathan. *The First Crusade and the Idea of Crusading*. Londres: Athlone, 1986.

———. *The Crusades*: A Short History. Londres: Athlone, 1987.

———. *The Crusades, Christianity and Islam*. Nova York: Columbia University Press, 2008.

Roche, T. W. E. *Philippa: Dona Filipa of Portugal*. Londres: Phillimore, 1971.

Roe, Sir Thomas. *The Embassy of Sir Thomas Roe to the Court of the Great Mogul, 1615-1619*. Org. por William Foster. 2 v. Londres: Hakluyt Society, 1899.

Rohr, Christine von (org.). *Neue quellen zur zweiten Indienfahrt Vasco da Gamas*. Leipzig, 1939.

Rowland, Albert Lindsay. *England and Turkey: The Rise of Diplomatic and Commercial Relations* . Nova York: Burt Franklin, 1968.

Roy, Jean-Henri; Deviosse, Jean. *La Bataille de Poitiers*. Paris: Gallimard, 1966.

Runciman, Steven. *The Fall of Constantinople: 1453*. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.

Russell, Peter. *Prince Henry "the Navigator": A Life*. New Haven, CT: Yale University Press, 2000.

Russell-Wood, A. J. R. *A World on the Move: The Portuguese in Africa, Asia, and America, 1415-1808* . Manchester: Carcanet, 1992.

Sale, Kirkpatrick. *The Conquest of Paradise: Christopher Columbus and the Columbian Legacy*. Londres: Hodder & Stoughton, 1991.

Sanceau, Elaine. *Portugal in Quest of Prester John*. Londres: Hutchinson, 1943.

———. *The Perfect Prince: A Biography of the King Dom João* II... Porto: Livraria Civilização, 1959.

Scafi, Alessandro. *Mapping Paradise: A History of Heaven on Earth*. Londres: British Library, 2006.

Schneemelcher, William (org.). *New Testament Apocrypha* . Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2003. v. 1: Gospels and Related Writings.

Schulze, Franz. *Balthasar Springers Indienfahrt, 1505-1506*. Estrasburgo, 1902.

Schwartz, Stuart B. (org.). *Implicit Understandings: Observing, Reporting, and Reflecting on the Encounters Between Europeans and Other Peoples in the Early Modern Era*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

Sewell, Robert. *A Forgotten Empire: Vijayanagar*. Londres: Sonnenschein, 1900.

Shaw, M. R. B. (trad.). *Chronicles of the Crusades*. Harmondsworth, Reino Unido: Penguin, 1963.

Silverberg, Robert. *The Realm of Prester John*. Garden City, NY: Doubleday, 1972.

Skilliter, Susan A. *William Harborne and the Trade with Turkey 1578-1582: A Documentary Study of the First Anglo-Ottoman Relations*. Oxford: Oxford University Press, 1977.

———. William Harborne, the First English Ambassador, 1583-1588. In: *Four Centuries of Turco-British Relations* . Org. por William Hale e Ali Ihsan Bagis. Beverley, Reino Unido: Eothen, 1984.

Smith, Adam. *An Inquiry Into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*. Org. por Edwin Cannan. 2 v. Londres: University Paperbacks, 1961.

Smith, Stefan Halikowski. Meanings Behind Myths: The Multiple Manifestations of the Tree of the Virgin at Matarea. *Mediterranean Historical Review* 23, n. 2, p. 101-28, dez. 2008.

Southern, R. W. *Western Views of Islam in the Middle Ages*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1962.

Soyer, François. *The Persecution of the Jews and Muslims of Portugal: King Manuel I and the End of Religious Tolerance (1496-1497)*. Leiden: Brill, 2007.

Stanley, Henry E. J. (trad. e org.). *The Three Voyages of Vasco da Gama and His Viceroyalty*. Londres: Hakluyt Society, 1869.

Stein, Burton. *Vijayanagara*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

Subrahmanyam, Sanjay. *The Career and Legend of Vasco da Gama*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

———. *The Portuguese Empire in Asia, 1500-1700*. Londres: Longman, 1992.

Teixeira de Aragão, A. C. *Vasco da Gama e a Vidigueira: estudo histórico*. 2a ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1898.

Teyssier, Paul; Valentin, Paul (trad. e org.). *Voyages de Vasco de Gama: Relations des expeditions de 1497-1499 et 1502-1503*. 2a ed. Paris: Chandeigne, 1998.

Thomas, Hugh. *The Slave Trade: The History of the Atlantic Slave Trade, 1440*-1870. Londres: Picador, 1997.

Thorndike, Lynn. *History of Magic and Experimental Science*. Nova York: Columbia University Press, 1941.

Tolan, John. *Saracens: Islam in the Medieval European Imagination*. Nova York: Columbia University Press, 2002.

Tuchman, Barbara. *A Distant Mirror: The Calamitous Fourteenth Century*. Nova York: Knopf, 1978.

Turner, A. Richard. *Inventing Leonardo*. Berkeley: University of California Press, 1994.

Turner, Jack. *Spice: The History of a Temptation*. Nova York: Random House, 2004.

Vallé, Pietro della. *The Travels of P. della Valle in India*. Org. por E. Grey. 2 v. Londres: Hakluyt Society, 1892.

———. *The Travels of Sig. Pietro della Valle, a Noble Roman, Into East-India and Arabia Deserta*. Trad. de G. Havers. Londres: J. Macock, 1665.

Varthema, Ludovico de. *The Travels of L. di Varthema in Egypt, Syria, Arabia Deserta, Arabia Felix, in Persia, India, and Ethiopia, A.D. 1503-1508*. Trad. de John Winter Jones e org. por G. P. Badger. Londres: Hakluyt Society, 1863.

Villiers, John. Ships, Seafaring and the Iconography of Voyages. In: *Vasco da Gama and the Linking of Europe and Asia*. Org. por Anthony Disney e Emily Booth. Déli: Oxford University Press, 2000. p. 72-82.

Watt, W. Montgomery. *Muslim-Christian Encounters: Perceptions and Misperceptions*. Londres: Routledge, 1991.

Weinstein, Donald. *Ambassador from Venice: Pietro Pasqualigo in Lisbon, 1501* . Minneapolis: University of Minnesota Press, 1960.

Westrem, Scott D. Against Gog and Magog. In: *Text and Territory: Geographical Imagination in the European Middle Ages* , org. por Sylvia Tomasch e Sealy Gilles, p. 54-75. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1998.

Wheatcroft, Andrew. *The Infidels: The Conflict Between Christendom and Islam, 638-2002*. Londres: Viking, 2003.

White, David Gordon. *Myths of the Dog-Man*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

Whitfield, Peter. *New Found Lands: Maps in the History of Exploration*. Londres: British Library, 1998.

Wolpert, Stanley. *A New History of India*. 8a ed. Nova York: Oxford University Press, 2009.

Zurara, Gomes Eanes de. *The Chronicle of the Discovery and Conquest of Guinea*. Trad. de C. R. Beazley e Edgar Prestage. 2 v. Londres: Hakluyt Society, 1896-1898.

———. *Conquests and Discoveries of Henry the Navigator, Being the Chronicles of Azurara*. Org. por Virginia de Castro e Almeida e trad. de Bernard Miall. Londres: Allen & Unwin, 1936.

———. *Crónica da tomada de Ceuta*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1992.

# Índice remissivo


Abadia de Cluny
abássidas
Abd al-Rahman III,
Abd al-Razzaq
Abraão, patriarca
Abraão, rabino
açafrão
Açores
Acre
açúcar
Adam, William
Adão e Eva
Áden
Afeganistão
Affaitati, Gianfranco
Affonso, Martim
Afonso V de Portugal
África *ver também* Cabo da Boa Esperança; *lugares específicos*
Agnadello, Batalha de
Agostinho, Santo
Aguada de São Brás
Aisha, esposa de Maomé
Alá
Al-Andalus
Albuquerque, Afonso de
Alcáçova
Alcochete
Alcorão
Aleixo I Comneno
Alemanha
"Além-mar" *ver* Outremer
Alenquer, Pêro de
Alentejo
Alexandre (Eskender), rei da Etiópia
Alexandre VI, papa
Alexandre, o Grande
Alexandria
Alfama
Al-Faqih *ver* Faqih, Jauhar al-
Alfonso I de Aragão

Alfonso, o Bravo
Alfraganus
Algarve
álgebra
Algeciras
Al-Ghuri *ver* Ghuri, Qansuh al-
Aljubarrota, Batalha de
Al-Mansur *ver* Almanzor (Abu Amir al-Mansur)
Almanzor (Abu Amir al-Mansur)
Almeida, Francisco de
Almeida, Lourenço de
almôades
almorávidas
Al-Muqaddasi *ver* Muqaddasi, al-
aloés
Alpes
al-Qaeda
Álvares, Francisco
Álvares, Gonçalo
Alvaro Velho
Álvaro, Paulo
Al-Zawahiri *ver* Zawahiri, Ayman al
âmbar cinzento
América
Américas, *ver também* Colombo, Cristóvão
Amirante, ilhas
Andaluzia
André, o Louco, santo
Angediva (Anjadip)
Anticristo
Antiguidade clássica
Antilhas
Antióquia, Síria
Antípodas
Antuérpia
Apolodoro
Apóstolos
Aqaba
árabes, *ver também* Islã; muçulmanos
Arábia
Arábica, península
Arábico, mar
Ararat, monte
Arca de Noé

Argélia
arianismo
Aristóteles
Armada Espanhola
Armênia
aromáticos
Arquipélago das Quirimbas
Ásia *ver também* Arábia; China; Índia; *locais específicos*
Aslan, Alp
assassinos
astronomia
Astúrias
Ataíde, Álvaro de
Ataíde, Catarina de, d
Ataíde, Pêro de
Atlântico, oceano
*Atlas Catalão*
Áustria
Averróis (Ibn Rushd)
Avicena (Ibn Sina)
Ayyub, Yusuf ibn *ver* Saladino (Yusuf ibn Ayyub)

Bab Zuweila
Bab-el-Mandeb
Babur
Bacon, Roger
Badajoz
Bagdá, Iraque
Bálcãs
banqueiros
Barba Ruiva (Khayr ad-Din)
Barbária
bárbaros
Barcelona, Espanha
Barreto, Francisco
Barroco
Barros, João de
Bartolomeu de las Casas, frei
Basílica de Santa Sofia
Basra,
Batávia (Jacarta),
Baumgarten, Martin,
Bayezid I, sultão
Bayezid II, sultão

Behaim, Martin
Belém (Israel)
Belém (Portugal)
Beltraneja, La *ver* Joana de Castela (Beltraneja)
Bemoi, príncipe senegalês
Benim
berberes
Bergamo, Matteo da
*Berrio*, caravela
Bíblia
Biblioteca de Alexandria
biscoito do mar
Bizâncio; *ver também* Constantinopla; Império Bizantino
Boa Esperança, cabo da *ver* Cabo da Boa Esperança
Bolonha
Borgia, Rodrigo *ver* Alexandre VI, papa
Bracciolini, Poggio
Braga, Álvaro de
Brahma
brâmanes
Brasil
Brito, Rui Mendes de
Bruce, James
Budapeste
budismo
Bukhara
bula papal
Bulgária
Buonagrazia, Giovanni
Busbecq, Ogier Ghiselin de
Bush, George W.

Caaba
Cabo da Boa Esperança
Cabo Verde
Caboto, João
Cabral, Pedro Álvares
Cadamosto, Alvise
Cádiz
Cairo
Calcutá (Kozhikode), Índia
Cálice Sagrado
Califado abássida *ver* abássidas
califas

Calisto III, papa
Cambaia (Khambhat), Índia
Camões, Luís Vas de
Canadá
Cananor
Canárias, ilhas
canela
cânhamo
canhões
canibalismo
Cantino, Alberto
Cão, Diogo
caravelas
Carlos I de Espanha (Imperador Carlos V)
Carlos IV da França
Carlos Magno
Carlos Martel, o Martelo
carne salgada
carpinteiros
Cartago
cartografia *ver* mapas e cartografia
castas
Castro, Inês de
Catarina de Ataíde, d.
catolicismo
católicos
Cáucaso
Cavaleiros Hospitalários
Cavaleiros Templários
Ceilão
Ceuta
Champagne
Châtillon, Odo de *ver* Urbano II, papa
Châtillon, Reynaud de
Chaucer, Geoffrey
Chaul, Índia
Chifres de Hattin
China
Cingapura
Clemente V, papa
Clóvis, rei dos francos
Cochim
Coelho, Nicolau
Coimbra, João de

Colba
Colina Chinesa
Colombo, Bartolomeu
Colombo, Cristóvão
colonialismo
Colunas de Hércules *ver* Pilares de Hércules
comerciantes
comércio
"Como erradicar os muçulmanos" *ver De modo Sarracenos extirpandi* (Adam)
Comores, ilhas
Companhia das Índias Orientais
Companhia de Jesus; *ver também* jesuítas
Concílio de Constança
Concílio de Pisa
conflito religioso
Congo
Constança, Concílio de *ver* Concílio de Constança
Constantino XI, imperador
Constantino, o Grande, imperador
Constantinopla
Contarini, Gasparo
Conti, Nicolau de
coraixitas
Corão *ver* Alcorão
Corbinelli, Francesco
Córdoba
Coríntios, Primeira Carta de Paulo
Correia, Gaspar
corsários
Corte-Real, Gaspar
Corte-Real, Miguel
Cortés, Hernán
Costa da Mina
Costa do Ouro
Coutinho, Luís
Couto, Diogo do
Covilhã, Pêro da
cravo
Credo Almôada
Cresques, Abraão
crianças
Crimeia; *ver também* Guerra da Crimeia
cristãos
cristianismo

Cronista (marinheiro anônimo)
cronistas
Cruz Verdadeira
Cruzadas
cruzados
Ctésifo

Damasco
Danúbio
Dartmouth
Davi, rei
*De modo Sarracenos extirpandi* (Adam)
*Decline and Fall of the Roman Empire, The* (Gibbon)
democracia
Detti, Guido
Deus
diamantes
Dias, Bartolomeu
Dias, Diogo
Dilúvio
dinheiro
Diodoro Sículo
Diógenes Romano
Diu, Batalha de
divindade de Cristo
Drake, Sir Francis
*Dum Diversas* (bula papal)

Eanes, Gil
economia mundial
Éden *ver* Jardim do Éden
Edessa
Eduardo de Portugal, rei
Eduardo I da Inglaterra
Efraim, o Sírio, santo
Egeu
Egito
El Cid (Rodrigo Díaz de Vivar)
*Elementos da astronomia* (Alfraganus)
Eli, monte
Elizabeth I da Inglaterra
Epifânio
Equador
Era dos Descobrimentos

Erasmo
Eratóstenes
ergotismo
Escalante, Bernardino de
Escandinávia
Escobar, Pêro
escorbuto
escravidão
escravos
Eskender *ver* Alexandre (Eskender), rei da Etiópia
Espanha
especiarias
Especiarias, Ilhas das
Espírito Santo
Esponja Sagrada
Estados cruzados (Edessa, Antióquia, Tripoli)
Estados Unidos
Estreito de Gibraltar
estrela Polar; Etiópia
Eufrates
Eugênio IV, papa
Eulógio
Eurásia
Europa
Evangelho
evangelização
Évora, Portugal
Ezequiel, profeta

Faqih, Jauhar al-
Faros
Fátima, filha de Maomé
fatímidas
fé
Felipe II da França
Felipe II de Espanha
Felipe, o Audaz, duque de Borgonha
Felipe, o Belo, de Castela
Felipe, o Belo, rei da França
Felipe, o Bom, duque de Borgonha
Ferdowsi
Fernando de Aragão e Isabel de Castela (Reis Católicos)
Fernando I de Aragão
Fernando I de Portugal (Fernando, o Formoso)

Fernando, duque de Viseu
Fernando, príncipe de Portugal
Filipa de Portugal
Filipinas
financistas
Fitch, Ralph
*Flor do Mar*, navio
Florença
fogo de Santo Antônio
Fra Mauro
França
Francisco I da França
Francisco Xavier, são
Frederico I, imperador
Frederico II, imperador
Freising, Otto de
Fulcher de Chartres
fundamentalismo

Gabriel, anjo
Galileia
Gama, Álvaro da (filho de Vasco)
Gama, Cristóvão da (filho de Vasco)
Gama, Estêvão da (filho de Vasco)
Gama, Estêvão da (pai de Vasco)
Gama, Estêvão da (primo de Vasco)
Gama, Francisco da (filho de Vasco)
Gama, Gaspar da (homem de Goa)
Gama, Isabel da (mãe de Vasco)
Gama, Paulo da (filho de Vasco)
Gama, Paulo da (irmão de Vasco)
Gama, Pedro da (filho de Vasco)
Gama, Vasco da: viagem de 1497: viagem de 1502; viagem de 1524:
Gâmbia
gemas *ver* pedras preciosas
Gênesis, Livro do
Genghis Khan
gengibre
Gênova
geografia
*Geografia* (Ptolomeu), 130; *ver também* Ptolomeu, Cláudio
George, "o Rico", duque da Baviera
Germânia
Ghuri, Qansuh al-

Gibbon, Edward
Gibraltar
Gilberto de Hastings
Goa
godos
Golfo Pérsico
Gomes, Antônio
Gomes, Fernão
Gonçalves, Afonso
Granada, Espanha
Grande Bazar
Grande Cisma
Grande Mesquita
Grécia
Gregório VII, papa
gregos
Gritti, Giorgio
Grócio, Hugo
Groenlândia
Guerra Anglo-Espanhola
Guerra da Crimeia
Guerra da Sucessão de Castela
Guerra dos Cem Anos
Guerra dos Oitenta Anos
guerra santa; *ver também* Cruzadas; Portugal
Guerras Bárbaras
*Guia dos perplexos* (Maimônides)
Guiné
Guiscard, Roger e Robert

Hacho, monte
Hakluyt, Richard
Hanno, o Navegador
Harborne, William
Hasdai ibn Shaprut
hashemitas
Hastings, Gilberto de
Helena, santa
Henrique IV da Inglaterra
Henrique IV de Castela
Henrique V da Inglaterra
Henrique VIII da Inglaterra
Henrique, o Navegador
Heráclio

Hércules
Heródoto
Higden, Ranulf
Hijaz
Himalaia
hinduísmo
hindus
*História natural* (Plínio, o Velho)
Holanda, holandeses; *ver também* Países Baixos
Homero
Hospitalários *ver* Cavaleiros Hospitalários
Houtman, Cornelius de
Hungria

Ibéria; *ver também* Espanha; Portugal
Ibn Battuta
Ibn Khaldun
Ibn Majid, Ahmad
Ibn Rushd *ver* Averróis
Ibn Sina *ver* Avicena
Ibn Ziyad, Tariq
Idade Média (Idade das Trevas)
ideologia
Iêmen
Igreja Católica Romana
Igreja Ortodoxa Oriental
Igreja Ortodoxa Siríaca
igrejas
Ilhas das Especiarias *ver* Especiarias, Ilhas das
Império Bizantino
Império Mongol; *ver também* mongóis
Império Otomano
Império Persa, 28; *ver também* Pérsia
Império Romano; *ver também* Roma
Império samânida
Império Vijayanagar, Índia
Inácio de Loyola, santo
Índia
Índias
Índico, oceano
Indonésia
Inglaterra
Inquisição
*Inter Coetera* (bula papal)

Irã; *ver também* Pérsia
Iraque; *ver também* Bagdá
Irlanda
Isaac, patriarca
Isabel de Aragão
Isabel de Castela *ver* Fernando de Aragão e Isabel de Castela (Reis Católicos)
Isabel de Portugal
Isidoro de Sevilha, Santo
Islã; *ver também* árabes; Império Otomano; muçulmanos
Islândia
Ismael, filho de Abraão
ismaelitas, seita dos
Israel
Istambul
Itália
Jacarta
Jafar, Ismail ibn
Jaime II da Escócia
Japão
Jardim do Éden
Jebel al-Tariq *ver* Gibraltar
Jedá
Jericó
Jerusalém; *ver também* Terra Santa
jesuítas
Jesus Cristo
jihad
Joana de Castela (Beltraneja)
Joana, a Louca, de Castela
João da Nova
João de Gaunt, duque de Lancaster
João de Montecorvino
João I de Portugal
João II de Portugal
João III de Portugal
João Sem Medo, duque da Borgonha
João XXIII, papa
João, Preste *ver* Preste João
Joinville, Jean de
Jordan de Sévérac
Jorge de Trebizonda
José Vizinho
José, sapateiro português
judaísmo

judeus

Kahina, ou "a Profetisa"
Kappad, Índia
Karanga
Keah, Karisa
keraits
Kerala
Khambhat *ver* Cambaia (Khambhat), Índia
kharijismo
Khayr ad-Din *ver* Barba Ruiva
khoikhoi
Kilwa, África
kolathiri
Kozhikode *ver* Calcutá (Kozhikode), Índia
Krishna
Kublai Khan
Kuttichira

Lacadivas
Lança Sagrada
Lancaster, Sir James, 499-500*n*
Las Casas, Bartolomeu de *ver* Bartolomeu de las Casas, frei
Las Navas de Tolosa, Batalha de
latim
Leonardo da Vinci
Leonor Teles, d.
Lepanto, Batalha de
Lewis, Bernard
Lidwina de Schiedam, Santa
Liga de Cambrai
Linschoten, Jan Huygen van
*Lionarda*, navio
Lisboa; *ver também* Portugal
*Livro das profecias* (Colombo)
lombardos
Lopes, Fernão
Lopes, Tomé
López de Gómara, Francisco
Lourenço, Fernão
Loyola, Inácio de *ver* Inácio de Loyola, santo
Luís IX da França
*Lusíadas*, *Os* (Camões)
Lutero, Martinho

Ma Huan
Macau
Madagascar
Madeira, ilha da
Madinat al-Salam
Madri
Mafia, ilha de
Magalhães, Fernão de
Maimônides (Musa ibn Maymun)
Malabar
Malaca
Málaga
Maldivas
Mali
Malta
Mamora
Mandeville, sir John
Mansa Musa, rei de Mali
Mansur, Abu Amir al- *ver* Almanzor (Abu Amir al-Mansur)
Manuel I de Portugal
Manzikert, Batalha de
Maomé, o Profeta
mapa-múndi
mapas e cartografia
mappilas
Mar Oceano *ver* Atlântico, oceano
Marchionni, Bartolomeo
Marco Polo
*Mare Nostrum ver* Mediterrâneo, mar
Maria Luísa de Saboia
Maria, Santa *ver* Virgem Maria
Marignola, João de
marinheiros
marinidas
Marinus de Tiro
Marrocos
Martelo *ver* Carlos Martel, o Martelo
Martins, Fernão (cônego)
Martins, Fernão (intérprete)
Mauro, Fra *ver* Fra Mauro
Mayr, Hans
Meca
Médici, Cosimo de

medicina; *ver também* remédios
Medina
Mediterrâneo, mar
Mehdia
Mehmet, o Conquistador
Melinde
Mendes, Diogo
Mendes, Rui *ver* Brito, Rui Mendes de
Meneses, Duarte de, d.
Meneses, Jorge Teles de
Meneses, Luís de, d.
mercadorias
mercados globais
Mesopotâmia
mesquitas
Messina
Mestre Moisés
Mexilhões, baía dos
Michelangelo
*Mil e uma noites*, *As*
*Mîrî*, navio
Miriocéfalo, Batalha de
mitologia
Moçambique
Mocquet, Jean
Mogadíscio
Moisés, patriarca
Molucas, ilhas; *ver também* Especiarias, Ilhas das
Mombaça
Monçaíde
mongóis
monofisistas
Monomotapa
monoteísmo
Montecorvino, João de, 460-1*n*
Montemor-o-Novo
Moscou
Mosteiro de Santa Catarina, Sinai
mouros
Muchiri
muçulmanos
mulheres
*mummy*
Muqaddasi, al-

Murad III, sultão

Nabucodonosor
Nações Unidas
nairs
Nápoles
Navarra, Espanha
*Navigazioni e viaggi* (Ramusio)
navios; *ver também navios específios*
nestorianos
Nicola de Pistoia
Nicolau V, papa
Nicópolis
Nilo
Noé
Nossa Senhora *ver* Virgem Maria
Nova, João da
Novo Mundo
Novo Testamento
noz-moscada
Nunes, Gonçalo
Nürnberger, Lázaro

Ocidente
Odorico de Pordenone
Ogané
omíadas
Ordem de Cristo; *ver também* Cavaleiros Templários
Ordem de Santiago
Oriente
Ormuz
Ortodoxos *ver* Igreja Ortodoxa
otomanos
Otto de Freising
ouro
Outremer

Pacífico, oceano
pagãos
País da Canela
Países Baixos; *ver também* Holanda, holandeses
Paiva, Afonso de
Palestina
Panamá

Panchdiva, ilhas
Pandarani (Pantalayini Kollam), Índia
papas
papel, feitura do
Paraíso
Pasqualigo, Pietro
Paulo, são (apóstolo)
Pax Mongolica
pedras preciosas
pedras semipreciosas
Pedro I de Portugal
Pedro, o Eremita
Pedro, Príncipe de Portugal
Pegolotti, Francesco
Pelágio, rei das Astúrias
Pequim
peregrinos
Pereira, Duarte Pacheco
Pereira, Francisco
Perestrello, Bartolomeu
pérolas
persas
Pérsia
Pérsio
Perumal, Cheruma
peste bubônica (peste negra)
Piccolomini, Enea Silvio *ver* Pio II, papa
Pietro della Valle
Pilares de Hércules
pimenta
Pio II, papa (Enea Silvio Piccolomini)
pirataria, piratas
Pires, Tomé
Pirineus
Pisa, Concílio de *ver* Concílio de Pisa
Pizarro, Francisco
Pizarro, Gonzalo
Platão
Plínio, o Velho
Poitiers, Batalha de
Polo, Marco *ver* Marco Polo
Polônia
*Polychronicon* (Higden)
Portugal; Portugal *ver também* Lisboa

prata
Preste João
Primeira Cruzada *ver* Cruzadas
Priuli, Girolamo
prostitutas
protestantismo; *ver também* Reforma Protestante
Ptolomeu, Cláudio
Ptolomeus, dinastia dos
Pyrard, François

Quarta Cruzada *ver* Cruzadas
Quênia
Quilandy (Koyilandy)
Quilon, Índia
Quirimbas, arquipélago das

Raleigh, Sir Walter
Ramusio, Giovanni Battista
Reconquista
Reforma Protestante
Regra do Sol
Reis Católicos *ver* Fernando de Aragão e Isabel de Castela
relíquias
remédios
Renascença
Resende, Garcia de
Restelo
Reynaud de Châtillon
Rhodes, ilha de
Ricardo Coração de Leão
Rio do Ouro
Roberto de Flandres, conde
Roberto, o Monge
Rochester, arcediago de
Rodrigues, Paio
Roe, Sir Thomas
Roma; *ver também* Império Romano
romanos
*Romance de Alexandre*
*Romanus Pontifex* (bula papal)
Rota da Seda
rotas marítimas
Rubruck, William de
Rússia

Sá, João de
Saara
Sabá, rainha de
Sagrada Liga Cristã
Sagres
Saladino (Yusuf ibn Ayyub)
Salah, Salah ben
Salomão, rei
Salvação
Samorim de Calcutá
samorins
Sancho de Leão
sândalo
Sanderson, John, 141 Santa Sofia, basílica de *ver* Basílica de Santa Sofia
Santiago de Compostela
*Santiago Matamoros*
Santo Império Romano
Santo Sepulcro
Sanuto, Benedetto
*São Gabriel*, navio
*São João*, navio
*São Rafael*, navio
Sardenha
sarracenos
*sati*, cerimônia do
Sebastião I de Portugal, d.
sefardis, judeus
Segunda Cruzada *ver* Cruzadas
Seicheles, ilhas
seljuks
Senegal
Sepúlveda, Manuel de Sousa de
Sernigi, Girolamo
Sete Picos
Sétima Cruzada *ver* Cruzadas
Sévérac, Jordan de
Sevilha, Espanha
Sewell, Robert
Sharon, Ariel
Shermanoo Permaloo *ver* Perumal, Cheruma
Shia
Shiva
Shona

Sião (Tailândia)
Sicília
*Sicut Dudum* (bula papal)
Sigismundo da Hungria, rei
Simbá, o marujo
Sinai
Sines, Portugal
Síria
siríacos; *ver também* Igreja Ortodoxa Siríaca
Smith, Adam
Sodré, Brás
Sodré, Vicente
Sofala
Sol
Sousa, Manuel de Faria e
Sri Lanka *ver* Ceilão
Sudeste Asiático
Sudley, Frederick
Suez
Suleiman, o Magnífico
sultões

Tailândia
Tali, templo
Tamerlão
Tânger
Tanzânia
Tarifa, ilha de
Tejo
Teldi, Francesco
Teles, Leonor
tempestades
Templários *ver* Cavaleiros Templários
Templo de Salomão
Terceira Cruzada *ver* Cruzadas
Ternate
Terra da Boa Gente
Terra Santa; *ver também* Jerusalém
Thimayya *ver* Timoja
Tiago, são
Tibete
Tigre
Timbuktu
Timoja

Toledo, Espanha
Tomé, são
Tor, porto de
Tordesilhas; *ver também* Tratado de Tordesilhas
Tormentas, cabo das *ver* Cabo da Boa Esperança
Torre do Tombo
Torsello, Marino Sanudo
Toscanelli, Paolo dal Pozzo
Tratado de Tordesilhas
Tratado de Windsor
Trebizonda, Jorge de
Trindade
Trípoli
tripulações
Túnis
Tunísia
turcos; *ver também* Império Otomano
Turquia

Últimos Dias
Umar
Urbano II, papa

Valência, Espanha
Valle, Pietro della
vândalos
Vaqueiros, baía dos
Varma, Unni Goda
Varthema, Ludovico de
Velho Homem do Mar
Velho, Alvaro
Velloso, Fernão
Veneza
Vermelho, mar
Vespúcio, Américo
*Viagens de sir John Mandeville*
*Viagens* (Varthema)
Viagens de Vasco da Gama *ver* Gama, Vasco da
viajantes
Viena
Vijayanagar; *ver também* Império Vijayanagar, Índia
vikings
Virgem Maria
Vishnu

Vivaldi, Ugolino e Vadino
Vizinho, José
Vypin, ilha

*wali*
William de Rubruck
World Trade Center

Xavier, Francisco *ver* Francisco Xavier, são

Yarmuk, Batalha de
*Ying-yai Sheng-lan* (Zheng He)

Zacuto, Abraão
Zanzibar
Zaratustra *ver* Zoroastro
Zawahiri, Ayman al
Zeila
Zeus
Zheng He
Zimbábue
Ziryab
Zoroastro
Zúñiga, Juan de
Zurara, Gomes Eanes de



Este detalhe do Atlas Catalão de 1375 mostra a África da imaginação ocidental. Abaixo, à esquerda, um comerciante árabe montado sobre um camelo se aproxima de Mansa Musa, imperador de Mali, que exibe uma pepita proveniente de suas ricas minas de ouro. Abaixo, à direita, está o mar Vermelho. A linha marrom-amarelada em formato de garra representa as Montanhas Atlas.



Neste mapa-múndi catalão de cerca de 1450, um grande abismo corta a África, retratando o desejo europeu de chegar à Etiópia, o suposto lar do grande imperador cristão Preste João. Os pontos coloridos à direta representam as ilhas Molucas.



Esta ilustração do *Livre des Merveilles* de Marco Polo mostra três das "raças monstruosas" que supostamente existiriam na Ásia: os blemmya (pessoas sem cabeça), os monópodes e os ciclopes.




No mapa-múndi de 1489, Henricus Martellus mostra sua reação à descoberta do extremo sul da África por Bartolomeu Dias desenhando apressadamente o cabo da Boa Esperança sobre a borda original. A descrição da Ásia mudou pouco desde os mapas de Ptolomeu do século I.



O cerco final a Constantinopla, 1453. Embaixo do campo turco; à esquerda, do outro lado do Corno de Ouro, está Gálata,

região de Gênova. A distância, do outro lado do populoso Bósforo, fica a costa asiática.





*(Canto superior esquerdo)* Henrique, o Navegador, do políptico de São Vicente do século xv.
*(Canto superior direito)* Rei Manuel i, o Afortunado de Portugal, de uma iluminura manuscrita da época.



Os sogros e rivais de Manuel, o rei Fernando ii de Aragão e a rainha Isabel I de Castela, pintados no seu retrato de casamento.



Um Vasco da Gama notavelmente pirata, em retrato de artista desconhecido que pertencia aos descendentes de Gama.




O *São Gabriel*, a nau capitânia de Vasco da Gama em sua primeira viagem, de *Memórias das armadas* de 1568.



Uma pintura mural do século XVI no templo Veerabhadra, em Lepakshi, Andhra Pradesh — originalmente parte do império

Vijayanagar — é um exemplo dos tipos de pinturas que Gama e seus homens encontraram nos templos de Calcutá.



O planisfério de Cantino foi contrabandeado de Lisboa por Alberto Cantino, um agente secreto do duque de Ferrara, em 1502. O mar Vermelho continua vermelho e o Sudeste Asiático é em sua maior parte apenas uma conjectura, mas o mundo começa a tomar uma forma reconhecível. O cuidado da equipe de Vasco da Gama com o desenho fica evidente na representação pictórica da costa leste da África e da costa oeste da Índia. O Brasil começa a aparecer; ele é cortado pela linha de Tordesilhas, o meridiano que dividia o mundo entre espanhol e português.



A *Santa Catarina do Monte Sinai*, a nau capitânia de Vasco da Gama em sua última viagem à Índia, em 1524.



Um retrato de Vasco da Gama pintado por volta de 1524, véspera de sua última viagem.




Lisboa em 1572, de *Civitates Orbis Terrarum* por Braun & Hogenberg. O antigo castelo dos mouros aparece no lado superior direito; o novo castelo real sobressai na orla à esquerda do centro, bem posicionado para manter o olhar no carregamento e descarregamento dos navios. Lisboa, reza a lenda, é "o mais famoso centro comercial para todo o Oriente."



Rudes portugueses se comportando como deuses em Goa, do *Itinerário* de Jan Huygen van Linschoten.

# GUERRA SANTA







Como as viagens de Vasco da Gama transformaram o mundo






NIGEL CLIFF

GLOBOLIVROS

# Table of Contents


Folha de Rosto 3
Créditos 4
Dedicatória 5
Sumário 6
Nota do autor 9
Prólogo 10
I Origens 15
1. Oriente e Ocidente 16
2. A Terra Sagrada 30
3. Uma guerra em família 43
4. O Mar Oceano 57
5. O fim do mundo 73
6. Os rivais 94
II Exploração 117
7. O comandante 118
8. Conhecendo as cordas 130
9. A costa suaíli 143
10. Cavalgando na monção 161
11. Sequestro 175
12. Perigos e delícias 184
13. Um veneziano em Lisboa 203
III Cruzada 218
14. O almirante da Índia 219
15. Choque e temor 233
16. Impasse no mar 248
17. Império das ondas 260
18. O representante do rei 275
19. O mar louco 286
Epílogo 298
Agradecimentos 309
Notas 310
Lista de ilustrações 349

Bibliografia selecionada 350
Índice remissivo 359
Caderno de Fotos 381